

OS SETE DEDOS DA MORTE



BRAM STOKER



A TOCA DO VERME BRANCO





BRAM STOKER

OS SETE DEDOS DA MORTE A TOCA DO VERME BRANCO

2ª edição

Tradução Stefania A. Lago



Título original: The jewel of seven stars e The lair of the White Worm

Direitos de edição da obra em língua portuguesa no Brasil adquiridos pela EDITORA NOVA FRONTEIRA PARTICIPAÇÕES S.A. Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, em qualquer forma ou meio, seja eletrônico, de fotocópia, gravação etc., sem a permissão do detentor do copirraite.

EDITORA NOVA FRONTEIRA PARTICIPAÇÕES S.A.
Rua Candelária, 60 — 7º andar — Centro — 20091-020
Rio de Janeiro — RJ — Brasil
Tel.: (21) 3882-8200 — Fax: (21) 3882-8212/8313

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

S883b

Stoker, Bram, 1847-1912

Bram Stoker, volume 2: Os sete dedos da morte: a toca do verme branco / Bram Stoker ; tradução Stefania A. Lago. - 2. ed. - Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018.

Tradução de: The lair of the white worm; The jewel of seven stars
ISBN 9788520945643

1. Ficção irlandesa. I. Lago, Stefania A. II. Título..

18-47569

CDD: 828.99153
CDU: 821.111(41)-3

Sumário

OS SETE DEDOS DA MORTE

1. Um chamado noturno
2. As estranhas instruções
3. A vigília
4. A segunda tentativa
5. Novas e estranhas instruções
6. Fatores de suspeita
7. A grande perda do viajante do Oriente
8. As lamparinas são encontradas
9. O saber secreto
10. O vale do mago
11. O túmulo de uma rainha
12. A arca encantada
13. O despertar do transe
14. O sinal de nascimento
15. O plano da rainha Tera
16. Poderes antigos e modernos
17. A caverna
18. Dúvidas e ansiedades
19. A lição de Ka
20. A grande experiência

A TOCA DO VERME BRANCO

1. Entra Adam Salton
2. Os Caswall de Castra Regis
3. Diana's Grove
4. Lady Arabella March
5. O verme branco
6. A pomba e o falcão
7. Oolanga
8. Forças resistentes
9. O cheiro da morte
10. A pipa
11. A Arca de Mesmer
12. Quando a arca é aberta
13. Alucinações de Oolanga
14. A luta recomeça
15. Quando é retomada a pista
16. Uma visita de condolências
17. O mistério de Diana's Grove
18. Quando Oolanga desaparece
19. Um inimigo na escuridão
20. Uma conversa muito séria
21. A luz verde
22. Visto de perto
23. Dentro da casa do inimigo
24. Uma espantosa sugestão
25. A última batalha
26. Cara a cara
27. Sobre o telhado da torre
28. Irrompe a tempestade

Os sete dedos da morte

Capítulo 1

UM CHAMADO NOTURNO

Tudo me pareceu tão real que me custava acreditar que estivesse vivendo tudo pela segunda vez. No entanto, cada episódio veio não como um novo passo na decorrência lógica dos incidentes, mas como algo que eu já esperava. Dessa maneira, o pensamento pode nos pregar peças, boas ou más, agradáveis ou dolorosas, provocando felicidade ou infelicidade. De onde se conclui que a vida nos parece agridoce e que tudo o que aconteceu se torna eterno.

O barco impulsionado por remos, de onde pingam gotas brilhantes, retarda de novo sua viagem pelas águas calmas, sai do sol ofuscante de julho para a fresca sombra dos galhos pendentes do salgueiro — eu, de pé, no barco balançante, e ela, sentada, protegendo-se com as mãos dos galhos que rebatem. Novamente a água se torna de um castanho-dourado transparente e, da margem, a grama volta a ser verde-esmeralda. E estamos de novo sentados na fresca sombra, rodeados por milhares de ruídos da natureza, que, com seu invólucro suave, misturam-se ao zumbido que causava sonolência, fazendo-nos esquecer não apenas o grande mundo com suas aflitivas preocupações, mas também as suas alegrias ainda mais inquietantes.

E, outra vez, a jovem se liberta nessa feliz ocasião das regras repressivas de sua rígida educação e me fala com naturalidade e um pouco sonhadora da solidão de sua nova vida. A voz baixa e triste me dá a entender que ela se sente solitária e

sozinha na casa enorme, que não é possível haver confiança e simpatia entre os moradores e que até a fisionomia de seu pai lhe parece tão distante como à época em que viviam no campo. Torno a pôr minha compreensão amadurecida à disposição da jovem, bem como a experiência de minha vida de adulto, sem que haja segundas intenções. A individualidade do ego nada tem a ver nessa oportunidade e obedece apenas a comandos forçados. Multiplicam-se indefinidamente os fugidios segundos, pois faz parte dos mistérios dos sonhos que a realidade se confunda e se renove, se modifique sem se alterar, como a alma dos músicos na fuga. Assim a lembrança se perde no sono.

Não existe serenidade completa, pelo menos é o que parece. Até mesmo nos Jardins do Éden a serpente levanta sua cabeça debaixo dos pesados ramos da Árvore da Sabedoria. O sossego da noite de insônia é perturbado pelo fragor da avalanche, pelo rumorejar de águas que irrompem subitamente, pelo toque do sino do trem que ressoa através de uma cidadezinha adormecida na América; pelo mergulhar de remos ao longe, fosse o que fosse, poderia perturbar o encanto do meu Éden.

O baldaquim de ramos sobre nós, coroados com raios de luz, parece estremecer com o padejar, e o sino toca como se jamais quisesse parar.

Repentinamente, os portões do sono se abrem e meus ouvidos, que despertam, reconhecem o motivo do distúrbio. Uma causa bastante prosaica — alguém bate e toca a campainha de uma porta.

Em minha residência em Jermyn Street eu estava acostumado aos diversos barulhos vindos de fora. Acordado ou dormindo, pouco me preocupava com o que faziam ou deixavam de fazer meus vizinhos, mesmo que fizessem muito barulho. No entanto, esse ruído se prolongava demais, era persistente demais, insistente em excesso para poder ser ignorado. Por trás desse barulho incessante havia algo de ativo e racional proveniente de uma necessidade ou de uma pressão.

Meu egoísmo se manteve dentro dos limites, por isso me veio a ideia de que alguém precisava de ajuda. Rapidamente me levanto da cama e lanço um olhar para o relógio. São exatamente três da manhã. Nas verdes venezianas que escureciam meu quarto, entrevia-se o crepúsculo matutino. Era óbvio que alguém batia e tocava a campainha na nossa porta. Além disso, estava claro que não havia ninguém acordado para abri-la. Apressado, vesti o robe e as pantufas e dirigi-me à porta. Ao abri-la, vi diante de mim um jovem com um elegante uniforme de

serviço que, com uma das mãos, pressionava ininterruptamente a campainha elétrica, enquanto batia vigorosamente na aldrava com a outra. Nem bem me viu, cessou o ruído. Uma das mãos elevou-se instintivamente ao boné e a outra tirou uma carta do bolso. Diante da porta estava uma elegante carruagem com uma parelha, cujo forte resfolegar demonstrava que havia corrido muito. Um policial com uma lanterna presa à cintura foi atraído pelo barulho.

— Perdão, senhor, sinto muito ter que perturbá-lo, mas sou obrigado a isso. Eu não deveria perder um só instante e bater até que viesse alguém. Posso perguntar se aqui mora o sr. Malcolm Ross?

— Sou Malcolm Ross.

— Então esta carta lhe pertence realmente, senhor, e esta caleça o espera.

Tomado de enorme curiosidade, peguei a carta. Como advogado, tive por vezes causas estranhas e poderia perfeitamente se dar o caso de que algo imprevisto fosse tomar meu tempo. Dei uns passos para trás no vestíbulo e encostei a porta. A letra da carta me era desconhecida, de mulher. Começava sem preâmbulo.

O senhor disse que me ajudaria caso fosse preciso e tive a impressão de que suas palavras eram sinceras. A hora chegou antes que eu supunha. Encontro-me numa terrível situação e não sei a quem recorrer. Receio que estejam querendo assassinar meu pai. Com a graça de Deus, ele ainda vive, se bem que inconsciente. A polícia foi avisada e também o médico. No entanto, não tenho ninguém em quem possa confiar. Venha logo que puder e perdoe-me antecipadamente. Presumo que só mais tarde me conscientizarei do que lhe peço. No momento, porém, não estou em condições de pensar. Venha. Venha imediatamente.

Margaret Trelawny

Durante a leitura, a dor e o triunfo lutaram dentro de mim. Porém, imperava a certeza de que ela se encontrava numa situação embaraçosa e me chamava — a mim. Eu não sonhara com ela sem algum fundamento. Chamei o rapaz:

— Espere! Estarei pronto num minuto — corri escada acima.

Depois de uns poucos minutos eu já estava de banho tomado, vestido, e atravessamos as ruas tão rápido quanto os cavalos permitiam.

Era dia de feira e, ao alcançarmos Piccadilly, apesar da hora matinal, havia um fluxo interminável de carroças, vindas do oeste para a cidade. O resto do

caminho, entretanto, estava livre e avançamos rapidamente. Eu havia dito ao rapaz que poderia se sentar ao meu lado, no interior da carruagem, para que assim, no caminho, pudesse me pôr a par do que acontecera. Embarçado, ele lá estava sentado, segurando o boné sobre os joelhos enquanto fazia a narrativa.

— Senhor, a srta. Trelawny mandou alguém para baixo a fim de nos dizer que deveríamos aprontar imediatamente uma carruagem. Aí ela própria desceu, deu-me a carta e mandou que Morgan, o cocheiro, voasse para seu destino. Disse-me que eu não deveria desperdiçar um segundo e bater até que alguém aparecesse.

— Sim, isso eu sei. Já me disseste isso. Eu gostaria de saber por que ela mandou me chamar. O que aconteceu na casa?

— Isso não sei exatamente, senhor. Só sei que o patrão foi encontrado inconsciente em seu quarto, com o lençol ensanguentado e um ferimento na cabeça. Até agora não voltou a si. Foi a própria srta. Trelawny quem o encontrou nesse estado.

— Como ela pôde encontrá-lo a essa hora? Acho que era madrugada.

— Não sei, senhor. Não consegui saber o que houve na realidade.

Como ele não me pôde dar mais esclarecimentos, deixei que a carruagem parasse por um instante a fim de que ele pudesse passar para o assento da frente, ao lado do cocheiro. Sozinho, fiquei sentado, a meditar. Havia muita coisa que eu poderia ter perguntado ao serviçal. Mal ele passara para a frente eu já estava aborrecido por não ter aproveitado melhor a oportunidade. Mas, por outro lado, senti-me satisfeito porque não havia mais essa tentação. Eu achava que seria mais discreto se obtivesse pessoalmente a informação da srta. Trelawny. Íamos pela Knightsbridge acompanhados pelo barulho da elegante carruagem. Depois de termos entrado no Kensington Palace Road, paramos afinal em frente a uma mansão, do lado esquerdo, tanto quanto pude notar, mais perto de Notting Hill do que de Kensington. Era na verdade uma bela casa, não somente quanto ao tamanho, mas com referência à forma de construção. Mesmo sob a sombria luz da manhã, que deixa tudo com aparência menor, fiquei impressionado.

A srta. Trelawny veio ao meu encontro no vestíbulo com bastante naturalidade. Parecia controlar tudo em volta com superioridade, como convém a uma pessoa de classe, apesar de sua excitação e lividez. No grande vestíbulo havia muitos empregados, os homens perto da porta de entrada e as mulheres agrupadas nos cantos e nas passagens mais distantes. Um chefe de polícia já falara com a srta.

Trelawny; dois policiais uniformizados e um à paisana tinham vindo com ele. Quando ela pegou impulsivamente minha mão, vi em seu olhar que a minha chegada lhe causara um grande alívio. O cumprimento foi curto e conciso:

— Eu sabia que o senhor viria.

Um aperto de mão pode significar muita coisa, até quando não deve significar nada demais. A mão da srta. Trelawny se perdeu na minha. Era pequena, macia e flexível, com dedos finos e longos — uma bela mão, fora do comum.

Virou-se e disse ao chefe de polícia:

— Este é o sr. Malcolm Ross.

O policial fez continência e retrucou:

— Já conheço o sr. Ross, senhorita. Talvez lembre que tive a honra de trabalhar com ele no caso Brixton Coining.

Ao primeiro olhar, eu não o havia reconhecido, pois toda a minha atenção estivera voltada para a srta. Trelawny.

— Sim, naturalmente, chefe Dolan, recordo-me muito bem — disse eu ao trocarmos um aperto de mão.

Não me escapou que a srta. Trelawny pareceu aliviada com o nosso conhecimento. Seu comportamento demonstrava certo embaraço que despertou minha atenção, e instintivamente senti que ela ficaria mais à vontade se pudesse ficar a sós comigo. Eu disse então a Dolan:

— Talvez fosse melhor se a srta. Trelawny falasse comigo em particular. O senhor já deve ter ouvido o que ela sabe e eu poderia julgar melhor a situação se pudesse lhe fazer algumas perguntas. Depois gostaria de conversar com o senhor, se assim lhe convier.

— Ponho-me com prazer às suas ordens, senhor — respondeu ele, cordialmente.

Seguindo a srta. Trelawny, entrei num cômodo mobiliado com elegância, que dava para o vestíbulo e do qual se podia entrever um jardim nos fundos da casa. Quando fechei a porta, ela me disse:

— Por sua boa vontade em ficar a meu lado nessa situação difícil, eu lhe agradecerei mais tarde. No momento, no entanto, poderá ajudar se inteirando melhor dos fatos.

— Fale — disse eu. — Conte-me tudo o que sabe sem omitir o menor detalhe, ainda que no momento pareça insignificante.

Começou sem preâmbulos:

— Fui acordada por um barulho. O que foi, não sei. Só o que sei é que invadiu meu sono. Então, de repente, acordei de vez. Com o coração batendo forte, apurei o ouvido para os ruídos que vinham do quarto de meu pai. Meus aposentos ficam logo ao lado e, muitas vezes antes de adormecer, ouço como ele se movimenta no quarto. Ele trabalha com frequência noite adentro, por vezes até muito tarde. Assim, ocasionalmente, acontece que, ao acordar cedo ou de madrugada, ainda posso ouvi-lo. Uma vez cheguei a tentar dissuadi-lo de ficar acordado tanto tempo porque isso não lhe fazia bem algum. Não ousei fazer uma segunda tentativa. O senhor sabe como ele pode ser duro e frio, ou talvez o senhor se lembre do que lhe contei a respeito de meu pai. Sempre que tem uma atitude polida, torna-se insuportável. Posso aguentar melhor quando fica raivoso. Mas, quando reage lentamente e com circunspeção, puxando a boca para o lado de modo que se pode ver seus dentes pontiagudos, sinto... Nem sei bem o quê. Na noite passada, levantei-me depressa e fiquei perto da porta, pois temia perturbá-lo. Nenhum som de passos, nenhum grito; entretanto, ouvi um estranho som de arrastar de pés e uma respiração pausada e ofegante. Como foi horrível ficar à espera na escuridão e no silêncio e temer não sei o quê! Finalmente, tomei coragem e entreabri a porta. Lá dentro, tudo escuro. Quase não dava para perceber o contorno das janelas. Nessa escuridão, ouvi sua respiração cada vez mais distintamente e fiquei alarmada. Era incessante. Mas além desse som não se ouvia mais nada. Escancarei a porta porque receava abri-la devagar. Tive o pressentimento de que algo terrível se ocultava por trás, pronto para se atirar sobre mim. Aí acendi a luz e entrei no quarto. Primeiro olhei para a cama. Os lençóis estavam revoltos, sinal de que meu pai se deitara. Porém, no meio da cama, via-se uma grande mancha vermelho-escura que se alastrava para a beirada, e meu coração quase parou de bater. Enquanto eu fitava a mancha, chegou novamente o som de respiração aos meus ouvidos e meu olhar procurou a causa. Lá estava meu pai, deitado do lado direito do chão, com o outro braço sob o corpo, como se alguém tivesse atirado seu cadáver ao chão. O rastro de sangue atravessava o quarto até a cama. Ele estava no meio de uma horrível poça de um vermelho brilhante. Debrucei-me sobre ele para examiná-lo. Estava deitado em frente ao cofre e vestia o pijama. A manga esquerda fora rasgada e deixava aparecer o braço nu que apontava para o cofre. Oh, foi terrível vê-lo encharcado de sangue, a carne

em volta da pulseira de ouro arrebitada ou cortada! Eu nem sabia que ele usava uma coisa dessas, e essa descoberta me surpreendeu e me provocou um novo choque.

Fez uma pausa rápida. Querendo desviar um pouco sua atenção, falei:

— A senhorita não deve se espantar com isso. Muitos homens, de quem menos se espera, usam pulseiras. Uma vez cheguei a ver quando um juiz, ao pronunciar uma sentença de morte, levantou o braço e pude reparar que usava uma pulseira de ouro.

Ela parecia não ter ouvido minhas palavras, mas ainda assim se recompôs e prosseguiu mais calma:

— Não perdi um instante porque tive medo de que pudesse morrer da hemorragia. Toquei a campainha e saí correndo, gritando por socorro. Em pouquíssimo tempo, ainda que me parecesse incrivelmente longo, alguns criados vieram até o quarto e logo depois todos os outros, até que o aposento se encheu de olhos arregalados e amedrontados, de cabelos desgrenhados e das mais variadas vestimentas de dormir. Suspendemos meu pai para um sofá, e a sra. Grant, a governanta, que era a que teve melhor presença de espírito de todos, começou a procurar o local do sangramento. Com a rapidez de um segundo ficou visível que provinha do braço nu. Havia um profundo ferimento, não uma facada limpa, mas uma abertura serrilhada perto da articulação, tão profunda que alcançava até a artéria. A sra. Grant tamponou a ferida com um lenço e, com o auxílio de um abridor de cartas de prata, improvisou uma espécie de torniquete. Instantaneamente cessou a hemorragia. Nesse meio-tempo eu estava de novo de posse de minhas faculdades, tanto quanto possível, e mandei um dos homens à procura do médico e outro à polícia. Nem bem haviam saído, veio-me a sensação de que, afora os empregados, eu estava completamente sozinha na casa e que não sabia nada a respeito de meu pai, absolutamente nada. Aí me veio a necessidade de pedir ajuda. Pensei no senhor e na sua amável oferta no barco, debaixo do salgueiro. Sem refletir mais, ordenei que preparassem imediatamente a carruagem e, rápido, escrevi um bilhete para que lhe fosse entregue.

Fez uma pausa. Nesse instante, eu não quis falar sobre o que estava sentindo. Olhei-a e acho que ela percebeu, pois seu olhar se ergueu para o meu e logo o baixou, enquanto suas faces enrubesciam. Com visível esforço, continuou sua narrativa:

— O médico chegou com incrível rapidez. Nosso empregado o encontrou na hora exata em que estava para abrir a porta da rua e pôde vir a passo acelerado para cá. Refez o torniquete no braço de meu pai e foi para casa a fim de apanhar alguns instrumentos. Certamente logo estará de volta. Apareceu um policial e notificou a delegacia, logo em seguida chegou o chefe de polícia. E a seguir, o senhor.

Houve uma grande interrupção e ousei pegar sua mão por um instante. Sem mais outra palavra, saímos para o vestíbulo. O chefe de polícia veio até nós com as seguintes palavras:

— Examinei tudo meticulosamente e mandei informar a Scotland Yard. Olhe, sr. Ross, nesse caso existem tantas coisas estranhas que achei melhor mandar vir o mais eficiente homem do departamento de investigações criminais. Pedi, por escrito, o envio do sargento Daw. O senhor certamente se recorda dele. Naquela vez em Hoxton, o caso do americano envenenado.

— Ah, sim — respondi —, lembro-me perfeitamente bem. Desse e de outros casos nos quais me beneficiei com frequência de sua argúcia e de sua capacidade. Sua inteligência é única. Quando eu, como promotor, declarava meu cliente inocente, dava graças a Deus por tê-lo como meu opositor!

— Isso é que é um elogio, senhor! — manifestou-se o chefe de polícia, satisfeito. — Fico feliz em saber que o senhor aprova minha escolha.

— Não poderia ser melhor — disse eu com sinceridade. — É evidente que nós três descobriremos os fatos e o que está por trás deles.

Subimos para os aposentos do sr. Trelawny, onde encontramos tudo exatamente como nos havia descrito sua filha.

Ouviram-se, então, uma campainha, e um homem foi conduzido ao quarto. Era jovem, de porte nobre, com inteligentes olhos cinza e uma testa larga e alta. Trazia na mão uma pasta preta que logo abriu.

A srta. Trelawny fez imediatamente as apresentações:

— Dr. Winchester, sr. Ross, chefe de polícia Dolan.

Cumprimentamo-nos com uma inclinação de cabeça e o homem começou sem demora seu trabalho. Todos ficamos tensos à espera, observando como cuidava do ferimento. Enquanto isso acontecia, virava-se de vez em quando para chamar a atenção do chefe de polícia para um detalhe da ferida, após o que este fez uma anotação do fato em seu caderno.

— Vejam só! Muitos cortes ou arranhões paralelos saindo do lado esquerdo do pulso e que ameaçam a artéria radial em diversos lugares. Estes pequenos ferimentos aqui são profundos e serrilhados. Parecem provocados por um instrumento rombudo. Isto aqui me parece ter sido feito com uma chave afiada; a carne foi rasgada pelo lado, devido a uma pressão.

E, virando-se para a srta. Trelawny, disse de repente:

— A senhorita crê que possamos remover a pulseira? Não é absolutamente necessário, pois deve escorregar, liberando o ferimento. Contudo, mais tarde, poderia contribuir para o bem-estar do paciente.

A pobre moça corou intensamente ao responder baixinho:

— Não sei. Moro há pouco tempo com meu pai e conheço tão pouco sua vida e seu pensamento que, infelizmente, não posso opinar.

Depois que ele lhe lançou um olhar penetrante, disse o médico, muito cordial:

— Desculpe-me. Eu não sabia desse particular, mas não se preocupe. No momento não é necessário removê-la. E, ainda que fosse o caso, eu mesmo me responsabilizaria em fazê-lo. Mais tarde poderemos retirá-la com a ajuda de uma lima. Seu pai certamente tinha um bom motivo para usá-la. Veja, nela está pendurada uma pequena chave.

Parou e debruçou-se mais, enquanto eu segurava a vela de tal maneira que a luz incidisse sobre a pulseira. Enquanto me dizia para que continuasse a segurar a vela daquele modo, tirou uma lupa da valise e segurou-a diante dos olhos. Após um exame acurado, levantou-se, entregando a lupa a Dolan com as seguintes palavras:

— Veja o senhor mesmo: esta não é uma pulseira comum. O ouro é trabalhado sobre elos tríplexes de aço. Veja onde está gasto pelo uso. Não é tão fácil retirar isso com uma lima.

O chefe de polícia se curvou e ficou de joelhos junto ao sofá. Examinou detidamente a pulseira, virando-a e revirando-a, de tal modo que nem o mínimo detalhe lhe escapou. Levantou-se e estendeu-me a lente de aumento.

— Depois que o senhor a tiver examinado — disse ele —, acho que a srta. Trelawny deverá fazê-lo também. — E anotou tudo com detalhes em seu caderno.

Alterei sua recomendação, entregando a lupa à srta. Trelawny:

— A senhorita não gostaria de ver primeiro?

Ela recuou e levantou a mão, repelindo-a.

— Oh, não! Certamente meu pai, se quisesse que eu a tivesse visto, já teria me mostrado ele mesmo. Sem seu consentimento eu jamais o faria.

E acrescentou, para que não nos sentíssemos penalizados com sua maneira de pensar:

— Naturalmente está certo que o senhor dê a sua opinião. É preciso investigar tudo e fazer uma avaliação correta. Sou profundamente grata.

Virou-se. Percebi que lágrimas furtivas escorriam em sua face. Compreendi que, apesar de sua tristeza e de suas preocupações, doía-lhe o coração por saber tão pouco a respeito de seu pai e que essa falta de conhecimento deveria vir à tona justamente nessa hora e no meio de tantas pessoas estranhas. Por um lado, tratando-se de homens, a coisa não se tornava mais fácil, mas, por outro, em certo sentido era um alívio. Refletindo melhor, eu dava graças a Deus por não haver olhar feminino sobre ela — pois nele haveria uma empatia maior do que no olhar masculino.

Quando me ergui novamente após ter confirmado a investigação do médico, constatei que ele continuava com seu trabalho. O chefe Dolan sussurrou para mim:

— Acho que tivemos sorte com nosso médico.

Concordei, e já queria dizer algo elogioso, quando bateram de leve à porta.

Capítulo 2

AS ESTRANHAS INSTRUÇÕES

O chefe Dolan se aproximou da porta em silêncio. Tomara espontaneamente a iniciativa. Nós outros ficamos esperando. Dolan entreabriu a porta e, com um gesto de perceptível alívio, abriu-a de todo a fim de permitir a entrada de um jovem. Era um homem de barba feita, alto e magro, com fisionomia de águia e olhos claros e perscrutadores, que com um olhar pareciam captar tudo à volta. O chefe de polícia lhe estendeu a mão para um caloroso aperto.

— Vim assim que me deram seu recado, senhor. Alegro-me por continuar merecendo sua confiança.

— Você a terá sempre — retrucou com vivacidade o chefe de polícia. — Recordo-me dos tempos antigos em Bow Street e jamais os esquecerei.

Sem maiores preâmbulos, contou tudo o que havia acontecido até a entrada do recém-chegado. O sargento Daw fez poucas perguntas — muito poucas — sempre que era necessário para a compreensão das circunstâncias ou da relativa posição das pessoas. Porém quase sempre Dolan, que já conhecia perfeitamente o trabalho de Daw, se antecipava a cada pergunta e explicava tudo com minúcias. De vez em quando Daw olhava à sua volta, de um lado para outro, e então para uma parte do aposento e depois de novo para o ferido deitado inconsciente no sofá.

Nem bem o chefe de polícia terminara, virou-se o sargento para mim, dizendo:

— Talvez esteja lembrado de mim, senhor. Trabalhamos juntos no caso Hoxton.

— Recordo-me perfeitamente bem — respondi-lhe, estendendo-lhe a mão.

O chefe de polícia voltou a falar:

— Sargento Daw, deve ficar bem claro que o caso está confiado absoluta e completamente ao senhor.

— Sob sua supervisão, espero — interrompeu Daw.

Dolan meneou a cabeça e falou com um sorriso:

— Parece-me que esse caso exige nossa completa dedicação e sacrifício. E, além disso, tenho ainda outras coisas a fazer. Continuo muito interessado no caso e terei o máximo prazer em ajudar no que for possível.

— Então está bem, senhor — falou Daw, aceitando a responsabilidade, curvando-se ligeiramente e dando início imediato às investigações. Em primeiro lugar, virou-se para o médico e pediu-lhe, após ter lhe perguntado nome e endereço, que fizesse um relatório detalhado a fim de que, sendo preciso, pudesse ser transmitido às autoridades. O dr. Winchester prometeu, inclinando-se grave. Nesse momento, o sargento veio até onde eu me achava e falou, a meia-voz:

— Gosto do médico. Com ele é possível trabalhar.

Virando-se para a srta. Trelawny, pediu:

— Por favor, ponha-me a par, com exatidão, do máximo que sabe a respeito de seu pai: seus hábitos, seu passado, tudo em que tinha interesse e que lhe dizia respeito.

Tive vontade de interrompê-lo para lhe dizer que ela pouco sabia sobre o pai e seus hábitos, mas ela levantou a mão e começou a falar.

— É realmente uma infelicidade que eu saiba tão pouco ou quase nada sobre meu pai. O sr. Dolan e o sr. Ross talvez possam confirmar o que tenho a dizer.

— Bem, então temos que nos contentar com o que possamos descobrir — falou Daw com cordialidade. — Farei a seguir uma investigação minuciosa. A senhora disse que se encontrava fora deste aposento quando ouviu o ruído?

— Eu estava no meu quarto quando ouvi o som estranho, que deve ter me acordado. Corri para lá imediatamente. A porta do quarto de meu pai estava

fechada e eu podia ver todo o patamar e a parte superior da escada. Ninguém poderia ter saído do quarto, se é isso que está supondo.

— Sim, é exatamente isso que eu queria dizer. Se todos me dessem informações tão precisas, chegaríamos logo ao âmago das coisas.

Aproximou-se da cama, examinou-a atentamente e perguntou:

— Alguém mexeu nesta cama?

— Que eu saiba, não — retorquiu a srta. Trelawny. — Mas é melhor eu perguntar à sra. Grant, a governanta — acrescentou ela, dirigindo-se para puxar o cordão da sineta. A sra. Grant veio pessoalmente atender à chamada.

— Entre, por favor — disse a srta. Trelawny. — Sra. Grant, estes senhores desejam saber se alguém mexeu nesta cama.

— Eu não, srta. Trelawny.

Virando-se para o sargento Daw, a srta. Trelawny respondeu:

— Então ninguém mexeu nela, pois só eu ou a sra. Grant estivemos lá o tempo todo, e não consigo imaginar que alguém do pessoal tenha se aproximado da cama depois do alarme. Olhe, meu pai estava deitado debaixo do grande sofá e todos ficaram em volta dele. E pouco depois foram mandados embora.

Com um aceno de mão, Daw mandou que permanecêssemos do outro lado do aposento, enquanto examinava com muito cuidado, através de uma lente de aumento, as cobertas e os lençóis, dobra por dobra, para colocar tudo novamente na mesma posição. Examinou a porta do lado e dedicou especial atenção a determinado local que lhe despertou grande interesse, onde o sangue havia salpicado a beirada da cama feita de madeira avermelhada lindamente esculpida. De joelhos, seguiu centímetro por centímetro a pista até sob o grande cofre, onde estivera o corpo, evitando cuidadosamente contato com as manchas. Em volta desse local descreveu um raio de vários metros. Contudo, parecia que nada de interessante havia descoberto. A seguir, dedicou atenção à parte da frente do cofre, ao local em volta da fechadura, à parte superior e inferior das portas duplas e, principalmente, ao lugar onde as portas se unem.

Depois, dirigiu-se às janelas presas por dobradiças.

— As venezianas estavam fechadas? — perguntou ele à srta. Trelawny num tom de voz casual, como se esperasse a resposta negativa que recebeu.

O tempo todo o dr. Winchester se ocupava de seu paciente, fazendo curativos nas feridas do pulso ou examinando meticulosamente a cabeça, o

pescoço e a região cardíaca. E a cada vez deixava o olhar passar involuntariamente pelo aposento, como se estivesse procurando algo. Ouvimos, então, a voz profunda e forte do detetive:

— Até onde eu possa ver, tratava-se de colocar essa chave na fechadura. Por trás do mecanismo existe um segredo que não consigo descobrir, apesar de ter trabalhado um ano na firma Chubb antes de entrar para a polícia. É uma fechadura de combinação, com sete letras. Mas me parece possível ainda decodificá-la. Ela é proveniente da firma Chatwood. Passarei por lá e talvez descubra algo a respeito.

E, como seu trabalho havia terminado, virou-se para o médico e disse:

— Há alguma coisa que possa me comunicar de imediato, sem que haja inconveniente em antecipar seu relatório completo? Se tiver alguma dúvida, posso esperar, mas, quanto antes eu puder saber algo definitivo, tanto melhor.

O dr. Winchester respondeu sem hesitar:

— Eu, de minha parte, não vejo motivo para esperar. Naturalmente, farei um relatório detalhado. Mas posso adiantar o que sei, isto é, muito pouco e tudo, como presumo, fundamentado sobre base incerta. Não há ferida visível na cabeça, o que poderia esclarecer o desmaio prolongado. Portanto, devo partir do princípio de que o homem foi drogado ou que se encontra sob a influência de hipnose. Até agora posso afirmar que ele não está sob efeito de drogas, pelo menos não de nenhuma droga cuja natureza eu conheça. É evidente que há neste aposento um odor de múmia tão pronunciado que não se pode perceber qualquer outro cheiro mais fraco que haja eventualmente. Os odores do oriente devem ter chamado a atenção de vocês, bem como de asfalto, de nardos, de resinas aromáticas e de temperos. É bem possível que, em algum lugar deste aposento, sob as várias antiguidades, encoberto por aromas mais fortes, se encontre uma substância ou fluido que poderia perfeitamente provocar esse efeito que vemos. O paciente pode ter ingerido qualquer droga e ter se ferido durante o sono. De fato, acho isso pouco provável, e talvez no decorrer das investigações eu possa provar que minhas suposições não procedem. No meio-tempo, contudo, devemos tomar tal fato em consideração.

Nesse momento, interveio Daw:

— Isso faz sentido. Mas, se assim for, precisamos encontrar o instrumento com o qual feriu a mão. Deveria haver sinais de sangue em qualquer lugar

— Exatamente — disse o médico, acertando os óculos como se estivesse se preparando para um debate. — Mas, se o paciente tomou mesmo uma droga forte, pode se tratar de uma que não tenha ação imediata. Como não conhecemos seus efeitos, caso nossa suposição esteja correta, devemos estar preparados para tudo.

A srta. Trelawny se intrometeu na conversa.

— Seria bom saber como age a droga. Mas, baseados em sua segunda suposição, a ferida deveria ter sido autoinfligida, e isso depois que os efeitos da droga tivessem se manifestado.

— Correto — falaram o detetive e o médico ao mesmo tempo.

Ela prosseguiu:

— Mas, como sua conjectura não abrange todas as possibilidades, devemos pensar que se trate de uma variante da ideia-base. Por isso, acho que, firmados nessa suposição, precisamos em primeiro lugar procurar a arma com a qual foi feito o ferimento no braço de meu pai.

— Talvez ele a tenha colocado no cofre antes de perder a consciência — disse eu a esmo, mas testando oralmente uma ideia que me viera à cabeça.

— Isto é impossível — falou apressadamente o médico. — Pelo menos julgo ser pouco provável — acrescentou, com prudência e uma ligeira mesura. — A mão esquerda está cheia de sangue, mas não vejo marcas de sangue no cofre.

— É isso mesmo — disse eu, depois de uma grande pausa.

O médico foi o primeiro a quebrar o silêncio.

— Aqui precisamos de uma enfermeira o mais rápido possível. E conheço uma que vem a calhar. Vou buscá-la imediatamente. Até a minha volta alguém deve ficar sempre ao lado do paciente. Mais tarde talvez seja preciso transferi-lo para outro aposento. Mas, por enquanto, ele está bem aqui. Srta. Trelawny, poderei contar que a senhorita ou a sra. Grant fiquem aqui, não apenas aqui no quarto, mas ao lado do paciente, sem tirar os olhos de cima dele até que eu volte?

Ela assentiu com a cabeça e se sentou no sofá. O médico lhe deu instruções para o caso de seu pai recobrar a consciência antes que retornasse.

Dolan se aproximou de Daw e disse a meia-voz:

— Agora é melhor que eu volte ao posto policial, a menos que queira que eu permaneça um pouco mais.

Daw perguntou:

— Johnny Wright ainda está no seu setor?

— Sim. O senhor gostaria que ele viesse colaborar?

O outro assentiu.

— Então, vou lhe enviar o rapaz tão logo eu o localize. Ele ficará com o senhor o tempo que for preciso. Eu lhe direi que deverá receber as suas instruções.

O sargento acompanhou Dolan até a porta.

— Eu lhe agradeço. O senhor sempre se preocupa tanto com seus colaboradores... Fico satisfeito por estarmos trabalhando novamente juntos. Agora volto apressado à Scotland Yard para fazer meu relatório e entregá-lo a meu superior. Depois disso irei até Chatwood. Vou me apressar bastante e logo estarei aqui de volta.

E, virando-se para a srta. Trelawny, acrescentou:

— Presumo que me seja possível ficar aqui por um ou dois dias? Talvez eu lhe seja uma ajuda ou um consolo, se ficar por perto enquanto essa charada estiver sendo resolvida.

— Eu seria muito grata ao senhor.

Olhou fixamente para ela antes de prosseguir:

— Pode me dar licença para examinar a cômoda e a escrivaninha de seu pai antes de me retirar? É possível que haja alguma coisa que nos dê uma pista ou pelo menos uma indicação.

A resposta dela, bem clara, causou-lhe imenso espanto.

— O senhor tem a minha completa anuência para fazer tudo o que for necessário para nos ajudar a resolver essa coisa horrível, a fim de que possamos finalmente descobrir o que há com meu pai e como poderemos protegê-lo no futuro.

Imediatamente começou uma sistemática procura na cômoda e na escrivaninha. Numa das gavetas descobriu uma carta selada que entregou na mesma hora à srta. Trelawny.

— Uma carta para mim, com a letra de meu pai! — exclamou ela, espantada, enquanto abria o envelope. Eu a observava atentamente durante a leitura. Como notei que também Daw não tirava os olhos dela, fiquei olhando para ele. Quando a srta. Trelawny terminou de ler a missiva, formou-se em mim uma convicção que guardei para mim.

Entre as suspeitas que o detetive havia imaginado, existia outra possível, porém não definida: a que apontava para a srta. Trelawny.

Por vários motivos ela manteve a carta na mão, com o olhar baixo e pensativo. Voltou, então, a lê-la com cuidado. Dessa vez se tornaram ainda mais visíveis na sua fisionomia as inúmeras sensações, e pensei poder segui-las com facilidade. Parou a seguir e, com alguma hesitação, entregou a carta ao detetive, que a leu com uma expressão atenta, mas impassível. Leu uma segunda vez e lhe devolveu a carta com uma inclinação. Ela hesitou um pouco antes de me entregar a missiva, erguendo para mim por instantes um olhar suplicante. A testa e as faces enrubesceram ligeiramente.

Peguei a carta com sentimentos contraditórios, mas ao mesmo tempo satisfeito. Ela entregara a carta ao detetive sem emoção alguma — não precisaria demonstrar a ninguém seus sentimentos, mas sim para mim —, e eu não queria dar vazão a esse pensamento e comecei a ler, sabendo muito bem que os olhares da srta. Trelawny e de Daw estavam cravados em mim.

Minha querida filha — esta carta é uma missão de absoluto compromisso, não admitindo o mínimo desvio no caso de me acontecer alguma coisa infeliz ou inesperada, provocada por ti ou por outros. Se, de repente, eu for acometido por uma forma misteriosa de doença, um acidente, ou se eu for vítima de um ataque, deve seguir à risca estas instruções. No caso de não me encontrar em meu quarto quando souber do ocorrido, faça o possível para que eu seja levado para lá com a maior presteza. Também no caso de minha morte, meu corpo deve ser levado para meu quarto. A partir daí não devo ser deixado sozinho nem por um instante até que eu recupere a consciência e possa, eu mesmo, dar as instruções ou até que eu seja enterrado. Pelo menos duas pessoas devem permanecer no quarto desde o início do crepúsculo noturno até o aparecimento do sol. Seria aconselhável que uma enfermeira cuidasse de mim de vez em quando e tomasse conhecimento de todos os sintomas constantes ou variáveis. Meus advogados, Marvin e Jenkins, localizados no no 27 da B. Lincoln's Inn, têm minhas exatas instruções para o caso de minha morte. E o próprio sr. Marvin vai supervisionar se meus desejos foram atendidos. Querida filha, você não tem nenhum parente a quem possa recorrer, e eu a aconselho que peça a uma pessoa amiga de sua confiança que fique com você na casa, onde podem ter contato permanente, ou que peça para ajudá-la na vigília noturna, ou, pelo menos, para estar por perto, onde possa ser logo encontrado. Essa pessoa amiga poderá ser homem ou mulher. Tanto faz. Contudo, na segunda noite, quem ficar de vigília ou vier ajudar tem que ser, forçosamente, do sexo oposto. Compreenda, por favor, que é para mim decisivo e da maior importância que as pessoas que ficarem à minha volta para me assistir sejam uma do sexo masculino e a outra do feminino.

Querida Margaret, insisto mais uma vez em lhe dizer que deve fazer tudo exatamente como exposto, ainda que lhe pareça estranho. Se por acaso eu adoecer ou for ferido, o fato não será coisa normal. Por isso estou avisando: para que esteja prevenida.

Nada deve ser mudado de lugar no meu quarto — estou falando agora das raridades —, seja por que motivo for. Tenho minhas razões e finalidades para a colocação de cada objeto. Qualquer modificação na posição poderia inutilizar meu plano.

Se precisar de dinheiro ou de conselho, o sr. Marvin estará à sua disposição. Ele tem as minhas correspondentes instruções.

Abel Trelawny

Reli a carta antes de dizer algo, pois receava me trair. O conselho para que se voltasse para um amigo seria para mim de importância vital e me traria sérias consequências. Eu já tinha um motivo de esperança por ela ter procurado a minha ajuda no momento de maior necessidade. Mas o amor sempre tem as suas dúvidas, e fui tomado ao mesmo tempo por uma grande apreensão. Meus pensamentos se precipitavam, e, em poucos segundos, eu já havia programado toda uma série de possibilidades. Eu não deveria me apresentar como o amigo que seu pai recomendara para apoiá-la na vigília noturna. Porém, esse único olhar continha uma lição que eu não deveria ignorar. Não tinha ela pedido ajuda mandando me chamar — um estranho, levando em consideração que houvera apenas um encontro num baile e uma curta e agradável tarde no rio? Não significaria para ela uma humilhação ter que me pedir duas vezes? Que humilhação! Não. Tamaña tortura eu poderia lhe poupar, pois uma recusa não seria humilhação alguma. Por isso, ao devolver-lhe a carta, falei:

— Trelawny, a senhorita certamente me perdoará se eu tiver ido longe demais com o meu pedido, mas me sentirei orgulhoso se me permitir que faça a vigília noturna. Ainda que seja uma ocasião triste, esse privilégio me tornaria muito feliz.

Apesar de sua perceptível e dolorosa aflição para se controlar, a srta. Trelawny corou até a raiz dos cabelos. Até seus olhos pareciam alterados e faziam enorme contraste com o pálido rosto, à medida que a onda avermelhada desaparecia.

Falou em voz baixa:

— Eu lhe serei eternamente grata por sua ajuda. — E prosseguiu logo. — Mas não deve deixar que eu seja egoísta nesta hora de aperto. Sei que o senhor tem outras obrigações a cuidar. Por isso mesmo aprecio muito sua ajuda, mas não seria justo ocupar totalmente seu tempo.

— No que me diz respeito — retruquei —, meu tempo pertence à senhorita. Hoje em dia posso dividir meu trabalho com facilidade; virei à tarde e ficarei até a manhã do dia seguinte. E sempre que for preciso, cuidarei para poder dispor de mais tempo.

Ela estava muito emocionada, e reparei que precisou se virar, porque seus olhos ficaram marejados.

O detetive falou:

— Ross, fico mais calmo ao saber que o senhor também estará presente. Eu mesmo ficarei caso a Scotland Yard esteja de acordo. Essa carta faz com que tudo apareça sob uma luz bem diferente, ainda que a charada seja maior do que antes. Se o senhor puder ficar umas duas horas, falarei com meus superiores e procurarei a firma de instalação de cofres. Após isso, voltarei imediatamente e o senhor poderá partir descansado, pois ficarei aqui.

A srta. Trelawny e eu continuamos em silêncio depois da partida do detetive. Finalmente, ela levantou o olhar e me fitou. E eu não teria trocado minha posição com nenhum rei. Um pouco depois ela se dirigiu até o divã de seu pai e pediu-me que ficasse, sem tirar os olhos dele. Depois saiu.

Um pouco mais tarde ela voltou na companhia da sra. Grant e seguida por duas empregadas e alguns criados que traziam uma cama de ferro desmontada. Puseram-se a armá-la e a cobriram com os lençóis. Mal o trabalho terminara e os criados se retiraram, ela falou:

— É melhor que estejamos preparados para a volta do médico. Certamente vai querer colocar meu pai na cama, pois não está bem acomodado no sofá — puxou uma cadeira e sentou-se ao lado do pai.

Eu, porém, dei uma volta pelo quarto e verifiquei tudo meticulosamente. E aqui havia muitas coisas para aguçar a curiosidade das pessoas — mesmo em circunstâncias menos estranhas. Com a exceção de um ou outro objeto que pertencia mesmo a um quarto de dormir, o aposento estava repleto de preciosidades antigas, quase todas provenientes do Egito. Mesmo sendo um

cômodo de grandes dimensões, havia lugar suficiente para colocar muito mais coisas, ainda que de grandes proporções.

Enquanto eu ainda me ocupava com o exame do quarto, ouviu-se embaixo o ranger de rodas no cascalho. Ao soar da campainha de entrada, entrou, depois de uma curta batida na porta e do correspondente convite, o dr. Winchester seguido por uma jovem vestida com um uniforme escuro.

— Tive sorte — disse ele assim que penetrou no recinto. — Eu a encontrei logo, logo, e felizmente estava livre. Srta. Trelawny, esta é a enfermeira Kennedy.

Capítulo 3

A VIGÍLIA

Chamou-me a atenção a maneira pela qual as duas jovens se olharam. O hábito de estudar a personalidade das testemunhas e seu modo de agir me é tão inato que eu o mantenho mesmo fora da sala do tribunal. E nesse instante de minha vida tudo o que interessava à srta. Trelawny me interessava também. Como ela ficara impressionada com a recém-chegada, fiz instintivamente uma apreciação sobre a enfermeira. Numa estimativa entre as duas, pareceu-me fácil fazer uma avaliação bem mais nítida sobre a srta. Trelawny. Não poderia haver uma diferença maior do que a que existia entre as duas mulheres. A srta. Trelawny era uma pessoa esbelta e graciosa, morena, dotada de feições harmoniosas. Tinha olhos maravilhosos — grandes, pretos, aveludados e misteriosamente profundos. Um olhar nesses olhos era como se mirar num espelho negro como o que tem o dr. Dee em seu consultório mágico. Numa excursão eu ouvira como um senhor de idade, um conhecido viajante do oriente, descrevera o efeito de seus olhos: “Como se vislumbrasse durante a noite, a certa distância, as grandes lâmpadas através dos portões abertos de uma mesquita.”

Nela, as sobrancelhas eram típicas. Curvas espessas formavam uma moldura arquitetônica para os olhos profundos e brilhantes. O cabelo também era negro, ainda que sedoso. De modo geral, cabelo negro é sinal de força animal e exprime uma natureza forte. Esse, no entanto, não era propriamente o caso. Estávamos

diante de um tipo refinado e de alta linhagem, e ainda que não houvesse qualquer sinal de fraqueza, a indicação de força existente era mais intelectual do que física. Todo o seu ser parecia em perfeita harmonia. Postura, figura, cabelo, olhos, vivacidade, boca, cujos lábios vermelhos e dentes brancos animavam a parte inferior do rosto, o largo maxilar partindo do queixo até as orelhas, os dedos longos e macios, a mão que se movimentava como se tivesse a própria faculdade perceptiva. Todas essas qualidades reunidas formavam uma personalidade que predominava por meio de graça, doçura, beleza e charme. Em contrapartida, a enfermeira Kennedy não alcançava uma estatura mediana feminina. Era robusta e atarracada, dotada de membros redondos e mãos largas, fortes e capazes. Na coloração, lembrava folhas de outono. O cabelo, de um louro-escuro, era espesso e comprido, os olhos castanho-dourados iluminavam um rosto sardento e queimado. Suas bochechas acentuavam a impressão de morenice. O mesmo se dava com os lábios vermelhos e os dentes brancos. Indubitavelmente tinha um narizinho arrebitado. Mas, como todos os narizes desse tipo, era sinal de uma natureza boa, generosa e imperturbável. A fronte alta e branca, livre de sardas, indicava lucidez e um caráter de pensamentos fortes.

O dr. Winchester já lhe dera os detalhes imprescindíveis durante a viagem, no caminho até o hospital. Sem dizer palavra, ela se pôs ao trabalho e tomou o paciente sob seus cuidados. Após ter verificado se estava tudo certo na cama recém-feita e afofado os travesseiros, voltou-se para o médico, que lhe deu mais instruções. Nós quatro suspendemos o desmaiado do sofá.

Logo que o sargento Daw voltou no início da tarde, fiz uma visita à minha casa em Jermyn Street e juntei umas peças de roupa, livros e papéis de que eu provavelmente iria precisar nos próximos dias. Fui, então, tratar das minhas obrigações profissionais. O julgamento se arrastou, pois se tratava de um caso importante, mas afinal terminou. Eram 18 horas em ponto quando passei pelo portão do Kensington Palace Road. Fui admitido num grande aposento, junto ao do doente.

Naquela noite havíamos combinado a vigília apenas de modo provisório, de modo que a distribuição não ficou muito justa. A enfermeira Kennedy, que estivera em seu posto durante o dia todo, recostou-se e queria voltar ao trabalho à meia-noite. O dr. Winchester, que deveria jantar na casa, permaneceu no quarto do doente até que se fez ouvir a sineta chamando para a refeição. Após o repasto,

voltou imediatamente a seu posto. Durante o jantar, a sra. Grant ficou com o paciente, tendo o sargento Daw a seu lado, pois este queria terminar uma investigação meticulosa do aposento inteiro e de suas adjacências.

Às 21 horas a srta. Trelawny e eu rendemos o médico. Ela havia descansado algum tempo na parte da tarde, a fim de estar alerta durante a vigília noturna. Esclareceu-me que resolvera dessa forma para poder pelo menos ficar acordada a noite toda. No começo não tentei nada para fazê-la mudar de ideia, pois sabia que sua resolução era inabalável. Da minha parte, não deixei transpirar as minhas intenções.

Entramos nas pontas dos pés, de forma que o médico, curvado sobre a cama do paciente, não percebeu nossa entrada e ficou até um pouco assustado ao notar a nossa presença e que o fitávamos. Senti que o mistério do caso estava dando nos seus nervos, bem como nos de alguns de nós. É provável que tenha ficado um pouco zangado devido ao susto, pois começou a falar de repente e apressadamente para que não tivéssemos ideia de que lhe era desagradável.

— Cheguei ao final de meus conhecimentos no que se refere ao motivo dessa letargia. Até realizei uma investigação tão meticulosa quanto possível e constatei com satisfação que não existe nenhum ferimento no cérebro, pelo menos não na parte externa. Todos os órgãos vitais parecem intactos. Como sabe, várias vezes o alimentei, o que aparentemente lhe fez bem. A respiração está forte e regular; seu pulso, mais lento e vigoroso do que hoje pela manhã. Não consigo reconhecer sinal algum de que esteja sob a influência de qualquer droga conhecida, e seu estado de inconsciência não se parece em nada com um dos numerosos casos de sono profundo ou hipnose que observei no Hospital Charcots, em Paris. No que se refere a essas cicatrizes — colocou levemente o dedo sobre o pulso enfaixado posto sobre a coberta —, não sei o que pensar a respeito. Elas podem ter sido provocadas por uma máquina de cardar. Mas não posso afirmar categoricamente; é apenas uma suposição. Existe sempre a possibilidade de que um animal selvagem o tenha atacado no caso de estar afiando cuidadosamente as garras. Mas devemos descartar essa hipótese, por ser pouco provável. Será que há na casa algum animal doméstico, como um gato do mato ou coisa parecida, fora do comum?

A srta. Trelawny sorriu com tristeza, o que me provocou uma pontada no coração. Ela respondeu:

— Não, de maneira alguma. Meu pai não admitia que animal nenhum vivesse aqui em casa, exceto morto ou mumificado — enunciou tais palavras com um toque de amargura ou, quem sabe, de ciúme, não consegui diferenciar. — Até o meu gatinho mais querido e bem-comportado era apenas admitido com bastante relutância aqui em casa. Ele é o mais querido e bem-comportado gatinho do mundo e tem consentimento para ficar somente até segunda ordem. A entrada neste aposento lhe era vedada.

Mal havia terminado de falar quando se ouviu um leve ruído no trinco. A expressão do rosto da srta. Trelawny se iluminou. Deu um pulo e correu até a porta, dizendo:

— Aqui está ele, meu Silvio! Quando quer entrar num aposento, ele se apoia sobre as patas traseiras e, com as dianteiras, bate no trinco. — Ela abriu a porta e cumprimentou o gato como se estivesse falando com uma criancinha. — Gostaria de entrar, não? Então, venha. Mas tem que se comportar e ficar do meu lado.

Suspendeu o gato e voltou com o animal nos braços. Era um magnífico bichano. O gato de raça persa, da uma cor cinza-chinchila, com pelo sedoso, tinha um ar altivo, apesar de sua suavidade. Com as grandes patas estendidas, deu um pulo para o chão e se libertou, esquivando-se dos braços de sua dona, que o afagava. Passeou pelo aposento e parou diante de uma mesa baixa sobre a qual estava uma múmia de animal. O gato começou a miar e a bufar. Logo a srta. Trelawny tornou a pegá-lo nos braços, ainda que ele tivesse começado a se debater ativamente. Encolhia-se e revirava-se, mas não arranhava nem mordia, pois obviamente amava a sua bela dona. Assim que ela conseguiu prendê-lo em seus braços, ele se acalmou. Em tom sussurrante, ela o exortava:

— Silvio, você é mau, mau. Eu me responsabilizei por você e agora se comporta dessa maneira?! Bom, diga agora boa-noite para estes senhores e venha comigo para o meu quarto.

Dizendo essas palavras, estendeu-me a pata do gato para que eu a segurasse. Assim o fiz, e não pude evitar admirar o seu tamanho e a sua beleza.

— Hum, parece uma luva de boxe com garras — observei.

Ela sorriu.

— E é para ser mesmo. Percebeu que meu Silvio tem sete dedos — disse, abrindo a pata. Realmente, o animal tinha sete garras, protegidas por finas e delicadas coberturas do feitio de uma concha.

Enquanto eu acariciava levemente a patinha, as garras se abriram e acidentalmente arranhou-me na mão, porque naquela hora a sua raiva já havia passado. Afastei-me e exclamei:

— Mas que garras afiadas!

O dr. Winchester se aproximou e se curvou sobre a pata do gato. Enquanto eu ainda falava, disse em voz alta:

— Ora, vejam só!

Ouvi quando prendeu fortemente a respiração. Fiquei a acariciar o animal, que havia se aquietado. O médico se dirigiu até a mesa e rasgou um pedaço do mata-borrão, que colocou sobre a palma da mão, e, virando-se, pegou na pata do gato e falou diretamente para ela:

— Permita-me!

Segurou na patinha do animal e a pôs por cima do mata-borrão. O altivo bichano pareceu se ressentir com a familiaridade e quis retirar a pata. Mas o mesmo queria o médico, e com isso as garras se abriram e rasgaram o papel.

A srta. Trelawny carregou o gato para fora. Após alguns minutos, voltou, dizendo ao entrar:

— É estranho o que houve com a múmia do animal. Anteriormente, quando Silvio entrou neste quarto pela primeira vez, para que eu o mostrasse a meu pai, ele se comportou da mesma forma. Pulou sobre a mesa e tentou arranhar e morder a múmia. Isso fez com que meu pai ficasse furioso e expulsasse o pobre Silvio. Ele só conseguira ser admitido dentro de casa porque me responsabilizei pela sua boa conduta.

Enquanto ela estivera ausente do quarto, o dr. Winchester havia retirado a faixa do pulso de seu pai. O ferimento era bem visível, ressaltando cada corte. O médico colocou o mata-borrão com as marcas das garras ao lado da ferida. Olhou-nos triunfante e nos chamou.

Os rasgões no mata-borrão coincidiam exatamente com a ferida no pulso. Um esclarecimento era supérfluo, e o médico falou:

— O pequeno Silvio não cumpriu a palavra.

Todos ficamos parados. Mas, de repente, a srta. Trelawny disse:

— Mas ontem à noite Silvio nem esteve aqui.

— Tem certeza disso? Poderia provar, no caso de ser necessário?

Ela hesitou um pouco antes de responder.

— Estou bem certa. Mas tenho receio de que seja difícil provar. Silvio dorme no meu quarto numa cestinha. Estou certa de que ontem eu o pus para dormir. Recordo-me perfeitamente de que o cobri com uma colchinha e a preendi. Hoje de manhã o retirei com minhas próprias mãos da cestinha. Aqui dentro estou persuadida de que não o vi, ainda que não signifique nada, porque estive tão fora de mim e tão ocupada com meu pai que realmente não teria notado Silvio.

O médico sacudiu a cabeça e, com um toque de preocupação na voz, disse:

— Bom, em todo caso não adianta querer provar qualquer coisa no momento. Neste espaço de tempo que se passou, cada gato do mundo já teria tido tempo de limpar as próprias garras das marcas de sangue, caso existissem algumas.

Novamente se fez um silêncio, quebrado pela srta. Trelawny.

— Se entendi bem, não poderia ter sido o Silvio que feriu meu pai. Minha porta estava fechada quando ouvi o primeiro barulho, e a do meu pai também se encontrava fechada quando ali encostei o ouvido. Quando entrei, os ferimentos já existiam. Devem ter sido infligidos antes de Silvio entrar.

Essa era uma prova irrefutável, especialmente para mim, como jurista, pois seria argumento suficiente perante os jurados. E para mim, pessoalmente, era muito agradável que Silvio tivesse sido absolvido, sobretudo porque pertencia à srta. Trelawny e tinha o seu amor. Animal feliz! A dona de Silvio ficou visivelmente contente quando falei:

— Veredicto: inocente.

E o dr. Winchester acrescentou após alguns instantes:

— Sou obrigado a me desculpar com Silvio. Ainda assim eu gostaria de saber o que ele tem contra essa múmia. Pode me dizer se ele se comporta de modo semelhante em relação às outras múmias da casa? Presumo que haja muitas por aqui. Sim, somente no vestíbulo já vi três.

— Sim, existem muitas — respondeu ela. — Às vezes não sei se me encontro numa residência particular ou no Museu Britânico. Mas Silvio fica frio com todas, menos com esta. Talvez por ser uma múmia de animal.

— É até mesmo provável que seja a múmia de um gato — disse o médico, que se levantou a fim de poder examiná-la mais de perto. — Sim — prosseguiu —, é múmia de gato. E, além disso, muito bonita. Se não se tratasse do querido de uma pessoa importante, esse animal não teria merecido tantas honrarias. Veja! Uma urna pintada e os olhos de “pedra de Ósio”, como em múmias humanas.

Não é comum um animal reconhecer a própria espécie. Isto aqui é um gato morto, nada mais. Tem talvez uns 4 ou 5 mil anos, e outro gato de outra raça, num mundo completamente diferente, quer se atirar sobre ele como se estivesse vivo. Se não tiver nada em contrário, srta. Trelawny, eu gostaria de fazer algumas investigações com ele.

A jovem hesitou antes de responder:

— Sim, naturalmente, faça tudo que achar necessário e acertado. Espero apenas que não seja prejudicial ao meu pobre Silvio.

— Ora, nada vai acontecer a Silvio. Reservemos nossos sentimentos para o outro.

— Como devo entender isso?

— O jovem Silvio vai fazer o papel de agressor, e o outro gato, a parte da vítima passiva.

— Passiva? Isso está me soando mal.

O médico deu um largo sorriso.

— Não tenha medo. No nosso entender, não será um sofrimento; no máximo poderá afetar a estrutura e a parte externa.

— Por Deus, o que quer realmente dizer com isso?

— Muito simples, minha querida jovem: o oponente será uma múmia igual a esta, pois presumo que se possa conseguir uma no Museum Street, onde devem existir inúmeras delas. E espero que a senhorita não fique com a sensação de que uma curta troca vá infringir as instruções deixadas por seu pai. Será possível tirar a limpo se Silvio tem aversão a todas as múmias de gato ou apenas a esta aqui.

— Não estou certa — falou ela, cheia de dúvidas. — As instruções de meu pai são tão categóricas e intransigentes... — Após ligeira pausa, acrescentou. — Nessas circunstâncias, porém, tudo deve ser feito pelo bem do meu pai. Penso que uma múmia de gato não seja nada de especial.

O dr. Winchester nada falou. Estava sentado, imóvel, e com uma fisionomia tão séria que essa seriedade também tomou conta de mim. Nessa situação de constrangimento percebi com bastante clareza quanto era estranho esse caso com o qual eu estava tão fortemente envolvido. Uma ideia súbita não me largava. Ao contrário, crescia, florescia e multiplicava-se em milhares de diferentes facetas. O aposento inteiro e tudo o que nele se encontrava davam margem a estranhas considerações. Viam-se aqui tantas coisas antigas que instintivamente a pessoa se

sentia transportada para países estrangeiros. Essas inúmeras múmias e objetos mumificados pareciam reter eternamente o penetrante odor de asfalto, de temperos e de resina — “O cheiro picante de nardos e narcisos”, como se diz —, e não era possível mesmo esquecer o passado. Além disso, havia somente uma luz difusa no aposento, nenhuma luminosidade direta proveniente de um ser ilusório que nos fizesse esquecer a falta de companhia. Era um quarto grande e de pé-direito alto.

Nessa amplidão havia lugar para um monte de coisas muito pouco comuns num quarto de dormir. Nos cantos mais afastados, viam-se sombras de formas sinistras. Mais de uma vez, senti-me oprimido durante minhas reflexões, pressentindo a presença do passado, de modo que me surpreendi olhando temeroso à minha volta, como se lá houvesse uma personalidade ou uma influência de tipo estranho. Nem a presença visível do dr. Winchester e da srta. Trelawny me trazia nesse momento consolo ou satisfação. Assim percebi com alívio que, com a figura da enfermeira Kennedy, entrara uma nova personalidade. Não existia nenhuma dúvida de que a objetiva, autoconfiante e capaz jovem acrescentava às minhas imagens fantasiosas um elemento de segurança. Seu bom senso dava a impressão de penetrar em tudo à sua volta como se fosse uma emanção. Até o presente momento eu havia imaginado coisas fantásticas a respeito do doente, tanto que envolveram tudo o que o rodeava como a mim mesmo. Nem bem a enfermeira entrara, ele já não era mais do que um paciente. O aposento voltou a ser um quarto de doente e as sombras deixaram de ser amedrontadoras. O único fato que não se podia eliminar era o estranho odor egípcio. Coloque uma múmia numa redoma de vidro e feche-a hermeticamente, para que o ar não a decomponha — e ainda assim a múmia terá esse cheiro. Deve-se supor que quatro ou cinco mil anos fossem suficientes para acabar com qualquer odor, porém a experiência diz que os aromas continuam e são uma charada para nós. Eles permanecem até hoje cheios de mistério, como na época em que o embalsamador colocou o cadáver num banho de soda.

De repente me levantei. Eu havia me deixado envolver por uma fantasia. Esse cheiro egípcio se apoderara de meus nervos, do meu pensamento e até da minha vontade.

Nesse exato momento tive um pensamento, como se fosse uma inspiração. Já completamente influenciado pelo odor, não seria possível que o doente, que havia

passado mais da metade da vida nesse ambiente, tivesse sido gradualmente impregnado através de processos lentos porém incessantes, formando esse conjunto uma nova força, ou...

Novamente me perdi num devaneio. Não, isso não podia continuar. Eu tinha que encontrar um método para permanecer acordado e livre desses pensamentos acalentadores.

Na véspera eu conseguira dormir unicamente a metade da noite, e na próxima eu teria que ficar acordado. Sem dar a perceber a minha intenção, a fim de não aumentar a aflição e o aborrecimento da srta. Trelawny, desci e me retirei. Logo encontrei uma farmácia, onde comprei um aparelho de oxigênio. Ao voltar, já eram 22 horas. O médico estava querendo se despedir. A enfermeira o acompanhou até a porta do quarto do doente e recebeu dele as últimas instruções. A srta. Trelawny encontrava-se sentada, imóvel, ao lado da cama. O sargento Daw, que havia entrado no aposento quando o médico se retirara, ficara parado a certa distância.

Quando a enfermeira Kennedy se aproximou de nós, combinamos que ela faria a vigília até as duas da madrugada, quando então a srta. Trelawny viria rendê-la. Com esse procedimento seriam seguidas à risca as instruções do sr. Trelawny, isto é, um homem e uma mulher sempre presentes no aposento. E cada um ficaria um pouco mais, de modo que o novo par de vigilantes pudesse ser inteirado imediatamente de tudo, caso algo tivesse acontecido. Deitei-me no sofá em meu quarto. Ficara combinado que um dos empregados me acordaria um pouco antes da meia-noite. Em pouco tempo adormeci.

Ao ser acordado, precisei de um tempo até conseguir juntar meus pensamentos e perceber quem eu era e onde me encontrava. Entretanto, as poucas horas de sono me foram benéficas, e eu já podia ver as coisas à minha volta com mais clareza do que nas primeiras horas da noite. Passei água no rosto e, reconfortado, dirigi-me ao quarto do doente, sem fazer qualquer ruído. A enfermeira, calma e atenta, estava sentada ao lado da cama. O detetive havia se sentado numa poltrona do outro lado do quarto. Não se mexeu quando me aproximei. Assim que cheguei perto dele, sussurrou-me:

— Tudo em ordem. Não adormeci.

Uma observação completamente desnecessária, pensei eu. Quando lhe informei que sua vigília acabara e que poderia ir para a cama até que eu fosse

acordá-lo às seis da manhã, pareceu ficar aliviado e se retirou apressado. À saída, virou-se, deu meia-volta e murmurou:

— Tenho um sono leve e ficarei com o revólver à mão. Dou graças a Deus por estar saindo. Esse cheiro de múmia faz minha cabeça ficar pesada.

A mesma sonolência se apoderara dele como de mim na noite passada.

Perguntei à enfermeira se precisava de alguma coisa. Percebi que em seu colo havia um frasco de sais. E óbvio que também sentira a influência que me envolvera. Respondeu-me que tinha tudo de que precisava, mas que me diria imediatamente se por acaso necessitasse de algo. Eu não queria que ela percebesse meu aparelho de oxigênio, por isso voltei no escuro para uma poltrona atrás dela. Primeiro coloquei a máscara e depois fiquei à vontade.

Fiquei sentado durante um longo tempo e deixei correr livremente meus pensamentos. Eles eram turbulentos e tumultuados, como era natural, depois das ocorrências do dia e da noite anteriores. Surpreendi-me refletindo a respeito do que havia com o cheiro egípcio e tive enorme satisfação ao verificar que já não era tão forte. O aparelho de oxigênio estava cumprindo a sua missão. É provável que a calma tivesse tomado o lugar dos pensamentos alarmantes, uma consequência natural da posição física de descanso, pois vi diante de mim um sonho — sonhava, se bem que não possa me lembrar de ter adormecido ou de ter acordado após um sono.

Estava com a máscara de oxigênio diante do rosto e sabia que podia respirar livremente. A enfermeira continuava sentada na cadeira, de costas para mim. O doente, deitado na cama, como morto. Tudo isso era mais semelhante a uma cena do que à realidade. Todos parados e quietos, e essa quietude e inércia continuavam. De fora, eu ouvia o barulho da cidade ao longe, o rolar das carruagens, o grito de um bêbado, o eco longínquo de apitos e chocalhar de trens. A luz baixa, sob a lâmpada coberta pela cúpula, parecia mais quebrar a luz do que propriamente iluminar. O abajur de seda verde tinha tomado a cor da esmeralda ao luar; o quarto inteiro estava repleto de sombras. Meus pensamentos confusos davam a exata impressão de que as coisas reais haviam se tornado sombras, que se moviam subindo pelos contornos das janelas altas e que tinham vontade própria. Pensei mesmo ter ouvido um ruído como o miar do gato, o farfalhar das cortinas e um leve som metálico, como se alguém estivesse passando baixinho um metal contra o outro. Fiquei como em transe. Afinal, tive a sensação, como num

pesadelo, de que tudo o que estava acontecendo era um sonho e que eu perdera a força de vontade ao atravessar os umbrais.

Súbito, meus sentidos ficaram alertas. Aos meus ouvidos ecoou um grito estridente. O quarto ficou iluminado de repente. Ouvi tiros de revólver — um, dois. Uma fumaça branca como nuvem encheu o quarto. Quando meus olhos abertos puderam enxergar de novo, a visão que tive diante de mim quase me fez gritar de pavor.

Capítulo 4

A SEGUNDA TENTATIVA

O que meus olhos viam pertencia ao horror de um sonho dentro do sonho com a correspondente consciência da realidade. O quarto continuava como antes; apenas as sombras tinham dado lugar à claridade das inúmeras lâmpadas, e cada coisa se delineava distinta e claramente. A enfermeira Kennedy estava sentada perto da cama vazia, exatamente como eu a vira antes, ereta e com uma almofada às costas. Seu pescoço hirto lhe dava um ar de catalepsia. Parecia feita de pedra. Sua fisionomia não demonstrava qualquer anormalidade, medo ou horror, nada que fosse de esperar em tal situação. Os olhos abertos não espelhavam nem espanto nem interesse. Era simplesmente uma existência negativa, morna, respirando, calma, ainda que sem consciência do que ocorria em volta. A roupa de cama estava revirada como se tivessem arrancado o paciente de sob as cobertas. Um dos lençóis pendia quase até o chão. Perto, via-se uma das ataduras com a qual o médico envolvera o pulso ferido. Havia uma segunda e uma terceira, um pouco mais longe, junto a uma pegada que levava para o local onde deveria se encontrar o doente. Este jazia exatamente no mesmo lugar da noite anterior, isto é, ao lado do grande cofre.

Outra vez o braço esquerdo apontava para o cofre. Porém, houvera um segundo ataque, numa tentativa de decepar a mão rente à pulseira com a chave. Fora utilizada uma pesada faca Kuciri retirada da parede — do tipo achatada,

muito usada pelos gurcas e por outras tribos indianas. Via-se claramente que a arma havia parado no instante da picada, porque a carne fora levemente atingida pela ponta da faca, e não pela lâmina. A parte externa do braço estava cortada até o osso e o sangue jorrava aos borbotões. A ferida antiga na parte interna do braço fora terrivelmente rasgada ou cortada, de onde escorria o sangue no ritmo da pulsação. A srta. Trelawny ajoelhara-se ao lado do pai, numa poça de sangue, que impregnava a camisola branca. No meio do aposento, o sargento Daw estava de pé, vestindo calça, camisa e meias. Mecanicamente tentava carregar a arma. Tinha os olhos vermelhos e cheios de sono. Parecia ainda meio adormecido e só compreender o ocorrido com metade da mente.

Alguns empregados se agrupavam na entrada, com diferentes tipos de iluminação. Quando me levantei e cheguei mais perto, a srta. Trelawny levantou os olhos. Logo que me viu, deu um grito e se ergueu de um salto, apontando com um dedo na minha direção. Jamais hei de esquecer a estranha expressão de seu rosto. A camisola branca estava cheia de sangue, que escorria para seus pés nus, ao se levantar da poça. Creio ter apenas cochilado e que aquela força que envolvera o sr. Trelawny e a enfermeira Kennedy — e com menos intensidade também o sargento Daw — não me atingira. A máscara de oxigênio me prestara um grande serviço, ainda que não tivesse evitado a tragédia, cujo resultado eu presenciava. Agora entendo o choque que devo ter causado com o meu aparecimento — levando em consideração o ocorrido anteriormente. Eu ainda usava a máscara de oxigênio e tinha o cabelo revoltado.

Como apareci subitamente de máscara e todo desarrumado no meio do pessoal amedrontado, devo ter dado uma impressão muito assustadora. Foi bom ter percebido tudo com antecedência e, com isso, evitado uma segunda catástrofe, pois o ainda confuso detetive reagiu mecanicamente e apontou a arma para mim. Consegui retirar a tempo a máscara e gritei para ele, fazendo-o parar. Nos olhos avermelhados e cheios de sono não se notava traço de que estivesse consciente de seus atos. Assim mesmo o perigo havia passado. De qualquer maneira, conscientizamo-nos de que a situação se tornara menos tensa. A sra. Grant havia reparado que a srta. Trelawny se encontrava somente de camisola e trouxera um penhoar, que jogou por cima de seus ombros.

Esse simples ato nos trouxe de volta à realidade. Suspirando, demo-nos conta de que deveríamos atacar o principal, isto é, estancar a hemorragia no braço

do ferido. Na hora da ação fiquei muito satisfeito, porque a hemorragia era a melhor prova de que o sr. Trelawny ainda vivia. O que aprendêramos na noite anterior não fora esquecido. A maioria dos presentes sabia o que devia ser feito nessa oportunidade e, por isso, em segundos, mãos solícitas colocaram ataduras. O médico foi chamado e os empregados recuaram respeitosamente. Suspendemos o sr. Trelawny e o pusemos de volta no sofá sobre o qual estivera deitado no dia anterior. Após termos reunido forças a fim de cuidar do doente, voltamos a atenção para a enfermeira. Durante toda a confusão, ela não se mexera e permanecia sentada, rígida e ereta, respirando lenta e naturalmente, com um sorriso tranquilo estampado no rosto. Como não sabíamos o que fazer com ela antes da chegada do médico, fizemos um exame geral das circunstâncias.

Nesse meio-tempo, a sra. Grant levou a patroa para fora e a ajudou a trocar de roupa, depois do que a srta. Trelawny voltou com novo penhoar e calçava chinelos. Lavara suas mãos do sangue. Acalmara-se um pouco, mas não conseguia parar de tremer. Tinha o semblante lívido. Após um olhar para o braço do pai e para mim, que segurava o torniquete da atadura, deixou que sua vista vagasse pelo aposento, fitando inconsolável todos os presentes, um após o outro. Tornou-se bem claro para mim que não sabia por onde começar nem em quem confiar. Com o propósito de acalmá-la, falei:

— Estou bem. Fiquei apenas adormecido.

Engolindo em seco, ela respondeu:

— Adormecido, o senhor? E meu pai em perigo de vida! E eu que pensei que o senhor o vigiava!

Senti a alfinetada na censura. Mas, como eu realmente queria ajudá-la, falei:

— Sim, apenas adormecido. É grave, eu sei, mas à nossa volta há mais do que “apenas”. Se eu não tivesse tomado determinadas precauções, talvez também estivesse agora no estado em que se encontra a enfermeira.

A jovem lançou um rápido olhar para a figura sinistra, sentada rígida e ereta como uma estátua. A fisionomia da srta. Trelawny suavizou e ela falou com voz amável:

— Perdão, não era minha intenção magoá-lo. Mas estou tão preocupada e angustiada que já não sei mais o que digo. Oh, é horrível! A cada momento receio que vá acontecer uma nova atribulação, um novo horror e uma nova charada.

Essas palavras assim pronunciadas me cortaram o coração e, do fundo de minha alma transbordante de amor, veio a resposta:

— Não perca tempo comigo. Não o mereço. Minha obrigação era ficar vigiando e adormeci. Só o que posso dizer é que não foi essa a minha intenção e que realmente tentei evitar o ocorrido. Mas foi mais forte do que eu e antes que o percebesse. Aconteceu e não pode ser desfeito. Um dia talvez possamos decifrar o mistério. Agora, contudo, precisamos tentar descobrir o que realmente houve. Conte-me, por favor, o que sabe.

O esforço que fez querendo lembrar os acontecimentos pareceu animá-la. Ficou mais calma enquanto relatava:

— Eu adormecera e acordei de repente com o horrível pressentimento de que meu pai se encontrava em grande e imediato perigo. Dei um pulo da cama e corri para aqui. Estava escuro como breu, mas, quando abri a porta, reconheci o vulto do meu pai, de pijama, estendido no chão, ao lado do cofre, como naquela terrível primeira noite. E aí, por instantes, devo ter ficado fora de mim.

Estremeceu. Meu olhar pousou no sargento Daw, que, sem motivo, mexia no revólver. Sem largar o torniquete, falei baixinho:

— Sargento Daw, por favor, diga-nos em que o senhor atirou.

Acostumado a obedecer, o policial-detetive se refez. Olhando em volta para os empregados que ficaram, disse, pomposo, numa atitude peculiar aos representantes da lei frente a estranhos:

— O senhor não acha que deveríamos permitir que os empregados se retirassem? Aí poderemos nos aprofundar melhor no assunto.

Concordei. Os criados compreenderam a insinuação e recuaram, ainda que com alguma relutância. O último fechou a porta ao sair.

O detetive prosseguiu logo:

— Vou expor minhas impressões antes de iniciar o relatório de minhas atividades.

Seu comportamento deixava claramente perceber que sabia da desagradável posição em que se encontrava.

— Deitei-me meio vestido, assim como me encontro agora, e coloquei o revólver sob o travesseiro. É a última coisa de que me lembro. Quanto tempo dormi, não tenho ideia. Eu havia apagado a luz, de modo que no quarto a escuridão era completa. Pensei ter ouvido um grito, mas não tenho certeza,

porque minha cabeça estava pesada como fica alguém que não tenha dormido o suficiente e necessita voltar ao trabalho. Bom, a primeira coisa de que me lembrei foi do revólver. Peguei-o e corri para o patamar. Ouvi distintamente um grito ou muitos gritos de socorro e corri até este quarto. Não havia luz, pois a lâmpada perto da enfermeira estava apagada; a única iluminação vinha do patamar da escada. A srta. Trelawny gritava ajoelhada ao lado do pai. Pensei ter visto algo que se movia entre mim e a janela. Sem pensar, atirei, meio acordado e confuso. A coisa se movia para a direita, entre as janelas, e dei outro tiro. Aí o senhor se levantou da sua grande poltrona e com toda aquela máscara diante do rosto. Em minha condição entorpecida, entre o sono e o despertar, pareceu-me, e sei que tomará em consideração, que o senhor era “aquilo”, pois se encontrava na mesma direção que a coisa sobre a qual eu atirara. E é por esse motivo que quase atirei outra vez, antes que o senhor tivesse retirado a máscara.

Perguntei, assumindo o controle da situação:

— O senhor chegou a dizer que pensou que eu era a coisa na qual atirou.

Que coisa?

O homem coçou a cabeça sem saber direito o que responder.

— Vejamos, como era, então? — insisti.

Sua voz soou bem baixa:

— Não sei, senhor. Pensei que fosse algo. Mas o quê, e com que se parecia, não tenho a menor noção. Presumo que tenha acontecido porque pensei no revólver um pouco antes de me deitar e quando entrei aqui não estava completamente senhor de mim, o que faço votos para que o senhor leve em consideração futuramente.

Com essas desculpas, agarrou-se como a uma tábua de salvação. Eu não desejava que ele se voltasse contra nós; pelo contrário, eu o queria do nosso lado. Além do mais, pairava sobre mim a sombra de minha própria falha. Falei, por isso, com a maior cordialidade:

— Exatamente, sargento. O senhor agiu corretamente no primeiro impulso. Não é possível esperar que o senhor, meio acordado ainda e talvez também sob o efeito da influência que me fez adormecer e deixou a enfermeira Kennedy nesse transe cataleptico, parasse e considerasse cuidadosamente o estado das coisas. Enquanto estamos com a ocorrência fresca na mente, é bom que nos

certifiquemos onde o senhor se encontrava e onde eu estava sentado. Precisamos verificar o lugar onde penetraram as balas.

A perspectiva de uma solução imediata e do uso de sua habilidade logo o animou. Parecia outra pessoa ao se pôr ao trabalho. Pedi à sra. Grant que segurasse o torniquete do curativo e me dirigi para o mesmo lugar onde ele estivera e para o local onde atirara no escuro. Quando ele me mostrou onde se encontrava na hora de puxar o revólver do coldre para atirar, tive que reconhecer que a sua mente trabalhava com precisão mecânica. A poltrona da qual eu me levantara continuava no mesmo lugar. Então, pedi-lhe que mirasse com a própria mão, a fim de que eu pudesse seguir a trajetória da bala. Atrás da minha poltrona, um pouco virado de lado, havia um armário alto, em marchetaria, com a porta de vidro estilhaçada.

— Essa foi a direção do seu primeiro ou do seu segundo tiro? — perguntei.

Prontamente veio a resposta:

— Do segundo. O primeiro foi para o outro lado.

Virou-se um pouco para a esquerda, mais para o lado da parede, do lado do grande cofre, e apontou. Segui a direção de seu braço e fui até a mesa baixa, sobre a qual, entre outras raridades, estava também a múmia do gato que havia irritado Silvio. Peguei uma vela e pude imaginar perfeitamente o caminho tomado pela bala. Ela quebrara um pequeno vaso de vidro e um frasco ornamental de basalto preto, com preciosas inscrições em hieróglifos, cujas linhas foram completadas com fino pó verde e depois polidas. O impacto da bala contra a parede a achatou e ela se encontrava sobre a mesa.

A seguir, fui até o armário com o vidro quebrado, que servia para guardar as raridades antigas. Lá se via um grande número de escaravinhos de ouro, ágata, jaspe verde, ametista, lápis-lazúli, opala, granito e porcelana verde-azulada. Por sorte, essas coisas escaparam intactas. A bala atravessara a parede detrás do armário, mas o estrago não foi maior, a não ser pelo vaso de vidro. Chamou-me a atenção a estranha arrumação das peças no armário.

Todos os escaravinhos, anéis, amuletos e semelhantes foram agrupados de maneira irregular e oval, em torno de uma miniatura de um deus com cabeça de águia, trabalhado em ouro, coroado por um disco adornado de penas. No momento eu não dispunha de tempo para mais detalhes, pois tinha que dar atenção a circunstâncias mais urgentes. Em outra oportunidade, todavia, eu

gostaria de verificar tudo muito bem. Fiquei mesmo bastante surpreso que os estranhos odores orientais emanassem, em parte, dessas raridades. Através do vidro partido vinha ainda um aroma de especiarias e de resina, mais forte do que dos outros objetos encontrados no quarto.

Tudo isso levou apenas poucos minutos. Fiquei muito surpreso quando meus olhos observaram a clara luz do dia através das frestas entre as escuras persianas e a moldura das janelas. Ao me aproximar do sofá, retomei das mãos da sra. Grant o torniquete, e ela se dirigiu para a janela a fim de suspender as persianas.

Nada havia mais sinistro do que esse quarto na cinza luz do amanhecer. Como todas as janelas se voltavam para o norte, a luz incidente era de uma cor cinza inalterável, sem a rósea promessa da aurora. A luz elétrica deixava o ambiente da mesma forma, turvo e penetrante, e todas as sombras eram realçadas com dura intensidade. Nada havia do frescor matinal nem da suavidade noturna. Tudo tinha aparência dura, fria e indescritivelmente melancólica. O semblante do inconsciente no sofá era de um amarelo doentio bastante sinistro, enquanto o rosto da enfermeira tomara-se de um brilho esverdeado refletido pelo abajur ao lado. Apenas as faces da srta. Trelawny apresentavam-se brancas, tão brancas que me doeu o coração. Dava a impressão de que nada neste mundo de Deus seria capaz de devolver-lhe a cor da vida e da felicidade.

A chegada do dr. Winchester, ofegante de tanto correr, foi para nós um grande alívio.

— Alguém será capaz de me explicar como aconteceu esse ferimento?

Todos meneamos a cabeça negativamente e ele se pôs imediatamente ao trabalho. Lançou um ligeiro olhar para a enfermeira Kennedy, que continuava sentada imóvel, e curvou-se novamente, com a testa franzida, sobre o doente. Somente depois que estancou o sangue das artérias e tratou das feridas fez uma pergunta:

— O que aconteceu com a enfermeira Kennedy?

A srta. Trelawny respondeu sem titubear:

— Não sei. Quando entrei aqui, às três e meia da madrugada, ela já se encontrava nesse estado. Nem tocamos nela. Até agora também não acordou, nem mesmo com os tiros disparados pelo sargento Daw.

— Tiros de revólver? Já encontraram motivo para esse novo incidente?

Como ninguém se manifestou, respondi:

— Não pudemos descobrir nada. Eu estava de vigília com a enfermeira Kennedy. Já antes, à noitinha, tive a sensação de que os odores da múmia me tornaram sonolento. Por isso saí e comprei uma máscara de oxigênio, que coloquei assim que iniciei minha guarda. Não me impediu, contudo, de adormecer. Ao despertar, o quarto estava cheio de gente, como a srta. Trelawny, o sargento Daw e os empregados da casa. A enfermeira estava sentada na poltrona como a vira anteriormente. O sargento Daw, ainda nem bem acordado e que se sentia sob a influência do mesmo cheiro assim como todos nós, pensou ter visto algo se mexendo na escuridão e deu dois tiros. E quando eu, por minha vez, me levantei ainda com a máscara no rosto, ele pensou que eu fosse o responsável pelo alvoroço. Dispunha-se a atirar de novo quando, mas, felizmente, me dei a conhecer. O sr. Trelawny jazia perto do cofre como ontem à noite e sangrava profusamente do ferimento de seu braço. Nós o levantamos, o deitamos no sofá e improvisamos um torniquete. Isso é literalmente tudo o que sabemos até agora. Não tocamos na faca que estava ao lado da poça de sangue. Olhe, veja só. — Fui até lá e peguei-a. — A ponta está vermelha de sangue seco.

O dr. Winchester ficou de pé durante algum tempo antes de dizer:

— Então os acontecimentos desta noite são tão misteriosos quanto os da noite passada?

— Correto — retorqui.

Ele nada respondeu, mas se virou para a srta. Trelawny.

— Deveríamos levar a enfermeira Kennedy para outro aposento, desde que não se oponha, é claro.

— Não, de modo algum — respondeu ela. — Por favor, sra. Grant, cuide para que o quarto da enfermeira Kennedy esteja arrumado. Dois empregados devem vir até aqui para transportá-la.

A sra. Grant saiu, voltando após alguns minutos.

— O quarto está pronto e os homens já vieram.

Convidou os empregados a entrarem, eles ergueram da poltrona o corpo rígido da enfermeira sob as vistas do médico e a levaram para fora. A srta. Trelawny ficou comigo no quarto do doente enquanto a sra. Grant e o médico foram até o aposento da enfermeira. Logo que ficamos sozinhos, a srta. Trelawny veio até mim e falou, segurando minha mão:

— Espero que esqueça o que eu disse. Não era minha intenção magoá-lo, eu estava fora de mim.

Não respondi, mas segurei suas mãos e as beijei. Existem várias maneiras de beijar as mãos de uma dama. O modo como fiz era a pura manifestação de deferência e respeito, e também assim foi interpretado meu gesto, como era de esperar da parte da srta. Trelawny, uma verdadeira dama refinada e bem-educada. Aproximei-me do sofá e olhei para o inconsciente. Nos últimos minutos aumentara o crepúsculo e clareava o dia. Enquanto eu fitava aquele rosto severo, frio e sério, branco como mármore, na luz mortiça, tive um novo pressentimento de que, por trás do ocorrido nas últimas 26 horas, deveria haver um profundo mistério.

Essas espessas sobrancelhas abrigavam um importante propósito; a testa alta e larga escondia um pensamento inventivo que o largo queixo e o maxilar maciço ajudavam a realizar. Durante o tempo em que eu o fitava e me fazia essas perguntas, sobreveio-me outra vez uma fase de pensamentos fugidios, como eu tivera na noite passada antes de adormecer. Rejeitei-os e agarrei-me fortemente ao presente. Isso se tornou mais fácil quando a srta. Trelawny se aproximou de mim e encostou a testa no meu ombro, começando a chorar baixinho. Despertou em mim um instinto protetor masculino que entrou em ação. Palavras tinham pouco significado, pois não expressavam os pensamentos, e ainda assim nos compreendíamos muito bem. Não se mexeu quando coloquei meu braço em volta de seus ombros, como eu fazia há muito tempo com minha irmãzinha, que, em suas preocupações infantis, gostava de ser consolada pelo irmão mais velho. Porém, esse gesto ou atitude, que deveria agir como proteção, reforçou meu propósito e parecia ao mesmo tempo varrer da minha cabeça os pensamentos errantes, ociosos e sonhadores. Ao ouvir os passos do dr. Winchester, instintivamente retirei meu braço.

O médico entrou e inspecionou o paciente antes de falar. Mas, finalmente, disse:

— Existe uma grande semelhança entre o sono de seu pai e o da enfermeira Kennedy. Qual a influência? Que coisa pode ter agido do mesmo modo em ambas as instâncias? No caso da enfermeira, o coma é menos profundo. Não consigo deixar de ter a sensação de que poderemos fazer mais por ela e com maior rapidez do que pelo paciente, porque no caso dela as nossas mãos não estão atadas. Eu a

deitei na correnteza e ela já está dando sinais fracos de que é um simples desmaio. A rigidez dos membros já diminui, a pele parece-me sensível, ou, melhor dizendo, menos insensível contra a dor.

— Como o sr. Trelawny pode continuar nesse estado de insensibilidade, quando até agora seu corpo não apresenta essa rigidez? — perguntei.

— Não posso dar nenhuma resposta a essa pergunta. Talvez possamos solucionar esse problema em algumas horas. Ou em alguns dias. Isso nos será uma lição útil para fazer diagnósticos. Talvez para muitos dos que vierem depois de nós, quem sabe? — explicou ele, com genuíno entusiasmo.

No decurso da manhã ele correu o tempo todo de um quarto para outro, cuidando com muito zelo dos dois pacientes. Deixou a sra. Grant junto da enfermeira Kennedy, enquanto a srta. Trelawny e eu, quase sempre juntos, ficávamos com o ferido. Assim mesmo tivemos tempo para tomar um banho e trocar de roupa. Enquanto tomávamos o café da manhã, o dr. Winchester e a sra. Grant ficaram com o sr. Trelawny.

O sargento Daw foi para a Scotland Yard a fim de fazer um relatório sobre os acontecimentos noturnos e, depois, dirigiu-se ao distrito policial para poder garantir a colaboração de seu colega Wright no caso, como fora combinado com Dolan. Na volta do sargento, tive a sensação de que levava um sermão por ter atirado no quarto do doente ou por tê-lo feito sem motivo aparente. Suas correspondentes observações esclareceram o assunto:

— Um bom caráter ainda tem o seu valor, digam os outros o que quiserem. Veja só, continuo com licença de portar minha arma de serviço.

Esse dia deveria se arrastar e trazer muita ansiedade.

Lá pela noitinha, o estado da enfermeira Kennedy melhorara bastante, tendo desaparecido a rigidez dos membros. Sua respiração era calma e regular, porém a expressão fixa de seu rosto, que antes deixava transparecer serenidade, dava sinais visíveis de sono profundo. O dr. Winchester trouxe mais duas enfermeiras, ficando uma com a srta. Kennedy e a outra se revezando com a srta. Trelawny, que fizera questão de se manter acordada. Como preparativo para a vigília ela havia dormido à tarde durante algumas horas. Todos deliberamos e concordamos na maneira como deveria ser feita a vigília junto ao paciente. A sra. Grant ficaria com ele até a meia-noite, sendo rendida pela srta. Trelawny. A nova enfermeira ficaria no quarto da srta. Trelawny, e de 15 em 15 minutos daria uma

olhada no quarto do doente. O médico ficaria até a meia-noite, quando então eu o substituiria. Um dos detetives ficou incumbido de passar a noite toda ao alcance do quarto e de verificar, a intervalos regulares, se tudo estava em ordem. Dessa forma, os vigilantes ficariam acordados e seria afastada a possibilidade de que os acontecimentos da noite anterior se repetissem.

Quando o sol se pôs, fomos todos tomados por uma estranha e profunda intranquilidade. E cada um se preparou a seu modo para a vigília. Minha máscara não saía da cabeça do dr. Winchester, que disse ter vontade de arrumar uma também. Mostrava-se tão entusiasmado a favor da ideia que convenci a srta. Trelawny a arranjar uma que poderia usar quando chegasse a sua vez de vigiar.

E assim se arrastou a noite.

Capítulo 5

NOVAS E ESTRANHAS INSTRUÇÕES

Às 22h30, deixei meu quarto e encontrei tudo normal no aposento do doente. A nova enfermeira mantinha-se ereta e atenta na poltrona perto da cama, na qual se sentara a enfermeira Kennedy na noite anterior. Um pouco além, entre a cama e o cofre, estava o dr. Winchester, acordado e também atento, porém estranho e quase cômico com a máscara sobre a boca e o nariz. Enquanto fiquei na porta olhando a cena, ouvi um ruído baixo. Virando-me, me deparei com o novo detetive, que, com o dedo nos lábios, pedia silêncio. Cumprimentou-me e logo recuou. Até aquela hora ninguém havia sido dominado pelo sono.

Sentei-me numa poltrona em frente à porta. Não queria me expor ao risco de cair sob a mesma influência traiçoeira como na noite passada. É claro que meus pensamentos estavam dirigidos para os mais importantes acontecimentos do dia e da noite anteriores, e surpreendi-me a matutar sobre as estranhas deduções, dúvidas e suposições. No entanto, não me perdi como antes em pensamentos fugidios. Jamais deixei de ter a sensação de uma presença e sentia-me da mesma forma que um guarda deve se sentir quando está de vigia. O simples pensar é um processo lento, mas, tratando-se de uma reflexão séria, o tempo se escoava com rapidez. Pareceu-me que apenas uns minutos haviam se passado quando escancararam a porta entreaberta e o dr. Winchester saiu retirando a máscara. A

maneira como isso foi feito denotava que estava bem acordado. Ao tirar a máscara, virou-a para cheirá-la com força.

— Vou-me embora agora — disse ele. — Volto amanhã de manhã, a menos que me chamem antes. Mas hoje tudo parece em ordem.

Logo apareceu o sargento Daw, que entrou no quarto sem fazer barulho e tomou o assento do doutor. Ainda fiquei do lado de fora, mas dei uma olhada no quarto depois de passados uns poucos minutos. Foi somente por formalidade, porque não adiantava nada, visto que lá dentro estava tão escuro que mal se podia enxergar alguma coisa, apesar da luz proveniente do corredor fracamente iluminado.

Um pouco antes da meia-noite, a srta. Trelawny saiu do quarto. Antes de entrar no do pai, foi ao da enfermeira Kennedy. Depois de pouco tempo, saiu de novo com uma fisionomia bem mais confiante, pelo menos foi o que me pareceu. Trazia a máscara na mão. Antes de usá-la, perguntou-me se houvera algo fora do comum. Respondi-lhe sussurrando, pois nesta casa hoje não se pronunciava nenhuma palavra em voz alta, que tudo estava certo e em ordem. Então, ela colocou sua máscara, e eu, a minha, e penetramos no aposento. O detetive e a enfermeira se levantaram para que tomássemos seus lugares. O sargento Daw saiu por último. Como se tivesse combinado, fechou a porta atrás de si.

Por instantes fiquei sentado quieto, com o coração batendo forte. A escuridão era quase completa. A única luz fraca dirigida para o teto, que tingia de verde a beirada da cúpula, dava a impressão de aumentar o negror das sombras, que, como na noite anterior, pareciam despertar para a própria vontade. Não sentia sono algum, e cada vez que me chegava à cama do doente, com um intervalo talvez de dez minutos, percebia que a srta. Trelawny também estava acordada. De 15 em 15 minutos, um dos policiais dava uma olhada pela porta aberta com cuidado. E a cada vez a srta. Trelawny e eu dizíamos, sem tirar as nossas máscaras, “tudo em ordem”, e a porta era fechada de novo.

Com o passar das horas, tive a impressão de que aumentavam a escuridão e a quietude. O círculo de luz no teto ainda podia ser visto, porém com menor intensidade do que antes, e também o verde da cúpula parecia desbotado. Os ruídos noturnos de fora da casa e as claras bordas ao longo das janelas tornavam o negrume mais misterioso e solene. Ouvimos o relógio do corredor bater todos os quartos de hora até as duas. Nesse momento, fui tomado por uma estranha

sensação. A srta. Trelawny se virou e me fez saber que também sentia algo. O novo detetive acabara de dar uma olhada. Ambos ficamos sozinhos com o paciente inconsciente durante mais um quarto de hora.

Meu coração batia apressado e senti medo. Não propriamente por mim; meu medo era impessoal. Era como se uma nova pessoa tivesse entrado no aposento e houvesse uma força inteligente bem perto de mim. Algo roçou minhas pernas. Estendi a mão e agarrei Silvio por seus pelos. Com um fraco e distante bufar, o animal se virou e me arranhou. Senti que sangrava na mão. A srta. Trelawny também se levantara e olhava em volta, como se alguma coisa estivesse perto dela. Seu olhar demonstrava excitação e seu peito arfava, como se tivesse dificuldade em respirar. Quando a toquei, pareceu não se dar conta. Suspendeu os braços como se quisesse desviar algo.

Tivemos que agir rápido. Agarrei-a pelo braço, corri com ela para a porta que abri, e saímos para o corredor enquanto eu gritava:

— Socorro! Socorro!

Imediatamente, os dois detetives, a sra. Grant e as enfermeiras apareceram. Em seus calcanhares vieram alguns dos empregados, tanto homens quanto mulheres. Entreguei a srta. Trelawny à sra. Grant e voltei correndo para o quarto do doente, acendendo a luz assim que descobri onde ficava o interruptor. O sargento Daw e as enfermeiras me seguiram. Tudo aconteceu com a rapidez de um raio.

Ao lado do cofre jazia o sr. Trelawny, exatamente como nas duas noites anteriores, com o braço estendido, nu até as ataduras. A seu lado, bem perto, estava uma faca egípcia, de feitio achatado, que eu vira com as peças antigas no armário com as portas de vidro quebradas. A ponta da faca estava incrustada no assoalho, do qual já havíamos removido o tapete ensanguentado. Em nenhum lugar havia marcas que demonstrassem ter acontecido algo fora do comum. Dei uma busca meticulosa pelo quarto com a ajuda do policial, enquanto as enfermeiras e dois dos empregados colocavam o ferido de volta na cama. Não conseguimos encontrar pista alguma nem o menor indício. Imediatamente depois, a srta. Trelawny apareceu no aposento, pálida, porém controlada. Chegou perto de mim e falou bem baixinho:

— Eu estava prestes a desmaiar. Não sei bem por quê, mas senti medo.

O choque seguinte foi meu quando, ao me aproximar da cama para me inclinar sobre seu pai, ela gritou:

— Mas o senhor está ferido! Veja, olhe só, a sua mão está sangrando. Há sangue sobre a coberta.

Na comoção do que acontecera, eu me havia esquecido por completo do arranhão de Silvio, mas agora lembrei, e, antes que eu pudesse dizer uma palavra, a srta. Trelawny pegou minha mão e a suspendeu. Quando percebeu os arranhões paralelos, exclamou:

— As mesmas marcas de ferida do meu pai.

Soltou minha mão e, dirigindo-se a mim e ao sargento Daw, falou:

— Venham comigo até meu quarto. Silvio está deitado na cestinha.

Fomos atrás dela e encontramos o animal sentado e lambendo as patas.

Disse o detetive:

— Ele está aí mesmo, confere. Mas por que ele lambe as patas?

Margaret, a srta. Trelawny, gemeu quando se debruçou sobre uma das patas dianteiras, tomando-as nas mãos. Tal atitude não foi do agrado do gato, que bufou.

A sra. Grant entrou e, ao reparar que todos fitávamos o bichano, falou:

— Agora mesmo a enfermeira me disse que Silvio dormiu na cama da enfermeira Kennedy desde que a senhora foi para o quarto do seu pai, até há poucos instantes. Ela contou também que a enfermeira Kennedy falou e gemeu durante o sono como se estivesse tendo um pesadelo. Talvez fosse bom chamar o dr. Winchester.

— Sim, por favor, faça-o logo — respondeu a srta. Trelawny, e voltamos para o quarto do doente.

A srta. Trelawny ficou ali a olhar o pai com o cenho franzido e se virou para mim, como se tivesse chegado a uma decisão.

— O senhor não acha que devemos pedir uma junta médica? Naturalmente, tenho a maior confiança no dr. Winchester; ele me parece um jovem muito inteligente. Mas é ainda novo e com pouca experiência. Deve haver médicos que se dediquem exclusivamente a essa especialidade. Tal capacidade deve se basear sobre maiores conhecimentos e experiência, e esse conhecimento e essa experiência talvez ajudem a lançar um pouco de luz no caso de meu pobre pai.

Está me parecendo que o dr. Winchester tateia no escuro. Estou perplexa. Tudo é tão horrível...

Perdeu o controle e começou a chorar. Tentei confortá-la.

O dr. Winchester não demorou a chegar. Seu primeiro pensamento foi, é óbvio, para o paciente. Quando se convenceu de que nada mais acontecera, foi ver a enfermeira Kennedy. O que lá viu o encheu de satisfação. Molhou a ponta de uma toalha em água fria e borrifou o rosto dela. A pele ficou rosada e a enfermeira se mexeu. Em voz baixa, falou para a outra enfermeira, cujo nome era Dóris.

— Ela está indo bem. Deve acordar no mínimo dentro de algumas horas. Talvez no início fique um pouco intrigada e confusa, ou mesmo histérica. Caso isso aconteça, a senhora já sabe o que fazer.

— Sim, doutor — retrucou Dóris respeitosamente.

Saímos e voltamos ao quarto do sr. Trelawny. À nossa entrada, a sra. Grant e a enfermeira se retiraram, de modo que apenas o dr. Winchester, a srta. Trelawny e eu permanecemos. Assim que a porta foi fechada, o dr. Winchester me perguntou o que realmente havia se passado. Fiz um relatório, contando todas as particularidades, até onde alcançava minha lembrança. Interrompia-me sempre com perguntas que não me pareceram importantes. Ao fim, ele falou com a maior deferência para a srta. Trelawny:

— Srta. Trelawny, penso que devemos fazer uma junta médica.

A resposta dela veio sem hesitação, o que o fez ficar espantado:

— Estou satisfeita de que tenha feito tal sugestão. Concordo plenamente. E quem o senhor propõe?

— A senhora tem alguém em mente? — perguntou ele. — Alguma pessoa conhecida de seu pai? Ele alguma vez consultou um médico?

— Que eu saiba, não. Mas certamente o senhor fará a melhor escolha. Meu querido pai precisa de ajuda no que for preciso. Qual é o melhor homem em Londres, mas o melhor mesmo, para um caso como esse?

— Existem alguns muito bons. Certamente estão espalhados pelo mundo inteiro. Para ser um especialista genial em doenças do cérebro, é necessário que se nasça com o dom. Isso não se adquire, embora seja um trabalho bastante árduo antes que a educação esteja terminada e se possa iniciar a prática. Esses peritos vêm de todos os cantos do mundo. O mais arrojado deles até agora é Chiuni, o japonês. Ele, contudo, é mais um cirurgião que se dedica à pesquisa do que um

clínico propriamente dito. Há ainda Zammerfest, de Upsala, da Suécia, Fenelon, da Universidade de Paris, e também Morfessi, de Nápoles, na Itália. Também há os daqui, como Morrison, de Aberdeen, e Richardson, de Birmingham. Mas acima deles todos coloco Frere, do King's College. Ele é o único dos mencionados que une melhor a teoria à prática. Dedicou-se completamente à profissão e tem uma enorme experiência. Nós todos, que o admiramos, sentimos que seus bons nervos e sua mão segura estejam sendo uma vítima do tempo. Quanto a mim, eu preferiria ter Frere aqui do que qualquer outro.

— Chamemos, então, o dr. Frere — decidiu, com energia. — Ele deve vir o mais rápido possível. De mais a mais, ele é doutor ou senhor?

Foi como se alguém tivesse tirado um enorme peso de cima do jovem médico, que falou mais calmo e controlado:

— Nem uma coisa nem outra, mas *sir* James Frere. Vou pessoalmente lhe pedir que venha. — E, virando-se para mim, acrescentou: — Deixe que enfaixem a sua ferida.

— Ora, isso não é nada importante.

— A ferida precisa de cuidados. Cada arranhão feito por gato pode ser perigoso. Seguro morreu de velho.

Cedi, e ele foi logo examinando o ferimento. Com uma lente de aumento, verificou os arranhões paralelos e os comparou com a amostra do mata-borrão que tirou do bolso. Tornou a colocar o papel no lugar com a simples observação:

— É uma lástima que Silvio sempre esteja dando as suas escapadas furtivas quando não deve.

A manhã se arrastou. Às dez horas a enfermeira Kennedy já estava praticamente refeita, tanto que pôde se sentar e conversar de forma inteligível. Sua mente, porém, ainda se mostrava confusa. Também não conseguia lembrar o que acontecera na noite anterior depois que tomou seu lugar junto à cama do doente. Não sabia e parecia indiferente.

Um pouco antes das 11 chegou o dr. Winchester acompanhado de *sir* James Frere. Ao vê-los no vestibulo, meu coração esmoreceu. Eu sabia perfeitamente que a dor da srta. Trelawny seria renovada por um estranho que estaria diante dela, pois teria novamente que reconhecer que nada sabia sobre a vida do pai.

James Frere era um homem que chamava a atenção e que logo todos respeitavam. Sabia tão bem e exatamente o que queria que deixava de lado desejos

e ideias de outras pessoas menos decisivas. Só o brilho de seus olhos penetrantes, a compressão de sua boca firme ou o franzir de suas sobrancelhas cerradas era o suficiente para fazer com que todos obedecessem de boa vontade a seus desejos. De qualquer modo, todo o mistério pareceu se desfazer após terem sido feitas as apresentações, e ele ficou entre nós. Cheio de esperança, vi quando ele entrou no aposento do doente com o dr. Winchester.

Lá eles ficaram bastante tempo. Uma vez chamaram a enfermeira Dóris, que permaneceu apenas um instante. Dirigiram-se depois ao quarto da enfermeira Kennedy, fazendo sair a enfermeira que vigiava. Depois disso, o dr. Winchester me informou que Kennedy, apesar de nada saber a respeito dos acontecimentos posteriores, teve condições de responder perfeita e satisfatoriamente às perguntas do sr. Frere concernentes a seu paciente, pelo menos até o momento de ficar inconsciente. Então os dois foram para o escritório, onde confabularam longamente. A troca acalorada de palavras dava a impressão de estarem em total desacordo, de tal maneira que eu já começava a me inquietar. No tocante à srta. Trelawny, havia chegado à beira de um esgotamento nervoso antes de os dois saírem do escritório. Pobre moça! Tinha passado por tanta coisa penosa e agora estava com os nervos à flor da pele.

Finalmente a discussão terminou. *Sir* James foi o primeiro a sair. A expressão séria de seu rosto era tão impenetrável quanto a de uma esfinge. O dr. Winchester veio logo a seguir. Estava pálido, de uma palidez proveniente de reação. Imaginei que seu rosto estivesse vermelho. *Sir* James convidou a srta. Trelawny a entrar no escritório e sugeriu que eu fizesse o mesmo. Entramos, ele se virou para mim e disse:

— Se compreendi bem o dr. Winchester, o senhor é amigo da srta. Trelawny e está completamente a par da situação. Sua presença é de grande valia. Sr. Ross, sei que é um advogado sagaz, mas com quem ainda não tive o prazer de travar conhecimento. O dr. Winchester me informou que este caso vem acompanhado de circunstâncias extraordinárias e inúmeras charadas, tanto para ele quanto para os outros, extremamente interessantes, principalmente para o senhor, que conhece tudo de trás para a frente. No que concerne a mim, as charadas não me preocupam muito, exceto no que se refere à científica. Parece-me tratar-se de uma tentativa de assassinato ou de roubo, e só tenho a dizer o seguinte: se for caso de assassinato, antes de nova tentativa, o assassino deveria tomar algumas lições

básicas de anatomia, porque sua ignorância clama aos céus. Porém, se o objetivo é o roubo, o trabalho também foi malfeito. Mas, como eu disse, isso não é da minha conta.

Nesse momento tomou uma dose de rapé e virou-se para a srta. Trelawny:

— Agora, quanto ao paciente... Deixando por enquanto de lado o motivo de sua situação, só posso dizer no presente momento que ele se encontra em estado cataléptico e que, neste instante, nada pode ser feito por ele, a não ser, no máximo, conservar-lhe as forças. Estou de pleno acordo com o tratamento adotado pelo meu amigo Winchester. Caso haja uma ligeira mudança no estado do paciente, ele poderá controlar satisfatoriamente a situação, tenho plena certeza. É, trata-se aqui de um caso interessantíssimo. Se houver algo de novo ou de anormal, terei grande prazer em vir logo. Mas ainda há um ponto ao qual eu gostaria que desse atenção e conto com a sua colaboração, srta. Trelawny, já que faz parte de sua responsabilidade. O dr. Winchester me disse que a senhorita não se considera livre para dar ordens e, havendo necessidade de dá-las, que está presa às instruções de seu pai. Eu a aconselharia veementemente a colocar seu pai em outro quarto ou, como alternativa, a afastar as múmias pavorosas e todas essas coisas do quarto dele. A coleção dessas coisas horrorosas e os odores que delas emanam são suficientes para transtornar qualquer pessoa, mesmo que esteja em seu estado normal. Existem inúmeras provas de como podem agir esses odores. Esta enfermeira (não disse a senhorita chamar-se Kennedy?) ainda não está completamente refeita de sua rigidez. E o senhor, sr. Ross, ouvi dizer que também chegou a sentir um pouco dessa força. Só sei que — suas sobrancelhas se juntaram ainda mais e sua boca endureceu — se eu tivesse voz ativa aqui, levaria o paciente para outro ambiente. Ou não terei condições de pegar o caso. O dr. Winchester sabe perfeitamente que só poderá me chamar quando for preenchida essa exigência. Espero que para a senhorita, como boa filha, o bem-estar de seu pai lhe seja mais importante do que seus caprichos, provenientes de certa angústia ou de segredos amedrontadores. Ainda não chegou o dia, e isso posso afirmar com alegria, em que o Museu Britânico e o St. Thomas Hospital possam trocar de função. Boa tarde, srta. Trelawny. Espero rever seu pai em breve, completamente restabelecido. E lembre-se: preencha minha exigência e poderei ficar dia e noite à sua disposição. Boa tarde, sr. Ross. Faço votos para que, dentro em pouco, o senhor possa me chamar, dr. Winchester.

Após a saída de *sir* James, ficamos parados, sem dizer palavra, até que não se ouviu mais o barulho das rodas de sua carruagem. O dr. Winchester foi o primeiro a encontrar a voz.

— Preciso dizer que, do ponto de vista médico, ele está com toda a razão. É evidente que, ao fazer sua exigência, tive vontade de agredi-lo. Mas, no que diz respeito ao tratamento, ele está absolutamente certo. O que ele não aceita neste caso especial está subordinado a circunstâncias estranhas. E ele não quer entender que o sr. Trelawny praticamente nos deixou de mãos atadas com as suas instruções...

Nesse momento, a srta. Trelawny o interrompeu:

— Dr. Winchester, o senhor também quer largar o caso, ou, diante das condições existentes, deseja continuar?

— Largar? Nem pense nisso. Srta. Trelawny, eu jamais o abandonaria enquanto o doente ou um de nós estiver vivo.

Ela não respondeu, mas lhe estendeu a mão, que ele apertou calorosamente.

— Se *sir* James Frere é um discípulo da seita de especialistas, jamais pedirei conselho a alguém desse tipo. Pareceu-me que, com relação à situação de meu pai, ele sabe tanto quanto o senhor. Se ele tivesse a milésima parte de seu interesse, não teria insistido tanto sobre esse único ponto. É óbvio que estou muito preocupada com meu pobre pai, e, assim que encontrar um meio e a maneira de satisfazer à exigência de *sir* James, eu o farei. Hoje pretendo chamar o sr. Marvin. Ele pode me aconselhar em relação aos desejos de meu pai e até que ponto posso ultrapassá-los. Se ele for de opinião que devo ir adiante, sob minha própria responsabilidade, e fazer o que acho correto, não hesitarei em agir.

Logo após, o dr. Winchester se despediu.

A srta. Trelawny se sentou e escreveu uma carta para o sr. Marvin, na qual lhe dava ciência do estado em que se encontravam as coisas e lhe pedia que levasse alguns papéis que eventualmente pudessem esclarecer o caso. A carta foi enviada por uma carruagem, pois era provável que o causídico fosse necessitar dela. E, armando-nos de quanta paciência foi possível, ficamos à espera.

A distância do Kensington Palace Gardens até o Lincoln's Inn Fields é curta quando a própria pessoa faz o percurso. Mas quando se espera a volta de alguém, cheio de impaciência, se torna interminável. Cada coisa no seu devido tempo. Em tudo e por tudo, apenas uma meia hora se passou até a chegada do sr. Marvin.

Ele sentiu a impaciência da srta. Trelawny e disse, após ter perguntado detalhes sobre a doença do pai:

— Posso repassar com a senhorita as particularidades dos desejos de seu pai, se estiver pronta.

— Como quiser — disse ela, não percebendo o significado de suas palavras.

— Por que não agora?

Ele olhou para mim como se fosse outro colega e gaguejou:

— Mas... não estamos sozinhos.

— Eu trouxe o sr. Ross comigo de propósito — respondeu ela. — Ele já sabe tanto que sou de opinião que deve saber mais.

O advogado ficou momentaneamente sem fala, o que para mim foi difícil acreditar, eu que só o conhecia do tribunal. Hesitante, ele revidou:

— Mas, minha cara jovem, e os desejos de seu pai? A confiança entre pai e filha?

Ela o interrompeu, corando ligeiramente:

— O senhor acha realmente que isso seja de tão grande importância nas atuais circunstâncias, sr. Marvin? Meu pai jamais me pôs a par de seus negócios, e agora eu também, neste momento de tanta preocupação, só vou conseguir levar a cabo as suas vontades por intermédio de uma pessoa estranha para mim e da qual tive conhecimento unicamente por uma carta, a ser aberta em caso de emergência. O sr. Ross é um novo amigo, mas que tem toda a minha confiança. Eu gostaria que ele ficasse a par de tudo, a não ser que isso seja vetado por meu pai. Perdoe-me, sr. Marvin, se eu lhe pareço um pouco brusca. Mas tenho estado ultimamente sob tão grande tensão que quase não consigo me controlar.

Cobriu os olhos com uma das mãos. Nós, homens, nos entreolhamos e ficamos esperando. Quando ela continuou, já estava controlada:

— Por favor, por favor, o senhor não deve pensar que não lhe sou grata pela sua boa vontade em ter vindo logo. Eu lhe sou muito agradecida e tenho a mais alta confiança em sua opinião. Se preferir e achar por bem, poderemos conversar sozinhos.

Levantei-me, mas o sr. Marvin esboçou um gesto de protesto. Pareceu ter gostado da atitude da jovem, e suas palavras soaram cordiais e sinceras quando disse:

— De modo algum! Da parte de seu pai não existe nenhum empecilho, tampouco da minha. Em todo caso, pode até ser mais conveniente. Tendo em vista a doença do sr. Trelawny e as estranhas circunstâncias que a acompanham, seria aconselhável, caso as coisas se agravem, observar que desde o início a situação estava ligada às ordens de seu pai, pois é preciso que se compreenda que suas instruções são mandatórias. São tão imutáveis que tenho plenos poderes para supervisionar a execução delas. Por favor, acredite de uma vez por todas que tudo o que ele escreveu na carta era a sua vontade. Enquanto estiver vivo, ele deverá permanecer em seu quarto, do qual, sob hipótese alguma, não poderá ser retirada qualquer peça. Ele chegou a me dar a posição de cada objeto que não deveria ser retirado.

A srta. Trelawny ficou silenciosa. Parecia deprimida, e eu, que julgava conhecer o motivo, perguntei:

— Podemos ver a disposição dos objetos?

A fisionomia da srta. Trelawny se aclarou e ensombreou de novo no momento em que o advogado, sem demora, e visivelmente preparado para essa pergunta, respondeu:

— Não antes que eu, baseado nos plenos poderes gerais, comece o trabalho. Eu trouxe comigo este documento, sr. Ross — e entregou-me o papel. — O senhor vai de pronto reconhecer — disse-me ele com certa convicção que eu já observara em seu trabalho — com que cuidado ele foi redigido. O cedente expressa sua vontade de tal forma e maneira que não possa haver escapatória. Excetuando algumas expressões legais, o texto é de sua própria enunciação. Posso lhes assegurar que raramente vi um documento tão contundente e bem-feito. Até eu mesmo estou impotente quanto à alteração das disposições nele existentes, pois nesse caso serei culpado de abuso de confiança. E isso está completamente fora de cogitação, não preciso enfatizar.

Essas palavras foram acrescentadas para que não se tentasse fazê-lo mudar de ideia. O tom rápido de sua voz deve ter soado de maneira desagradável aos seus próprios ouvidos.

— Espero honestamente, srta. Trelawny, que compreenda que é meu desejo sincero e irrestrito fazer tudo o que estiver ao meu alcance para diminuir as suas preocupações. Contudo, seu pai, com sua atitude, tinha uma razão bem definida, da qual não me deu ciência. Até onde eu possa ver, ele refletiu muito bem sobre

cada uma das palavras de suas instruções. Que concepção seguia, pode-se dizer que era a de toda uma vida. Meditou muito sobre cada fase possível de seu plano e estava pronto para protegê-la em todos os aspectos. Infelizmente, fui obrigado a lhe dar essa preocupação, o que me dói, pois vejo que, além de tudo, já teve que aguentar demais, demais mesmo.

O sr. Marvin destacou a página e a entregou à srta. Trelawny, que agradeceu. Trocou apertos de mão com ela e comigo e depois se retirou.

Assim que a porta se fechou atrás dele, a sra. Grant bateu na porta e entrou. Sua fisionomia tinha uma expressão de tão grande desespero que a srta. Trelawny se levantou, lívida, e perguntou:

— O que aconteceu agora, sra. Grant? O que está havendo? Alguma nova catástrofe?

— Sinto muito, senhorita, mas preciso lhe dizer que, exceto dois dos empregados, todos comunicaram que desejam ir embora ainda hoje. Eles combinaram tudo. O mordomo foi o porta-voz, dizendo que abriam mão do salário e que até estão prontos a pagar uma multa do próprio bolso, desde que possam deixar a casa ainda hoje.

— E por quê?

— Não dão motivo algum. Dizem apenas que sentem muito, sem acrescentar mais nada. Pedi explicações a Jane, a primeira camareira que não tomara parte e estava disposta a ficar. Ela me disse confidencialmente que os outros tinham metido na cabeça que a casa estava mal-assombrada.

Tivemos vontade de rir, mas não o fizemos. Eu não podia olhar para a srta. Trelawny e rir. Havia dor e também pavor em sua fisionomia, mas não medo. É provável que uma ideia lhe tivesse ocorrido e que estivesse sendo confirmada. Quanto a mim, minhas reflexões encontraram um eco. No entanto, elas não estavam bem-definidas. Por trás havia ainda outra ideia mais obscura e profunda, cuja voz até agora não se tinha feito ouvir.

Capítulo 6

FATORES DE SUSPEITA

A srta. Trelawny foi a primeira a se recompor. Seu rosto exprimia altivez e dignidade quando falou:

— Muito bem, sra. Grant, se eles assim o querem, pague-lhes o salário até o dia de hoje e, além disso, o abono de um mês. Eles me serviram com fidelidade até agora e o motivo da sarda não é banal. Não se pode esperar lealdade de quem se acha possuído pelo medo. Os que permanecerem deverão no futuro receber salário dobrado e, por favor, que me procurem quando eu os chamar.

Controlada, a sra. Grant se mostrava indignada. Como governanta da casa, estava fora de si com o tratamento generoso com os empregados que se despediam em conjunto.

— Eles não merecem isso, senhorita. Vão querer exigir sempre o mesmo tratamento nos outros empregos. Jamais em minha vida vi empregados com uma vida tão boa e serem tão bem tratados como aqui. Num palácio não teriam mais regalias. E na hora em que há um aborrecimento na casa, eles se despedem! É realmente abominável.

A srta. Trelawny acalmou a enfurecida governanta com palavras brandas, e, no fim, esta se retirou resmungando baixo contra os mal-agraçados. Já de humor bem diferente, ela voltou após algum tempo e perguntou se a patroa desejava que ela cuidasse da contratação de novo pessoal, no caso de poder ser encontrado.

— Pois a senhora sabe — continuou logo — que os empregados, uma vez com medo, dificilmente o perdem. Talvez seja possível conseguir novos empregados, mas eles também irão logo embora. Ninguém os pode segurar. Eles se despedem até quando recebem aviso prévio de um mês e se comportam de tal maneira que melhor teria sido nem tê-los admitido. As desmazeladas, as sirigaitas, já são bem ruins. Mas esses homens, esses são os piores.

A srta. Trelawny retrucou, sem sinal de irritação ou de indignação:

— Sra. Grant, acho que seria melhor nos arrumarmos com os que ficaram. Durante a doença do meu pai viveremos retraídos, de modo que será apenas necessário cuidar de três pessoas na casa. Se os que sobraram não forem suficientes, contrataremos outros. Não deve ser difícil conseguir algumas empregadas que a senhora conheça, sra. Grant. E, por favor, veja que as que vierem e quiserem ficar e valerem a pena recebam o mesmo salário das que ficaram. Sra. Grant, se bem que, naturalmente, eu não a coloque no mesmo plano que o resto do pessoal, o aumento do salário em dobro vale também para a senhora.

Com isso estendeu a mão pequena de dedos longos que a outra pegou e beijou, tomando a liberdade da mais velha para com a mais nova. Eu mesmo não pude deixar de admirar a generosidade do comportamento dela com seus empregados. A resposta a meia-voz da sra. Grant, ao retirar-se do aposento, calou fundo na minha mente:

— Não é de admirar que aqui seja como na corte de um rei, quando a própria patroa é uma princesa.

Uma princesa! Não é preciso falar mais nada. Essa impressão deu vazão à minha fantasia e lançou luz sobre a lembrança daquele momento em que a vi pela primeira vez no baile de Belgrave Square. Uma postura real! Alta, esbelta, flexível e enérgica como um lírio ou um lótus, vestida com uma roupa ondulante feita de fazenda transparente bordada a ouro. Na cabeça usava um enfeite egípcio de pedrarias, um pequeno disco de cristal em meio a uma imitação de penas recortadas feitas de lápis-lazúli. Trazia presa no pulso uma larga pulseira, um trabalho antigo em ouro, com a forma de um par de asas abertas, cujas penas eram formadas por pedras coloridas. Apesar de seu porte elegante, senti um pouco de medo ao lhe ser apresentado pela anfitriã. Mais tarde, durante o passeio de barco

no rio, conheci a sua natureza terna e agradável, e minha timidez se transformou em outra coisa.

Por algum tempo ela ficou sentada, tomando notas. Então, afastou as coisas para o lado e deixou que os empregados fiéis se aproximassem. Como eu achava melhor que a conversa fosse feita a sós, retirei-me. E, quando voltei, percebi sinais de lágrimas em seus olhos.

A fase seguinte, da qual tomei parte, foi ainda mais inquietante e dolorosa. No fim da tarde, o sargento Daw entrou no escritório. Depois de ter fechado com muito cuidado a porta e de ter olhado bem à volta para se certificar de que estávamos mesmo sozinhos, aproximou-se de mim.

— O que está havendo? — perguntei. — O senhor gostaria de falar a sós comigo?

— Exatamente, senhor. Posso falar confidencialmente?

— É lógico que pode. Principalmente se se tratar do bem-estar da srta. Trelawny e, é óbvio, de seu pai, o senhor deve ser bem franco. Presumo que ambos queiramos servir aos dois com o melhor de nossos esforços.

O sargento hesitou um pouco antes de retorquir.

— O senhor sabe naturalmente que preciso cumprir minha obrigação e já me conhece o suficiente para saber que o farei. Sou um policial e um detetive, faz parte do meu dever comprovar, com toda a imparcialidade, os dados sobre cada caso para o qual sou destacado. Preferiria lhe falar com toda a franqueza e a sós, sem mencionar deveres para com quem quer que seja, com exceção da minha obrigação com a Scotland Yard.

— Mas é evidente, já que assim o exige — disse eu, um pouco mais reservado. O homem não percebeu a mudança do meu tom nem do meu comportamento, pois falou, desculpando-se:

— Perdão, senhor, ao falar-lhe sobre este assunto, estou ultrapassando os limites de meu ofício. Já o conheço há bastante tempo e sinto que posso confiar no senhor. Não apenas na sua palavra, é claro, mas também em sua descrição.

Curvei-me agradecendo.

— Continue logo, senhor — disse eu.

— Senhor, estive pensando neste caso até que minha cabeça ficou girando. Ainda assim não consegui encontrar nenhuma solução plausível. No momento de cada ataque ninguém entrou e certamente ninguém saiu. Como se explica isso?

— Que alguém ou alguma coisa já se encontrava na casa — disse eu, com um sorriso involuntário.

— Penso da mesma forma — retrucou ele, com um suspiro audível de alívio.
— Então, muito bem. Quem poderá ser esse alguém?

— Alguém ou alguma coisa — disse eu, respondendo.

— Sr. Ross, fiquemos com “alguém”. O gato pode morder e arranhar, mas não pode ter forças suficientes para puxar o sr. Trelawny da cama nem tentar retirar a chave da pulseira do braço dele. Essas coisas são muito bonitas nos livros, em que os detetives amadores, que já sabem de tudo com antecedência, tratam do assunto teoricamente. Mas na Scotland Yard, onde não somos nem um pouco tolos, tivemos várias vezes a oportunidade de registrar que pessoas, e não coisas, estão por trás no caso de algum crime ter sido praticado ou intentado.

— Bom, então é gente, sargento.

— Falávamos de alguém, senhor.

— Exatamente, alguém.

— O senhor ainda não reparou que, sempre que o inexplicável acontecia, havia uma pessoa que sempre aparecia primeiro e dava o alarme?

— Ora, vejamos! Tenho a impressão de que a srta. Trelawny deu o alarme na primeira vez. Na segunda, eu estava presente, ainda que adormecido, e também a enfermeira Kennedy. Quando acordei, já havia muitas pessoas no quarto. O senhor mesmo se encontrava entre elas. Ao que eu saiba, naquela ocasião a srta. Trelawny chegou antes do senhor. Na última tentativa que houve, eu me achava no aposento quando a srta. Trelawny perdeu os sentidos. Eu a carreguei para fora e voltei imediatamente. E no meu retorno fui o primeiro a chegar, e o senhor estava bem nos meus calcanhares, se não me engano.

O sargento Daw fez uma pausa antes de responder.

— Ela estava presente em todas as tentativas ou foi a primeira a aparecer.

A conclusão a que se chegou não teve dúvidas para mim como advogado. Teria sido melhor se tivéssemos continuado nesse caminho. Eu sempre fora de opinião que a melhor maneira de resolver uma simples suposição era encará-la.

— Então o senhor é de opinião — disse eu — que em cada uma das agressões a srta. Trelawny era a primeira a descobrir e que, portanto, deveríamos tomar isso como prova de que ela as cometeu? Ou que, de algum modo, ela estivesse ligada às tentativas de ataque e à respectiva descoberta?

— Eu não teria coragem de me expressar tão claramente, mas é nessa direção que me levam minhas reflexões.

O sargento Daw tinha muita coragem. Não temia as consequências de suas conclusões.

Ficamos em silêncio durante algum tempo. Eu estava com muito medo. Da minha parte não existia suspeição alguma sobre a srta. Trelawny ou sobre o que ela fazia. Mas eu tinha medo de que seus atos fossem mal interpretados. Era evidente que nisso tudo havia um mistério, e, se não fosse encontrada uma solução, alguém teria que levar a culpa. Em casos como esse, na maioria das vezes, desconfia-se da linha de menor resistência. Se fosse possível encontrar uma prova de que a morte do sr. Trelawny, caso viesse mesmo a acontecer, trouxera vantagens para alguém, seria difícil a esse alguém atestar a sua inocência, diante de fatores tão fortes de suspeita. Surpreendi-me a pensar como me havia sido possível acompanhar essa linha de pensamento, sempre a mais acertada na defesa, até que se esclareça o plano de acusação. Nessa fase dos acontecimentos não teria adiantado se eu me tivesse oposto à teoria exposta pelo detetive. No momento, eu poderia ser mais útil à srta. Trelawny ouvindo atentamente a maneira de pensar do sargento. Quando chegasse a hora de refutar essas teorias, eu faria uso de todo o meu espírito de luta e de todas as armas que eu tivesse a meu dispor.

— O senhor naturalmente terá que cumprir sua obrigação — disse eu. — O que pretende fazer agora?

— Ainda não sei. Veja, até o presente momento nem me passou pela cabeça tal suspeita. Se outra pessoa tivesse me dito que essa jovem amável tinha algo a ver com o caso, eu a tacharia de louca. Mas sou obrigado a seguir minhas conclusões. Sei bem que muitas vezes toda uma sala de tribunal, com exceção da acusação que conhece os fatos e do magistrado que já está habituado a reservar sua opinião, teria jurado que o acusado é inocente e que, desse modo, as pessoas mais improváveis seriam as culpadas. Por nada neste mundo eu culparia injustamente uma jovem, mesmo que não tivesse uma carga tão pesada nos ombros. E pode estar certo de que eu jamais apoiaria com uma palavra sequer se tal acusação partisse de outra pessoa. Por esse motivo eu lhe falo com toda a confiança, de homem para homem. O senhor é treinado para apresentar evidências; é sua profissão. Meu trabalho vai apenas até o momento em que haja fatores de suspeita e até o que chamamos de nossas próprias provas, que seriam provas incompletas,

indícios somente, e nada mais. O senhor conhece a srta. Trelawny melhor do que eu. Enquanto vigiava o quarto do doente e dava uma volta pela casa, eu não teria tido oportunidade de conhecê-la tão bem quanto o senhor nem saber sobre a sua vida e sobre seus atos. Se eu mesmo quisesse lhe fazer as perguntas, despertaria sua desconfiança. No caso de ela ser culpada, faltaria a última prova, porque ela haveria de encontrar com facilidade uma saída a fim de evitar ser descoberta. Mas, se ela for inocente, como espero, está sendo acusada injustamente. Já examinei tudo minuciosamente antes de me dirigir ao senhor e, se presumi demais, só posso dizer que sinto muito.

— De maneira alguma, Daw — disse eu, calorosamente, pois a coragem, a sinceridade e a ponderação desse homem destemido mereciam respeito. — Sinto-me feliz pelo fato de o senhor ter se aberto comigo com tanta franqueza. Ambos gostaríamos de encontrar a verdade. Nesse caso, existem tantas estranhezas, estranhezas essas que excedem todas as nossas experiências, que nossa única chance se baseia, a longo prazo, em atirar na verdade, sejam quais forem nossas opiniões e seja qual for o objetivo que finalmente alcançaremos.

O sargento pareceu ter ficado satisfeito e continuou:

— Acredito nisso. O senhor poderia provar passo a passo a evidência, se soubesse que alguém fosse levar a possibilidade a sério, uma evidência ou pelo menos uma ideia da qual o senhor mesmo se persuadirá, seja a favor, seja contra. E então uma solução poderia ser finalmente encontrada, ou pesquisadas todas as outras possibilidades tão minuciosamente que a mais provável restaria como uma prova evidente ou uma forte suspeita. Dessa forma, deveríamos...

Nesse instante a porta se abriu e a srta. Trelawny entrou. Assim que nos viu, fez menção de sair rapidamente.

— Desculpem-me — disse ela. — Eu não sabia que estavam aqui e ainda por cima ocupados.

Antes que eu pudesse me levantar, ela já havia se virado.

— Entre — disse eu. — O sargento Daw e eu estávamos conversando sobre o ocorrido.

Enquanto ainda se mostrava indecisa, apareceu a sra. Grant dizendo:

— O dr. Winchester está aqui e gostaria de falar com a senhorita.

Obedeci ao olhar que a srta. Trelawny me lançou. Saímos juntos do aposento. Logo após examinar o doente, o médico informou que não houvera

mudança alguma no estado dele e acrescentou que, mesmo assim, gostaria de passar a noite na casa, se não houvesse inconveniente. A srta. Trelawny se mostrou muito satisfeita com a sugestão e deu à sra. Grant ordem para que preparasse um quarto para ele. Um pouco mais tarde, quando fiquei a sós com o dr. Winchester por algum tempo, ele falou abruptamente:

— Resolvi passar a noite aqui porque preciso conversar com o senhor. Como gostaria que esta conversa ficasse apenas entre nós, pensei que a melhor oportunidade, para não chamar a atenção, se apresentaria durante a noite, quando estivéssemos fumando um charuto e enquanto a srta. Trelawny se achasse cuidando do pai.

Continuava valendo o que havia combinado antes, isto é, que ou a filha do doente ou eu faríamos a vigília. Nas primeiras horas da manhã a faríamos juntos.

Vi essa hora se aproximar com inquietação, pois eu sabia perfeitamente que o detetive estaria ele mesmo vigiando, porém sigilosamente. O dia se passou sem novidades. A srta. Trelawny dormiu à tarde e substituiu a enfermeira após o jantar. A sra. Grant ficou com ela, enquanto o sargento Daw vigiava no corredor. Fui por isso tomar café com o dr. Winchester na biblioteca. No momento em que acendíamos o charuto, ele falou em voz baixa:

— Vamos agora ter a nossa conversa confidencial. O senhor compreende, como já lhe disse, que tudo deve ficar apenas entre nós dois, não mesmo?

— Naturalmente — falei, um pouco desanimado, pensando na minha conversa com o sargento Daw na manhã anterior e nos receios que se apoderaram de mim.

— Este caso é capaz de pôr à prova o nosso juízo perfeito. Quanto mais penso nele, mais confuso me parece. E essas duas linhas de ação reforçam ainda mais o raciocínio lógico em direções contrárias.

— Que linhas?

Ele me fitou abruptamente antes de responder. Num momento como esse o olhar do dr. Winchester era altamente inquietante e já teria tido influência sobre mim se eu, além do meu interesse pela srta. Trelawny, ainda tivesse um interesse pessoal no caso. Da maneira como estavam as coisas, aguentei firme o olhar. Sentia-me como um advogado. Num sentido eu funcionava como “amigo da justiça”, mas em outro eu era o defensor. Consolava-me o pensamento de que, na cabeça desse homem inteligente, havia duas linhas igualmente fortes e

contraditórias, e meus temores a respeito de um novo ataque se desfizeram. Ao ser reiniciada a conversa, não consegui decifrar o sorriso do dr. Winchester. Contudo, esse sorriso foi significativo quando falou:

— Duas linhas de ação: fatos e fantasia. A primeira compreende a coisa toda: agressão, tentativa de roubo e de assassinato, inconsciência, catalepsia planejada que foi provocada por hipnose criminal e sugestão do pensamento ou por simples envenenamento por um produto ainda desconhecido na nossa toxicologia. A outra linha demonstra que existe uma influência que não se encontra em nenhum livro conhecido, apenas em romances. Nunca em toda a minha vida me deparei com o verdadeiro conteúdo das palavras de Hamlet: “Há mais coisas entre o céu e a terra do que julga nossa vã filosofia.”

E continuou:

— Vejamos então em primeiro lugar o “lado dos fatos”. Temos um homem em sua própria casa, entre seus empregados de diferentes classes sociais, o que exclui um complô organizado dos criados. Ele é rico, letrado, inteligente. Não há nenhuma dúvida de que suas feições demonstram ser uma pessoa de vontade férrea e de uma firme determinação. Sua filha, presumivelmente a única, é uma jovem inteligente, charmosa, dorme no quarto ao lado. Não tem motivo para se esperar que haja uma agressão ou distúrbio de qualquer espécie, nem oportunidade para que alguém de fora tente fazer alguma coisa. Contudo, tivemos uma agressão, brutal e cruel, no meio da noite. A descoberta é imediata e tão rápida que não parece acidente, mas, sim, intencional. Os atacantes ou atacante foram obviamente interrompidos no seu propósito, fosse ele qual fosse. Porém, em lugar algum existem sinais de fuga: nenhuma pista, nenhum distúrbio de qualquer tipo, nenhuma porta nem janelas abertas, nenhum ruído; nada para corroborar o fato de que houvera um crime, a não ser a vítima atingida e tudo o que com ela se relacionava. Na noite seguinte acontece um fato semelhante, ainda que a casa esteja cheia de gente vigilante e apesar de se encontrarem no quarto, e em suas redondezas há um detetive, uma enfermeira formada, um amigo consciencioso e a própria filha. A enfermeira é encontrada em rigidez cataléptica e o amigo vigilante, protegido por uma máscara, dorme profundamente. Até o detetive é dominado por uma espécie de torpor, de modo que dá tiros no quarto e não consegue nem sequer dizer em quê. Sua máscara, sr. Ross, é a única “coisa real” com a qual se pode contar. O fato de o senhor não ter perdido a cabeça como

os outros prova que havia uma ação diretamente proporcional ao tempo de permanência no recinto, donde se pode concluir, com toda a probabilidade, que esse meio de insensibilização não é de natureza hipnótica, mas de um tipo de narcótico. Temos, porém, que nos defrontar com um fato contraditório. A srta. Trelawny, que permaneceu por mais tempo no quarto do que os outros, parecia não ter sido nem um pouco afetada. Isso poderia significar que a influência, seja ela qual for, não age de maneira idêntica em todos, a não ser que ela de alguma forma estivesse protegida. Se pudermos provar que foi a emanção de uma dessas preciosidades, o assunto estará esclarecido. Porém, nós nos defrontamos com o fato de que o sr. Trelawny, que ficava a maior parte do tempo no quarto, lá tendo passado boa parte da vida, foi o mais atingido. Que influência seria essa que poderia agir de uma forma tão diferente e contraditória? Não, quanto mais penso nesse dilema, mais confuso vou ficando. Se o ataque ao sr. Trelawny tivesse sido cometido por alguém da casa de quem até agora não se suspeita, ainda assim as diversas insensibilizações continuariam uma charada. E não é nada simples provocar uma catalepsia em alguém. Tanto quanto sabe a ciência, não é possível conseguir voluntariamente tal coisa. O ponto que ressalta nisso tudo é a srta. Trelawny, que não está sujeita a uma ou mais influências. Até de um pequeno quase desmaio ela saiu ilesa. Muito estranho.

Ouvi tudo desanimado, porque, apesar de seu comportamento não deixar transparecer nenhuma desconfiança, seus argumentos eram bastante inquietantes. Conquanto não fosse tão franca como a suspeita do detetive, parecia que a srta. Trelawny desempenhava um estranho papel no grupo dos atingidos pela suspeita. E se no meio de um mistério alguém se mantém enigmático, a suspeita recai sobre ele. Achei melhor não dizer nada. Em casos iguais a esse, o silêncio pode ser de ouro. E se eu nada dissesse agora, teria menos o que defender mais tarde, menos a esclarecer ou a retirar. Fiquei, portanto, muito satisfeito que o que fora dito não exigia uma resposta da minha parte, pelo menos não no presente momento. Parecia que o dr. Winchester também não esperava por uma réplica, fato que me encheu de satisfação sem que eu soubesse bem por quê. O médico permaneceu com o queixo apoiado nas mãos, silencioso, olhando fixamente para o vácuo. O charuto pendia apagado entre seus dedos. Ao continuar a conversa, partindo do ponto em que se interrompera, falou:

— O outro lado do dilema é algo bem diferente. E, quando se entra nesse terreno, temos que deixar para trás tudo o que se refira à ciência e à real experiência. Devo dizer que isso me fascina, ainda que toda vez que me surpreendia a imaginar novos e românticos pensamentos, eu me obrigava a encarar os fatos de frente. Por vezes me pergunto se a influência ou a emanção proveniente do quarto do doente não me atacou como aos outros, por exemplo, o detetive. Naturalmente pode se dar o caso de que a ação aumente gradativamente, se se tratar de algo químico, uma droga, digamos, sob a forma de gás. Mas o que tal ação poderia provocar? Sim, eu sei, o quarto cheira a múmia. Não é de espantar, havendo tantas relíquias tumulares, sem falar na múmia de animal que Silvio atacou. Consegui uma múmia de gato que me será entregue. Amanhã tirarei a prova, então poderemos verificar se o instinto da raça animal pode sobreviver a milhares de anos no túmulo. Bom, voltemos agora ao caso presente. Esses odores de múmia são provenientes de substâncias cujas combinações os sacerdotes egípcios, os sábios e os cientistas de seu tempo encontraram por meio de pesquisas seculares. Eles descobriram que as forças naturais da decomposição podiam ser freadas, e para alcançar esse objetivo é preciso que uma força poderosa esteja em ação. É bem possível que ela esteja aqui presente, como uma substância rara, cujas qualidade e força nós, nos tempos atuais e bem mais prosaicos, não podemos apreender. Eu gostaria de saber se o sr. Trelawny tinha um conhecimento mais profundo a respeito ou se suspeitava de algo. De qualquer modo, não se consegue imaginar uma atmosfera mais maligna para um quarto de doente, e devo admirar a coragem do sr. Frere, que, sob essas condições, não quer saber de se envolver no caso. É evidente que as instruções bem definidas do sr. Trelawny para a filha e os cuidados que teve em protegê-las por intermédio de um advogado, como o senhor me disse, deixam entrever que ele deveria desconfiar de algo. Sim, até parece que ele esperava que alguma coisa desse gênero fosse acontecer. E se fosse possível saber alguma coisa a respeito? Pode-se dar uma busca em seus papéis. É uma tarefa um pouco difícil, mas precisamos arriscar, porque seu estado atual não deve ser eterno. Se por acaso acontecer algo, haverá uma pesquisa judicial. Nesse caso, uma revisão meticulosa não respeitaria nada. Como está parecendo agora, a evidência da polícia demonstraria uma tentativa múltipla de assassinato. E, como não há pistas, talvez seja necessário procurar um motivo, em vez de pistas.

Calou-se. Suas últimas palavras foram pronunciadas em voz cada vez mais baixa e soavam desesperançadas. Avolumava-se em mim a convicção de que havia chegado o momento de descobrir se ele tinha determinada suspeita. Como que forçado, perguntei:

— O senhor desconfia de alguém?

Deu-me a impressão de estar mais assustado do que propriamente espantado ao olhar para mim e falar:

— Alguém? O senhor quer dizer algo. Estou certo de que existe determinada influência. No momento minha desconfiança se resume a isso. Mais tarde, quando minhas conjecturas e reflexões me levarem a uma conclusão definitiva, minha suspeita se concretizará. No momento, entretanto...

Parou de súbito e ficou a observar a porta. Ouviu-se um ligeiro ruído ao ser virado o trinco. Senti como se meu coração fosse parar de bater. Tive um pressentimento. A interrupção matinal, quando da minha conversa com o detetive, me veio à mente.

A porta se abriu. A srta. Trelawny entrou.

Ao perceber nossa presença, quis se retirar de imediato, ao mesmo tempo que enrubescia fortemente. Durante alguns segundos ficou parada, e esses poucos segundos pareceram se multiplicar em progressão geométrica. Minha tensão e a do dr. Winchester eram visíveis, diminuindo quando ela falou:

— Oh, queiram me desculpar, eu não sabia que estavam ocupados. Dr. Winchester, eu o estava procurando porque desejava lhe perguntar se posso ir para a cama despreocupada, agora que está aqui. Sinto-me tão cansada que tenho medo de ter um colapso. E hoje à noite, certamente, não poderei ser de utilidade.

A resposta do dr. Winchester veio do fundo do coração:

— Naturalmente. Fique tranquila e durma bem. Deus sabe que precisa do sono. Estou satisfeito por ter sido a senhorita mesma quem fez a sugestão, pois, quando a vi hoje à noite, cheguei a pensar que seria minha próxima paciente.

Ela deu um suspiro de alívio e sua expressão cansada mostrou-se um pouco mais animada. Jamais esquecerei o olhar profundo e sério de seus grandes e extremamente belos olhos negros ao me dizer:

— O senhor irá ficar de vigia no quarto de meu pai esta noite, não? Juntamente com o dr. Winchester. Estou tão preocupada que a cada segundo mais se avolumam meus medos. Mas me sinto tão exausta que, se não conseguir dormir

o suficiente, receio ficar louca. Hoje me transferi para outro quarto. Se eu permanecer nas proximidades do aposento de meu pai, qualquer ruído seria aumentado, tornando-se uma nova ameaça. Os senhores me acordarão certamente, caso haja necessidade. Dormirei na pequena suíte em frente ao vestíbulo que vai dar no quarto de vestir. Quando vim morar aqui com meu pai, foram os aposentos que ocupei logo de início. Lá encontrarei mais sossego, talvez até o esquecimento durante algumas horas. Amanhã já deverei estar bem. Boa noite.

Logo que fechei a porta à saída da srta. Trelawny e voltei à mesinha junto à qual estivéramos sentados, o dr. Winchester falou:

— A pobre pequena está no fim de suas forças. Fico satisfeito por ela poder descansar um pouco. O sono vai reanimá-la e amanhã tudo estará em ordem. Seus nervos estão à flor da pele. Chegou a notar sua agitação e como enrubesceu ao entrar e nos surpreender na conversa?

Era um incidente bastante banal, e em sua própria casa e com seus próprios hóspedes ela não teria agido dessa maneira, se a situação fosse normal. Querendo defendê-la, eu ia lhe explicar que sua entrada havia sido uma repetição do que ocorrera mais cedo, quando ela me encontrou conversando com o detetive. Mas lembrei a tempo que nosso colóquio fora confidencial e que apenas a menção do fato seria uma quebra de confiança. Então deixei a ideia de lado.

Levantamo-nos com a intenção de nos dirigir ao quarto do doente. Mas no caminho, através do corredor parcamente iluminado, não me saía da mente — e deveria seguir-me durante vários dias — o fato de que era esquisito que ela me tivesse interrompido por duas vezes na conversa, por se tratar do mesmo tema.

É provavelmente um estranho emaranhado de coincidências, no qual todos estamos enredados.

Capítulo 7

A GRANDE PERDA DO VIAJANTE DO ORIENTE

Aquela noite transcorreu calma. O dr. Winchester e eu, sabendo que a srta. Trelawny não estava a postos, redobramos a vigília. A enfermeira e a sra. Grant também ficaram de guarda, e os detetives faziam as visitas de 15 em 15 minutos. Durante a noite inteira o doente continuou em transe. Sua aparência era saudável e seu peito se levantava e abaixava como o de uma criança, com uma leve respiração. Mas continuava imóvel. Se não fosse por sua respiração, poderia ser de mármore. O dr. Winchester e eu colocamos nossas máscaras, que provaram ser muito irritantes nesta noite insuportavelmente quente. Entre a meia-noite e as três da madrugada voltou a sensação de medo e de pavor que já havia tomado conta de mim nas noites passadas, tornando-se um hábito. Mas a cor cinza do amanhecer, que penetrava pelas frestas das venezianas, trouxe um inexplicável alívio. Ao clarear, a aurora me encheu de esperanças, e pude respirar de novo mais livremente. O mesmo alívio seguido de calma tomou conta de todo o pessoal da casa. Durante a noite quente, meus ouvidos, ligados a todo e qualquer ruído, estavam extenuados. Era quase como se meu cérebro ou minha percepção sensorial estivesse em união com eles. A cada respiração da enfermeira, a cada farfalhar de vestido, a cada arrastar leve de chinelos quando o policial fazia a ronda, a cada instante que eu vigiava uma vida humana, tudo parecia me estimular em minha guarda. Alguma coisa dessa sensação deve ter se espalhado pela casa

inteira. Ouvi passos lá em cima, indo de lá para cá, e mais de uma vez ouvi o abrir e fechar de uma janela lá embaixo.

Com a chegada do amanhecer, é bem verdade que tudo se acalmou e a casa toda parecia se refazer. O dr. Winchester foi para a casa dele quando a enfermeira Dóris rendeu a sra. Grant. No meu entender, ele estava um pouco irritado e decepcionado, porque nada de sobrenatural acontecera durante a longa noite de vigília.

Às oito horas a srta. Trelawny apareceu. Fiquei espantado e bastante contente por notar que a noite de sono lhe fizera bem. Mostrava-se radiante, como na época de nosso primeiro encontro e no piquenique. Em suas faces já havia um vestígio de cor, ainda que, em contrapartida às sobrancelhas escuras e aos lábios vermelhos, parecessem ainda terrivelmente brancas. Suas forças restauradas faziam com que a ternura que nutria pelo pai doente fosse ainda maior do que antes. A emoção tomou conta de mim ao ver como ela, cheia de carinho, endireitava os travesseiros do pai e afastava o cabelo caído na testa.

Eu mesmo estava morto de cansaço depois da longa vigília. Como ela se dispunha a tomar conta do doente, fui para a cama, piscando, cansado, na clara luz do dia, sentindo os efeitos da noite sem sono em todo o corpo.

Dormi profundamente. Depois do almoço, veio-me a vontade de ir para minha casa em Jermyn Street e, antes de sair, minha atenção foi voltada para uma pessoa que, com grande insistência, batia na porta. O serviçal que atendeu ao chamado, de nome Morris, trabalhara antes como auxiliar temporário. Mas desde a saída dos empregados havia sido provisoriamente promovido a mordomo. O estranho falava em voz tão alta que sem dificuldade pude ouvir o que dizia. O mordomo, sem perder a atitude respeitosa, colocou-se em frente à grande porta dupla de tal maneira que impedia a entrada do outro. As primeiras palavras que ouvi do visitante explicaram suficientemente a situação:

— O senhor até que pode estar com a razão, mas preciso falar com o sr. Trelawny. Que me adianta o senhor dizer que não posso, se lhe digo que preciso? O senhor quer apenas me engambelar. Às nove da manhã já estive aqui. Nessa hora me disseram que ele ainda não havia se levantado e que não podia ser perturbado, uma vez que não se sentia bem. Depois voltei ao meio-dia, e tornaram a me dizer a mesma coisa, isto é, que ainda estava deitado. Pedi para falar com um membro da família. Mas a srta. Trelawny também não se levantara

ainda, segundo me disseram. E agora que já são três da tarde, estou aqui outra vez, e parece que ele ainda não se levantou e continua dormindo. Onde está a srta. Trelawny?

— Ela está ocupada e não deve ser perturbada.

— Mas ela tem que ser perturbada. Ou qualquer outra pessoa. Encontro-me numa situação muito especial que está diretamente relacionada ao sr. Trelawny e venho de um lugar onde os criados sempre começam a frase dizendo “não”. Desta vez, porém, não me contento com não. Já aguentei tal coisa durante três anos, esperei em frente a portas e barracas e demorei mais para entrar ali do que em túmulos. E os homens que lá se encontravam tinham tal aspecto que mais pareciam múmias. Agora chega! Quando volto para casa, encontro bloqueada a porta do homem para quem trabalho, da mesma forma e com as mesmas velhas palavras. Não, não vou deixar que me venham com evasivas. Será que o sr. Trelawny deu ordens que não queria me receber quando eu viesse? — Fez uma pausa e, nervoso, passou a mão pela testa.

O criado falou com o maior respeito:

— Sinto muito, senhor, se o aborreci, mas cumprio apenas minha obrigação. Tenho minhas instruções e devo executá-las à risca. Se quiser deixar um recado, com prazer o transmitirei à srta. Trelawny. E se quiser deixar seu endereço, ela poderá entrar em contato, se assim o quiser.

A resposta foi tal que logo se viu tratar-se de uma pessoa justa e de bom coração:

— Meu caro, nada tenho pessoalmente contra o senhor e sinto ter ferido seus sentimentos. Não devo ser injusto mesmo na raiva. Mas, quando se está na situação em que me encontro, isso é motivo suficiente para ficar zangado. O tempo urge. Não devemos perder um único instante, sim, um único segundo, e estou há seis horas andando de lá para cá, sabendo muito bem que seu patrão ficará cem vezes mais raivoso do que eu quando vier a saber quanto tempo foi perdido. Garanto que teria preferido ser acordado de um sono profundo em vez de me deixar esperando aqui, antes que seja tarde demais. Meu Deus, é realmente horrível ter que enfrentar tal situação depois de tudo por que tive de passar. Todo o meu trabalho para nada, e ainda ter a entrada barrada por um laçao idiota! Será que não há ninguém de juízo nesta casa ou pelo menos alguém com autoridade

mesmo que sem bom senso? Eu conseguiria persuadi-lo prontamente de que seu patrão tem que ser acordado, mesmo que esteja dormindo os sete sonos.

Não se podia duvidar da sinceridade do homem, nem da urgência, nem da importância de seu assunto, pelo menos do seu ponto de vista. Resolvi me aproximar.

— Morris — disse eu —, por favor, diga à srta. Trelawny que este senhor deseja falar-lhe com urgência. Se estiver ocupada, a sra. Grant deverá tomar o recado.

— Pois não, senhor — respondeu ele, aliviado e saindo imediatamente.

Fiz o estranho entrar no pequeno quarto de vestir, junto ao vestíbulo. Enquanto íamos andando, ele me perguntou:

— O senhor é o secretário?

— Não, sou um amigo da srta. Trelawny. Meu nome é Ross.

— Muito obrigado, sr. Ross, pela sua gentileza — respondeu ele. — Eu me chamo Corbeck. De bom grado lhe daria meu cartão, mas de onde venho não se precisa de cartões. E se eu tivesse algum comigo, provavelmente eu o teria perdido na noite passada...

Parou abruptamente, como se já tivesse falado demais. Ambos ficamos em silêncio, e pude examiná-lo com detalhes durante a espera. Corbeck era um homem forte e de baixa estatura, moreno como um grão de café, provavelmente com tendência a engordar, mas no momento bastante magro. O rosto e o pescoço sulcados denotavam apenas o passar dos anos e o desgaste, mas eram sinais de que as gorduras desapareceram, transformando-se em pelancas. O pescoço era uma confusão de dobras e rugas, queimado pelo sol do deserto. O oeste distante, os trópicos, o deserto — tudo havia deixado marcas doloridas. No entanto, todas eram diferentes. Depois que aprendeu a diferenciá-las, sempre as reconheceria.

A palidez lúgubre, o profundo marrom-avermelhado e, finalmente, a entranhada tonalidade moreno-escura que não clareia nunca mais. O sr. Corbeck tinha um crânio grande e maciço, cabelo emaranhado de uma coloração castanha que, na parte lateral, penteava para trás. Era dono de uma bela fronte, larga e alta, e de um seio frontal bem demarcado, para serem usados termos do estudo da fisionomia. O feitio angular do rosto denotava bom senso, e toda a parte em redor dos olhos indicava facilidade para línguas. O nariz era curto e largo, das pessoas

cheias de energia, e mesmo sob uma espessa e emaranhada barba ressaltava um queixo anguloso e o sólido maxilar dos seres com poder de decisão.

“Nada mau para o deserto”, pensei.

A srta. Trelawny apareceu imediatamente. O sr. Corbeck demonstrou ter ficado espantado com sua aparência, porém a raiva e a irritação ainda não haviam desaparecido, de modo que um sentimento tão banal e secundário como o espanto não era coisa de grande monta. De qualquer maneira, não tirou os olhos de cima dela durante a conversa. Resolvi que na primeira oportunidade descobriria o motivo de sua surpresa. Ela, contudo, começou a falar, desculpando-se, a fim de apaziguar-lhe os sentimentos.

— É óbvio que não deveriam tê-lo feito esperar, mesmo que meu pai não tivesse condições de recebê-lo. Ainda assim, se eu mesma não tivesse estado cuidando de meu pai quando o senhor aqui esteve pela primeira vez, eu o teria recebido sem demora. Diga, por favor: o que há de tão relevante e urgente?

Ele hesitou, olhando na minha direção. Mas ela falou imediatamente:

— O senhor pode falar com toda a liberdade diante do sr. Ross. Deposito nele toda a minha confiança e está a meu lado nesta hora difícil. É provável que o senhor não saiba como é grave o estado do meu pai. Há três dias que não dá acordo de si nem demonstra sinais de que vá recobrar os sentidos. Estou muito preocupada com ele. É uma pena que seja tão grande a minha falta de conhecimento no que se refere ao meu pai e à vida dele. Moro há apenas um ano nesta casa. Não tenho noção alguma no tocante a seus negócios. Nem mesmo sei quem é o senhor nem o que tem a ver com ele.

Isso ela falou com um pequeno sorriso convencional, porém doce, como se quisesse admitir sua ignorância da maneira mais natural possível. Ele a olhou fixamente.

Então começou a falar, resolutivo, como se tivesse tomado confiança:

— Meu nome é Eugen Corbeck. Tenho diploma superior em direito e medicina, adquiridos em Oxford e Cambridge, e ainda doutorado em filologia, pela Universidade de Londres. Em Berlim fui promovido a doutor em filosofia, fiz doutorado em Paris em línguas orientais. Tenho ainda outros títulos acadêmicos, *honoris causa* e outros, mas não desejo importuná-la com esses detalhes. Pelo que eu já disse, a senhorita pode deduzir que tenho uma imensa quantidade de diplomas que me habilitam até a entrar num quarto de doente. Desde cedo, para

felicidade de meus interesses e para minha satisfação, e contra meus interesses financeiros, tenho me dedicado à egiptologia. Devo ter sido mordido por um possante escaravelho, pois fui profundamente afetado pelo seu veneno. Então, eu me pus à caça de túmulos e tive êxito em poder manter meu sustento e aprender muita coisa que não se consegue em livros. Na época em que conheci seu pai, eu me encontrava em maré baixa. Ele próprio também andava à procura de descobertas. Desde então, devo dizer que não sei o que sejam desejos insatisfeitos. Ele é um verdadeiro benfeitor das artes. Não se pode imaginar egiptólogo mais obcecado nem melhor cliente.

Ele falou isso com muito sentimento. Percebi, satisfeito, que a srta. Trelawny havia corado ao ouvir o elogio feito a seu pai. Eu, porém, não pude deixar de reparar que, com suas palavras, o sr. Corbeck estava procurando ganhar tempo. É ainda provável que estivesse querendo sondar durante a conversa em que pé estava e até que ponto podia confiar nessas duas pessoas desconhecidas. Quando, mais tarde, pensei em suas palavras, sua crescente confiança ficou caracterizada pela importância das informações que nos transmitira.

— Mais de uma vez empreendi expedições para seu pai no Egito, e sempre percebi como esse trabalho lhe era agradável. Inúmeros de seus tesouros, e posso lhes assegurar que ele possui peças muito raras, ele os conseguiu por intermédio de mim, seja pela minha própria descoberta, seja por compra ou por outra forma. É raro encontrar alguém com tais conhecimentos. Às vezes ele cisma em querer achar determinado objeto de cuja existência se certificara. Nesse caso, ele o persegue pelo mundo inteiro até que o obtenha. Estive até há pouco numa dessas caçadas.

De repente, calou-se, como se sua boca tivesse sido aferrolhada. Ficamos esperando. Finalmente, quando voltou ao assunto, fê-lo com uma cautela, nova para ele, para evitar desde o início que lhe fizesse perguntas.

— Não posso revelar nada a respeito da minha missão, meta, motivo, nada parecido. Isso deve permanecer entre mim e o sr. Trelawny. Sou obrigado a manter absoluto segredo.

Calou-se como se o assunto lhe fosse desagradável e, afinal, disse:

— A senhorita está certa de que seu pai não está em condições de me receber hoje?

Agora foi a vez dela de se mostrar surpresa. Essa expressão se desvaneceu logo. Levantou-se e falou com um tom repleto de graça e dignidade.

— Venha e veja por si mesmo.

Saiu, dirigindo-se para o quarto de seu pai. Ele a seguiu enquanto eu formava o final.

O sr. Corbeck entrou no aposento do doente, como se já lhe fosse familiar. Quando alguém entra num novo ambiente, nota-se logo pela sua postura e pelo seu comportamento, porém o homem olhou em volta como se conhecesse o quarto, antes mesmo que sua atenção se voltasse para o doente. Fiquei a observá-lo bem, porque tinha uma ligeira impressão de que ele pudesse talvez lançar alguma luz na obscura situação em que nos encontrávamos. Não existia, da minha parte, desconfiança alguma em relação a ele. Não, o homem era puro como cristal. Mas, justamente por esse motivo, devíamos temê-lo. Ele perseguia seu objetivo com uma sinceridade tão corajosa e tão firme que, se achasse que era sua obrigação guardar um segredo, jamais o revelaria. O caso presente era, falando com moderação, fora do comum e, por consequência, exigiria uma forma mais branda de cumprimento do dever de guardar sigilo do que se fosse um caso normal. Para nós, o nada saber e a impotência se equivaliam. Se tivéssemos sorte em conseguir algo do passado, talvez nos fosse possível imaginar as circunstâncias anteriores à agressão. Haveria porventura preciosidades que deveríamos afastar. Mas meus pensamentos entraram num redemoinho. Chamei-me à razão e olhei firme para o sr. Corbeck. O rosto enrugado e queimado de sol demonstrava uma expressão de infinita simpatia ao se deparar com o amigo ali deitado e indefeso. A dureza da expressão do rosto do sr. Trelawny não suavizara no sono; no entanto, de qualquer modo, ressaltava sua impotência. Ver o rosto de uma pessoa fraca ou comum, nessas circunstâncias, não o teria sensibilizado. Contudo, esse homem enérgico e dominador deitado diante de nós, envolto num sono impenetrável, tinha algo de *pathos* em si, de uma grande ruína. O espetáculo não constituía nenhuma novidade para nós, todavia reparei que a srta. Trelawny, assim como eu, se emocionou novamente na presença de um estranho.

A fisionomia do sr. Corbeck não deixava transparecer nenhum sentimento em relação ao doente.

Em seu lugar apareceu uma expressão mais irada e dura, que prenunciava um grande castigo para quem houvesse provocado a queda desse homem poderoso.

Por sua vez, essa expressão deu lugar a uma determinação. A energia vulcânica do homem laborava com um propósito determinado. Ele olhou para todos nós e, quando seu olhar caiu sobre a enfermeira Kennedy, suas sobrancelhas se levantaram imperceptivelmente. Ela o percebeu e, dirigindo um olhar interrogativo à srta. Trelawny, recebeu uma resposta afirmativa muda. Silenciosamente, a enfermeira se retirou, fechando a porta atrás de si.

O sr. Corbeck olhou para mim, movido por um impulso natural dos fortes, preferindo se dirigir com sua pergunta a um homem do que a uma mulher. Tendo em vista sua polidez, lançou um olhar à srta. Trelawny, antes de dizer:

— Conte-me como e quando começou.

A srta. Trelawny me fitou, suplicante, e lhe narrei tudo. Ele ficou parado, sem ação, o tempo inteiro enquanto eu relatava os fatos, e o rosto bronzeado parecia feito de aço. Quando finalmente mencionei a visita do sr. Marvin e a procuração, sua fisionomia clareou. Sentindo seu interesse, entrei em pormenores a respeito das exigências, e ele disse:

— Bom, agora pelo menos sei o que devo fazer.

Senti-me desencorajado. Essas palavras ditas no presente momento acabaram com a minha esperança de esclarecer o caso.

— O que isso quer dizer? — perguntei, sabendo muito bem que minha pergunta devia soar fracamente.

Sua resposta corroborou meus receios.

— Trelawny sabe o que faz. Em tudo o que realizava, tinha sempre um propósito, e não devemos impedir que se faça sua vontade. Está bem claro que esperava que algo fosse acontecer, por isso se resguardou em todos os sentidos.

— Nem em todos — lancei, impulsivamente. — Deve ter havido um ponto fraco, senão ele não estaria deitado, inerte.

A falta de entusiasmo de Corbeck me espantou. Eu esperava que minhas palavras de protesto fossem irritá-lo, mas elas o deixaram impassível. Sobre sua fisionomia morena pairou o vislumbre de um sorriso ao responder:

— Isso ainda não é o fim. As medidas preventivas tomadas não foram em vão. Sem dúvida ele também esperava por isso, ou pelo menos admitia a possibilidade de isso vir a acontecer.

— O senhor, então, sabe o que ele esperava?

A pergunta foi feita pela srta. Trelawny.

A resposta veio como um tiro:

— Não, não sei. Apenas posso presumir. — E se calou.

— Presumir o quê?

A agitação subentendida em sua pergunta estava próxima do desespero. Outra vez o rosto moreno endureceu. Entretanto, seu tom e seu comportamento, a sensibilidade e o tato, transpareceram em suas palavras quando retrucou:

— Creia-me, senhorita, farei todo o possível para lhe tirar o medo. No caso presente, persigo um dever mais elevado.

— Que dever?

— Silenciar. — E sua boca pronunciada se fechou.

Todos permanecemos por um minuto sem nada dizer. Pela intensidade de nossa reflexão, o silêncio exerceu um efeito positivo sobre nós. Os pequenos sons vitais dentro e fora da casa só agiam de maneira perturbadora. A srta. Trelawny seria a primeira a quebrar o silêncio. Eu havia percebido em seus olhos que tivera uma ideia, um vislumbre de esperança. Mas, antes de começar a falar, ela se recompôs:

— Que assunto premente o senhor queria falar comigo depois que descobriu que meu pai não está em condições de recebê-lo?

A pequena pausa demonstrava que ela estava senhora de seus pensamentos. A súbita transformação que se operou no sr. Corbeck era quase ridícula. Ficou tão perplexo que a sua impassividade foi abalada. Parecia uma pantomima. Porém, qualquer ideia de comédia foi dissipada por uma seriedade trágica, logo que recordou seu próprio propósito.

— Meu Deus! — exclamou ele, dando com a mão um soco nas costas da poltrona onde se apoiara, num um gesto de tal violência que, por si mesmo, já teria chamado a atenção. — Esqueci por completo. Que prejuízo! E precisamente agora, no momento do sucesso. Ele aí deitado e minha língua presa... Não posso mexer uma palha, pois não conheço suas disposições.

— O que é? Oh, fale, senhor. Estou muito preocupada com meu querido pai. Haverá mais atribulações? Espero sinceramente que não. Já tenho tido tantas aflições e preocupações que não sei mais o que hei de fazer. E agora, ao ouvi-lo falar dessa maneira, fico novamente cheia de medo. Não pode me dizer alguma coisa para acabar de uma vez por todas com essa terrível agonia?

Ele endireitou toda a sua estatura baixa ao dizer:

— Então, sinto muito, não posso nem devo lhe dizer nada. É um segredo. — E apontou para a cama. — Eu é que vim lhe pedir conselho, sua assistência, sua ajuda. E ele ali, impotente... O tempo urge. Logo poderá ser tarde demais.

— Mas o que está havendo? — interrompeu-o a srta. Trelawny, num rompante, com o rosto crispado de dor. — Fale. Diga alguma coisa. Esse medo, esse horror, esse segredo, tudo isso está me matando.

O sr. Corbeck se conteve com esforço.

— Não devo revelar pormenores, mas sofri uma grande perda. Minha missão, que me manteve ocupado durante três anos, teve êxito. Descobri onde se achavam os objetos procurados e muito mais. Eu os trouxe para cá. Tesouros inestimáveis, mas que para ele valem o dobro, e me propus a procurá-los de acordo com seus desejos e suas instruções. Somente ontem à noite cheguei a Londres. E, ao acordar hoje pela manhã, a preciosa carga fora roubada de maneira misteriosa. Nenhum ser humano em toda a Londres sabia de minha chegada. E ninguém, além de mim, sabia o que se encontrava em minha velha mala de mão que eu trazia comigo. Meu quarto tinha apenas uma porta, que eu havia trancado e aferrolhado. O aposento ficava no quinto andar, de modo que não teria sido possível alguém entrar pela janela. Além disso, eu a havia fechado bem com minhas próprias mãos, porque queria eliminar qualquer risco. Hoje de manhã, os ferrolhos da janela estavam intactos, mesmo assim minha mala estava vazia. As lamparinas haviam sumido. Droga! Agora o gato saiu do saco. Bom, viajei para o Egito à procura de lamparinas antigas. Depois de enorme trabalho e de passar por muitos perigos, felizmente ultrapassados, eu as encontrei e as trouxe com segurança para a minha pátria. E agora isso.

Ele se virou profundamente emocionado. O sentimento de perda quebrara sua natureza de aço.

A srta. Trelawny foi até ele e pôs a mão em seu braço. Presenciei a cena com espanto. A dor apaixonante que até há pouco tomara conta dela parecia ter sido substituída por uma nova força decisiva. A postura era ereta, os olhos faiscavam. Emanava energia de cada nervo e de cada fibra. Até sua voz era a expressão de uma força nervosa quando falava. Era evidente que a mulher dispunha de muita força e que essa força se mostrava sempre que exigida.

— Temos que agir sem demora. Os desejos de meu pai devem ser cumpridos à risca. Sr. Ross, o senhor é advogado. Há aqui em casa um homem que é um dos

melhores detetives de Londres, então deve ser possível fazer algo. Queremos começar imediatamente.

O sr. Corbeck se deixou contagiar pelo seu ímpeto.

— Bem, a senhorita é realmente a filha de seu pai.

E não falou mais nada. Mas a admiração pela sua atividade se manifestou pela maneira como lhe segurou as mãos. Fui até a porta, pois queria chamar o sargento Daw, e, pelo olhar afirmativo de Margaret, compreendi que ela também entendera o que eu ia fazer.

O sr. Corbeck me chamou de volta.

— Mais um instante ainda antes de chamarmos um estranho — disse ele. — Por favor, lembre-se de que ele não deve ser inteirado do que o senhor acabou de saber aqui, isto é, que as lamparinas eram o objetivo de uma longa, difícil e perigosa busca. Ele deve apenas saber que algo de minha propriedade foi roubado. Uma dessas lamparinas, devo confessar, é de ouro. E receio que o ladrão, não conhecendo seu valor histórico, a derreta a fim de evitar sua descoberta. Com prazer eu pagaria dez, vinte, cem ou mil vezes o seu valor, se soubesse que a lamparina será destruída. Ao sargento eu diria apenas o essencial. Deixe-me, portanto, responder a todas as perguntas que ele fizer. A não ser que eu lhes pergunte ou lhes ceda a vez para que deem a resposta.

Ambos assentimos com uma inclinação de cabeça. Nessa hora algo me veio à lembrança.

— Se a manutenção do segredo é tão importante assim, talvez fosse melhor engajá-lo como detetive particular. Porque se a Scotland Yard tiver conhecimento do caso, tudo estará fora de nosso alcance e dificilmente o segredo poderá ser mantido. Vejamos em primeiro lugar qual será a reação do sargento Daw. Se eu não disser nada, significa que ele aceitará o encargo e cuidará do assunto de modo confidencial.

O sr. Corbeck falou sem hesitação:

— Manter segredo é tudo. De outra forma, receio que as lamparinas sejam imediatamente destruídas.

Para meu enorme espanto, a srta. Trelawny falou, resoluta e em voz baixa:

— Elas não serão destruídas. Nenhuma delas.

O sr. Corbeck sorriu.

— Como pode ter certeza disso?

A resposta da jovem foi ainda mais incompreensível.

— Não sei como sei, mas sei. Pressinto, como se fosse uma convicção que me acompanha há muito em minha vida.

Capítulo 8

AS LAMPARINAS SÃO ENCONTRADAS

No princípio, o sargento Daw fez objeções, mas resolveu nos aconselhar particularmente sobre o assunto que lhe seria exposto. Acrescentou, porém, que estaria à nossa disposição apenas para aconselhamento. Caso houvesse necessidade de uma participação mais ativa, precisaria consultar primeiro seus superiores.

Neste momento eu o deixei sozinho no escritório e fui buscar a srta. Trelawny e o sr. Corbeck. Antes de sairmos do quarto do doente, a enfermeira Kennedy retomou seu lugar ao lado da cama. A maneira cuidadosa, prudente e precisa com que o viajante expôs seu caso me encheu de admiração. Parecia nada ocultar, e, no entanto, a descrição dos objetos perdidos foi tão nítida que não o comprometeu. Nada omitiu a respeito da charada existente no caso, porém deu a entender que se tratava de um simples roubo de hotel. Se alguém soubesse como eu ser esse seu objetivo primordial, isto é, tentar recobrar os objetos antes de ser descoberta sua proveniência, esse alguém reconheceria o dom intelectual que se escondia por trás dele quando foram feitas as referências objetivas de modo a não se trair.

Deveras, pensei comigo mesmo, esse homem aprendeu muito bem a lição que recebeu nos bazares do oriente. E graças à sua inteligência ocidental superou

seus mestres. Apresentou suas ideias ao detetive, que, após pensar um pouco, falou:

— Cadinho ou balança, eis a questão.

— O que isso quer dizer? — perguntou o outro, atento.

— É jargão dos ladrões de Birmingham. Pensei que todos conhecessem nos dias de hoje, porque se fala muita gíria. Antigamente os ourives que trabalhavam com ouro e prata comprovavam os metais preciosos que lhes eram oferecidos e o preço do metal dependia de o objeto ser fundido. Nesse caso, era o comprador quem estipulava o preço e o cadinho permanecia pendurado sobre o fogo. Se o objeto conservasse a forma, era posto na balança e pago o preço padrão de sucata. Na época atual não encontramos nada muito diferente. Quando procuramos relógios roubados, muitas vezes somente se salvam os mecanismos, mas é impossível separar rosetas e molas numa grande pilha. Pelo contrário, é raro encontrarmos as caixas dos relógios. No presente caso, tudo depende se o ladrão é um homem bom, isto é, se conhece seu ofício. Um meliante de classe sabe com certeza se um objeto tem valor ou se é apenas sucata. Se assim for, ele o dará para alguém que mais tarde possa dar um golpe, na América ou talvez na França. De resto, acreditam que, além dos senhores, alguém mais reconheceria as lamparinas?

— Ninguém.

— Existem outras iguais a essa?

— Não que seja do meu conhecimento, ainda que possa haver algumas bastante parecidas.

O detetive fez uma pausa antes de retomar as perguntas.

— Uma pessoa instruída, alguém no Museu Britânico, por exemplo, um comerciante ou um colecionador como o sr. Trelawny, poderia reconhecer o valor artístico das lamparinas? — Com toda a certeza. Qualquer um que tenha olhos na cabeça poderá imediatamente ver que se trata de preciosidades.

A fisionomia do detetive se iluminou.

— Então existe uma chance. Se sua porta estava fechada e a janela, aferrolhada, as coisas não teriam sido acidentalmente roubadas por uma camareira ou um criado. Como aconteceu, foi premeditado, e a pessoa não vai se separar do produto do roubo sem exigir um resgate. É preciso, pois, confiar nos donos das lojas de penhor.

— Concordo. Não seria bom dar conhecimento do fato à Scotland Yard. Nossa chance está em manter segredo.

Após ligeira pausa, o sr. Corbeck falou em voz baixa:

— Presumo que não tenha noção alguma de como se deu o roubo, certo?

O policial sorriu, e no seu sorriso havia sabedoria e experiência.

— Sem dúvida, de modo bastante fácil, senhor. Todos esses roubos misteriosos são de uma enorme simplicidade. O ladrão conhece sua profissão com todos os truques e está sempre atento a todas as possibilidades. Além disso, sabe por experiência própria como aproveitar as possibilidades e como elas geralmente acontecem. O oponente, ao contrário, conta apenas com a prudência. Não se pode saber todos os truques e armadilhas. Um pequeno descuido é suficiente para a armadilha disparar. Quando viermos a saber de tudo sobre o caso, os senhores se espantarão por não terem percebido logo o método empregado.

O sr. Corbeck pareceu um pouco irritado com tais palavras. Ao responder, fê-lo com exasperação:

— Veja, caro amigo, neste caso nada há de simples, a não ser o fato de que as coisas sumiram. A janela fechada e a chaminé tapada. O quarto só tem uma porta, que está fechada e aferrolhada. Não existe claraboia. Não me venha com roubo de hotel através de claraboias. Não saí do quarto à noite. Antes de me deitar, verifiquei as coisas outra vez e, assim que acordei, fiz imediatamente o mesmo. Se quiser construir um simples roubo sobre esses fatos, o senhor deve ser um homem muito esperto. Nada mais direi. De qualquer modo, esperto o suficiente para pôr-se ao trabalho e trazer de volta as minhas coisas.

A srta. Trelawny o acalmou, colocando a mão em seu braço, e falou num tom de voz baixo:

— Não se preocupe sem necessidade. Estou certa de que as coisas vão aparecer.

O sargento Daw se virou tão de súbito para ela que logo me veio à lembrança sua suspeita expressa anteriormente.

— Tenho que lhe perguntar sobre que fundamentos se apoia sua opinião — disse ele.

Eu temia a resposta, porquanto a pergunta seria feita diante de outros que já haviam emitido sua suspeita. Suas palavras foram um novo choque doloroso para mim.

— Não posso lhe dizer como sei, mas estou absolutamente certa disso.

O detetive a fitou enquanto ela se calava e, depois, me lançou um olhar furtivo.

A seguir conversou com o sr. Corbeck sobre particularidades referentes ao seu próprio comportamento, ao hotel, ao quarto e ao meio de identificação dos objetos.

Então, despediu-se, a fim de iniciar as buscas, depois que o sr. Corbeck o convenceu da necessidade de guardar segredo, para que o ladrão nada farejasse e viesse porventura a destruir a lamparina.

Antes da saída do sr. Corbeck, que tencionava executar diversas questões particulares, ele concordou em voltar ao anoitecer para ficar na casa. Durante o dia inteiro, a srta. Trelawny esteve mais bem-humorada e parecia mais saudável e forte do que antes, apesar do novo choque com a notícia do roubo e do fato de saber que isso traria um grande aborrecimento para seu pai.

Passamos a maior parte do dia classificando a coleção de raridades do sr. Trelawny. Pelo que eu ouvira do sr. Corbeck, tive aos poucos uma noção de quanto fora empreendido no campo da egiptologia. E, sob essa luz, tudo à minha volta ganhou novo interesse, que ia sempre aumentando. Cada dúvida secreta que eu pudesse ter abrigado se transformou em admiração e espanto. A casa inteira representava uma coleção da milagrosa arte egípcia. Além de grandes e pequenas preciosidades no quarto do sr. Trelawny — a começar pelos enormes sarcófagos e chegando até os escaravinhos de todos os tipos encontrados nos armários —, o grande vestíbulo, os patamares, o escritório e até o salão estavam repletos de peças antigas que encheriam de água a boca de um colecionador.

A srta. Trelawny me acompanhou e se sentia possuída por um interesse crescente. Depois de examinarmos os armários cheios de amuletos primorosos, disse-me, muito inocente:

— O senhor não vai acreditar, mas há tempos que não olho para estes objetos. Desde a doença de meu pai, tenho-lhes dedicado um pouco mais de interesse. Mas agora eles se tornaram muito importantes e com outro dimensionamento, e estou ficando empolgada. Hum, talvez esteja visível minha paixão herdada pelas coleções. Se assim for, é bastante estranho que até agora eu não a tenha sentido. É evidente que conheço os objetos grandes e que de vez em quando eu os apreciava, mas sempre tomava tudo com naturalidade, como se o

tempo todo tivessem estado aí. O mesmo acontece com as fotos de família vistas na maioria das vezes como coisa banal. Como seria bom se pudéssemos contemplar estes objetos juntos!

Foi para mim uma alegria sem par ouvi-la falar assim, e sua última sugestão me encantou. Passeamos assim, juntos, pelos numerosos aposentos e corredores, e inspecionamos e admiramos as preciosidades que lá havia. Via-se em exposição tamanha quantidade dos mais diferentes objetos que pudemos apenas olhar rapidamente. Enquanto fazíamos a ronda, conversávamos, combinando rever melhor a série, diariamente. No vestibulo, encontrava-se uma enorme moldura de aço, decorada com floreios, que seu pai havia utilizado para levantar as pesadas tampas dos sarcófagos de pedra, como me explicou Margaret. O objeto era bastante leve e podia ser movimentado com facilidade. Com sua ajuda, suspendemos as tampas e vimos uma série infinita de imagens hieroglíficas, talhadas na parte interna. Apesar de sua reconhecida ignorância, Margaret sabia bastante sobre o assunto. Nesse ano que passara com o pai, sem se dar conta do fato, ela absorvera aulas diárias, hora a hora. Era uma moça espantosamente inteligente e sagaz, com uma mente excepcional, de modo que seu conhecimento científico, que, passo a passo, fora adquirindo involuntariamente, cresceu a um nível tal que muitos estudiosos poderiam invejá-la.

No entanto, tudo era tão ingênuo e inconsciente, tão virginal e despretensioso! Ela era tão autêntica em suas opiniões e ideias, e, além disso, tão franca que, na sua companhia, esqueci-me durante algum tempo de todas as preocupações e mistérios que impregnavam a casa e me senti transportado novamente para os tempos de criança!

Os sarcófagos mais interessantes eram, sem dúvida, os três no quarto do sr. Trelawny. Dois deles eram feitos de pedra escura, um de porfírio e o outro de um metal ferroso, sendo que dois deles eram entalhados com hieróglifos. O terceiro, contudo, era completamente diverso. Fora preparado com uma substância marrom-amarelada, da cor do ônix americano, e apenas o veio natural era menos realçado. Extraordinariamente, determinados lugares eram quase transparentes, pelo menos transluziam. Todo o recipiente e toda a tampa eram completamente recobertos por centenas, milhares de minúsculos hieróglifos. As costas, a frente, os lados, os cantos, o chão, tudo estava repleto de delicados símbolos, cuja coloração azul-escura se destacava com nitidez do amarelo da pedra. O sarcófago

era muito comprido, com quase 2,70 metros de comprimento, e cerca de 95 centímetros de largura. As partes laterais eram curvas, sem nenhuma linha cortante. Até os cantos eram tão arredondados que se tornavam agradáveis à vista.

— Então, realmente — disse eu —, isso deve ter sido feito para um verdadeiro gigante.

— Ou para uma gigante — retrucou Margaret.

O sarcófago ficava perto de uma das janelas. Diferenciava-se sob um aspecto dos demais sarcófagos existentes na casa. Todos os outros, feitos do material que fosse — granito, porfírio, ferro, basalto, ardósia ou madeira —, tinham feitiço bastante simples no interior. Em lugar algum viam-se irregularidades ou sinuosidades. Podia-se ter a ideia de serem banheiras. Sim, lembravam, sob certo ponto de vista, as banheiras romanas de pedra ou de mármore que eu vira. No interior de tal sarcófago havia, entretanto, uma elevação, que tinha os contornos de uma forma humana. Perguntei a Margaret o que era aquilo e ela me respondeu:

— Meu pai jamais quis falar sobre esse sarcófago. Desde o início eu me interessara por ele, mas quando lhe indaguei a respeito, ele disse: “Um dia lhe contarei tudo a respeito, menina, se eu chegar a viver até lá. Mas, agora, não. Esta história, que eu gostaria de lhe narrar, nunca foi contada. Um dia, talvez em breve, eu venha a saber de tudo, e então a ouviremos juntos. Você verá que é uma história extremamente interessante, do começo ao fim. E uma vez eu disse de modo irrefletido, infelizmente tenho que admitir: “Pai, a história deste sarcófago já foi contada?” Ele sacudiu a cabeça e olhou sério para mim ao dizer: “Ainda não, minha menina. Mas ela o será um dia, se eu chegar a viver até lá. Se eu chegar a viver até lá!” Essa frase constantemente repetida me meteu medo. Nunca mais tive coragem de lhe fazer essa pergunta.

Fiquei todo agitado e não conseguia dizer nem como nem por quê. Mas, finalmente, deu-me um estalo. A meu ver, existem momentos em que a consciência aceita algo como real, não obstante ela própria não possa ser responsabilizada pelo rumo dos pensamentos nem pela maneira como se interligam. Até agora tateávamos no escuro com relação ao sr. Trelawny e a tudo o que acontecera de misterioso com ele e à sua volta, de modo que o mínimo detalhe era aceito como uma prova satisfatória e esclarecedora. E aqui tínhamos dois raios de luz que iluminavam nossa charada.

Em primeiro lugar, que o sr. Trelawny temia por sua vida em relação a essa peça. Em segundo, justamente essa mesma peça lhe dava certas esperanças, que, enquanto não fossem realizadas, ele não podia confiar nem à filha. De novo, importunava-nos o fato de que o interior desse sarcófago era diferente do dos outros. O que significariam essas marcas salientes e estranhas? Eu nada disse à srta. Trelawny, pois não desejava lhe meter medo nem lhe dar esperanças ilusórias. Pelo contrário, tomei a resolução de investigar mais a fundo na primeira oportunidade que se apresentasse.

Na vizinhança imediata do sarcófago havia uma mesa de pedra verde, com veios vermelhos, como se fosse hematita. Os pés imitavam patas de chacal, e em cada perna se enroscava uma cobra lindamente trabalhada em ouro, com as mandíbulas abertas. Em cima da mesa havia um estranho e lindo objeto, cofre ou caixa, lavrado em pedra e de um feitio especial. Parecia um pequeno caixão, só que as partes laterais, mais compridas, se juntavam, enquanto a parte superior fora cortada na horizontal. Era um recipiente irregular, de sete lados, com dois planos de cada, uma extremidade aguda e um lado superior e um inferior. A pedra entalhada, de que era feito o caixão, era completamente desconhecida para mim. Embaixo, na base, a cor era de um verde-escuro, no tom da esmeralda, naturalmente sem o brilho. No entanto, não era opaco, seja pela cor, seja pela substância. O material era incrivelmente duro, mas de estrutura delicada. O plano superior se assemelhava a uma pedra preciosa, sendo a tonalidade para cima mais intensa, em matizes imperceptíveis, até alcançar a sutil cor amarela da porcelana Mandarin. Presumi que se tratasse da matriz ou da ganga de uma pedra preciosa, e até em uns poucos lugares mostrava hieróglifos coloridos cinzelados, com saliências semelhantes aos do sarcófago. O comprimento era de aproximadamente 73 centímetros, com metade disso de largura e pouco menos de 33 centímetros de altura. Os lugares vazios eram irregulares, espalhados na extremidade superior, e iam até a ponta. Esses lugares eram menos opacos do que todo o resto. Tentei suspender a tampa a fim de verificar se era transparente, mas não consegui. O encaixe era tão perfeito que toda a arca parecia feita de um pedaço inteiriço de pedra, escavada internamente de maneira misteriosa. Nos lados e nos cantos vi saliências feitas com determinada intenção, habilidosamente entalhadas e, como a peça inteira, adornadas com artísticas figuras hieroglíficas.

Do outro lado do grande sarcófago encontrava-se outra mesinha de alabastro, decorada com formatos simbólicos de deuses e signos. Em cima dela havia um recipiente de cristal de rocha cubiforme, de um esqueleto preso por faixas de ouro avermelhado. O tom era de um verde-azulado, semelhante ao das figuras do sarcófago e da arca. Mas esse objeto parecia bem moderno.

Se o recipiente era de data recente, seu conteúdo não era. Lá, sobre uma almofada com textura do ouro, macia como seda, macia como eu nunca tinha visto, estava depositada uma mão mumificada tão perfeita que chegava a assustar. Mão de mulher, longa e fina, com delicados e sensíveis dedos — quase tão imaculada quanto há milhares de anos, ao ser embalsamada. A mão, durante o processo de embalsamamento, não perdera nada de sua bela forma. Até a junta parecia flexível, suavemente curva em cima da almofada. O tom da pele era creme ou da cor de marfim antigo. Uma pele clara e sombreada, que fazia pensar em calor, um calor filtrado pelas sombras. Mas a grande singularidade dessa mão residia no fato de ter sete dedos, entre os quais dois médios e dois indicadores. A parte superior da articulação era denteada, como se tivesse sido fraturada. Nesse lugar eram visíveis umas manchas de um marrom-avermelhado. Ao lado da mão, sobre a almofada, via-se um pequeno escaravelho artisticamente trabalhado em esmeralda.

— Este é também um dos mistérios do meu pai. Quando lhe perguntei a respeito, respondeu-me que era provavelmente a segunda peça mais valiosa que possuía. Quando lhe indaguei qual era a primeira, ele não quis me dizer e me proibiu estritamente de lhe fazer perguntas a respeito. “Na verdade, vou lhe contar tudo em breve”, falou ele, “se eu chegar a viver até lá.”

Sempre a mesma frase. Estes três objetos pertencentes a um grupo — sarcófago, arca e mão — parecem formar a trilogia do mistério.

Então a srta. Trelawny foi chamada para atender questões domésticas. Examinei as outras coisas no quarto, porém haviam perdido para mim o encanto, já que a srta. Trelawny não me fazia mais companhia. Depois de algum tempo fui convidado a entrar no quarto de vestir. Lá ela conferenciava com a sra. Grant sobre onde seria melhor colocar o sr. Corbeck. As duas não sabiam ao certo se ele deveria ficar perto do sr. Trelawny ou ser alojado num quarto mais afastado. Queriam ouvir minha opinião a respeito. Cheguei à conclusão de que ele não deveria ficar nas proximidades, mas, caso houvesse necessidade, poderia ser

trazido para mais perto. Depois que a sra. Grant se despediu, perguntei à srta. Trelawny por que o quarto em que nos encontrávamos — o de vestir — era mobiliado em estilo tão diferente do resto da casa.

— Providências do meu pai. — Foi a resposta. — Quando vim morar aqui, meu pai, com toda a razão, fora de opinião que eu poderia sentir medo de ficar no meio de tantas lembranças de mortos e túmulos. Por isso mandou decorar este aposento com belos objetos e a suíte ao lado. Esta porta dá para um pequeno salão, onde dormi ontem. Como pode ver, são coisas realmente muito bonitas. Este armário, por exemplo, pertenceu ao grande Napoleão.

— Então não existe nada neste recinto que seja de procedência egípcia? — perguntei, mais por querer demonstrar interesse no que me contara do que por outro motivo, pois a tendência do estilo do aposento era inequívoca. — Que belo armário! Posso olhar mais de perto?

— Naturalmente, com o maior prazer — falou ela, sorrindo. — Perfeito tanto por dentro quanto por fora. É único mesmo, como dizia meu pai.

Aproximei-me e examinei bem o móvel. Era um armário feito de pau-rosa, com entalhes artisticamente marchetados e frisos dourados. Puxei uma das gavetas na parte inferior quando, de repente, ouviu-se um rolar e um som como de metal sobre metal.

— Ué — falei. — O que há aí dentro? Eu não devia ter mexido.

— Não sei o que havia aí dentro — retrucou ela. — É provável que uma das empregadas tenha colocado algo e depois se esquecido de apanhar. Puxe completamente a gaveta.

Eu a puxei, e ambos, a srta. Trelawny e eu, recuamos perplexos.

Diante de nossos olhos estava uma quantidade de lamparinas egípcias de diversos tamanhos e de diferentes e estranhos feitios. Inclina-mo-nos sobre elas a fim de examiná-las. Meu coração martelava. Vi como o peito de Margaret arfava e percebi sua agitação.

Enquanto ficamos lá parados, quase sem nos arriscar a tocar nos objetos, quase sem pensar, ouviu-se a campainha da porta da frente. Logo a seguir entrou no vestíbulo o sr. Corbeck seguido pelo sargento Daw. A porta do quarto de vestir estava aberta, e, quando ambos nos viram, entraram. O sr. Corbeck trazia estampada no rosto uma alegria contida quando falou impulsivamente:

— Minha cara srta. Trelawny, alegre-se comigo. Meu embrulho foi encontrado e as coisas estão em perfeito estado. — Meio desapontado, porém, acrescentou: — Menos as lamparinas, que tinham um valor mil vezes maior do que o resto.

A palidez da moça fez com que se interrompesse. Seu olhar seguiu o dela e se iluminou ao ver a confusão de lamparinas na gaveta. Soltou um grito de espanto e de alegria quando se inclinou sobre elas e as pegou.

— Minhas lamparinas! Minhas lamparinas! Estão intactas e seguras! Mas como, em nome de Deus, em nome de todos os deuses, foram elas aparecer aqui?

Todos estávamos apalermados. O detetive inspirou fundo. Olhei-o, e, ao nos fitarmos, ele fez um sinal em direção à srta. Trelawny, que lhe dava as costas. Em sua fisionomia via-se a mesma desconfiança de antes e da qual já me falara, isto é, de que ela fora sempre a primeira a estar com o pai após as agressões.

Capítulo 9

O SABER SECRETO

O reencontro de suas lamparinas quase levou o sr. Corbeck à loucura. Pegou-as uma por uma e as contemplou como se fosse o objeto de seu amor. Em sua alegre agitação, respirava com tanta força que parecia o ronronar de um gato.

No silêncio, ouviu-se a voz do sargento Daw como uma dissonância numa melodia.

— O senhor está absolutamente certo de que estas lamparinas lhe pertencem e que são as que lhe foram roubadas?

A resposta veio indignada.

— Certamente. É claro que estou certo disso. Não existe no mundo inteiro uma segunda coleção igual a esta.

— Desde que tenha certeza...

Essas palavras saíram bem claras, conquanto eu tivesse reparado que o detetive estava muito nervoso. E prosseguiu:

— Quem sabe talvez haja parecidas no Museu Britânico ou estas sejam de propriedade do sr. Trelawny. Como sabe, sr. Corbeck, não existe nada de novo sob o sol. Nem mesmo no Egito. Portanto, é bem possível que estas aqui sejam as originais, e as suas, apenas cópias. Será que não existem indícios que possam identificá-las como suas?

O sr. Corbeck ficou furioso e se descontrolou. Na sua raiva soltou uma torrente de frases incompreensíveis, sem deixarem de ser significativas:

— Identificar! Cópias! Museu Britânico! Baboseira! Ora, é provável que haja na Scotland Yard alguns destes exemplares como amostra, para que os policiais idiotas aprendam alguma coisa sobre egiptologia. Se eu as reconheço? Então eu não as trouxe junto a mim, durante meses, no deserto? Não as fiquei vigiando noite após noite a fim de protegê-las? Não as observei através da lente de aumento durante horas seguidas até que meus olhos ficassem doendo? Até que eu conhecesse cada pontinho, cada arranhão e cada lasca tão bem quanto um capitão conhece seu mapa marítimo? Tão bem quanto o senhor é certamente conhecido pelos gatunos que estão por trás disso. Veja, meu jovem, olhe para isto!

Colocou as lamparinas numa fileira.

— O senhor algum dia viu lamparinas iguais a estas? Olhe bem para estas figuras cinzeladas. Já teve alguma vez uma coleção tão perfeita diante dos olhos? Veja com atenção; em cada uma é possível reconhecer um dos sete personagens de Hathor. E olhe para esta figura de Ka, uma princesa dos dois Egitos, que é colocada sobre a barca dos mortos, entre Ra e Osíris. Veja como os olhos do sono estão sobre suas pernas e inclinados ante ela. E, no Norte, levanta-se Harmochis. Algo semelhante poderá ser encontrado no Museu Britânico ou em Bond Street? Será que seus estudos no Museu Gizeh, em Fitzwilliam, em Paris, em Leyden ou Berlim lhe mostraram que este episódio foi apresentado com muita precisão em hieróglifos e que estas são apenas cópias? É evidente que poderá me explicar o que significa a estatueta de Ptah-Seker-Ausar, que segura Tet embrulhada num cetiro feito de papiro. Já chegou a vê-la no Museu Britânico, em Gizeh ou mesmo na Scotland Yard?

Ele interrompeu um pouco a peroração e continuou, num tom de voz bem diferente:

— Hum, parece-me que sou eu quem está fazendo o papel de idiota cabeçudo. Perdoe a grosseria, meu caro. Mas a ideia de que eu não reconheceria estas lamparinas me pôs fora de mim. Por favor, não me leve a mal.

O detetive respondeu com sinceridade:

— De modo nenhum, senhor. Ao contrário, agrada-me quando as pessoas com as quais tenho que tratar são francas, tanto quando estão do meu lado quanto do lado oposto. É na hora em que se está fora de si que a verdade aparece. Eu me

controle porque faz parte de minha profissão. O senhor sabe que nestes dois últimos minutos me revelou mais sobre as lamparinas do que um cientista o faria numa palestra sobre suas características?

O sr. Corbeck resmungou alguma coisa para si mesmo. Estava irritado pelo fato de ter se deixado empolgar. De repente, virou-se para mim falando em tom de voz normal:

— E, agora, diga-me como conseguiu de volta as lamparinas.

Fiquei tão surpreso que respondi sem pensar:

— Não as conseguimos de volta.

O viajante deu uma sonora risada.

— O que quer dizer com essas palavras? — perguntou. — Não as conseguiu de volta, mas elas estão aí diante de seus olhos. Quando entramos, o senhor e ela estavam a contemplá-las.

Eu já me recuperara de minha surpresa e de meus cinco sentidos.

— Aí é que está — disse eu. — Nós as encontramos por acaso, exatamente no instante em que o senhor entrou.

O sr. Corbeck deu um passo para trás e olhou com firmeza para a srta. Trelawny e para mim. Seu olhar ia de um para o outro quando perguntou:

— Querem dizer com isso que não foram trazidas para cá por alguém? E que as encontraram por acaso, aqui nesta gaveta?

— Presumo que alguém as tenha trazido para cá. Elas realmente não podem ter vindo por seus próprios pés. Quem foi, quando e como aconteceu o fato, não sabemos. Faremos uma investigação e perguntaremos ao pessoal se algum deles sabe de alguma coisa.

Ficamos parados por mais alguns segundos. Então, instintivamente, escapou-lhe dos lábios uma exclamação:

— Puxa vida! Perdoe-me, srta. Trelawny. — E com isso sua boca se fechou como uma armadilha de aço.

Tivemos que passar os empregados em revista, indagando se sabiam de alguma coisa a respeito dos objetos encontrados na gaveta do quarto de vestir. Ninguém, no entanto, sabia de qualquer coisa sobre o assunto e que pudesse nos trazer alguma luz. Não lhes explicamos do que se tratava nem deixamos que eles as vissem.

O sr. Corbeck envolveu as lamparinas em algodão e as colocou numa caixa de folha de flandres, imediatamente levada para o quarto do detetive, onde uma pessoa ficaria de guarda a noite inteira com o revólver a postos.

No dia seguinte, mandamos vir um pequeno cofre no qual foram guardadas as lamparinas. Havia duas chaves para esse cofre. Uma delas ficou comigo e a segunda depusitei na minha gaveta no cofre do banco. Estávamos decididos a evitar um segundo sumiço das lamparinas.

Uma hora mais ou menos depois de termos encontrado as lamparinas, chegou o dr. Winchester. Trazia um grande pacote na mão que, ao ser desembalhado, mostrou tratar-se de uma múmia de gato. Com a permissão da srta. Trelawny, ele levou a múmia para o quarto de vestir. Então, pegaram Silvio e o levaram até perto dela. Para grande espanto de todos, excetuando-se o dr. Winchester, o animal não demonstrou sinal algum de raiva; pelo contrário, nem ligou para a múmia. Ronronando alto, ele ficou em cima da mesa. A seguir, o médico carregou o animal até o quarto do sr. Trelawny. Nós o seguimos. O dr. Winchester se mostrava bastante inquieto. A srta. Trelawny, ansiosa. Eu mesmo me sentia mais do que apenas interessado, pois comecei a compreender aos poucos o que o dr. Winchester tinha em mente. O detetive conservava uma calma aparente e sua atitude era fria, porém o sr. Corbeck, que se exaltava com facilidade, era todo curiosidade e impaciência.

Nem bem o dr. Winchester entrara no quarto, Silvio começou a miar e a se contorcer todo. Pulou dos braços do médico, correu até a múmia e pôs-se a arranhá-la, zangado, com suas garras. A srta. Trelawny teve muita dificuldade em agarrá-lo e afastá-lo da múmia. Assim que saiu do aposento, o gato se acalmou novamente. Quando a jovem voltou, nossos comentários soavam confusos.

— Eu estava certo — exclamou o médico.

— O que será que isso pode significar? — falou a srta. Trelawny.

— É muito esquisito. — Ouviu-se a voz do sr. Corbeck.

— Sim, esquisito, mas também não prova nada — contemporizou o detetive.

— Por enquanto, permitam-me que eu reserve a mim meu parecer — exclamei em meio a toda a confusão, pois sentia que deveria dizer alguma coisa. Concordamos, então, em pôr o assunto provisoriamente de lado.

À noite, quando no meu quarto eu tomava notas sobre os acontecimentos do dia, soou uma leve batida na minha porta. A meu convite, o sargento Daw entrou, fechando com cuidado a porta atrás de si.

— Sente-se, sargento — disse eu. — O que está havendo?

— Senhor, gostaria de falar a respeito das lamparinas.

Assenti e fiquei esperando. Ele prosseguiu:

— O senhor certamente sabe que o aposento onde o senhor as encontrou é ligado àquele em que a srta. Trelawny dormiu na noite passada.

— Sim.

— Durante a noite, nessa parte da casa, foi aberta uma janela e fechada outra vez. Ouvi distintamente e olhei em volta, mas não consegui descobrir nada. Absolutamente nada.

— Sim, eu sei — retruquei. — Eu mesmo ouvi mexerem numa das janelas.

— O senhor não reparou algo muito esquisito?

— Esquisito? — disse eu. — É a coisa mais louca e desconcertante por que passei em toda a minha vida. Tudo é tão estranho que se fica espantado à espera do que vai acontecer a seguir. Mas o que o senhor realmente quer dizer com “esquisito”?

O detetive ponderou bem as palavras.

— O senhor deve estar ciente de que não creio em bruxarias e coisas semelhantes. Sou sempre a favor dos fatos, pois a experiência me ensinou que, com o tempo, tudo tem uma causa e um motivo. Veja bem, o sr. Corbeck afirma que as lamparinas lhe foram roubadas de dentro de seu quarto no hotel. Elas na verdade pertencem ao sr. Trelawny, pelo que pude deduzir das próprias observações daquele senhor. Sua filha, a dona da casa, na referida noite, dormiu no andar térreo, em vez de no seu quarto. Quando nós, que estivemos o dia inteiro à procura de uma pista sobre o roubo, entramos na casa, nos deparamos com os objetos roubados no aposento ao lado daquele em que a srta. Trelawny dormiu.

Deteve-se. Tive como que uma dolorosa sensação de relutância, parecida com aquela que eu já tivera por ocasião da conversa particular com ele. Mas eu tinha que enfrentar a realidade. Meu relacionamento com ela e o sentimento que eu lhe devotava — isto é, um amor profundo e uma dedicação de que eu agora

tinha consciência — exigiam isso. Tão calmo quanto me foi possível, sentindo os olhos argutos do detetive postos em mim, falei:

— E o que se conclui daí?

Ele respondeu que não houvera roubo algum. As coisas foram trazidas para cá por alguém e recebidas por outra pessoa pela janela. Foram colocadas no armário a fim de serem descobertas no momento oportuno.

Fiquei de qualquer modo aliviado, pois sua conjectura era por demais grotesca. Mas, por outro lado, não quis deixar transparecer meu alívio, portanto respondi tão sério quanto pude.

— E quem as trouxe para cá?

— Não quero me comprometer ainda. É possível que tenha sido o próprio sr. Corbeck. Meter uma terceira pessoa na história seria muito arriscado.

— Se formos seguir suas deduções, o sr. Corbeck acabará sendo um mentiroso e intrujão que, querendo enganar outra pessoa, usou a srta. Trelawny.

— Sr. Ross, essas são palavras duras e sem circunlóquio, de modo que não se tem nenhuma resposta e se é atormentado por novas dúvidas. Devo seguir na direção que me aponta minha razão. É bem provável que a srta. Trelawny não seja a cúmplice, mas outra pessoa. Se não houvesse outras circunstâncias que apontem para ela, nem por sonho eu teria pensado nela em conexão com o assunto. Mas, quanto ao sr. Corbeck, estou absolutamente certo. Os objetos não poderiam ter sido levados do quarto do hotel sem que ele o soubesse, se o que nos disse é verdade. Achei um absurdo terem permitido que se hospedasse aqui nesta casa, no meio de tantas preciosidades. Mas, dessa maneira, eu e meu colega teremos oportunidade de ficar de olho nele. E posso garantir que o faremos. No momento, Corbeck está lá em cima no meu quarto e faz guarda às lamparinas. Mas Johnny Wright está lá em cima com ele. Daqui a pouco irei substituí-lo. Não haverá uma segunda agressão. Sr. Ross, é evidente que tudo isso deve ficar entre nós.

— Compreendo. Pode contar com a minha descrição — disse eu.

O sargento se afastou a fim de vigiar o egiptólogo.

Veríamos que essas experiências dolorosas me afetariam duplamente e que os incidentes do dia anterior se repetiriam. Não passou muito tempo e o dr. Winchester me procurou. Ele já fizera a visita noturna ao paciente e queria voltar para casa. Sentando-se numa cadeira, começou, sem rodeios:

— Temos diante de nós um caso muito estranho. A srta. Trelawny pôs-me a par das lamparinas roubadas e reencontradas. Parece-me haver uma nova complicação em toda essa charada. Porém, tudo me dá certo alívio. Já esgotei todas as possibilidades humanas e naturais do caso e recorro agora, aos poucos, às sobre-humanas e sobrenaturais. Estamos lidando com assuntos tão fora do comum que em breve deveremos chegar a uma solução; caso contrário, ficarei louco. Pergunto-me, contudo, se não devo pedir ajuda ao sr. Corbeck. Seu conhecimento sobre o Egito é enorme, e sobretudo o que se relaciona a esse país. Presumo que ele não teria nada contra em nos traduzir alguma coisa dos hieróglifos. Para ele deve ser uma brincadeira. O que acha disso?

Depois de ter pensado um pouco sobre o assunto, respondi-lhe que necessitávamos de auxílio, fosse de que lado fosse. No que dizia respeito a mim, eu tinha a maior confiança nos dois. Uma comparação de ideias e uma ajuda mútua não poderiam fazer mal; ao contrário, seriam até úteis.

— Sim, eu lhe pediria ajuda. Ele é um eminente conhecedor do Egito antigo e me parece uma pessoa boa e com muito entusiasmo. De mais a mais, será necessário que o senhor guarde para si tudo o que ele lhe disser.

— Mas é óbvio — retrucou. — Nem em sonhos me passaria pela cabeça dizer uma palavra que seja a alguém. Devemos ter em mente que o sr. Trelawny, quando voltar a si, não ficará muito satisfeito se não tivermos tratado de seus assuntos de maneira conveniente.

— Por que não fica mais um pouco? — perguntei. — Eu o convidarei para fumar um cachimbo conosco, quando então poderemos discutir melhor o assunto.

Ele concordou.

Saí à procura do sr. Corbeck. Os detetives, assim pensei, ficariam bastante satisfeitos com sua saída. A caminho de meu quarto, ele falou:

— Hum, não me agrada nem um pouco deixar as coisas para trás sob a proteção desses dois policiais. São valiosas demais para serem entregues à polícia.

Donde se vê que a manifestação de desconfiança não se restringia apenas ao sargento Daw.

Após um passageiro minuto, o sr. Corbeck e o dr. Winchester já estavam em termos amigáveis. O viajante nos prometeu ajuda, mas sob a condição de que se

tratasse de um assunto do qual pudesse falar livremente. Isso não era muito promissor. Mas o dr. Winchester o interrompeu logo:

— Se for de seu agrado, poderia traduzir para nós um pouco dos hieróglifos.

— É lógico. Com o máximo prazer, se eu for capaz, pois tenho que lhes dizer que os hieróglifos ainda não foram desvendados. Mas aos poucos chegaremos lá. A qual das inscrições estão se referindo?

— São duas — respondeu Winchester. — Uma delas trarei logo.

Saiu e voltou imediatamente com a múmia de gato que havia posto na frente de Silvio. O sábio a examinou e, depois de curta meditação, falou:

— Isto não é nada de extraordinário. É simplesmente um pedido dirigido a Bast, a dona de Budastis, encarregada de, no além, fornecer pão e leite ao animal. Na parte interna talvez haja mais. Se se der ao trabalho de desenrolar, farei o melhor que puder. Mas não creio que se deva esperar muito. Partindo do modo como foi enfaixada, eu diria que a múmia é proveniente da região do Delta, de um período posterior, quando o embalsamamento era de uso geral e barato. E onde está a segunda inscrição que devo decifrar?

— É a inscrição na múmia de gato que se encontra no quarto do sr. Trelawny.

O sr. Corbeck ficou desapontado.

— Não, isso é impossível. Assim não dá. Estou comprometido, pelo menos até o presente momento, a manter segredo no que concerne aos objetos daquele quarto.

O dr. Winchester e eu reagimos ao mesmo tempo. Eu disse apenas uma única palavra, xeque-mate, da qual ele talvez tirasse a conclusão de que eu sabia mais de seus planos e de seu propósito do que até agora deixara transparecer. Winchester murmurou:

— Comprometido a manter segredo?

O sr. Corbeck pegou o desafio:

— Não me interprete mal; não é um compromisso formal. Porém, minha honra me obriga a justificar a enorme confiança que o sr. Trelawny deposita em mim, como posso lhe assegurar. Há inúmeras coisas em seu quarto que seguem determinado propósito. Para mim, seu amigo e confidente, não seria correto nem vantajoso trair tal propósito. Como é provável que saiba, ou melhor, que não saiba, caso contrário não teria dado essa interpretação, o sr. Trelawny é um

estudioso, um grande estudioso. Há anos que labuta por determinado objetivo. Não poupou nenhum esforço, nenhuma despesa, nenhum perigo pessoal e nenhuma abnegação. Se sua meta alcançar êxito, ele será o maior descobridor e pesquisador de nossos tempos. E logo agora, em que cada minuto pode trazer o sucesso, lá está ele deitado e doente.

Estacou, dominado pela emoção. Depois de ter se recomposto, continuou:

— Repetindo, portanto, o senhor não deve me compreender mal em outro ponto. Já falei que o sr. Trelawny depositava em mim sua inteira confiança. Mas isso não quer dizer que eu conheça todos os seus planos e todos os seus propósitos. Conheço as épocas que ele estudou e tenho ciência da personalidade histórica cuja vida ele pesquisava. Mais do que isso, não sei. Tenho certeza de que as pesquisas feitas por ele tinham uma finalidade específica. O que seja, posso apenas supor. Mas não devo dizer nada a respeito. Pensem, por favor, senhores, que tomei voluntariamente o papel de confidente parcial. Sempre o respeitei e devo pedir a todos os meus amigos que façam o mesmo.

Ele falara com grande dignidade, e nossa estima e consideração para com ele aumentaram, tanto da parte do dr. Winchester quanto da minha. Sentimos que ainda não dissera tudo, por isso ficamos calados. Ele, então, prosseguiu:

— Já disse muita coisa, se bem que saiba perfeitamente que o menor indício que alguns dos senhores pudessem achar em minhas palavras poria em risco o sucesso de seu trabalho. Mas estou convencido de que querem realmente ajudá-lo e à sua filha, empregando o melhor dos seus esforços com sinceridade e desinteresse — essas últimas palavras ele as pronunciou dirigindo-se a mim. — Ele sofreu tanto, e ainda por cima está agora com uma doença de natureza misteriosa, que me passou pela cabeça que presumivelmente seria consequência de seu trabalho. Que ele contava com um revés, ficou agora bem claro para nós. Deus é testemunha de que quero fazer tudo a meu alcance e empregar todas as minhas forças e conhecimento para ajudá-lo. Cheguei à Inglaterra animado, porque eu cumprira com êxito a missão que me fora confiada. Eu tinha em mãos os últimos objetos de sua busca, como me dissera. Eu estava certo de que iniciaria a experiência à qual fizera alusão por tantas vezes. É terrível que, logo agora, tivesse sido acometido por essa doença. Dr. Winchester, o senhor é médico e, se não me engano, uma pessoa inteligente e corajosa. Não existe nenhuma possibilidade de acordá-lo dessa sua inércia fora do normal?

Houve uma interrupção e, então, a resposta veio lenta e ponderada:

— Não existe nenhum tratamento que eu conheça. Pode ser que haja algo fora do comum. Mas não faria sentido tentar descobri-lo, a não ser sob certa condição.

— Qual?

— Conhecimento. Sou completamente ignorante a tudo o que se refere ao Egito. Nada sei da língua, da escrita, da história, dos mistérios, da terapêutica, dos venenos, das forças ocultas, tudo o que forma o imponderável desse país de charadas. Essa doença ou estado, como se quiser chamá-lo, de que padece o sr. Trelawny está de algum modo ligado ao Egito. Essa suspeita eu tive desde o início e, mais tarde, transformou-se também em certeza, ainda que sem provas. O que me disseram hoje à noite confirma minha hipótese e me faz supor que é possível obter uma prova. Acho que ainda não sabe tudo o que aconteceu nesta casa naquela noite, desde que foi encontrado o corpo do sr. Trelawny. Proponho que o senhor seja posto a par de tudo. Se o sr. Ross concordar, poderá lhe contar as ocorrências. Ele tem mais experiência em desenrolar os fatos diante de outras pessoas e plenos poderes para falar. Nesse caso, é o que está em melhores condições de fazê-lo, por ter sabido dos acontecimentos por intermédio de testemunhas oculares. Quando souber de tudo, é provável que esteja em situação de apreciar a melhor maneira de poder servir ao sr. Trelawny e aos seus desejos sigilosos, falando ou se calando.

Assenti com a cabeça. O sr. Corbeck deu um pulo e, com sua maneira impulsiva, estendeu-nos ambas as mãos.

— Combinado — disse ele. — Presumo que me honram com sua confiança. De minha parte, comprometo-me a falar abertamente, caso eu ache que minhas obrigações para com as instruções secretas e para com seus próprios interesses permitam uma revelação.

Então, comecei a narrar tudo, desde o instante em que acordei em Jermyn Street. Só fui discreto no que se referia aos meus sentimentos para com a srta. Trelawny e à conversa com o sargento Daw, que era de natureza confidencial.

O sr. Corbeck seguiu minha narrativa com um interesse febril. De vez em quando, levantava-se para dar uns passos a fim de diminuir a irritação. Outras vezes dava a impressão de que diria alguma coisa, mas se continha a muito custo.

Acho que minha narrativa contribuiu para que eu tomasse uma decisão. Enquanto eu fazia minha exposição dos fatos, tudo me pareceu se esclarecer. Os de maior ou menor importância foram colocados numa perspectiva mais adequada quanto ao seu significado nesse caso. A história parecia mais completa, com exceção, naturalmente, da causa de todos os acontecimentos que se apresentavam como uma charada maior do que antes. É a vantagem de uma narrativa conexa e completa: os fatos separadamente, dúvidas, motivos de suspeita, hipóteses, tudo estava dando lugar a uma relação convincente.

Podia-se perceber que o sr. Corbeck estava plenamente convencido, e ele não perdeu tempo com explicações desnecessárias nem com restrições, mas, com certa altivez, foi direto ao assunto:

— Tomei uma decisão. Há aqui uma força atuante que necessita de que certas providências sejam tomadas. Se continuarmos tateando no escuro, iremos nos atrapalhar uns aos outros no caminho e faremos com que tudo vá por água abaixo. Julgo que a primeira providência a ser tomada será a de acordar o sr. Trelawny de seu sono fora do normal. É evidente ser isso possível, porquanto a enfermeira já acordou. Quais os danos adicionais que vão ocorrer por continuar neste quarto, ninguém está capacitado a fazer uma avaliação. Temos que nos conformar com esse risco. Um dia a mais ou a menos já não vai fazer diferença alguma. Já é tarde, e amanhã é provável que tenhamos um dever a cumprir e que exigirá muito de nossas energias. O senhor, doutor, está querendo certamente ir para a cama, pois é evidente que pela manhã vai ter outros trabalhos a fazer. Suponho, sr. Ross, que hoje o senhor terá que fazer parte da vigília no quarto do doente. Eu lhe darei um livro contra o tédio. Eu o vi por ocasião de minha última visita à biblioteca e acho que o sr. Trelawny não o teve nas mãos desde então. O que contém esse livro há longa data já era de seu conhecimento. Mas é necessário que o leia para a compreensão das outras coisas das quais mais tarde lhe darei ciência, ou pelo menos terá algum préstimo. Poderá contar um pouco ao dr. Winchester, o que vai auxiliá-lo bastante. Suponho que muito em breve tenhamos que dividir as tarefas, o que tomará todo o nosso tempo e toda a nossa compreensão. O senhor não precisa ler o livro inteiro. O que deve lhe interessar é principalmente o prefácio e mais uns dois ou três capítulos que vou marcar, porque têm relação direta com o caso em apreço, é evidente, uma vez que o livro,

como um todo, é um interessante relato de viagem a um país ainda completamente desconhecido na época.

Trocou um caloroso aperto de mão com o dr. Winchester, que também se levantara.

Durante sua ausência, fiquei sentado ali, sozinho, pondo a massa cinzenta a funcionar. E enquanto pensava, o mundo à minha volta tomou enormes dimensões. O pequeno ponto que me interessava me parecia uma mancha no meio do deserto. Do lado de fora havia escuridão e perigos desconhecidos que me ameaçavam por todas as direções, e a figura central em nosso pequeno oásis era de muito encanto e beleza. Uma figura que se podia amar e pela qual se podia trabalhar e até morrer. Pouco tempo depois, o sr. Corbeck apareceu com o livro. Conseguiu descobrir o volume no mesmo lugar onde o havia visto três anos antes. Depois de ter feito as marcações com pedaços de papel, entregou-me o livro nas mãos, com as seguintes palavras:

— Isto é o que pôs o sr. Trelawny em ação, e a mim também, depois que o li. Sem dúvida será para o senhor o início interessante de um estudo todo especial, independentemente do final. Caso, é claro, algum de nós chegue a ver o final.

Parou ao chegar à porta e acrescentou:

— Uma coisa devo retirar. O detetive é um homem bom. O que o senhor me contou a respeito dele faz com que apareça sob uma luz bem diferente, e a melhor prova disso é que agora já poderei me deitar hoje, sossegado, e deixar as lamparinas sob sua guarda.

Peguei no livro, coloquei minha máscara e me encaminhei para começar a vigília no quarto do doente.

Capítulo 10

O VALE DO MAGO

Coloquei o livro sobre a mesinha onde se encontrava o abajur, empurrando-o um pouco para o lado. Desse modo, a luz incidiu sobre o texto. Levantando o olhar eu veria a cama, a enfermeira e a porta ao mesmo tempo. Não posso afirmar que as circunstâncias fossem agradáveis ou de tal maneira que possibilitassem um aprofundamento no assunto, desejável para um estudo efetivo. Pus-me, então, ao trabalho do melhor modo que pude. Desde a primeira página o livro exigia uma atenção toda especial. Era um folheto redigido em holandês, editado em Amsterdã, em 1650. Alguém havia feito uma tradução literal, na qual escrevia a palavra em inglês sob a correspondente em holandês, de maneira que as diferenças gramaticais entre as duas línguas transformavam a leitura da tradução num empreendimento bastante penoso. Era preciso saltar continuamente da frente para trás entre as palavras e havia ainda a dificuldade de decifrar uma caligrafia em língua estrangeira, de duzentos anos atrás. Contudo, logo descobri que eu podia seguir a construção das frases holandesas em inglês corrente. Assim que me acostumei aos caracteres, tudo ficou bem mais fácil.

De início, tudo à minha volta me perturbava, inclusive o receio de que a srta. Trelawny pudesse chegar e me surpreender na leitura do livro. Porque, antes da partida do dr. Winchester, havíamos combinado que ela deveria ficar afastada das

pesquisas futuras. Temíamos que fatos misteriosos pudessem lhe provocar um grande choque.

Além disso, ela, sendo filha do sr. Trelawny, poderia mais tarde vir a se encontrar em situação um tanto delicada, caso tivesse desprezado as exigências de seu pai ou mesmo se tivesse sabido do complô contra ele. Quando, porém, lembrei que ela ocuparia seu lugar junto ao doente somente às duas da madrugada, não tive mais receio de ser interrompido. Ainda faltavam três horas. A enfermeira Kennedy se sentava pacientemente e estava atenta em sua cadeira ao lado da cama do doente. No patamar, o relógio fazia tique-taque, assim como os outros existentes na casa. A vida da cidade lá fora se fazia notar por um zumbido afastado, que aumentava até se transformar em forte alarido, quando a brisa do leste trazia consigo o barulho confuso. Mesmo assim, o silêncio predominava. Apesar da luz incidindo sobre meu livro que a cúpula de seda verde amortecia sempre que eu levantava os olhos, a escuridão do quarto do doente parecia aumentar. A cada linha que eu lia, tudo dava a impressão de ter ficado mais escuro, de modo que a luz quase me ofuscava sempre que eu tornava à leitura. Ainda assim mantive minha palavra e me aprofundei de tal forma no assunto que meu interesse despertou de fato. O livro fora escrito por um conhecido Nicolas van Huyn, de Hoom. No prefácio ele informava como fora incentivado pela obra intitulada *Piramidografia*, de John Graves, do Merton College, tendo feito uma viagem ao Egito, onde seu interesse despertado pelas maravilhas daquele país deu motivo a que empregasse anos de sua vida visitando lugares desconhecidos e estudando ruínas de inúmeros templos e tumbas. Descobriu preciosas variantes das histórias a respeito da construção das pirâmides, como haviam sido descritas pelo historiador árabe Abn Abd Alhokin, e, posteriormente, escreveu algumas a esse respeito. Não me demorei a ler essas histórias, mas fui adiante, até as páginas marcadas.

Mal eu havia começado a ler, aumentou em mim a sensação de que uma influência incômoda se fazia sentir à minha volta. Uma ou duas vezes levantei os olhos a fim de me certificar se a enfermeira se movera, mas ela continuava em seu lugar, calma e vigilante, como sempre. Voltei para meu livro. Nele era relatado que, depois de vários dias atravessando os montes a oeste de Assuan, o cientista chegara a determinado lugar. Citarei aqui suas próprias palavras, traduzindo-as para o inglês moderno:

“Ao anoitecer chegamos à entrada de um estreito e profundo vale que descia na direção leste-oeste. Eu desejava ir depressa, porque o sol parado no fundo do horizonte mostrava uma larga abertura por trás do penedo. Os felás se recusavam terminantemente a pisar no vale naquela hora e objetavam que poderiam ser surpreendidos pela noite, antes de terem alcançado a saída. Não quiseram dar nenhum motivo para seus medos. Até o presente momento haviam ido a todos os lugares que eu determinara e a qualquer hora.

“Devido à minha insistência, porém, disseram que esse era o Vale do Mago, onde ninguém deveria entrar à noite. Quando lhes pedi que me contassem a respeito desse tal Mago, disseram simplesmente que ele não tinha nome algum e que não sabiam de nada.

“Na manhã seguinte, assim que o sol se levantou e brilhava sobre o vale, seus medos haviam desaparecido. Disseram-me então que, nos tempos antigos — milhões e milhões de anos —, um grande mágico, um rei ou uma rainha, não sabiam bem ao certo, havia sido enterrado ali. Também não sabiam o nome, afirmavam que não tinha mesmo nome algum e que, se, por acaso, alguém pronunciasse um nome, definharia em vida, de modo que, após a sua morte, nada mais restaria que pudesse fazê-lo ressuscitar no outro mundo.

“Durante a travessia do vale permaneceram agarrados, em grupo, e iam à minha frente. Nenhum deles tinha coragem de ficar para trás. Para justificar a pressa diziam que o braço do mágico podia alcançar longe e que seria perigoso ficar por último. Isso, pelo fato de ser eu o último, por motivos óbvios, não me era de nenhum consolo. No lugar mais estreito do vale, no lado sul, erguia-se um alto e íngreme escolho, cuja superfície superior era lisa e plana. Nesse escolho estavam inscritos sinais cabalísticos bem definidos. Figuras de homens e de animais, peixes, répteis e aves, e ainda sol, estrelas e muitos símbolos estranhos. Eram membros como braços, pernas, dedos, olhos, narizes, orelhas e lábios. Símbolos repletos de mistério que, no dia do Juízo Final, seriam uma charada para o anjo que anota os atos bons e maus da humanidade.

“O rochedo era virado para o norte. Era tão estranho e diferente dos outros rochedos recobertos de sinais que eu já vira que dei uma parada e pesquisei a parte da frente dele o melhor possível com o auxílio de um telescópio.

“Os egípcios do meu grupo ficaram possuídos de medo e usaram de toda a sua persuasão para que continuássemos a caminhada.

“Fiquei por lá até o anoitecer, porém não consegui descobrir a entrada de uma cripta que eu supunha existir ali no rochedo talhado. Mas nesse meio-tempo aconteceu um tumulto entre os homens e tive que deixar o vale, se não quisesse que toda a minha comitiva desertasse. Porém, em segredo, tomei a resolução de descobrir e investigar o túmulo. Para isso, penetrei mais fundo na montanha onde me encontrei com um xeque árabe que se prontificou a ficar a meu serviço. Os árabes não sofriam desse medo supersticioso dos egípcios. O xeque Abu Soma e seu séquito estavam decididos a tomar parte na descoberta. Assim que cheguei ao vale com esses beduínos, tentei escalar a superfície do rochedo. Foi um fracasso, pois ele era liso demais para uma escalada. Além da natureza da pedra, simétrica e lisa, ela fora trabalhada para torná-la mais escorregadia. Era visível que antes havia degraus e que o tempo não conseguira apagar as marcas do cinzel e do martelo, onde estes foram quebrados ou cortados. Como não tive sorte na tentativa de alcançar o túmulo pela parte de baixo e não tinha nenhuma escada que pudesse usar na subida, procurei um caminho para a borda superior do rochedo, fazendo um desvio mais além.

“Dei, então, um jeito para que eu fosse abaixado por meio de cordas, a fim de poder examinar cada seção da superfície do rochedo, onde eu esperava descobrir uma abertura. Acabei encontrando uma entrada fechada por uma grande placa de pedra. Situava-se a uma altura de 33 metros, a dois terços da altura total. Os hieróglifos e símbolos cabalísticos esculpidos nela estavam dispostos de tal maneira que escondiam a entrada. Os sinais haviam sido profundamente esculpidos e colocados tanto no portal quanto na grande placa de pedra que formava a porta propriamente dita. Essa placa fora ajustada com tamanha exatidão que nenhum cinzel ou instrumento cortante que eu tivesse comigo poderia entrar nas frestas. No entanto, fiz muita força e consegui abrir caminho para o túmulo depois de várias marteladas fortes, pois, na realidade, existia um.

“Assim que o portão de pedra da abertura caiu, entrei no mausoléu e notei, ao passar, uma longa corrente de ferro enrolada num suporte nas proximidades da entrada.

“Encontrei o túmulo intacto, semelhante às mais belas tumbas egípcias: câmara e fosso que levavam à câmara da múmia ao fim da galeria. Continha uma lousa com imagens, como se fosse uma espécie de relatório, cujo significado já fora

perdido para sempre, esculpida numa pedra estranha e pintada em cores também estranhas.

“Os muros da câmara e a galeria estavam recobertos de sinais esquisitos com o feitio misterioso já citado.

“A pesada urna de pedra e o sarcófago no túmulo fundo também se encontravam recobertos por sinais gravados de maneira artística. O xeque árabe e mais dois homens que haviam penetrado comigo na sepultura, e para quem tal descoberta horrível provavelmente não era novidade, suspenderam a tampa do sarcófago sem quebrá-la, coisa que os espantou. Não era comum uma tarefa desse tipo ser coroada de êxito, segundo me informaram. Positivamente, pareciam não tomar muito cuidado e manuseavam os diversos objetos do túmulo com tanta displicência que se o próprio ataúde não fosse maciço poderiam tê-lo danificado. Por isso me preocupei bastante, porque fora esculpido de maneira maravilhosa numa pedra estranha que eu desconhecia. Ainda mais me preocupava o fato de que não se podia levá-la. O tempo escasso e a travessia do deserto tornavam a coisa impraticável. Eu poderia carregar comigo apenas umas poucas insignificâncias.

“No sarcófago jazia um corpo, provavelmente o de uma mulher, envolto, como todas as múmias, em várias camadas de linho. Por certos sinais existentes nas bandagens, reconheci que se tratava de uma pessoa de alta linhagem. A mão sobre o peito não estava enfaixada. Nas múmias que eu vira até agora, braços e mãos se encontravam sempre enfaixados, e unicamente adornos de madeira imitando braços e mãos na cor e no formato originais é que ficavam fora do corpo enrolado.

“Essa mão era muito esquisita, porque era a mão da própria pessoa que ali jazia embalsamada. Havia carne no braço que saía da mortalha e que, devido ao processo de embalsamento, tomara um aspecto de mármore. Braço e mão tinham a coloração de um branco escurecido, exatamente igual à cor que toma o marfim quando fica demasiadamente exposto ao ar. Pele e unhas estavam intactas, como se o corpo ainda não tivesse sido enterrado. Toquei na mão, movimentando-a, e me convenci de que o braço era tão móvel quanto o de uma pessoa viva, ainda que um pouco rígido como o de um faquir que eu vira uma vez na Índia. Outra coisa prodigiosa era que nessa mão antiga não havia menos do que sete dedos, todos igualmente delicados, longos e da maior beleza. Desnecessário será dizer que me horripilou tocar nessa mão que há milhares de anos ali estava sem ser apalpada e

que dava ao tato a impressão de vida. Sob a mão que parecia protegê-lo, via-se um rubi gigante, uma pedra cujo tamanho era de espantar, pois, de modo geral, ela é de tamanho pequeno. Sua cor era extraordinária — como sangue, quando a luz incidia sobre ela. O que mais admirava não eram unicamente o tamanho e a cor, ainda que essas qualidades fossem raras, como já foi dito, porém a luz refletida de sete estrelas que se irradiavam em sete direções diferentes e iluminavam tanto como se estrelas tivessem sido embutidas nela.

“A contemplação dessa pedra me deu tamanho impacto que, por instantes, fiquei imóvel a fitá-la e ela a mim, assim me pareceu, tal como a lendária cabeça de Medusa, cujo olhar transformava em pedra todo aquele que olhasse para ela. Era tão forte a sensação que eu gostaria de ter fugido. O mesmo acontecia com meus acompanhantes.

“Depois peguei na pedra rara e em alguns amuletos valiosos e me apressei a escapar. Com prazer eu teria ficado por lá mais um pouco, a fim de examinar o invólucro da múmia com mais atenção, mas se não o fiz foi por medo. Porque, de súbito, veio-me à mente que eu me encontrava em local abandonado, na companhia de estranhos sem muitos escrúpulos, que se haviam juntado a mim sabe-se lá com que intenções, e que estávamos num sepulcro distante, a 33 metros de profundidade, onde ninguém poderia me encontrar se algo me acontecesse e onde também ninguém iria olhar. Secretamente, decidi que haveria de voltar, mas em companhia mais confiável. Além do mais, fui incentivado a continuar com minhas investigações, pois percebi que naquela caverna extraordinária havia inúmeros objetos curiosos, como uma arca de forma invulgar, feita de uma rocha desconhecida para mim e que, de acordo com minha suposição, poderia conter outras pedras preciosas, pelo fato de ter sido colocada no próprio sarcófago grande. Contudo, no túmulo havia ainda uma segunda caixa de feitio esquisito, ornamentada e que apresentava um formato mais simples. Era composta de um metal ferroso de grande espessura. A tampa era presa por meio de argamassa e estuque, como que para impedir a entrada de ar. Os árabes que estavam comigo quiseram abri-la a todo custo, porque, por ser maciça, dava a ideia de conter tesouros extraordinários. Eu cedi. Mas a esperança deles logo se desfez. Dentro havia quatro urnas enfeitadas, lindamente trabalhadas e com diferentes ornamentos. Um deles era o de uma cabeça humana; outro, o de um chacal; e um

terceiro, o de um falcão. Eu sabia que tais urnas tumulares serviam como depósito de entranhas e outros órgãos do morto mumificado.

“Ao abriremos as urnas — a massa que servia de vedação era feita de uma camada de cera bem fina que logo cedeu —, descobrimos que elas continham apenas azeite. Os beduínos mergulharam as mãos dentro delas para que o tesouro porventura ali existente não escapasse e, com isso, derramaram bastante óleo pelo chão. Sua busca não foi coroada de êxito, já que não havia tesouro algum. Os olhares de cobiça dos árabes me fizeram sentir o perigo em que eu me encontrava. A fim de apressar a saída, quis me aproveitar dos medos supersticiosos que tomavam conta desses homens duros. O guia dos beduínos saiu da caverna e fez um sinal aos outros que ficaram em cima para que nos suspendessem. Eu, que não tinha intenção de ficar com eles devido às minhas desconfianças, segui-o imediatamente. Os outros, porém, levaram algum tempo para subir, o que me deu medo de que fossem saquear o túmulo por conta própria. Procurei não dar nenhuma demonstração de meus sentimentos para que não acontecesse algo muito pior. Por fim, os retardatários juntaram-se a nós. Um deles, o que saiu em primeiro lugar, perdeu o equilíbrio ao colocar o pé na beirada superior do rochedo e despencou. Morreu na hora. O outro chegou sem novidade. O próximo era o xeque e o último era eu. Antes que me suspendessem, recoloquei a placa de pedra diante da entrada do túmulo porque desejava encontrá-la intacta caso eu voltasse.

“Quando todos estávamos na elevação sobre o rochedo, foi bom poder ver os raios de sol no firmamento, depois da escuridão e da atmosfera sombria do túmulo. Senti até certa satisfação com o fato de o pobre árabe, que havia caído do rochedo despencando para a morte, estar deitado ali no sol, e não no escuro mausoléu. Manifestei o desejo de descer com meus companheiros a fim de apanhá-lo e dar-lhe um tipo qualquer de sepultura, mas o xeque não foi da mesma opinião e mandou que dois dos seus homens se encaregassem do assunto, enquanto continuávamos nosso caminho.

“Quando acampamos à noite, apenas um deles voltou e disse que um leão do deserto havia atacado seu companheiro depois que eles enterraram o outro colega na areia profunda, fora do vale, e cobriram a cova com pedras bem grandes para que os chacais e outros animais predadores não pudessem desencavá-lo.

“Mais tarde, à luz da fogueira do acampamento, em volta da qual os homens se deitavam ou sentavam, percebi como exibiu alguma coisa a seus camaradas e que eles a fitaram com grande timidez e veneração. Aproximei-me pé ante pé e vi que era a mão branca da múmia que se encontrava protegendo a pedra preciosa no sarcófago. Ouvi ainda quando o beduíno relatava que a encontrara com aquele que havia caído do rochedo. Não era possível haver engano, pois lá estavam os sete dedos nos quais eu já reparara antes. O homem deve tê-la arrancado da múmia enquanto o xeque e eu estávamos distraídos. E, pela timidez dos outros, deduzi que esperava usá-la como amuleto ou feitiço. No caso de a mão ter qualquer poder, ela não deveria ter boas intenções, porque aquele que a roubara encontrara a morte logo depois do roubo. E esse amuleto já passara por um batismo horripilante, porque a articulação da mão morta apresentava uma cor vermelha, como se tivesse sido mergulhada em sangue vivo.

“Naquela noite tive a exata sensação de que alguém estaria se aproximando de mim e senti medo. Se uma pobre mão tinha um preço tão elevado como amuleto, quanto não deveria custar para eles a pedra preciosa que a mão estivera protegendo? Não obstante apenas o xeque soubesse de sua existência, meu medo era ainda maior justamente devido a isto: ele poderia virar tudo de modo que eu ficasse à sua mercê. Por esse motivo eu me armei e lutei para ficar acordado, resolvido a me separar desses companheiros na primeira oportunidade e a empreender a volta primeiro às margens do Nilo e depois de navio para Alexandria, mas aí já com outros gulas que nada soubessem sobre os objetos estranhos que eu levava comigo.

“Finalmente fui vencido por um sono tão forte ao qual não pude resistir. Com medo de um ataque ou de uma revista enquanto eu dormia, apanhei a pedra sem ser notado e segurei-a firme na mão.

“Ela parecia refletir o brilho chamejante do fogo e a luz das estrelas. Foi nessa hora que percebi que a parte de trás estava recoberta de sinais iguais aos que eu vira no túmulo. Quando adormeci, mantive a pedra preciosa toda coberta de sinais em minha mão fechada.

“Acordei assim que o sol da manhã me bateu no rosto. Sentei-me e olhei em volta. O fogo se apagara, o acampamento estava abandonado, com exceção de um vulto que jazia nas proximidades. Era o xeque árabe, deitado de costas, morto, com seu rosto quase preto e os olhos arregalados olhando de modo horrível para o

céu, como se estivesse tendo uma visão pavorosa. Fora estrangulado, era evidente. Mas, quando cheguei mais perto, reparei sinais vermelhos em sua garganta, onde os dedos a haviam apertado. Pareceram-me tantos que os contei. Eram sete, todos paralelos, com exceção do polegar, como se proviessem de uma mão. Isso me excitou muito e fui obrigado a me lembrar da mão da múmia com os sete dedos.

“Até aqui, sob o céu livre do deserto, parece haver aparições e feitiçaria!

“Quando, surpreso, inclinei-me sobre ele, abri instintivamente minha mão direita, que até o presente momento eu conservara fechada como enquanto eu dormia, a fim de proteger com segurança o que lá dentro se encontrava. A pedra preciosa caiu e bateu na boca do morto. Oh, maravilha — da boca do morto escapou um jorro de sangue, no qual a joia vermelha se perdeu. Virei o morto a fim de procurá-la e descobri que ele estava deitado sobre sua mão direita, como se tivesse caído sobre ela. Segurava na mão uma grande faca bem amolada e pontuda, igual à que os árabes trazem presa à cintura. Era bem provável que tivera a intenção de me matar quando veio a vingança, seja pela mão do homem, seja pela dos deuses antigos, não sei. É suficiente dizer que fugi logo, sem hesitação, desse lugar pavoroso assim que encontrei meu rubi que cintilava como uma estrela viva no meio do sangue.

“Sozinho, vaguei pelo quente deserto, até que Deus, em sua grande misericórdia, se apiedou de mim e me fez ir de encontro a uma tribo acampada perto de uma fonte e onde me ofereceram um pouco de sal. Fiquei com eles até que me senti em condições de seguir viagem. O que aconteceu com a mão da múmia ou com os que a haviam tirado, não tenho a mínima ideia. Que discórdia, que suspeita, que fatalidade e que cobiça ligava tudo, não sei. Mas deve ter havido tais coisas, porque os que estavam de posse da mão fugiram. É verdade que seria usada por uma tribo nômade do deserto como fetiche encantado.

“Assim que houve uma oportunidade, procurei o rubi, porque desejava saber o que as inscrições queriam dizer. Os símbolos, cujo significado não estava claro para mim, eram como segue.”

Por duas vezes julguei ver sombras nas páginas do livro enquanto me entretinha preso à leitura, sombras que, devido ao tema lúgubre, tinham o aspecto de mão. Na primeira vez descobri que eram simplesmente provocadas pelo abajur de seda

verde, mas, na segunda, levantei os olhos e meu olhar se fixou na mão da múmia que estava sendo iluminada pela luz que passava através das frestas das persianas.

Não é de admirar que eu a tivesse ligado à narrativa, porque se meus olhos não estavam me pregando nenhuma peça, a tal mão se encontrava aqui, neste aposento, como a havia descrito Van Huyn. Lancei uma vista de olhos para a cama. Como era confortador ver a enfermeira ali sentada, calma e vigilante! Era bom saber que havia uma pessoa viva por perto — numa hora como esta, nesta companhia e durante esta leitura.

Fiquei lá sentado e olhando para o livro sobre a mesa, e então tive inúmeros pensamentos extraordinários que começaram a se misturar na minha cabeça. Quase me pareceu que a luz incidente sobre os dedos brancos tinham uma ação hipnótica sobre mim. De súbito, porém, meus pensamentos fizeram uma parada e, no espaço de um olhar, o mundo e o tempo se imobilizaram.

Era real a mão que se encontrava sobre o livro. O que se passava comigo? A contemplação da mão de Margaret Trelawny era uma alegria para mim e igualmente uma alegria poder segurá-la. Depois de tudo o que acontecera, ainda exercia sobre mim um estranho efeito estimulante. Foi uma impressão passageira que logo se desfez, antes que a voz dela chegasse aos meus ouvidos.

— O que o assusta? Por que olha tão fixamente para o livro? Cheguei até a pensar que o senhor voltara àquela situação esquisita.

Levantei-me depressa.

— Eu lia um livro antigo da biblioteca. — E, rápido, fechei o volume, colocando-o debaixo do braço. — Vou levá-lo imediatamente de volta, porque seu pai, segundo sei, dá muito valor a que todas as coisas, principalmente os livros, estejam em seu lugar.

Minhas palavras foram intencionalmente enganosas porque ela não deveria saber o que eu estivera lendo. Não desejava despertar sua curiosidade deixando o livro sobre a mesa. Por isso, apressei-me a deixar o quarto, mas não fui à biblioteca, e sim para meus aposentos, onde eu teria o tomo à mão depois que tivesse dormido o suficiente. Quando voltei ao quarto do doente, a enfermeira Kennedy estava prestes a se retirar para ir descansar um pouco. Agora era a vez da srta. Trelawny de vigiar comigo. Eu não queria ler na presença dela. Ficamos sentados um perto do outro a conversar em voz baixa, enquanto os minutos se passavam. Notei com enorme espanto que as beiradas das cortinas mudavam de

cinza para amarelo, fato provocado pela luz. Não falamos sobre o doente, mas, de certo modo, tudo o que se relacionava à filha tinha ligação com o pai.

Não falamos do Egito, nem de múmias, nem de cavernas, nem de xeques beduínos. Na luz crescente do dia, vi com prazer que a mão de Margaret não tinha sete dedos, mas cinco, pois eu a segurava na minha.

Depois que o dr. Winchester se juntou a mim na sala de jantar onde eu tomava uma pequena refeição — café da manhã ou almoço, não sei — antes que eu fosse me deitar, o sr. Corbeck chegou ao mesmo tempo e pudemos recomeçar a conversa de onde, na noite anterior, a interrompêramos. Contei ao sr. Corbeck que eu havia lido o capítulo sobre o encontro do túmulo e que eu era de opinião que o dr. Winchester deveria lê-lo também. Ele concordou e já queria levar o livro consigo, pois teria que tomar o trem para Ipswich e poderia ler no caminho. À noite, por ocasião de sua próxima visita, ele o traria de volta. Dirigi-me apressadamente para meu quarto a fim de apanhar o volume, mas não consegui encontrá-lo. Eu tinha a nítida lembrança de tê-lo colocado sobre a mesinha de cabeceira depois que a srta. Trelawny entrara no quarto do doente. Era muito esquisito, já que o livro não era do tipo que um empregado fosse tirar. Tive, então, que voltar e explicar aos outros que o livro havia sumido.

Após os cumprimentos do dr. Winchester, o sr. Corbeck, que parecia conhecer de cor o livro do holandês, conversou comigo a respeito do assunto. Eu lhe disse que lera até a descrição da joia quando fui interrompido pela troca do plantão noturno.

— Não precisa ficar decepcionado quanto a isso. Seja na época de Van Huyn, seja duzentos anos depois, já se conhecia o significado dos sinais entalhados. Primeiro com Young e Champollion, seguido por Birch, Leslus, Rosellinie e Salvoline. Mariette Bey e outros estudiosos daqueles tempos tiveram de fato grande sucesso, e o real significado dos hieróglifos já era conhecido. Mais tarde lhe explicarei o sentido, caso o sr. Trelawny não o faça ele mesmo ou não me proíba de esclarecer esse sentido todo especial. No momento, acho melhor o senhor saber o que aconteceu, de acordo com a narrativa de Van Huyn, pois o episódio termina com a descrição da pedra e de como Van Huyn a trouxe para a Holanda no fim de sua viagem. Conforme o que ele escreveu, esse episódio termina aqui. O que há de mais importante no livro é o fato de estimular o pensamento, a ação e, entre outras coisas, também o sr. Trelawny e a mim. O primeiro é versado em línguas

orientais, mas não conhece as do norte da Europa. Meu talento linguístico me animou em Leyden ao estudo do holandês para que eu pudesse utilizar a biblioteca. Daí que, enquanto o sr. Trelawny organizava sua coleção egípcia e, num catálogo de livraria, encontrou este volume com a tradução manuscrita, eu estudava outra edição, original em holandês. Ambos ficamos extraordinariamente impressionados com a descrição do túmulo solitário do rochedo, localizado lá no alto, protegido dos intrusos por galerias secretas. Mas a parede lisa do rochedo estava repleta de ornamentos exatamente como descrita por Van Huyn.

“Além disso, chamou-nos a atenção o fato de ser muito estranho que, apesar do progresso havido na egiptologia desde os tempos de Van Huyn, em lugar algum podia ser encontrada uma indicação de quem estava no túmulo num local tão invulgar.

“Nota-se ainda que já o próprio nome do lugar, o Vale do Mago, exercia uma força de atração característica. Depois que nos encontramos, devido ao fato de o sr. Trelawny ter pedido ajuda de outro egiptólogo em seu trabalho, além de falarmos sobre muitos outros assuntos, este era o tema principal de nossas conversas.

“Tomamos a resolução de empreender a busca do vale misterioso. Durante os preparativos para iniciar a viagem — o que tomou bastante tempo, porque o sr. Trelawny gostava de executar tudo ele mesmo —, parti para a Holanda, a fim de verificar se podia encontrar as provas da verdade da narrativa de Van Huyn. Dirigi-me diretamente para Hoorn e, com muita paciência, pus-me à procura da casa do viajante e dos eventuais descendentes. Não os incomodarei com as particularidades de minhas indagações nem das minhas descobertas. Hoom é uma cidadezinha que, desde os tempos de Van Huyn, não se modificara substancialmente, a não ser pelo fato de ter perdido sua importância como centro comercial. Parece que, desde então, nada mudou muito. Para essa antiga e adormecida cidadezinha, dois ou três séculos nada significavam. Consegui descobrir a casa onde ele viveu e soube que não havia mais descendentes. Investiguei velhos registros de igrejas e só encontrei morte e extinção. Tentei saber o que fora feito de seus tesouros, porque era claro que um homem tão viajado deveria possuir enormes preciosidades.

“Encontrei algumas nos museus de Leyden, Utrecht e Amsterdã, e outras em casas de ricos colecionadores. Afinal, pude descobrir uma pista na loja de um

idoso relojoeiro e joalheiro em Hoom do que ele considerava seu tesouro mais importante: um rubi com feitio de escaravelho lapidado com sete estrelas e coberto de hieróglifos. O velho não tinha noção alguma sobre hieróglifos, e em sua vida patriarcal e sonolenta estava completamente afastado das descobertas filológicas dos últimos anos. Com relação a Van Huyn, sabia unicamente que existira um homem com esse nome e que há dois séculos esse mesmo nome era respeitado na cidade como o de um grande viajante. Ele estimava a pedra como raridade que perdera parte do valor devido à lapidação. Ainda que, de início, se negasse a vendê-la, deixou-se convencer, porque eu podia pagar muito bem, já que eu a comprava para o sr. Trelawny, que, como todos sabem, é um homem riquíssimo. Logo depois me pus novamente a caminho de Londres, com a pedra-rubi escondida em meu caderno de anotações, contente e envaidecido, porque agora tínhamos em mão a prova das histórias maravilhosas de Van Huyn. A joia foi colocada no cofre do sr. Trelawny e, cheios de esperança, iniciamos nossa grande viagem.

“O sr. Trelawny não queria deixar sozinha sua jovem esposa, a quem ele amava de todo o coração. Ela, porém, que também correspondia a esse grande amor, sabia quanto a busca significava para o marido. Deixando de lado seus temores, para os quais tinha motivos especiais, como toda boa esposa, incentivou-o a realizar seus planos.”

Capítulo 11

O TÚMULO DE UMA RAINHA

— A esperança do sr. Trelawny era tão grande quanto a minha. Ele não era tão indeciso em seu temperamento quanto eu e não sofria os altos e baixos de esperança e desespero. Ele se fixava em determinadas metas, fazendo com que vagas expectativas se tornassem realidade. De vez em quando sentia medo de que pudesse haver duas dessas pedras ou que as aventuras de Van Huyn fossem meras fantasias de um viajante, baseadas na aquisição normal de uma joia em Alexandria, Cairo, Londres ou Amsterdã. Mas o sr. Trelawny não se deixava demover uma única vez de sua crença. Havia, porém, muita coisa que desviava nossos pensamentos e nossas crenças ou descrenças. Tudo isso aconteceu depois que o paxá árabe nos informou que o Egito era um lugar muito inseguro para viajantes, principalmente em se tratando de ingleses. Mas o sr. Trelawny não conhecia o medo, e me atrevo também a pensar que não sou nenhum covarde. Reunimos, portanto, um grupo de árabes com quem traváramos conhecimento anteriormente em expedições pelo deserto e nos quais podíamos confiar. Ou melhor, não desconfiávamos deles tanto quanto dos outros. Éramos bastante numerosos, de modo que seríamos capazes de nos defender e enfrentar bandos acidentais de ladrões e ainda por cima levávamos enorme quantidade de bagagem. Asseguramo-nos da concordância e da ajuda passiva daqueles funcionários ainda simpatizantes da Inglaterra, uma amizade oficial sempre zelosa. Não preciso

ênfatizar que essa simpatia foi comprada graças aos meios do sr. Trelawny. De Dahaby chegamos a Assuan, de onde nos dirigimos para o deserto, depois de termos convencido o xeque a nos ceder alguns árabes e de ter distribuído o haxixe convencional.

“Depois de longas andanças e após termos seguido trilhas intermináveis, chegamos a um vale, ao cair da noite, exatamente como Van Huyn havia descrito. Era um vale cercado por altos e íngremes muros feitos de rocha, que se estreitavam no centro e se alargavam nas saídas no leste e no oeste. Na luz do dia, encontrávamo-nos em frente ao rochedo e podíamos ver a abertura lá no alto do muro e também os hieróglifos que deveriam servir originalmente como disfarce da abertura.

“Contudo, os próprios hieróglifos que foram uma charada para Van Huyn e seus contemporâneos não eram mais nenhum mistério para nós. Os inúmeros cientistas que dedicaram a inteligência e a vida a esse trabalho explicaram a enigmática prisão da língua egípcia. Nós, que conhecíamos o mistério, podíamos ler na superfície superior do muro da rocha o que os sacerdotes tebanos haviam escrito há quase cinquenta séculos.

“Que a inscrição existente era trabalho de sacerdotes — e sacerdotes hostis — não podia haver nenhuma dúvida. As inscrições hieroglíficas eram como segue: ‘Jamais os deuses conseguiram chegar a este lugar. A *anônima* os insultou e deverá permanecer solitária para todo o sempre. Mantenham-se afastados para que sua vingança não venha a recair sobre vós!’

“Esse aviso deve ter dado um impacto muito forte na época, e mesmo depois de milhares de anos a língua em que fora escrito já se tornara um segredo morto, obsoleta, para os habitantes da região. A tradição de tal pavorosa ameaça sobrevive muitas vezes à própria causa. Até nos símbolos usados a recapitulação contínua chamava a atenção. ‘Para todo o sempre’ era indicado nos hieróglifos como ‘milhões de anos’. Esse símbolo foi repetido nove vezes em grupos de três. Depois de cada grupo, seguia o símbolo da terra, do inferno e do céu. A vingança dos deuses proibia a ressurreição dessa pessoa solitária para o mundo do sol e para o mundo dos mortos e à alma, uma vida nova no reino dos deuses.

“O sr. Trelawny e eu não ousamos explicar ao nosso pessoal o significado dos escritos. Se bem que eles não acreditassem mais na religião de onde provinha essa maldição e também não atentassem mais aos deuses com cuja desforra foram

ameaçados, eram tão supersticiosos que, se soubessem a resposta, largariam tudo e fugiriam dali incontinentes.

“Seu desconhecimento e nosso silêncio nos salvaram. Acampamos nas proximidades, porém atrás de um rochedo saliente, para que as inscrições não estivessem muito à vista, porque o nome Vale do Mago transmitia e lhes inspirava medo, da mesma forma que a nós também por causa deles. Uma escada de madeira estava sendo construída. Penduramos uma roldana numa viga que se projetava lá no alto da penedia. A grande placa de pedra que servia de porta fora somente empurrada, sem ajuda, para um local previamente determinado e firmada por algumas pedras. Ela se fixava no local pelo seu próprio peso. Para poder penetrar no túmulo, tivemos que empurrá-la e passar por cima. Encontramos a corrente enrolada, presa no rochedo, como Van Huyn já descrevera. Nos escombros da enorme porta de pedra, presa em cima e embaixo por dobradiças de ferro, foram encontrados sinais de que havia a intenção de fechá-la e fixá-la pelo lado de dentro.

“O sr. Trelawny e eu entramos sozinhos no túmulo. Havíamos levado um sem-número de lanternas, que fomos fixando pelo caminho. Queríamos primeiro ter uma visão geral para depois nos dedicarmos às particularidades. A cada passo aumentavam nossa admiração e nosso encantamento. A sepultura era uma das mais bonitas e grandiosas que já tivemos diante dos olhos. O acabamento artístico das esculturas e das pinturas, a perfeição do trabalho, deixavam transparecer que o túmulo já fora criado em vida daqueles para quem serviriam de última morada. Os hieróglifos eram da maior delicadeza e seu colorido era excelente. Nessa caverna, num lugar elevado, distante das úmidas ondas do Nilo, tudo parecia recente, como se os artistas tivessem acabado naquela hora sua obra. No entanto, havia algo que não podia passar despercebido. Os hieróglifos no muro externo eram o trabalho dos sacerdotes, porém o polimento da superfície superior fora realizado presumivelmente pelos obreiros. O simbolismo da pintura e as inscrições internas davam a mesma impressão. A caverna externa, em parte de origem natural e artisticamente esculpida, era, sob o ponto de vista arquitetônico, apenas uma antecâmara. Em sua extremidade voltada para o leste havia um portal com colunas entalhadas no rochedo. As colunas maciças tinham sete cantos, como não se vira em nenhum outro túmulo. Sobre a viga central, fora desenhado o barco lunar e, lá dentro, ficava Hathor, com o crânio de vaca e um enfeite de

cabeça consistindo num disco enfeitado de penas e, ao lado dela, Hapi, o deus nórdico, com cabeça de cachorro.

“O barco era dirigido por Harpocortes para o norte, representado pela Estrela Polar, e rodeado por Draco e pela Ursa Maior. Na constelação da qual falamos por último, aquelas estrelas que chamamos de Balança eram apresentadas como sendo maiores do que todas as outras. Eram tão douradas que pareciam reluzir à luz das tochas.

“Depois de passarmos pelo portal, encontramos os dois recintos que normalmente fazem parte de um túmulo no rochedo, a câmara ou capela e o túmulo propriamente dito, completo, como Van Huyn já havia comprovado, embora na sua época a designação de Egito Antigo para essa parte ainda fosse desconhecida.

“A lousa ou tábua de escrever, colocada bem no fundo da parede oeste, era tão extraordinária que tivemos que examiná-la mais detalhadamente antes de nos dirigirmos para a múmia, que era o objetivo real de nossa busca. A lousa, porém, era uma grande placa de lápis-lazúli, recoberta de diminutos e belíssimos hieróglifos. As pequeninas fendas eram preenchidas com uma fina massa da cor de cinábrio vermelho. A inscrição começava com as palavras: ‘Tera, rainha dos dois Egitos, filha de Antef, soberana do norte e do sul, filha do sol, rainha do frontal.’

“Então, seguia em todo o comprimento a história de sua vida e de seu reinado.

“As insígnias de nobreza visíveis nos adornos eram retratadas de maneira bem feminina. As coroas reunidas do Alto e do Baixo Egito foram esculpidas na pedra com a maior precisão. Era novidade para nós dois encontrar Hejet e Desher — a coroa branca e a vermelha dos dois Egitos —, representadas na lousa da rainha, pois existia no Egito Antigo uma regra sem exceção de que ambas as coroas eram usadas somente por rainhas, conquanto elas também pudessem enfeitar deusas. Mais tarde, encontramos uma explicação para o fato, sobre o qual, em breve, farei uma exposição exata.

“Uma inscrição como essa era, em si mesma, uma coisa emocionante, mas o senhor não tem nenhuma noção do efeito que teve sobre nós. É verdade que nossos olhos não foram os primeiros que as viram, mas foram os primeiros a vê-las com compreensão, desde há cerca de cinco mil anos, em que foi fixado o bloco de

pedra na abertura do rochedo. Foi-nos dado ler a mensagem da morta. Era a mensagem de alguém que se levantara contra os deuses antigos e se enaltecera da sua soberania sobre eles quando a hierarquia sacerdotal afirmava poder torná-la boa ou suscitar sua cólera.

“As paredes da câmara superior do túmulo e as do sarcófago estavam completamente cobertas por escritos. Todas as inscrições, com exceção daquela sobre a lousa, tinham pigmentação verde-azulada. Quando eram contempladas pelo lado e a vista abrangia as facetas verdes, tinha-se a impressão de turquesa hindu antiga, desbotada.

“Com o auxílio da roldana que trouxéramos, descemos até a câmara do túmulo propriamente dito. Trelawny ia na frente. Era uma caverna funda, com mais de 23 metros de profundidade, que jamais fora preenchida. A galeria da base ascendia suavemente até a câmara do túmulo. Era mais comprida do que o usual e não fora murada.

“Na parte interna da câmara encontramos um grande sarcófago feito de pedra amarela. Mas não preciso fazer a descrição. O senhor a conhece do quarto do sr. Trelawny. A tampa estava no chão. Não havia sido presa exatamente como descrevera Van Huyn. Desnecessário é dizer que fomos tomados por enorme excitação quando olhamos para dentro. Tivemos, então, uma pequena decepção. Eu estivera a pensar como teria sido diferente a impressão que teve o viajante holandês ao olhar para o interior do sarcófago e se deparar com a mão branca, como se fosse viva, colocada sobre os panos da múmia.

“Fomos tomados por uma excitação que certamente Van Huyn não conheceu. O coto da articulação estava coberto de sangue ressecado. Dava a impressão de o corpo ter sangrado ainda depois de morto. A extremidade cortada da articulação apresentava-se cheia de sangue incrustado, e o osso branco que sobressaía parecia opala. O sangue fluíra e colorira os invólucros de uma cor de ferrugem. Tínhamos aqui a confirmação cabal da narrativa. Com essa prova diante dos olhos, não podíamos duvidar mais dos outros pormenores — por exemplo, o sangue sobre a mão da múmia ou a impressão dos sete dedos na garganta do xequê estrangulado.

“Não vou importuná-los com todas as particularidades que vimos, muito menos com o que viemos a saber. Em parte eram coisas conhecidas de todos os

estudiosos, em parte soubemos por meio da lousa, das esculturas e dos hieróglifos nas paredes.

“A rainha Tera descendia da 11^a dinastia tebana dos reis egípcios, uma dinastia que reinou entre os séculos 29 e 25 a.C. Como ela era a única filha de seu pai, Antef, sucedeu-lhe no trono. Tera deve ter sido uma moça de caráter e capacidade invulgares, pois era ainda muito nova quando foi coroada rainha. Sua juventude e sua linhagem encorajaram os sacerdotes ambiciosos que, já naquela época, tinham grande autoridade. Graças às suas riquezas, às suas pluralidades e à sua sabedoria, reinaram sobre todo o Egito, principalmente sobre o Alto Egito. Planejaram uma revolução, a fim de conferirem o poder da realeza aos sacerdotes. O rei Antef, porém, previra tudo e, para tal fim, tomou medidas acauteladoras a fim de assegurar à filha a submissão completa das tropas, sobretudo porque ela havia estudado ciências políticas e aprendera a sabedoria dos sacerdotes. Acima de tudo, serviu-se de sacerdotes de determinado culto, jogando uns contra os outros, porque ambos os grupos tinham esperanças de ter influência sobre o rei e, mais tarde, sobre a filha. Por isso, a princesa cresceu no meio de pessoas letradas, dando inúmeras provas de seus dotes. Tudo isso era encontrado nas paredes, sob a forma de figuras ou hieróglifos. Chegamos, portanto, à conclusão de que essas obras ali estavam graças ao interesse da princesa pelas artes, pois não fora sem alguma razão chamada na lousa de Protetora das Artes.

“O rei, contudo, foi além e ensinou à filha a arte da magia, de modo que pudesse conseguir o poder sobre o sono e a vontade. Isso era pura magia — magia negra, e não a magia ensinada no templo, de natureza inofensiva, chamada de magia branca —, e essa magia negra tinha uma grande influência sobre as pessoas. O lema era: antes impressionar do que alcançar resultados. Tera, como aluna talentosa, logo sobrepujou seus mestres. Seu poder e seus meios lhe abriram inúmeras possibilidades, que ela esgotava até o fim. Assim, ela mesma subiu no túmulo, fez-se enrolar em panos e ficou deitada, como morta, no sarcófago durante um mês inteiro. Os sacerdotes tentaram impingir aos outros a ideia de que a verdadeira Tera falecera durante a experiência e que outra moça fora colocada no lugar dela. Mas Tera lhes provou que estavam enganados. Tudo foi narrado por intermédio de figuras de grande valor artístico. É provável que naquela época tivesse havido a vontade de restabelecer a grandeza artística da quarta dinastia, que alcançara o pináculo na era de Chufus.

“Na câmara-sarcófago havia figuras e sinais que deixavam transparecer ter a princesa triunfado sobre o sono. Por toda parte podia ser visto um simbolismo invulgar que, mesmo num país e na era da palavra falada, era considerado dessa forma. Salientava-se ainda o fato de que a ela, se bem que fosse rainha, todos os privilégios de um rei lhe foram outorgados. Uma das figuras a apresentava com vestimentas de homem, com uma coroa branca e vermelha. Já a figura seguinte se vestia como mulher, mas sempre com a coroa dos dois Egitos, sendo que a roupa masculina fora colocada a seus pés. Em todas as figuras em que se tratava de uma esperança, de um objetivo ou de ressurreição, fora acrescentado o símbolo do norte. E em muitos lugares — pela descrição de importantes acontecimentos passados, presentes e futuros — havia a constelação da Balança. Ela acreditava que tal constelação tivesse manifesta ligação com sua pessoa.

“Mas talvez a mais notável comprovação das narrativas, tanto na lousa quanto nas inscrições das paredes, era que a rainha Tera tinha poder sobre os deuses.

“De resto, não era nenhum caso isolado no Egito. Porém, nesse caso, o motivo era outro. Tera havia mandado entalhar palavras mágicas num rubi com feitio de escaravelho, representando uma constelação e composto de sete estrelas. Com a ajuda dessas palavras, tinha sob seu poder todos os deuses, tanto os da terra quanto os do inferno.

“Na mensagem fora comunicado que ela sabia do ódio que lhe devotavam os sacerdotes que, depois da sua morte, tentariam suprimir seu nome. Essa era uma tremenda vingança no Egito Antigo, diga-se de passagem, pois, sem nome, não se podia apresentar aos deuses depois da morte nem ninguém poderia orar pela pessoa morta. Por essa razão, ela planejou sua ressurreição para uma época bem posterior, num dos países nórdicos, durante a vigência da constelação cujas sete estrelas dominaram por ocasião de seu nascimento.

“Para esse fim, era necessário que sua mão ficasse ao ar, descoberta, e a pedra das sete estrelas deveria ficar na mão, para que ela pudesse se movimentar onde houvesse ar, do mesmo modo como poderia se mover seu Ka. Depois de algumas reflexões, concordamos, o sr. Trelawny e eu, que isso não queria dizer outra coisa senão que fosse possível a seu corpo se transformar, a seu comando, em corpo astral, isto é, desintegrar-se, de tal maneira a ser capaz de se movimentar, partícula por partícula, e poder depois reuni-las novamente quando e como o desejasse.

Além disso, encontramos referências escritas numa caixinha ou um receptáculo que deveria conter todos os deuses, bem como a vontade e o sono, ambos personificados por símbolos. A caixinha era descrita como tendo sete lados, portanto não nos causou surpresa quando descobrimos o recipiente sob os pés da múmia que o senhor certamente percebera no aposento do sr. Trelawny. Na parte inferior das bandagens de linho do pé esquerdo, havia também a mesma cor vermelha encontrada na lousa dos hieróglifos, representando ‘muita água’ e, sob o pé direito, o sinal para ‘terra’. Conseguimos desvendar os símbolos como sendo que seu corpo imortal e móvel estaria disposto a reinar sobre a terra e a água, e também sobre o ar e o fogo, sendo que os últimos eram representados pela luz da estrela-joia, pela pederneira e pelo ferro que se encontravam fora do invólucro da múmia.

“Ao tirarmos o recipiente do sarcófago, reparamos em seus lados as saliências esquisitas que o senhor mesmo viu. Naquela época, não pudemos compreender o que significava. Os poucos amuletos encontrados no sarcófago eram notáveis tanto pelo seu valor quanto pela sua importância. Concordamos que, no caso de haver amuletos valiosos, estes deveriam estar no invólucro ou, o que era mais provável, no estranho receptáculo aos pés da múmia. Mas, por mais que fizéssemos, não conseguimos abri-lo. Víamos sinais de que as partes superior e inferior foram separadas, mas ambas as metades estavam tão bem encaixadas que quase não se enxergava uma fresta. Supusemos que o fecho podia ser de alguma forma manobrado pela parte interna. Conto tudo isso unicamente para que compreenda as coisas com as quais mais tarde talvez tenha que se defrontar. É preciso que se abstenha por enquanto de fazer um julgamento. Com relação a essa múmia, aconteceram tantas coisas esquisitas que é necessário aprender a pensar de outro modo. É absolutamente impossível sintonizar determinados incidentes com a vida normal e nossa tradição.

“Demoramos tanto tempo no vale quanto foi preciso para que pudéssemos copiar os desenhos e as inscrições das paredes, do teto e do chão. A lousa de lápis-lazúli, com os nomes inscritos em vermelho, nós a levamos conosco, assim como o sarcófago e a múmia; depois, levamos a arca de pedra com os recipientes de alabastro, a mesa de hematita, o alabastro, o ônix e a coralina, tendo a base de marfim como apoio para cabeça, cujas saliências ficam sobre suportes entrelaçados no Uræus* trabalhado em ouro. Levamos conosco todos os objetos do mausoléu e

da cripta da múmia: os barcos de madeira com suas guarnições, as figuras de Ushaptin e os amuletos-símbolo.

“Depois que descemos, prendemos as escadas e as enterramos a uma distância na areia sob uma rocha, que marcamos bem para que pudéssemos encontrá-la se fosse necessário. Então, pusemo-nos a caminho com nosso pesado lastro, de volta ao Nilo. Não foi uma tarefa muito fácil atravessar o deserto com o grande sarcófago. Dispúnhamos de uma carroça primitiva e de bastante pessoal que pudesse puxá-la, todavia achamos que a marcha se arrastou horivelmente porque estávamos aflitos para alcançar um lugar seguro onde pudéssemos guardar nossos tesouros. As noites eram particularmente ruins, uma vez que temíamos um ataque de bandos nômades de ladrões durante a escuridão. Mas nosso medo era maior frente ao nosso próprio pessoal. Afinal, eram camaradas cobiçosos e inescrupulosos, além do mais levávamos um considerável número de objetos valiosos. Na verdade, nossos companheiros não sabiam por que as coisas tinham tanto valor, mas estavam certos de que não havíamos nos sujeitado a todo esse trabalho só por causa de preciosidades invulgares. Tiramos a múmia do sarcófago e, para protegê-la, a colocamos em outro receptáculo.

“Já na primeira noite houve duas tentativas de roubo, e pela manhã encontramos dois dos homens mortos. Na segunda noite, aconteceu uma horrível tempestade, uma daquelas terríveis tempestades do deserto, denominadas ‘simum’, que nos faz reconhecer nossa própria impotência. A areia em redemoinho dificultava nosso avanço. Alguns dos nossos beduínos já haviam fugido antes do início da tempestade, na esperança de encontrar abrigo em algum lugar. Nós outros ficamos aguardando com paciência, envoltos em nossos albornozes. Pela manhã, depois que a tempestade amainou, retiramos de sob o monte de areia o que pudemos de nossa bagagem. A caixa na qual havíamos colocado a múmia estava aberta, mas a múmia desaparecera. Procuramos e cavamos por toda parte na areia que se acumulara à nossa volta. Tudo em vão. Estávamos perplexos, porque Trelawny pretendia levar a múmia para a Inglaterra. Esperamos durante um dia inteiro, na esperança de que os nômades fugitivos voltassem e nos devolvessem a múmia. Tínhamos a disparatada esperança de que eles tivessem roubado a múmia da carroça e que a trariam de volta.

“Naquela noite, o sr. Trelawny me acordou um pouco antes do amanhecer e sussurrou-me: ‘Temos que voltar ao túmulo no Vale do Mago. Não deixe

transparecer insegurança quando, pela manhã, eu der a ordem do dia. Porque, se fizer alguma pergunta com relação ao nosso objetivo, vai levantar suspeita e porá em perigo nossas intenções.’ Retruquei: ‘Está bem, mas por que temos que voltar?’ Sua resposta foi um choque para mim. Fiquei todo arrepiado de excitação. ‘Porque é lá que encontraremos a múmia. Estou absolutamente certo disso.’ Antes que eu fizesse mais perguntas ou apresentasse contra-argumentos, acrescentou: ‘Tenha um pouco de paciência. O senhor verá.’ E, com essas palavras, deixou-se cair para trás na coberta.

“Os árabes ficaram bastante espantados quando perceberam que estávamos fazendo o caminho de volta. Alguns chegaram a resmungar. Houve até dissensões e deserções. Nossa comitiva ficou consideravelmente diminuída quando retornamos para o leste. A princípio, o xeque não demonstrou curiosidade alguma a respeito do nosso destino. Mas, quando percebeu que nos dirigíamos para o Vale do Mago, ficou muito apreensivo. Sua apreensão ia crescendo à medida que nos aproximávamos da meta, até que, afinal, antes da entrada no Vale, recusou-se a prosseguir. Disse apenas que esperaria pela nossa volta, já que estávamos decididos mesmo a ir até lá. Esperaria durante três dias. Se não tivéssemos voltado ao fim desse tempo, partiria. Não arredou pé dessa resolução, ainda que lhe estivessemos oferecendo uma ótima quantia em dinheiro. O único compromisso que tomou conosco foi o de desenterrar as escadas para nós e de levá-las até o rochedo. Ele assim o fez e voltou com os outros para esperar pelo nosso retorno, na entrada do Vale.

“O sr. Trelawny e eu começamos a subida para a caverna com cordas e archotes. Era visível que, durante nossa ausência, alguém estivera ali, porque a placa de pedra que protegia a entrada encontrava-se no chão, no interior, e do topo do rochedo pendia uma corda. Lá dentro, da porta até o fosso, também havia uma corda. Trocamos um olhar sem dizer palavra. Prendemos nossa corda, e, como havíamos combinado, o sr. Trelawny foi o primeiro a escorregar, enquanto eu o seguia. Quando chegamos embaixo, veio-me à mente a ideia assustadora de que possivelmente havíamos caído numa armadilha e que alguém, da ponta do rochedo, fosse descer pela corda e cortar a nossa, a fim de nos enterrar vivos. O pensamento era horrível, no entanto já era tarde demais para fazer alguma coisa. Guardei para mim mesmo essa reflexão. Ambos estávamos armados com archotes, de modo que passamos pela galeria com iluminação relativamente boa e entramos

na câmara do sarcófago. O que nos chamou primeiramente a atenção foi verificar que a câmara se encontrava vazia. Apesar da beleza da pintura das paredes, a falta do grande sarcófago e de todos os outros objetos dava a impressão de que a caverna estava deserta e abandonada. Mais terrível ainda era o aspecto da figura da múmia da rainha Tera que jazia no chão no mesmo lugar onde havia estado o grande sarcófago. Ao lado, em posições estranhas, estavam três dos árabes que haviam se separado do grupo, assassinados, completamente deformados. Seus rostos estavam negros, as mãos e os pescoços, manchados do sangue que lhes saía da boca, do nariz e dos olhos. Em cada pescoço havia a impressão de uma mão com sete dedos. Horrorizados, Trelawny e eu nos aproximamos, procurando nos amparar mutuamente.

“Mas o cúmulo de todo o espanto foi que, sobre o peito da rainha mumificada, encontrava-se uma mão com sete dedos, com a coloração de marfim. Em volta da articulação passava uma risca semelhante a uma linha denteada vermelha, da qual pareciam pender gotas de sangue.”

Nota

* Representação da serpente sagrada aparecendo na cobertura para a cabeça, logo sobre a fronte, como símbolo da soberania. (N. T.)

Capítulo 12

A ARCA ENCANTADA

— Depois de nos refazermos do espanto, que parecia ter durado muito tempo, não nos detivemos mais e carregamos a múmia pela galeria, a fim de retirá-la do fosso. Subi em primeiro lugar e depois a recebi. Olhando acidentalmente para baixo, vi que o sr. Trelawny trazia a mão decepada no peito, provavelmente com a finalidade de protegê-la de qualquer dano ou perda. Deixamos os árabes onde estavam. Pelas cordas, descemos nosso precioso lastro até os pés da parede do rochedo. Depois levamos a múmia até a entrada do Vale, onde nos esperavam nossos companheiros. Para nosso assombro, verificamos que eles se preparavam para partir. Quando interpelamos o xeque, ele se defendeu dizendo que cumprira com a palavra empenhada. Como havíamos combinado, esperara durante três dias inteiros. Supus que estivesse querendo nos enganar e que sua intenção fosse nos abandonar covardemente e verifiquei que o sr. Trelawny tinha as mesmas suspeitas. Somente quando chegamos ao Cairo é que descobrimos que o xeque dissera a verdade. No dia 3 de novembro, havíamos entrado pela segunda vez na câmara da múmia. Veremos mais tarde por que essa data nos ficaria para sempre na memória.

“Durante três dias inteiros havíamos perdido completamente a noção do tempo — foram riscados das nossas vidas — enquanto ficávamos assombrados na câmara dos mortos. Por isso, será de espantar que, com relação à rainha morta

Tera e a seus pertences, tivéssemos uma sensação supersticiosa? Será de espantar que essa sensação não nos largasse até hoje? Que tenhamos um sentimento de que uma força fora de nós e de nossa imaginação estivesse agindo? Será de espantar que essa força nos persiga até o túmulo, quando for chegada a nossa hora, se é que nós, que saqueamos um túmulo, merecemos uma sepultura?”

Depois de um curto silêncio, continuou:

— Chegamos sãos e salvos ao Cairo e continuamos nossa viagem até Alexandria, de onde tomaríamos um navio para Marselha. Deveríamos a seguir pegar um trem expresso para Londres. Mas o homem propõe e Deus dispõe, como diz o adágio popular. Em Alexandria, o sr. Trelawny recebeu um telegrama lhe comunicando que a sra. Trelawny falecera ao dar à luz uma menina. O marido, tão provado pela sorte, pôs-se imediatamente a caminho, tomando o expresso do oriente, enquanto eu, com os tesouros, tomei o rumo de casa. Cheguei em segurança a Londres. Toda a viagem parecia estar sob uma estrela muito favorável.

“Quando cheguei, o enterro já se realizara. A criança fora entregue a uma pessoa para que cuidasse dela, fora de casa, e o sr. Trelawny se recuperara o suficiente do choque da perda sofrida, conseguindo reunir os fios partidos do trabalho e toda a sua vida. Era evidente que o golpe fora duro. Os fios cinza que apareceram de repente em seu cabelo preto bem o demonstravam. Além disso, suas feições se tornaram duras e impassíveis. Desde o recebimento do telegrama na agência de viagens em Alexandria, nunca mais o vi sorrir.

“Nesses casos, o trabalho é o melhor remédio, e ele se dedicou de coração, corpo e alma ao trabalho. A singular tragédia de sua perda e ganho — a criança nascera depois da morte da mãe — se desenrolara na época em que estivéramos em transe na câmara da múmia da rainha Tera. Parecia que a tragédia tinha certa ligação com seus estudos egípcios, principalmente com os mistérios relacionados à rainha. Ele quase não se referia à filha. Reparei que em seu peito havia dois sentimentos conflitantes com referência a ela. Eu sentia que ele a amava e que a adorava. Porém, não conseguia esquecer que seu nascimento custara a vida de sua mãe. Devia haver alguma coisa mais que partia o coração do pai, mas ele jamais quis me dizer o motivo. Uma vez, contudo, por um instante, relaxou seu silêncio, dizendo: ‘Ela em nada se parece com a mãe, mas, no que se refere às feições e à coloração, existe uma extraordinária semelhança com as imagens da rainha Tera.’

“A menina fora entregue por ele a pessoas que cuidavam muito bem dela, coisa que a ele não teria sido possível fazer. Até se tornar adulta, ela deveria usufruir de todas aquelas pequenas alegrias próprias de mocinhas da sua idade. Com prazer eu teria conversado com ele a respeito da filha. No entanto, sempre se mostrou trancado nesse ponto. Apenas uma vez falou: ‘Tenho motivos para não dizer mais do que o necessário. Um dia o senhor saberá — e vai compreender.’ Eu respeitava sua reserva e não toquei mais no assunto da filha. Apenas me limitava a perguntar por ela depois de uma viagem. Eu não a vira uma única vez; somente a conheci na sua presença.

“Bem, quando os tesouros que havíamos trazido do túmulo chegaram, o sr. Trelawny cuidou pessoalmente de sua disposição. A múmia, ele a colocou no grande sarcófago de ferro, no vestibulo, com exceção da mão decepada. Esse sarcófago fora construído para Uni, alto sacerdote de Tebas, e é, como talvez tenha percebido, recoberto por extraordinárias invocações aos deuses egípcios. Todo o resto das coisas que havíamos trazido do túmulo ele as alojou em seu próprio quarto. Entre elas se encontrava a múmia da mão, por motivos conhecidos apenas dele. Acho que ele a via como sua propriedade mais valiosa, talvez com a exceção do rubi, que ele chama de ‘joia das sete estrelas’ e que guarda em seu grande cofre. É provável que o senhor ache tudo isso bastante tedioso, mas é preciso que eu lhe dê essa explicação para que possa entender melhor tudo o que aconteceu até o presente momento. Muito tempo depois da minha volta com a múmia da rainha Tera, o sr. Trelawny tornou a falar no assunto. Tinha estado mais vezes no Egito, sozinho e também comigo, enquanto também fiz inúmeras viagens tanto do meu interesse quando do dele.

“Em todo esse tempo — foram quase dezesseis anos —, ele deixou de mencionar o assunto, a não ser que houvesse um motivo premente.

“Em determinada manhã mandou me chamar às pressas. Naquela época eu me entregava a estudos no Museu Britânico e morava em Hart Street. Quando aqui cheguei, encontrei-o todo entusiasmado. Eu não o vira assim desde a morte de sua mulher. Imediatamente, levou-me para seu quarto. Nenhum fiapo de luz podia vir de fora. As luzes elétricas normais do aposento não estavam acesas; em vez disso, havia fortes lâmpadas alinhadas de um lado do quarto, das quais cada uma tinha intensidade pelo menos cinquenta vezes maior do que a de uma tocha. A mesinha de hematita sobre a qual estava a arca de sete lados fora empurrada

para o centro do recinto. Essa luz dava uma beleza toda especial à arca. Parecia incandescente, como se fosse iluminada no interior.

“O que acha disso?’, perguntou-me ele.

“Como se fosse uma joia’, retruquei. ‘Poderia ser chamada de Arca encantada do Mago, sempre que se apresentar dessa maneira. Dá a impressão de estar cheia de vida.’ ‘E o senhor sabe por quê?’ ‘Suponho que pela incidência da luz.’ ‘Sim, naturalmente, mas antes de tudo o posicionamento das luzes desempenha um papel.’ Dizendo essas palavras, acendeu as luzes normais do aposento e apagou as que haviam sido alinhadas. O efeito foi surpreendente. Em questão de segundos o recipiente de pedra perdeu os efeitos de luz. Continuava sendo uma linda pedra, mas era apenas uma pedra, nada mais.

“Percebeu alguma coisa no posicionamento das lâmpadas?’, perguntou ele.

“Não.’ ‘Elas estavam dispostas como a constelação de Balança e as estrelas do rubi.’

“Essa afirmação era tão patente que se avolumou em mim uma convicção. Por quê, não sei dizer. Só sei que havia em volta da múmia tamanha quantidade de fenômenos misteriosos que cada novo mistério parecia nos levar mais perto de uma explicação. Fiquei tenso a escutar, enquanto Trelawny continuava:

“Há dezesseis anos que essa aventura não me larga e sempre sou impelido a procurar uma chave para o mistério. Mas, na noite passada, encontrei uma solução plausível. Devo tê-la sonhado, porque despertei cheio de entusiasmo e saltei da cama resolvido a fazer algo, antes mesmo de saber o que eu realmente queria. De repente, tudo ficou bem claro diante de mim. Nas pinturas das paredes do túmulo havia sinais sobre a constelação das sete estrelas da Ursa Maior, que forma a Balança. E sempre aparecia o norte. Esses mesmos símbolos estavam ligados à citada *arca encantada*, como a chamamos. Os pontos estranhamente transparentes na pedra já haviam nos chamado a atenção. Recordar-se, com certeza, do local em que descrevi que a pedra preciosa provinha do coração de um meteoro e que essa arca também fora talhada dali. Então, pensei que a luz da constelação de sete estrelas, incidindo na direção certa, talvez pudesse exercer determinado efeito sobre a arca ou o seu conteúdo. Suspendi as persianas e olhei para fora. Lá no céu, bem no alto, estava a Ursa Maior com a Estrela Polar diretamente sobre a janela. Empurrei a mesa com a arca para a luz e a virei durante algum tempo, até que os locais da estrela coincidissem. Imediatamente, a arca se

iluminou como o havia feito sob as lâmpadas. Esperei, mas o céu se encheu de nuvens e a luz diminuiu. Peguei, então, fios e lâmpadas — o senhor sabe com quanta frequência preciso delas nas experiências — e procurei fazer a mesma experiência com luz elétrica. Demorou bastante até que eu encontrasse a posição correta das lâmpadas de maneira que correspondessem à parte certa da pedra. Mal as coloquei na ordem apropriada e a coisa começou a brilhar como o senhor acabou de ver.

“Mais, não me foi possível conseguir. Faltava algo. De repente, lembrei que no túmulo deveria haver algum tipo de iluminação, já que a luz tinha uma importância tão grande. Porque a luz das estrelas não podia penetrar na câmara da múmia, e tudo se tornou claro para mim. Coloquei a arca encantada sobre a mesa de hematita, em cuja placa havia uma cavidade à qual se adaptava a parte inferior da arca. Percebi logo que as estranhas e cuidadosamente trabalhadas saliências correspondiam de algum modo à posição das estrelas na constelação. Tratava-se de suportes para as lamparinas.

“‘Eureca’, exclamei. ‘Agora só precisamos das lâmpadas.’ Procurei as lâmpadas elétricas a fim de colocá-las bem perto das saliências. Seu brilho, contudo, não conseguiu atingir a pedra. Fiquei convencido de que havia a necessidade de luzes apropriadas para essa finalidade. Se pudéssemos consegui-las, estaríamos dando mais um passo para a solução da charada.

“‘O que há com as lamparinas?’, perguntei. ‘Onde estão elas? Quando iremos procurá-las? E como iremos reconhecê-las quando as encontrarmos? Como...?’

“Ele me deteve.

“‘Uma coisa depois da outra’, disse, em voz baixa.

“‘Sua primeira pergunta engloba todas as outras: onde estão essas lamparinas? Eu lhe direi: elas estão no túmulo.’

“‘No túmulo’, repeti, desconcertado. ‘Mas ambos revistamos o túmulo por todos os cantos e não descobrimos sinal algum de lamparinas. Nada ficou para trás quando deixamos o túmulo pela primeira vez, e, na segunda, havia apenas os três árabes mortos.’

“Nesse meio-tempo, ele desenrolou algumas folhas de papel que havia trazido de seu quarto. Estas, ele estendeu sobre a grande mesa e prendeu as pontas com livros e pesos. Eu as reconheci logo à primeira vista. Eram cópias

cuidadosamente feitas de nossas primeiras transcrições das inscrições do túmulo. Depois que ele as preparou, virou-se para mim e falou, categórico:

“O senhor não lembra como ficou espantado por ocasião de nossa primeira busca no túmulo, comentando que faltava algo, que geralmente existe em tais túmulos?’ ‘Sim, é verdade. Faltava um *serdab*.’

“É necessário que eu lhe explique o que é um *serdab*’, disse-me o sr. Corbeck. ‘É um tipo de nicho construído no muro de um túmulo ou nele esculpido. Os até hoje descobertos não trazem nenhuma inscrição e contêm apenas imagens da pessoa morta, para quem o túmulo se destina.’”

E prosseguiu com sua explicação:

— Quando Trelawny percebeu que eu compreendera o significado, continuou com entusiasmo: “Cheguei à conclusão de que lá deve haver um *serdab*, um *serdab* secreto. Como fomos tolos por não ter percebido isso antes! Deveríamos saber que o construtor de um tal túmulo — uma mulher —, que, por outro lado, possuía o dom da beleza e da perfeição e que pensou em todos os pormenores com uma sensibilidade feminina, não omitiria jamais essa particularidade arquitetônica. E, mesmo que tal fato não tivesse nenhum significado para o ritual, ela o teria acrescentado com toda a certeza como elemento de adorno. Outros antes dela já o fizeram, e ela desejava que seu trabalho fosse perfeito. Esteja certo de que havia um *serdab* — é fora de dúvida. Estou igualmente certo de que, quando o acharmos, encontraremos as lamparinas lá dentro. Se naquela ocasião tivéssemos desconfiado do que sabemos ou ao menos supomos agora, teríamos procurado um esconderijo secreto. Eu lhe pedirei, pois, que viaje novamente para o Egito a fim de procurar no túmulo o *serdab* e trazer as lamparinas que lá se encontram.

“E se por acaso eu descobrir que não existe *serdab* algum ou se, ao encontrá-lo, ele estiver vazio? O que quer que eu faça?’

“Ele sorriu, como há muitos anos eu não o vira fazer: ‘Então é preciso que o senhor as procure até encontrá-las.’

“Bem’, disse eu. Ele indicou uma das folhas de papel.

“Estas aqui são as inscrições da câmara nas paredes sul e leste. Tornei a verificar os textos e cheguei à conclusão de que, em sete lugares neste canto, são encontrados os símbolos da constelação denominada Balança. A rainha Tera acreditava que essa constelação tivera influência em seu nascimento e que

dominava seu destino. Fiz uma pesquisa muito minuciosa e averigui que se trata da apresentação do grupo de estrelas da maneira como é vista em diferentes partes do firmamento. Em seu conjunto, e do ponto de vista da astronomia, seu posicionamento está correto. Como no firmamento, as duas estrelas mais afastadas dessa constelação apontam para a Estrela Polar; assim, as que estão desenhadas na parede apontam para o local onde geralmente se encontra o *serdab*.’

“‘Bravo!’, exclamei, pois tal conclusão merecia aplauso. Ele pareceu satisfeito com minha demonstração de entusiasmo e continuou: ‘Examine, por favor, esse local quando chegar lá. Provavelmente existe uma mola ou algum dispositivo mecânico desse tipo que possa fazer abrir o nicho. Não devemos nos perder em suposições sobre o que possa ser. No local mesmo o senhor saberá o que fazer e a melhor maneira de fazê-lo.’

“Na semana seguinte fiz a viagem ao Egito sem nenhuma parada, nem mesmo para descansar, até que cheguei à caverna. Consegui até arranjar alguns homens de nossa escolta que já nos haviam servido antes, portanto estava bem equipado. Além disso, a situação no país havia mudado nos últimos dezesseis anos, de modo que não havia necessidade de soldados ou acompanhantes armados.

“Escalei sozinho o precipício do rochedo, o que não apresentou dificuldades, porque a madeira das escadas, graças à secura do clima, não apodrecera e continuava firme e segura. Não se podia deixar de reparar que o túmulo tivera visitantes em todos os anos que se passaram, e meu ânimo arrefeceu quando imaginei que alguém pudesse ter encontrado o esconderijo. Em verdade, seria uma enorme decepção descobrir que, após tão longa viagem, alguém ali estivera antes de mim. Infelizmente, essa triste realidade foi confirmada depois que acendi meu archote e entrei na câmara do túmulo, após ter passado pelas colunas de sete lados. Era justamente onde eu esperava encontrar a abertura para o *serdab* — lá estava ela —, porém o nicho estava completamente vazio.

“A câmara, no entanto, não estava. Sob a abertura, jazia o corpo ressequido de um homem com vestes de árabe. Examinei meticulosamente as paredes a fim de me certificar se Trelawny estivera certo em suas suposições. Descobri que em todas as posições indicadas na constelação, as duas últimas estrelas da Balança apontavam para um ponto à esquerda, ou ao sul da abertura do *serdab*, onde se via

uma única estrela. Pressionei esse ponto e ele cedeu. A pedra, que apresentava a parte anterior do *serdab* e agora estava virada para o interior, se movimentou um pouco. Investigando mais acuradamente o outro lado da abertura, descobri um ponto semelhante, que representava outras constelações, das estrelas, como se fosse uma descrição das Plêiades, na qual cada estrela era representada em ouro fulgurante. Pressionei em vão cada uma delas, então me veio à mente que deveriam ser pressionadas ao mesmo tempo, isto é, por uma mão com sete dedos. Assim que usei as duas mãos para pressionar, consegui meu intento.

“Com um estalo, pulou para a frente uma figura de metal diretamente atrás da fechadura. A pedra-fecho girou lentamente para trás e se fechou com outro estalo. O olhar que pude lançar sobre a tal figura não me meteu nem um pouco de medo. Era semelhante àquele guarda furioso que, de acordo com o historiador árabe Ibn Abd Alhokin, fora colocado pelo rei Saurid Ibn Salhouk a fim de proteger os tesouros na pirâmide ocidental. ‘Uma figura de mármore, ereta, com uma lança na mão, uma serpente em volta da cabeça. Quando alguém se aproximava, a serpente mordida, enrolava-se no pescoço do intruso e o matava, para voltar logo depois à sua posição primitiva.’

“Eu sabia muito bem que uma tal figura não fora criada apenas por simples prazer e que não seria nada fácil enfrentá-la. O árabe morto a meus pés era a melhor prova do fato. Continuei a investigar a parede e descobri aqui e ali algumas esfoladuras, como se alguém tivesse dado golpes com um pesado martelo. Presumi que acontecera o seguinte: o ladrão, com mais experiência do que nós, e que suspeitava da existência de um *serdab* oculto, pôs-se à sua procura e, acidentalmente, soltou a mola, fazendo com que o irado ‘guardião do tesouro’ arremessasse a lança. O resultado era o que se viu e dizia tudo. Peguei um pedaço de madeira e, com ele, pressionei as estrelas a uma distância segura. Imediatamente, a pedra foi impulsionada com um estalo. A figura escondida lá atrás deu um pulo para a frente com a lança estendida e logo depois desapareceu. Então pensei que eu mesmo poderia, sem perigo algum, pressionar as sete estrelas, e assim o fiz. De novo a pedra cedeu e o ‘guardião do tesouro’ deslizou para a frente, voltando a seguir para seu esconderijo.

“Tornei a fazer ambas as experiências várias vezes ainda e obtive o mesmo resultado. Como eu teria prazer em investigar o mecanismo de mobilidade dessa figura tão maléfica! Mas era impossível fazê-lo sem as ferramentas adequadas,

difíceis de arranjar. Provavelmente seria necessário tirar um pedaço da pedra. Um dia, assim espero, voltarei equipado de acordo para fazer uma tentativa.

“Provavelmente o senhor não deve saber que a abertura de um *serdab* é quase sempre bem estreita, de modo que às vezes mal se pode enfiar a mão. Nesse *serdab* vim a tomar conhecimento de duas coisas distintas. Primeiro, as lamparinas, se é que realmente existiam, deviam ser muito pequenas. Segundo, que deveria haver algum tipo de ligação com Hathor, cuja alegoria, o falcão num quadrado tendo no canto superior direito outro quadrado cinzelado no interior da parede, brilhava na mesma cor vermelho-claro como a lousa. Hathor ocupa na mitologia egípcia a mesma posição que tinha a Vênus grega, como deusa da beleza e da alegria de viver. Mas, no Egito, cada divindade aparecia sob diferentes figuras. Assim, por exemplo, Hathor está ligada à ideia de ressurreição. Existem sete figuras ou variantes de deusas; eu suspeitava que essas sete figuras deveriam ter algo a ver com as sete lamparinas. Eu estava convencido de que tais lamparinas existiam mesmo. O primeiro ladrão morrera. O segundo descobrira o conteúdo do *serdab*. A primeira tentativa datava de muitos anos atrás, porque o aspecto do cadáver era uma prova disso. Eu não tinha a menor ideia da época em que o segundo ladrão entrara. Poderia ter sido há muito tempo ou há pouco. Se, contudo, outros visitantes tivessem entrado aqui, era bem provável que o roubo tivesse sido efetuado há muito. Minha busca seria tanto mais penosa, e não restava a menor dúvida de que eu teria mesmo que fazer uma busca.

“Tudo isso aconteceu há três anos, e durante esse tempo todo estive como o homem das ‘mil e uma noites’ à procura das lamparinas antigas, não para trocá-las por novas, mas para trocá-las por dinheiro. O que eu procurava na realidade jamais ousei pronunciar, ficando calado sobre a exata descrição das lamparinas, porque, caso contrário, eu teria tornado bem clara a minha intenção. Porém, desde o início, eu tinha uma ideia aproximada do que procurava. Com o tempo, essa ideia foi se tornando cada vez mais clara, até que, no fim, fui muito além, buscando algo que talvez nem fosse a coisa certa.

“As decepções que tive e os becos sem saída em que me meti podiam encher vários volumes. Mas não desisti. E, há menos de dois meses, um velho comerciante em Mossul me mostrou uma lamparina, exatamente igual às que eu procurava. Eu estava à caça delas havia praticamente um ano, tendo tido inúmeras decepções, mas sempre recuperava minhas esperanças de me encontrar no caminho certo.

“Como consegui me dominar ao perceber que estava perto do sucesso, não sei ao certo. Pelo menos não me eram mais estranhos os hábitos mercantis orientais, e o comerciante judeu-árabe-português com quem eu já tratara encontrou em mim um parceiro à altura. Exigi que me mostrasse todo o seu estoque antes de fechar o negócio. Assim, ele tirou de debaixo de um monte de velharias, uma a uma, sete diferentes lamparinas. Cada uma delas tinha determinado sinal e cada um desses sinais era outra forma do símbolo de Hathor. Creio que, no fim, com minha generosidade, consegui tirar o comerciante da calma. Para que ele não desconfiasse do que eu realmente procurava, comprei quase toda a mercadoria. Quando terminamos a transação, ele estava à beira das lágrimas, julgando que eu o tivesse arruinado e que ele ficaria sem nada para negociar. Se ele tivesse desconfiado do preço que eu pagaria por uma pequena parte de seu estoque, por uma parte à qual ele dava pouco valor, teria arrancado seus cabelos.

“Na volta para casa, vendi a maior parte de minha aquisição a preços normais. Não tive coragem de dá-las de presente ou jogá-las fora, unicamente para não provocar nenhuma desconfiança. Minha carga era por demais preciosa para que eu a perdesse por uma bobagem dessas. Fiz o caminho de volta tão rápido quanto me permitiam os países que atravessei e finalmente cheguei a Londres com as lamparinas e algumas raridades leves, fáceis de transportar, e rolos de papiro que adquiri em minha viagem de volta.

“Sr. Ross, agora o senhor sabe de tudo o que sei. Deixo à sua sensibilidade quanto do que lhe contei pode ser dito à srta. Trelawny.”

Mal ele falou essas palavras, ouvimos outra voz às nossas costas que dizia:

— O que há com a srta. Trelawny? Ei-la aqui.

Viramo-nos assustados e trocamos um olhar significativo. A srta. Trelawny estava na porta. Há quanto tempo e quanto tinha ouvido da nossa conversa, não tínhamos a menor ideia.

Capítulo 13

O DESPERTAR DO TRANSE

Qualquer pessoa que ouve palavras inesperadas é muito natural que leve um susto. Mas quando passa o primeiro choque e a razão predomina, a reação e o modo de falar do que fica escutando às portas nos revela muita coisa. O mesmo aconteceu neste caso. Não pude deixar de desconfiar da sinceridade da próxima pergunta de Margaret.

— Sr. Ross, sobre o que conversavam os dois todo esse tempo? Suspeito que o sr. Corbeck estava a lhe relatar as aventuras por que passou durante sua caça às lamparinas. Sr. Corbeck, espero que um dia o senhor também me conte tudo. Mas depois que o estado de saúde de meu pai melhorar. Certamente ele mesmo gostaria de me contar sobre todas essas coisas ou de estar a meu lado quando eu as ouvir. — Seu olhar atento ia de um para outro. — Era desse assunto que falavam quando entrei? Bem, saberei esperar. Tomara que não seja por muito tempo, porque a duração do estado em que se encontra meu pai me consome, eu o sinto. Mesmo, agora, tive a impressão de que meus nervos estavam em frangalhos. Resolvi que uma caminhada pelo parque me fará bem. Sr. Ross, eu lhe pediria que ficasse com meu pai. Assim ficarei bem mais sossegada.

Levantei-me de um salto, muito feliz porque a pobrezinha se permitia uma meia hora ao ar livre. Ela parecia muito tensa e macilenta, e o aspecto de suas faces brancas me doía o coração. Fui para o quarto do doente e tomei meu lugar de

costume. A sra. Grant estivera de guarda até aquele momento. Não julgávamos necessário manter mais do que uma pessoa vigiando durante o dia. Logo que entrei, ela teve a oportunidade de demonstrar suas qualidades de dona de casa. As persianas estavam subidas e, como o quarto ficava na parte norte, a luz do sol era bastante suavizada.

Durante um longo tempo, fiquei sentado a pensar sobre tudo o que o sr. Corbeck me contara. Misturei o que eu ouvira dele com os fatos acontecidos desde que entrei naquela casa. Fui atormentado temporariamente por dúvidas. Suspeitava de tudo e de todos, desconfiava até da capacidade de meus sentidos, e sempre voltava a meditar sobre as advertências do detetive experiente. Ele havia acusado o sr. Corbeck de refinado mentiroso e de cúmplice da srta. Trelawny. Cúmplice de Margaret. Com isso, tudo estaria decidido. Tal suspeita fez desaparecerem todas as dúvidas, principalmente quando me vinha à memória sua figura, seu nome, e só o fato de pensar nela era como se ela estivesse ali presente. Eu era capaz de apostar minha vida para poder acreditar nela.

Fui asperamente acordado de meus sonhos que já iam se transformando em sonhos de amor. Uma voz se fez ouvir, uma voz profunda, forte e dominadora. O primeiro som já me pegou como um golpe de trombeta. O doente acordara e começara a falar:

— Quem é o senhor? O que faz aqui?

Sempre estivemos à espera de seu despertar, mas ninguém poderia imaginar que fosse tão repentino nem que estivesse de posse de todos os seus sentidos. Fiquei tão surpreso que minha resposta foi mecânica:

— Eu me chamo Ross e estava de vigília à sua cabeceira.

Foi a vez dele de se espantar, mas reparei que seguia seus hábitos e que desejava ele próprio fazer um julgamento.

— De vigília? O quê? Por quê?

Seu olhar pousou sobre a mão enfaixada, e ele prosseguiu num tom menos agressivo, querendo tomar conhecimento dos fatos.

— O senhor é médico?

Um sorriso me aflorou aos lábios, porque o alívio depois do longo período de tensão se fizera notar.

— Não, senhor — retruquei.

— Por que, então, está aqui? Quem é o senhor se não é médico?

Isso soou novamente de modo imperioso. Os pensamentos trabalham rapidamente. Toda a cadeia de pensamentos em que deveria se apoiar minha resposta perpassou minha consciência antes que eu pronunciasse alguma palavra. Eu tinha que pensar em Margaret. Este que aqui estava na minha frente era seu pai, que nada sabia a meu respeito nem desconfiava da minha existência. Era, portanto, natural que ficasse curioso e espantado, porque logo eu, devido à doença do pai, fora escolhido pela filha para ser amigo dela. Normalmente os pais têm a tendência de ver o escolhido da filha com certo ciúme, e eu, que não declarara ainda meu amor a Margaret, não devia fazer nada que pudesse colocá-la numa situação desagradável.

— Sou advogado. De fato, não me encontro aqui nessa qualidade, mas simplesmente como amigo de sua filha. É bem possível que tenha sido minha profissão que fez com que ela me chamasse, porque estava com receio de que o tivessem assassinado. Em consequência, ela teve a bondade de me pedir para ficar, vendo em mim um bom amigo, de acordo com os próprios desejos do senhor para que alguém ficasse sempre de vigia.

Via-se de saída que o sr. Trelawny era um homem de decisões rápidas e poucas palavras. Olhou-me fixamente, como se pudesse ler meus pensamentos. Para meu alívio, um instante depois já não falava mais no assunto e se contentava com minhas explicações. O motivo era bem mais profundo e fugia ao meu conhecimento. Seus olhos brilhavam e sua boca se movia involuntariamente — seria muito dizer que sua boca fora repuxada. Parecia meditar quando falou de súbito:

— Ela, então, pensava que eu pudesse ser assassinado... Foi na noite passada?

— Não. Isso foi há quatro dias.

Ele pareceu muito espantado. Enquanto isso, sentou-se na cama e dava a impressão de querer se levantar. Somente com grande esforço é que se controlou e disse, tornando a recostar-se nos travesseiros:

— Rápido, conte-me tudo o que sabe. Cada particularidade. Não omita absolutamente nada. Mas primeiro feche a porta. Antes que eu veja alguém, gostaria de saber em que pé estão as coisas.

Suas últimas palavras fizeram com que meu coração disparasse.

Ele me olhou como se eu fosse alguém especial. Para mim foi um consolo na situação em que me encontrava com referência à sua filha. Aliviado, fui até a porta

e a fechei de mansinho. Quando voltei para perto da cama, ele havia sentado.

— Comece — disse ele.

Eu o pus a par de tudo o que ocorrera desde minha chegada à casa. É óbvio que eu não disse uma palavra sequer sobre meus sentimentos para com Margaret, e a respeito de Corbeck eu disse apenas que ele trouxera as lamparinas havia tanto tempo procuradas. Depois lhe dei conta da perda e do encontro delas aqui nesta casa.

Ele me ouviu tão controlado que, nas circunstâncias presentes, considerei um milagre. Nada havia de indiferença. O ocasional brilho em seus olhos e os dedos da mão boa que apertavam fortemente as cobertas não denotavam isso. Sua tensão se fez notar principalmente quando lhe contei acerca da volta de Corbeck e do encontro das lamparinas no quarto de vestir. Por vezes murmurava alguma coisa, mas sempre algumas palavras, dando a impressão de não ter consciência do que dizia. As partes da charada que nos deram tanta dor de cabeça pareceram não interessá-lo muito, como se já soubesse de tudo. Mas o que mais o comoveu foi quando lhe contei sobre os tiros de Daw. Murmurando “Que grande burro!” e associando às palavras um rápido olhar para o armário estragado, demonstrou exasperação. Comoveu-se muito quando lhe contei das preocupações de sua filha, de sua carinhosa assistência, do amor terno que lhe devotava. O cochicho que lhe escapava involuntariamente soava admirado: “Margaret! Margaret!” Após ter chegado minha narrativa até o momento atual, isto é, até o momento em que a srta. Trelawny decidiu dar um passeio — na presença de seu pai eu a chamava de srta. Trelawny, e não de Margaret —, ele se calou durante longo tempo. De súbito, porém, virou-se para mim e falou com insistência:

— Agora me fale sobre sua pessoa.

Esse pedido veio de forma tão inesperada que senti como meu rosto corou. O olhar do sr. Trelawny pousou em mim, sereno e interrogativo, mas jamais relaxando sua observação firme e perscrutadora. O fato de ter um sorriso nos lábios aumentou meu embaraço, significando também, por outro lado, um alívio para mim. Como era de meu hábito, encarei as dificuldades e falei:

— Como já lhe disse, eu me chamo Ross, Malcolm Ross. Sou advogado e comecei meu trabalho como jurista no último ano do reinado da rainha. Tenho-me saído razoavelmente bem em minha profissão.

Para minha tranquilidade, ele falou:

— Eu sei. Já ouvi falar do senhor. Quando e como conheceu Margaret?

— Nós nos encontramos pela primeira vez há dez dias na casa de Hay, em Belgrave Square. E, mais tarde, num piquenique no rio, na companhia de Lady Strathconnell. Viajamos de Windsor para Cookham. Mar... quero dizer, a srta. Trelawny sentou-se a meu lado no barco. De vez em quando remo e tenho meu próprio barco em Windsor. Não pudemos deixar de conversar bastante.

— Naturalmente.

Em sua resposta havia um quê de troça, mas esse foi o único indício de seus sentimentos. Aos poucos fui tomado por uma sensação de que eu, na presente situação, deveria mostrar minha própria força ante esse homem tão vigoroso. Meus amigos e, de vez em quando, meus oponentes também acham que disponho de muita força. Se eu, nas atuais circunstâncias, não fosse absolutamente franco, estaria dando sinal de fraqueza. Tendo em mente as dificuldades que se apresentavam a mim, percebi que minhas palavras poderiam influir na felicidade de Margaret devido ao amor que ela devotava a seu pai. Portanto, prossegui:

— Numa conversa, em momento, local e intimidade tão agradáveis, num isolamento que leva a uma confissão íntima, tive a oportunidade de lançar um rápido olhar em sua vida interior, coisa que um homem da minha idade e com a minha experiência pode captar facilmente.

A fisionomia do pai se tornou bastante sisuda quando continuei, mas ele não se manifestou. O que apresentei agora seguia uma única direção e fiz o que pude para melhor expressar meus pensamentos, pois isso poderia ter sérias consequências para mim.

— Era visível que ela era sozinha e que essa solidão se tornara um hábito. E eu, que crescera como filho único, podia muito bem me pôr em seu lugar. Por isso eu a encorajei para que se abrisse livremente comigo. E como me senti feliz quando ela assim o fez! Entre nós cresceu uma confiança mútua. — A fisionomia de seu pai fez com que eu acrescentasse logo: — Senhor, tenha a certeza de que não foi dito nada de mais. Ela se abriu comigo da mesma forma e maneira transbordante como alguém que há muito deseja expressar seus pensamentos cuidadosamente guardados. Ela falou de suas aspirações, em querer que seu pai depositasse mais confiança nela, o pai a quem ela ama, saber mais da vida dele e de haver maior aproximação entre os dois. Creia-me, senhor, o que ela me disse foi sincero. Era tudo o que o coração de um pai deve desejar ou esperar. Ela foi

completamente leal. Como eu lhe era quase um estranho, não havia empecilhos que pudessem interferir na sinceridade entre nós, e foi por isso que provavelmente se abriu comigo.

Calei-me. Foi-me difícil ser obrigado a continuar, pois eu tinha medo de que, de alguma forma, eu pudesse prejudicar Margaret. Como fiquei aliviado quando seu pai falou:

— E o senhor?

— Bem, senhor, a srta. Trelawny é charmosa e bonita. É jovem, e sua natureza, clara como cristal. Sua simpatia é para mim puro contentamento. Apesar de não ser velho, meus sentimentos para com ela afloraram naquele momento. Devo lhe dizer isso, ainda que seja o pai dela.

Abaixei instintivamente os olhos. Quando os levantei de novo, o sr. Trelawny continuava a me olhar fixamente. Toda a sua amabilidade parecia se concentrar em seu sorriso, ao me estender a mão com as seguintes palavras:

— Malcolm Ross, sei que é um cavalheiro corajoso e respeitado. Fico feliz em saber que minha filha o tenha por amigo. Vá em frente.

Meu coração deu um salto. O primeiro passo para ganhar as boas graças do pai de Margaret fora dado. Devo dizer que, quando continuei, me senti mais à vontade. De qualquer maneira, foi essa a sensação que tomou conta de meu ser.

— É possível tirar algum proveito no processo de envelhecimento. Sei disso por experiência própria. Para isso lutei e trabalhei. E percebi que eu tinha o direito de usar esta experiência. Por isso tive a coragem de dizer à srta. Trelawny que, em caso de necessidade, poderia contar com minha ajuda na qualidade de amigo, e ela me prometeu que o faria. Eu não tinha ideia de que a oportunidade se apresentaria mais cedo do que eu esperava e ainda por cima dessa maneira. Já na noite seguinte o senhor sofreu o rude golpe e, em seu medo e desespero, ela mandou me chamar.

Fiz uma pequena interrupção e, quando prossegui, ele ainda não havia despregado os olhos de mim.

— Quando a carta com suas instruções foi encontrada, coloquei-me imediatamente a seu serviço, o que ela aceitou.

— Como transcorreram estes dias para o senhor?

Sua pergunta me pegou de surpresa. Nela ouvi um pouco do tom e do comportamento de Margaret, o que me fez lembrar demais os momentos

despreocupados que tanto me agradaram. Eu, como homem, me senti tocado. Agora eu pisava em terreno mais firme quando falei:

— Apesar do medo que me atormentava, apesar da aflição para com a jovem que a cada instante se tornava mais querida para mim, estes dias foram os mais felizes de minha vida.

Ele permaneceu calado por tanto tempo que fiquei à espera de suas próximas palavras com o coração batendo forte e me perguntando se, com minha franqueza, eu teria ido longe demais. Mas, no fim, ele disse:

— Presumo que lhe seja muito difícil falar por si e por ela. A mãe de Margaret deveria tê-lo ouvido falar. Como teria se sentido feliz! — Uma sombra passou sobre seu rosto e ele, apressadamente, continuou:

— Mas o senhor está bem certo de seus sentimentos?

— Conheço bem meu coração, ou presumo conhecê-lo.

— Não, não — retrucou ele. — Não me refiro ao senhor. Até aí, tudo bem. O senhor falava do amor de minha filha por mim, e ainda assim... Assim mesmo ela passou um ano inteiro em minha casa. Então, ela lhe falou sobre sua solidão, sobre seu isolamento. Nunca, nunca eu havia percebido sinais de sua simpatia, nem uma única vez durante todo este ano. Estou desolado ter que dizê-lo, mas confere. — Sua voz tremeu ao se perder em seus pensamentos tristes.

— Então, foi-me permitido perceber mais em alguns dias apenas do que ao senhor durante toda uma vida — disse eu. Minhas palavras pareceram acordá-lo de suas divagações, e tive a sensação que nele a alegria e o assombro se misturavam ao excluir:

— Eu não tinha a mínima ideia. Eu pensava que eu lhe era indiferente, até que era um castigo por ter descuidado dela em sua juventude. Cheguei mesmo a pensar que ela tivesse um coração frio. É para mim uma alegria inenarrável que ela, a filha de sua mãe, também me ama.

Recostou-se outra vez nos travesseiros, perdido em lembranças do passado.

Como ele devia ter amado a mulher! Era o amor da filha dessa mãe que o comovia, e não o de sua própria filha. Senti uma onda de simpatia por ele e comecei a compreender as coisas. Entendi essas duas criaturas cuja natureza grande, controlada e de poucas palavras tão bem ocultavam a sede vibrante de amor de um pelo outro.

Não me espantou nem um pouco quando ele finalmente murmurou:

— Margaret! Minha filha! Terna, respeitosa, enérgica, honesta e corajosa! Como sua querida mãe.

Nesse momento, senti meu coração repleto de alegria por ter falado com tanta sinceridade.

Então o sr. Trelawny falou de repente:

— Quatro dias! No dia 16! E hoje é 20 de julho?

Assenti. Ele prosseguiu:

— Quer dizer, então, que fiquei quatro dias em transe? Já não é a primeira vez que isso acontece. Uma vez cheguei a ficar três dias em transe em circunstâncias bem estranhas e não teria percebido se não tivessem me contado quanto tempo havia se passado. Um dia desses lhe contarei tudo, se o senhor estiver interessado.

Fiquei fora de mim de alegria pelo fato de ele, o pai de Margaret, depositar em mim sua confiança, criasse uma possibilidade de... Contudo, o tom objetivo e normal com o qual falou a seguir me desiluiu de repente:

— Tenho que me levantar já. Quando Margaret vier, diga-lhe o senhor mesmo que já fiquei bom. Assim a pouparemos de um choque. E, por favor, quer dizer ao sr. Corbeck que desejo vê-lo tão depressa quanto possível? Gostaria de admirar as lamparinas e ouvir o que ele tem a me contar.

Seu comportamento comigo me encheu de orgulho. Havia uma sugestão de algo de sogro no tom de sua voz, o que me obrigou a lhe obedecer incontinentemente. Saí apressado a fim de executar seus desejos. Porém, mal eu havia posto a mão no trinco da porta, sua voz me chamou de volta:

— Sr. Ross!

Esse “senhor” não me agradou nem um pouco. Depois de ter tomado conhecimento de minha amizade por sua filha, ele me chamara de Malcolm Ross. Doeu-me a volta à formalidade, o que me encheu de pressentimentos. Devia ter alguma relação com Margaret. Agora sei também o que senti naquele instante: eu estava resolvido a lutar por ela. Voltei-me e, involuntariamente, me endireitei. O sr. Trelawny, o íntegro conhecedor do ser humano, parecia poder ler meus pensamentos. Sua fisionomia, que demonstrava sinais de renovado cansaço, dava a impressão de estar mais relaxada quando falou:

— Sente-se, por favor, e fique mais um instantinho. É melhor conversarmos agora. Somos ambos homens experientes; falemos, então, de homem para

homem. Tudo o que se relaciona com minha filha é novidade para mim e, ainda por cima, uma surpresa. Eu gostaria de saber com exatidão como e onde devo me situar. Leve em consideração, por favor, que não farei nenhuma objeção. Contudo, como pai, tenho certas obrigações, sérias obrigações que podem vir a ser dolorosas. Eu, eu — não sabia direito como continuar, o que me fez ganhar novas esperanças — entendo que o senhor, depois de tudo o que me falou a respeito de seus sentimentos para com minha filha, é candidato à mão dela.

Respondi sem hesitação:

— Minha resolução é inabalável. Desde a tarde em que passamos juntos no rio era minha intenção procurá-lo e perguntar-lhe se eu deveria fazer essa pergunta a Margaret. É evidente que depois de certo tempo exigido pelas regras da boa educação. Os acontecimentos, porém, forçaram um estreito relacionamento num curto período, mais curto do que eu esperava. Entretanto, minhas intenções permanecem inalteradas e se tornam mais fortes a cada hora que passa.

Sua fisionomia era bem suave quando me fitou. Fora provavelmente tomado de recordações de sua própria juventude. Depois de alguns instantes, falou novamente:

— Então, devo supor, Malcolm Ross — o tratamento de confiança me encheu de feliz excitação —, que o senhor até agora ainda não falou com minha filha a respeito de seus sentimentos para com ela?

— Não em palavras, senhor. — O duplo sentido de minha resposta provocou nele um riso sincero, porém cheio de carinho. Em sua resposta havia um pouco de ironia ao falar:

— Não em palavras! Isso é muito perigoso. Palavras teriam sido questionadas por ela ou não poderia ter confiado nelas.

Senti que eu corava até a raiz dos cabelos quando prossegui:

— O dever de ficar calado em vista da situação em que ela se achava e meu respeito por seu pai, pois naquela época eu ainda não o conhecia pessoalmente, obrigavam-me a me retrain. Mas mesmo sem esses obstáculos eu não teria ousado me declarar em face de suas preocupações e de seus medos. Sr. Trelawny, dou-lhe minha palavra de honra de que Margaret e eu, principalmente no que se refere a ela, somos apenas bons amigos.

Trocamos um caloroso aperto de mão. A seguir, ele me disse cordialmente:

— Malcolm Ross, dou-me por satisfeito. Naturalmente suponho que não dará à minha filha qualquer tipo de explicação, em palavras, antes que eu a veja e lhe dê meu consentimento — disse ele com um sorriso indulgente. Com um ar mais sério, continuou: — O tempo urge. Tenho que refletir sobre circunstâncias de natureza tão premente e fora do comum que não devo perder mais nenhum minuto. Senão eu não teria me permitido conversar com uma pessoa quase desconhecida para mim sobre o futuro feliz de minha filha.

Sua aparência, demonstrando dignidade e orgulho, me impressionou profundamente.

— Respeitarei seus desejos, senhor — disse eu, dirigindo-me para a porta. Ouvi quando ele a fechou atrás de mim.

Quando contei ao sr. Corbeck que o sr. Trelawny já estava bem, ele iniciou uma dança de alegria, como se fosse um selvagem. De súbito, parou e me pediu muita cautela quando, no futuro, eu me referisse ao encontro das lamparinas ou às primeiras buscas no túmulo. Demonstrei ter compreendido, apesar de não entender o motivo de seu pedido. Em todo caso, eu sabia que o sr. Trelawny era uma pessoa singular, e certa circunspeção, de qualquer modo, não era defeito.

Os outros moradores demonstravam de maneiras diversas o seu sentimento ao saberem do restabelecimento do sr. Trelawny. A sra. Grant chorou de alegria. Depois, preocupou-se em saber o que poderia fazer a fim de pôr a casa em ordem para o patrão. O rosto da enfermeira se encompridou, pois achou que fosse perder um caso interessante. Contudo, sua decepção foi apenas passageira, e logo se alegrou porque a tensão terminara. Se precisassem dela, estaria a postos ao lado do paciente. Nesse meio-tempo, todavia, começou a fazer a mala.

Levei o sargento Daw para o lado e fui com ele ao escritório para poder lhe dar a notícia sem ser perturbado. Ao lhe relatar como aconteceu o despertar, sua disciplina foi afetada. Suas primeiras palavras de espanto foram:

— E como ele explicou seu primeiro ataque? No segundo ele estava inconsciente.

Até aquele momento, a natureza da agressão devido à qual fui chamado àquela casa não me viera à ideia. O detetive não conseguiu saber quase nada com minha resposta:

— O senhor sabe que nem me passou pela cabeça fazer tal pergunta?

Seu instinto profissional era por demais desenvolvido e se sobrepunha a tudo o mais:

— É esse o motivo por que tão poucos casos são completamente esclarecidos — falou — se nós da polícia não cuidarmos deles. Vocês, detetives amadores, nunca vão até o âmago das coisas. Assim que tudo está em ordem e a tensão acaba, abandonam o caso. É como se fosse um enjoo no navio — declarou filosoficamente depois de uma pausa para reflexão. — Logo que se pisa em terra firme, não se pensa mais no assunto e corre-se para o restaurante para se encher de comida. Então, sr. Ross, estou satisfeito de que tudo tenha ficado para trás. Pelo menos quanto à parte que me toca. Presumo que o sr. Trelawny poderá agora cuidar ele próprio dos seus assuntos. Talvez não faça nada, já que esperava que algo parecido fosse acontecer e não ter pedido proteção à polícia. É provável que, oficialmente, o caso seja dado como sonambulismo ou algo parecido, apenas para constar alguma coisa nos registros de ocorrência. E com isso o caso ficará encerrado. Eu lhe digo com toda a sinceridade que, para mim, é a salvação, pois acredito piamente que eu estava aos poucos perdendo o juízo. Mistérios demais não fazem meu gênero. Não me darei por satisfeito enquanto não puder descobrir as causas e os motivos por trás de tudo. Para mim o assunto terminou, e agora já posso me dedicar a um trabalho mais limpo, saudável, e à criminalística. É evidente que me interessa muito saber o que houve, se o senhor conseguir desvendar um desses mistérios. Eu lhe serei grato se me puser a par da maneira pela qual o homem foi arrastado para fora da cama, quando o gato o arranhou e quem se utilizou da faca por ocasião da segunda agressão. É impossível ter sido o gato Silvio. Mas veja o senhor mesmo: esse assunto não me sai da cabeça. Preciso tomar cuidado e me refrear, senão irá me perseguir, mesmo depois que estiver há muito ocupado com outros casos.

Quando Margaret voltou de seu passeio, eu a esperava no vestíbulo. Ela ainda tinha as feições abatidas e uma expressão aflita. No fundo, pensei que fosse encontrá-la radiante e refrescada. Mas, assim que ela me viu, sua fisionomia se iluminou e me lançou um olhar interrogador:

— O senhor tem boas notícias para mim? — perguntou. — Meu pai está melhor?

— Sim, tem razão. Como desconfiou?

— Percebi pela expressão de seu rosto. Tenho que ver meu pai imediatamente.

Quando quis sair, eu a segurei.

— Ele disse que a chamaria assim que estivesse vestido.

— Mandar me chamar? — repetiu ela, espantada. — Então já recuperou os sentidos? Eu não sabia que ele já estava bem. Oh, Malcolm!

Sentou-se numa das poltronas e começou a chorar. Eu mesmo estava à beira das lágrimas. Sua alegria e sua agitação, meu nome exclamado naquele instante e dessa forma, a perspectiva de que minhas esperanças pudessem se realizar, tudo isso agiu sobre mim e me senti fraco, de forma nada máscula. Ela percebeu e compreendeu minha emoção. Peguei sua mão estendida e a beijei. Momentos como este são presentes dos deuses para os amantes. Até esse instante eu tinha apenas expectativas, ainda que soubesse que eu a amava e acreditava que ela retribuía meus sentimentos. Seu fervor confirmado pela pressão de seus dedos, pela força com que segurou minha mão, a luz maravilhosa do amor em seus lindos, profundos e escuros olhos — tudo isso demonstrava o que o mais impaciente e impetuoso namorado poderia esperar.

Não trocamos nenhuma palavra. Também não havia necessidade disso. Mesmo que eu não tivesse prometido me calar, as palavras seriam insuficientes e inexpressivas para expressar meus sentimentos. Mão na mão, como criancinhas, subimos as escadas e ficamos aguardando em cima a chamada do sr. Trelawny.

Eu lhe contei, em voz sussurrante, ao pé do ouvido — o que era mais bonito do que falar em voz alta a uma grande distância —, como seu pai despertara e o que dissera. Em poucas palavras, narrei tudo o que foi dito entre nós, com exceção do tema do qual ela era a protagonista.

Finalmente, ouviu-se no quarto dele o tinir de uma campainha. Margaret se desvencilhou de mim e, lançando-me um olhar de advertência, pôs um dedo nos lábios. Bateu na porta baixinho.

— Entre — disse uma voz em tom forte.

— Sou eu, pai.

Em seu tom, sentia-se amor e esperança. Passos rápidos se fizeram ouvir. A porta foi aberta, e logo Margaret estava nos braços do pai. Pouco falaram; trocaram apenas algumas frases desconexas.

— Pai! Querido, querido, pai!

— Minha filha! Margaret! Minha querida filha!

— Papai, papai! Afinal, afinal!

Ambos entraram no quarto e a porta se fechou.

Capítulo 14

O SINAL DE NASCIMENTO

Enquanto eu esperava a chamada do sr. Trelawny, o tempo demorou a passar. Depois dos primeiros momentos de alegria de Margaret, senti-me de algum modo excluído e solitário, e me tornei egoísta como todos os amantes. Mas isso passou logo. Para mim, a felicidade de Margaret estava em primeiro lugar, e a consciência disso sobrepujou minhas melancólicas emoções. As últimas palavras de Margaret, antes de fechar a porta, demonstravam bem toda a situação no momento presente e no passado. Essas duas pessoas orgulhosas, enérgicas, se encontraram quando a jovem já era adulta, sem levarem em conta o fato de que eram pai e filha.

Orgulho e obstinação, além da reserva peculiar a ambos, se tornaram a princípio um obstáculo. Ainda por cima, cada um respeitava a reserva do outro a tal ponto que o mal-entendido veio a ser coisa corriqueira. Dois corações que se queriam e que não conseguiam se encontrar. Agora tudo entrara nos eixos e eu me alegrava do fundo do coração pelo fato de que Margaret afinal encontrara a felicidade. Enquanto eu meditava a respeito dessas coisas e me deixava levar por devaneios bastante pessoais, a porta se abriu e o sr. Trelawny acenou para mim.

— Venha, sr. Ross — disse ele cordialmente, porém com certa formalidade que me meteu medo. Entrei e fechei a porta. Segurei sua mão estendida, que ele não soltou, levando-me até onde se encontrava sua filha. Margaret olhou de mim

para ele e de novo para mim e depois abaixou o olhar. Quando fiquei diante dela, o sr. Trelawny largou minha mão e disse à filha, olhando-a firmemente:

— Se as coisas estão no ponto que penso, não deve haver segredos entre nós. Malcolm Ross já sabe tanto sobre meus assuntos que deve ir embora logo e deixar tudo como está ou tomar conhecimento de tudo. Margaret, está disposta a mostrar seu pulso ao sr. Ross?

Ela lhe lançou um rápido olhar, um olhar que deu lugar à determinação. Sem palavras, suspendeu a mão direita, de modo que a pulseira com um par de asas abertas que cobria seu pulso escorregou com o movimento, deixando ver a pele nua. Senti um calafrio.

Em volta de seu pulso, via-se uma fina e denteada linha vermelha, na qual havia manchas que pareciam gotas de sangue.

Lá estava ela diante de mim, ao mesmo tempo humilde e orgulhosa. Sim, ela era orgulhosa, e esse orgulho transparecia em seu encanto, em sua dignidade, em sua abnegação magnânima que eu conhecera e que nunca me pareceram tão claramente evidentes como nesse instante. O fogo que luzia de seus profundos e escuros olhos iluminou minha alma. Um orgulho proveniente da lealdade, um orgulho nascido da consciência limpa, o orgulho de uma verdadeira rainha dos tempos antigos, quando era exigido da linhagem real daquela época que se fosse o primeiro, o maior e o mais destemido em todas as coisas sublimes. Enquanto ficamos lá parados durante segundos, soou em meus ouvidos a voz sincera e profunda de seu pai, como uma provocação:

— Então, o que me diz agora?

Minha resposta não teve palavras. Segurei na mão direita de Margaret com força e suspendi a pulseira de ouro. Curvei-me sobre sua mão e lhe beijei o pulso. Quando levantei os olhos sem largar sua mão, vi em seu semblante a alegria, como só podia existir em sonhos celestiais. Então, virei-me para seu pai:

— Eis minha resposta, senhor.

Seu rosto sério estava emocionado. Ele disse uma única palavra quando colocou sua mão sobre as nossas entrelaçadas, enquanto se inclinava para a filha, dando-lhe um beijo:

— Ótimo.

Uma batida na porta nos assustou.

— Entre — disse o sr. Trelawny meio irritado, e o sr. Corbeck entrou. Mal nos viu juntos, quis se retirar. Contudo, o sr. Trelawny imediatamente foi para junto dele e o puxou para o interior do aposento. Enquanto trocavam um aperto de mão, ele pareceu se transformar numa pessoa completamente diferente. A exaltação de sua juventude, sobre a qual o sr. Corbeck nos contara, estava de volta.

— Então as lamparinas foram encontradas! — exclamou ele. — Minhas deduções provaram estar corretas. Venha, iremos até a biblioteca. Lá não seremos perturbados e o senhor poderá me relatar tudo. E o senhor, meu caro Ross — disse, virando-se em minha direção —, por favor, enquanto isso apanhe a chave da caixa-forte do banco para que eu possa examinar as lamparinas.

Os três se dirigiram para a biblioteca e fui apressadamente para Chancery Lane.

Quando retornei com a chave, eu os encontrei ainda absorvidos na narrativa de Corbeck. Nesse meio-tempo, dr. Winchester havia se juntado a eles. O sr. Trelawny, que soube por Margaret da dedicação com que este cuidara dele e que também, sob pressão, resolvera seguir as instruções escritas, pediu ao médico que ficasse e tomasse conhecimento do que ia ser dito.

— Talvez lhe interesse conhecer o fim desta história — disse ele.

Todos jantamos cedo. Depois, continuamos juntos por mais algum tempo, até que o sr. Trelawny falou:

— Acho melhor nos separarmos agora e irmos cedo para a cama. Amanhã teremos muito o que combinar e hoje à noite preciso refletir.

O dr. Winchester se despediu e, mostrando tato, levou consigo o sr. Corbeck. Então, o sr. Trelawny me disse:

— Penso que, por esta noite, seja melhor o senhor também ir para casa. Gostaria de ficar a sós com minha filha. Há muito que preciso conversar com ela, mas a sós. Talvez amanhã eu já esteja em condições de lhes falar sobre essas coisas. Assim haverá menos causa para distração se ficarmos sozinhos em casa.

Eu podia perfeitamente me pôr no seu lugar, pois ainda estava sob os efeitos dos acontecimentos dos últimos dias, por isso falei com alguma hesitação:

— Mas não será perigoso? Se o senhor soubesse o que nós...

Para meu enorme espanto, Margaret me interrompeu:

— Malcolm, não haverá perigo algum. Ficarei com papai.

E o abraçou protetora. Não falei mais nada e me levantei. O sr. Trelawny falou cordialmente:

— Venha tão cedo quanto quiser, Ross. É melhor que venha logo para o café da manhã, assim poderemos ter uma conversa.

Saiu, deixando-nos a sós. Segurei a mão de Margaret, beijei-a, puxei-a para mim e nossos lábios se encontraram pela primeira vez. Naquela noite não consegui dormir muito bem. Por um lado, a felicidade me tirava o sono; por outro, havia a ansiedade. Eu sentia certa apreensão e experimentava uma felicidade que nada na vida poderia igualar. A noite passou tão rapidamente que a aurora me deu um choque, pois de modo geral o dia amanhecia lentamente.

Já antes das nove horas cheguei a Kensington. Toda a ansiedade desapareceu como uma nuvem negra quando fui ao encontro de Margaret e reparei que sua aparência descansada e luminosa voltara a ser o que era antes. Ela me disse que seu pai havia dormido bem e que logo estaria conosco.

— Desconfio muito — sussurrou ela — de que meu caro e atencioso pai esteja com segundas intenções não aparecendo ainda para que eu seja a primeira a cumprimentá-lo.

Depois do desjejum, o sr. Trelawny nos levou para seu escritório e foi dizendo ao entrar:

— Pedi a Margaret que viesse também.

Sentamo-nos e ele logo continuou, sério:

— Eu já disse ontem que há muita coisa para ser conversada. Presumo que pensou que fosse se tratar de Margaret e do senhor mesmo, estou certo?

— É, foi o que pensei.

— É isso mesmo, meu caro. Margaret e eu já conversamos e estou bem a par de seus desejos.

Estendeu-me sua mão e eu, depois de tê-la apertado, beijei Margaret, que se sentou numa cadeira tão perto de mim que pudemos ficar de mãos dadas enquanto ouvíamos seu pai. Prosseguiu, então, depois de certa hesitação — de fato, não posso dizer que fosse nervosismo, que eu não conhecia nele:

— O senhor já está inteirado de muitas particularidades da minha caçada atrás dessa múmia e a tudo o que a ela se refere. Suponho que deva ter alguma noção de grande parte da minha teoria. Ainda assim, eu gostaria de explicá-la mais tarde, em poucas e concisas palavras, caso seja necessário. Eu lhe pediria um

conselho a respeito do seguinte: Margaret e eu não estamos de acordo num ponto. Tenho a intenção de fazer uma experiência, que deverá coroar tudo o que tentei fazer em vinte anos com muito esforço e perigo. Com essa experiência poderemos saber de coisas que durante séculos estiveram escondidas da vista e do conhecimento da humanidade. Não desejo que minha filha tome parte nessa experiência, pois não desejo expô-la ao perigo que poderá advir, um grande perigo, de espécie desconhecida. Eu próprio já me defrontei com ele. O mesmo aconteceu com esse cientista ousado que me auxiliou em meu trabalho. Assumo todo o risco do que porventura possa me acontecer, porque a ciência natural, a pesquisa histórica e a filosofia podem tirar vantagens dali. Então, poderemos virar uma página que nos desvendaria novos conhecimentos nestes tempos prosaicos. Não posso permitir, no entanto, que minha filha corra tal risco. Sua vida jovem é preciosa demais para ser lançada sem pensar nesse jogo, principalmente agora que se encontra às portas de uma nova felicidade. Não posso consentir que sua vida seja arriscada, como a da sua querida mãe...

Seu autocontrole baqueou e ele cobriu os olhos com as mãos. Imediatamente, Margaret correu para seu lado, beijou-o e consolou-o, cheia de carinho. Então, ela se endireitou e disse, tendo uma das mãos apoiada na cabeça do pai:

— Pai, mamãe nunca lhe pediu que ficasse, nem mesmo daquela vez antes de sua viagem ao Egito, uma viagem cheia de perigos, porque havia guerra naquele país. Você mesmo me contou que ela não o prendeu, ainda que estivesse inteirada do perigo, do qual isso é a prova.

Levantou a mão com a cicatriz que parecia sangrar.

— Agora a filha age como a mãe o faria. — E com essas palavras se virou para mim: — Malcolm, você sabe que o amo. Mas amar é confiar. Tem, portanto, que confiar em mim tanto na dor quanto na alegria. Você e eu devemos ficar ao lado de meu pai nessa hora de perigo desconhecido. Juntos, nós o venceremos ou afundaremos. É esse meu pedido. Meu primeiro desejo para meu futuro marido. Não pensa também que eu, como filha, esteja fazendo o que é certo? Diga a meu pai o que pensa a respeito.

Parecia uma rainha que condescendia em fazer um pedido. Meu amor por ela cresceu muito. Levantei-me e falei, segurando-lhe a mão:

— Sr. Trelawny, nesta história, Margaret e eu pensamos de maneira igual.

Ele pegou nossas mãos, apertou-as e falou muito emocionado:

— Assim o teria feito a mãe dela.

O sr. Corbeck e o dr. Winchester apareceram na hora combinada a fim de se encontrarem conosco na biblioteca. A grande felicidade que eu sentia não podia evitar que eu reconhecesse a seriedade da nossa reunião. Porque eu não podia esquecer por um instante as coisas estranhas que aconteceram, e a certeza de que no futuro outras coisas ainda mais estranhas poderiam sobrevir pairava sobre mim como uma nuvem, pressionando-nos. Pelo aspecto grave dos outros, deduzi que o mesmo se passava na mente deles.

Instintivamente, colocamos nossas cadeiras em volta do sr. Trelawny, que havia se sentado na grande poltrona perto da janela.

Margaret ficou ao lado dele, à sua direita; eu, perto dela; o sr. Corbeck, à esquerda do sr. Trelawny; e, fechando o círculo, o dr. Winchester. Após alguns segundos de silêncio, o sr. Trelawny falou para o sr. Corbeck:

— O senhor contou ao dr. Winchester, como havíamos combinado, tudo o que houve até agora?

— Sim — foi a resposta que se ouviu.

O sr. Trelawny prosseguiu:

— E contei a Margaret, portanto agora todos sabemos de tudo. — Virando-se para o médico, falou: — Devo supor que o senhor, que agora sabe tanto quanto nós, que temos seguido a coisa através de anos, queira tomar parte na experiência que esperamos fazer.

A resposta veio sincera e franca:

— Lógico! Quando fui incluído neste assunto, decidi permanecer até o fim. Agora, que sei de tanta coisa estranha e interessante, não gostaria de perder a experiência por nada deste mundo. Pode ficar tranquilo, sr. Trelawny. Como cientista, estou muito interessado na pesquisa de determinados fenômenos. Sou sozinho no mundo e posso fazer ou deixar de fazer o que bem entender, ainda que me custe a vida.

O sr. Trelawny se inclinou com seriedade e se dirigiu ao sr. Corbeck:

— Caro amigo, conheço suas ideias e seus conceitos há vários anos. Não preciso lhe fazer perguntas. Margaret e Malcolm Ross já demonstraram claramente sua vontade.

Parou como se quisesse pôr em ordem as palavras e os pensamentos, começou a falar de suas intenções e seus pontos de vista. Fez a exposição dos fatos com muita cautela, sempre voltado para a possibilidade de que alguns dos ouvintes não entendessem bem a real natureza do assunto e do que se tratava.

— A experiência que temos diante de nós deverá provar se a magia dos antigos tem realmente força e se é verdadeira. As hipóteses para essa experiência não podem ser mais oportunas, e tenho o maior empenho em fazer todo o possível no sentido de alcançar o objetivo original. Que existe tal força, disso estou plenamente convencido. Seria quase impossível, nos tempos atuais, criar, realizar ou produzir uma tal força. Contudo, parto do princípio de que, no caso de tal força ter existido nos tempos antigos, haja invulgares possibilidades de sobrevivência. Afinal, a Bíblia não é um produto da imaginação e nela podemos ler que o sol parou sob o comando de uma pessoa e que um burro, não um homem burro, podia falar. Se realmente a feiticeira de Endor pôde fazer aparecer o espírito de Samuel diante de Saul, o mesmo poderá ser dado a outros com forças semelhantes. Por que uma dessas forças não poderia sobreviver? Assim, aprendemos no livro de Samuel que a feiticeira de Endor era apenas uma entre muitas e que Saul a escolheu por acaso. Ele estava à procura de uma das que ele expulsou de Israel: “Todas as que tinham gênios protetores e os magos.” Então, Tera, uma rainha egípcia que reinou uns poucos dois mil anos antes de Saul, tinha um gênio protetor e era maga. Devem ter em mente que os sacerdotes do tempo dela, e os depois dela, queriam apagar seu nome da face da Terra e lançaram uma maldição na entrada para sua tumba, a fim de que ninguém mais descobrisse seu nome, que deveria ficar esquecido para sempre. De fato o conseguiram, porque nem Maneto, o cronista dos reis egípcios, pôde achar o nome de Tera, ele que escreveu no décimo século a.C. e que podia se aproveitar da sabedoria dos sacerdotes, acumulada durante quarenta séculos e que teve acesso a todas as informações existentes. Então, em vista dos acontecimentos anteriores, não haverá ninguém que tenha pensado no fato de quem ou o que seria seu gênio tutelar?

Houve uma interrupção por que o dr. Winchester bateu com um punho na palma da outra mão, exclamando:

— O gato! A múmia do gato! Eu sabia!

O sr. Trelawny o contemplou com um sorriso.

— Exatamente. Todos os sinais nos levam a crer que o gênio da rainha-maga era o gato, tendo sido inclusive embalsamado com ela, não apenas no túmulo, mas também deitado com ela no sarcófago. Foi ele que me mordeu na mão e me arranhou com as garras afiadas.

Ele fez uma pausa. O comentário de Margaret aos esclarecimentos ouvidos foi tímido e pueril:

— Então quer dizer que meu pobre Silvio está isento de culpa? Como me sinto feliz!

Seu pai passou a mão sobre os cabelos da moça e prosseguiu:

— Essa mulher deve ter tido uma perspicácia fora do comum. Uma perspicácia que ultrapassou as eras e sua preservação espiritual. Parece ter olhado claramente através das fraquezas de sua religião e encontrado preparativos para a entrada em outro mundo. Todas as suas esperanças eram dirigidas para o norte, naquela direção de onde vinham os frescos e agradáveis ventos que tornavam a vida aprazível. Desde o início, seu olhar foi atraído pelas Plêiades da Balança, isso porque, no dia de seu nascimento, um grande meteorito caiu do céu, de cujo centro foi, afinal, cortada a pedra das Plêiades que ela considerou o talismã protetor da vida. Tal fato é historiado pelos hieróglifos de seu túmulo. Essa pedra parece ter determinado de tal modo seu destino que todas as suas aspirações e pensamentos se voltavam unicamente para ela. O recipiente mágico com seus sete lados provém igualmente do meteorito, como a mesma fonte nos dá ciência. Sete era um número mágico para Tera. Não é de espantar quando se relembra que tinha sete dedos numa das mãos e sete dedos num dos pés. Além disso, o talismã, sob a forma de um rubi raro, com sete estrelas da mesma constelação do seu nascimento, em que cada uma dessas estrelas exhibe as sete pontas. Só isso já é uma das maravilhas geológicas. Se ela tivesse ficado impressionada com o fato, a coisa em si seria ainda mais curiosa. Vale lembrar também que ela nascera no sétimo mês do ano, como pudemos verificar em sua tumba, o mês em que começa a inundação do Nilo. A rainha Hathor domina esse mês, sendo ela a deusa das casas da rainha, de Antef, da linhagem de Tebas, aquela deusa que simboliza a beleza sob diferentes aparências, a alegria de viver e a ressurreição. Nesse sétimo mês, que mais tarde, de acordo com a astronomia egípcia, começava em 18 de outubro e durava até 27 de novembro da nossa era cronológica, no sétimo dia sobe a lança no horizonte em Tebas.

“Essas diferentes circunstâncias são ligadas de maneira estranha à vida dessa mulher. O número 7, a Estrela Polar com a constelação das Plêiades, a divindade do mês, Hathor, que era ao mesmo tempo a de sua família e a da forma dos sete amores, dominam a vida e a ressurreição. Se houvesse algum motivo para magia, para uso místico do poder do símbolo, para uma crença em espíritos infinitos numa era antiga, que o deus novo não conhecia, ele está aqui.

“Refletindo-se sobre o assunto, chega-se à conclusão de que a mulher era versada em todas as ciências de sua época. A mão prudente de seu pai cuidara antecipadamente para que as intrigas dos sacerdotes fossem contrabalançadas pela força de seu próprio saber. Ainda por cima, a astronomia no Egito Antigo tomou enorme impulso e lá teve um extraordinário desenvolvimento. Em consequência da astronomia, seguiu-se a astrologia. É possível que, com os adiantamentos da ciência da luz, seja um dia descoberto que a astrologia tem base científica. Talvez venha a se tratar disso na próxima onda de pesquisas da ciência natural. Mas, neste momento, preciso lhes dizer mais uma coisa especial, que necessita de bastante reflexão. Os egípcios tinham conhecimento de coisas das quais nós, apesar de todo o nosso progresso, não temos a menor noção. Por exemplo, a acústica para o construtor dos templos de Carnac e Luxor, das Pirâmides, exigia que ele fosse versado numa ciência exata que, hoje em dia, para um Bell, Lelvin, Edison e Marconi, continuam um mistério. Recapitulando: esses antigos organizadores maravilhosos conheciam provavelmente possibilidades de utilizar outras forças, entre elas a da luz, com as quais hoje em dia nem sonhamos. Mais tarde falaremos sobre esse assunto. Suspeita-se que o recipiente mágico da rainha Tera seja em mais de um ponto uma caixa mágica. É bem possível que nele se encontrem forças das quais nem desconfiemos. Não se pode abri-lo. Deve ser fechado por dentro. Mas como? É uma caixa de pedra maciça, de surpreendente dureza, assemelhando-se mais a uma pedra preciosa do que ao mármore comum e com uma tampa igualmente maciça. Todavia, tudo é tão bem trabalhado que não se consegue enfiar no interstício nem a mais fina ferramenta. Mas como se conseguiu trabalhar com tamanha precisão? Como foi possível escolher a pedra de modo que seus pontos transparentes coincidissem com a colocação das Plêiades na constelação? Como a coisa pode ser incandescente de dentro para fora, quando a luz das estrelas incide sobre ela, e que essa incandescência se torne mais forte quando se coloca as lamparinas na posição semelhante? Mesmo assim, a caixa não

reage à luz comum, ainda que muito forte. Eu lhes digo que essa caixa contém um grande mistério. Veremos que a luz, de algum modo, ajuda a abri-la. Ou por meio de qualquer substância encontrada ou de uma eficaz força libertada. Só posso esperar que nós, com nossa falta de conhecimento, não estraguemos nada nem prejudiquemos o mecanismo, pois, se isso acontecer, a ciência de nossa época perderia uma lição, que lhe é transmitida quase por milagre após cinco mil anos.

“Talvez a caixa contenha ainda mistérios latentes de outro tipo, que trarão para o mundo de hoje novas percepções. Já sabemos bem que os egípcios pesquisavam as qualidades mágicas de ervas e de minerais, em se tratando tanto da magia branca quanto da negra. Sabemos que havia entre os antigos magos alguns com o dom de introduzir sonhos no sono do tipo que se desejasse. Não tenho dúvida de que esse meio de hipnose alcançado era tratado no Nilo Antigo como arte elevada. Seu conhecimento a respeito de drogas é muito superior ao nosso. Com os suprimentos médicos que conhecemos, podemos também influir nos sonhos até certo ponto. Conseguimos mesmo determinar se os sonhos serão bons ou maus. Esses feiticeiros antigos podiam provocar, a seu bel-prazer, qualquer forma ou coloração de um sonho que se desenvolvia em volta de um tema ou de um pensamento. Nesse recipiente, que todos viram, talvez esteja preso um arsenal de sonhos. É bem possível que algumas das forças aprisionadas nessa caixa já estejam agindo na minha casa.”

Novamente o dr. Winchester faz uma interrupção:

— Se, em seu caso, algumas dessas forças aprisionadas estivessem agindo, o que, então, a libertou em determinada hora? E como? Além do mais, o senhor e o sr. Corbeck há uns tempos já se acharam em transe durante três dias, naquela época em que estiveram pela segunda vez no túmulo da rainha. Naquela ocasião, pelo que pude depreender pelo relatório do sr. Corbeck, o recipiente não se encontrava no túmulo, e sim a múmia. Nos dois casos, deve ter agido uma inteligência muito atuante que a dominou, juntamente com outra força.

A resposta do sr. Trelawny lhe deu razão:

— Sim, era uma inteligência ativa e vigilante que estava agindo. Tenho plena convicção disso. Sempre se tratava de uma energia pronta para entrar em ação. O que quero dizer é que, em ambos os casos, houve a ação de uma força hipnótica.

— E onde está contida essa força? Qual é sua opinião a respeito?

A voz do dr. Winchester tremia de excitação ao se inclinar ofegante e com olhar atento. O sr. Trelawny falou com franqueza:

— Na múmia da rainha Tera. Eu queria chegar a esse ponto. Talvez devêssemos esperar um pouco mais, até que eu tenha esclarecido alguns fatos fundamentais. Parto do princípio de que essa arca ou recipiente fora preparado para determinada ocasião, como tudo o mais que se encontra na caverna. A rainha Tera não se preocupou na sua tumba, a 33 metros acima do chão do vale, com medidas protetoras contra serpentes nem escorpiões, onde fora esculpida numa parede lisa do rochedo a cerca de 16,5 metros sob o cume da penedia. Suas precauções eram dirigidas contra a interferência humana, contra a inveja e o ódio dos sacerdotes que, se tivessem tido a ideia das verdadeiras intenções de Tera, teriam se preocupado em fazer tudo para frustrar seus desígnios. Do seu ponto de vista, tudo levava para a época da ressurreição, fosse em que período fosse. Pelos símbolos de sua tumba, presumo que divergia da crença de seus tempos, esperando uma ressurreição corporal. Sem dúvida, isso aumentou o ódio dos sacerdotes em relação a ela e lhes deu uma motivação para exterminar a existência atual e futura daqueles que pisavam com os pés suas máximas religiosas, ofendendo os deuses. Tudo de que necessitava a rainha para a ressurreição em tempos futuros estava contido naquela câmara hermeticamente fechada. No grande sarcófago que, mesmo para um rei, tinha dimensões descomuns se encontrava a múmia do seu gênio protetor, o gato que, devido ao seu tamanho, julgo ter sido uma espécie de tigre. Além disso, havia na tumba, num recipiente igualmente feito de material duradouro, as Canopus, receptáculos que serviam do mesmo modo para a preservação dos órgãos internos retirados e embalsamados, mas que, nesse caso em especial, não apresentavam tal conteúdo. No caso da rainha Tera, os embalsamadores alteraram o costume usual. Suponho que seus órgãos seriam novamente incluídos no corpo, cada um em seu devido lugar, se eles tivessem sido realmente retirados. Se minha conjectura for verdadeira, veremos que o cérebro da rainha fora ou não removido, e, se o fora, poderia ser recolocado no lugar, em vez de incluído nas ataduras da múmia. Mais: encontrava-se no sarcófago a caixinha mágica, sobre a qual repousavam seus pés. Digno de observação é o cuidado que teve para que ela continuasse a ter o domínio sobre os elementos. De acordo com sua crença, a mão aberta fora das faixas controlava o ar, enquanto a joia maravilhosa com as estrelas chamejantes dominava o fogo. Os

sinais colocados na sola de seus pés davam poder sobre a água e a terra. Eu gostaria de falar mais amplamente sobre a pedra-estrela. Com relação ao sarcófago, é ainda digno de nota o fato de ela proteger seu segredo contra a possibilidade de um roubo no túmulo. Ninguém conseguiria abrir o recipiente mágico sem as lamparinas, pois sabemos que a luz normal não tem efeito algum. A grande tampa do sarcófago não estava lacrada como era costume na época, porque ela não desejava perder seu domínio sobre o ar. Mas as lamparinas, pelo seu formato, faziam parte da caixa mágica e estavam ocultas num lugar onde ninguém as poderia encontrar se não seguisse as instruções secretas que ela mesma colocara para os olhos dos sábios. Também nessa instância, ela se protegera contra a descoberta accidental, destinando um dardo para o atrevido descobridor. Para esse fim, serviu-se de uma tradição, sob a forma do guardião vingador das pirâmides, que seu grande antepassado da quarta dinastia havia construído. É certo que já notara que nesse túmulo existem inúmeras divergências nas regras convencionais. Assim, por exemplo, foi deixado livre o fosso que leva ao túmulo propriamente dito da múmia, que, de modo geral, era preenchido com pedras e entulho. Por quê? Presumo que todos os preparativos fossem destinados para a época depois de sua ressurreição, quando sairia do túmulo abandonando a crueldade de sua existência anterior para ser uma nova mulher, com nova personalidade. Sabemos que pensou nisso tudo e até na corrente de ferro perto da porta, como descrevera Van Huyn, pela qual poderia descer até o chão do vale. Ela contava que um longo tempo haveria de se passar antes da ressurreição, e tal fato pode ser comprovado pela seleção do material. Uma corda comum apodreceria e se tornaria inútil, porém, com razão, esperava estabilidade do ferro.

“Quais eram suas intenções para o período em que entrasse de novo na terra, não temos como saber e desconfio que jamais descobriremos, a menos que seus lábios mortos despertem de sua rigidez e ela fale conosco.”

Capítulo 15

O PLANO DA RAINHA TERA

— Agora falemos da joia-estrela. Ela a considerava seu maior e mais valioso tesouro. Nela mandou inscrever palavras que ninguém ousava sequer pronunciar na época. De acordo com a opinião dos antigos egípcios, havia palavras que, pelo emprego correto, nas quais a pronúncia era tão importante quanto a própria palavra, tinham força sobre os senhores dos mundos superior e inferior, isto é, céu e inferno. *Hekau*, ou comando, era da maior importância em certos rituais. A pedra das Plêiades, que, como sabem, fora lapidada no feitio de um escaravelho, tem dois desses *Hekau* escritos em hieróglifos, um sobre o lado superior e o outro sobre o reverso. Todos compreenderão melhor quando os virem. Esperem. Não se mexam.

Nem bem pronunciara as palavras, levantou-se e saiu apressado. Fiquei com medo por ele, mas senti alívio quando olhei para Margaret. Ela havia demonstrado sinais de temor sempre que desconfiava haver alguma possibilidade de um perigo para seu pai. Agora, no entanto, mostrava-se calma e relaxada. Por isso nada falei e esperei.

Apenas alguns minutos se passaram até que o sr. Trelawny voltasse, tendo na mão uma caixinha dourada. Colocou-a sobre a mesa e se sentou. Todos nos inclinamos curiosos no instante em que ele a abriu.

Sobre um forro de seda havia um rubi maravilhoso, enorme, quase tão grande quanto a ponta do dedo mindinho de Margaret. A pedra havia sido lapidada no feitio de um escaravelho — porque essa não podia ser sua forma natural, ainda que se encontrem pedras preciosas que não demonstrem terem sido trabalhadas por instrumentos. O escaravelho tinha as asas fechadas e as patas e as antenas ajustadas. A belíssima cor vermelho-sangue deixava transparecer brilho de sete estrelas de sete pontas, dispostas de tal maneira que a constelação da Balança era claramente reconhecível. Não havia possibilidade de dúvida, pois quem a viu uma vez jamais a esqueceria. Nela se viam hieróglifos gravados com uma precisão inigualável, que pude constatar ao chegar a minha vez de examiná-la com uma lente de aumento oferecida pelo sr. Trelawny. Depois que todos examinamos detidamente a pedra, o sr. Trelawny a virou de modo que ela se encaixou numa cavidade feita na metade superior da caixinha. O reverso não era menos bonito: imitava perfeitamente a parte de baixo do escaravelho e lá haviam sido gravados hieróglifos também. O sr. Trelawny retomou a palavra, enquanto inclinávamos nossas cabeças sobre a magnífica pedra preciosa.

— Como veem, há duas palavras, uma sobre a face superior e a outra no reverso. Os símbolos da face superior mostram apenas uma palavra, que consiste numa sílaba longa com o respectivo pronome. Presumo que saibam que a escrita egípcia era fonética e que um símbolo hieroglífico representava um som. O primeiro símbolo aqui, este ancinho, significa *mer* (amor), e as duas elipses pontudas, o comprimento do R final de Mer-r-r. A figura sentada com a mão diante do rosto é o sinal para *pensar*, e o rolo de papiro, para *abstração*. Temos, então, diante de nós a palavra *mer*, amor no sentido mais abstrato, universal e completo. É o *Hekau*, o poder que ela tem sobre o mundo superior.

O rosto de Margaret demonstrava felicidade quando falou com sua voz profunda e bem modulada:

— Oh, como é verdade! Como os antigos homens maravilhosos conheciam a verdade onipotente!

Corou e abaixou os olhos. Seu pai riu carinhosamente ao continuar:

— A reprodução simbólica da palavra no reverso é mais simples, ainda que de mais difícil compreensão. O primeiro símbolo quer dizer *men*, o mesmo que *constante*, e o segundo, *ab*, corresponde ao nosso *coração*. Lemos então *coração*

constante ou, na nossa língua, *paciência*. E esse é o *Hekau* para o domínio do submundo.

Ele fechou a caixinha, saiu e, dizendo para que não saíssemos dali, dirigiu-se para seu quarto a fim de guardar a pedra preciosa no cofre. Voltou imediatamente e retomou seu lugar, continuando:

— Esta pedra, com suas palavras cabalísticas que a rainha Tera cobria com a mão no sarcófago, deveria ser um fator importante, provavelmente o mais importante, para o êxito de sua ressurreição. Isso meu instinto me diz desde o começo. Guardei a pedra no meu cofre grande para que ninguém possa roubá-la, nem mesmo a própria rainha Tera por meio de seu corpo astral.

— Corpo astral? O que é isso, pai? — A curiosidade na voz de Margaret me surpreendeu. Mas o riso indulgente e paternal de Trelawny iluminou seu rosto sério como um raio de sol ao responder:

— Corpo astral é uma ideia do budismo, iniciada bem mais tarde e reconhecida no misticismo moderno como fato, que teve sua origem no Egito Antigo, pelo menos é o que se supõe. Não significa outra coisa a não ser que um indivíduo, graças à sua força de vontade, pode transportar rapidamente seu corpo para qualquer lugar, por meio da desintegração e da reencarnação das partículas. Os antigos acreditavam que a essência do ser humano era composta de muitas partes. Vou lhes explicar para que tudo o que lhe diz respeito possa ser compreendido. Em primeiro lugar, havia o Ka, ou *imagem*, que, de acordo com o dr. Budge, poderíamos definir como “individualidade abstrata da personalidade”, impregnado de todos os atributos característicos do indivíduo ao qual pertence, isto é, uma existência completamente independente. Podia se movimentar à vontade de um lugar para outro ou mesmo entrar no céu e conversar com os deuses.

“Depois havia o Ba, ou *alma*, que morava em Ka e tinha força para se materializar ou desmaterializar. Tinha igualmente substância e forma, o poder de deixar o túmulo; podia visitar o corpo na caverna, ressuscitá-lo e manter com ele um diálogo. A seguir, havia o Khu, a *inteligência espiritual* ou simplesmente o espírito, descrito como figura corpórea luminosa e que não podia ser aprisionada, e ainda Sekhem, ou a força do ser humano, sua força vital personificada. Faltam ainda as Khaibit, ou as *sombras*, Ren, ou o *nome*, Khat, ou o *corpo físico*, do mesmo modo que Ab é o coração, morada da vida.

“Os senhores podem ver que a subdivisão das funções corporais e espirituais, psíquicas e físicas, ideais ou reais, era tida como fatos e que lhes foram dadas todas as possibilidades e capacidades de transferência corporal, mas sempre dirigidas por uma força de vontade ilimitada.”

Fez uma interrupção e recitei a meia-voz os versos de Shelley de *Prometeu libertado*: “O grande Zaratustra, perambulando uma vez em seu jardim, encontrou sua própria imagem...”

— Teríamos aí mais um costume religioso do Egito Antigo, que é de suma importância para nós — prosseguiu ele. — A saber, aquelas estatuetas *ushebti* de Osíris que se colocavam junto aos mortos para que pudessem executar no além os trabalhos exigidos. Continuando, essa imaginação se projetava na crença de que era possível transportar a alma e as qualidades de cada ser vivo para uma figura semelhante a esse ser vivo. Com isso, teria sido entregue um poder terrível nas mãos dos que comandam tal feitiçaria.

“De uma combinação dessas diferentes tendências e de suas consequências cheguei à conclusão de que a rainha Tera contava encenar a própria ressurreição quando, onde e como lhe conviesse. Não é apenas possível, mas até bem provável, que tenha considerado para tanto determinada época. Reservo-me para mais tarde dar mais explicações quanto a esse ponto. Com uma alma que se demorou junto aos deuses, com um espírito que podia vagar à vontade sobre a terra, munidos pela força de transferência corporal ou de um corpo astral, não havia nenhum cerceamento para seu sustento. Somos forçados a pensar que ela tenha passado os quarenta ou cinquenta séculos dormindo em sua cripta, à espera. Ela esperava com aquela ‘paciência’ que lhe permitia dominar os deuses do inferno e esperava com o ‘amor’, por meio do qual tinha em seu poder os deuses do mundo superior (céu). Não sabemos como eram seus sonhos. Contudo, seu sonho deve ter tido uma interrupção qualquer quando o pesquisador holandês entrou na sua cova cinzelada e seus seguidores perturbaram a santa paz de seu túmulo com o brutal roubo de sua mão. Mas aquele roubo, com todas as suas consequências, prova-nos uma coisa, isto é, que cada parte de seu corpo, mesmo tendo sido separada dele, conseguiu reunir as partículas de seu corpo astral. Aquela mão encontrada no meu quarto pode provocar sua repentina presença corporal e também a rápida desintegração.

“Agora chegamos ao ponto que coroa todas as minhas deduções. O motivo da minha agressão era para que o cofre fosse aberto com a finalidade de ser dali retirada a pedra sagrada das Plêiades. Não questiono, em absoluto, que aquela mão da múmia ficava muitas vezes procurando na escuridão da noite pela pedra talismã, a fim de retirar novas forças ao ser tocada. Mas, apesar de sua força, o corpo astral não conseguiu retirar a pedra de dentro do cofre, pois o rubi não é feito de substância astral e só podia sair pela porta aberta, por uma saída normal. Para esse fim, a rainha se servia de seu corpo astral e da grande força do seu espírito protetor, tentando colocar a chave, que impedia a realização de seus intentos, na fechadura do cofre. Há anos que eu vinha suspeitando de algo parecido; aliás, eu tinha certeza. Preparei-me contra as forças do inferno e também fiquei à espera, paciente, até que todas as coisas necessárias para a abertura do recipiente mágico e para o despertar da múmia da rainha estivessem reunidas.”

Quando fez uma pausa, ouviu-se a voz de sua filha, doce, clara e plena de sentimento:

— Será que os egípcios, de modo geral, acreditavam na ressurreição de uma múmia, ou essa possibilidade era limitada? Quero dizer, podia haver ressurreições no decorrer de gerações várias, ou apenas uma?

— Só havia a possibilidade de uma ressurreição — retrucou ele. — Alguns chegavam mesmo a acreditar que se tratava de uma ressurreição verdadeira do corpo para o mundo real. Mas, de modo geral, acreditava-se que o espírito era levado para os domínios elísios, onde poderia se devotar a inúmeras alegrias, onde havia alimento e bebida em abundância e nenhuma carestia, água suficiente, plantas e tudo o que o ser humano de um clima seco e quente possa imaginar como sendo paradisíaco.

Margaret, então, falou com uma seriedade que espelhava suas convicções mais íntimas:

— No meu entender, está claro agora que tipo de sonho perseguia essa mulher providente e nobre do tempo antigo, um sonho pelo qual sua alma esperou durante séculos. Era o sonho de um amor, existente em qualquer lugar, um amor que talvez ela mesma viveria, ainda que em outras circunstâncias. Um amor como toda mulher sonha ter na vida, nos tempos antigos como nos atuais, pagãos ou cristãos, indiferentemente de posição ou de linhagem, seja ela feliz, seja

infeliz. Oh, eu sei. Eu sei. Eu mesma sou mulher e conheço o coração das mulheres. O que é a necessidade e a abundância, o que significam para essa mulher a fome ou a intemperança, ela, que nasceu num palácio, que usou na frente a coroa dos dois Egíptos? O que queriam dizer para ela os pântanos ou o murmúrio da água corrente, ela, cujo barco deslizava ao longo do grande Nilo, das montanhas até o mar? Qual o sentido que dava a pequenas alegrias ou à falta de pequenos temores, ela, que comandou exércitos com um movimento de mão, que reunia nas escadarias do seu palácio, as quais davam para o rio, o comércio do mundo inteiro? A cuja ordem templos cresciam, recheados de tesouros artísticos dos tempos antigos, que deixava brilhar para seu prazer? Sob cuja direção o rochedo deixava livre o caminho que levava para a cripta por ela própria imaginada? É certo que seus sonhos eram nobres. Eu o sinto em meu coração. Eu a vejo de olhos fechados.

Margaret parecia em transe ao falar tudo isso e seu olhar se dirigia ao longe, como se visse outros mundos. Seus olhos profundos se encheram de lágrimas não derramadas, transbordantes de emoção. A alma dessa mulher soava através de sua voz, enquanto nós, os ouvintes, ficávamos lá, a ouvi-la, fascinados.

— Eu a vejo em sua solidão, no silêncio de seu orgulho, sonhando seu sonho, de coisas tão diferentes de seu ambiente. De outro país, longínquo, bem ao longe, sob o baldaquim da noite silenciosa, iluminada pela fresca e bela lua das estrelas. De um país sob a Estrela do Norte, de onde sopram os doces ventos, refrescando o deserto escaldante. Um país coberto por um verde delicioso, na distância porvindoura. Lá, onde não existe trama de sacerdotes malévolos que querem provar seu poderio por templos sombrios e criptas ainda mais sombrias e de intermináveis rituais da morte, provando seu poder. Um país onde o amor é valorizado e visto como uma realização divina da alma. Onde ela esperava encontrar um espírito consanguíneo que lhe falaria com lábios humanos, iguais aos seus; cujo ser se encontraria com ela numa doce comunhão espiritual, assim como seu hálito se mistura com o ar que a envolve. Conheço esse sentimento, pois já passei por isso, e devo falar agora que essa felicidade entrou na minha vida. Devo falar, porque me permite entender os sentimentos da alma saudosa dessa doce e adorável rainha, tão diferente de seu ambiente e que vivia muito aquém de sua época; cuja essência dominava os poderes numa pedra preciosa iluminada por

estrelas, dando-lhe comando sobre todos os deuses no Panteon. E, na realização do sonho, descansará feliz.

Nós, homens, ficamos lá sentados, estupefatos, enquanto a jovem elucidava a aspiração e o objetivo da mulher de outras eras. Seu tom e cada palavra estavam carregados de suas convicções originais. Seus pensamentos exaltados nos transportaram. Suas palavras respeitadas, proferidas em cadência musical e vibrando com uma força interior, pareciam brotar de um poderoso instrumento de energias elementares. Até a inflexão de sua voz era nova para nós, de modo que a ouvíamos como se ela fosse um novo e estranho ser de um novo e estranho mundo. O rosto de seu pai demonstrava fascinação, e eu agora sabia o motivo. Compreendi qual a felicidade que entrara em sua vida depois de sua volta ao mundo que ele conhecia, após sua longa permanência no mundo dos sonhos. Encontrar em sua filha, cujo ser até há pouco tempo lhe era desconhecido, uma tal riqueza de sentimentos, uma riqueza de discernimento espiritual, tanta força de apresentação, tanta... Tudo o mais cedia lugar à esperança.

Os outros dois homens permaneciam calados. Um deles tinha sonhado seu sonho; para o outro, ele ainda estava por vir.

Quanto a mim, sentia-me como se me achasse em transe. Quem era esse ser novo e radiante que despertou da bruma e das trevas dos nossos temores para a existência? O amor tem qualidades divinas para o coração do amante. As asas da alma nascem dos ombros do ser amado, que, em consequência, adota a figura de anjo. Desconfiei que na natureza íntima de minha Margaret dormitava uma qualidade divina de diversos tipos. Quando naquele dia, na sombra do salgueiro chorão à beira do rio, mergulhei nas profundezas de seus lindos olhos, reconheci sua beleza múltipla e a superioridade de seu ser. Contudo, esse espírito ardente e compreensivo foi para mim uma revelação. Tanto o sr. Trelawny quanto eu ficamos extremamente orgulhosos dela. Minha alegria e meu êxtase eram perfeitos e não podiam ser superados. Depois que todos, cada um a seu modo, voltamos à realidade, o sr. Trelawny prosseguiu, segurando na mão da filha:

— E agora voltaremos à data que a rainha Tera previu para sua ressurreição. Trata-se aqui de cálculos de astronomia bastante complicados, ligados a uma orientação específica. Como já é do conhecimento de todos, as estrelas mudam sua posição relativa no céu. Uma vez que as distâncias reais ultrapassam nosso poder de imaginação, os efeitos captados por nós são mínimos. Ainda assim são

mensuráveis não em anos, mas em séculos. Foi, portanto, possível a *sir* John Herschel descobrir a data da construção da grande pirâmide, data essa comprovada pelo tempo que a estrela do norte real levou para se afastar de Draco até alcançar a Estrela Polar. Tal fato pôde ser provado por outras descobertas. Do que foi até agora exposto, resulta fora de dúvida que, pelos menos mil anos antes da rainha Tera, a astronomia dos egípcios já era uma ciência exata. Então, as estrelas isoladas de uma constelação, com o tempo, alteram a posição entre si, e disso a Libra ou Balança é um exemplo marcante. A alteração das estrelas após quarenta séculos é tão insignificante que passa praticamente despercebida a um leigo. Contudo, elas são mensuráveis, e isso pode ser provado. Já lhes ocorreu com que exatidão a posição das estrelas no rubi corresponde à constelação de Libra? Ou como essa distribuição coincide com os pontos transparentes da caixa mágica?

Concordamos, e ele prosseguiu:

— Os senhores observaram bem. Elas correspondem exatamente à constelação. Porém, quando a rainha Tera foi colocada em seu último lugar de descanso, nem as estrelas no rubi nem os pontos transparentes na caixa correspondiam à posição das estrelas na constelação, como era vista naquela época.

Nós nos entreolhamos, e uma nova percepção pareceu abrir novos caminhos. Com conhecimento de causa, ele continuou:

— Não reconhecem, então, o significado? Isso não lança nenhuma luz nas intenções da rainha? Ela, que se deixava guiar por profecias, magias e superstições, escolheu para sua ressurreição evidentemente uma época que lhe pareceu ter sido anunciada pelos próprios deuses, que transmitiram sua mensagem por um ralo vindo do outro mundo. Como tal época provinha de uma sabedoria sobrenatural, não seria o máximo da inteligência humana se aproveitar do fato? Vemos, por conseguinte — disse, com a voz tremendo de emoção —, que nos será dada a oportunidade, ao nosso tempo, do mesmo modo de lançar um olhar para o mundo antigo, um olhar que é unicamente privilégio nosso e o qual talvez nunca volte a se repetir.

“As inscrições enigmáticas e os símbolos da cripta extraordinária daquela maravilhosa mulher estão repletos de sinais indicativos. A chave desses numerosos mistérios se encontra na surpreendente pedra preciosa, segura na sua mão sem vida, sobre seu coração morto, que ela esperava e acreditava deveria bater num

mundo novo e melhor. Ainda há muita coisa para refletir. Margaret nos mostrou como os sentimentos de uma outra rainha o eram na realidade. Olhou-a com carinho. Espero sinceramente que ela possa ter razão, porque, então, é certo que haverá de ser uma alegria para nós contribuir para a comprovação de tal esperança. Portanto, não devemos nos apressar e, principalmente, não devemos nos agarrar à nossa atual posição científica. A voz que ouvimos provém de uma época completamente diversa da nossa, de uma época na qual uma vida humana contava pouco e, para a satisfação dos desejos, afastava-se todo e qualquer empecilho sem agir contra a moral. Temos que manter nossos olhos dirigidos para o lado científico e esperar pelo desenvolvimento do lado psíquico.

“E agora voltemos para esse recipiente de pedra que chamamos de caixa mágica ou encantada. Como foi dito, estou convencido de que ele pode unicamente ser aberto pela observação de determinados princípios da luz ou pelo emprego eventual de forças presentes ainda desconhecidas para nós. Ainda há muito espaço para pesquisa e conjecturas, pois até agora a ciência não conseguiu desvendar completamente espécies, forças e graduações da luz. Esse amplo campo de pesquisas é ainda bastante recente. Sabemos tão pouco das forças da natureza que a fantasia, tomando em consideração as possibilidades futuras, não fixou nenhum limite. Com o transcorrer de poucos anos foram feitas descobertas que teriam levado seu descobridor à fogueira há dois séculos. Pensemos na liquefação do oxigênio, na manifestação evidente da existência de rádio, hélio, polônio, argônio, e nos diferentes efeitos do Roentgen — catodos e raios Becquerel. Assim como talvez consigamos provar que existem diferentes tipos de luz com diversas propriedades, também descobriremos que é possível diferenciar espécies distintas de queima, que algumas chamas têm propriedades que faltam às outras. Pode acontecer de que sejam mantidas determinadas condições básicas da substância, mesmo quando a base for destruída. Na noite passada meditei sobre o assunto e pensei no seguinte: como certas espécies de óleo têm características definidas que faltam a outras, poderia haver determinadas semelhanças ou correspondências, ou, ainda, energias que resultem da fusão desses óleos. Já pudemos observar algumas vezes que a luz do óleo de colza queima de maneira diferente do de parafina, ou que há diferença entre as chamas do gás de carvão e as do óleo de fígado de bacalhau. Basta olhar para a luz dos faróis. Então, percebi de repente que o óleo em jarras encontrado por ocasião da abertura do túmulo da rainha Tera

talvez tivesse propriedades especiais. Não fora utilizado, como normalmente o era, para as entranhas, porém deve ter sido reservado para outra finalidade. Lembrei que Van Huyn se referia especialmente ao fato de que essas jarras eram lacradas de maneira simples, ainda que eficaz. Elas podiam ser abertas sem nenhuma dificuldade. As próprias jarras eram preservadas num sarcófago muito resistente e hermeticamente fechado, mas que, apesar disso, podia ser aberto com facilidade. Decidi-me logo a examinar as jarras. Ainda sobrara um pouco de óleo, muito pouco. Esse óleo engrossara nesses dois séculos e meio desde que elas haviam sido abertas, contudo não estava rançoso. Depois de um exame mais acurado, vi que se tratava de óleo de cedro e que seu aroma original ainda recendia um pouco. Tive, então, a ideia de que o óleo se destinava a encher as lamparinas. Quem colocou o óleo nas jarras, e estas no sarcófago, sabia que, com o tempo, haveria menos quantidade e calculou a perda, pois cada uma delas poderia encher as lamparinas uma meia dúzia de vezes. Com uma parte do óleo restante fiz experiências que talvez levassem a um resultado satisfatório. Como deve saber, dr. Winchester, o óleo de cedro representa um importante papel nos ritos de embalsamamento egípcios e tem determinadas qualidades refratárias. Assim, por exemplo, nós o usamos nas nossas lentes dos microscópios com a finalidade de melhorar a visibilidade. Coloquei, portanto, uma porção minúscula numa das lamparinas e a coloquei perto de um dos pontos transparentes da caixa mágica. O efeito produzido foi surpreendente. O brilho que vinha da parte interna era mais intenso e forte do que eu poderia imaginar, ao passo que uma luz elétrica colocada de modo semelhante quase não teve efeito algum. Eu teria efetuado a mesma experiência com as minhas outras sete lamparinas, porém, infelizmente, o óleo acabou. Mas essa falta será logo superada. Já encomendei óleo de cedro e espero que logo consiga um grande sortimento. Pode ser que ocorram outros fatores que perturbem nossa experiência, mas não será esse o motivo do fracasso. Veremos. Veremos.”

O dr. Winchester seguira com muita atenção as explicações lógicas do sr. Trelawny, porque fez a seguinte observação:

— No caso de a luz conseguir abrir a caixa, espero apenas que o mecanismo não seja posto fora de funcionamento ou estragado.

Suas dúvidas encheram alguns de nós de ansiedade.

Capítulo 16

PODERES ANTIGOS E MODERNOS

O tempo passou — magnificamente devagar em alguns aspectos, maravilhosamente rápido em outros. Hoje, na alegre e recém-descoberta certeza do retorno de minha amada, eu teria adorado a ideia de ter Margaret toda para mim. Mas não era dia para pensar em amor e em fazer amor, pois pairava sobre nós a sombra de uma terrível expectativa. Quanto mais eu pensava sobre a experiência vindoura, mais estranho tudo aquilo parecia; e mais tolos éramos por, deliberadamente, nos atrevermos a isso. Era tudo tão impressionante, tão misterioso, tão desnecessário! As complicações eram tão vastas; o perigo, tão obscuro e desconhecido. Mesmo que fosse bem-sucedido, que novas dificuldades acarretaria? Que mudanças ocorreriam? Saberiam os homens que os portais da Casa da Morte não estariam, na verdade, eternamente atados? E que os Mortos poderiam ressurgir?! Poderíamos conceber o que seria para nós, modernos mortais, enfrentar os deuses antigos, com seus misteriosos poderes, obtidos de elementos naturais ou gerados a partir deles mesmos em tempos remotos? Quando terra e água se formavam do lodo primitivo. Quando o próprio ar se limpava das impurezas elementares. Quando os “dragões dos primórdios” estavam modificando suas formas e seus poderes — concebidos apenas para o combate às forças geológicas —, que progrediam de acordo com a nova vida vegetal que surgia a sua volta. Quando os animais, e até mesmo o homem e seus avanços, se

desenvolviam de forma tão natural quanto os movimentos dos astros ou o brilho das estrelas. Oh! E ainda mais remoto, antes que o Espírito que se moveu sobre as águas trouxesse a Luz e instituísse a Vida que a sucedeu.

Não, ainda mais além disso, era uma conjectura aterradora. Toda a perspectiva da grande experiência na qual estávamos empenhados era baseada na existência das forças antigas, que pareciam estar entrando em contato com a nova civilização. De que existiam — e existem — tamanhas forças cósmicas, das quais não podemos duvidar, e de que havia e ainda há inteligência por trás delas. Essas forças primordiais e elementares teriam sido controladas, em algum momento, por algo além da Causa Final que a Cristandade afirma ser sua própria essência? Se há mesmo verdade na crença do Antigo Egito, então seus deuses realmente existiram, com poder e força verdadeiros. A divindade não é uma qualidade sujeita aos males mortais, pois em sua essência é criadora e recriadora, não pode morrer. Crer no contrário seria irracional; seria defender que a parte é maior que o todo. Mas se os deuses antigos detinham suas forças, onde estava a supremacia dos novos? É claro que, se os deuses antigos perderam seu poder, ou se jamais tivessem poder algum, a experiência não seria bem-sucedida. Mas se fosse, de fato, ou se houvesse a possibilidade de sucesso, estaríamos então cara a cara com uma inferência tão fulminante que ninguém jamais ousaria chegar à sua conclusão. Seria uma luta entre Vida e Morte, que não estaria mais ligada à terra; uma guerra de forças elementares que seria movida do mundo de fatos tangíveis a uma região em meio à qual se encontra o lar dos deuses, onde quer que seja. Existiria uma região assim? O que foi que Milton vislumbrou, após a cegueira, nos poéticos feixes de luz caindo entre ele e o Paraíso? De onde veio a magnífica visão de evangelista que manteve a Cristandade enfeitiçada por 18 séculos? Havia, no Universo, possibilidade de fazer oposição aos deuses? E, se houvesse, o ser mais forte permitiria manifestações de poder da parte opositora, que tenderia a enfraquecer seus ensinamentos e desígnios? Certamente, se essas suposições fossem corretas haveria desdobramentos estranhos e terríveis — algo inesperado e imprevisível — antes de se permitir que o fim sobreviesse...!

A questão era muito ampla e, sob as presentes condições, cheia de elucubrações estranhas. Não ousei prosseguir! E me pus a esperar com paciência até que o momento chegasse.

Margaret exalava uma calma divina. Acho que eu a invejava por esse motivo, embora eu a admirasse e a amasse por isso. O sr. Trelawny estava extremamente nervoso, assim como os outros homens. O nervosismo se refletia em seus movimentos, tanto nos do corpo quanto nos da mente. Inquieto, movia-se de um lado para outro, com ou sem motivo, ou um pretexto sequer; seus pensamentos rumando de um assunto em assunto. De vez em quando demonstrava lampejos da angustiante ansiedade que o açoitava, ao manifestar suas expectativas de encontrar em mim condição semelhante. Ele passava então a explicar coisas e em suas explicações. Pude notar como ele estava processando todo o fenômeno em sua mente; todas as possíveis causas; todos os possíveis resultados. Em dado momento, no meio de sua dissertação sobre o desenvolvimento da astrologia egípcia, ele irrompeu em um assunto diferente, ou melhor, em um ramo ou uma inferência do mesmo:

— Não vejo por que a luz das estrelas não pode ter uma qualidade sutil por si própria! Sabemos que outras luzes possuem forças especiais. Os raios de Röntgen não são a única descoberta feita no mundo da luz. A luz solar possui suas próprias forças, que não concernem a outras luzes. Ela aquece o vinho; acelera o crescimento dos fungos. Homens são em geral afetados pela Lua. Então, por que não uma força mais sutil, menos ativa ou poderosa, na luz das estrelas? Deve ser uma luz pura vinda por tão vasto espaço, e deve ter a qualidade de uma força pura e serena. Não está distante o tempo em que a astrologia será aceita como base científica. Com o recrudescimento da arte, várias experiências novas serão estimuladas; novas fases de sabedorias antigas surgirão na esteira de descobertas inovadoras, e fornecerão alicerces para novas reflexões. O homem descobrirá que o que pareciam deduções empíricas eram, na realidade, os resultados de uma inteligência mais elevada e um conhecimento maior que o nosso. Já sabemos que o mundo vivente é cheio de micróbios de variados poderes e modos de agir bastante antagônicos. O que ainda não sabemos é se eles podem se manter latentes até serem ativados por algum raio de luz ainda não identificado, como uma força distinta e peculiar. Por enquanto nada sabemos sobre o que cria ou evoca a centelha da vida. Não temos conhecimento algum dos métodos de concepção; das leis que governam o crescimento molecular ou fetal, das influências decisivas presentes no nascimento. Ano após ano, dia após dia, hora após hora, estamos aprendendo. Mas o fim está distante. O que me parece é que

agora estamos no estágio de progresso intelectual em que está sendo inventada a maquinaria rudimentar para que novas descobertas sejam feitas. Mais adiante, teremos os princípios básicos necessários que nos ajudem no desenvolvimento de um equipamento para o verdadeiro estudo da essência das coisas. Então talvez possamos chegar à perfeição dos meios para um fim, que os sábios do Velho Nilo alcançaram num tempo em que Matusalém apenas começava a se gabar de sua idade. Ou talvez quando os bisnetos de Adão começaram a considerar o ancião “antiquado”. É possível, por exemplo, que aqueles que inventaram a astronomia não tenham utilizado instrumentos de extraordinária precisão? Que óptica aplicada não era apenas um culto de alguns especialistas nas faculdades de sacerdócio de Tebas? Os egípcios eram especialistas em sua essência. É verdade então que, até onde podemos julgar, a variedade de seus estudos estava limitada a assuntos relacionados a seus propósitos de governo na Terra, controlando tudo o que desembocaria na vida a se seguir. Mas quem poderia imaginar que a astronomia alcançaria tão alto nível, pelos olhos do homem, sem auxílio de lentes de admirável excelência, que a orientação de templos, pirâmides e tumbas acompanharia o vagar dos sistemas planetários no espaço por quatro mil anos. Deixe-me arriscar uma teoria, na questão de seu conhecimento em microscopia. Como é que em sua escrita hieroglífica, eles tomaram como símbolo ou determinante de “carne” a mesma forma que a ciência hoje, apoiando-se nas revelações de um microscópio de imenso poder, atribui ao protoplasma — aquela unidade primordial dos organismos vivos que se distinguiu como Flagelo? Se eles puderam fazer análises desse tipo, por que não ir mais longe? Com aquela maravilhosa atmosfera que possuíam, em que os dias eram de clara e intensa luz solar, em que a aridez da terra e o ar seco forneciam perfeita refração, por que eles não descobriram segredos da luz que nos escapam, por conta da névoa nórdica? Não seria possível a eles aprenderem a armazenar luz, assim como aprendemos a conservar a eletricidade? Não, e nem é possível que tenham feito. Eles devem ter tido algum tipo de luz artificial, que usaram na construção e no ornamento daquelas vastas cavernas escavadas em rocha sólida, que viriam a ser cemitérios. Porque aquelas cavernas devem ter levado anos e anos para se concluir, com sinuosos labirintos e passagens e câmaras intermináveis, todas esculpidas e pintadas com riqueza de detalhes estarrecedora. E ainda assim, não há nelas marca de fumaça, como de lâmpadas ou tochas. Mais uma vez, se eles sabiam como

armazenar luz, não seria possível que tenham aprendido a separar seus componentes? E se esses homens do passado chegaram a tal ponto, não poderemos também, no decurso do tempo? Veremos! Veremos!

“Há outra questão, também, sobre a qual recentes descobertas da ciência lançam uma luz. É apenas um vislumbre neste momento; mas um vislumbre suficiente para descortinar probabilidades. As descobertas dos Curies e Laborde, de *sir* William Crooks e Bequerel, podem ter resultados abrangentes na investigação egípcia. Os antigos podem ter conhecido este novo metal, o rádio — ou melhor, este antigo metal que só agora conhecemos. De fato, pode ter sido usado há milhares de anos, em maior escala do que parece ser possível atualmente. Por ora, o Egito não é conhecido como o lugar da descoberta da pechblenda, que contém rádio, até onde se sabe. E é bastante provável que exista rádio por lá. O país talvez tenha as maiores massas de granito encontradas no mundo; e a pechblenda é encontrada como um veio de rochas de granito. Em nenhum lugar e nenhum momento, o granito foi extraído em tamanha proporção quanto foi no Egito, durante as primeiras dinastias. E quem sabe quanta pechblenda pode ter sido encontrada nas gigantescas operações de cortar colunas para os templos e pedras para as pirâmides. Veios de pechblenda, de riqueza desconhecida em nossas recentes minas da Cornualha, Boêmia, Saxônia, Hungria, Turquia ou Colorado, podem ter sido encontrados por esses antigos mineradores de Aswan, Turra, Mokattam e Elefantina.

“Além disso, é possível que aqui e ali, em meio a essas vastas jazidas de granito, tenham sido encontrados não apenas veios, mas grandes massas de pechblenda. Nesse caso, o poder à disposição daqueles que sabiam como usá-la deve ter sido incrível. Os conhecimentos do Egito eram guardados pelos sacerdotes, e em suas amplas instituições, de ter havido homens de grande erudição; homens que sabiam como obter as melhores vantagens das incríveis forças ao seu comando, na direção em que desejavam. E, se a pechblenda existia e ainda existe no Egito, não acha que a maior parte tenha se liberado pelo gradual atrito e desgaste das rochas de granito? Tempo e clima transformam todas as rochas em pó; a própria areia do deserto, que por séculos tem enterrado em sua região alguns dos mais grandiosos monumentos humanos, é prova desse fato. Se, no entanto, o rádio é divisível em tão ínfimas partículas como dizem os cientistas, ele também deve ter sido liberado de sua prisão de granito e deixado a cargo do ar.

Pode-se até arriscar a sugestão de que a escolha do escaravelho como símbolo da vida não foi feita sem uma base empírica. Não seria possível que a coprofagia tenha o poder ou o instinto de aproveitar as minúsculas partículas de calor, luz — talvez até vida — dadas pelo rádio, e envolvê-las com seu óvulo naqueles globos de matéria em que eles frequentemente rolam, e dos quais levam o nome, Pilularia. Nos bilhões de toneladas de resíduos do deserto, certamente há misturada uma parcela de cada terra, rocha e metal de sua região; e pouco a pouco, a natureza forma seus organismos vivos para florescer sobre aqueles sem vida.

“Viajantes afirmam que um vidro deixado nos desertos dos trópicos muda de cor e escurece na luz solar intensa, assim como ocorre sob a influência dos raios de rádio. Isso não sugere que algum tipo de semelhança entre as duas forças ainda será identificado?”

Essas discussões científicas ou semicientíficas me acalmaram. Tiraram da minha mente os inquietantes mistérios do oculto, atraindo-a para as maravilhas da natureza.

Capítulo 17

A CAVERNA

À noite, o sr. Trelawny levou todos para seu escritório. Depois de ter se assegurado de captar nossa atenção, deu-nos a conhecer seus planos:

— Cheguei à conclusão de que, para o êxito do que chamamos de nossa grande experiência, precisamos de absoluta calma e isolamento. Esse isolamento não será por um ou dois dias, mas por um tempo mais prolongado, se necessário. Aqui seria completamente impossível. Os hábitos e as necessidades da cidade grande, com todas as possibilidades de perturbações, podem ser prejudiciais. Telegramas, cartas registradas, mensagens especiais, tudo isso já seria o suficiente. Ainda por cima, as pressões que poderiam ocorrer seriam tão grandes que acarretariam inevitavelmente uma catástrofe. Além do mais, os acontecimentos das últimas semanas chamaram a atenção da polícia. Mesmo que a Scotland Yard ou outro setor competente da polícia não tenha dado instruções especiais, podemos estar certos de que o policial, em sua ronda habitual, ficará atento a esta casa. Mais cedo ou mais tarde, os empregados que se foram vão começar a tagarelar. É lógico que têm que fazer isso, porque precisam dar um motivo plausível para o término de um contrato de emprego tão vantajoso, dificilmente encontrado aqui nas redondezas. Em seguida, os empregados dos vizinhos falarão também, e talvez até os próprios vizinhos. Logo, a sempre ativa e atenta imprensa, interessada em esclarecer o público e a aumentar a tiragem, tomará a coisa nas

mãos, e se os repórteres ficarem atrás de nós, aí mesmo que o sossego acaba. Temos que ficar em um lugar retirado e levar conosco tudo o que for necessário. Já me preparei para enfrentar essa situação, pois há muito eu já previra tal eventualidade e posso informar que estou pronto. É evidente que eu não sabia de antemão o que aconteceria. Mas que algo aconteceria, isso, sim. Há dois anos já que venho fazendo preparativos para que todas as minhas raridades aqui depositadas sejam transferidas para a minha casa em Cornwall. Na época em que Corbeck se pôs à procura das lamparinas, mandei preparar minha velha casa em Kyllion. Tem luz elétrica e todas as instalações necessárias para gerar a própria corrente. A casa fica bem retirada, é praticamente inacessível e não pode ser avistada por fora, a não ser pelo lado do mar, porque fica em cima de um rochedo que forma uma pequena saliência atrás de uma escarpa íngreme. Em outros tempos ela fora cercada por um alto muro de pedra, uma vez que na época em que foi construída por um dos meus antepassados esse tipo de casa grande, afastada, precisava de certa defesa. O lugar é tão adequado para nosso objetivo como se tivesse sido feito de propósito. Lá eu lhes explicarei tudo o que for preciso. Não vai demorar muito, porque as coisas já estão bem encaminhadas. Marvin, meu advogado, foi instruído a aprontar tudo para que seja feito o transporte dos objetos. Ele deve arranjar um trem especial que possa viajar à noite, a fim de que não desperte atenção desnecessariamente. Para chegarmos à estação de Paddington com a bagagem, precisaremos de determinado número de carretas e carroças, com a correspondente quantidade de condutores e carregadores. Estaremos longe daqui antes que o pessoal da imprensa desconfie de algo. Começaremos a fazer as malas ainda hoje, e tenho plena certeza de que amanhã à noite estaremos prontos. Mande colocar nos anexos todos os caixotes nos quais estão as coisas trazidas do Egito e que transferi para cá. Estou muito confiante de que elas também suportarão bem a viagem até Kyllion, como o fizeram na travessia do deserto e na viagem sobre o Nilo até Alexandria e, mais longe, até Londres. Nós quatro, com a ajuda de Margaret, que proverá nossas necessidades, embalaremos tudo com segurança. Os carregadores, por sua vez, as transportarão para as carretas.

“Os empregados partem hoje para Kyllion a fim de que a sra. Grant possa ajeitar tudo. Ela fará um estoque de suprimentos para que não tenhamos que nos ocupar com as compras diárias, o que chamaria desnecessária atenção, e cuidará igualmente para que recebamos com regularidade uma remessa de mantimentos

frescos proveniente de Londres. Graças ao tratamento inteligente e generoso que Margaret dispensou aos serviçais que se comprometeram a ficar, temos à disposição um pessoal de confiança. Esse pessoal foi contratado por sua reserva, de modo que não precisaremos temer qualquer indiscrição por parte deles. Eles deverão voltar a Londres assim que tudo estiver pronto em Kyllion, havendo, portanto, menos ocasião para bisbilhotices, pelo menos no que se refere às particularidades.

“Devemos começar a fazer nossas malas sem demora, por isso tratarei do resto quando tiver mais tempo.”

Pusemo-nos ao trabalho. Sob a direção do sr. Trelawny, ajudados pelos empregados, retiramos os caixotes dos anexos. Alguns deles eram bem pesados, feitos de madeira grossa e fixados por fitas de aço e cordas, com parafusos e rebites. Nós os colocamos dentro de casa, perto das coisas que deveriam ser levadas. Depois dos preparativos, espalhamos pela casa inteira e também no vestíbulo uma grande quantidade de palha, estopa, papel, e mandamos que os empregados fossem embora. Começamos, então, a encaixotar.

Ninguém que não conheça esse tipo de trabalho pode fazer ideia no que tudo isso implica. De minha parte, eu tinha uma vaga noção de que na casa do sr. Trelawny havia uma enorme quantidade de objetos egípcios. Mas somente quando os tive separadamente na mão é que percebi com clareza como eram grandes e numerosos. Ficamos trabalhando até tarde da noite. Por vezes, precisávamos reunir todas as nossas forças, quando se tratava de algum objeto especialmente pesado. Cada qual voltava depois ao trabalho, sempre sob o comando direto do sr. Trelawny. Ele próprio, com o auxílio de Margaret, tomava nota de cada peça que ia sendo encaixotada.

Quando nos reunimos bem tarde para um jantar, completamente exaustos, reparamos que a maior parte do trabalho fora executado. Mas apenas alguns dos caixotes já haviam sido fechados. Ainda tínhamos muito serviço maçante pela frente. Só os caixotes que continham o grande sarcófago é que se encontravam prontos, e aqueles onde haviam sido encaixotados diversos objetos estavam em condições de serem fechados em definitivo, mas somente depois de serem classificados e anotados. Naquela noite, dormi sem sonhar e sem me mexer. Pela manhã, descobri que o mesmo acontecera aos outros.

Até a noite seguinte tudo ficou pronto e à espera das carretas que deveriam chegar à meia-noite. Um pouco antes da hora marcada, ouvimos o barulho de rodas de carroças. Logo a seguir, houve uma pequena invasão de carregadores. Eram tantos que formavam uma procissão interminável fazendo o transporte dos caixotes. Menos de uma hora se passou até que as carretas se pusessem a caminho. Nós as seguimos para a estação de Paddington. Silvio, é claro, fazia parte do grupo.

Antes da saída, fomos todos juntos dar mais uma última volta pela casa abandonada e vazia. Depois que os empregados foram para Cornwall, ninguém mais havia arrumado nada. Em todos os aposentos onde estivéramos trabalhando, e também nas escadas, havia sujeira de papéis e de restos de material para embalagem e marcas de pés.

No fim, antes da partida, o sr. Trelawny pegou no cofre o rubi com as Plêiades. Enquanto ele o guardava na carteira, Margaret, que até agora se mostrara pálida e cansada ao lado do pai, de repente se tornou alegre e animada, como se a visão da pedra preciosa tivesse lhe dado novo alento. Com um riso de aprovação, ela falou:

— Pai, você tem razão. Hoje à noite não haverá mais dificuldades. Ela não perturbará seus preparativos. Aposto minha vida.

— Ela ou, digamos, algo frustrou nossos planos lá no deserto, quando saímos da caverna no Vale do Mago. — Ouviu-se a furiosa observação de Corbeck, que estava perto. Margaret respondeu:

— Ora! Naquela época ela se encontrava perto do seu túmulo, onde há milhares de anos ninguém mexera nela. Ela deve saber que a coisa agora é outra.

— E como ela deve saber? — perguntou Corbeck, impaciente.

— Se ela está de posse do corpo astral ao qual o pai se referiu, tem que saber. Como não o poderia, se ela consegue ser uma presença invisível e se tem uma inteligência que se movimenta livremente até as estrelas e a outros mundos?

Calou-se, e seu pai falou solene:

— Todo o nosso procedimento se baseia nessa suposição. Temos que ter coragem, permanecer fiéis à nossa convicção e tratá-la de maneira adequada, até o fim.

Margaret segurou a mão do pai com força, pensativa e com o olhar vago, enquanto deixávamos a casa, um depois do outro. Ela continuou agarrada à sua

mão enquanto ele fechava a porta da entrada e ao nos dirigirmos para o portão onde tomamos a carruagem para Paddington.

Depois que tudo foi colocado no trem, todos os carregadores subiram. Até as carretas para o transporte dos sarcófagos. Carroças do tipo comum e cavalos de tração estariam à nossa espera em Westerton, a estação mais perto de Kyllion. O sr. Trelawny fizera a reserva de um carro leito para nós e todos nos dirigimos aos nossos compartimentos assim que o trem se pôs em movimento.

Também naquela noite meu sono foi profundo. Fui tomado por uma sensação da maior segurança. A peremptória afirmativa de Margaret de que “não haveria mais dificuldades” parecia ser a causa dessa convicção, e eu não punha dúvida alguma de que assim aconteceria. Os outros eram da mesma opinião. Somente bem mais tarde é que comecei a pensar como ela pôde ter tanta certeza do que dissera.

O trem se movia vagorosamente e parava com frequência e durante longos períodos. Como o sr. Trelawny só queria chegar a Westerton ao anoitecer, não havia motivo para pressa. Além disso, era preciso alimentar os carregadores em determinadas estações. Nós mesmos havíamos trazido conosco nossas provisões num enorme cesto.

Durante a tarde inteira, falamos a respeito da grande experiência que se tornara em nosso pensamento uma parte fixa de nossos planos. À medida que o tempo ia passando, o entusiasmo do sr. Trelawny aumentava, e sua esperança se transformava em certeza. O dr. Winchester parecia também estar afetado, ainda que fizesse de vez em quando objeções cientificamente fundamentadas e que levavam a série de provas do sr. Trelawny a um beco sem saída ou se entrechocavam. Por outro lado, o sr. Corbeck não demonstrava sinais de concordar com a teoria. Enquanto as opiniões dos outros apresentavam sempre novos progressos, a sua se detivera, e a consequência foi uma atitude negativa e contrária.

O que surpreendia em Margaret era a maneira imponente de agir. Ou era uma fase nova de sentimento, passageira, ou ela agora encarava a coisa toda com mais seriedade do que antes. Em todo caso, dava a impressão de estar mais ou menos distraída e imersa em pensamentos. De vez em quando, seu comportamento mudava de repente, quase sempre quando nossa viagem era interrompida por um motivo ou outro e éramos obrigados a ficar parados numa

estação, ou quando o trem atravessava um viaduto com um barulho ensurdecedor, provocando um eco nas colinas ou nos rochedos em volta. Nessas ocasiões ela ficava exuberante, tomando parte na conversa, como se quisesse provar que, apesar de sua abstração, havia captado o que estava acontecendo ao seu redor. Com relação a mim, ela me tratava de maneira estranha, às vezes com certa distancia, meio tímida, meio arrogante, uma atitude nova para mim. Outras vezes havia momentos de paixão no olhar, nos gestos e na voz, olhares que me tornavam tonto de êxtase. De resto, nada aconteceu de extraordinário durante a viagem. Apenas um episódio nos trouxe certa apreensão, mas na hora em que ocorreu estávamos dormindo e não tivemos conhecimento do que acontecia, tendo sabido somente na manhã seguinte. No trecho entre Dawlish e Teignmouth alguém forçou o trem a parar, pondo-se em pé no meio dos trilhos com uma tocha na mão e fazendo sinais de advertência. O maquinista declarou que fora obrigado a parar devido a um pequeno deslizamento de terra um pouco antes do ponto em que paramos. No entanto, os trilhos não foram afetados e o maquinista prosseguiu, furioso com o atraso. “Sempre esse danado alerta neste trecho”, dissera ele, resmungando para si mesmo.

Às 21 horas entramos em Westerton. Carroças e cavalos lá estavam prontos, e a descarga dos caixotes foi imediata. Não tivemos que esperar até que tudo fosse feito porque havíamos entregado o trabalho em mãos competentes e pudemos tomar a carruagem que nos esperava e nos levou às pressas, na escuridão, para Kyllion.

Todos ficamos impressionados quando nos deparamos com a casa banhada pelo luar. Era uma grande construção cinza, da época jacobiniana, que se projetava sobre o mar na beira de um alto penhasco. Ainda nem havíamos deixado para trás a curva que atravessava a estrada, já chegávamos ao platô sobre o qual estava situada a casa, pudemos perceber o barulho e o murmúrio das ondas ao longe, batendo contra o rochedo, e sentimos o sopro do úmido ar marinho. Como num golpe, compreendemos quão longe do mundo exterior nos encontrávamos nesse platô, no rochedo sobre o mar.

Tudo fora aprontado na casa. A sra. Grant e seus ajudantes haviam tomado as devidas providências. A aparência era de claridade, frescor e limpeza. Depois de uma curta inspeção das principais acomodações, cada qual foi para seu quarto tomar um banho e trocar de roupa, depois da longa viagem de 24 horas.

Fizemos a refeição na grande sala de jantar, voltada para o sul, cujas paredes se erguiam perpendicularmente sobre o mar. O barulho das ondas era abafado, porém contínuo.

Como a pequena saliência do rochedo se projetava sobre o mar, a parte norte da casa se apresentava livre e a exata direção não era bloqueada pelo tamanho do rochedo que nos separava do resto do mundo.

Ao longe, do outro lado da baía, víamos as luzes acesas do castelo e, cá e lá, ao longo da costa, tremeluziam fracas luzes nas cabanas dos pescadores.

O próprio mar era uma superfície azul-escuro, em que aqui e ali uma luz se acendia sempre que o brilho das estrelas incidia sobre uma onda encapelada.

Depois do jantar, reunimo-nos na sala ao lado de seu quarto, que o sr. Trelawny destinara para ser o escritório.

Assim que entrei, deparei-me com um grande cofre, muito semelhante ao que havia em seu aposento em Londres. O sr. Trelawny tirou a carteira do bolso e a colocou sobre a mesa, apalpando-a com a mão, e empalideceu. Com dedos trêmulos, abriu a carteira e falou:

— O volume se modificou. Esperemos que nada tenha acontecido.

Nós três homens nos aproximamos da mesa. Margaret era a única a conservar a calma. Ereta e silenciosa, estava ali parada, inerte como uma estátua. Em seus olhos havia um olhar fixo e distante, como se não se importasse.

Com um gesto desesperado, Trelawny abriu a bolsinha da carteira na qual havia guardado a pedra das Plêiades. Desalentado, sentou-se numa cadeira e disse com voz rouca:

— Meu Deus! Desapareceu. Sem a pedra, a grande experiência não poderá ter resultado.

Suas palavras arrancaram Margaret da abstração. Uma expressão atormentada passou pelo seu rosto, mas logo ela se acalmou novamente e falou com o vislumbre de um sorriso:

— Pai, talvez a tenha deixado no seu quarto. Talvez, na hora em que trocou de roupa, ela tenha caído da sua carteira.

Sem dizermos palavra, corremos pela porta aberta até o quarto de dormir, ao lado. Imediatamente, fez-se um silêncio profundo que se abateu sobre nós, como uma nuvem de medo.

Lá, sobre a mesa, estava a pedra das Plêiades, brilhando e faiscando, como se cada uma das sete pontas das sete estrelas reluzisse através de sangue.

Temerosos, lançamos um olhar por sobre nossos ombros e nos entreolhamos. Margaret estava nas mesmas condições que nós. Ela perdera a pose de calma estatuesca. Perdera a rigidez interna e entrelaçara as mãos, fazendo com que as juntas se mostrassem brancas.

Sem dizer palavra, o sr. Trelawny tomou a pedra preciosa na mão e foi com ela para o escritório. Tão delicadamente quanto possível, abriu o cofre com a chave presa no seu pulso e colocou a pedra lá dentro. Quando as pesadas portas foram novamente fechadas e trancadas, sua respiração foi bem audível.

Esse episódio, ainda que inquietante sob vários aspectos, fez com que voltássemos ao nosso estado normal. Desde que saíramos de Londres, estávamos superexcitados, mas agora, finalmente, a tensão havia diminuído. Déramos outro passo em nosso curioso empreendimento. A mudança era mais notada em Margaret do que nos outros. Talvez se devesse ao fato de ela ser mulher, talvez fosse por ela ser a mais nova do grupo. De qualquer modo, houve alteração, e me senti mais feliz do que durante a longa viagem. A alegria de viver da jovem, seu carinho e sua profunda emoção reapareceram, e, quando o olhar do pai pousava nela, sua fisionomia ficava toda iluminada.

Enquanto esperávamos a chegada das carroças, o sr. Trelawny nos levou para dar uma volta pela casa, explicando onde tencionava colocar os objetos que estávamos trazendo. Fez reservas unicamente num ponto. Não nos disse onde deveriam ficar as coisas necessárias à grande experiência. Os caixotes em que vieram, em princípio, deveriam ser colocados na entrada.

Quando acabamos a inspeção, as carroças já haviam chegado e tornamos a fazer os mesmos movimentos e trabalho da noite anterior. O sr. Trelawny se postou perto de uma porta maciça, revestida de ferro, e deu ordens definidas quanto à colocação de cada um dos caixotes. Aqueles que continham mais de um objeto deveriam ser desembalados no hall de entrada.

Num espaço de tempo incrivelmente curto, toda a bagagem foi descarregada e os homens se despediram depois que o chefe recebeu uma boa gorjeta em nome de todos. Cada qual foi para seu quarto. Uma estranha confiança se apoderou de nós. Eu tinha certeza de que nenhum de nós duvidava de que teríamos uma noite tranquila. E foi assim realmente que aconteceu, pois, quando nos reunimos às

cinco horas da manhã, verificamos que todos havíamos dormido bem, sem termos sido perturbados.

Passamos o dia inteiro a colocar as raridades nos lugares predeterminados, com a exceção daqueles a serem utilizados na grande experiência. Então, foram tomadas as devidas providências para a viagem de volta a Londres dos empregados e da sra. Grant.

Depois que todos se foram e que o sr. Trelawny se certificou de que todas as portas estavam bem trancadas, ele nos levou para o escritório.

— Agora lhes revelarei um segredo — falou, depois que nos sentamos. — Preciso seguir um antigo juramento, isto é, pedir a cada um que me dê a palavra de honra de que não contará nada a ninguém. Há uns bons trezentos anos que essa promessa é fielmente cumprida por todos aqueles que deram sua palavra, e, mais de uma vez, a vida e a segurança dependeram da discrição dos que a fizeram. Agora sou eu quem vai violar as características, mas não o sentido da tradição, pois realmente eu deveria contar o segredo apenas para os membros mais íntimos da família.

Todos nos comprometemos a guardar segredo e ele prosseguiu:

— Existe nesta casa um esconderijo, uma caverna sob a casa, feita pela natureza e aperfeiçoada pela mão do homem. Não pretendo afirmar que sempre serviu apenas para finalidades legais. Em tempos de aflição, muitos lá encontraram um refúgio dos perseguidores, e, de quando em vez, serviu também de esconderijo para contrabando. Porque aqui em Cornwall, como certamente vocês têm ciência, sempre existiram contrabandistas. Nesses empreendimentos, na maioria das vezes estava envolvida toda uma clã.

“Portanto, um esconderijo seguro era considerado uma possessão de grande valor. Como em minha família esse segredo foi em todo o tempo respeitado, sinto-me preso a ele. Mais tarde, depois que a experiência for realizada a contento, naturalmente contarei tudo a você, Margaret, e ao senhor, Ross, e nessas circunstâncias é preciso que compreendam e se comprometam a obedecer a essas exigências.”

Levantou-se e fizemos o mesmo. Ele nos pediu que esperássemos no hall de entrada, saiu e voltou dizendo para que o seguíssemos. Logo na frente, toda uma parede fora removida. Olhamos para uma grande abertura parcamente iluminada e vimos, na parte superior, uma tosca escada entalhada no rochedo. Ali deveria

haver uma iluminação natural, uma vez que não nos encontrávamos na escuridão completa. Fomos seguindo nosso anfitrião e, depois de uns quarenta ou cinquenta degraus cavados em forma de corredor circular, chegamos a uma enorme caverna que se perdia na escuridão. Era um recinto imenso, pouco iluminado por longas e irregulares frestas de formas esquisitas. É óbvio que se tratava de uma fenda no próprio rochedo, utilizada para camuflar a janela, se necessário.

Perto das aberturas pendia uma espécie de veneziana presa por uma corda, tampando ou deixando à mostra a fenda. Lá embaixo, ouvia-se o bater abafado das ondas. O sr. Trelawny não perdeu tempo.

— Eis o lugar que escolhi para nossa grande experiência por me parecer bastante adequado para tal fim. Ele preenche, em centenas de maneiras diversas, os requisitos dos quais depende o êxito da experiência. Aqui estamos tão protegidos e solitários quanto a rainha Tera ficou em seu túmulo no rochedo. Além disso, encontramos-nos num buraco na rocha. Para melhor ou pior, precisamos resistir e aguentar as consequências. Se conseguirmos obter sucesso, esclareceremos o mundo da moderna ciência com uma avalanche de luz, vinda da Antiguidade, e modificaremos todas as condições, sejam experiências, pensamentos ou práticas. Se a experiência for um fracasso, o conhecimento da nossa pesquisa afundará conosco. Acredito que estejamos preparados para o que poderá advir de tudo isso.

Na interrupção que se seguiu, ninguém disse uma palavra sequer; ficamos todos estupefatos, concordando com um aceno de cabeça.

Após certa hesitação, ele continuou:

— Ainda não é tarde demais. Se alguém tiver alguma dúvida ou temores, pelo amor de Deus, é melhor que externar suas incertezas. Seja quem for, poderá se retirar sem sofrer represálias. Os demais continuaremos sozinhos nosso caminho.

Fez uma nova interrupção e nos olhou-nos fixamente, um a um. Nós, por nossa vez, nos fitamos interrogativos. Ninguém ficara desencorajado. Se eu acaso tivesse alguma dúvida, bastaria um único olhar para o rosto de Margaret, para que me sentisse novamente em segurança. Ela se mostrava livre de medo, cheia de vida e de uma serenidade divina.

O sr. Trelawny suspirou de alívio e continuou, num tom de voz animado e decidido:

— Já que estamos todos de acordo, ponhamos quanto antes a coisa em andamento. Deixe-me lhes esclarecer que esta caverna, como a casa toda, tem iluminação elétrica. A fim de evitar suspeitas, não incluímos a caverna na instalação principal, mas tenho aqui um cabo que é ligado ao hall e, com ele, podemos fechar o circuito.

Subiu as escadas e apanhou na entrada a extremidade de um cabo, que ele puxou e enfiou numa tomada na parede. Então, ligou o interruptor e a caverna inteira, inclusive a escada, ficou iluminada. Podia-se ver que o buraco perto da escada dava diretamente na caverna. Acima dele fora instalado um cadernal, ou conjunto de polias com diversos pesos. O sr. Trelawny, que seguiu meu olhar e interpretou corretamente meus pensamentos, disse:

— Sim, isto aí é novo. Eu mesmo o instalei porque sabia que teríamos que abaixar coisas de maior peso. Como não desejava confiar em muitas pessoas, eu mesmo preparei o cadernal que poderia comandar em caso de necessidade.

Pusemo-nos imediatamente ao trabalho e, antes que escurecesse, já havíamos colocado lá embaixo os grandes sarcófagos e todas as antiguidades, exatamente no lugar onde o sr. Trelawny os queria.

Foi uma operação singular e fantástica, a colocação aqui destes magníficos monumentos de uma época passada, nesta caverna verde que, em seus planos, seu objetivo e com suas modernas instalações e a luz elétrica, representava tanto o velho quanto o novo mundo.

Com o tempo, verifiquei cada vez mais a inteligência e a validade da escolha do lugar. Fiquei muito abalado quando Silvio, que entrara na caverna nos braços de sua dona e agora se encontrava dormindo em cima do casaco que eu havia posto de lado, deu um pulo assim que a múmia do gato foi desembrulhada. Jogou-se com a mesma violência contra ela que já havia mostrado há pouco tempo. O incidente me mostrou Margaret sob uma nova faceta, que me doeu o coração. Ela se postara de pé e se mostrava calma, apoiada num dos sarcófagos que lá estavam, confusa, numa daquelas abstrações que a afligia ultimamente. Mas quando ouviu o barulho e percebeu o furioso ataque de Silvio, transformou-se como se estivesse tomada de um verdadeiro acesso de raiva. Seu olhar era furioso e em volta de sua boca se formou uma linha dura e cruel de tensão que eu não conhecia. Instintivamente, avançou para Silvio, como se fosse livrar a múmia do ataque. Mas também eu me projetei, e, quando ela percebeu meu olhar, foi tomada por súbita

convulsão e parou. A veemência da convulsão fez com que minha respiração parasse e tive que passar a mão sobre meus olhos. Todavia, nesse interregno, ela voltou à calma e sua fisionomia expressava assombro. Com sua elegância habitual e a graça que lhe era peculiar, pegou Silvio, levantando-o para o alto, como se sempre o tivesse feito, segurou-o nos braços, acariciou-o e o tratou como se ele fosse uma criancinha que tivesse acabado de fazer uma arte.

O que eu terminara de presenciar me encheu de um estranho medo. A Margaret que eu conhecera parecia ter se transformado, e eu rezava no fundo do meu coração para que essa coisa altamente inquietante findasse muito breve. Eu suspirava por um final feliz para nossa horrível experiência.

Depois que tudo na caverna ficou posicionado conforme os desejos do sr. Trelawny, ele se virou para nós, olhando um por um, até que conseguiu concentrar em si toda a nossa atenção e falou:

— Agora que está tudo preparado e nos devidos lugares, resta-nos apenas esperar a época certa para o início.

O dr. Winchester foi o primeiro a exclamar depois de uma pequena pausa:

— E qual é a época certa? O senhor pode nos dar uma estimativa, ainda que não seja possível dizer o dia exato?

A resposta veio sem hesitação:

— Depois de muitas e longas reflexões, decidi-me pelo dia 31 de julho.

— Posso perguntar por que calculou essa data?

A resposta demorou um pouco:

— A rainha Tera se deixava guiar, em muito grande escala, pelo misticismo, e existiam numerosas provas de que esperava por uma ressurreição, de modo que podemos supor que procurava por um período que estaria sob o domínio de uma divindade apropriada para esse fim. O quarto mês da inundação era regido por Harmachis, nome de Ra, deus do sol, em sua aurora, por isso propício para o despertar ou para a ressurreição. Essa ressurreição tem estreita ligação com a vida corporal porque representa o centro da vida diária humana. Esse mês começa no nosso 25 de julho, e o sétimo dia é 31 de julho. Podem estar certos de que a rainha, possuída pelo misticismo, não escolheu nenhum dia a esmo, mas o sétimo ou um múltiplo de sete. Devem ter se perguntado por que os preparativos tiveram uma finalidade tão precisa. Agora já sabem o motivo. Devemos estar prontos, sob

todos os pontos de vista, quando chegar a época. Por outro lado, não faz sentido algum ficar aí sentado o dia inteiro, sem fazer nada.

E, então, ficamos à espera do dia 31 de julho, que seria daqui a dois dias, dia em que a grande experiência deveria ter lugar.

Capítulo 18

DÚVIDAS E ANSIEDADES

Pequenos acontecimentos podem nos ensinar grandes lições. A história de outras eras nada mais é do que uma repetição infinita da história das horas. A prestação de contas de uma alma é composta de inumeráveis momentos. O que o anjo da justiça anota no grande livro não será escrito nas cores do arco-íris; ele mergulha suas penas unicamente na luz e nas trevas. Porque o olho da sabedoria infinita não requer nenhuma cor. Todas as coisas, todos os pensamentos, todos os sentimentos e desejos se resumem em duas contradições, se forem considerados em seus mais inferiores planos e seus múltiplos elementos concretos. Se alguém desejasse ter uma curta versão de uma vida humana inteira, com todas as suas experiências, minha descrição completa e sincera do meu estado de consciência nas próximas 48 horas seria uma resposta. O anjo justiceiro tem, como de costume, de fazer suas anotações com raios de sol e sombras que seriam vistas como a expressão definitiva do céu e do inferno, pois no céu domina a fé, enquanto sobre o negro abismo do inferno paira a dúvida.

É verdade que naqueles dias o sol apareceu apenas ocasionalmente. Eram momentos em que todas as dúvidas se desfaziam assim como a névoa da manhã se desfaz face a face com o sol — sempre que a graça e o amor de Margaret me vinham à consciência. Mas, como compensação — e era verdadeiramente uma

compensação esmagadora —, a melancolia pesava sobre mim como uma mortalha.

A hora que eu esperava com tanta ansiedade e que talvez me acalmasse se aproximava tão rapidamente que me deprimia o sentimento de que em breve tudo estaria terminado.

Para nós todos, essa experiência podia ser um caso de vida ou morte. Mas estávamos preparados para isso. Margaret e eu éramos da mesma opinião sobre o risco que correríamos. O aspecto moral da pergunta, com relação à fé religiosa na qual fui criado, não me preocupava, porque eu não era capaz de perceber o objetivo e a causa por trás dele. A dúvida quanto ao sucesso da grande experiência era a mesma que acompanha empreendimentos de alto risco. No que se refere a mim, cuja vida apresentara uma sequência de lutas intelectuais, essa forma de dúvida já era mais viva do que deprimente. O que, então, me dava medo e aumentava em mim a tortura quando me demorava demais em meus pensamentos sobre o assunto?

Comecei a duvidar de Margaret.

A que se referiam minhas dúvidas, eu não sabia. Eu não duvidava de seu amor, sua honra, sua sinceridade, sua bondade e seu ardor. Do que duvidava, eu então? Dela mesma.

Operavam-se mudanças constantes em Margaret. Durante os dias anteriores, houve horas em que eu quase não reconhecia a moça com quem eu estivera no piquenique e de cuja vigília na doença do pai eu compartilhara. Naquela época ela havia passado por momentos de grande preocupação, do maior medo e dos mais graves temores, mas apesar disso sempre se mostrara cheia de vida, perspicaz e circunspecta.

Agora, porém, quase sempre exibia uma atitude absorta, negativa, como se sua consciência, todo o seu ser, não estivesse presente. Em tais instantes a capacidade de observação e a mente eram claros — em seguida, ela sabia sempre o que se passara ao seu redor —, porém sua volta ao antigo eu era para mim como se outra pessoa entrasse no recinto. Até o momento de nossa saída de Londres, eu me sentia satisfeito e feliz com sua presença. Eu experimentava uma sensação de segurança e tinha consciência de que meu amor era correspondido. Mas agora a dúvida se instalara. Nunca mais eu poderia estar certo de que a pessoa a meu lado fosse minha Margaret — aquela Margaret de quem eu me enamorara à primeira

vista — ou aquela nova Margaret que eu praticamente não entendia e cuja reserva espiritual levantava uma parede intransponível entre nós. Algumas vezes ela acordava por momentos de seu estado e dizia palavras muito agradáveis de amor, que já me dissera antes com frequência; no entanto, agora ela parecia uma pessoa completamente diferente.

Ela estava dando a impressão de repetir igual a um papagaio o que alguém lhe ditava e que esse alguém poderia dirigir suas ações e suas palavras, mas não seus pensamentos. Após uma ou duas dessas ocorrências, minhas dúvidas se tornaram um obstáculo para que eu falasse com ela diretamente e com serenidade. Assim, hora após hora, íamos nos distanciando um do outro.

Se não houvesse, aqui e ali, momentos em que a antiga Margaret estava a meu lado, não sei o que teria acontecido. Da maneira como iam as coisas, cada um desses momentos me levava para um novo começo e evitava que meu amor se modificasse.

O que eu não daria para poder me desabafar com alguém! Mas era impossível. Como poderia eu expressar minhas dúvidas a qualquer pessoa, mesmo a seu pai? Como eu poderia falar do assunto com ela, se ela mesma era o objeto da minha dúvida? Nada me restava além de aguentar e esperar. Esperar, todavia, era o menor dos males. Margaret deve ter sentido nesse meio-tempo que nuvens se interpunham entre nós dois, porque, ao fim do primeiro dia, começou a me evitar. Talvez fosse devido à sua timidez para comigo. Até o presente momento ela sempre procurara todas as oportunidades para que pudéssemos ficar juntos, da mesma forma que eu procurava sua companhia. Essa atitude dela era bastante dolorosa para ambos.

Naquele dia a casa estava silenciosa. Cada qual fazia seu trabalho ou ficava entregue aos pensamentos. Apenas nos reuníamos na hora das refeições. Também nessas ocasiões todos estavam mais ou menos ocupados com seus pensamentos, mesmo quando conversávamos. Não se ouviam as atividades rotineiras dos empregados.

O sr. Trelawny, entretanto, havia tomado precauções para que a falta deles não nos afetasse. Na sala de jantar, encontravam-se pratos pré-preparados, que deveriam dar para vários dias. À noite, resolvi dar um pequeno passeio. Eu havia procurado Margaret para lhe perguntar se desejava me acompanhar, mas, quando a encontrei, ela estava numa de suas fases apáticas e sua companhia pareceu não

fazer sentido. Zangado comigo mesmo e impossibilitado de expressar meu próprio descontentamento, saí sozinho para uma volta na superfície do rochedo.

Quando me encontrava no alto da rocha e olhava para o mar ao longe, só podendo ouvir o bater das ondas sob meus pés e os gritos agudos das gaivotas, consegui soltar meus pensamentos. Meditando no que fosse, minhas reflexões voltavam sempre para o mesmo tema, isto é, a libertação das dúvidas que me atormentavam. Aqui, na solidão, no meio da natureza com suas forças e lutas, minha inteligência trabalhava com mais clareza. Involuntariamente, surpreendi-me a me fazer uma pergunta, cuja resposta eu não ousava me permitir.

Por fim, venceu a persistência de uma inteligência ativa. Eu precisava mesmo enfrentar minhas dúvidas. O hábito de toda uma vida se fez presente e comecei a analisar os fatos em questão.

Essa resolução que tomei provou ser tão horrível que tive de me forçar a manter uma linha de pensamento lógico. Parti do seguinte princípio: Margaret mudara — de que modo e como? O que se modificou foi seu caráter, sua compreensão ou seu ser? Sua aparência exterior não sofrera alteração. Pus em ordem tudo o que eu sabia sobre ela, a começar pelo seu nascimento.

Desde o início tudo girava em torno de peculiaridades. Como Corbeck havia me contado, ela nascera de mãe morta, numa época em que seu pai, juntamente com um amigo, se encontrava em transe numa caverna em Assuan. Esse transe fora presumivelmente provocado por uma mulher mumificada que conservara um corpo astral, de acordo com a suposição, dominado pela sua livre vontade e pela elevada inteligência ativa. Não havia distância no espaço para esse corpo astral. A distância que separava Londres de Assuan se resumia num afastamento infinitesimal, e as feitiçarias à disposição dessa maga se voltaram para a mãe morta e possivelmente para a criança morta. A criança morta. Seria possível que essa criança tivesse voltado à vida? Onde estava, então, o espírito vivo, a alma? A lógica me mostrava o caminho com surpreendente clareza.

Conforme a crença dos antigos egípcios, o Ka e o Khu da rainha morta tinham poderes de reavivar tudo o que quisessem. Se fosse esse o caso, Margaret não era uma individualidade própria, mas apenas uma fase pela qual estava passando a rainha Tera, um corpo astral, submisso à vontade de Tera. Objetei quanto a essa lógica. Eu me defendia com todas as fibras de meu ser contra tal conclusão. Como poderia eu acreditar que não existia Margaret, mas unicamente

uma imagem viva, um instrumento de uma mulher, que há quarenta séculos havia tramado um plano mirabolante? Apesar das novas dúvidas que surgiram, a perspectiva que se apresentava era mais agradável. Entretanto, eu tinha Margaret, e o pêndulo tornava a voltar para a lógica. Então a criança não morreria. Em caso positivo, teria a maga alguma coisa a ver com seu nascimento? Pelo que eu soubera de Corbeck, havia uma flagrante semelhança entre Margaret e os retratos da rainha Tera. Como isso era possível? Sua mãe jamais vira esses retratos, por isso não poderia ter sido o resultado de uma “visão”. Seu pai também somente a vira pela primeira vez depois que penetrara na caverna, poucos dias antes do nascimento da filha. Não consegui superar esse estágio com a mesma facilidade que os anteriores.

As fibras de meu ser continuavam intactas, o pavor da dúvida não diminuiu e, graças à singularidade do ser humano, essa dúvida começou a tomar uma forma concreta. Era uma escuridão enorme, na qual brilhavam alguns pontinhos de luz, que serviam apenas para aumentar a escuridão para o conhecimento positivo. Restava unicamente a possibilidade de uma relação entre Margaret e a rainha mumificada, desde que a maga pudesse tomar seu lugar por meio de misteriosos meios ocultos. Esse aspecto da questão não podia ser posto de lado com tanta facilidade. Desde que me dediquei ao assunto e que minha inteligência levou em consideração tal possibilidade, havia demasiado número de fatos suspeitos a favor dessa suposição. Lembrei-me ainda de todas as coisas estranhas e inexplicadas que aconteceram nos últimos dias em nossas vidas. A princípio, tomaram conta de mim como se fossem uma massa confusa. Mas novamente o caráter intelectual de minha profissão levou a melhor, e minha existência foi posta em ordem. Senti-me mais leve com o fato de poder me controlar. Agora eu tinha pela frente algo tangível, algo que tinha que ser executado, ainda que fosse de natureza aflitiva, pois poderia se manifestar contra Margaret ou mesmo atingi-la. Margaret corria sério perigo. Eu estava com ela em pensamento e lutava por ela. Contudo, se eu agisse na incerteza, corria o risco de prejudicá-la. Minha arma mais poderosa para sua proteção era a verdade.

Em primeiro lugar, eu teria que saber e compreender, para depois talvez estar em condições de agir. É bem verdade que eu não conseguiria fazer nada por ela sem antes reconhecer e captar os fatos que se apresentaram na seguinte ordem:

Primeiro: a estranha semelhança entre a rainha Tera e Margaret, nascida em outro país, distante algumas milhas, e cuja mãe não tinha a menor noção de ter visto a rainha.

Segundo: o desaparecimento do livro de Van Huyn, depois que eu acabara de ler a descrição do rubi-estrela.

Terceiro: o encontro das lamparinas no quarto de vestir. O corpo astral da rainha Tera poderia ter passado pela porta do quarto do hotel de Corbeck e tê-la fechado novamente, depois de sua saída com as lamparinas. Por esse mesmo motivo, poderia ter aberto a janela e levado as lamparinas para o quarto de vestir. Margaret não deve ter tido nada a ver com isso, mas não deixava de ser muito estranho.

Quarto: os momentos de suspeita do detetive e do médico me vieram com mais força à memória, e compreendi melhor seu sentido.

Quinto: havia ocasiões em que Margaret, no período que se abeirava da calma, predissera acertadamente, como se soubesse das intenções do corpo astral da rainha.

Sexto: por sua sugestão, o rubi que seu pai achara que perdera foi reencontrado.

Enquanto eu rememorava esse episódio à luz de minhas dúvidas, deparei-me com a única possível solução — que, como presumido, a teoria concordava com a força astral da rainha — isto é, que a rainha Tera se apropriara da pedra preciosa, retirando-a da carteira, porque a seu modo, quer dizer, graças às suas forças sobrenaturais, queria ter certeza de que a viagem de Londres a Kyllion seria realizada sem percalços. Depois, por intermédio de Margaret, tornou possível seu encontro.

Sétimo e último: a estranha dupla existência que Margaret parecia estar levando nesses últimos tempos e que de certo modo era uma consequência dos fatos já acontecidos.

A dupla existência. Essa era, na realidade, a dedução a que se chegava e que vencia todas as dificuldades, desfazendo as contradições. No caso de Margaret não poder dirigir sua própria vontade e ser obrigada a falar e a agir de acordo com estranhos comandos, tudo seria possível. Dependia do espírito da tal individualidade, pelo qual era impulsionada. Se essa individualidade fosse boa,

justa e pura, tudo acabaria bem. Mas, se fosse de outro modo, o pensamento seria por demais horrível para ser expresso em palavras.

Cheguei a ranger os dentes de raiva e de impotência, enquanto todas as possibilidades pavorosas me passavam pela cabeça.

Até a manhã de hoje, a passagem de Margaret para seu novo eu tinha sido praticamente imperceptível. Apenas uma ou duas vezes sua atitude em relação a mim fora diferente. Mas então aconteceu o contrário, e a transformação trouxe graves temores. Existia igualmente a possibilidade de que essa outra individualidade fosse de uma espécie baixa, e não de uma das melhores. Quanto mais eu me aprofundava no assunto, mais acreditava ter encontrado o motivo para tais temores. Na história da múmia, começada quando Van Huyn penetrou na caverna, aconteceram inúmeros casos de morte horrível que, com toda a probabilidade, foram provocados por ela mesma. O árabe que roubou a mão e aquele que a roubou dele; o xeque árabe que pretendeu roubar a pedra de Van Huyn e cujo pescoço mostrou os sinais de sete dedos; os dois mortos encontrados depois que o sr. Trelawny levou consigo o sarcófago e os três que tiveram que morrer na volta à caverna; e, ainda, o árabe que abriu o *serdab* secreto. Ao todo, perfazem nove, dos quais um com certeza foi morto pela mão da rainha. Devem-se levar em conta as terríveis agressões sofridas pelo sr. Trelawny, em seu próprio quarto, quando ela, com o auxílio dos seus espíritos tutelares, procurava abrir o cofre para retirar dali o rubi-talismã. O fato peculiar de o sr. Trelawny ter prendido a chave numa pulseira de aço no pulso quase lhe custou a vida, se esse método extremo tivesse dado resultado.

A rainha, que aspirava a uma ressurreição nas condições por ela previamente fixadas, não hesitou em derramar sangue a fim de conseguir seus intentos. O que se poderia esperar dela, se temesse que seus planos não pudessem ser realizados? Que terrível passo teria dado para que seus desejos fossem executados? Quais eram seus desejos? Na realidade, quais eram suas aspirações? Até agora tivemos apenas as descrições vívidas de Margaret quanto a esses desejos, que escaparam da inspiração de sua alma. Nos registros escritos da rainha, nada havia sobre a procura do amor nem sobre o encontro do amor. Sabíamos unicamente que ela planejava sua ressurreição e que, em seus planos, o norte, pelo qual tinha uma predileção toda especial, representava um papel importante. Tornou-se bem claro que essa ressurreição teria lugar na solidão da caverna do Vale do Mago.

Para isso, fez cuidadosos preparativos para que pudesse deixar a caverna em sua nova condição de ser vivo. O sarcófago não tinha tampa. As jarras de óleo podiam ser abertas com a maior facilidade, ainda que estivessem hermeticamente fechadas. A quantidade de óleo era tamanha que a evaporação dele durante todo esse tempo nada significaria. Havia até mão pederneira e aço, para que pudesse acender uma chama.

A verdadeira câmara real da múmia, ao contrário do costume reinante, não estava recheada. Perto da porta de pedra, na parede do rochedo, fora trazida uma corrente de um material indestrutível, com o auxílio do qual ela teria descido até o chão do Vale. Contudo, não se tinha conhecimento a respeito de suas intenções para depois da ressurreição. Será que iria querer levar uma vida nova como simples mortal?

Essa ideia tinha em si um quê de tão fidalgo que, de repente, fui tomado de simpatia por ela e lhe desejei sucesso.

Essa concepção foi suficiente para assegurar meu consentimento na contribuição de Margaret para tal finalidade e acalmar meu temperamento exacerbado.

Dominado por esse sentimento, resolvi avisar Margaret e seu pai quanto a eventuais possibilidades horríveis, e eu, com minha ignorância satisfeita, esperaria pelo desenrolar das coisas, sobre as quais eu não tinha a menor influência.

Fiz o caminho de volta para casa com outro ânimo e fiquei encantado ao perceber que Margaret, a de antigamente, já se encontrava à minha espera.

Após o jantar, quando eu estava à vontade com o pai e a filha, toquei no assunto, com alguma relutância:

— Não seria melhor tomar todas as possíveis precauções para o caso de a rainha não concordar com nossa maneira de proceder e de, durante a experiência ou mesmo depois dela, acontecer algo imprevisto?

A resposta de Margaret veio tão rápida que fiquei convencido de que ela já a houvesse preparado antes:

— Mas ela concordou. Não pode ser de outro modo. Papai colocou toda a sua inteligência, a sua energia e a sua coragem para poder realizar tudo o que foi determinado pela rainha.

— Mas isso é praticamente impossível — retruquei, com deliberação. — Ela fez seus preparativos numa caverna no alto do rochedo, em plena solidão, o que

deve ser para ela a melhor proteção contra incidentes inesperados. Aqui, num país estranho, em outra era, sob diferentes condições, talvez cometa erros em sua perturbação, podendo castigar ao senhor e a todos nós como o fez nos tempos passados. Pelo que sabemos, nove pessoas perderam a vida, direta ou indiretamente, por causa dela. Ela consegue ser impiedosa.

Só mais tarde me chamou a atenção o fato de que eu já via como realidade que a rainha Tera estava viva e que tinha uma consciência. Meus receios de que o sr. Trelawny pudesse ficar ofendido provaram ser infundados. Sorrindo, ele respondeu:

— Meu caro jovem amigo, sob certo ponto de vista, o senhor tem toda a razão. A rainha procurava de verdade a solidão. De qualquer modo, seria melhor mesmo que sua experiência fosse realizada como ela a planejava. Mas pense que isso se tornou impossível depois que o pesquisador holandês penetrou em sua cripta. Não é culpa minha, ainda que tenha sido a causa de minha redescoberta da lousa tumular. De modo algum pretendo dizer que eu teria agido de maneira diferente da de Van Huyn. Entrei no túmulo movido por simples curiosidade e trouxe comigo tudo o que me foi possível. Lembre-se também de que, naquela época, eu desconhecia os planos da rainha e, sobretudo, não desconfiava de quanto seriam completos seus preparativos. Tudo isso veio bem mais tarde. Porém, quando tive conhecimento deles, fiz o que pude para que seus desejos fossem executados nos mínimos detalhes. Meu único receio é que possa ter havido alguma interpretação errada de suas instruções secretas. De uma coisa estou certo: tratei de tudo no melhor de meu saber e de minha consciência, e nada fiz que pudesse contrariar as instruções da rainha Tera. Eu gostaria que sua grande experiência fosse um sucesso. Para esse fim não poupei esforços, tempo ou dinheiro. Nem a mim mesmo. Passei por dificuldades e perigos. Meu entendimento, todo o meu saber e meus estudos, todo o meu apoio, tudo foi sempre feito com esse objetivo, até que o grande empreendimento tenha êxito completo ou seja um fracasso.

— O grande empreendimento — repeti. — A ressurreição da mulher? A vida da mulher? A prova de que tal coisa é possível? Por meio de forças mágicas, de realizações científicas ou de uma força da qual o mundo ainda não tem conhecimento?

Agora o sr. Trelawny começou a falar sobre suas esperanças mais íntimas, que até o momento havia apenas insinuado. Uma ou duas vezes eu ouvira o sr. Corbeck mencionar a vitalidade de sua juventude, mas ainda não tivera uma prova visível de tal alegação. Nesse exato momento, suas palavras, que acabavam com qualquer pensamento adverso, mostraram uma pessoa totalmente diferente.

— A vida dessa mulher! Não estará igualmente em jogo a vida de uma mulher? Uma vida que me é a mais cara no mundo a cada momento que passa? E acrescentamos ainda ao jogo a vida de quatro homens, a sua, a minha e as dos outros dois em quem confiamos. A prova de que tal coisa seja possível, isto já seria pedir muito. Um verdadeiro milagre nesta época científica, impregnada de ceticismo. Porém, a vida e a ressurreição são elas mesmas apenas parte do que conseguiríamos com o sucesso da experiência. Reflita que o mundo dos pensadores, o mundo do verdadeiro progresso humano, significa principalmente o caminho para as estrelas, o *itur ad astra* dos antigos, quando alguém vem até nós do passado desconhecido, alguém que possa transmitir o saber depositado na grande biblioteca de Alexandria, consumida pelas chamas. Não apenas a história é corrigida e os estudos da ciência desde seus primórdios. Foi-nos aberto o caminho para as artes, o saber e os conhecimentos esquecidos, para que possamos trilhar o caminho mostrado até o último e completo restabelecimento. Imagina-se que essa mulher possa nos informar como era o mundo antes do chamado “dilúvio”. Ela pode nos explicar a origem desse mito enorme, pode fazer com que reflitamos sobre coisas que nos fazem pensar há muito tempo, mas que já existiam antes da época dos patriarcas da velha história sagrada. Mas isso não é suficiente. De modo algum. Se acontecer com essa mulher o que presumimos, se suas forças forem o que supomos, aumentará nosso saber que vai além do que nossa época tem conhecimento até agora e mais longe do que hoje em dia se julga que seja dado a conhecer à espécie humana. Se a ressurreição for realmente conseguida, como poderemos questionar ainda o antigo saber, a magia e a crença antigas! Se assim for, devemos partir do princípio de que o Ka dessa grande e sábia rainha pôde em sua estada junto às estrelas lançar uma vista de olhos no segredo, cujo valor é imortal. Essa mulher se pôs em vida no túmulo por sua livre vontade e voltou, como pode ser deduzido pelas informações em sua tumba. Ela decidiu morrer jovem para que, na sua ressurreição em outra era e depois de um longo estado de transe, se levantasse do túmulo na exuberância e no esplendor de sua juventude e

poder. Temos provas de que sua inteligência não se enfraqueceu, de que seu poder de decisão não diminuiu e de que sua vontade permaneceu inquebrantável, ainda que seu corpo tivesse enrijecido através dos séculos num sono paciente. O que é mais importante: sua memória continuou intacta. Oh, quantas possibilidades se abriam se tal ser entrasse em nosso meio! Um ente cuja história vem de antes do início da Bíblia; que viveu há longos anos num tempo anterior ao nosso, quando os gregos criavam seus deuses; que o velho e o novo, céu e inferno, eram capazes de unir; que subjugou os mundos conhecidos do pensamento e da vida física do mistério do desconhecido, do mistério do velho mundo em sua juventude e daqueles mundos fora do nosso horizonte.

Emocionado, ele parou. Margaret pegara sua mão e não a largara. Em seu rosto, porém, operou-se aquela transformação da qual ultimamente eu havia sido testemunha. Seu ser se ocultava como se estivesse por trás de um véu, de modo que eu tinha a impressão de estar sendo separado dela. Essa transformação não fora observada por seu pai enquanto pronunciava com veemência e paixão a torrente de palavras. Quando parou, ela voltou a ser o que era antes. Em seus magníficos olhos, percebi o brilho de lágrimas não derramadas. Com um gesto de amor apaixonado e de admiração, ela se inclinou sobre a mão do pai e a beijou. Depois se virou, dirigindo-se a mim, e disse:

— Malcolm, você já falou sobre as mortes pelas quais a pobre rainha seria a responsável ou provocadas porque alguém ousou atrapalhar seus planos. Não acha que está sendo injusto na maneira de pensar? Quem teria agido de modo diferente em seu lugar? Reflita que ela lutava por sua vida. Não era somente pela sua própria vida. Tratava-se da vida, do amor, das esplêndidas possibilidades de um futuro afastado, no desconhecido mundo do norte, que abrigava para ela as esperanças tão atraentes. Não acha que ela, com toda a sabedoria do seu tempo, com a força de sua grande natureza, não nutria esperanças de ver realizadas as elevadas expectativas de sua alma no sentido mais amplo? Que ela esperava, além de conquistar um mundo desconhecido, poder transmitir para as gerações vindouras o que adquirira em percepção durante o sono da morte e no passar do tempo? Que tudo isso poderia ser destruído pela mão brutal de um assassino ou de um ladrão, como realmente aconteceu? Você não teria, no lugar dela, lutado por todos os meios a fim de alcançar o objetivo de sua vida e de suas esperanças que sempre pareciam estar mais ao alcance da mão com o passar ilimitado dos anos?

Pode-se imaginar que essa inteligência viva tenha alcançado a serenidade enquanto seu corpo mortal ficava à espera da hora predeterminada? Enquanto sua alma livre voava de um mundo para outro, entre as infinitas regiões estelares? Essas miríades não abrigavam estrelas em sua multiplicidade, nenhum ensinamento para ela, como nós o encontramos desde que seguimos o glorioso caminho que ela e seu povo nos indicaram quando deixavam os pensamentos girarem em torno dessas luzes noturnas.

Nesse momento, ela se interrompeu. Seus sentimentos a dominaram de tal maneira que as lágrimas lhe escorriam pelas faces. Eu mesmo fiquei mais emocionado do que me é possível expressar. Essa era a minha Margaret! Consciente de sua proximidade, meu coração deu um salto. Da minha felicidade nasceu a audácia, de modo que me atrevi a manifestar o que eu achava ser impossível, isto é, algo que levaria a atenção do sr. Trelawny para aquilo que eu julgava a dupla existência de sua filha.

Quando peguei a mão de Margaret e a beijei, falei para seu pai:

— Senhor, ela não poderia ter falado melhor se o próprio espírito da rainha o tivesse dito e lhe tivesse inspirado o pensamento.

A resposta do sr. Trelawny me espantou de verdade; era a prova de que ele tivera um processo de pensamento idêntico ao meu.

— Se fosse esse o caso, sim. Bem sei que o espírito de sua mãe mora nela. Se, além disso, tivesse dentro dela o espírito dessa grande e maravilhosa rainha, ela não me seria menos cara. Malcolm Ross, não fique agoniado por causa dela, pelo menos não mais do que pela outra.

Margaret, prosseguindo no assunto, falou tão inesperadamente que suas palavras agiram mais como a continuação da conversa de seu pai do que como uma interrupção:

— Malcolm, não tenha medo por minha causa. A rainha Tera sabe tudo e não nos fará mal algum. Eu o sei, tão certo como estou perdida no profundo amor que dedico a você.

O timbre de sua voz era tão estranho que lhe lancei um rápido olhar. Seus olhos faiscavam como sempre, mas escondiam de mim, como um leão, os pensamentos mais íntimos, como se estivessem por trás de um véu.

Capítulo 19

A LIÇÃO DE KA

Naquela noite, todos fomos bem cedo para a cama, já sabendo que as horas seguintes prometiam trazer muita tensão. Por isso, o sr. Trelawny achou que devíamos nos fortificar com uma boa noite de sono. O dia também seria de muito trabalho. Tivemos que repassar tudo para a grande experiência, a fim de que nenhuma falha ocorresse, levando-nos ao insucesso. Naturalmente, contávamos ter que pedir auxílio, caso necessário. Mas creio que ninguém pensasse seriamente em perigo. É evidente que não temíamos nenhum ato de violência, como ocorrera em Londres durante o longo transe do sr. Trelawny.

Quanto a mim, senti-me muito aliviado. Achei bastante lógica a observação do sr. Trelawny de que não deveríamos esperar nenhuma oposição no tocante à rainha, se ela na realidade fosse a personalidade que supúnhamos, uma vez que nada mais fazíamos do que cumprir suas próprias vontades. Até aí eu me sentia sossegado, bem mais sossegado do que há pouco eu julgava ser possível. Porém, ainda existiam outros motivos de preocupação que eu não podia ignorar com tanta facilidade. O mais importante era a estranha situação de Margaret. Se fosse o caso de ela ter uma dupla personalidade, o que aconteceria se as duas se amalgamassem? Continuei a remoer o assunto no meu pensamento até que tive ímpetos de gritar de tanto nervosismo e medo. Não me era consolo algum saber que a própria Margaret se apresentava serena, pois o amor é bastante egoísta e joga

sombras negras sobre tudo o que estiver entre ele e a luz. Para mim, era como se eu ouvisse o ponteiro do relógio se adiantando no mostrador. Eu via escuridão se transformar em crepúsculo, o crepúsculo em alvorada, a alvorada em claridade, sem que houvesse uma interrupção na sequência de meus tristes sentimentos ou que lhes fosse colocado um obstáculo.

Finalmente eu me levantei, já que não precisava ter medo de perturbar ninguém. Sem fazer barulho, passei pelo corredor e me certifiquei de que tudo estava na melhor ordem. Havíamos chegado a combinar que deixaríamos as portas dos nossos quartos entreabertas para que, se fosse percebido algum barulho diferente, todos pudessem ouvi-lo imediatamente. A maior parte dormia. Eu podia ouvir as respirações compassadas e meu coração exultava de alegria de que esta noite horrível, cheia de medo, já passara. Quando me ajoelhei no quarto, dominado por um sentimento de gratidão para fazer uma prece, é que me dei conta de toda a extensão do meu medo. Saí da casa e desci as longas escadas esculpidas no rochedo até a água. Nadei no mar claro, fresco, e senti que meus nervos estavam se acalmando e eu voltava a ser o que era antes. Quando alcancei a extremidade superior da escada, vi atrás de mim o sol, qual ouro luminoso, que nascia do outro lado do rochedo, do lado de lá da baía. Contudo, eu sentia alguma coisa inquietante dentro de mim. Tudo estava claro demais, como acontece às vezes antes de uma tempestade. Enquanto eu parava para observar tudo, senti uma leve mão sobre meu ombro. Voltei-me e vi Margaret bem perto de mim. Uma Margaret clara e luminosa, a Margaret de antes, na qual nada havia de estranho, e percebi que pelo menos este último e decisivo dia tivera um bom começo.

Infelizmente, a felicidade foi de pouca duração. Mal voltáramos para casa do passeio em volta dos escolhos, a sequência do dia anterior se estabeleceu novamente: depressão e medo, esperança, euforia, desânimo profundo e indiferença apática.

Devia, no entanto, ser ao mesmo tempo um dia bastante trabalhoso, e todos nos armamos com uma grande energia a fim de poder enfrentar as fadigas que nos esperavam e que traria a todos um alívio todo particular.

Após o café da manhã, nós nos dirigimos à caverna, onde o sr. Trelawny fez uma revisão ponto por ponto da colocação de todos os utensílios. Ao lado de cada peça, ele nos dava uma explicação quanto ao posicionamento. Tinha consigo os grandes rolos de papel, nos quais anotaria as proporções dos planos, os números e

as figuras que se baseavam aproximadamente nos apontamentos dele próprio e nos de Corbeck. Da coleção, como dito por ele, faziam parte todos os hieróglifos dos muros, tampos e chão da caverna no Vale do Mago. Mesmo que não tivéssemos ao nosso dispor os planos dimensionados por escritos e símbolos crípticos, teria sido possível colocar cada peça em seu devido lugar.

O sr. Trelawny nos explicou determinadas outras coisas que não constavam dos apontamentos, como o fato de que a parte cavada da mesa se encaixava exatamente no chão do recipiente mágico e que a partir daí deveria ter seu lugar sobre a mesa. As pernas da referida mesa se compunham de diversos modelos de serpentes *uræus*, cujas cabeças olhavam em diferentes direções. Ele explicou ainda que a múmia, quando colocada na parte alteada do chão do sarcófago que coincidia exatamente com sua forma, tinha que estar com a cabeça voltada para o oeste e os pés para o leste, a fim de que pudesse absorver os raios terrestres naturais.

— Se era esse o propósito, como suponho — disse ele —, podemos começar do ponto em que a força que se manifesta teria algo a ver com magnetismo, eletricidade ou com ambos. Naturalmente, é bem possível que outra energia esteja em ação, como as radiações do rádio. Já fiz tentativas com este, mas somente em pequena escala. Até onde eu possa avaliar, a pedra de que é feito o recipiente é absolutamente impenetrável. Portanto, devem existir tais substâncias na natureza, mas despercebidas. O rádio, é certo, não provém apenas da uraninita, mas também de outras matérias. É bem possível que elas pertençam à classe do material “inerte” que *sir* William Ramsay obteve e comprovou. Além do mais, nessa caixa talhada pode haver um meteorito, um elemento desconhecido no nosso mundo, uma energia potente, adormecida, que seria posta em liberdade na hora em que fosse aberto o recipiente.

Com isso o assunto parecia terminado, mas seu semblante não demonstrava ter certeza de que tudo tivesse sido tratado. Esperamos sem dizer uma palavra, até que ele continuasse:

— Preciso declarar que existe um ponto que até agora tem sido uma charada para mim. Provavelmente não terá muita importância, porém, num assunto como este que estamos tratando, em que praticamente tudo é duvidoso, é necessário presumir que o conjunto possa ter algum valor. De qualquer modo, não consigo imaginar que num plano de uma exatidão tão fora do comum algo possa ter

passado despercebido. Como podem ver pelo plano-base da gruta, o sarcófago se encontra na parede norte e o recipiente mágico, ao sul dele. A superfície ocupada pelo sarcófago não contém efetivamente nenhum símbolo ou enfeite. À primeira vista, tal fato indicaria que os sinais foram feitos depois de o sarcófago ter sido colocado no respectivo lugar. Contudo, uma investigação mais minuciosa demonstra que os símbolos no chão foram destinados a terem uma ação definida, por isso foram posicionados dessa maneira. Vejam aqui a série correta da escrita: dá a impressão de existir uma falha. Apenas devido a determinados efeitos é que se pode reconhecer certo significado. O sentido por trás de tudo talvez seja exatamente o que desejamos saber. Reparem na beirada superior e inferior do lugar vazio, que, na direção leste-oeste, corresponde à cabeceira e aos pés do sarcófago. Em ambos os lugares encontramos duplicatas desse mesmo símbolo, mas ordenado de tal forma que cada um dos sinais parece fazer parte de outra escrita, isto é, em sentido horizontal. Somente quando lançamos um olhar mais agudo para os símbolos, seja para os da cabeceira, seja para os dos pés, é que os reconhecemos como tal. Observem com atenção: no canto e no ponto central da beirada superior e inferior eles são triplos. Sempre um sol é cortado ao meio pela linha do sarcófago e do horizonte. Logo atrás, desviando-se dele, porém ficando em qualquer outra dependência, podemos ver um jarro que apresenta os sinais em hieróglifos, Ab, que quer dizer *coração*, como o chamavam os egípcios. Em seguida vemos os dois antebraços estendidos, do cotovelo para cima. Esse é o sinal para Ka, ou *duplo*. Sua posição relativa é diferente tanto em cima quanto embaixo. Na cabeceira do sarcófago, a ponta do Ka fica virada para a abertura do vaso e, nos pés, os braços estirados mostram a direção oposta.

“O valor do símbolo demonstra que, no trajeto do sol do oeste para leste, quer dizer, do pôr do sol ao amanhecer, ou, com outras palavras, durante a noite, o coração que na gruta se mantém de modo substancial, sem poder abandoná-la, simplesmente realiza uma rotação, de modo que seja sempre obrigado a se dirigir para Ra, o deus do sol, a procedência de tudo o que é bom, mas que o *duplo*, que representa o princípio da atividade, deve poder se movimentar livremente, dia e noite. No caso de ser confirmada essa hipótese, tudo deve ser julgado como um aviso, uma indicação de que a consciência da múmia não descansa, porém é um fator com o qual se deve contar.

“Outra interpretação para o caso seria que, depois da noite, no novo despertar de Ka, este abandonaria o coração, sinal de que a rainha ressuscitaria novamente numa existência física inferior.

“O que aconteceria, nesse caso, à sua mente e às experiências de sua alma que vaga pelo além? Com isso, o mais importante em sua ressurreição ficaria perdido para o mundo. Na realidade eu não me preocupo muito seriamente a respeito, pois se trata apenas de conjecturas. Além do mais, seria o contrário do que ensina a teologia egípcia, isto é, que o Ka é uma parte essencial do ser humano.”

Ele fez uma pequena pausa e logo o dr. Winchester interpôs:

— Isso não significaria que a rainha receasse que alguém pudesse invadir sua tumba?

O sr. Trelawny respondeu, sorrindo:

— Meu caro doutor, ela se preparou para tal eventualidade. Roubo de túmulos não é privilégio dos nossos tempos. Já existia provavelmente na época da dinastia da rainha. Ela não havia apenas se preparado, como já tivemos a oportunidade de verificar por mais de uma vez, mas esperava mesmo que tal fato acontecesse. A ocultação das lamparinas no *serdab*, a colocação de um “gênio protetor” vingador, tudo indica medidas acauteladoras, tanto positivas quanto negativas. As numerosas referências feitas podemos supor que signifiquem que ela tomou em consideração a possibilidade de que outras pessoas, como nós, pudessem realizar o trabalho que ela idealizara para si mesma. O que acabei de descrever com precisão é um exemplo disso. A indicação existente era certamente dedicada a olhos que soubessem ver.

Novamente, todos se mantiveram calados. Margaret foi a que tomou a seguir a palavra:

— Pai, posso ficar com o esboço? Eu gostaria de poder estudá-lo durante o dia.

— Mas é lógico, minha querida — falou calorosamente o sr. Trelawny, entregando-lhe a folha pedida.

E prosseguiu com suas instruções com objetividade, num tom que correspondia a um tema prático, sem qualquer mistério:

— Acho que precisam ser informados sobre a instalação elétrica desta casa, para o caso de acontecer algo inesperado. Já devem ter percebido que todas as partes desta residência estão ligadas a uma única fonte de energia, portanto não

existe aqui nenhum canto escuro. Eu mesmo planejei tudo com cuidado. Duas das turbinas acionadas pela maré produzem a corrente, como as turbinas encontradas nas Cataratas do Niágara. Dessa maneira, espero impossibilitar eventuais baixas de voltagem e me certificar de ter sempre um suprimento de energia. Venham, vou explicar detalhadamente como funciona a instalação.

Levou-nos pela casa toda, e não pude deixar de admirar a perfeição do sistema excogitado e a maneira pela qual se cercara de segurança contra todo e qualquer tipo de catástrofe imaginável.

Vendo toda essa perfeição, nasceu um medo dentro de mim. Num empreendimento como o nosso, o círculo do pensamento humano era bastante restrito. Por trás, havia uma infindável sabedoria e força divinas. Novamente de volta à caverna, o sr. Trelawny se referiu a outro assunto:

— Precisamos marcar definitivamente a hora exata para a realização da nossa experiência. Para a ciência natural e mecânica, as horas são iguais, desde que os preparativos estejam prontos. Mas temos que lidar com determinadas disposições preliminares, idealizadas por uma mulher de inteligência invulgar, que acreditava em magia e que dava a tudo um sentido misterioso. Por esse motivo, antes de nos decidirmos, temos que nos colocar em seu lugar. É verdade que o ocaso do sol desempenha um papel importante em seus planos. Do mesmo modo como os sóis cinzelados com precisão na borda do sarcófago foram posicionados de maneira intencional, assim também devemos tirar certas conclusões e levar em consideração o número sete, que influenciou o pensamento e a ação da rainha em cada fase. A consequência lógica seria que a sétima hora depois do pôr do sol deve ser a hora correta. Outra prova do que acabo de expor seria o fato de que cada vez que algo acontecia em minha casa, essa era a hora. Como hoje aqui em Cornwall o sol se põe às vinte horas, nossa hora deverá ser as três da madrugada.

Ele foi categórico, ainda que falasse com a maior seriedade. Nada havia de misterioso nas suas palavras nem em seu comportamento, mas todos estávamos vivamente impressionados. Eu podia ver os rostos pálidos dos outros e reparei que, no silêncio reinante, ninguém se mexeu quando foi tomada a decisão. A única pessoa que se mostrava relaxada era Margaret, que passava novamente por uma fase de abstração e que, de repente, despertou com uma indicação de alegria cheia de ansiedade. Seu pai, que a observava, sorriu, e a animação da jovem foi para ele a confirmação de sua teoria.

Eu mesmo estava dominado pela emoção. O fato de termos marcado definitivamente a hora para a realização da experiência foi para mim como a voz do destino. Quando agora rememoro os fatos, posso compreender como deve se sentir um condenado à espera de sua última hora. Já não era mais possível voltar atrás. Estávamos entregues nas mãos de Deus. Nas mãos de Deus! Não obstante, que outras forças seriam convocadas? O que seria de nós, que éramos uma partícula miserável de pó, dispersada pelo vento, que nenhum ser humano sabe para onde vai nem de onde vem? Não era por minha causa. Margaret!

A voz incisiva do sr. Trelawny me tirou de minhas divagações.

— Agora vamos nos ocupar com as lamparinas e terminar nossos preparativos.

Sob sua supervisão, preparamos as lamparinas egípcias, enchendo-as com o óleo de cedro e prestando atenção para que a mecha fosse colocada de maneira correta. Uma após outra elas foram acesas a título de experiência. Nós as colocamos de tal forma que pudessem ser acesas rapidamente e ao mesmo tempo. Seguiu-se uma vistoria, para confirmar se tudo estava preparado para a noite.

O trabalho levou algum tempo para ser executado e ficamos espantados quando, ao sairmos da caverna para entrar na casa, o grande relógio no vestíbulo bateu quatro horas.

Comemos um almoço tardio e, seguindo o conselho do sr. Trelawny, separamo-nos, a fim de que cada um pudesse se preparar à vontade para enfrentar a noite tensa que teríamos. Margaret se mostrava pálida e cansada, de modo que a aconselhei a dormir um pouco. Ela me prometeu que assim faria. Sua abstração, que não a largara o dia inteiro, desaparecera. Beijou-me na despedida, cheia de ternura, com a graça habitual. Acompanhado pelo sentimento de felicidade que seu comportamento despertou em mim, fui fazer um passeio sobre o penhasco. Eu não desejava meditar e tinha a certeza de que o ar fresco, o sol do bom Deus e as incontáveis maravilhas que Ele nos concedeu seriam o melhor preparativo para o que estava por vir.

Quando voltei do passeio, todos nos reunimos para tomar chá. Eu, que havia colhido novas forças na natureza, achei esquisito que nós, um pouco antes do fim de um empreendimento tão estranho e quase monstruoso, nos detivéssemos com nossas necessidades e hábitos cotidianos. Nós homens, sem exceção, estávamos com a fisionomia séria. O tempo em que cada um estivera a sós dera a todos a

oportunidade para reflexão. Margaret, ao contrário, se mostrava serena e alegre. Eu, porém, não percebia nela a espontaneidade usual. Ela mantinha certa reserva em relação a mim, o que de imediato despertou minha suspeita. Depois do chá, ela saiu e voltou imediatamente, tendo na mão o rolo do esboço que pedira emprestado ao pai, que acabava de entrar. Ela disse:

— Pai, refleti muito sobre o que você explicou hoje a respeito do sentido oculto de sóis, corações e Kas. Examinei detalhadamente os sinais.

— Com que resultado, minha filha? — perguntou Trelawny, ansioso. — Ainda existe outra interpretação possível? — Sua voz tremeu de tensão.

Margaret falou com um timbre de voz estranho, um som trazido da consciência da verdade.

— Uma das interpretações menciona que o Ka entre no Ab ao pôr do sol e que só o deixará ao amanhecer.

— Adiante — falou o pai com voz rouca.

— Isso significa que nessa noite o “duplo” da imagem da rainha, que, de resto, é livre, permanece em seu coração mortal e não pode abandonar seu cárcere dentro da múmia. Quando o sol mergulhar no mar, a rainha Tera deixa de existir como força consciente, até o nascer do sol, caso essa grande experiência não a desperte para a vida. Isso significa, por sua vez, que todos vocês não devem temer nada daquilo do que infelizmente todos temos motivos de sobra para nos lembrar. Sejam quais forem as transformações que a grande experiência trouxer, de modo algum poderão partir da pobre e desamparada morta que há séculos espera por esta noite, tendo entregue sua liberdade eterna de acordo com os ensinamentos dos antigos, na expectativa de uma vida nova num mundo novo...

Parou subitamente, pois suas palavras suscitaram uma estranha compaixão e tomaram um tom quase suplicante que me comoveu profundamente. Pude perceber lágrimas em seus olhos, antes que ela se virasse com rapidez.

Dessa vez, porém, o coração de seu pai não se deixou comover pelos sentimentos da filha. Mostrava-se bastante animado e, ao mesmo tempo, com uma firme determinação que me fazia lembrar sua aparência durante o transe. De qualquer modo, não encontrou palavras de consolo para a filha, dizendo unicamente:

— Quando chegar a hora, poderemos provar a veracidade de sua hipótese e de seus sentimentos.

Depois de ter pronunciado tais palavras, subiu a escada de pedra e entrou no quarto. Margaret o seguiu com os olhos e sua fisionomia demonstrava certa preocupação. Era estranho, mas sua preocupação não me comoveu.

Fez-se um silêncio depois da saída do sr. Trelawny. Ninguém manifestava vontade de falar. Finalmente, Margaret também foi para seu quarto, e saí para o terraço sobre o mar.

O ar fresco e a beleza que eu tinha diante de mim me puseram de novo de bom humor, como eu havia estado pela manhã. No fim, eu mesmo tive uma sensação de alívio, porque fora desviado o perigo que eu temera por parte da rainha para a próxima noite. Acreditei tanto nas convicções de Margaret que nem me passou pela cabeça perguntar quais seriam seus motivos. Sentindo-me mais eufórico e relaxado do que estivera há vários dias, fui para meu quarto e me deitei no sofá:

Acordei quando Corbeck me chamou apressadamente:

— Desça rápido para a caverna. O sr. Trelawny quer ver todos juntos lá embaixo. Corra.

Pulei do sofá e me dirigi com a maior rapidez para a caverna. Todos lá estavam, com exceção de Margaret, que apareceu logo depois de mim. Em seus braços trazia Silvio. Quando o gato farejou seu antigo desafeto, lutou para se livrar e ser colocado no chão. Mas Margaret o segurava com firmeza e o acalmou. Olhei para o relógio. Marcava um pouco antes das oito horas. Assim que a jovem entrou, seu pai falou sem rodeios e com uma entonação que eu não conhecia:

— Margaret, você crê, então, que a rainha Tera tenha hoje à noite, voluntariamente, desistido de sua liberdade? Que resolveu não continuar como múmia até que tudo tenha passado e a ressurreição tenha sido conseguida, ou então ter se tornado um fracasso?

Depois de uma ligeira pausa, Margaret respondeu baixinho:

— Sim.

Nessa pausa, todo o seu eu se transformou. Sua aparência, sua voz, sua expressão, sua postura. Até Silvio notou, tendo se desvencilhado de seus braços depois de enorme esforço. Ela nem o percebeu. Fiquei à espera de que o felino, assim que conseguisse recuperar a liberdade, se lançasse sobre a múmia do gato. Mas dessa vez não o fez. Parecia amedrontado e recuou, pressionando

minhas pernas com um lamentoso “miau”. Peguei-o nos braços e ele se aninhou neles todo contente. O sr. Trelawny tornou a perguntar:

— Está certa disso? Acredita de todo o coração?

A fisionomia de Margaret não se mostrava mais tão perdida. Pelo contrário, iluminou-se com um fervor como se estivesse a ponto de dizer coisas importantes. Em sua resposta vibrava uma convicção absoluta:

— Eu o sei. Meu saber excede a simples crença.

— Então você tem certeza de que, sendo colocada no lugar da rainha Tera, estaria disposta a apresentar a prova, obedecendo às minhas ordens?

— Sim, como quiser. — Foi a resposta intrépida.

— Até mesmo se, com isso, entregar à morte e à destruição seu gênio protetor?

Ela hesitou e percebi que sofria, que passava por um verdadeiro martírio. Em seus olhos apareceu um olhar atormentado, que nenhum homem pode aguentar ver nos olhos de sua amada. Tive vontade de intervir quando o olhar penetrante de seu pai, que vagueava à sua volta, encontrou-se com o meu. Parei, como se estivesse sendo enfeitiçado. O mesmo aconteceu com os outros. Diante das nossas vistas, aconteceu algo que superou nossa capacidade de compreensão.

Em poucas passadas, o sr. Trelawny alcançou a parede oeste da caverna e afastou a persiana na abertura da janela. Um vento fresco foi soprado para dentro e os últimos raios de sol caíram sobre ambos, pois Margaret se aproximara, ficando a seu lado. Ele apontou para fora, para o lugar onde o sol se deitava no mar, qual uma bola de fogo, e sua fisionomia parecia fria como granito. Com uma entonação de voz cuja intransigência e completa dureza soaria em meus ouvidos até a hora da minha morte, falou:

— Decida-se. Vamos, fale. Quando o sol mergulhar no mar, já será tarde demais.

O esplendor do sol morrendo iluminou o rosto de Margaret como se o fosse por uma luz interior.

— Sim, mesmo que signifique sua morte — retrucou ela, dirigindo-se para a mesa onde se encontrava a múmia do gato e a tomando nas mãos. Sombras profundas e escuras caíam sobre Margaret. Ela comentou: — Se eu fosse Tera, eu diria “Leve tudo o que é meu. Esta noite pertence unicamente aos deuses”.

Ainda nem bem terminara de falar, o sol se pôs e frias sombras nos envolveram. Todos ficamos parados. Silvio se desvencilhou dos meus braços e correu para a dona. Postou-se diante dela em suas patas traseiras e se enroscou em seu vestido, como se estivesse pedindo que ela o tomasse nos braços. Entretanto, não deu a mínima atenção à múmia do gato.

Margaret irradiava seu charme habitual ao dizer:

— Pai, o sol se pôs. Será que o veremos novamente? A noite das noites chegou.

Capítulo 20

A GRANDE EXPERIÊNCIA

Se ainda houvesse necessidade de uma prova de como todos aceitamos a existência espiritual da rainha Tera como um fato, seria possível avistar nessa prova a transformação pela qual passamos em poucos minutos depois que Tera, como todos acreditávamos, renunciara por sua livre e espontânea vontade a seu gênio tutelar, pela boca de Margaret.

Apesar da aproximação iminente da experiência, cujos sentido e objetivo estavam sempre diante dos nossos olhos, notou-se em nossos rostos um enorme alívio. Aqueles dias horríveis em que o sr. Trelawny ficara em transe eram inesquecíveis. Quem ainda não passou por isso não pode avaliar o que significa viver em temor constante diante de um perigo desconhecido, que poderia advir a qualquer momento e sob qualquer forma.

Essa transformação se tornou visível em diferentes aspectos, de conformidade com a natureza de cada um. Margaret ficou deprimida. O dr. Winchester demonstrava euforia e muita atenção. O pensamento lógico que nele teve o efeito de um antídoto contra o medo e o livrara da compulsão aumentou agora seu fervor intelectual. O sr. Corbeck parecia mais voltado para o passado do que propriamente fazendo especulações no presente. Eu mesmo me sentia aliviado. Meu temor com relação a Margaret deu lugar a um sentimento de tranquilidade.

O sr. Trelawny era aquele que menos deixava transparecer uma mudança. O fato poderia ser natural, pois ele aspirava ao que hoje tínhamos diante de nossas vistas, há longos anos, de modo que qualquer acontecimento ligado à experiência era para ele apenas um episódio, um passo que o levaria para sua meta. Ele fazia parte daquela espécie de líderes que têm somente o objetivo diante dos olhos e vê tudo o mais como acessório. Agora também não piscava nem desviava o olhar, ainda que sua horrível rigidez tivesse relaxado um pouco. Pediu que nós, os homens, fôssemos com ele. Nós o seguimos até o hall, onde pegamos uma mesa de carvalho e a colocamos na caverna, uma mesa bastante comprida e muito larga. Nós a pusemos bem no meio, sob as luzes elétricas que havíamos trazido. Margaret se aproximou. De súbito, porém, empalideceu e perguntou assustada:

— Pai, o que pretende fazer?

— Quero desenrolar a múmia do gato. Hoje a rainha Tera não vai mais precisar de seu gênio protetor. Se ela necessitasse dele, isso poderia ser perigoso para nós. Portanto, temos que nos precaver. Não está com medo, querida. Está?

— Oh, não! — Foi sua resposta apressada. — Mas tenho que pensar em meu Silvio e no que eu faria se fosse a múmia que deve ser desenrolada.

O sr. Trelawny colocou facas e tesouras de prontidão e suspendeu o gato, pondo-o sobre a mesa. O início do nosso trabalho foi realmente horripilante e cheguei a ficar desanimado só em pensar no que poderia nos acontecer no meio da noite nesta casa solitária. O sentimento de abandono e isolamento do resto do mundo foi reforçado pelo assobio do vento, que aumentava ameaçadoramente, e do bater das ondas no rochedo abaixo de nós. Mas o dever que tínhamos pela frente era sério demais para que nos deixássemos envolver por circunstâncias alheias à nossa tarefa e começamos a desenrolar a múmia.

A quantidade de ataduras era incrível e o ruído do dilaceramento — já que estavam firmemente grudadas por uma mistura de asfalto, resina e especiarias —, juntamente com um pozinho vermelho ardido que se desprendia, oprimia nossos ânimos. Assim que o último invólucro foi retirado, vimos o gato sentado diante de nós. Estava todo agachado e tinha cabelos, dentes e garras intactos. Os olhos estavam fechados, porém as pálpebras não davam a impressão selvagem que eu esperava ver. Os longos bigodes foram apertados de encontro à cabeça pelas ataduras, mas agora, que não havia mais pressão, eles voltaram à posição primitiva, como se o animal estivesse vivo. Era uma criatura magnífica, um gato de um

tamanho fora do comum. Porém, o medo dissipou nossa admiração quando verificamos ao primeiro olhar que nossos temores infelizmente haviam se confirmado: focinho e garras exibiam vestígios de sangue seco que de modo algum podiam ser antigos.

O dr. Winchester foi o primeiro a se recuperar da consternação. O sangue em si não inspirava medo. O médico pegou a lente de aumento e examinou os salpicos no focinho do gato. O sr. Trelawny deu um suspiro audível, como se tivessem tirado de cima dele um grande peso.

— Como eu esperava — explicou ele. — Um início muito promissor.

O dr. Winchester agora examinava as patas salpicadas de vermelho.

— Meu Deus! — exclamou ele. — Ele tem sete garras.

Pegou sua carteira e retirou dela o pedaço de mata-borrão rasgado pelas garras de Silvio e que também continham o diagrama dos arranhões feitos na mão do sr. Trelawny. O pedaço de papel ele colocou sob a pata da múmia do gato. Os sinais de arranhão coincidiam exatamente com a ordem dos das garras.

Depois de examinarmos detidamente o gato, não pudemos descobrir nada de excepcional, a não ser seu bom estado de conservação. O sr. Trelawny se levantou da mesa e Margaret se lançou sobre o pai com a seguinte exclamação:

— Tome cuidado, pai. Tome muito cuidado. Ele poderia feri-lo.

— Agora já não pode mais, querida.

Enquanto falava, movia-se em direção da escada. Ela se mostrou admirada.

— Para onde vai? — perguntou ela, abatida.

— Para a cozinha. O fogo esconjurará o perigo para todo o sempre. Nem um corpo astral tem condição de se materializar das cinzas.

Fez-nos sinal para que o seguíssemos. Soluçando, Margaret se virou. Eu quis me aproximar, mas ela acenou negativamente, sussurrando:

— Não, não. Vá com os outros. Talvez papai precise de você. Oh, é como se fosse um assassinato! O gato da coitada da rainha...

As lágrimas escorriam entre os dedos com os quais cobria os olhos.

Na cozinha, a lenha estava empilhada e pronta para ser usada. O sr. Trelawny pegou apenas um palito de fósforo e, em poucos minutos, o fogo começou a arder. Quando as chamas já se desenvolveram o bastante, ele jogou nelas o corpo do gato. Durante alguns segundos, nós o vimos como uma massa escura no meio do

fogo e o recinto ficou impregnado pelo cheiro do cabelo queimado. O corpo ressecado começou a ser consumido.

As substâncias inflamáveis utilizadas no embalsamamento se transformaram em combustível e as labaredas se levantaram. Foram poucos minutos de fogo intenso até podermos respirar livremente. O gênio protetor da rainha Tera deixara de existir.

Voltando à caverna, encontramos Margaret sentada no escuro. Ela havia apagado a luz elétrica e apenas uma fraca claridade da noite penetrava pelas estreitas frestas no rochedo. Seu pai foi até ela e a abraçou, colocando um braço protetor em volta de seus ombros. Ela encostou sua cabeça na do pai e parecia consolada. De súbito, exclamou para mim:

— Malcolm, acenda a luz!

Atendi ao seu pedido. Agora eu podia ver que seus olhos estavam secos. Seu pai também o percebeu e ficou satisfeito. Num tom de voz sério, ele nos disse:

— Agora precisamos nos preparar para o grande trabalho. Não devemos deixar tudo para o último minuto.

Margaret, que certamente desconfiara do que aconteceria agora, perguntou receosa:

— O que pretende fazer?

O sr. Trelawny parecia saber o que se passava na cabeça da filha e respondeu em voz baixa:

— Agora vamos desenrolar a múmia da rainha.

Com essas palavras, ela se aproximou bem dele e implorou:

— Pai, não devemos desnudá-la na frente dos homens e nessa luz forte.

— Por que não, minha querida?

— Pai, lembre-se de que ela é uma mulher. E sozinha, Dessa maneira e neste lugar... Oh, como é cruel, tão cruel!

Ela se mostrava realmente abalada, com as faces flamejantes, e havia lágrimas de revolta em seus olhos. Seu pai a fitou, percebendo como ela ficara desesperada, e tentou consolá-la. Estive a ponto de me afastar discretamente, mas ele fez sinal para que eu ficasse. Desconfiei que ele, como um homem típico, encontrando-se naquela situação, quisesse passar para outro a tarefa de consolar uma mulher desesperada e indignada. Mas primeiro apelou para o bom senso da filha:

— Ela não é uma mulher, é uma múmia. Morreu há cinco mil anos.

— E o que tem isso? O sexo não é ligado aos anos. Uma mulher continua sendo uma mulher mesmo depois de morta há cinco mil anos. E você esperava que ela acordasse de seu sono. Se é para ela ressuscitar mesmo, não pode se tratar de uma morte real. Fez-me acreditar que ela despertaria para a vida tão logo esse recipiente fosse aberto.

— É isso mesmo, minha filha, e acredito no que lhe disse. Mas, se não foi a morte que a manteve envolvida durante todos esses anos, foi algo muito semelhante. Reflita, pois, que os que a embalsamaram eram homens. Naquela época, no Egito Antigo, ninguém se preocupava com os sentimentos das mulheres e não havia médicas. Além disso — prosseguiu, com naturalidade, ao notar que ela aceitava seus argumentos, ainda que não estivesse se dando por vencida —, nós, homens, estamos habituados a essas coisas. Já desenrolei centenas de múmias juntamente com Corbeck. Entre elas, havia tanto homens como mulheres. O dr. Winchester, devido à sua profissão, também trata de mulheres e de homens, de modo que está acostumado nem liga para isso. Até mesmo Ross, como advogado profissional... — Você ia acompanhar a operação? — falou ela, olhando para mim, indignada.

Nada respondi. No caso presente, o silêncio era de ouro. Mas o sr. Trelawny continuou, apressado.

Notei que ficara satisfeito pela interrupção, pois seus argumentos quanto à profissão de advogado eram muito fracos.

— Minha filha, você mesma estará presente. Acredita que faríamos alguma coisa que a ofendesse? Ora, vamos, tenha juízo, isso aqui não é nenhuma excursão de recreio. Somos pessoas responsáveis, que se arriscam com seriedade a uma experiência que vai nos desvendar a sabedoria da Antiguidade e ampliar imensamente os conhecimentos da humanidade. A inteligência humana poderá trilhar caminhos completamente novos no campo da pesquisa. Essa experiência pode significar a morte para nós. Pelo que aconteceu até agora, sabemos que perigos enormes e desconhecidos podem estar à nossa frente, a cujo final talvez nenhum de nós venha a sobreviver. Minha filha, pode estar certa de que nada faremos levemente, mas, sim, com a seriedade de seres humanos responsáveis. Excluindo seus sentimentos ou os de outros, posso lhe dizer que, para o êxito da experiência, é absolutamente necessário desenrolá-la. Os invólucros têm que ser retirados antes que ela se transforme novamente de um corpo espiritual com um

corpo astral suplementar num ser humano vivo. Caso se realize sua intenção e ela consiga despertar para uma vida nova dentro de seu invólucro, isso significaria trocar o túmulo pelo sarcófago. Ela sofreria a morte dos enterrados vivos. Mas como desistiu temporariamente, de modo voluntário, de sua força astral, não tenho mais dúvidas.

A fisionomia de Margaret se desanuviou:

— Está bem, pai — disse ela, dando-lhe um beijo. — Ainda assim, parece-me uma horrível degradação para uma rainha e uma mulher.

Fui me dirigindo para a escada, mas ela me chamou:

— Aonde vai?

Virando-me, segurei na sua mão para tocá-la de leve e lhe dizer:

— Quando o serviço terminar, eu volto.

Ela me lançou um demorado olhar acompanhado por um sorriso e disse:

— Talvez seja melhor que fique. Poderá ser importante para sua profissão de advogado.

Riu francamente, logo, porém, se tornou pálida e séria. Com voz embargada de emoção, falou:

— O pai tem razão: é uma ocasião horrível, temos que nos manter sérios. Além disso... Não, justamente por causa disso é melhor que fique, Malcolm. Mais tarde é provável que fique satisfeito por ter estado presente nesta noite.

Meu coração afundou com suas palavras, mas achei melhor não dizer nada. O medo já se instalara entre nós de maneira bastante visível. Enquanto isso, o sr. Trelawny, com a ajuda do sr. Corbeck e do dr. Winchester, já havia levantado a tampa do sarcófago de minério de ferro, onde jazia a múmia da rainha. Era uma múmia de grandes proporções, mas, graças a Deus, não grande demais. Não era apenas comprida, mas também bastante larga e volumosa. Pesava tanto que tivemos que fazer força para retirá-la. Atendendo às instruções do sr. Trelawny, nós a colocamos sobre a mesa já preparada.

Somente agora me sobreveio a compreensão do horror do que estávamos fazendo. Aqui, debaixo da luz ofuscante, o lado material e inferior da morte parecia mais real do que nunca. Os invólucros externos que haviam sido em parte rasgados ou afrouxados por mãos inexperientes e cuja tinta escurecida pelo pó ou pelo atrito tinha sido afetada ficaram amarrotados, como se alguém tivesse lidado com eles de maneira pouco cuidadosa. As beiradas das faixas estavam desfiadas; a

pintura, manchada; e a tinta, descascada. Devido às proporções da múmia, podia-se supor que muitos panos tiveram que ser usados para envolvê-la. Ainda assim, a figura humana era bem reconhecível e inspirava medo por causa dos envoltórios. O que tínhamos diante de nós nada mais era do que a morte. Desaparecera todo o sentimento romântico e emocional de nossa força de concepção. As duas pessoas de idade que, na qualidade de peritos, já haviam feito esse tipo de trabalho estavam no seu elemento e não se mostravam nem um pouco chocadas. O dr. Winchester se mantinha relaxado e em relativa calma, como se estivesse ao lado de uma mesa de operação. Eu, ao contrário, me sentia como uma pessoa angustiada e envergonhado. Além disso, a palidez de Margaret me doía e preocupava. O desenrolar da múmia de gato me preparara um pouco para o que estava por vir. Mas essa múmia era muito maior, e o processo de enfaixamento, bem mais complicado, portanto era completamente diferente. Entretanto, a esse contraste de vida e morte se acrescia a certeza de que aqui se teria usado de mais requinte. O gato fora embalsamado com material grosseiro. No caso presente, tudo era feito com mais cuidado, com fazendas mais finas, o que podia ser visto depois que as faixas externas foram retiradas. Havia apenas o melhor do melhor em resina e especiarias no embalsamento. Em todo caso, as circunstâncias eram as mesmas. Não se podia passar sem o pó vermelho nem sem o cheiro de asfalto, e o som da retirada das bandagens era igual. A quantidade de faixas era incrivelmente grande e ia aumentando a pilha de panos descartados. Enquanto os homens processavam o desenrolar, minha agitação ia crescendo. Eu próprio não cheguei a tomar parte ativa na tarefa. Margaret me olhou agradecida ao notar que eu me afastara. De mãos dadas, assistíamos a toda a operação. Os panos eram cada vez de melhor qualidade, o odor cheirava menos a asfalto, mas em compensação era mais ardido. Logo, todos tivemos a sensação de que o odor nos influenciava muito, de uma maneira ou de outra, apesar de o trabalho continuar incessante. Muitas das ataduras internas traziam símbolos ou imagens, parte em verde-claro, parte em múltiplas cores. Mas sempre predominava a cor verde. Vez por outra, o sr. Trelawny ou o sr. Corbeck apontava para um sinal peculiar antes que o envoltório fosse posto na pilha que crescera de maneira incrível. Finalmente, notamos que a quantidade de faixas ia diminuindo. As proporções da múmia se tornaram aos poucos mais semelhantes às medidas normais da rainha e se podia ver que ela era uma pessoa de estatura acima da média. Com a iminência do fim, a palidez de

Margaret se acentuava; seu coração batia tão forte que seu peito arfava violentamente, e teve muito medo.

Quando seu pai se preparava para retirar a última bandagem, olhou acidentalmente para ela e reparou em seu rosto atemorizado e em sua palidez. Ele estacou, na suposição de que ela sentiria vergonha, e falou de modo consolador:

— Não tenha medo. Olhe só, a rainha usa uma roupagem. Oh, é um verdadeiro traje real!

A última faixa pegava todo o comprimento do corpo, e, ao ser retirada, pudemos ver uma magnífica roupa larga de linho branco, cobrindo o corpo do pescoço aos pés.

E que linho! Nós nos inclinamos para melhor poder admirá-lo. O interesse feminino pela belíssima fazenda venceu o medo de Margaret. Não conseguíamos nos refazer do espanto, pois ninguém em nossos dias jamais havia posto os olhos num linho tão fino. Era fino como a mais fina seda. Contudo, nunca uma seda fora tecida ou fiada formando pequeninas pregas que dessem o efeito de um plissê, apesar de terem se passado milhares de anos. Em volta do decote havia um bordado com fios de ouro puro, formando desenhos de minúsculos ramos de amoreira. Na barra, trabalhada de maneira semelhante, havia uma série infinita de lótus de alturas irregulares, todos no tamanho natural.

Em diagonal por sobre o corpo, porém sem envolvê-lo, havia um cinto cravejado de pedras preciosas. Um cinto belíssimo que faiscava e cintilava em todas as formas, fases e cores do céu.

Uma pedra amarela servia de fivela redonda, profundamente abaulada, como se uma bola tivesse sido pressionada em cima. Brilhava e luzia como se um sol interior a iluminasse, clareando tudo em volta com seus raios. A pedra era flanqueada por duas grandes selenitas de tamanho um pouco menor, cujo brilho ao lado do esplendor da pedra solar dava o efeito do luar.

De ambos os lados, irradiava-se uma série de pedras reluzentes, presas por fivelas douradas de formatos especiais. Cada uma dessas pedras parecia conter uma estrela viva que emitia raios em todas as matizes da luz.

Margaret levantou as mãos, extasiada. Inclinou-se a fim de melhor poder observar. Mas, de súbito, recuou, endireitando-se. E o que ela agora disse, fê-lo com a convicção de quem está familiarizado com o assunto:

— Isso não é uma mortalha. Não era destinada para a morte. É um vestido de noiva.

O sr. Trelawny tocou na roupa de linho. Suspendeu uma preguinha junto ao pescoço e, quando prendeu a respiração, percebi que algo o havia assombrado. Levantou um pouco mais a fazenda, recuou também e disse, fazendo um gesto expressivo:

— Margaret tem razão. Esta roupa não tinha sido pensada como mortalha. Olhem só! O corpo não está vestido com ela, está apenas sobre ela.

Pegou no cinto e o estendeu para Margaret. Então, com ambas as mãos, ele segurou a roupa e a colocou nos braços estendidos da filha. Objetos de tal perfeição são uma tal preciosidade que é necessário manuseá-los com o maior cuidado.

Todos ficamos lá parados, tomados por um profundo respeito ante a beleza da figura que jazia ali nua, somente com um pano a lhe cobrir o rosto. O sr. Trelawny se curvou novamente sobre ela e, com mãos trêmulas, levantou a toalha de linho, tão fina quanto o vestido. Quando deu um passo para trás e toda a beleza sublime da rainha foi exposta, fui tomado de vergonha. Não era direito que estivéssemos ali a fitar a formosura desnuda com olhos desrespeitosos. Era indecente. Não, era quase um sacrilégio. Ainda assim, a maravilha branca dessa figura era tudo com que se podia sonhar. Não tinha aparência de morta; parecia mais uma estátua de Praxiteles esculpida em marfim. Não havia sinal do encolhimento horrendo que a morte traz consigo, nenhum sinal de tensão rugosa geralmente encontrada na maioria das múmias, tampouco a diminuição degenerativa de um corpo dissecado na areia, como eu já vira muitas vezes em museus. Todos os poros, como que por milagre, se encontravam intactos e preservados. A carne era roliça e arredondada como numa pessoa viva; a pele, lisa como cetim. A coloração era extraordinária — como marfim, marfim novo, com exceção daquele lugar no braço direito com o pulso mutilado, ensanguentado e sem a mão, que, durante milhares de anos, permanecera livre do sarcófago.

Seguindo um impulso feminino, Margaret jogou sobre o corpo o belo vestido que segurava nos braços. Percebi que a compaixão a dominara. Seus olhos cintilavam e suas faces enrubesceram. Agora somente estava à mostra o rosto da rainha. Causava em quem o via uma sensação mais desconfortável do que o corpo, pois dava a impressão de estar vivo. As pálpebras fechadas e as longas e curvas

pestanas sombreavam as faces. As orgulhosas narinas arqueadas irradiavam sobrançaria que naturalmente chamaria mais a atenção numa pessoa viva do que numa morta. Os lábios carnudos, ainda que não estivessem abertos, deixavam transparecer ligeiramente a branca fileira dos dentes cor de pérola. Seu cabelo abundante, preto como asas de graúna e lúcido, fora empilhado sobre a testa branca, de onde caíam alguns cachos. A semelhança com Margaret me deixou estarecido, apesar da citação do sr. Corbeck e de a explicação de seu pai me ter preparado para tal fato. Essa mulher — para mim não era nem múmia nem defunto — era a imagem de Margaret como eu a conhecia, e tal semelhança se acentuava pelo enfeite de cabeça engastado de pedras preciosas. Era um disco enfeitado com penas, como o de Margaret. E era feito também de magníficas pedrarias: uma pérola verdadeira com brilho de luar, rodeada por sete selenitas lapidadas.

O sr. Trelawny se mostrava extenuado, à beira de um colapso. Quando Margaret se esforçava, a seu lado, para tomá-lo nos braços e consolá-lo, ouvi que ele murmurava com a voz embargada de emoção:

— Como se estivesse aqui deitada, morta, minha filha.

Fez-se um silêncio. Escutei a violência do vento que aumentava lá fora, prenunciando uma tempestade, e ainda as ondas na arrebentação. Afinal, o sr. Trelawny quebrou o mutismo.

— Mais tarde teremos que descobrir como foi feito o embalsamento nesse caso. De qualquer modo, é completamente diferente do processo normal que conheço.

Falta um tipo de corte para retirar as entranhas que obviamente ficaram intactas no corpo. Fora isso, a carne perdeu o líquido e a umidade naturais. No lugar deles foi introduzida outra coisa. Quase parece como se, por meio de um complicado processo, as veias tivessem sido injetadas com cera ou estearina. Pergunto-me se existe a possibilidade de antigamente já se conhecer a parafina. Seria concebível que, de algum modo desconhecido para nós, tivessem sido infiltradas nas veias, onde endureceram.

Margaret, que estendera um lençol branco sobre a rainha, pediu-nos que levássemos o corpo para seu quarto, onde o deitamos sobre a cama. Então, mandou-nos sair com as palavras:

— Deixem-me sozinha com ela. Muitas horas devem ainda se passar, e eu não gostaria que ela ficasse sob luz forte. Talvez tenha sido o casamento para o qual ela se preparou, o casamento da morte. Ela deve pelo menos usar seu lindo vestido.

Quando Margaret me levou mais tarde para seu aposento, a rainha trajava a roupa de fino linho, bordada a ouro, e a valiosa joia fora colocada no devido lugar. Em volta dela ardiam as velas, e sobre seu peito foram postas flores brancas.

De mãos dadas, ficamos parados a mirá-la. Então, Margaret, suspirando profundamente, cobriu-a com o alvo lençol e se virou. Depois que a porta foi fechada devagar, ela voltou comigo para onde se encontravam os outros, reunidos nesse ínterim na sala de jantar, onde discutimos sobre tudo o que acontecera e também sobre o que ainda estava por vir. Novamente fui obrigado a verificar que nos esforçávamos para manter viva a conversa, como se entre nós houvesse agora certa insegurança. A longa espera exigiu demais de nossos nervos. Tornara-se claro para mim que o sr. Trelawny sofria mais do que imaginávamos ou que ele próprio quisesse demonstrar as consequências de seu longo transe. Certamente sua força de vontade e de decisão continuavam a mesma, mas sua constituição corporal esmorecera, o que era natural, afinal nenhum ser humano pode ficar desacordado durante um período de quatro dias sem se enfraquecer.

Com o passar das horas, o tempo se arrastava. Os outros pareciam dominados pelo sono. Eu me perguntava se no caso de Trelawny e de Corbeck, que já haviam ficado sob a influência hipnótica da rainha, esse mesmo estado de sonolência não estaria se manifestando. O dr. Winchester, pelo contrário, demonstrava períodos de abstração, que com o tempo foram se tornando cada vez mais prolongados e frequentes. No que se referia a Margaret, a tensão era bem visível. Sua palidez e quietude se acentuavam, até que à meia-noite comecei a ficar seriamente preocupado. Eu a convenci a ir comigo para a biblioteca a fim de repousar um pouco no sofá. Como o sr. Trelawny havia decidido que a experiência deveria ser realizada exatamente na sétima hora depois do pôr do sol, seriam três horas da madrugada quando a iniciariamos. Mesmo que demorássemos uma hora inteira com os preparativos finais, ainda nos restariam duas horas de espera. Prometi a ela de pés juntos que a acordaria a qualquer hora que ela quisesse, mas ela se recusava a dormir. Assegurou-me, com um sorriso encantador, que não estava cansada, e sim disposta a permanecer acordada.

Tensão e agitação eram as causas de sua palidez. No fim, entreguei os pontos, mas fiquei conversando com ela durante mais de uma hora sobre diversos assuntos, de modo que tive a sensação de que o tempo ficara mais curto para ela quando voltamos ao quarto de seu pai. Encontramos os três homens calados. Com valentia e coragem, conformavam-se em ficar em silêncio, sabendo que haviam feito tudo o que estava em suas forças. E esperamos, esperamos. Quando o relógio bateu duas horas, ficamos animados. As sombras que baixaram sobre nós durante as longas horas passadas pareciam ter se afastado. Cada um de nós se sentia bem acordado e cheio de zelo pelo trabalho. Em primeiro lugar, nós nos certificamos de que as janelas estavam fechadas e pegamos nossas máscaras para tê-las à mão na hora apropriada. Desde o início, planejáramos utilizar essas máscaras, pois não sabíamos se vapores envenenados sairiam do recipiente mágico. Ninguém pensou que talvez não o conseguíssemos abrir.

Então, sob as instruções de Margaret, levamos o corpo mumificado da rainha Tera do quarto dela para o de seu pai e o colocamos sobre um divã. Estendemos livremente o lençol sobre ela, de modo que, se acaso despertasse, pudesse se desvencilhar com facilidade dele. A mão decepada foi posta no lugar previamente destinado, sobre o peito, e, sob a mão, a joia das sete estrelas que o sr. Trelawny havia tirado do grande cofre. Era uma estranha visão. Os homens do grupo, sérios e silenciosos, trouxeram a figura inerte que parecia feita de marfim, deixando para trás as velas acesas e as flores brancas. Nós a colocamos sobre o divã naquele outro aposento, onde a forte luz elétrica incidia sobre o sarcófago localizado no centro, pronto para a última experiência, a grande experiência, que seria a coroação de longos anos de pesquisas feitas por esses dois cientistas viajados. Novamente, toda a situação da terrível semelhança entre Margaret e a múmia se tornou desconfortável. Quando finalmente tudo estava pronto, três quartos de hora já se haviam passado. Margaret acenou para mim, ambos saímos e fomos pegar Silvio. Ronronando, ele veio ao nosso encontro. Ela o segurou e me entregou. Depois, fez algo que me tocou estranhamente e me conscientizou de como era desesperador o empreendimento que tínhamos pela frente. Apagou as velas com cuidado, uma após a outra, e as colocou de volta no lugar de costume. Disse:

— Não precisaremos mais delas. Aconteça o que acontecer, vida ou morte, agora já não há necessidade de ficarem acesas.

Pegou Silvio de novo em seus braços e abraçou fortemente o animal que ronronava alto. Fomos assim ao encontro dos outros. Fechei a porta atrás de mim e tive a sensação de não podíamos mais voltar atrás. Pusemos nossas máscaras e tomamos nossos lugares como havíamos combinado. Eu deveria ficar ao lado da porta, perto dos interruptores, e ligá-los de acordo com as instruções do sr. Trelawny. O dr. Winchester ficaria postado atrás do divã, a fim de que não se interpusse entre a múmia e o sarcófago. Sua obrigação era a de observar todos os eventos em relação à rainha. Margaret ficaria ao lado dele. Continuava segurando Silvio nos braços, para colocá-lo sobre o divã ou perto dele, caso achasse que deveria fazê-lo. O sr. Trelawny e o sr. Corbeck tomaram a si a tarefa de acender as lamparinas. Quando os ponteiros do relógio se aproximaram da hora aprazada, ambos estavam a postos.

O badalar prateado da hora soou em nossos corações como um repicar do destino. Um, dois, três. Já antes da terceira badalada as mechas das lamparinas haviam começado a arder e desliguei a luz elétrica. As chamas tremeluziam ainda, de modo que o aposento tomou formas sinistras depois que as luzes elétricas foram apagadas, e essas formas pareciam se modificar continuamente. Com o coração martelando forte, ficamos à espera. Senti meu coração pulsando muito e imaginei ouvir as batidas dos outros. Os segundos se arrastavam em vagaroso silêncio. Era como se o mundo inteiro tivesse parado. Os vultos dos participantes eram confusos, e apenas o vestido branco de Margaret se destacava. As máscaras disformes que usávamos nos faziam parecer ainda mais esquisitos. A fraca luz das lamparinas recaía sobre o queixo anguloso do sr. Trelawny, sobre sua boca firme e sobre a morena face barbeada do sr. Corbeck. Os olhos reluziam sob a incidência da luz. Do lado oposto do aposento, os olhos do dr. Winchester brilhavam como estrelas, enquanto os de Margaret luziam como sóis negros. Os de Silvio, ao contrário, viraram esmeraldas. Será que essas lamparinas nunca mais queimariam com força total?

Tal cena, contudo, teve a duração de poucos segundos, até que realmente as lamparinas se acenderam. Era uma luz calma, contínua, aumentando sempre e mudando da cor azul para branco cristal. Assim permaneceram durante algum tempo, sem que houvesse qualquer tipo de mudança no recipiente. Mas, então, apareceu um fraco brilho em volta dele, que ia num crescendo, até que se transformou, dando a impressão de uma joia resplandecente, com algo vivo, cuja

proveniência fosse a luz. Esperamos, enquanto nossos corações quase paravam de bater.

De súbito, ouvimos um barulho como se fosse uma pequena explosão abafada e a tampa se levantou alguns centímetros. Não havia possibilidade de engano, uma vez que o aposento ficou todo iluminado. A tampa começou a se inclinar para um dos lados, como se estivesse cedendo a alguma pressão. O recipiente brilhava como antes e apenas uma ligeira fumaça esverdeada emanava dele, sendo que não consegui identificar logo o odor, porque eu estava usando a máscara. Notei, porém, que era cáustico. A fumaça se expandia e se tornava cada vez mais densa, como um intenso nevoeiro até, que, finalmente, escureceu o quarto inteiro. Tive vontade de correr para Margaret, que eu ainda podia distinguir através do nevoeiro e que se posicionava por trás do divã. Mas, enquanto eu olhava para ela, o dr. Winchester caiu. Não estava desmaiado, porque acenava com força, como se quisesse dar a todos um sinal de que ninguém deveria se aproximar dele. Agora os vultos do sr. Trelawny e do sr. Corbeck se tornaram confusos, até que, no fim, eu não podia mais distingui-los. O recipiente continuava incandescente, porém a luz das lamparinas diminuía sensivelmente. Pensei primeiro que seu brilho tivesse sido abafado pela densa fumaça negra, porém percebi que, uma após outra, elas se apagaram. Devem ter gastado muito rapidamente o combustível para terem produzido chamas tão fortes.

Fiquei esperando ouvir a cada momento uma ordem para que eu ligasse a luz. Mas a ordem não veio. Esperei um pouco mais, enquanto, do recipiente iluminado por dentro, saltavam nuvens negras espessas e as lamparinas se apagavam. Finalmente, só uma delas permanecia acesa e sua cor era de um azul claro bruxuleante. A única fonte de luz existente no aposento era agora a do recipiente incandescente. Eu não desviava os olhos de Margaret, porque ela era a única pessoa que me preocupava. Eu ainda podia vislumbrá-la vestida de branco por trás daquela que se achava esticada em cima do divã. O miar queixoso de Silvio demonstrava seu desagradável mal-estar. Fora isso, não se ouvia nenhum barulho. A fumaça negra se tornava mais densa e seu forte cheiro penetrava no nariz e nos olhos, provocando lágrimas. Mas, com o correr do tempo, pareceu-me que a fumaça ia diminuindo e já não era tão densa quanto antes. Percebi igualmente que, onde ficava o divã, alguma coisa se movera. Eu podia até distinguir vários movimentos. Havia uma cintilação branca na fumaça espessa.

Infelizmente, a incandescência do recipiente foi diminuindo com muita rapidez. Ainda se ouvia o gato Silvio, mas agora seu miado vinha de bem perto. Logo a seguir senti como ele se enroscava, amedrontado, nas minhas pernas.

De repente, o restinho de luz sumiu. Através da real escuridão egípcia, podia-se divisar pequenas beiradas brancas em volta das persianas. Minha sensação era a de que o período de silêncio passara. Tirando a máscara do rosto, exclamei:

— Devo acender a luz? — Ninguém respondeu. Antes que a fumaça pudesse me sufocar, tornei a exclamar, desta vez mais alto: — Sr. Trelawny, devo acender a luz?

Ele não respondeu, mas a voz de Margaret se fez ouvir clara e linda como a de um sininho:

— Sim, Malcolm.

Apertei o interruptor e as lâmpadas se acenderam. Contudo, elas nada mais eram do que pontinhos no meio das nuvens escuras. O ar se tornara tão impregnado de fumaça que a luz não conseguia atravessá-la. Corri ate onde estava Margaret, orientando-me pelo seu vestido branco, e lhe segurei a mão. Ela sentiu meu medo e falou imediatamente:

— Comigo está tudo bem.

— Deus seja louvado — falei.

— E como estão os outros? Rápido, temos que abrir as janelas para que a fumaça possa sair.

Sua resposta veio num tom sonolento, o que me admirou:

— Ora, eles irão se refazer logo. Nada aconteceu com eles.

Não lhe perguntei como havia chegado a essa conclusão. Em vez disso, abri portas e janelas.

Depois de alguns segundos já se notava melhoras, porque a espessa fumaça negra se dispersava. As luzes ganharam força e, afinal, pude enxergar tudo com nitidez. Os outros haviam desfalecido. O dr. Winchester estava deitado de costas perto do divã. Atrás do sarcófago, jaziam o sr. Trelawny e o sr. Corbeck. Como me senti aliviado ao perceber que, apesar da inconsciência, o peito dos três se abaixava e levantava. Eles davam a impressão de estarem em transe. Margaret ainda continuava por trás do divã. Parecia atordoada. Mas, a cada instante que passava, eu podia ver que ela se dominava. Adiantou-se e me ajudou a suspender o

pai, que arrastamos até a janela. Juntos levamos também os outros dois para o mesmo lugar. Margaret correu para a sala de jantar e voltou com uma garrafa de *brandy*. Todos, um após o outro, receberam um pouco de bebida. Alguns minutos depois de eu escancarar a janela, os três já apresentavam visíveis melhoras. Durante todo o tempo, meu empenho se concentrava na recuperação deles. Mas agora que eles já se encontravam de posse de sua consciência, pude olhar em volta do aposento a fim de examinar o efeito da experiência. A fumaça espessa se desfizera e sobrara no recinto apenas um estranho odor acre e certa névoa.

O grande sarcófago continuava intacto. O recipiente semelhante a uma arca permanecia aberto. No seu interior havia cinzas negras, espalhadas pelas diversas repartições feitas do mesmo material do sarcófago. Tudo o que havia dentro do aposento, do sarcófago e do recipiente, fora coberto por uma camada de fuligem oleosa. Aproximei-me do divã. O lençol branco fora posto para o lado e afastado como se alguém tivesse se levantado.

Nenhum sinal da rainha Tera.

Peguei a mão de Margaret e a levei até o divã. Hesitante, ela deixou o pai sozinho, de quem havia cuidado com todo o carinho. Em voz baixa, falei-lhe:

— O que aconteceu com a rainha? Diga-me. Você estava bem perto dela e deve ter visto o que se passou.

Também em voz baixa ela retrucou:

— Não pude ver nada. Não desviei os olhos do divã até que a fumaça se tornou espessa demais, porém não aconteceu nada. Tudo se tornou tão escuro que não consegui enxergar mais nada. Pareceu-me ouvir um movimento bem perto de mim. Pode ter sido o dr. Winchester que caiu no chão. Não tive certeza. Pensando que se tratasse da rainha que estava ressuscitando, soltei Silvio no chão. O que houve com ele, não vi. Quando escutei seu miado perto da porta, pareceu-me como se eu o tivesse abandonado, deixando-o em apuros. Tomara que ele não tenha ficado muito zangado.

Como resposta, Silvio veio correndo e se postou perto de Margaret, cutucando-a com as patas dianteiras, para ser tomado nos braços. Ela se curvou e o suspendeu, acarinhando-o e tentando consolá-lo.

Agora comecei a fazer um minucioso exame do divã e do que se encontrava à sua volta. Quando o sr. Trelawny e o sr. Corbeck se levantaram, refeitos, o que no

caso deles acontecera mais depressa do que com o dr. Winchester, todos juntos iniciamos um segundo exame.

Uma pequena quantidade do mais fino pó, que recendia estranhamente ao cheiro de defunto, era tudo o que pudemos descobrir. O enfeite de cabeça da rainha e a joia das Plêiades, onde se viam as palavras que tinham poder sobre os deuses, se encontravam sobre o divã.

Eram os únicos sinais do que acontecera. Nossa suposição de que a múmia desistira da existência física foi reforçada por uma única indicação: no sarcófago que ficava no hall também havia somente um montinho semelhante de pó.

Margaret e eu nos casamos no outono. Ela usou no casamento o vestido da múmia, bem como o cinto e o enfeite de cabeça. Sobre o peito, cintilava a pedra das Plêiades, presa por um aro de ouro com feitio de lótus, aquela pedra onde se viam as palavras às quais obedeciam os deuses de todos os mundos.

Essas palavras gravadas podem ter tido seu efeito, pois Margaret sempre as seguiu e eu não poderia imaginar vida mais feliz do que a minha.

Estamos frequentemente em pensamento com a grande rainha e falamos dela com naturalidade. Uma vez, quando lamentei o fato dizendo sentir que ela não tivesse podido despertar para nenhuma vida nova num novo mundo, minha mulher falou, pondo suas mãos nas minhas, com o olhar dirigido ao longe, expressivo, mas ao mesmo tempo sonhador, que de vez em quando tomava conta dela.

— Não fique triste por causa de Tera. Quem sabe ela não encontrou o que procurava? Amor e paciência trazem a maior felicidade neste mundo, tanto no presente quanto no futuro, nos vivos quanto nos mortos. Ela teve seu sonho. Mais do que isso também não podemos exigir.

A toca do verme branco

Capítulo 1

ENTRA ADAM SALTON

Ao entrar na hora costumeira no Empire Club em Sidney, Adam Salton encontrou uma carta de seu tio-avô. Tivera notícias desse senhor pela primeira vez há mais ou menos um ano, quando Richard Salton se apresentara através de uma carta como parente, lamentando a demora em conseguir contato com o sobrinho-neto, pois tivera muita dificuldade em encontrar seu endereço.

Adam ficou bastante encantado e escreveu de volta com cordialidade.

Quantas vezes ouvira o pai falar desses parentes com os quais havia muito tempo deixara de ter qualquer ligação! Desde então houve uma animada troca de correspondência entre eles.

Por esse motivo, Adam abriu, ansioso, a carta que acabara de chegar e que continha um convite muito amável de seu tio-avô para que fosse visitá-lo em Lesser Hill, por tempo indeterminado.

“Para ser sincero, devo dizer-lhe que tenho muita esperança de que venhas a instalar-te em definitivo aqui”, dizia a missiva. “Meu caro rapaz, como deves saber, somos os últimos de nossa linhagem e seria muito bom se, no momento oportuno, viesses a ser o meu sucessor. Neste ano da graça de 1860, estou beirando os oitenta anos. Apesar de descendermos de uma família longeva, existem certos limites para o tempo de vida, isso nos diz o bom senso. Sabes da simpatia que tenho por ti e podes estar certo de que tudo farei que esteja ao meu

alcance para tornar nosso convívio muito feliz. Portanto, peço-te que partas tão logo recebas esta carta, a fim de que em breve eu te possa dar as boas-vindas. Na suposição de que irá ser de alguma ajuda para a tua viagem, envio-te um cheque de duzentas libras. Não demore, para que possamos usufruir juntos de muitos dias felizes. Se for possível dar-me a alegria de te conhecer pessoalmente, mande-me o quanto antes uma carta comunicando a data da tua chegada. Quando chegares a Plymouth, Southampton, ou seja o porto que for, espere por mim a bordo. Eu me apressarei para dar-te o meu abraço, o quanto antes.”

O velho sr. Salton ficou muito contente ao receber a resposta positiva de Adam, e, imediatamente, mandou um empregado à residência de Sir Nathaniel de Salis, seu amigo mais íntimo, a fim de comunicar-lhe que o sobrinho-neto deveria chegar a Southampton no dia 12 de junho.

Em seguida, determinou que fosse aprontada uma carruagem bem cedo naquele dia importante, para levá-lo a Stafford, onde queria esperar pelo trem das 11h40. Pretendia passar a noite a bordo do trem com seu sobrinho-neto, o que seria para ele um acontecimento interessante, ou então em um hotel, dependendo da preferência de seu hóspede.

Em todo o caso, deveriam fazer a viagem de volta para casa na manhã seguinte. Além disso, deu ainda ordens a seu administrador para que enviasse a carruagem grande para Southampton, a fim de que estivesse à disposição deles para a viagem de volta. Cavalos de sua propriedade deveriam estar disponíveis para a troca a determinados intervalos. Ele queria mostrar a parte rural da Inglaterra ao sobrinho-neto, que até então passara toda a sua vida na Austrália. O sr. Salton possuía um grande número de cavalos, de sua própria criação, que ele mesmo adestrara para puxarem as carruagens. Dessa maneira, poderia assegurar ao rapaz uma viagem inesquecível.

A bagagem deveria ser enviada a Stafford pelo trem, onde seria apanhada por uma de suas carruagens.

Durante a viagem para Southampton, o sr. Salton perguntou-se várias vezes se seu sobrinho-neto também aguardava com tanta ansiedade quanto ele o primeiro encontro com um parente próximo. Somente a muito custo conseguia conter a sua impaciência. Os trilhos intermináveis e as guaritas sinalizadoras das docas de Southampton davam-lhe cada vez mais ânimo.

Enquanto o trem entrava no cais, ele juntou a sua bagagem de mão. Então, a porta do vagão foi aberta com violência, e um jovem entrou com um pulo.

— Como vai, querido tio? Eu o reconheci imediatamente pelo retrato que me mandou. Não quis demorar para conhecê-lo. Aqui tudo ainda é muito estranho para mim e eu não sabia o que fazer. Bem, aqui estou. E me sinto imensamente feliz, senhor, em vê-lo. Há milhares de quilômetros venho sonhando com esta felicidade. E agora percebo que a realidade supera o sonho. — Enquanto ele assim se expressava, o velho e o rapaz trocavam um caloroso aperto de mão.

O encontro que tivera um início tão promissor decorreu de maneira bastante agradável.

Ao notar o interesse que o navio despertara no velho senhor, porque era novidade para ele, Adam propôs passarem a noite a bordo. Ele, por seu lado, estava disposto a partir quando e para onde o outro quisesse. Essa solicitude cordial em adaptar-se aos seus planos cativou por completo o coração do sr. Salton. Satisfeito, aceitou de bom grado o convite e logo o seu relacionamento, baseado em simpatia mútua, transformou-se em amizade, como se já se conhecessem havia muito tempo. O coração do velho, que se sentia vazio de longa data, enchia-se de alegria. O rapaz, por outro lado, ao chegar à pátria dos antepassados, pôde constatar que a maneira como fora recebido e tudo mais ao redor correspondiam aos sonhos de sua vida de solidão e que teria pela frente uma existência nova e emocionante.

Não demorou muito e o velho senhor já o chamava pelo nome de batismo, aprofundando dessa maneira ainda mais o relacionamento entre eles. Depois de uma conversa longa a respeito de assuntos que interessavam a ambos, recolheram-se à cabine que deveriam ocupar juntos. Carinhosamente, Richard Salton colocou as mãos sobre os ombros do rapaz — pois, apesar de seus 27 anos, Adam ainda era um rapaz, e sempre seria para o tio-avô.

— Estou tão contente, meu caro jovem, por você ser exatamente como eu havia sonhado que fosse, assim como sempre esperei por um filho, quando ainda havia essa esperança para mim. Mas isso agora faz parte do passado. Graças a Deus, tem início agora para nós dois uma nova existência. Você ainda tem uma boa parte da vida pela frente e nos resta bastante tempo para podermos ficar juntos. Era minha intenção tocar nesse assunto somente depois que nos conhecêssemos melhor, pois eu era de opinião que não seria bom que eu atrelasse

a sua juventude à minha velhice antes que nosso relacionamento justificasse tal risco. Agora, no entanto, já posso tratar desse assunto com toda a franqueza, se concordar, pois desde o momento em que botei os olhos em você, veio a ser para mim o filho, como sempre sonhei!

— Sim, concordo com o senhor de todo o coração!

— Adam, sou muito grato a você. — Os olhos do velho se encheram de lágrimas e sua voz tremeu. Após um longo silêncio, ele continuou: — Quando enfim tive a certeza de que você realmente planejava vir, fiz o meu testamento. A partir daquele momento, decidi defender os seus interesses. Aqui está o documento, Adam. Fique com ele. Tudo o que possuo vai lhe pertencer também. E se houver amor e boa vontade, ou a recordação vier a suavizar a vida, então estou certo de que será muito feliz. E agora, meu filho, vamos descansar. Começaremos logo cedo pela manhã e teremos uma longa viagem pela frente. Espero que não se importe em viajar longas distâncias de carruagem. A princípio eu estava disposto a pegar a velha carruagem que meu avô, o tio-avô de seu pai, usava em suas viagens para a corte de Guilherme IV. Essa antiga carruagem está em perfeitas condições, pois naquela época ainda se realizava um trabalho sólido, e sempre foi mantida em bom estado. Penso, porém, ter procedido de maneira mais sensata, pedindo que me mandassem a minha própria carruagem. Os cavalos são da minha criação e deverão ser trocados durante toda a viagem a intervalos regulares. Espero que goste de cavalos. Durante uma grande parte de minha vida tive grande interesse por eles.

— Gosto muito de cavalos — retrucou Adam, entusiasmado — e me sinto feliz por ter alguns. Quando eu tinha 18 anos, meu pai me deu de presente uma coudelaria. Dediquei a ela muito do meu trabalho e do meu esforço e obtive sucesso. Antes de viajar, meu administrador me entregou uma relação, da qual se infere que temos mais de mil cabeças, todas em bom estado.

— Isto me deixa muito contente, meu filho. É mais um laço que nos une!

— É esplêndido poder conhecer tanto da Inglaterra, e ainda por cima em sua companhia.

— Mais uma vez obrigado, meu filho. Durante a viagem irei relatando tudo a respeito do seu futuro lar e do seu novo ambiente. Viajaremos como nos velhos tempos. Meu avô sempre viajava em uma carruagem puxada por uma parelha de quatro cavalos, e você também o fará.

— Muito obrigado, senhor. Poderei conduzi-las eu mesmo de vez em quando?

— Sempre que tiver vontade, Adam. A parelha lhe pertence. E cada cavalo que vier a ser atrelado durante o trajeto será seu igualmente.

— Tio, o senhor está sendo generoso demais!

— De modo algum. Trata-se apenas do prazer de um velho egoísta. Afinal, não é todo dia que acontece a chegada do herdeiro que volta à casa de seus antepassados. Ora, vamos... Não, é melhor que nos deitemos agora. Amanhã você tomará conhecimento do restante.

Capítulo 2

OS CASWALL DE CASTRA REGIS

Durante toda a sua vida, o sr. Salton fora sempre um madrugador. Acordou na hora de costume na manhã seguinte — não era mesmo possível pensar em um sono mais prolongado com todo aquele barulho constante no navio provocado pela vibração e o chiado das roldanas da grande embarcação — e logo se deparou com os olhos de Adam, que, do seu beliche, o fitavam. Seu sobrinho-neto lhe havia cedido o sofá e fora se deitar no beliche inferior.

Apesar de sua ótima condição física e sua habitual agilidade, o velho senhor sentia-se ainda bastante cansado devido à viagem do dia anterior e à conversa prolongada e emocionante.

Por esse motivo, não se incomodou de ficar deitado descansando um pouco mais, enquanto perscrutava o ambiente, que lhe era estranho.

Adam, de acordo com o costume do campo que sempre norteara sua vida, também havia acordado cedo, ao amanhecer, e estava com disposição para enfrentar as aventuras do novo dia, assim que seu companheiro mais idoso sentisse vontade. Não era pois de admirar que ambos se levantassem ao mesmo tempo e que fossem se vestir. Havia orientado o camareiro para que lhes aprontasse o café da manhã bem cedo, de modo que não demorou muito para que os dois descessem pelas escadas até o passadiço do navio e se pusessem à procura da carruagem.

Encontraram o administrador do sr. Salton, que já se encontrava na doca à espreita de ambos. Ele os levou diretamente ao local onde se encontrava a carruagem. Richard Salton tratou de enumerar ao seu jovem acompanhante todas as vantagens que faziam do veículo uma excelente carruagem para viagens. Uma parilha de quatro cavalos, sendo que dois dos animais eram montados por batedores.

— Pode ver — explicou o velho, orgulhoso — que a minha carruagem dispõe de tudo o que possa tornar agradável uma viagem: tranquilidade, isolamento e, sobretudo, rapidez. Nada impede que os passageiros apreciem o panorama, e ninguém pode escutar o que está sendo dito no interior da carruagem. Há 25 anos que a utilizo e ainda não encontrei outra que fosse mais confortável do que esta. Mas esse fato você mesmo poderá constatar durante o nosso trajeto pelo centro da Inglaterra. No caminho, vou continuar a expor o que já lhe falei ontem por alto. Nossa rota será através de Salisbury, Bath, Bristol, Cheltenham, Worcester, Stafford e de lá para casa.

Adam ficou por alguns minutos em silêncio, enquanto deixava que seus olhos vagassem ao redor, até a linha do horizonte. Finalmente, perguntou:

— Nossa viagem tem, por acaso, alguma coisa a ver com o que o senhor quis me dizer ontem?

— Não diretamente, mas sim indiretamente.

— Então por que o senhor não me diz? Como vejo, sei que não nos ouvirão aqui. E se, no caminho, algo lhe parecer digno de nota, basta acrescentar. Pode estar certo de que vou entender.

E assim, o velho Salton falou:

— Adam, vamos começar do início. Aquela sua palestra, “Os Romanos na Britânia”, cujo manuscrito me enviou pelo correio, me fez pensar a respeito de suas predileções. Naquela época respondi imediatamente à sua carta, pedindo que regressasse, pois, de repente, me veio a ideia de que, considerando seu interesse pelas pesquisas históricas, este seria o lugar adequado para você, além de ser o país dos seus antepassados. Se já teve a capacidade de averiguar tanta coisa sobre os romanos na Britânia, partindo de Nova Gales do Sul, onde não existe nenhuma tradição romana, aqui então poderá reunir um material bem mais farto. Nosso objetivo é o centro do antigo reinado de Mercia, onde podem ser encontrados

vestígios das inúmeras tribos que formavam o conglomerado que mais tarde viria a ser a Britânia.

— Antes cheguei a pensar que o senhor tivesse um motivo mais preciso e mais pessoal, para insistir no meu regresso. Afinal, a história não foge, a não ser que nós mesmos queiramos.

— Perfeitamente, meu filho. Como bem desconfiou, eu tinha uma razão para o meu pedido. Eu queria tê-lo sem falta a meu lado, para o caso de acontecer um fato realmente importante na nossa história local.

— Posso lhe perguntar do que se trata, senhor?

— Mas é evidente. O maior latifundiário da nossa parte do condado está para regressar, e estão lhe preparando uma grandiosa recepção, à qual talvez você gostasse de assistir. Há, no entanto, a circunstância muito peculiar de que os diferentes proprietários que se seguiram uns aos outros durante mais de um século sempre viveram no exterior, com a exceção de um curto espaço de tempo.

— Como aconteceu isso, se me é permitido perguntar?

— Em nossa região, Castra Regis é a maior herdade feudal e também a mais extensa propriedade. É a residência da família Caswall. O último dono que de fato viveu lá foi Edgar Caswall, o avô do homem que deverá chegar muito em breve. Aquele foi o único que se demorou um pouco mais de tempo por aqui. O avô desse homem, seguindo a tradição da família, também tinha o nome de Edgar. O antigo Edgar Caswall teve desavenças com a família e resolveu partir para o exterior a fim de cortar toda e qualquer relação com os parentes, fosse ela boa ou má. Apesar disso, vez por outra, fazia uma visita à propriedade da família. Seu filho nasceu no exterior, lá viveu e lá veio a falecer. O seu neto, o último herdeiro, também nasceu no exterior e continuou a viver por lá até agora. Essa já é segunda geração que abandonou a pátria.

“Há mais de 120 anos, e isto corresponde a cinco gerações, a grande propriedade de Castra Regis não tem visto seu proprietário. É bem verdade que a herdade foi sempre administrada muito bem, de modo que nenhum dos arrendatários ou dos que nela trabalhavam tiveram algum motivo de queixa. Mas, mesmo assim, é mais do que natural que todos tenham vontade de conhecer o novo dono e é com grande alegria que aguardam a sua chegada. Também estou ansioso, ainda que minha propriedade, mesmo fazendo divisa com as terras dos Caswall, fique bem distante de Castra Regis. E agora estamos pisando em terreno

que lhe é desconhecido. Esta é a torre da Catedral de Salisbury. Assim que a deixarmos para trás, estaremos nos aproximando do antigo domínio romano, região que certamente vai querer conhecer melhor. Por isso, continuaremos com os pensamentos voltados para a Mercia antiga. O meu bom amigo, Sir Nathaniel de Salis, que, como eu, é fazendeiro perto de Castra Regis — a sua propriedade, Doom Tower, fica situada além da demarcação com Derbyshire, no alto do Peak — será meu hóspede durante as festividades, por ocasião da chegada de Edgar Caswall. Ele é um homem com quem logo vai simpatizar, pois o que mais o interessa é a história. Por esse motivo ele é o presidente da Sociedade Arqueológica de Mercia. Mais do que qualquer outra pessoa, ele sabe a respeito de nossa região, de sua história e de seus habitantes. Creio que ele já deve ter chegado antes de nós. Após o jantar, nós três poderemos ter uma longa conversa. Sir Nathaniel dedica-se igualmente aos aspectos geológicos e científicos de nossa região. Ambos descobrirão que têm vários interesses em comum. Entre outras coisas, ele tem um profundo conhecimento de Peak e de suas grutas. É claro que também conhece todas as lendas antigas da era pré-histórica.”

Passaram a noite em Cheltenham e, na manhã seguinte, prosseguiram em sua viagem para Stafford. Para Adam, havia muita coisa, tanto para ver como para observar. Somente quando o sr. Salton explicou que agora haviam chegado à última etapa da viagem é que ele voltou a falar da visita a Sir Nathaniel.

Já estava anoitecendo quando se aproximaram de Lesser Hill, a propriedade do sr. Salton. Devido à penumbra, não era mais possível reconhecer pormenores da redondeza. Adam pôde unicamente verificar que a casa ficava situada no alto de um morro, não tão alto quanto um outro, coroado por um castelo em cuja torre tremulava uma bandeira e que se encontrava todo iluminado por luzes que iam de um lado para o outro, sinal de que os preparativos para festividades do dia seguinte estavam em pleno andamento. Adam conteve a curiosidade até a manhã seguinte.

Na entrada, seu tio-avô foi recebido por um senhor idoso e de aparência distinta, que o cumprimentou cordialmente.

— Cheguei bem cedo, como me pediu. Este certamente é o seu sobrinho-neto. Prazer em conhecê-lo, sr. Adam Salton. Sou Nathaniel de Salis. Seu tio é um dos meus mais amigos antigos.

Desde o primeiro instante do encontro, Adam teve a sensação de que já eram bons amigos. Esse encontro foi mais uma forma de lhe dar as boas-vindas, além das que já ouvira.

A cordialidade com que Sir Nathaniel e Adam mantiveram um com o outro facilitava muito a troca de ideias entre eles. Sir Nathaniel era uma pessoa inteligente, um homem muito viajado e em sua profissão era considerado um sábio. Como se podia esperar de um bom diplomata, sua conversa era brilhante, mesmo que as circunstâncias não fossem as mais estimulantes. Contudo, nesse caso, ele ficou sensibilizado pela admiração do jovem e de seu desejo de aprender com ele, e isso o estimulava até certo ponto.

Aconteceu então que a conversa que iniciaram em um clima de amizade dentro de pouco tempo alcançava um grau de fervoroso interesse. Tal fato o velho diplomata mencionou ao sr. Richard Salton no dia seguinte, demonstrando muita benevolência. Já havia sabido que seu velho amigo iria dizer ao seu sobrinho-neto tudo sobre o assunto que tinha em mente e que no trajeto do Peak até a casa deveria ter exposto seu caso de maneira clara e compreensível. Para isso era unicamente necessário que Adam se dispusesse a ouvir com atenção, para se inteirar do que o interessava. Depois do jantar, quando os empregados já se haviam retirado, e os três homens estavam tomando vinho, Sir Nathaniel reiniciou a conversa:

— Como eu soube pelo seu tio... A propósito, vamos ficar com os termos tio e sobrinho em vez de usar os graus de parentesco verdadeiros? Como dizia, seu tio é para mim um amigo tão antigo e fiel que, com a sua licença, quero chamá-lo de Adam, como se fosse o filho dele.

— Para mim, nada seria mais agradável — respondeu o rapaz.

Sua resposta comoveu os corações dos velhos senhores, porém, como legítimos ingleses, instintivamente esquivaram-se de falar sobre temas pessoais, preferindo voltar ao assunto anteriormente abordado. Sir Nathaniel conduziu a conversa.

— Então, segundo eu soube, seu tio o deixou bem informado a respeito das condições existentes na família Caswall, certo?

— Em parte, porque maiores informações e pormenores parece que eu deveria saber pelo senhor, se quiser ter a bondade.

— Com a maior satisfação, direi tudo o que sei. Pois bem, o primeiro Caswall de quem temos notícias era Edgar, chefe da família e dono das terras, tendo obtido sua posse mais ou menos na época da morte de George III. Quando o filho de Edgar tinha aproximadamente 24 anos, ambos tiveram uma briga muito violenta. Ninguém jamais soube o motivo da desavença, mas, de acordo com o caráter colérico existente na família, podemos crer que se tenha tratado de uma coisa insignificante. Não obstante, a briga foi feia mesmo e muito tumultuada.

“Como consequência dessa desavença, o filho deixou a casa paterna sem reconciliar-se com o pai e sem sequer dizer para onde iria. Nunca mais haveria de voltar. Poucos anos mais tarde morreu, sem ter trocado uma palavra ou uma carta com seu genitor. Ele havia se casado no exterior e deixado um filho, que crescera sem ter conhecimento da propriedade que lhe cabia por direito. O abismo cavado entre ele e o velho pai parecia intransponível, uma vez que este rapaz também se casou e teve um filho. No entanto, nem a alegria nem a tristeza conseguiram aproximá-los. Nessas condições, não era mesmo possível contar com uma reconciliação. Uma profunda indiferença, quando muito baseada em ignorância, tomou o lugar da afeição familiar, também no que se referia aos interesses comuns. Foi unicamente graças à vigilância dos advogados que o nascimento desse novo herdeiro se tornou público, tendo ele mesmo chegado a passar alguns meses na casa de seus antepassados.

“A partir daí, todo o interesse da família girava somente em torno da questão de quem seria o herdeiro da propriedade. Como as gerações mais novas não deixaram descendentes, todas as esperanças recaíram sobre o neto desse senhor.

“Agora é de grande importância que tenha gravadas na memória as características mais marcantes desse tronco da família. Essas particularidades têm se conservado e não se alteram. Todos os que pertencem a essa linhagem se assemelham, todos são frios, egoístas, despóticos, brutais no que toca à realização de suas vontades. É também verdade que jamais faltavam com a palavra dada, se bem que pouca importância dessem a isso, mas eram tão precavidos que tudo acabava virando a seu favor. Se por acaso cometessem um erro, era sempre o outro quem arcava com o peso da culpa. Tais fatos se repetiram com tanta frequência que dava a impressão de ser uma estratégia pré-fixada. Portanto, não é de admirar que os Caswall tivessem mantido a sua propriedade a despeito de todas as mudanças que houve à sua volta. Todos os Caswall eram frios e brutais por

natureza. Tanto quanto é do nosso conhecimento, nenhum deles teve alguma vez um sentimento mais suave ou deixou de lado os seus objetivos. Nenhum deles seria capaz de estender a mão conciliadora, obedecendo assim a uma ordem vinda do seu coração.

“Nos retratos, todos eles, sem exceção, demonstram grande semelhança com o tipo do romano da antiguidade. Têm os olhos escuros, o cabelo espesso ondulado e uma constituição física extremamente forte. O cabelo nascendo espesso na nuca é sinal de grande força e de persistência. Mas a característica mais peculiar são os olhos. Negros, penetrantes, quase insuportáveis devido à sua força de vontade indomável. Essa força é, em parte, peculiar à família e, em parte, uma característica individual, impregnada de aptidões misteriosas, podendo ser tanto hipnóticas como mesmerizadoras, roubando do adversário toda a resistência. Olhos de pessoas acostumadas a dar ordens; devem ser confrontados com inflexibilidade para poder vencê-los.

“Adam, você deve achar certamente que tudo o que eu disse é pura fantasia, ainda mais devido ao fato de que nunca cheguei a ver nenhum dos Caswall. Não deixa de ter razão; todavia trata-se de uma fantasia baseada em profundos estudos. Fiz uso de tudo o que estava à minha disposição e consegui chegar a uma conclusão lógica. Seria então de admirar que, diante de qualidades tão estranhas e coercitivas, sejamos obrigados a acreditar que essa família tenha algo de demoníaco? E isso nos compele forçosamente à suposição de que, no passado, membros dessa família tivessem se aliado ao demônio.

“Creio que agora será melhor descansarmos um pouco. Temos muita coisa planejada para amanhã de manhã e quero que você esteja com as ideias bem desanuviadas e os seus sentidos em forma. Amanhã, bem cedo, faremos juntos um pequeno passeio e então poderemos nos certificar, enquanto ainda estamos com o assunto bem vivo na memória, de que existe alguma coisa de especial nesta região; não apenas na propriedade do seu tio, mas em toda a terra que se estende ao redor. Há inúmeros enigmas para os quais há muito tempo temos procurado encontrar explicações e talvez agora tenhamos a possibilidade de achá-las. Quanto mais informações pudermos recolher desde o início, mais rapidamente conseguiremos resolvê-los.”

Capítulo 3

DIANA'S GROVE

A curiosidade despertada em Adam Salton o tirou já bem cedo da cama. Apesar de se ter vestido logo e descido, teve que constatar que Sir Nathaniel se antecipara a ele. O velho senhor estava preparado para uma caminhada mais longa, e, sem demora, ambos puseram-se a caminho.

Sir Nathaniel, que andava na frente, calado, tomou a direção para o leste, descendo a colina. Depois de terem caminhado morro abaixo e subido novamente, alcançaram a encosta leste de uma escarpa. Era mais baixa do que a elevação onde se situava o castelo, porém estava posicionada de tal maneira que dominava as diversas colinas da região acidentada. Ao longo de toda a encosta erguiam-se rochas sem qualquer vegetação, talhadas pela própria natureza, formando entalhes semelhantes a fortalezas. Toda a cadeia de montanhas apresentava-se como um segmento de círculo, cujos picos mais elevados ficavam para o interior, na direção oeste. E no centro, na elevação maior, erguia-se *Castra Regis*. Entre as múltiplas escarpas cresciam árvores de diferentes tamanhos, através das quais avistava-se algo que, no sol da manhã, dava a impressão de serem ruínas. Fosse o que fosse, era de pedra cinza maciça, possivelmente calcário bruto talhado, se é que se não se tratava de formações naturais. Em todo o seu comprimento, a encosta era tão íngreme que tanto as árvores quanto as rochas e

os restos das muralhas pareciam pender sobre a planície cortada por numerosas correntes de água, lá embaixo.

Sir Nathaniel parou e lançou um olhar em volta, como se não quisesse perder nada do que o impressionava. O sol alcançara a parte leste do firmamento e deixava realçar todos os detalhes. Ele fez um gesto largo com o braço, chamando a atenção de Adam para a vista grandiosa. Daí para diante prosseguiriam mais devagar a fim de que seu acompanhante se concentrasse mais nas particularidades. E Adam, demonstrando ser um observador atento e disposto, acompanhava seus movimentos e fazia tudo para que nada lhe passasse despercebido.

— Adam, eu o trouxe aqui pois acho que este é o lugar mais adequado para iniciarmos nossas pesquisas. Você tem à sua frente quase toda uma região do antigo reino de Mercia, com exceção da parte mais longínqua, que é coberta pelas terras de aluvião valisianas e daquelas terras que os nossos olhos não alcançam, por estarem encobertas pelas elevações. Teoricamente, vemos todos os limites do lado leste do reino, desde o Humber e chegando a Wash no sul. Eu gostaria que gravasse na memória a natureza do solo e a localização, pois mais cedo ou mais tarde tal conhecimento lhe será útil, quando as tivermos em nossa mente. Vamos analisar as antigas tradições e superstições e tentar descobrir o que existe de verdade por trás disto. Cada transmissão de valores espirituais, cada lenda de que tenhamos conhecimento, nos ajudará a entender tudo o mais, bem como esclarecer seu significado. E como todas elas se baseiam na realidade, poderemos nos aproximar da verdade, ou até da probabilidade, se estivermos bem informados. Nisto, principalmente, nos ajudarão as realidades geológicas. Além disso, os materiais de construção utilizados nas diferentes épocas podem nos dar incontáveis ensinamentos. As formações e os minerais dessas colinas, mas também da vasta e extensa planície que fica entre nós e o mar, guardam material suficiente para centenas de livros científicos.

— O senhor poderia me dar um exemplo? — arriscou Adam.

— Olhe bem para essas pequenas elevações que circundam a colina principal, onde prudentemente foi erigido o forte, no lugar mais alto. E, a seguir, para as outras colinas. Cada uma delas possui algo de extraordinário e é bem possível que exista alguma coisa invisível e ainda não provada e que somente na imaginação poderá ter a sua explicação.

— Por exemplo?

— Estudemos as colinas, uma por uma. Lá ao leste, onde mais embaixo estão as árvores, havia em tempos mais remotos um templo romano, construído possivelmente no local onde antes já existia um templo druida. O nome indica a época dos druidas, enquanto a floresta de velhos carvalhos é uma referência aos romanos.

— Por favor, explique melhor.

— A tradução do nome antigo significa *Grua da Diana*. A próxima colina, que fica atrás, um pouco mais alta, é denominada Mercy, muito provavelmente uma mutilação ou adaptação da palavra *Mercia*, que contém um jogo de palavras romano. Através de manuscritos primitivos, sabemos que este local era denominado *Vilula Misericordiae*. Aqui havia originalmente um convento fundado pela rainha Berta, fechado pelo rei Penda, que se voltou novamente ao paganismo depois que Santo Agostinho introduziu o cristianismo em nosso país. Segue-se então a propriedade de teu tio, Lesser Hill. Apesar de estar situada nas proximidades de Castra Regis, não existe ligação entre as duas. Ali residiam camponeses livres e, pelo que sabemos, era tão antiga quanto o castelo. Lesser Hill esteve sempre nas mãos de sua família.

— Agora resta apenas a própria Castra Regis.

— Sim. Mas a história de Castra Regis inclui a de todas as outras edificações circunvizinhas. Aliás, toda a história da antiga Inglaterra.

Ao se deparar com a expressão atenta de Adam, prosseguiu:

— A história da propriedade perde-se na antiguidade, porque as nossas mais remotas anotações, suposições ou afirmações aceitam a sua existência como coisa natural. Algumas destas suposições, digamos, mostram que os romanos já devem ter encontrado alguma coisa neste local. Por esse motivo, desde os tempos dos druidas, este lugar tinha uma certa importância, se é que não é mais antigo ainda. Naturalmente os romanos aproveitaram-se da construção, como faziam em toda a parte que fosse possível. É no nome Castra que notamos a modificação. Situava-se no lugar mais elevado e mais bem fortificado e, por isso, tornou-se o acampamento romano de maior importância. Um olhar para o mapa provará que esse acampamento fortificado era, sem dúvida, um centro essencial. Apresentava segurança para as vias de acesso estratégicas já existentes para o norte e, ao mesmo tempo, protegia a costa. As terras de aluvião a oeste estavam igualmente sob seu domínio. Do outro lado desta região começava Gales, ainda selvagem. De mais a

mais, o castelo fortificado dava proteção para o acesso ao Severn, onde antigamente eram construídas as grandes estradas romanas, dando, desta forma, segurança para uma via fluvial até o centro da Inglaterra, através do Severn e de seus afluentes. A fortificação ligava o leste ao oeste da maneira mais rápida conhecida naqueles tempos. E, finalmente, possibilitava que se chegasse a Londres e à região do Tâmesis, partindo daqui.

“Não é de admirar que um centro tão amplamente conhecido e tão bem organizado fosse ambicionado pelas hordas de invasores, fossem eles anglos, saxões, dinamarqueses ou normandos. Por isso era tão bem protegido. Em séculos passados, servira unicamente como acampamento localizado estrategicamente. Mas quando os romanos vitoriosos construíram suas fortificações sólidas, que resistiam às armas usadas naquela época, sua própria localização dominante exigia uma amplificação e equipamento adequado. Assim aconteceu que o acampamento fortificado dos Césares foi, aos poucos, se tornando um castelo real. Como até hoje os nomes dos primeiros reis de Mercia são desconhecidos, nenhum historiador conseguiu descobrir qual dos soberanos ampliou a construção que acabou se transformando em fortaleza. Suponho que jamais chegaremos a conhecer seu nome. Quando, com o decorrer do tempo, a estratégia foi se desenvolvendo, a construção foi se tornando cada vez maior e sempre mais invencível. Apesar de não possuímos nada por escrito a respeito dos detalhes das tradições, não apenas conseguimos acompanhar a história através das pedras da construção, como também pelas modificações arquitetônicas. A tremenda evolução que se seguiu à conquista pelos normandos apagou todos os outros vestígios. Hoje em dia, somos obrigados a considerar a construção como sendo uma das mais remotas fortificações dos normandos, que provavelmente foi erigida no tempo de Henrique III. Tanto os romanos como os normandos fizeram bem em conservar sempre a linha de construção voltada para a utilidade e a solidez. E é devido a esse fato que essas colinas circunvizinhas, igualmente fortificadas, o que até certo ponto deu bons resultados, foram igualmente conservadas. Sim, suas características foram mantidas e dessa forma nos permitiu conhecer a fundo coisas que deixaram de existir há muito tempo.

“Isso no que se refere às colinas fortificadas. Mas as grutas têm também sua história. Veja só como corre o tempo! Temos que nos apressar para voltarmos logo, antes que seu tio comece a ficar preocupado por nossa causa.”

E, com passos largos, tomou o caminho de Lesser Hill, de maneira que Adam teve que acelerar os passos também, a fim de poder acompanhá-lo.

Capítulo 4

LADY ARABELLA MARCH

— É verdade que não temos pressa, mas poderemos partir tão logo vocês dois estejam prontos — disse o sr. Salton, quando foi servido o café da manhã. — Eu gostaria que, antes de mais nada, você desse uma olhada nas ruínas de Mercia. Em seguida viajaremos através do assim chamado “Grande Vale de Cheshire”, até Liverpool. Para que não se decepcione, não deve fazer uma ideia de que seja alguma coisa extraordinária ou temerária — disse para Adam, em específico. — Se já não se soubesse onde é, não se perceberia a trilha do vale. Deveremos conseguir fazer tudo isso até a chegada do *West Africa* e receberíamos o sr. Caswall quando desembarcasse. Seria bom prestar-lhe essa homenagem e, além disso, será mais agradável que as formalidades das apresentações se deem antes da grande festa.

A carruagem já estava à espera. Era a mesma do dia anterior, porém os cavalos haviam sido trocados — belíssimos animais, ávidos para se pôr em marcha. Depois do café da manhã, eles se apressaram a tomar seus lugares na carruagem. Os criados que a acompanhavam a cavalo receberam suas instruções e, assim, logo depois, atravessaram a região com bastante rapidez.

Porém, durante o trajeto, de acordo com as ordens do sr. Salton, a carruagem parou em frente a um grande monte de pedras, à margem do caminho.

— Eis aqui algo que não deve deixar passar despercebido — disse o sr. Salton para Adam. — Este monte de pedras nos leva de volta à aurora do reino

inglês. Foi erigido há mais de mil anos, lá pelo fim do sétimo século, como um monumento para um assassino. Wulfere, o rei de Mercia, sobrinho de Penda, matou aqui, neste lugar, seus dois filhos, como castigo por terem abraçado o cristianismo. Segundo reza a tradição daquela época, cada passante acrescentava mais uma pedra ao monumento. Penda tencionava introduzir novamente o paganismo, depois que Santo Agostinho trabalhou aqui como missionário. Sir Nathaniel poderá lhe dar toda a informação que você quiser.

Enquanto ainda se encontravam em frente ao monte de pedras, chegou um outro veículo que parou e seu passageiro — era uma pessoa apenas — tinha os olhos cheios de curiosidade. A carruagem era antiga, pesada e completamente enfeitada com brasões. Os homens tiraram os chapéus para se cumprimentarem, quando a dama, sentada dentro da caleça, lhes dirigiu a palavra.

— Como tem passado, Sir Nathaniel? E o senhor, sr. Salton? Espero que também não tenham sofrido algum acidente. Vejam só o que aconteceu — disse, apontando para o local onde se via brilhar o metal de uma mola quebrada.

Esponaneamente Adam exclamou:

— Ora, isso pode ser consertado com facilidade!

— É mesmo? Mas aqui não dispomos de ninguém que possa consertar esse tipo de estrago.

— Mas eu posso!

— O senhor? — Incrédula, ela fitou o rapaz. — O senhor? Mas isso é trabalho para um profissional!

— Claro, mas eu sou um profissional, se bem que essa não seja a minha ocupação. Na Austrália tive que atravessar com bastante rapidez distâncias bem grandes e por isso conheço bem esse tipo de serviço. Estou às suas ordens.

— Não sei como lhe agradecer pela gentileza, da qual me utilizarei com prazer. Também não saberia o que fazer nessas circunstâncias, uma vez que tenho que encontrar-me com o sr. Caswall, que chega hoje da África. Toda a região quer lhe prestar essa homenagem. — Ela lançou um rápido olhar para os dois homens mais idosos e logo não teve dúvidas quanto à identidade do estranho. — O senhor deve ser Adam Salton, de Lesser Hill. Sou Lady Arabella March, de Diana's Grove. — Com essas palavras, virou-se para o sr. Salton, que compreendeu imediatamente a insinuação e fez logo as apresentações.

Mal terminaram de se cumprimentar, Adam pegou suas ferramentas, que se encontravam na carruagem do tio, pondo-se ao trabalho.

Ele era mesmo habilidoso nesse gênero de tarefa, de modo que não tardou muito e a mola foi consertada. Adam estava juntando seus instrumentos que espalhara à sua volta, quando notou que algumas cobras, saídas de sob o monte de pedras, vinham deslizando, com a intenção de atacá-lo.

Deteve-se assustado com a visão que tinha pela frente, quando viu que Lady Arabella, abrindo a portinhola da carruagem, saltava com movimentos ágeis e rápidos. Ela já se encontrava no meio das serpentes na hora em que ele deu um grito de advertência. Contudo, seu grito acabou sendo inútil, porque as serpentes deslizaram rapidamente de volta para as pedras. Ele riu para si mesmo, enquanto lhe passava pela cabeça não haver motivo para preocupação. Os répteis tiveram mais medo dela do que ela deles. Mas, mesmo assim, ele pegou um pau que se encontrava por perto e bateu no chão, provando com essa atitude saber lidar com esse tipo de animal nojento. Imediatamente todas as serpentes desapareceram e ele ficou sozinho com Lady Arabella em frente ao monte de pedras. Ela não pareceu ter se perturbado com o que ocorrera.

Adam fitou-a com um longo olhar. A maneira como se vestia era suficiente para chamar a atenção. Sua roupa era confeccionada com uma fazenda branca, macia, que se ajustava perfeitamente às suas formas, realçando cada um de seus movimentos. Trazia na cabeça um pequeno gorro feito da melhor pele, de um branco reluzente. Em volta do pescoço usava uma joia feita de esmeraldas, cujo brilho ofuscava quando o sol incidia sobre elas. O timbre de sua voz soava de maneira estranha, era baixo e agradável ao ouvido, chegando quase a ser um sussurro. Suas mãos eram igualmente fora do comum — longas, bem-feitas e brancas, e seus movimentos eram sedutores.

Lady Arabella dava a impressão de estar completamente despreocupada, e depois de ter agradecido a Adam, sugeriu que continuassem juntos a viagem, caso seus acompanhantes estivessem também a caminho de Liverpool.

— Sr. Salton, o senhor deve pensar em Diana's Grove como sendo o seu segundo lar enquanto estiver por aqui — disse ela. — Terá toda a liberdade de ir e vir como na casa de seu tio em Lesser Hill. Lá existem algumas vistas belíssimas e curiosidades naturais históricas, que poderiam interessá-los; são de uma época bem remota.

A sinceridade com que fez o convite e o calor de suas palavras deixaram-no de certo modo desconfiado, porque o comportamento dela era muito frio e distante. Neste ínterim, seu tio e Sir Nathaniel já haviam agradecido pelo convite de continuarem juntos a viagem, mas, infelizmente, tiveram que declinar, uma vez que não lhes era possível atender a tão gentil solicitação. Adam suspeitou que Lady Arabella, apesar de lastimar a resposta negativa, sentiu-se muito aliviada. Depois de ter embarcado novamente com os dois companheiros idosos e da carruagem ter se posto a andar, não ficou nem um pouco admirado quando Sir Nathaniel falou:

— Deu para notar como ela ficou satisfeita por ter-se livrado de nós. Ela prefere fazer seu jogo sozinha e sem ser observada!

— Que jogo? — perguntou Adam, sem refletir.

— Todo o condado está a par do assunto, meu filho. Caswall é um homem riquíssimo. E também o marido dela o era, quando ela se casou com ele, ao menos era o que se supunha. Depois do suicídio do marido, tornou-se evidente que não tinha deixado nada e que a propriedade estava completamente endividada. Sua única esperança, portanto, era um casamento rico. O restante, basta imaginar.

Adam conservou-se calado durante todo o percurso através do Vale do Cheshire, porque ficou meditando e chegou a várias conclusões, que, no entanto, guardou para si mesmo. Uma delas era que, no futuro, evitaria dar demasiada atenção a Lady Arabella. Ele próprio era um homem rico. Até que ponto, nem seu próprio tio o sabia, e certamente teria ficado bastante admirado se ao menos pudesse imaginar o quanto.

O restante da viagem transcorreu normalmente. Depois de sua chegada a Liverpool, foram a bordo do *West Africa*, que acabava de atracar. Seu tio apresentou-se ao sr. Caswall, após o que ele, então, fez as apresentações de Sir Nathaniel e de Adam. O recém-chegado recebeu-os com muita amabilidade, expressando sua satisfação por estar de volta ao lar, depois que sua família estivera evitando por tanto tempo visitar a antiga propriedade. Adam sentiu-se feliz com o calor da recepção, mas não conseguiu deixar de assinalar sua repugnância quando olhava para o homem. Lutou muito contra esse sentimento até a chegada de Lady Arabella, que o liberou de seu mal-estar. Essa diversão foi bem-vinda para todos, porque Sir Nathaniel e o velho Salton também ficaram horrorizados com os

traços do rosto do sr. Caswall, que externavam tanta dureza, tanta falta de compaixão, tanto egoísmo e tanta sede de poder.

“Deus proteja todos aqueles que venham a cair nas malhas desse homem!”, foi um pensamento recorrente.

Apenas quando seu criado africano se aproximou é que todos começaram a pensar de maneira mais amena sobre o recém-chegado. Caswall poderia certamente parecer um selvagem, mas sempre um selvagem culto. Notavam-se nele os vestígios de séculos de civilização, que haviam deixado suas marcas. Sinais do mais elevado instinto e formação cultural, demonstrando, não obstante, algumas lacunas. Porém, o semblante de Oolanga, assim o chamava seu amo, era completamente selvagem, e, dentro dele, podia-se muito bem imaginar todos os horrores de um filho da floresta e dos pântanos, sem destino e possuído pelo demônio. Lady Arabella e Oolanga apareceram quase que ao mesmo tempo e Adam constatou, surpreso, o efeito que seu aparecimento produziu em ambos. A mulher deu a impressão de não querer ou de não poder condescender em demonstrar interesse ou de colaborar com esse tipo de gente. Mas, por outro lado, o comportamento do negro era tal que justificava plenamente o orgulho dela. Não era apenas o fato de que ele a tratasse como se fosse escravo dela, não, era como se um crente se defrontasse com a sua divindade. Ele se ajoelhou diante dela com os braços abertos, inclinando a testa até o chão. E assim permaneceu imóvel. Somente quando ela se dirigiu para Caswall é que ele deixou sua posição submissa e se levantou todo respeitoso.

Agora Adam se virou para seu empregado, Davenport, que havia chegado juntamente com o administrador de Lesser Hill em uma carruagem puxada por pônei. Enquanto falava, acenou para um comissário de bordo para que se aproximasse e logo os dois homens ficaram absortos em uma conversa.

— Acho que deveríamos ir — falou o sr. Salton para Adam. — Tenho alguns assuntos a resolver em Liverpool. Certamente o sr. Caswall e Lady Arabella querem se dirigir para Castra Regis sem demora.

— Eu mesmo gostaria de resolver alguns negócios — retrucou Adam. — Quero ver se consigo descobrir onde mora Ross, o vendedor de animais, pois tenho vontade de levar um animalzinho para casa, se não fizerem nenhuma objeção. Será realmente pequeno e não trará aborrecimento algum.

— Mas, é claro, meu filho. Que tipo de animal tem em mente?

— Um mangusto!

— Um mangusto? E para que, em nome dos céus, precisa de um?

— Para exterminar as serpentes.

— Está bem! — O velho lembrou-se do monte de pedras. Não era necessária mais nenhuma explicação.

Então Adam foi à procura do comerciante. Quando Ross soube do que estava sendo exigido, perguntou:

— O senhor deseja uma coisa diferente, ou basta um simples mangusto?

— O que quero é um bom mangusto, não é necessário que seja nada de extraordinário.

— Então tenho toda uma série para oferecer. Perguntei simplesmente porque no momento possuo um exemplar que recebi há pouco tempo do Nepal. Esse animal tem a sua própria história. Ele matou uma naja que fora vista nos jardins do rajá. Mas em nosso clima não existe essa espécie de serpente, por isto atrevi-me a perguntar se um mangusto comum seria suficiente.

Quando Adam voltou para a carruagem com o caixote contendo o mangusto, Sir Nathaniel perguntou:

— Ora, veja só, o que temos aí?

— Um mangusto.

— Mas para quê?

— Para matar serpentes!

Sir Nathaniel riu.

— Fui testemunha quando Lady Arabella o convidou para Diana's Grove.

— O que tem isso a ver?

— Nada diretamente. Mas veremos.

Adam esperou e o velho continuou:

— Por acaso já ouviu que outro nome é dado a essa propriedade?

— Não, senhor.

— Chamavam-na... Ora, mas esta história é muito longa. É melhor esperarmos para quando estivermos a sós e tivermos mais tempo.

— Perfeitamente, senhor.

A curiosidade de Adam fora espicaçada, mas ele achou melhor não precipitar os acontecimentos. Tudo haveria de se resolver no seu devido tempo.

Assim, os três voltaram para casa, ao passo que o sr. Caswall pernoitou em Liverpool.

No dia seguinte, partiram de Lesser Hill para Castra Regis e Adam não pensou mais em Diana's Grove e os mistérios que tinha abrigado ou talvez ainda abrigasse.

Os hóspedes vinham chegando em grupos e, para as personalidades importantes, haviam sido marcados lugares. Adam, que ficara admirado ao ver tanta gente aglomerada, pertencente a diferentes níveis sociais, procurou por Lady Arabella, sem conseguir descobrir onde ela estava. Unicamente quando viu que uma carruagem fora de moda se aproximava e ouviu os gritos de júbilo que a acompanhavam, tornou-se evidente para ele que Edgar Caswall estava chegando. E ao olhar mais atentamente, percebeu que Lady Arabella, vestida da mesma forma como no primeiro encontro que tiveram, estava sentada ao lado de Caswall. A caleça parou em frente à escadaria e o anfitrião saltou, estendendo-lhe a mão.

Tornou-se evidente para todos que ela seria a hóspede mais importante da noite. Não demorou muito e todos os assentos na tribuna de honra estavam ocupados, enquanto os arrendatários e os hóspedes de menor importância sentaram-se nos lugares não reservados.

O decorrer das festividades tinha sido minuciosamente elaborado por uma comissão. Houve discursos que não se alongaram demais. E então todos esperaram pelo início do banquete. Enquanto isso, Caswall circulou entre seus hóspedes, cumprimentando-os e conversando amavelmente com todos. Os outros convidados desceram da tribuna de honra, seguindo seu exemplo, de maneira que houve uma troca informal de cumprimentos e de reencontros entre a sociedade local e o povo.

Adam Salton seguia a tudo o que acontecia ao redor com um olhar observador e gravou na memória tudo aquilo que lhe provocou interesse.

Ele era jovem, um homem e ainda por cima vinha de longe. Tudo isso junto fazia com que prestasse maior atenção às mulheres do que aos homens e, entre elas, demorou mais seu olhar sobre as que eram jovens e bonitas. Descobriu muitas moças belas entre os convidados e Adam, sendo ele próprio bem-apegoado, recebeu muitos olhares de admiração, mas que pouco o impressionaram. Ele ficou lá, parado, indiferente a tudo, até que três pessoas vieram em sua direção, cuja roupa e postura demonstravam tratar-se de

camponeses. Era um rude homem de idade, acompanhado por duas jovens bonitas, aparentando ter um pouco mais de vinte anos uma delas e a outra um pouco menos. Quando o olhar de Adam se encontrou com o da mais jovem, que já estava bem perto, algo faiscou entre eles — era aquela centelha divina, acesa por uma repentina identificação e que se transformaria em simpatia. O ser humano dá a isso o nome de “amor”.

Seus dois acompanhantes perceberam como Adam ficou impressionado pela bela moça. Falaram a respeito dela, para que seu interesse por ela aumentasse.

— Percebeu os três que acabaram de passar por aqui? O velho é Michael Watford, um dos arrendatários do sr. Caswall. Ele mora em Mercy Farm, que Sir Nathaniel mostrou hoje para você. As jovens são suas netas. A mais velha, Lilla, é a filha única de seu filho mais velho, falecido quando a pequena nem havia completado o primeiro ano de vida. A mulher dele morreu no mesmo dia. Lilla é uma boa pequena, tão boa quanto bonita. A outra é sua prima, filha do segundo filho de Watford. Aos vinte anos, ele abraçou a carreira militar e foi servir no exterior. Nunca foi muito de escrever cartas, se bem que fosse um bom filho. A família recebeu poucas cartas e então seu pai soube pelo comandante de seu regimento que o rapaz fora assassinado por bandidos em Burma. Soube também que seu filho se casara com uma nativa de Burma e que havia uma filhinha de um ano. Watford mandou vir a pequena e criou-a juntamente com Lilla. Quanto às circunstâncias de seu nascimento, ela sabia unicamente que seu nome era Mimi. As duas crianças amavam-se ternamente e o carinho entre as duas perdura até os dias de hoje. Era estranha a diferença existente entre ambas. Lilla, loura como a raça saxônica, de onde se originava e, ao lado, Mimi, que deixava transparecer a procedência da mãe. Lilla é mansa como uma pomba, enquanto que os olhos negros de Mimi parecem reluzir quando é provocada, o que acontece apenas quando Lilla se encontra em perigo. Então seus olhos lançam chispas como os da mamãe pássaro ao ver sua ninhada ameaçada.

Capítulo 5

O VERME BRANCO

O sr. Salton apresentou o sr. Watford e suas netas a Adam e daí em diante ficaram todos juntos. É claro que os vizinhos do nível de Watford estavam inteirados a respeito de Adam Salton, sobre suas relações e suas condições de vida, bem como de suas perspectivas. Por esse motivo, seria um milagre se as duas pequenas não se entregassem a certos devaneios para o futuro. No interior da Inglaterra, os pretendentes são raros em todas as camadas sociais e esse homem poderia ser considerado um candidato bastante desejável, porque não pertencia a nenhuma casta na qual as barreiras de classe não eram tão fortes. Quando se notou que se postou ao lado de Mimi e que procurava sua companhia, todos os amigos e conhecidos se empenharam em ajudar o rapaz neste namoro promissor.

O gongo soou, chamando para o banquete, e Adam se dirigiu com Mimi para o pavilhão onde havia o lugar marcado para o avô delas. O sr. Salton e Sir Nathaniel tiveram que se conscientizar de que o jovem não ocuparia mesmo o lugar que lhe fora determinado na mesa lá no palanque. Compreensivamente, evitaram qualquer menção ao assunto, dando mesmo a impressão de não terem notado sua ausência.

Como antes, Lady Arabella sentava-se à direita de Edgar Caswall. Era indiscutivelmente bela e tão extraordinária que, com sua posição e suas qualidades pessoais, a todos pareceu natural que agisse como sua dama junto ao herdeiro,

desde que este aparecera diante de todos pela primeira vez. É evidente que nenhum dos presentes, que faziam parte de sua classe social, teria feito algum comentário, mesmo porque palavras são supérfluas quando um simples aceno de cabeça e um sorriso expressam tudo. Era visto com naturalidade o fato de que Castra Regis teria em breve uma nova dona e que ela se encontrava entre os convidados. É verdade também que não faltavam aqueles que, apesar de sua beleza e de seu charme, a colocavam em segundo plano, dando preferência a Lilla Watford. As duas mulheres representavam dois tipos contrastantes, duas formas diversas de beleza. A saber, Lady Arabella era a aristocrata da cabeça aos pés, ao passo que Lilla era a típica moça do povo.

Quando a escuridão já ia longe, o sr. Salton e Sir Nathaniel voltaram para casa a pé — a caleça puxada pelo pônei fora dispensada havia muito tempo —, deixando Adam à vontade para se retirar quando bem entendesse. Ele voltou mais cedo do que o esperado e, por algum motivo, parecia muito agitado. Os dois mais velhos desistiram de fazer qualquer comentário a respeito. Acenderam seus cigarros e foram cada qual para seu aposento, quando se aproximava a hora do jantar, a fim de trocarem de roupa.

Enquanto isso, Adam ficou meditando sobre um problema. Quando se juntou aos outros no salão, dava a impressão de estar nervoso e impaciente — uma circunstância que ainda não se havia percebido nele até então. Os outros, devido à paciência e à experiência próprias da idade, contentaram-se em pensar que o tempo se encarregaria de resolver o assunto e não seria preciso esperar muito. Depois que Adam se sentou e levantou inúmeras vezes, acabou explodindo:

— Aquele camarada pensa que é o dono do mundo! Será que não pode deixar os outros em paz? Pensa acreditar que basta jogar seu lenço na direção de uma mulher para que ela imediatamente o aceite como seu dono!

Essa explosão teve um efeito esclarecedor. Somente uma simpatia velada seria capaz de despertar tais sentimentos em um rapaz tão digno de estima. Como um velho diplomata, Sir Nathaniel possuía uma compreensão quase clarividente, no tocante à real natureza das coisas, de modo que, de repente, perguntou em um tom seco e objetivo:

— Ele se engraçou para o lado da Lilla?

— Sim, o sujeito não perdeu tempo. Mal a conheceu e já começou a enchê-la de elogios e a lisonjeá-la devido à sua beleza. E, antes de se despedir, ele próprio se

convidou para o chá, às 15 horas em Mercy Farm. Como é burro! Deveria ter logo percebido que a moça não foi feita para ele. Nunca me aconteceu algo parecido. Era como se o falcão e a pomba estivessem se defrontando.

Aí Sir Nathaniel se virou, olhando para o sr. Salton. Um olhar que exprimia uma completa compreensão.

— Adam, conte-nos, por favor, os detalhes. Ainda temos tempo até a hora do jantar. Nosso apetite aumentará consideravelmente se conseguirmos chegar a uma conclusão judiciosa nesse caso.

— Não há nada o que relatar, senhor. Isto é que é o pior. Devo dizer que nenhuma palavra foi dita à qual se pudesse opor alguma objeção. Ele se manteve com muita educação e tudo aconteceu com muita propriedade, como o proprietário deve se comportar com a filha de um arrendatário, e mesmo assim... bem... não sei por quê... meu sangue ferveu.

— E de onde vem a comparação entre falcão e pomba? — falou Sir Nathaniel, em um tom de voz baixo e tranquilo. Não havia sinal de oposição nem de demasiada curiosidade. Em poucas palavras, era um tom capaz de ganhar a confiança do ouvinte.

— Quase não sei como explicar. Só o que posso dizer é que ele se assemelhava a um falcão e ela a uma pomba. E, pensando bem, era isso mesmo e esse aspecto os dois o têm normalmente.

— Está certo! — ouviu-se a voz de Sir Nathaniel.

Adam continuou:

— Talvez fosse sua expressão romana que me tirou do sério. Tentei protegê-la porque me pareceu que ela se encontrava em perigo.

— De certa forma todos os rapazes daqui são uma ameaça para ela. Bem que percebi a maneira pela qual você a olhou, como se quisesse devorá-la!

— Espero que vocês dois mantenham a cabeça fria — observou o sr. Salton. — Não seria de bom alvitre que houvesse uma desavença entre vocês dois, logo depois da volta dele para casa e de sua chegada. Devemos levar em consideração os sentimentos e a felicidade de nossos vizinhos, não é?

— Isso também espero, senhor. Posso garantir que eu, aconteça o que acontecer, e sempre que formos ameaçados, me curvarei aos seus desejos.

— Psiu! — sussurrou Sir Nathaniel, que notara a aproximação dos empregados que serviriam o jantar.

Depois da refeição, sentados para tomar vinho e comer nozes, Sir Nathaniel voltou ao assunto das lendas transmitidas pelos antepassados:

— Este é um assunto menos delicado do que certos acontecimentos mais evidentes.

— Tem toda a razão, senhor — retorquiu Adam, com sinceridade. — Creio que o senhor possa confiar em mim em se tratando de qualquer outro assunto. Até mesmo sou capaz de discutir sobre o sr. Caswall. É provável que amanhã eu tenha um encontro com ele. Como eu já lhes contei, ele fará uma visita a Mercy Farm às 15 horas. Mas minha visita foi marcada para as 14 horas.

— Já percebi que não quer perder tempo — falou em seguida o sr. Salton.

Os dois mais velhos trocaram um olhar de compreensão. Mas, então, Sir Nathaniel, sem demora, para que a disposição de seu ouvinte não se modificasse outra vez, começou a falar:

— De modo algum tenho a intenção de lhe contar todas as lendas de Mercia ou de oferecer uma seleção delas. É muito melhor para os nossos fins se observarmos mais profundamente alguns fatos. Fatos tradicionais e outros a respeito desta região. Será bem mais prático se iniciarmos com Diana's Grove. Aqui as raízes alcançam as diferentes épocas de nossa história e cada parte histórica tem suas próprias lendas. Os druidas e os romanos estão muito distanciados de nós para que se possa dedicar a minúcias. Os saxões e os anglos, porém, estão perto o suficiente para nos propiciarem temas decifráveis de lendas. Sabemos que Diana's Grove teve um outro nome, sendo que o atual é de procedência romana, ou melhor ainda, grega, que foi transmitido como sendo romano. Na língua de Mercia este local denominava-se “Toca do Verme Branco” e isto necessita, logo de saída, de uma explicação. Nos tempos remotos da nossa língua, a palavra “verme” tinha um significado que se distancia um pouco do sentido que a palavra tem hoje em dia. Era uma transformação do inglês antigo “wurm”, que significava dragão ou serpente. Talvez se tratasse de uma derivação do gótico “waurms”, que também significa serpente. A isto corresponde a palavra “ormur” da língua islandesa e da alemã “wurm”. Pode-se supor que originariamente devesse assinalar alguma coisa grande e poderosa, de modo algum um animal pequeno, como nos dias de hoje. Aqui nos auxiliam as pesquisas sobre as lendas. Existe a conhecida denominada “Poço do Verme” ou “Fonte do Verme”, de Lambton Castle, e ainda a dos “Vermes do Spindleston

Heugh”, perto de Bamborough. Em ambas as lendas, o verme era um monstro de tamanho e forças gigantescas, um horrível dragão ou uma serpente que, como nas lendas, habita os brejos e os pântanos, onde esses monstros têm um enorme espaço.

“Um olhar sobre o mapa geológico demonstra que existia a possibilidade da existência desses monstros em uma era remota. De qualquer modo, uma possibilidade muito grande. Na Inglaterra, havia antigamente imensas planícies onde se concentrava muita água. Os rios e lagos eram fundos e sem grandes quedas-d’água. Existiam buracos insondáveis, nos quais podiam refugiar-se répteis antediluvianos de todos os tamanhos e formas. Em lugares que podem ser avistados daqui da janela, havia poças de lama de uns trinta metros de profundidade. Quem poderá dizer quando terminou a época desses monstros que viviam na terra úmida? Deve ter havido lugares e condições que permitissem a esses monstros viverem mais tempo e se tornarem maiores e mais fortes do que o normal. Tais fósseis vivos podem ter vivido até os primeiros séculos de nossa era. E não existem ainda hoje seres de tão grande tamanho que são vistos pela maior parte das pessoas como sendo impossíveis? Ainda na era atual encontramos vestígios de animais, quando não restos dos mesmos, indicativos de um tamanho descomunal, sobreviventes de épocas remotas, que se conservaram vivos graças a determinadas características do seu meio ambiente.

“Lembro-me de um encontro que tive com um hindu aristocrático, de quem se dizia ser um grande caçador nativo (shikaree). Esse homem me contou que a maior tentação de sua vida fora a de matar uma cobra gigante que ele encontrara em uma área pantanosa na Índia, bem no interior. Ele se encontrava em uma caçada a um tigre e, quando seu elefante atravessou a ravina, o animal soltou um grito horrível. O homem, do alto de seu assento, olhou para baixo. O elefante havia pisado no corpo de uma serpente que ia se arrastando através do jângal. ‘Ela tinha uns trinta metros de comprimento’, contou-me ele. ‘Bem uns 15 metros para cada lado do caminho, da grossura de um corpo humano, ainda que fosse afinando devido ao peso enorme que carregava consigo. Certamente o senhor sabe que é uma questão de honra atirar apenas em tigres em uma caçada a tigres, como se a vida dependesse disso. Eu poderia ter quebrado com facilidade a espinha desse monstro, mas tive um pressentimento de que não deveria fazê-lo e,

por isso, contra a minha vontade, fui obrigado a deixar o monstro seguir seu caminho.’

“Supondo a existência de tal monstro em qualquer lugar por aqui, então teremos uma ideia dos *vermes* que habitavam os grandes pântanos que possivelmente viveram nas regiões da foz dos maiores rios da Europa.”

— Senhor, não duvido de modo algum que esses animais de grandes proporções dos quais nos falou ainda tenham existido muito mais tarde do que se supõe — retrucou Adam. — E não duvido também que tivessem vivido nesses ambientes que acabou de mencionar. Refleti muito sobre o assunto, pois o senhor falava das formações geológicas. Entretanto, parece-me haver aqui uma falha. Refiro-me às dificuldades mecânicas.

— Em que sentido?

— Bem, nosso monstro pré-histórico deve ter sido muito pesado. As distâncias que ele tinha que percorrer eram enormes e os caminhos, de difícil travessia. Daqui onde estamos até os poços de lama, são mais de trinta metros de diferença na altitude, deixando de lado a distância na horizontal. Será possível que tenha havido uma via de acesso pela qual um desses monstros pudesse trafegar livremente para cima ou para baixo, sem ser percebido por um observador casual? Naturalmente temos nossas sagas e lendas, mas em uma pesquisa científica não será necessário ter provas cabais?

— Meu caro Adam, o que diz está certo, e, se começarmos a fazer uma pesquisa dessas, não teríamos nada melhor a fazer do que seguir seus argumentos. Mas deve levar em consideração que tudo isso se passou há milhares de anos. E também deve ter em mente que nos falta toda e qualquer informação mais detalhada que possa ser de alguma ajuda. Acresce ainda que as regiões em questão eram agrestes e abandonadas no que se refere à ocupação humana. No ermo deserto de uma região dessas, onde havia as citadas condições, deve ter existido uma porção de seres que, em outros lugares, já há muito haviam sido sacrificados pelo homem. Desconfia-se que a caverna onde os ovos desses monstros eram chocados permaneceu intacta durante centenas ou milhares de anos. Além disso, esses seres devem ter procurado locais inacessíveis ao homem. Uma cobra que tivesse feito seu ninho em um pântano, a uma profundidade de mais de trinta metros, estaria coberta por tamanha quantidade de lama como hoje não existe mais. E mesmo que existisse, isso seria unicamente possível em uns poucos lugares

na superfície da Terra. Longe de mim querer afirmar que não pudesse ter acontecido nas épocas mais elementares. As condições pertencem ao período em que houve grandes mudanças geológicas, era a época do nascimento e do desenvolvimento da Terra, quando as forças da natureza se revoltaram e a luta pela sobrevivência era tão grande que formas de vida de menores dimensões não tinham chance de sobreviver. Temos provas geológicas de que essa época existiu, mas apenas essa espécie de provas. Não poderemos esperar obter as do tipo exigido nos dias de hoje. Só podemos presumir a existência dessas criaturas ou imaginá-las e, da mesma forma, as condições e forças que finalmente as levaram à sua extinção.

Capítulo 6

A POMBA E O FALCÃO

Na manhã seguinte, Sir Nathaniel e o sr. Salton estavam sentados à mesa do café, quando Adam entrou apressado.

— Alguma novidade? — perguntou seu tio mecanicamente.

— Quatro.

— Quatro o quê? — quis saber Sir Nathaniel.

— Serpentes — explicou Adam, colocando um rim frito em seu prato.

— Quatro serpentes? Será que estou ouvindo bem?

— O mangusto — disse Adam, laconicamente, acrescentando logo: — De madrugada já estive com o inimigo lá fora.

— Quatro cobras em uma manhã! Eu não sabia que existiam tantas no Brow, este era o nome que o povo dava ao lado oeste do despenhadeiro. Somente posso esperar que isso não tenha sido uma consequência da nossa conversa de ontem à noite.

— Sim, senhor, mas não de maneira direta.

— Será que, pelo amor de Deus, você esperava capturar algo tão grande quanto o verme de Lambdon? Um mangusto que aceitasse uma luta com tal monstro teria que ser maior do que um celeiro.

— Eram cobras comuns, da grossura de uma bengala.

— Ainda bem que nos livramos delas, sejam grandes ou pequenas. Deve ser um mangusto muito bom. Ele vai nos libertar de toda essa bicharada — disse o sr. Salton, satisfeito.

Adam tomou seu café em silêncio. Algumas cobras mortas pela manhã não eram novidade alguma para ele. Depois da refeição, foi ao escritório que o tio arranjara para ele. Os outros dois pensaram que ele queria ficar sozinho para escapar de perguntas e conversas a respeito da visita, marcada para a tarde. Também não apareceu mais, somente uma meia hora antes do jantar. Só então, sem fazer barulho, entrou na sala de fumar, onde o sr. Salton e Sir Nathaniel já se encontravam prontos para o jantar, tendo trocado de roupa para a ocasião.

— Creio ser melhor tratarmos logo do assunto — disse Adam, abrindo a conversa.

Seu tio, querendo facilitar a vida de Adam, disse:

— Que assunto?

Adam deu primeiramente sinais de um certo acanhamento, mas depois falou, com um pouco de hesitação:

— A minha visita a Mercy Farm.

O sr. Salton a muito custo conteve a sua impaciência, enquanto o velho diplomata aguardava sorrindo o que estava por vir.

— Certamente já perceberam que ontem me interessei muito pelos Watford, certo?

Não havia como negar. Os dois velhos senhores concordaram sorrindo.

Adam prosseguiu:

— Quis mesmo que o vissem. O senhor, meu tio, porque é meu único parente e por ter me recebido tão bem como se fosse o meu próprio pai, que não o teria feito com maior carinho.

O sr. Salton nada falou. Simplesmente estendeu-lhe a mão, que o jovem pegou e segurou.

— E o senhor, porque, assim como meu tio, demonstrou tanta simpatia por mim que nem em meus sonhos mais ousados eu teria tido o atrevimento de esperar. — Calou-se, emocionado.

Sir Nathaniel pousou a mão no ombro de Adam.

— Tem razão, meu filho, toda a razão. É dessa maneira que se deve encarar as coisas. E eu posso lhe dizer que nós, velhos, que não temos filhos, nos

emocionamos ao ouvir tais palavras.

Adam então apressou-se em continuar, como se quisesse logo chegar ao que interessava.

— O sr. Watford não havia chegado, mas Lilla e Mimi estavam lá e tudo fizeram para que eu me sentisse bem. Todos eles têm uma grande estima pelo meu tio, e isso me deixa feliz, porque gosto muito deles, muito mesmo. Estávamos tomando chá quando apareceu o sr. Caswall acompanhado pelo seu negro. Lilla abriu-lhe a porta. A janela da sala é muito grande, de maneira que não é possível deixar de ver quem está se aproximando. O sr. Caswall disse que resolvera fazer essa visita porque desejava conhecer todos os seus arrendatários e de uma forma menos cerimoniosa e melhor do que lhe tinha sido possível fazê-lo no dia anterior. As moças, que jovens adoráveis, lhe deram as boas-vindas, e seja quem for que vá ficar com qualquer uma delas algum dia poderá considerar-se um felizardo.

— E você poderia ser uma dessas pessoas, Adam — fez-se ouvir a voz afetuosa do sr. Salton.

Nesse instante, os olhos do jovem ficaram com um ar entristecido e o fogo que tinha no olhar se apagou.

Do mesmo modo, o timbre animado de sua voz mudou e suas palavras tomaram um tom desanimado.

— Seria a coroação de minha existência. Receio, porém, que eu não seja merecedor de tanta felicidade, ao menos não sem sofrimento, sem perda e sem desgosto.

— Bom, não há nada melhor do que um dia após o outro — disse Sir Nathaniel, com animação.

O rapaz lançou-lhe um olhar cheio de tristeza.

— Ontem, ou há algumas horas, essas palavras teriam me enchido de novas esperanças, mas desde então fui obrigado a presenciar muita coisa.

O velho senhor, que conhecia muito bem o coração humano, não mostrou desejo de entrar em debate.

— É ainda cedo demais para desanimar, meu filho!

— Não sou um daqueles tipos que desanimam logo — replicou o jovem, com seriedade. — Mas, afinal, reconhecer a verdade é sinal de inteligência. E se uma pessoa jovem ainda e tendo sentimentos como eu os tenho, desde que

percebi o olhar de Mimi ontem, é claro que seu coração vai bater mais forte. Não é necessário que outros o digam. Ele está ciente de tudo.

Fez-se silêncio, enquanto a penumbra tomava, aos poucos, conta do recinto. Foi Adam quem voltou a falar.

— Tio, o senhor sabe por acaso se em nossa família alguém foi sujeito a visões?

— Não que eu saiba. Por quê?

— Porque tenho comigo uma convicção que corresponde a este fenômeno — respondeu ele pausadamente.

— E o que mais? — perguntou o velho, extremamente preocupado.

— O inevitável. Trata-se daquilo que nas ilhas Hébridas e em outros lugares onde esse dom é exercido como um culto é denominado fatalismo, aquela palavra final do oráculo que é irrevogável. Ouvi falar muitas vezes sobre visões; na Austrália vivem muitos escoceses provenientes das montanhas ocidentais. Porém, em um minuto apenas, percebi nesta tarde como nunca me acontecera antes na vida, da maneira mais clara, o seu verdadeiro e derradeiro sentido: um muro de granito, da altura do céu, tão alto que nem o olhar divino conseguiria passar por cima. Bom, se a maldição terá que correr seu curso, então não há outra saída. É isso.

Agora fez-se ouvir a voz baixa e compenetrada de Sir Nathaniel.

— E se, antes, fosse preciso lutar? Na maioria das vezes temos que lutar pelo que almejamos.

— Por quase tudo, menos pela condenação. Farei tudo o que estiver a meu alcance. Haverá luta, sim, será preciso lutar. Quando, onde e como, isso ainda não sei. Mas o que poderá uma pessoa fazer em um caso como esse?

— Adam, somos três. — Salton olhou fixamente para seu velho amigo, cujos olhos relampejavam.

— Perfeitamente, somos três — disse com voz sonora.

Novamente fez-se um silêncio, até que Sir Nathaniel ousou desviar a conversa para um terreno menos emocional e mais neutro.

— E agora, conte como transcorreu o encontro. Lembre-se de que somos seus aliados. É uma luta até as últimas consequências, na qual não poderemos perder nenhuma chance.

— Não deveríamos desprezar nada que nos possa ajudar. Temos que lutar pela vitória. Talvez esteja em jogo uma vida humana. E até mais de uma.

Então Adam continuou em tom de voz normal a sua narrativa:

— Quando o sr. Caswall entrou, o negro manteve-se afastado. Tive a impressão de que esperava ser chamado e, por isso, preferiu ficar nas imediações para estar ao alcance da voz e da vista. Mimi colocou mais uma xícara na mesa e fez chá fresco.

— Aconteceu alguma coisa fora do comum ou correu tudo normalmente?

— perguntou Sir Nathaniel, em voz baixa.

— Tudo correu da maneira a mais normal possível. Nada de extraordinário chamou minha atenção, a não ser o fato — e a sua voz endureceu imperceptivelmente — de que ele não despregou os olhos de Lilla e isso de uma forma tão insuportável, principalmente para um homem que tem a maior consideração pela jovem.

— Como ele a olhou?

— Nada havia de ofensivo em seu olhar... mas mesmo assim...

— Você percebeu. A própria srta. Watford, a vítima, e Caswall, o ofensor, não poderão servir como testemunhas. Mais alguém o notou?

— Sim, Mimi. Ela chegou a enrubescer de raiva quando notou o olhar dele.

— Que tipo de olhar foi? Era ardente demais ou demonstrava excesso de admiração, ou como era? Era o olhar de um amante ou de alguém que tem essa intenção? Você compreende, não é?

— Sim, entendo. Algo nesse sentido teria me chamado a atenção. No meu íntimo eu me teria preparado para não perder meu controle diante um olhar semelhante a esse, o que também não teria acontecido.

— Se não foi um olhar que expressava paixão, então foi um de ameaça? Em que consistia a ofensa?

Adam olhou sorrindo para o velho senhor.

— Não havia nada de paixão. Tal fato não me teria causado surpresa. Eu seria o último a criticá-lo, pois eu mesmo pertencço a essa categoria de pecadores. Além disso, fui educado a manter sempre uma conduta honrosa e decente e considero-me uma pessoa justa por natureza. Concederia a um rival tanta generosidade e liberdade quanto esperaria da parte dele. Não, seu olhar era bem

diferente. E desde que ele não faltasse com o devido respeito, eu não me teria dado o trabalho de reparar nele. O senhor algum dia já viu os olhos de um cão de caça?

— Quando está em repouso?

— Não, quando segue seus instintos. Ou melhor, os olhos de uma ave de rapina quando espreita a sua presa.

— Não — disse Sir Nathaniel. — Posso perguntar por quê?

— Era o mesmo olhar. Não havia nada de paixão ou algo parecido, mas era mais perigoso, se não mais mortal, do que uma verdadeira ameaça.

Houve um silêncio novamente que somente foi interrompido quando Sir Nathaniel se levantou:

— Acho que cada um de nós deveria refletir sobre o que foi dito aqui. Depois, então, poderemos voltar ao assunto.

Capítulo 7

OOLANGA

O sr. Salton tinha um compromisso às 18 horas em Liverpool. Mal ele partira, Sir Nathaniel pegou no braço de Adam.

— Posso acompanhá-lo por alguns minutos até o seu escritório? Eu gostaria de falar contigo sem que seu tio o saiba. Concorde, não é? Esteja certo de que não se trata de simples curiosidade minha. Não, de jeito algum. É a respeito do assunto que interessa a todos nós.

— É preciso deixar meu tio fora da conversa? Isso poderia magoá-lo.

— Não é forçoso, mas é conveniente. Foi por causa dele que perguntei. Meu amigo já é bem idoso e poderia ficar preocupado ou inquieto, sem razão. Prometo que o fato de ficarmos calados não irá lhe causar nenhum desgosto.

— Então, fale — disse Adam simplesmente.

— Como eu já disse, seu tio está com bastante idade. Sei disso, porque passamos juntos nossa juventude. Como ele sempre levou uma vida tranquila e solitária, as estranhas coisas com as quais nos deparamos agora provavelmente o deixarão perplexo e talvez até mesmo assustado. Para as pessoas de idade, tudo o que é novidade representa um peso; em poucas palavras, tudo isso é uma ameaça à sua tranquilidade. É verdade que seu tio é forte e de natureza calma e feliz. Se Deus lhe der saúde e ele continuar a levar uma vida normal, poderá chegar aos cem anos. Por esse motivo acho ser da nossa obrigação poupá-lo de toda e

qualquer agitação. Certamente você concordará comigo que, para alcançarmos esse propósito, todo o esforço é justificado. Bem! Leio a resposta em seus olhos, não serão necessárias mais palavras.

E com um tom de voz diferente, prosseguiu:

— Agora conte-me com todos os detalhes o que aconteceu durante a sua visita aos Watford. Vamos lidar com coisas estranhas, até que ponto estranhas não podemos calcular no momento. Sem dúvida essas coisas difíceis de entender e ocultas por trás de um véu com o tempo nos serão desvendadas e então as compreenderemos. Nesse ínterim, não podemos fazer outra coisa a não ser trabalhar com muita paciência, sem medo e com generosidade, para um fim que achamos ser o certo. Você tinha chegado até o momento em que Lilla abriu a porta para o sr. Caswall e o negro. Em seguida observou que Mimi ficara extremamente preocupada ao perceber como Caswall fitava a sua prima.

— Sim, é certo, só que o termo “preocupada” é muito fraco para caracterizar a sua forte reação.

— Poderia, de memória, descrever o olhar de Caswall e a fisionomia de Lilla? Lembra ainda o que Mimi disse e qual a atitude que ela teve? E Oolanga, o criado negro de Caswall?

— Farei o possível, senhor. Enquanto o sr. Caswall cravava os olhos em Lilla, eles se mostravam fixos e não se moviam, mas não era como se estivessem em transe. Franzia a testa como se quisesse enxergar através de alguma coisa ou olhar para dentro de algo; mesmo quando ele está de bom humor, seu rosto não tem uma expressão suave, mas, quando o contorce, chega a ser quase diabólico. A pobre Lilla teve tanto medo que começou a tremer e depois de algum tempo ficou tão pálida que cheguei a pensar que fosse desmaiar. Ela, porém, manteve-se corajosa e tentou aguentar firme o olhar fixo de Caswall, se bem que de maneira muito mais fraca. Aí Mimi se aproximou dela e segurou sua mão. Isso deu força a Lilla e a cor voltou ao seu rosto, não deixando, no entanto, de olhar fixamente para Caswall.

— E ele também olhava fixo para ela?

— E como! Quanto mais fraca Lilla parecia ficar, mais forte ele se tornava, como se estivesse sugando toda a sua força. Mas de repente ela se virou, levantou os braços e caiu desfalecida. O que aconteceu depois não sei, porque Mimi se ajoelhou ao seu lado e aí não pude mais ver a outra. Então uma sombra escura

pôs-se entre nós. Era o negro, que parecia um demônio. Não tenho muita paciência, e o aspecto daquela criatura repelente fez com que meu sangue fervesse nas veias. Assim que me olhou, farejou logo o perigo que vinha bem de perto e foi saindo furtivamente, como se o tivessem posto para fora com pancadas. De uma coisa eu sei agora: ele é um adversário, como não pode haver outro pior.

— A luta continua sendo de três contra dois — objetou Sir Nathaniel.

— Então tanto Caswall quanto o negro se despediram. Mal eles haviam saído, Lilla logo se refez.

— Chegou a saber alguma coisa a respeito do negro? — perguntou Sir Nathaniel. — Quase não consigo conter minha impaciência para saber mais em relação a ele. Receio que ainda nos vá causar sérias dificuldades.

— Sim, senhor, ouvi alguma coisa sobre ele, naturalmente nada de caráter oficial. Mas, por enquanto, temos que nos contentar com boatos. O senhor conhece meu criado Davenport; é meu secretário particular, meu homem de confiança, meu factótum. Ele me é fiel e possui toda a minha confiança. Pedi-lhe para que ficasse a bordo do *West Africa* a fim de descobrir o que pudesse a respeito de Caswall. É claro que o negro o impressionou. Encontrou um comissário de bordo que já esteve inúmeras vezes na África do Sul e que não somente conhecia Oolanga, como também havia feito um estudo sobre ele. Esse homem sabe lidar com pessoas da raça negra, de maneira que elas lhe abrem os corações. Descobriu-se que Oolanga, na sua terra, é um homem importante. Possui duas características que lhe granjeiam respeito entre seu povo: consegue meter medo neles e vive esbanjando dinheiro. Não sei de quem é o dinheiro, mas isso não vem ao caso. De qualquer modo, os negros não se cansam de bajulá-lo. É uma bajulação negativa, mas isso também não tem importância. Sua história é a seguinte: ele começou como caçador de bruxos, o que, entre os nativos, é a profissão mais baixa. Depois foi conseguindo subir, chegando a ser feiticeiro, um cargo que auxilia uma pessoa a alcançar a riqueza através de chantagens. Finalmente alcançou o grau mais elevado no serviço ao demônio, chegando a ser mestre dos bruxos no vodu, sacerdote de um culto infame e de uma crueldade indescritível. Contaram-me alguns de seus atos horrendos. Isso teve como efeito que eu ansiasse pela oportunidade de mandá-lo de volta para o inferno. Chega-se mesmo a pensar que sua aparência transmita o tamanho de sua infâmia. Mas isso é um engano. Monstros como ele pertencem a um estágio anterior e cruel da barbárie. A seu

modo, ele até que é um rapaz inteligente. Porém, isso não o torna menos perigoso e detestável. Os marujos me informaram que ele é um colecionador. Alguns deles conseguiram ver sua coleção. E que coleção! Tinha de tudo o que entre os pássaros e os peixes existe de mais perverso. Bicos que conseguem quebrar e rasgar; todo o conjunto dos pássaros era de aves de rapina. E os peixes igualmente pertenciam à espécie que extermina, fere e provoca dores. Posso assegurar que para mim foi uma boa lição do que é a maldade e a mesquinhez. Esse ser expressa uma ruindade suficiente para meter medo até a uma pessoa forte. Não é de admirar que seu semblante fizesse com que a jovem perdesse os sentidos.

Naquele momento, nada mais havendo a fazer, os dois se separaram.

Adam levantou-se de manhã cedo e deu um bom passeio em volta do Brow. Quando passou por Diana's Grove deu uma espiada para a pequena alameda de árvores. Viu as cobras que o mangusto matara na manhã anterior. Estavam todas enfileiradas, como se alguém as tivesse colocado assim. Sua pele tinha um aspecto úmido e pegajoso. Formigas e outros insetos cobriam os répteis mortos. Sua aparência era tão nojenta que, depois de um olhar, ele prosseguiu a caminhada.

Um pouco mais tarde, quando seus passos o levaram quase que naturalmente até a entrada de Mercy Farm, o negro cruzou seu caminho, esgueirando-se por entre as árvores como uma sombra. Em seu braço estendido, parecendo uma toalha suja, viam-se as cobras repelentes. Era evidente que o negro não avistara Adam. Em Mercy não se via ninguém, a não ser os empregados que se encontravam no pátio. Após ter esperado em vão que Mimi aparecesse, Adam resolveu tomar o caminho de volta.

E, mais uma vez, teve um encontro. Agora era Lady Arabella que vinha em sua direção. Movimentava-se com passos rápidos e estava com tanta raiva que não o reconheceu nem deu sinal de ter percebido seu cumprimento.

Em casa, em Lesser Hill, sua primeira providência foi se dirigir até a cocheira, onde havia deixado o caixote com o mangusto. Levou-o consigo, decidido a terminar no monte de pedras o que havia iniciado no dia anterior. E descobriu que, dessa vez, as serpentes se deixavam matar com maior facilidade. Não eram menos de seis as que o mangusto exterminou nos primeiros trinta minutos. Como nenhuma outra apareceu, deu por terminada sua tarefa do dia e voltou para casa. O mangusto já havia se habituado a ele, permitindo que Adam pegasse nele. Este suspendeu o animal, pousando-o em seu ombro e seguiu

caminho. Aí percebeu que alguém vinha ao seu encontro. Reconheceu novamente Lady Arabella.

Até aquele momento o mangusto se mantivera calmo, como se fosse um gatinho mimado e brincalhão, mas, à medida que Lady Arabella vinha se aproximando, Adam notou horrorizado que o pelo do mangusto se eriçou de raiva. Pulou do ombro do rapaz e correu em direção a ela. O animal mostrava-se tão raivoso e agressivo que, involuntariamente, Adam soltou um grito de advertência:

— Cuidado! Cuidado! O animal é perigoso!

Lady Arabella fez uma cara de desprezo maior ainda do que a de hábito e seguiu adiante. Aí o mangusto, dando um pulo, atacou-a ferozmente.

Adam correu atrás dele com um pau, a única arma de que dispunha no momento. Mas justo no instante em que quase alcançava o animal, a jovem puxou o revólver e atirou no mangusto, quebrando-lhe com isso a espinha dorsal. Não contente com esse ato, desferiu contra ele tiro após tiro, até que não havia mais balas na arma. Nesta hora não demonstrava frieza nem aristocracia. Parecia ter mais ódio do que o animal e isso transparecia em seu rosto desfigurado e em sua ânsia insaciável de matar.

Adam, que não sabia como se comportar na presente situação, tirou o chapéu, como se quisesse pedir desculpas, e voltou rapidamente para Lesser Hill.

Capítulo 8

FORÇAS RESISTENTES

No café da manhã, a atenção de Sir Nathaniel foi chamada para o fato de que Adam parecia nervoso por algum motivo, mas evitou fazer qualquer pergunta, pois, na velhice, leva-se mais a sério o valor do silêncio do que na juventude. Somente quando os dois se encontravam no escritório para onde Sir Nathaniel tinha seguido Adam, o rapaz começou a relatar o que acontecera pela manhã. Era visível que o rosto de Sir Nathaniel se tornou sombrio e, quando Adam terminou seu relatório, demorou algum tempo antes de tomar a palavra:

— Isso é muito grave. Ainda não consegui formar uma opinião definitiva a respeito do assunto, mas, à primeira vista, parece mais sério do que eu esperava.

— Mas, senhor! A morte de um mangusto, fosse ele morto por quem quer que fosse, chega a ser uma coisa tão grave assim?

Seu interlocutor fumava silencioso, antes que se fizesse ouvir:

— Pode ser que eu modifique minha opinião depois que tiver refletido o suficiente sobre a questão, mas, enquanto isso, só posso dizer que existe alguma coisa de horrível por trás destes fatos, alguma coisa que poderá influir em nossa vida, podendo significar vida ou morte para cada um de nós.

Adam endireitou-se, assustado.

— Por favor, diga-me o que quer dizer, caso não tenha qualquer objeção, é evidente.

— Não tenho objeções, Adam, e, mesmo que as tivesse, eu as deixaria de lado. Temo que agora não possamos mais usar da discrição.

— Realmente, senhor, isto soa cada vez pior.

— Adam, receio muito por nós, por você e por mim. Em todo o caso, chegou a hora de falarmos sem rodeios um com o outro. Não é de opinião que todo esse assunto contém algo de muito misterioso?

— Há muito tempo que venho pensando assim. Não sei o que se pode fazer nem por onde começar.

— Começemos pelo que acabou de me contar. Em primeiro lugar, vejamos a questão do comportamento do mangusto. Ele estava calmo e até mesmo confiante e carinhoso contigo. E só se tornou agressivo ao avistar as cobras, mas isso é afinal seu trabalho vital.

— Justamente.

— Portanto, temos que descobrir por que atacou Lady Arabella.

— Poderia se dar o caso de um mangusto possuir um instinto de agressão que não possa diferenciar pessoas de animais?

— Talvez seja possível. Por outro lado, não deveríamos nos dar por satisfeitos que ele ataque indiscriminadamente? Se durante séculos esse animal é conhecido pela particularidade de somente agredir uma única espécie, supõe-se imediatamente que, ao atacar um gênero de animal até agora desconhecido, reconheça nesse outro animal uma qualidade igual àquela apresentada pelo seu inimigo mortal?

— Um ótimo argumento, senhor — prosseguiu Adam —, porém perigoso. Se continuarmos seguindo essa linha de raciocínio, isso nos levaria a acreditar que Lady Arabella seja uma cobra.

— Antes de chegarmos tão longe, teremos que nos certificar se não deixamos de lado nenhum outro ponto que nos possa esclarecer o que não tem explicação.

— Como assim?

— Suponhamos que o instinto se apoie em bases físicas. No cheiro, por exemplo. Se o instinto de agressão for despertado por ele, então teríamos encontrado o motivo que procuramos.

— Sim, naturalmente.

— Você disse que, pouco antes, o negro vinha da direção de Diana's Grove e que ia levando as serpentes que o mangusto matara no dia precedente. Não seria possível que o cheiro viesse daquele lado?

— Claro que sim, e é até bem provável. Eu mesmo não teria pensado nisso. Não se poderia calcular quanto tempo perdura este odor? Veja o senhor, trata-se de um cheiro natural que provavelmente parte de um lugar onde agiu durante milênios. Em segundo lugar, será possível que um cheiro possa ser afetado por uma outra característica diferente, seja boa ou má? Faço essa pergunta porque o nome antigo da casa habitada pela jovem agredida era a “Toca do Verme Branco”. Se assim for, nossas dificuldades se multiplicaram infinitamente. Teremos que tratar com categorias moralizadoras. E antes de nos darmos conta, estaremos participando desta luta entre o bem e o mal.

O sorriso de Sir Nathaniel era contrafeito.

— Com relação à primeira pergunta, pelo que eu saiba, não existem períodos determinados para que um cheiro se mantenha, e poderemos partir do princípio de que tal período não se estenda através de milênios. E não posso julgar se uma mudança de moral é acompanhada por uma mudança física. Jamais tive que me defrontar com tal tipo de fenômeno. Mas, ao mesmo tempo, não podemos esquecer que o “bem” e o “mal” têm uma concepção muito vasta e que abrangem toda a criação, inclusive as ações e reações nela incluídas. Eu diria que tudo pode ser considerado como a “causa original”. Enquanto as forças inerentes ou as tendências para essas coisas forem desconhecidas para nós, devemos partir do ponto de vista de que se trata de mistérios.

— Então existe mais uma pergunta na qual tenho interesse em saber sua opinião. Supondo que existam forças que atuem constantemente e que têm ligação com o passado, poderíamos dar a essas forças o nome de “resistentes”? Pertenceriam elas tanto ao lado do bem quanto ao do mal? Se, por exemplo, o odor do monstro pré-histórico se mantivesse em correspondência ao tamanho original, essa resistência não poderia também pertencer às coisas boas?

Sir Nathaniel refletiu antes de responder.

— Temos que tomar cuidado para não fazer confusão entre físico e moral. Percebe que você se concentra mais na parte moral, e, assim, cuidaremos dela em primeiro lugar. No que concerne à moral, temos boas razões para supor que os mistérios da religião nos são manifestados nas revelações. Assim, por exemplo,

acontece que “ardentes orações” de uma pessoa boa podem alcançar muita coisa. Do lado do mal, não se conhece nada parecido. Se acreditarmos nesses dizeres, não precisaremos ter mais medo dos “mistérios”. Estes vêm a ser obstáculos comuns.

De súbito, Adam mudou de assunto.

— E agora, eu gostaria de me ocupar com questões práticas. Ou, melhor dizendo, históricas.

Com um aceno, Sir Nathaniel deu a entender que concordava.

— Já falamos a respeito da história de determinados lugares desta região, até onde é conhecida: Castra Regis, Diana’s Grove, Toca do Verme Branco. Mas, então, não existem localidades que tenham relação com coisas boas?

— Por exemplo? — perguntou Sir Nathaniel, atento.

— Esta casa e Mercy Farm.

— Sim, aqui nos dedicamos ao outro lado — disse Sir Nathaniel. — Ao lado bom das coisas. Começemos por Mercy Farm. Quando o papa Gregório enviou Santo Agostinho para catequizar a Inglaterra, na época dos romanos, este foi recebido e protegido pelo rei Etelberto de Kent. Sua esposa, uma filha do rei de Paris, Charibert, era cristã e mostrou-se a favor dele. Em memória de Santa Columba, fundou um convento que foi denominado *Sedes Misericordiae*, que quer dizer “Casa da Misericórdia”. Como a região pertencia ao reino de Mercia, houve uma fusão de ambos os nomes. E como Columba em latim significa pomba, esta ave se tornou como um símbolo para o convento. Essa ideia foi mantida e o convento veio a se tornar a casa dos pombos. Alguém enviou para o claustro uma raça de pombos recém-descoberta, que apresentava na penugem branca da cabeça até a nuca uma espécie de touca de freira. O convento manteve-se no auge durante mais ou menos um século e só teve seu declínio quando Penda introduziu novamente o paganismo. Mas, nesse período, as pombas, protegidas pela devoção, tinham se multiplicado tremendamente e eram conhecidas em todas as comunidades. Quando 150 anos mais tarde o rei Offa reinava em Mercia, lutou novamente pelo cristianismo e o convento ganhou outro impulso, mas somente para ter um novo declínio com o passar do tempo. Mas antes de o convento desaparecer, ele se havia tornado famoso por sua caridade. A devoção das freiras era célebre. Se boas ações, preces, esperança e reflexões sinceras têm

efeito moral, então pode-se denominar Mercy Farm e todos os seus arredores como chão sagrado.

— Obrigado, senhor — falou Adam, com sinceridade, calando-se. Sir Nathaniel compreendeu o seu silêncio.

Depois do almoço, Adam convidou Sir Nathaniel casualmente para um passeio. O experiente velho diplomata desconfiou que o rapaz tinha uma determinada intenção e concordou de imediato.

Mal se encontraram fora de vistas estranhas, Adam começou:

— Infelizmente aqui nas redondezas estão acontecendo mais coisas do que as pessoas possam imaginar. Hoje de manhã, quando saí, encontrei uma criança à margem da estrada, perto de um bosque. Primeiro pensei que estivesse morta, porque se mantinha imóvel. Enquanto eu examinava a pequena, descobri sinais de mordida em sua nuca.

— Talvez fossem provocadas por um cão vadio?

— É possível, senhor, se bem que eu não o creia. Mas deixe-me continuar. Olhei em volta e percebi, para meu espanto, que, entre as árvores, algo branco se movia. Deitei com cuidado a criança e penetrei no bosque, mas não obtive mais pistas. Então voltei para junto da criança e continuei a examiná-la. Para minha satisfação e para meu alívio, constatei que a pequena ainda vivia. Friccionei-lhe as mãos e, aos poucos, ela foi voltando a si. Mas fiquei muito decepcionado porque ela não conseguia se lembrar de nada. Sabia somente que algo se aproximara dela por trás, pegando-a pelo pescoço. Aí então perdera os sentidos.

— Se foi agarrada pelo pescoço, não pode ter sido um cão.

— E isso não é o pior! Trouxe o senhor até aqui por esse motivo, para não podermos ser ouvidos. Mas deve ter notado que Lady Arabella não anda, desliza. Estou certo de que a coisa branca que vi no bosque era a dona de Diana's Grave!

— Deus Todo-Poderoso, tenha cuidado com o que diz!

— Sim, senhor, tenho plena consciência de minha acusação, mas estou convencido de que as marcas de mordida no pescoço da criança provinham de um ser humano; de uma mulher.

O acompanhante refletiu enquanto permanecia calado.

— Adam — disse ele, finalmente —, a coisa me parece mais grave do que pensa. Ela me obriga a abusar da confiança de meu velho amigo, seu tio, mas como quero poupá-lo, não tenho outra escolha. Há já algum tempo que vêm

acontecendo coisas em nossa vizinhança que o abalaram muito: pessoas que desapareceram sem deixar vestígios, uma criança foi encontrada morta sem que se pudesse descobrir a causa da morte, cordeiros e outros animais encontrados no pasto com ferimentos expostos.

“Além disso ainda outros fatos aconteceram, muitos deles parecendo triviais. Em todo o caso, uma energia negativa está agindo e confesso que desconfio de Lady Arabella. Essa também é a razão pela qual lhe fiz perguntas pertinentes a respeito do mangusto e de sua agressão à jovem. Certamente deve ter considerado uma ousadia de minha parte o fato de ter desconfiado da dona de Diana's Grove, uma mulher bonita e de nascimento nobre. Deixe-me explicar: a sede da família em Doom Tower se encontra na minha vizinhança mais próxima. Antigamente mantive uma boa amizade com a família dela. Lady Arabella quando jovem não voltou de um passeio ao bosque. Acharam-na desmaiada, com febre alta, e o médico constatou que o motivo foi uma mordida venenosa. Como era de constituição frágil, sua condição era bem grave, tão grave que nem se podia pensar que fosse sobreviver. Um conhecido médico de Londres foi chamado, mas ele também não pôde ser de nenhuma ajuda, chegando até a afirmar que a menina não passaria daquela noite. Todas as esperanças já haviam sido perdidas quando Lady Arabella, para o maior espanto de todos, recuperou-se de repente e, depois de alguns dias, andava por ali como se nada tivesse acontecido. Mas como ficaram espantadas as pessoas da família quando ela desenvolveu uma tendência para a crueldade tão grande que chegou a ferir pássaros e pequenos animais e os mutilava e até os matava. Isso era atribuído a um distúrbio nervoso provocado pela mudança de idade e esperava-se que, com o casamento com o capitão March, tudo ficaria normalizado. Mas não chegou a ser um matrimônio feliz. Certo dia, encontraram seu marido morto com um tiro na cabeça. Sempre pensei que ele tivesse se suicidado, apesar de não ter sido encontrada arma alguma ao lado do morto. O pobre coitado deveria talvez ter descoberto Deus lá sabe o que, de modo que Lady Arabella possivelmente o matou. Juntando os vários indícios que encontrei com o decorrer do tempo, cheguei à conclusão de que o nojento Verme Branco tinha se apoderado dela quando sua alma quis se livrar do corpo, deste modo estaria explicado por que se reacendeu sua energia e o inexplicável anseio de matar e de judiar, bem como muitas outras coisas com as quais não quero

aborrecê-lo. Como já disse, só Deus sabe o que o capitão March descobriu. Deve ter sido algo tão monstruoso que uma pessoa não seria capaz de aguentar.”

Adam concordou com um aceno de cabeça.

— O que podemos fazer agora? O problema parece-me não ser nada fácil de resolver.

— Não podemos fazer nada, meu filho, isso é o mais importante. Será impossível tomar qualquer iniciativa. Não nos resta outra alternativa a não ser ficarmos atentos, principalmente por causa de Lady Arabella. E, se houver uma oportunidade, deveremos agir prontamente.

Adam deu-lhe razão e ambos voltaram para Lesser Hill.

Capítulo 9

O CHEIRO DA MORTE

Embora não falasse a respeito, Adam não deixou de estar ligado ao assunto. Combinara com Sir Nathaniel de não dar maior atenção ao terrível medo que Lady Arabella tinha do mangusto, mas estava sempre pronto para agir, desde que se apresentasse a oportunidade. Ele próprio continuava à procura de informações ou dicas que justificassem uma ação de sua parte. Atordoadado pela morte do mangusto, Adam procurava uma linha a seguir. A ideia de que deveria haver uma ligação entre a mulher e o animal o fascinava, mas já estava se preparando para um novo ataque.

Queria se aproveitar ao máximo das faculdades de Oolanga no esclarecimento do mistério. Em primeiro lugar mandou Davenport para Liverpool à procura do comissário do *West Africa* que lhe falara a respeito de Oolanga. Caso fosse possível, deveria tentar tirar um número maior de fatos concernentes ao negro. Então ele queria ver se conseguiria, por intermédio de suborno ou de outros meios, fazer com que o negro viesse até o Brow. Tão logo ele próprio pudesse falar com o feiticeiro, estava certo de que saberia de algo útil. Davenport teve sucesso na missão que lhe fora confiada, voltando com um segundo mangusto que havia comprado e pôde contar a Adam que chegara a falar com o camareiro. E este lhe dissera o que ele desejava saber. Além do mais, conseguiu fazer com que Oolanga fosse a Lesser Hill no dia seguinte.

A esta altura, Adam já se sentia tão seguro do caminho que deveria seguir que pôde confiar até certo ponto em Davenport. Chegou à conclusão de que, por enquanto, seria melhor que ele mesmo não aparecesse, deixando este papel para Davenport, que concordou. Depois que a questão tivesse evoluído mais um pouco, ainda estaria em tempo dele próprio entrar em ação.

No caso de o negro estar contando a verdade, esse homem seria um verdadeiro achado e poderia ser muito útil para alcançarem seu objetivo. Pois ele assegurava que podia sentir o cheiro da morte. A fim de pôr essa qualidade à prova, Adam queria levá-lo a lugares diferentes e esperar para ver como se comportaria. Mostrava-se tão ansioso que tinha a impressão de que o tempo não passava.

Seu único consolo foi o fato de que, na manhã seguinte, chegou um caixote reforçado, despachado por Ross e cuja chave estava em poder de Davenport. No caixote encontravam-se dois recipientes, ambos trancados. Em um deles estava um mangusto que deveria substituir o que foi morto por Lady Arabella. No outro encontrava-se um mangusto especial que matara uma cobra naja no Nepal. Depois que os animais foram colocados em um abrigo, num lugar seguro, ele sentiu que podia respirar mais livremente. Com exceção dele e de Davenport, ninguém mais deveria ter conhecimento da presença dos animais na casa.

Adam arranjou as coisas de tal maneira que Davenport desse umas voltas com Oolanga pelas redondezas e desse uma parada com ele em determinados lugares. No Brow, ele deveria voltar pelo mesmo caminho da ida e induzir o negro a tocar novamente nos mesmos assuntos com Adam, que encontrariam casualmente, por assim dizer, atrás de Mercy Farm.

Tudo deveria correr como Adam previra. Perto de Mercy Farm, de Diana's Grove, em frente a Castra Regis e alguns outros lugares, o africano ficou parado, inspirando o ar, com as narinas trêmulas. Estava sentindo o cheiro da morte, dissera ele, mas nem sempre de maneira igual. Perto de Mercy Farm falou de muitas mortes pequenas. Perto de Diana's Grove seu comportamento foi bastante diferente. Notava-se nele a satisfação e o prazer quando falava de grandes mortes. Ali também ele inspirava o ar como se fosse um sabujo farejando uma pista, deixando transparecer certa surpresa. Não disse palavra alguma, nem de elogio nem de insulto. Porém, no centro da gruta, onde se encontrava um bloco de granito no qual se via na parte superior uma pequena escavação, bloco esse

escondido entre troncos de carvalho muito velhos, ele se curvou, encostando a testa no chão. Foi o único lugar em que demonstrou veneração. Diante de Castra Regis, ao contrário, onde também falou de muitas mortes, não deixou transparecer sinal algum de deferência.

Ao redor de Diana's Grove havia alguma coisa que o interessou, deixando-o perplexo. Antes de continuarem, movia-se inquieto e, em um ponto perto da ribanceira do Brow, onde era visível uma profunda gruta, aparentou estar com medo. Depois de ter se virado várias vezes para aquele local, de súbito deu uma volta e saiu correndo apavorado, morro acima, tendo que passar por cima do rochedo saliente. Somente então é que pôde respirar mais aliviado outra vez e recobrou sua usual atitude desavergonhada. Tudo isso ia ao encontro do que Adam esperava. Ele voltou calmo e tranquilo para Lesser Hill. Sir Nathaniel seguiu-o até seu escritório.

— Esqueci-me de perguntar antes a respeito das particularidades de uma coisa. Naquela ocasião em que Caswall fitou Lilla, como ela se comportou?

— Ela dava a impressão de estar muito assustada e tremia como uma pomba perante o falcão, ou uma ave diante da serpente.

— Obrigado. É exatamente o que eu esperava. Na família Caswall, certas circunstâncias apontam para o fato de que, desde os tempos os mais remotos, seus membros possuem extraordinárias qualidades hipnóticas e de mesmerismo. Bastava um olhar dirigido à fisionomia deles para que uma pessoa experiente pudesse reconhecer essas qualidades. A comparação que você fez instintivamente ou de propósito, entre o falcão e a pomba, está certa. Em nossas pesquisas penso que poderemos partir dessa qualidade hipnótica como sendo um fato.

Mal havia escurecido, Adam pegou o novo mangusto, não o do Nepal, e foi caminhando lentamente com ele em direção a Diana's Grove. Não muito longe da entrada, encontrou Lady Arabella, usando uma roupa bastante justa, que acentuava sua figura esbelta.

Para seu espanto, o mungo deixou-se acariciar por ela, permitindo que Lady Arabella o tomasse nos braços. Como ia seguir na mesma direção que Adam, continuaram a andar juntos. No caminho entre as entradas de Diana's Grove e Lesser Hill, havia muitas árvores que só tinham pouca folhagem nas pontas dos galhos. Devido à escuridão, a visibilidade entre os troncos, muito juntos uns dos outros, tornou-se mais difícil. Quase não se podia distinguir nada, de modo que

ele a perdeu de vista e se voltou, retornando pelo mesmo caminho, à procura dela. Próximo à entrada de sua propriedade ele a encontrou. Estava encostada na cerca. Como não via o mangusto em lugar algum, perguntou se ela sabia onde o animal estava escondido.

— Ele fugiu dos meus braços enquanto eu o acariciava — retorquiu ela. — E então desapareceu rapidamente debaixo da cerca viva.

Foram encontrá-lo em um local onde o caminho fora alargado, a fim de dar passagem para dois carros. O animalzinho parecia outro. Antes tinha vivacidade e pulara o tempo todo, enquanto que agora mostrava-se atordoado e sem vida. Sem que fizesse diferença entre um e outro, consentiu que ambos o pegassem e o levassem ao colo; porém, nos braços de Lady Arabella, ele ficava olhando em volta, assustado, como se quisesse fugir. Mal chegaram à estrada, Adam apertou o mangusto de encontro a si e caminhou rápido em direção a Lesser Hill, depois de ter tirado o chapéu cumprimentando a sua companheira. Na escuridão, logo a perdeu de vista.

Chegando em casa, Adam colocou o mangusto no caixote e fechou o aposento. O segundo espécime, aquele do Nepal, estava em segurança em seu caixote e não se mexia.

Quando Adam entrou no seu escritório, Sir Nathaniel entrou logo atrás a fim de lhe fazer companhia, cerrando a porta.

— Vim aqui com a finalidade de trocarmos a sós algumas palavras, porque preciso lhe dizer uma coisa sobre os Caswall que poderia interessá-lo. Aqui na região, havia uma crença de que os Caswall possuíam o poder de impor a vontade deles aos outros. Em diversas reminiscências ou crônicas locais, havia alusões a respeito. Mas conheço apenas uma obra em que essa questão é abordada abertamente. Chama-se *Mercia e seus nobres*, um livro escrito por Ezra Toms há cem anos. O autor entrou em pormenores no que se refere ao relacionamento entre Edgar Caswall e Mesmer, em Paris. Diz ali que Caswall fora um aluno e um colaborador de Mesmer, e que levou consigo uma porção de literatura filosófica e de instrumentos elétricos, quando finalmente deixou a França. Não se tem notícia de que Mesmer tenha utilizado mais tarde esses aparelhos. De uma observação feita a um amigo seu, concluímos que ele os tinha dado a um ex-aluno. Ele empregava um termo estranho, dizendo que os deixara de herança, mas não se

tem conhecimento de uma herança de Mesmer dessa natureza. Bem, é fato que os aparelhos haviam desaparecido e nunca mais foram vistos.

Um empregado entrou, dizendo a Adam que ouvira uns ruídos esquisitos provenientes do aposento trancado. Adam não perdeu tempo e foi correndo para lá, enquanto Sir Nathaniel o seguia. Depois de ter trancado a porta, Adam abriu os caixotes onde se encontravam presos os dois mangustos. De um deles não saía nenhum som, ao passo que no outro, o mangusto se debatia inquieto. O lamento nervoso que se ouvia partia do animal do Nepal, que logo a seguir se acalmou. O animal do outro caixote jazia morto e todos os sinais indicavam que havia sido estrangulado.

Capítulo 10

A PIPA

No dia seguinte, Adam pôs-se a caminho de Mercy Farm, um pouco depois das 16 horas. Às 18 horas em ponto estava de volta. Mostrava-se pálido e muito nervoso, mas, por outro lado, parecia estar controlado e pensativo. O velho senhor expressou sua impressão com as seguintes palavras: “Armado para a luta!”

— Então, o que há? — perguntou Sir Nathaniel, acomodando-se na poltrona. Ele fitava Adam o tempo todo e prestava atenção para não perder nada, nem mesmo a entonação de uma só palavra.

— Encontrei Lilla e Mimi em casa. Watford fora retido na fazenda devido ao trabalho. A sra. Watford me recebeu tão amavelmente quanto antes. Mimi também pareceu contente ao me ver. O sr. Caswall entrou tão repentinamente depois de mim que ele ou alguém a quem dera ordens deve ter observado minha chegada. Nos seus calcanhares vinha o negro, ofegante, dando a impressão de ter corrido. Por isso é de se supor que era ele quem estivera de alcateia.

“O sr. Caswall demonstrava frieza e tranquilidade, porém seu semblante e seu olhar eram mais duros do que o habitual, o que não me agradou nem um pouco. Mas nem por isso deixamos de ter uma boa conversa. Ele falava de vários assuntos de maneira agradável. Depois de algum tempo o negro desapareceu, como na vez anterior. O olhar do sr. Caswall, como sempre, se fixava em Lilla, é certo que de maneira profunda e séria, sem porém ser ofensiva. Se não fosse pelas

sobrancelhas enrugadas e pelo queixo contraído, eu nada teria percebido de anormal. No entanto, seu olhar se tornou cada vez mais intenso depois que começou a fitar a jovem. O nervosismo de Lilla foi aumentando como na primeira ocasião, mas ela conseguiu se manter controlada. Porém, quanto mais nervosa ia ficando, tanto mais implacável se tornava o olhar de Caswall. Ficou evidente para mim que eu estava presenciando uma luta entre meios hipnóticos ou de mesmerização.

“Depois de uns momentos ele olhou ao redor, levantou uma das mãos sem que Mimi nem Lilla o tivessem percebido. Esse era o sinal para o negro, que entrou pé ante pé através da porta aberta, como era seu hábito de mover-se.

“O olhar do sr. Caswall tornou-se ainda mais intenso, e o nervosismo da pobre Lilla aumentou ao máximo. Mimi, que sentiu a aflição da prima, postou-se ao lado dela, como se quisesse consolá-la ou lhe dar forças com a sua proximidade. Isso, por seu lado, dificultou a ação de Caswall, pois seus esforços, que de modo algum enfraqueceram, pareciam produzir menos efeito. Assim, a situação continuou a favor de Mimi e de Lilla, por algum tempo ainda.

“Mas, então, houve uma digressão. Sem uma palavra ou uma desculpa sequer, a porta foi aberta e Lady Arabella March entrou. Eu havia percebido sua chegada através da janela. Ela atravessou o aposento, calada, e se postou ao lado de Caswall. Então ocorreu uma luta muito estranha. Quanto mais tempo durava, mais séria e exasperante ela ia se tornando. Essa união de energias, o proprietário, a dama de branco e o negro, teria sido impossível no sul dos Estados Unidos, e provavelmente lhes teria custado a vida. Para nós não era menos terrível, mas não nos era incompreensível. Para usar o jargão do esporte, acontecia uma luta até as últimas consequências e a equipe mista não enfraqueceu em minuto algum. Já se notava claramente o desgaste em Lilla, porque estava ficando cada vez mais pálida. Era uma palidez com manchas, o que demonstrava que seus nervos estavam a ponto de explodir. Tremia como uma vara verde e percebi que mal se aguentava em pé, embora se defendesse contra sua fraqueza. Chegou quase a desmaiar praticamente uma dúzia de vezes, mas bastava um olhar de Mimi para lhe dar novas forças para continuar na luta.

“Enquanto isso, o semblante de Caswall perdera sua passividade aparente. Seus olhos brilhavam de modo sinistro. Parecia um daqueles romanos do tempo antigo, de uma vontade inquebrantável. A isso se aliava uma enorme raiva. Seus

companheiros de luta também pareciam terem sido atingidos por ela. Lady Arabella parecia uma pessoa sem alma, um ser sem compaixão, de uma natureza que não parecia humana, a não ser que se acreditasse nos velhos mitos, nos quais se fala de pessoas que perderam sua característica humana ao sofrerem transformações. E, com relação ao negro, bem, só sei dizer que, seguindo seu conselho, desisti da vontade de aniquilá-lo assim como lá estava, sem aviso algum e sem lhe dar nenhuma chance. Lilla continuava calada, desamparada em sua agonia e completamente concentrada no que se passava. Mimi, ao contrário, estava absolutamente tomada pela força de resolução e absorção, tão aprofundada na luta travada em sua alma que não havia espaço para outros pensamentos. E eu, bem, as algemas que me foram impostas pela própria vontade e que me condenavam a ficar de braços cruzados, eu as sentia como se fossem faixas de aço que tornavam insensíveis todos os meus sentidos, menos os da visão e os da audição. Parecíamos presos em um impasse. Alguma coisa tinha forçosamente que acontecer. Como em um sonho, percebi o movimento de umas das mãos de Mimi. Ela tocou em Lilla, que, no mesmo instante, se transformou. Voltaram-lhe juventude e força, depois que sentimentos de força de resolução davam a impressão de tê-la abandonado. Pegou na mão da outra com tanta impetuosidade que as juntas ficaram esbranquiçadas. Com o esforço, suas faces enrubesceram como se estivesse sendo iluminadas por uma luz divina. Levantou-se lentamente. Com a mão direita erguida, foi se dirigindo para Caswall, parecendo levar-lhe uma estranha força invisível. Repetia sempre o mesmo gesto e a cada vez o homem recuava um passo. Já se aproximava da porta, mas ela continuava firme. Agora, ouviu-se um barulho, que aumentava a cada segundo e se tornava mais intenso. E a cada passo de recuo de Caswall, o barulho que partia de uma fonte desconhecida aumentava ainda mais, até que alcançou seu auge no exato momento em que ela, com um gesto largo, lançou algo contra seu inimigo e ele, cobrindo o rosto com as mãos, foi atirado para fora através da porta.

“De repente, voltei a ser o senhor dos meus sentidos. Eu via e ouvia tudo ao meu redor e estava plenamente consciente do que acontecia. Todos ainda haviam permanecido ali, embora eu os visse apenas através de uma espécie de véu. Lilla caiu ao chão desfalecida e Mimi, em um movimento de triunfo, ergueu os braços. Pela grande janela vi, e ao mesmo tempo percebi, que o sol inundava a terra,

sobrevoada por grandes bandos de pássaros. Ficaram diante do sol, obscurecendo-o.”

Na manhã seguinte, a luz do dia revelou o perigo ameaçador em toda a sua extensão. De todas as partes do leste do condado chegaram informações sobre a invasão de enormes bandos de pássaros. Especialistas — por iniciativa própria, em proveito da ciência e a mando das autoridades locais e superiores — enviaram relatórios que tratavam do assunto e propunham que se tomassem medidas acauteladoras.

Os relatórios que chegavam das redondezas eram talvez os mais preocupantes. Tinha-se a impressão de que os bandos de pássaros vindos de todas as direções iam aumentando. É verdade que muitos deles se retiravam voando, mas a quantidade parecia não diminuir. E cada pássaro emitia sons de medo, ou raiva, ou ânsia, e o bater das asas não parava, enchendo o ar com o seu adejar. Nenhuma janela, nenhuma parede podia deter o barulho atordoador em sua intensidade. Era tão monótono, tão triste, tão desanimador e tão cheio de melancolia que todos ansiavam em vão por uma mudança, por mais horrível que fosse.

Na manhã seguinte, chegaram notícias piores ainda. Os camponeses aguardavam o inverno com apreensão, porque as frutas haviam sido devoradas pelas aves. Mesmo assim, nada mais era do que uma advertência do mal, e não o mal em si. A terra se tornava desolada e erma quando qualquer barulho assustava os pássaros, fazendo com que levantassem voo.

Edgar Caswall quebrava a cabeça em vão, à procura de um meio para combater essa praga. Finalmente se lembrou de uma forma que prometia dar uma solução para o problema. Recordou-se de uma aventura que tivera há muitos anos quando estivera na China. O fato acontecera nas cabeceiras dos afluentes do Iang-tse-quiang, onde os pequenos rios e riachos formavam um sistema de irrigação natural, levando água às plantações de arroz. Aproximava-se a época da colheita e os bandos de pássaros que atacavam as plantações eram uma séria ameaça não apenas para a região, mas também para todo o país. Mas os camponeses, que todos os anos tinham que lutar contra esse problema, sabiam como acabar com ele. Fizeram uma enorme pipa que deixaram circular por cima daquela parte mais atacada. A pipa tinha o formato de um gigantesco falcão. Mal levantava o voo, os pássaros se abaixavam, temerosos, procurando refúgio e, no final, desapareciam

completamente. Enquanto a pipa permanecia no ar, eles não se mexiam mais e a colheita estava salva.

De acordo com isto, Caswall deu ordens a seus empregados para que construíssem uma enorme pipa que se assemelhasse a um falcão. Então, com a ajuda deles, prendeu-a a uma corda bem longa e a puseram no ar. E a experiência feita na China foi repetida aqui. Mal a imagem foi suspensa no ar, os pássaros começaram a procurar proteção. Na manhã seguinte, a pipa continuava no ar e em toda a redondeza visível de *Castra Regis* não havia pássaro algum. Porém uma outra desgraça ainda maior se seguiu à primeira. As aves haviam se escondido e silenciado. Não se ouvia o seu cantar e o seu pipilar; no lugar do canto normal das aves, havia apenas um silêncio profundo. Mas isso não era tudo. Esse silêncio apoderou-se de toda a fauna.

O medo e a timidez que tinham tomado conta das criaturas aladas teve influência sobre todos os seres, até mesmo o mugido das vacas não era mais ouvido. Em lugar dos ruídos da vida entrara um silêncio que preconizava desgraça. Era mais horrível, mais desencorajador e mais deprimente do que qualquer outro ruído, por mais amedrontador que fosse. Os devotos rezavam pela salvação dessa quase insuportável monotonia. Em pouco tempo, podiam-se notar sinais de um desânimo geral. Os semblantes não expressavam qualquer sinal de vida, de interesse nem de ideias e, principalmente, de esperança. As pessoas pareciam ter perdido a capacidade de demonstrar seus sentimentos. O silêncio era como uma escuridão total e ouvia-se os dentes serem trincados de dor.

Não havia como se libertar desse silêncio que dominava tudo. Melancolia era a nota reinante. Desaparecera a alegria, um importante fator da vida, dando lugar a um vazio. A enorme mancha lá nas alturas era como se fosse um infortúnio, como uma crença contra a humanidade, que afligia a todos, roubando-lhes qualquer tipo de esperança.

Depois de poucos dias, as pessoas começaram a ficar desesperadas. As palavras e os sentidos pareciam estar represados. Edgar Caswall tornou a quebrar a cabeça procurando um antídoto contra o mal ou que ao menos pudesse suavizar um pouco a situação. Ele teria preferido abaixar a pipa ou até mesmo destruí-la, mas, assim que ele a punha no chão, os pássaros retornavam em maior quantidade ainda e todos os que se dedicavam à agricultura enviavam seus protestos para *Castra Regis*.

A influência da pipa amedrontadora era na verdade muito esquisita. Até os seres humanos eram afetados por ela. Para as pessoas de Mercy Farm era como o gosto amargo da morte. Lilla o sentia mais do que todos os outros. Se ela realmente fosse uma pomba ameaçada pela pipa no ar, não poderia demonstrar mais medo.

É evidente que esse efeito não passou despercebido. As pessoas que se interessavam pelo assunto trocavam suas ideias a respeito. Era por demais curioso o fato de que fora o negro quem menos ligara para o silêncio fantasmagórico. Parecia que a natureza o havia dotado de nervos muito fortes. Mas somente isso não era uma explicação para sua indiferença e assim as pessoas matutavam sobre o verdadeiro motivo por ele não ser afetado pelo silêncio. Adam não demorou muito a chegar à conclusão de que deveria haver uma compensação, não concedida aos outros, e acreditava que essa compensação tinha qualquer coisa a ver com a sua satisfação em assistir ao sofrimento alheio. E agora o negro tinha uma fonte inesgotável de divertimento.

A índole fria de Lady Arabella deixava-a insensível ao sofrimento das outras pessoas e também Edgar Caswall era um homem duro demais para se comover com os pobres seres desamparados e, muito menos ainda, com as criaturas silentes. O sr. Watford, o sr. Salton e Sir Nathaniel, todos eles haviam sido atingidos, e por duas razões: antes de tudo, nenhum deles conseguia ver o sofrimento de alguém sem se comover e, em segundo lugar, sendo moradores do campo, eram obrigados a proteger sua colheita se não quisessem ficar arruinados.

Mas Lilla era a que mais sofria. Com o passar do tempo, seu rosto foi afinando e os olhos ficaram vermelhos de tanto chorar e turvos de tanto olhar. E Mimi sofria com a prima. Mas, como nada podia fazer, manteve-se retraída, exortando-se a si mesma para controlar-se e ter paciência. Seu único consolo eram as repetidas visitas de Adam.

Capítulo 11

A ARCA DE MESMER

Depois de algumas semanas, parecia que a pipa dava a Edgar Caswall nova alegria de viver. Jamais se sentia cansado de seguir seus movimentos. Mandou colocar uma poltrona confortável na torre, de onde ele por vezes passava sentado o dia inteiro para ficar admirando a pipa como se fosse um brinquedo novo e ele uma criança que o ganhou de presente. Contudo, não perdeu seu interesse por Lilla, o que demonstravam suas repetidas visitas a Mercy Farm.

De fato, seus sentimentos por ela, fossem lá como eram, mudaram de tal forma que se transformaram em uma afeição distinta de um tipo puramente animal. Parecia que a natureza do homem se tornara corrupta, e que todas as suas características mais egoístas e implacáveis ficaram mais flagrantes. Não havia nada muito rígido em sua natureza, porque havia menos autocontrole. A determinação se transformara em indiferença.

A visível mudança que se operara nele era uma prova de certa fraqueza e o conservava deprimido e calado. Os vizinhos chegaram a acreditar que ele certamente estava ficando maluco, porque tomava tão a sério a pipa, à qual observava não apenas durante o dia, mas, vez por outra, durante a noite inteira. Estava completamente obcecado por ela.

Caswall tinha o maior interesse no fato de a pipa ficar exposta no ar. Mandou colocar uma corda de um comprimento enorme, que corria sobre uma

roldana, presa no parapeito da torre. O comprimento era regulado por meio de uma manivela e a corda movimentada através de uma aparelhagem toda especial. Dia e noite, um homem tinha que estar a postos na torre. Naquela altura, o vento era sempre muito forte, de modo que a pipa se movia vigorosamente, tanto para cima como também na horizontal. Assim aconteceu que ela, no mais curto espaço de tempo, foi um dos objetos de interesse de Castra Regis e de toda a redondeza. Em espírito, Edgar conferia-lhe qualidades quase humanas. A pipa era para ele como se fosse um ser próprio, com inteligência e alma. Como ele ficava o dia inteiro na ociosidade, dedicava-se cada vez mais ao culto da pipa e encontrava uma nova satisfação, sim, uma nova conotação de vida na antiga brincadeira de garotos denominada “Corredor”, enviando objetos para a pipa lá no alto. Essa brincadeira consistia em perfurar no centro pedaços de papel redondos. Através dos buracos centrais era introduzida a corda da pipa. A pressão natural do vento fazia com que o papel escorregasse ao longo da corda até alcançar a pipa, fossem quais fossem a altura e a distância.

No início, Edgar Caswall passava horas com esse brinquedo. Centenas desses discos de papel voavam ao longo da corda, até que ele teve a ideia de enviar mensagens nesses pedaços de papel, com as quais podia fazer-se entender pela pipa. É bem provável que a ilusão de que seu brinquedo fosse uma criatura inteligente lhe tivesse provocado a perda do juízo. A simples remessa de mensagens tornou-se uma conversa direta com a pipa, sem que fosse preciso contratar mensageiros. Sem dúvida, a altura da torre, que ficava em cima de um morro, o bramar incessante do vento, o efeito hipnótico da mancha no céu, para a qual olhava incessante e fixamente e o estalido do papel-mensagem ao longo da corda até que desapareciam de vista, contribuíram para o enfraquecimento de seu juízo, que desmoronava sob o peso de suas vívidas criações imaginárias.

O passo seguinte para sua decadência foi o trabalho intensivo que fez com objetos, dos quais partia algo cheio de mistério e até mesmo de crueldade. Em Castra Regis existia exposta uma grande coleção que já pertencera a seus ancestrais e que veio ao encontro de seus interesses. Lá havia os mais estranhos objetos antropológicos antigos e recentes, desencavados nas viagens aos lugares mais longínquos; peças egípcias antigas tiradas de cavernas e de túmulos; peças vindas da Austrália, Nova Zelândia e dos mares do sul; ídolos e imagens, ícones de origem tártara e até itens de cultos egípcios, persas e hindus; aparelhos de tortura

dos índios americanos e finalmente uma enorme quantidade de armas mortíferas de todos os tipos do mundo inteiro — adagas chinesas de dois gumes, adagas afegãs, com as quais um corpo podia ser cortado ao meio, pesadas facas de todos os países do Oriente, adagas misteriosas do Tibete, as horríveis facas kukri, dos gurcas e de outras procedências das montanhas índicas, armas assassinas da Itália e da Espanha e até mesmo uma faca, como era usada em outros tempos pelos condutores de escravos no Mississippi. Morte e tortura eram representadas sob todas as formas nesta coletânea macabra.

Subentende-se que tudo isso exercesse um enorme fascínio sobre Oolanga. Ele jamais se sentia cansado em fazer uma visita ao museu localizado na torre e gastava horas a fio para examinar as peças, até que, finalmente, chegou a conhecer todas as suas particularidades. Pediu permissão para poder limpá-las, poli-las e afiá-las; um favor que lhe foi concedido com a máxima presteza. E, além disso, acresce o fato de que além desses objetos já mencionados, havia uma grande quantidade de outros próprios para despertar o temor nas pessoas. Serpentes empalhadas, dos tipos mais repulsivos e abomináveis, um número enorme de insetos gigantescos dos trópicos, que metiam medo, peixes e crustáceos providos de estranhos ferrões, pólipos ressecados de tremendas dimensões. Perto ainda havia outras coisas, não menos mortíferas, se bem que de aparência inocente: cogumelos ressecados, imaginados para servirem como armadilhas de aves, mamíferos, peixes, répteis e insetos; aparelhos que poderiam provocar dores de toda a espécie em todas as intensidades e cuja única boa ação se resumia no fato de acelerar a morte.

Caswall, que há muito conhecia apenas os objetos que ele mesmo colecionara, começou a sentir prazer e a se interessar também pelos recém-mencionados. Passou a estudá-los exaustivamente em suas aplicações, seus diversos mecanismos e suas origens, até que conseguiu adquirir um extenso conhecimento a respeito do assunto. Muitos eram misteriosos e complicados, não tendo poupado nem esforço nem trabalho até que tivesse desvendado todos os seus segredos. Depois que seu interesse por tais objetos esquisitos foi despertado, começou a procurar novas aquisições. Perguntava a seus empregados onde poderia encontrar alguma sucata antiga feita de madeira. Então eles se lembraram do velho Simon Chester, que era o que melhor conhecia a casa por dentro e por fora. Caswall mandou buscar o velho, que apareceu imediatamente. Ele era bem

idoso, com quase noventa anos e bastante alquebrado. Nascera em Castra Regis, tendo servido a toda uma série de senhores, presentes e ausentes. Quando Edgar começou a lhe fazer perguntas na direção desejada, o velho Simon mostrou-se por demais inquieto, sim, pareceu ter ficado possuído por um tamanho pavor que seu patrão, sabendo que o velho tinha algo a esconder, exigiu que dissesse logo onde se encontravam os objetos escondidos. Confrontado com a descoberta de seu segredo, o velho, cuja condição era lamentável, fez mais revelações ainda do que o próprio sr. Caswall esperava.

— Na verdade, senhor, tudo o que foi removido no meu tempo encontra-se aqui na torre, com exceção de... de... — E começou a tremer. — Com a exceção da arca que o sr. Edgar, aquele sr. Edgar que era o dono na época em que comecei aqui, trouxe consigo da França, depois que ele e o sr. Mesmer trabalharam juntos. A arca, para maior segurança, foi alojada no meu quartinho. Vou mandar trazê-la imediatamente.

— O que se encontra lá dentro? — perguntou Edgar com rispidez.

— Isso eu não sei. E além do mais, trata-se de uma arca muito característica, sem possibilidade visível de ser aberta.

— Então ela não tem nenhuma fechadura?

— Provavelmente não, senhor. Mas não posso ter certeza absoluta. Não se pode perceber nenhum buraco de chave.

— Traga até aqui. Depois venha até mim.

A arca, um exemplar pesadíssimo, com fitas de aço para maior reforço, mas sem fechadura nem buraco de chave, veio arrastada por dois homens. E logo depois o velho Simon encontrava-se de volta. Assim que entrou no recinto, o próprio sr. Caswall foi até a porta, trancando-a. A seguir perguntou:

— Como se abre esta coisa?

— Não sei, não, senhor!

— Quer com isso dizer que não a abriu uma única vez?

— Exatamente isso, Vossa Excelência. Como poderia eu tê-la aberto? Ela me foi confiada para guarda, juntamente com as outras coisas, pelo meu patrão. Seria uma quebra de confiança se eu a tivesse aberto.

Caswall fez um movimento de desprezo.

— Muito extraordinário! A arca vai ficar agora aqui. Feche a porta quando sair. Espere! Ninguém jamais falou alguma coisa a respeito, ou fez qualquer tipo

de observação?

O velho Simon ficou lívido e juntou as mãos trêmulas.

— Ora, senhor, desista de querer abri-la. Esta arca contém segredos que provavelmente o dr. Mesmer confiou ao meu patrão. Representam um perigo para quem estiver de posse dela!

— O que quer dizer com isto? Que perigo?

— Foi ele que dizem ter vendido a sua alma ao demônio. Eu pensava, porém, que, com o tempo, o mal tivesse sido erradicado.

— Isso basta. Retire-se agora, mas fique no seu quarto ou, de qualquer modo, ao alcance da voz. Pode ser que eu ainda precise de você.

O velho curvou-se profundamente e retirou-se, mas sempre ainda tremendo de medo e sem acrescentar palavra.

Capítulo 12

QUANDO A ARCA É ABERTA

Assim que ficou sozinho, Edgar trancou a porta com cuidado, cobrindo o buraco da fechadura com um lenço. Em seguida, foi até às janelas para se certificar de que ninguém do prédio principal pudesse espreitar para dentro, seja de que ângulo fosse. Mas não era esse o caso. Então foi se ocupar com a arca, examinando-a minuciosamente por intermédio de uma lente de aumento. Percebeu que ela não fora violada. As fitas de aço continuavam intactas e todo o recipiente, incólume. Desistiu, depois de ficar sentado algum tempo diante da arca e que as sombras da noite se tivessem misturado com a escuridão, e foi para o seu quarto de dormir, tendo passado a chave na porta do quarto da torre e de tê-la levado consigo.

Acordou na manhã seguinte quando o dia já estava claro e retomou o paciente estudo da arca, se bem que sem êxito algum. Isso deveria durar o dia inteiro. Sem que tivesse chegado a uma conclusão, sentia uma decepção humilhante, que lhe estava dando nos nervos e aprontando-lhe uma terrível dor de cabeça. Já à tardinha, estava sentado ainda no quarto da torre, cheio de inquietação e de sombrios pressentimentos. O crepúsculo chegou e ele mandou que viessem dois homens bem fortes. Ordenou-lhes para que carregassem a arca para o seu quarto de dormir. E lá tornou a sentar-se, ficando na mesma posição a noite inteira, sem nem se alimentar. Seus pensamentos continuavam confusos e ele foi tomado por uma excitação febril. Como consequência, as mais estranhas

fantasias apoderaram-se do seu juízo, quando finalmente se trancou, tarde da noite, em seu quarto. Ele trilhara definitivamente o caminho que deveria levá-lo para a loucura. Deitado na cama, continuou a meditar sobre o mistério da arca fechada.

Mas, aos poucos, entregou-se à influência tranquilizante do silêncio e da escuridão. Porém, depois de algum tempo, seus pensamentos voltaram a entrar em atividade. E, dessa vez, não ficou rodeado por influências perturbadoras. Sua inteligência conseguiu funcionar livremente e ocupar-se com suas lembranças. Pressionavam-no milhares de incidentes esquecidos ou dos quais não se conscientizara completamente, fragmentos de conversas ou de teorias desde longa data imaginadas, mas já há muito esquecidas. Acreditou ouvir novamente aquele zumbido de legiões de asas, ao qual teve que se acostumar recentemente. Mas ele bem tinha certeza de que se tratava unicamente de fantasia baseada em recordações incompletas. Contudo, sentia-se satisfeito porque sua fantasia ainda operava, uma vez que dela talvez pudesse advir um esclarecimento do mistério que o rodeava. E, nesse estado de espírito, conseguiu adormecer com facilidade. Caiu em uma modorra reconfortante, que fez bem tanto ao seu corpo cansado como à sua cabeça sobrecarregada.

No sonho, ele se levantou e, suspendendo no alto a pesada arca, assentou-a sobre uma mesa maciça, da qual ele afastara antes uma grande quantidade de livros. Tudo isso acontecia sob a influência que nada tinha a ver com ele, sendo mais poderosa do que ele. Para executar isso, era necessária uma força que, como era do seu conhecimento, não lhe era dada em condições normais. Mas agora tudo lhe pareceu muito fácil. Tudo dava a impressão de ceder ao seu toque. E aí ele percebeu que, de alguma forma, a arca fora aberta. Como, não tinha a menor ideia. Ele escancarou ainda mais a porta e carregou a arca sobre o ombro até o quarto da torre, cuja porta ele trancou. Nessa operação, ele se admirou de sua própria força e se perguntou de onde ela teria vindo. Sua mente estava longe demais para que pudesse notar coisas que lhe vinham à memória de forma direta. Ele apenas sabia que a arca era muito pesada e que ele a enxergava como em uma espécie de visão, que parecia aclarar a completa escuridão ao seu redor e que os dois homens fortes davam a impressão de cambalear sob o peso dela.

Caswall trancou-se no quarto da torre. Colocou a arca aberta sobre uma mesa e começou a esvaziá-la no meio da escuridão. O conteúdo, principalmente

objetos de metal e de vidro — peças grandes e de formas esquisitas —, foi colocado sobre uma outra mesa. Ele estava consciente de que continuava dormindo, ainda que obedecendo a um comando invisível e inaudível e que não seguia nenhum plano racional de resultados compreensíveis. Quando essa parte foi executada, ele resolveu arrumar as peças de um grande instrumento feito quase todo de vidro. Seus dedos pareciam ter ganhado um novo tato, como se tivessem vontade própria. Aí ele foi dominado por uma fraqueza, deixando a cabeça pender sobre o peito e, pouco a pouco, mergulhou na escuridão.

Acordou de manhã cedo, no seu quarto de dormir, olhando espantado ao redor. Sentia sua cabeça absolutamente clara. Em seu lugar de costume, em cima da mesa maciça, estava a arca fechada por fitas de aço, sem fechadura e sem chave. No entanto, agora encontrava-se trancada. Ele se levantou e, furtivamente, dirigiu-se ao quarto da torre. Lá tudo achava como em sua lembrança havia deixado na noite anterior. Olhou para fora da janela e, como sempre, a enorme pipa balançava, lá no alto. Então abriu o portão e subiu no telhado. Ficou parado junto à grande roldana por onde corria a corda. Ela fazia um ligeiro zumbido na brisa da manhã e, quando ele a segurou, sentiu um leve tremor na mão e no braço. Em lugar algum descobriu sinais de que, durante a noite, alguma coisa tivesse sido mudada ou que tivesse havido qualquer tipo de perturbação.

Completamente desconcertado, Caswall desceu para sua morada e pôs-se a refletir. Foi então que, pela primeira vez, sentiu que dormia e sonhava. Logo adormeceu novamente e assim permaneceu durante um longo tempo. Ao despertar, sentiu fome e saboreou uma abundante refeição. Mas, lá pela noitinha, depois que tornou a se trancar, voltou a dormir. Quando despertou, já era escuro e ele não sabia ao certo onde se encontrava. Tateou à sua volta no aposento escuro e acabou lembrando em que ambiente estava, ao quebrar uma grande peça de vidro. Depois que acendeu a luz é que viu se tratar de uma rodinha de vidro, parte de um complicado mecanismo que ele devia ter retirado da arca, durante o seu estado de sono, quando estivera aberta naquela hora. Outra vez ele a abriu durante o sono, sem que lhe restasse qualquer recordação das circunstâncias em que fora realizada.

Caswall chegou à conclusão de que sua consciência agira de duas maneiras distintas, o que poderia levar tanto a uma catástrofe como à descoberta de seus planos secretos. Por isso, ele tomou a decisão de desistir por algum tempo do prazer de novas descobertas ligadas à arca. Assim, pôs-se a examinar outros

tesouros e objetos raros de sua coleção. Era simplesmente a curiosidade que o impulsionava a tanto. Seu objetivo era descobrir lá qualquer item estranho que se prestasse para uma experiência com a pipa. Porque há muito tempo ele já tinha essa vontade de utilizar outros mensageiros que não os de papel. Um pensamento vago o perseguia, isto é, que uma tal força igual à apresentada pela pipa poderia ser usada com a finalidade de elevar até grande altura objetos mais pesados. Sua primeira tentativa com objetos pequenos, mas cujo peso ele ia sempre aumentando, foi coroada de grande êxito. A cada vez acrescentava um peso ainda maior, até que finalmente conseguiu descobrir a notável capacidade de alteamento da pipa. Decidiu-se então dar mais um passo e enviar para o alto um daqueles objetos que se achavam dentro da arca envolta por fitas de aço. Quando ele abriu a arca pela última vez, ela permanecera aberta. Havia feito uso de uma cunha, de modo que pudesse suspender ou abaixar a tampa à vontade. Uma investigação de seu conteúdo mostrou-lhe que os objetos de vidro não se prestavam para sua experiência. Eram muito leves e demasiadamente delicados.

Portanto olhou em volta à cata de algo mais maciço. Seu olhar pousou sobre um objeto que, desde logo, despertou seu interesse. Era uma pequena cópia de um deus egípcio, o deus Bes, que representava a força destruidora da natureza. A imagem era tão bizarra e cheia de mistério que despertou o interesse de seu senso de humor meio tresloucado. Ao retirá-la da arca, notou que havia uma enorme diferença entre seu tamanho e seu peso. Com o auxílio de instrumentos, fez uma investigação mais detalhada e chegou à conclusão de que a figura teria que ser feita de magnetita. Lembrou-se de ter lido em algum lugar a respeito de um antigo deus egípcio que fora talhado em uma substância semelhante e, depois de refletir bastante, lembrou-se de que lera sobre o assunto em um livro do século XVII, *Enganos costumeiros*, de Sir Thomas Brown. Foi apanhar esse livro na biblioteca a fim de procurar a página com a descrição:

“Um excelente exemplo devemos à descoberta de nosso estudioso amigo sr. Graves. Trata-se de um ídolo egípcio entalhado em pedra de magnetita, encontrada entre múmias. Esse ídolo não perdeu nada de sua força magnética de atração, mesmo que já tenha sido extraído da mina há cerca de dois mil anos.”

A estranha aparência da figura e a sua semelhança com ele próprio fascinaram Edgar Caswall. De uma madeira de espessura fina, preparou uma peça

redonda, um disco, ao qual prendeu o pesado deus e, dessa forma, lançou-o para o alto, em direção à pipa, pela corda que vibrava.

Capítulo 13

ALUCINAÇÕES DE OOLANGA

Durante os últimos dias, a impaciência de Lady Arabella aumentara a olhos vistos. Fora isto, as pesadas dívidas se avolumavam de maneira intolerável. Como única esperança, para que pudesse levar uma vida livre de preocupações, restava-lhe um casamento vantajoso, aquele bom partido sobre o qual lançara seus olhos, e que não parecia ir muito bem — não parecia mesmo ir adiante. Para sua decepção, Edgar Caswall de nenhum jeito mostrava-se inclinado a perder a sua liberdade. Desde o início ele apresentara muita resistência, e, desde sua briga com Mimi Watford, não havia deixado o seu quarto. Naquela ocasião, Lady Arabella dera-lhe a entender de maneira inequívoca os seus sentimentos, deixando que ele os percebesse com muito maior frequência do que o seu orgulho lhe permitia, que ela gostaria de oferecer-lhe auxílio e de tomá-lo sob sua proteção. No instante em que ela atravessou o aposento e se postou ao lado dele durante sua luta contra a hipnose, este seria o limite máximo até onde queria chegar. Agora, no entanto, registrou, exasperada, que ele simplesmente a ignorava. Como ela já lhe havia feito insinuações antes, cada recuo por seu lado significava, para uma mulher de sua posição, nada menos do que um insulto humilhante.

Não teria ela se colocado no mesmo pé de igualdade que seu servo, um selvagem não civilizado? Não lhe demonstrara sua preferência com a festa de boas-vindas? Não lhe... Lady Arabella tinha sangue-frio e já estava preparada para

fazer tudo, mas tudo mesmo, apenas para se tornar a senhora de Castra Regis. Nesse ínterim, ela tinha que dar tempo a si mesma e esperar. Talvez tudo acabasse dando certo e ela conseguisse se aproximar dele de forma que não atraísse muita atenção. Agora, ela já o conhecia melhor e podia fazer uma estimativa para descobrir o que o atraía a Lilla Watford. Estando de posse desses segredos, ela estaria em condições de opor dificuldades se Caswall se esquivasse dela, pois agora podia exercer pressão sobre ele. A parte mais difícil, no momento presente, era conseguir chegar perto dele. Ele se trancara em sua cidadela e estava protegido por intermédio de uma muralha de convenções que ela não estava em situação de transpor, se não quisesse correr o risco de ficar com má reputação. Meditou muito, dia e noite, sobre essa questão. Afinal resolveu que a única possibilidade era a de fazer-lhe abertamente uma visita em Castra Regis. Sua condição social e sua posição davam-lhe autoridade suficiente para proceder dessa maneira, desde que soubesse como fazê-lo. Sendo preciso, ela sempre poderia dar depois alguma explicação. No dia em que estivessem casados então aproveitaria para usar suas artimanhas e suas experiências a fim de torná-lo mais dócil. Afinal, ele era apenas um homem, com a típica tendência masculina para enfrentar situações penosas e delicadas. Ela, ao contrário, depositava toda a confiança em sua feminilidade, que tinha certeza absoluta de poder superar as dificuldades que porventura aparecessem.

Ela ouvia diariamente em Diana's Grove o gongo da hora do almoço em Castra Regis, de modo que sabia exatamente a ocasião em que os empregados ficavam na ala de serviço, nos fundos da casa. E era nesse momento que ela entraria na residência, e, com a desculpa de que ninguém a teria ouvido, iria procurá-lo em seus aposentos. Como já estava inteirada, a torre ficava afastada de todos os barulhos caseiros e, além disso, era de seu conhecimento que a criadagem tinha ordens expressas para não perturbá-lo em seu quarto na torre. E ainda mais, parte com o auxílio de binóculos e parte por intermédio de perguntas feitas aqui e ali, conseguiu obter informações a respeito de uma pesada arca que volta e meia era levada e retirada de lá para seu aposento e que esse recipiente ficava trancado à noite em seu quarto de dormir. Por isso ela podia estar certa de que Caswall estava empenhado em um trabalho muito importante, que ocupava seu tempo durante longas horas.

Entretanto, um outro membro da criadagem de Castra Regis vinha tramando planos que iam se desenrolando para sua satisfação. Uma pessoa, um serviçal, tem inúmeras oportunidades para observar seu patrão e formar sua opinião a respeito de seu amo. Oolanga era, à sua moda, um tratante inescrupuloso e astuto, que tinha a absoluta certeza de que naquela imensa mansão deveria haver para ele inúmeras oportunidades de melhorar a sua posição. Seu tipo de conduta e sua falta de retidão levavam-no a recorrer a meios desonestos.

Assim pois, foi-lhe a coisa mais natural do mundo predizer o fato de Lady Arabella estar de olho em seu amo e procurava apenas uma oportunidade para saber mais a respeito dela. Da mesma forma que os outros empregados da casa, ele também tivera conhecimento do transporte para cá e para lá da grande arca. O cuidado com que era cercada despertou nele a suspeita de que lá dentro deveria haver um tesouro. Daí em diante, ele passou a rondar sempre os quartos da torre e a esperar por uma chance de descobrir alguma coisa que lhe fosse de algum proveito. Por isso, fazia seu trabalho com cuidado e de maneira dissimulada e tratava de não ser visto por ninguém.

Assim aconteceu que o negro veio a ser testemunha da entrada na casa de Lady Arabella, sem que ela o percebesse. Passou a ser mais cauteloso ainda, a fim de que, de repente, não se invertessem os papéis e ela acabasse por vê-lo. Mantinha os olhos e ouvidos bem abertos e a boca fechada. Quando viu que Lady Arabella subia as escadas e que se dirigia para o aposento de seu patrão, teve plena certeza de que ela não tinha boas intenções e duplicou a sua vigilância.

Oolanga ficou decepcionado, mas nem por isso teve a coragem de dar vazão ao seu sentimento, a fim de não se trair. Sorrateiramente, desceu as escadas e esperou por uma oportunidade mais favorável para a realização de seus planos. Não se deve esquecer que ele achava que a arca continha enormes preciosidades e que Lady Arabella tinha vindo para roubá-las. Como ele se aproveitou dessas duas conclusões, será esclarecido mais adiante. Oolanga seguiu-a às escondidas até a casa dela. Ele entendia muito bem desse tipo de brincadeira de esconde-esconde e, dessa vez também, saiu-se de maneira exemplar. Portanto, observou como ela entrou pelo portão privativo de Diana's Grove. Em seguida, deu uma volta grande para que ela não percebesse sua presença e a alcançou finalmente em um outro lugar, onde uma moita o escondia de eventuais olhares.

Lady Arabella ficou muito admirada por não ter percebido a presença do negro por vários dias, a ponto de quase ter esquecido de sua existência. Oolanga teria ficado bastante assustado se acaso viesse a saber o que na verdade se pensava dele, de sua beleza, de seu valor, em comparação com sua arrogância. Sem dúvida, Oolanga, como todos os outros seres humanos, tinha seus sonhos. Ele se via como o jovem deus do sol, tão bonito que nenhum olho feminino, fosse branco ou preto, jamais vira coisa igual. E ele julgava ser dotado de diversas e nobres qualidades, ou o equivalente em seu país. As mulheres tinham que amá-lo e também não fazerem nenhum segredo desse amor, como era hábito nas matas profundas da Costa do Ouro.

Oolanga aproximou-se furtivamente de Lady Arabella e começou a desenrolar a história de seu amor por ela em um tom de voz baixo, ajustado ao significado da oportunidade e ao seu respeito por ela e ao local em que se encontravam.

Lady Arabella não era em si nenhuma pessoa bem-humorada, porém não haveria nenhum branco, pertencendo ao sexo que fosse, que tivesse conseguido conter o riso que ela soltou com espontaneidade. As condições eram também tão grotescas e o contraste tão ridículo que era difícil poder suprimir uma explosão de riso.

O homem, um ser inferior e primitivo, de uma feiura diabólica; a mulher, nobre de nascimento, bonita e culta. Ela pensou que sua primeira reação a esse repente seria suficiente para detê-lo. Mas a cada instante sua opinião a respeito do incidente se modificava. Sua indignação era grande demais para que se mostrasse excitada por uma paixão. Apenas a ironia ou uma sátira mordente estariam à altura das circunstâncias. Sua natureza fria e cruel veio agora em seu auxílio, fazendo com que não recuasse diante da vontade de fazer o selvagem sentir o látego de seu escárnio.

Oolanga tinha uma vaga noção de que estaria sendo ridicularizado. Sua raiva não foi suavizada pela sua ignorância. Então deixou que ela se expandisse livremente, como um animal em agonia. Rangia os dentes, parava, batia no chão com os pés, xingava em línguas bárbaras e com imagens bárbaras também. Lady Arabella percebeu que ele se tornaria agressivo se não estivesse em condição de chamar por socorro.

— Devo então compreender — disse ela, com frio desdém, que provocou uma ferida mais funda do que se estivessem discutindo acaloradamente — que você está me declarando seu amor? Seu... amor?

Ele fez que sim, como resposta. O tom de voz desdenhoso dela, apenas murmurado, soou como uma chicotada e provocou também uma tal sensação.

— Como ousa! Você... um selvagem... um escravo... o mais ínfimo dos vermes! Cuidado! Para mim, sua vida vale tanto quanto a de uma ratazana ou de uma aranha. Não quero mais ver nem você nem sua cara horrenda, ou então eu livrarei a terra da sua pessoa.

Com essas palavras, pegou seu revólver e apontou para ele. Defrontado com essa ameaça mortífera, perdeu sua ousadia e fez uma fraca tentativa para se defender. O que disse foi curto e consistiu de palavras soltas. Para Lady Arabella soou como se fosse um balbuciar sem sentido, mas ele na verdade empregava o dialeto de sua pátria e falava de amor, de casamento, de esposa. Sua intuição feminina fez com que ela adivinhasse o significado de suas palavras, mas não deu a mínima importância às declarações, uma mistura de paixão animalesca e ameaças ridículas. Ele, então, procurou intimidá-la dizendo tê-la visto quando tentava roubar o tesouro de seu patrão. Se Lady Arabella fosse sua, ele dividiria o tesouro com ela e os dois viveriam uma vida de luxo lá nas florestas africanas. Caso se recusasse, imediatamente informaria seu amo, que bateria nela e a torturaria para, finalmente, entregá-la à polícia. E isso seria morte certa para ela.

Capítulo 14

A LUTA RECOMEÇA

As consequências daquele encontro no escuro em Diana's Grove foram extensas e dolorosas, e não apenas para os dois participantes. De Oolanga não se podia esperar outra coisa, e isso se tornava bem claro para qualquer pessoa que conhecesse esse tipo de caráter, para quem existem apenas duas espécies de emoção: a vaidade e aquele sentimento ao qual se dá o nome de amor. Com o coração consumido pelo ódio, Oolanga deixou Diana's Grove. Seu desejo e sua cupidez estavam em chamas, ao passo que seu orgulho fora profundamente ferido. O ser frio como gelo de Lady Arabella não ficara tão revoltado, embora estivesse fervendo por dentro. Agora, mais do que nunca, decidira que teria Edgar Caswall a seus pés. Os obstáculos que foram sendo colocados em seu caminho, as ofensas que tivera que engolir, tudo isso alimentava sua sede de vingança que ameaçava consumi-la.

Em sua residência em Diana's Grove, ela virava a revirava todo o assunto de lá para cá, chegando sempre a ver a fisionomia de Lilla Watford como sendo realmente a única chave para o problema — que seu objetivo seria o de conseguir manipular as forças e toda a existência de Edgar Caswall de acordo com a sua vontade.

Em seu quarto de vestir, fez o rascunho de uma carta, na qual empregou todo o seu esforço, sendo obrigada a rasgá-la sempre e a recomeçar, até que sua

cesta ficou transbordando de papel rasgado. Depois que ela se decidiu por uma redação definitiva, pôs fogo em todo o resto. Enfiou a missiva dentro de um envelope com um brasão, endereçou-a para Edgar Caswall, em Castra Regis. Um de seus empregados deveria levá-la ao seu destino. A carta fora assim redigida:

Caro senhor Caswall,

Tenho necessidade de conversar sobre um determinado assunto que na minha opinião é de seu interesse. Se tiver a bondade de vir até minha casa um dia depois do almoço — digamos, às 15 ou 16 horas —, poderíamos fazer um passeio juntos. Unicamente até Mercy Farm, onde eu gostaria de fazer uma visita a Lilla e Mimi Watford. Lá tomaríamos uma xícara de chá. Seria melhor não trazer junto seu criado africano, porque o rosto dele infelizmente amedronta ambas as jovens. Afinal, ele não é mesmo nenhum tipo de beleza. Tenho a desconfiança de que, dessa vez, a visita o fará muito feliz.

*Atenciosamente,
Arabella March.*

No dia seguinte, às 15h30, Edgar Caswall apareceu em Diana's Grove. Lady Arabella foi-lhe ao encontro no caminho que passava em frente ao portão, porque não desejava que seus fâmulos ficassem tomando conta de seus atos. Quando viu que ele se aproximava, virou-se e, postando-se a seu lado, foram até Mercy Farm, ela mantendo o passo com o dele. Nas vizinhanças da fazenda, ela olhou em volta como se esperasse ver Oolanga em algum lugar. Mas não viu nem sombra dele. Seu patrão tinha lhe dado ordens expressas para não se deixar ver — uma ordem que para o africano dava um motivo maior ainda para que se vingasse de Lady Arabella. Os dois encontraram Lilla e Mimi em casa. Ambas se mostraram satisfeitas com a visita, ainda que espantadas, uma vez que era logo em seguida à anterior.

Os incidentes foram uma repetição dos conflitos mentais da outra visita. No entanto, na presente oportunidade, o único apoio para Caswall era Lady Arabella, já que Oolanga dessa vez não apareceria. Mimi, contudo, não tinha a ajuda de Adam Salton, que naquela ocasião tivera um efeito tão decisivo. Agora a luta seria em torno da preponderância das vontades e teria uma duração bem mais longa e seria levada com muito maior decisão. Caswall pressentiu que necessitava manter a superioridade, pois de outra maneira teria que desistir do plano. Por conta disso, lembrou-se de lançar toda a sua arrogância contra Mimi. Enquanto esperava

juntamente com sua companheira que a porta lhes fosse aberta, Lady Arabella falou em voz baixa e com muito poder de persuasão:

— Dessa vez, deverá sair vitorioso. Mimi é apenas uma mulher. Não tenha nenhuma compaixão, o que seria uma demonstração de fraqueza. Lute, bata nela, pise nela, pise nela sem dó e mate se for preciso. Ela é um obstáculo no seu caminho e eu a odeio. Não tire os olhos de cima dela. Não é necessário que se ocupe de Lilla, ela nos teme. Nós a temos sob nosso controle. Mimi tentará fazer com que sua atenção volte para a sua prima. Aí é que seremos derrotados. Não deve deixar de demonstrar interesse por Mimi, aí então a vitória será sua. No caso de ela levar a melhor, então pegue na minha mão e olhe para ela bem nos olhos. Se Mimi for mais forte do que você, então terei que me intrometer. Procurarei algo para desviar a atenção dela, e você deverá aproveitar para se retirar sem ter sido derrotado. Psiu! Elas já vêm chegando!

As jovens aproximaram-se juntas da porta. Do oeste, vinham estranhos ruídos sobre o Brow. Era o som do farfalhar e do crepitar de palha e de capim seco da planície. O verão fora terrivelmente árido. E, além disso, o forte vento leste trouxera imensos bandos de pássaros, na maioria pombos com penachos brancos. Não se ouvia apenas o bater das asas, mas também o arrulhar abafado. A enorme quantidade de aves fez com que um pequeno barulho de cada uma em separado desencadeasse um som intenso, como se fosse o de uma ventania. Admirados com essa invasão de pássaros, aos quais há muito não estavam mais acostumados, o olhar de todos voltou-se para *Castra Regis*, de cuja torre alta tremulava a grande pipa. Porém, enquanto ficavam a olhar, a corda arrebentou, e, rodopiando, caiu ao chão. O peso morto e a correnteza de ar ascendente, associados ao forte vento leste, fizeram com que a corda não resistisse.

A queda da pipa deu novas esperanças a Mimi. Era como se todas as insignificâncias tivessem sido afastadas de modo que a luta principal seria decidida agora, através de regras bem mais simples. Em seu coração ela teve uma sensação como se tivesse sido tangido um novo acorde misericordioso. Naturalmente poderia também ser possível que, com o soar das vozes dos pássaros, a crença no bom êxito da luta seria novamente despertada. Durante o lamentável silêncio no qual sofrera por tanto tempo naquela ocasião, cada novo pensamento estava fadado ao naufrágio. E conforme o ataque dos pássaros

persistia e suas asas batiam de encontro aos arbustos secos, Lady Arabella empalideceu e ficou a ponto de perder os sentidos.

Para Mimi, nascida e criada no Sião, esse barulho era como o provocado por um encantador de serpentes, apenas bem mais forte.

Edgar Caswall foi o primeiro a se controlar novamente depois da queda da pipa. Não durou muito e voltou a ter o sangue-frio de sempre, conseguindo pôr a inteligência a serviço do objetivo que tinha diante dos olhos.

Mimi também voltou rapidamente ao seu autocontrole, ainda que devido a uma outra causa. Para ela, tratava-se da opinião baseada em convicções profundas e religiosas de que a luta a ser travada entre eles era guiada pelos poderes do bem e do mal e que Deus acabaria triunfando.

Só o aparecimento dos pássaros com a crista de Santa Columba já reforçava esse sentimento. Tal certeza transmitia-lhe tanta força que ela retomou essa luta estranha com coragem redobrada.

Mimi parecia sobrepujar Caswall, que, por sua vez, dava a impressão de recuar. Novamente ela o foi pressionando para a saída. No momento em que ele estava para sair de costas, Lady Arabella, que não tirara os olhos de cima dele, segurou-lhe a mão e tentou detê-lo. Porém não conseguiu seu intento e ambos saíram, de mãos dadas. Neste mesmo instante, terminou de repente a curiosa música que havia inquietado tanto Lady Arabella. Com um movimento instintivo, todos olharam para a torre de Castra Regis. Lá os criados haviam prendido outra vez a pipa, que tremulava de novo no ar, quase alcançando a altura anterior.

Enquanto se detinham a olhar, a porta abriu-se e Michael Watford entrou no aposento. Neste meio-tempo, todos já estavam novamente de posse de suas faculdades mentais e de sua razão, de maneira que não havia nada de anormal que lhe chamasse a atenção. Ao sentir pousados em si os olhares interrogativos, ele falou:

— Esses bandos de pássaros são apenas a migração anual dos pombos vindos da África que estão de volta. Isso significa que em breve terminará a revoada.

Edgar Caswall, que já não estava de bom humor com a segunda vitória de Mimi Watford sobre ele, ficou pior ainda. Sentiu-se como que abandonado pela sorte, e isso, associado ao seu ardente desejo de obter uma vitória com suas forças hipnóticas, levou-o a um sentimento profundo e imutável de vingança. O objetivo

principal de seu ódio era obviamente Mimi, cuja força de vontade levava a melhor nessa ocasião, mas era, no entanto, dirigido com mais ou menos veemência contra todos os que se puseram contra ele. Lilla vinha logo depois de Mimi. Lilla, a jovem inocente, bondosa e delicada, cujo coração conhecia somente o amor, que não tinha lugar para as emoções da vida comum; Lilla, cujo ser lembrava os pombos de Santa Columba, ostentando as cores que faziam com que se assemelhasse a eles. Então, depois de um longo intervalo, é que chegava a vez de Adam Salton, contra quem Edgar Caswall não guardava diretamente nenhum rancor. Para ele, o rapaz não passava de um obstáculo, uma agravante, de quem a pessoa ou se livrava ou aniquilava. O jovem australiano havia se mostrado tão retraído que a única culpa que ele poderia inculcar-lhe seria o fato de estar a par dos acontecimentos. Caswall não compreendia e, para um ser como ele, o desconhecimento era motivo suficiente para provocar medo e apreensão.

Caswall retomou sua atitude habitual de observar a grande pipa que puxava com força sua corda. Sua vigilância seria apenas interrompida quando ele pudesse examinar com maiores detalhes os tesouros misteriosos de sua casa, principalmente a arca de Mesmer. Ficava sentado com frequência sobre o telhado da torre e meditava a respeito das paixões frustradas. Seria possível até acreditar que a gigantesca extensão de suas propriedades, que podia ele abranger em sua totalidade da altura em que se encontrava, lhe haviam restaurado a calma e a satisfação. No entanto, as possessões que tinha diante dos olhos trouxeram-lhe novos motivos de amargura. Como poderia ser, pensava ele, que, apesar de ter tanto à sua disposição, coisas que outros almejavam, não lhe era possível realizar seu desejo mais ardente?

Nessas condições de decadência espiritual e moral, encontrava consolo em suas experiências com as forças mecânicas da pipa. Há muitas semanas ele não fazia uma visita a Lady Arabella, que ficava à espreita de uma oportunidade para ir ao seu encontro. Também as jovens Watford, que o evitavam de propósito, não as viu. E Adam Salton ficou na expectativa, preparado para o que desse e viesse, para tudo o que pudesse acontecer a suas amigas. Em uma de suas visitas à fazenda, soube por Mimi do mais recente conflito de vontades que teve como consequência a encomenda de mais alguns mangustos por meio de Ross, entre eles um segundo matador de najas que ele, em seus passeios, trazia sempre consigo, acondicionado em um recipiente.

As tentativas do sr. Caswall com a pipa se mostraram muito produtivas. A cada dia ele tentava com um peso maior e era como se a pipa fosse um ser onisciente que conseguia executar as tarefas impostas. E, durante todo esse tempo, a pipa se projetava a uma tremenda altura no céu. Um vento constante vinha sempre do norte e, por esse motivo, a pipa era impulsionada para o sul. O dia inteiro eram enviados “mensageiros” de tamanhos cada vez maiores. Eram feitos apenas de papel ou de papelão fino, de couro ou de outras espécies de material, que tinha que ser macio. A enorme altitude da pipa fazia com que a corda se apresentasse côncava, de modo que os “mensageiros” ascendentes faziam um barulho esvoaçante. Quando se colocava um dedo sobre a corda, então o barulho ouvido era um murmúrio surdo entrecortado, como uma resposta ao adejar dos “mensageiros”. Edgar Caswall, cada vez mais obcecado pela pipa e tudo o mais ao seu redor, descobriu certa semelhança entre esse zumbido e os sons do encantador de serpentes e o som dos pombos ao voarem através do junco seco.

Um dia fez uma descoberta na arca de Mesmer, que lhe pareceu ser proveitosa em relação aos “mensageiros”. Era um arame de grande comprimento, da grossura de um fio de cabelo humano, enrolado em uma roldana fabricada de maneira engenhosa, que se movimentava leve e livre a uma distância surpreendente. Esse fio ele o utilizou agora em suas experiências com os “mensageiros” e viu que funcionava incrivelmente. Se era apenas o “mensageiro” sozinho ou alguma coisa mais pesada que levasse preso, trabalhava sempre perfeitamente. O arame era também suficientemente forte e leve para trazer o “mensageiro” ileso de volta. Caswall tentou repetir a experiência muitas vezes, todas com muito sucesso, mas a escuridão aumentava de forma que sentia muita dificuldade em poder enxergar o “mensageiro”. Procurou, portanto, algo para fazer com que a corda ficasse mais pesada. Prendeu a estátua do Bes egípcio no fino arame, que corria sobre o parapeito de madeira. Agora já escurecera completamente e Caswall entrou, esquecendo-se de tudo.

Naquela noite, ele sentiu um grande mal-estar, porém nenhuma insônia, porque presumiu que tivesse dormido. Ao amanhecer, levantou-se e, como sempre, a primeira coisa que fez foi observar a pipa. Como não a viu em sua costumeira posição no céu, olhou para o firmamento em todas as direções. Sentia-se mais do que atônito, quando afinal percebeu a pipa desaparecida, que, como sempre, lutava contra a corda. No entanto, ela se encontrava mais afastada da

torre, no céu, e movia-se contra a direção do vento, para o norte. Ele achou isso tão extraordinário que teve vontade de investigar o fenômeno, mas, por ora, quis manter a coisa para si.

Em suas inúmeras viagens, Edgar Caswall serviu-se com frequência de um sextante e já era um perito no manuseio do instrumento. Com o auxílio desse e de outras aparelhagens, podia determinar a posição da pipa e do ponto sobre o qual tremulava. Caswall ficou apavorado quando descobriu que a pipa se encontrava exatamente sobre Diana's Grove. Primeiramente ficou inclinado a confiar a coisa a Lady Arabella, mas depois pensou melhor e desistiu da ideia. Por qualquer motivo para o qual ele mesmo não procurava uma explicação, sentiu-se satisfeito em relação ao seu silêncio, quando descobriu, no dia seguinte, que dessa vez a pipa tremulava por cima de Mercy Farm. Depois que obteve a certeza, por intermédio de seu instrumento de precisão, sentou-se perto da janela da torre e perdeu-se em suas cismas.

O novo estado de coisas lhe era bem mais agradável do que o outro. No entanto, o motivo para isso era uma charada para ele. E assim ele passou o dia inteiro no quarto da torre. Imaginava que a pipa seria governada por forças que não poderia controlar — forças sobre as quais nada conhecia. Essas forças arrastavam-se em direções que ele não podia governar e que fugiam ao controle de sua vontade. Devido à sua incompetência e à sua incapacidade de poder solucionar o problema a contento, chamou um dos criados que, por sua vez, deveria informar a Oolanga que ele desejava vê-lo imediatamente no quarto da torre. Mas foram lhe dizer que desde a noite anterior ninguém havia posto os olhos no africano!

Caswall estava tão mal-humorado que até mesmo uma coisa tão sem importância como essa o tirou do sério. Mas como, de qualquer maneira, tinha que falar com alguém, chamou Simon Chester, que veio correndo para atender a esse chamado inesperado e que se apresentava ofegante. Caswall pediu-lhe que se sentasse e depois que o velho se acalmou um pouco, perguntou-lhe mais uma vez se vira algum dia o que havia dentro da arca de Mesmer ou se porventura ouvira algum comentário a respeito. Chester confessou que a vira aberta uma vez, “na época daquele outro Edgar” e, pelo que sabia da história e pelo que podia presumir, o fato o tinha de tal modo agitado que acabou perdendo a consciência. Quando voltara a si, a arca encontrava-se fechada novamente. Depois disso, o sr.

Edgar nunca mais falara sobre o assunto. Quando Caswall insistiu para que descrevesse o que vira, o velho ficou tão agitado que, afinal, apesar dos esforços do outro para acalmá-lo, acabou perdendo os sentidos. Caswall chamou os criados e foram tomadas as devidas providências. Mas o ancião não dava mostras de querer voltar a si. Depois que muito tempo se passou, apareceu finalmente o médico que fora chamado. Um olhar foi suficiente para que fizesse seu diagnóstico. Ainda assim ajoelhou-se ao lado do velho e examinou-o cuidadosamente. Então levantou-se e falou em um tom de voz abafado:

— Senhor, devo dizer-lhe que infelizmente ele está morto.

Capítulo 15

QUANDO É RETOMADA A PISTA

Quem viu Edgar Caswall desde a sua chegada e pôde ter uma impressão de sua natureza fria não conseguia imaginar que ele fosse ficar tão arrasado com a morte do velho Chester. Era uma demonstração de que a ninguém é dado conhecer o seu verdadeiro caráter. Julgava-se naturalmente que sua tristeza era a de um amo que lamenta a morte de um servo fiel. Ninguém poderia sequer imaginar que sua tristeza era a expressão de puro egoísmo, de seu desapontamento por ter perdido a última referência a respeito de um pedaço da história de uma família — algo que agora permaneceria para sempre um mistério.

Caswall sabia o bastante sobre a vida de seu antepassado em Paris, para desejar conhecer ainda mais sobre ele e, principalmente, com maiores detalhes. Aquela época de sua permanência em Paris despertou-lhe uma insaciável curiosidade.

Lady Arabella, que perseguia um objetivo próprio, viu no papel de amiga simpática a possibilidade para manter vários encontros com o homem que queria para si. No dia seguinte ao da morte do velho Chester, ela se aproveitou pela primeira vez da oportunidade, logo depois que a notícia chegou aos seus ouvidos pela porta dos fundos de Diana's Grove. Nesse encontro, desempenhou tão bem o que se propusera que até mesmo a natureza fria de Caswall mostrou-se impressionada.

Oolanga era o único que não acreditava em nenhum dos sentimentos nobres que ela demonstrava. Como em todas as áreas da vida, Oolanga também era assim em seu campo de sentimento, um partidário do princípio das vantagens. Não sendo capaz de imaginar um outro motivo de ansiedade que não fosse a própria dor sofrida ou a perda de dinheiro, era-lhe, portanto, inconcebível que alguém pretendesse demonstrar um tal sentimento e que por isso deveria ter propósitos inconfessáveis. Oolanga era de opinião que ela teria vindo para *Castra Regis* com a intenção de cometer um latrocínio e estava resolvido a não deixar passar essa chance de dominá-la. Assim, nessa oportunidade, ele queria dedicar especial cuidado na observação de tudo o que ocorria. Desde que começou a suspeitar de que teria visto Lady Arabella rondando o tesouro da arca, passou a desconfiar igualmente de todos e a vigiar todas as pessoas e lugares com olhos de lince. Como Adam Salton observava Lady Arabella tendo seus próprios interesses em vista, era natural que pelo menos uma vez os caminhos dos dois se cruzassem. E foi exatamente isto que aconteceu.

Adam empreendeu uma caminhada matinal de reconhecimento ao local que o interessava e levou ainda o mangusto em seu caixote. Alcançou o portão de *Diana's Grove* exatamente no momento em que Lady Arabella se dispunha a pôr-se a caminho de *Castra Regis*, onde ela planejava fazer uma visita assim chamada de condolências. Quando percebeu de sua janela a aproximação de Adam, pensou que ele tivesse uma intenção parecida em mente. Preparou-se com rapidez e deixou a casa de maneira discreta. E fora da casa procurava sempre uma proteção para não ser vista. E desse modo seguiu os passos de Adam.

Por sua vez, Oolanga, um observador experimentado, seguiu Lady Arabella, escondendo-se melhor do que ela. Viu que Adam trazia no ombro um caixote misterioso e desconfiou que deveria conter alguma coisa de muito valor. Quando percebeu que Lady Arabella seguia Adam disfarçadamente, suas desconfianças aumentaram ainda mais. Ficou possuído pela ideia de que ela se preparava para cometer um roubo e acreditava que a mulher estivesse se aproveitando dessa nova oportunidade.

Em sua marcha, Adam chegou às terras de *Castra Regis*. Oolanga não se atreveu a chegar mais perto porque agora tinha inimigos em ambos os lados e temia ser descoberto por eles. Ao notar que Lady Arabella apressava o passo para

entrar em Castra Regis, concentrou nela a sua perseguição. Escapou-lhe assim que Adam dera meia-volta e se dirigira para a estrada.

Edgar Caswall dormira muito mal à noite. Os trágicos acontecimentos do dia anterior não lhe saíam da cabeça. Depois de tomar seu café da manhã bem cedo, sentou-se à janela aberta e ficou a observar a pipa e a meditar sobre inúmeras coisas. Do ponto em que se encontrava, podia ver toda a redondeza, porém os dois locais que mais prendiam seu interesse eram Mercy Farm e Diana's Grove. Percebeu primeiramente que lá só havia movimentos comuns — de atividades domésticas e ligadas ao trabalho no campo, o abrir e fechar de portas e janelas, varredura e lavagem: em poucas palavras, os processos de limpeza.

Da altura de sua elevada janela, que, devido a sua localização, não podia ser vista por outras pessoas, viu a cadeia de observadores penetrarem em sua propriedade e se separarem subitamente — Adam Salton virou-se em uma direção e Lady Arabella, seguida pelo negro, na outra. Então Oolanga se escondeu entre as árvores, mas Caswall percebeu que o servo não desistira de sua observação. Lady Arabella, depois de lançar um olhar furtivo por sobre o ombro, esgueirou-se para dentro da casa e com esse movimento ficou fora de sua visão.

Logo a seguir, ele ouviu uma leve batida na porta, que foi se abrindo devagar. Então percebeu o vestido branco de Lady Arabella iluminando a abertura.

Capítulo 16

UMA VISITA DE CONDOLÊNCIAS

Caswall ficou sinceramente surpreso quando viu Lady Arabella, ainda que na realidade, depois de tudo o que acontecera, devesse estar preparado para tal fato. Sua fisionomia mostrava-se tão surpresa, ainda mais do que Lady Arabella esperava — se bem que acreditasse estar prevenida para tudo —, que ela foi igualmente dominada pelo espanto. Apesar de seu habitual sangue-frio e de sua habilidade social, ela ficou tão assustada que não sabia mais o que fazer. Mas sua audácia agiu prontamente, de modo que começou logo a falar, ainda que não tivesse a menor ideia do que estivesse querendo dizer.

— Vim aqui para lhe trazer minhas sinceras condolências pelo recente sofrimento pelo qual passou.

— Sofrimento? Devo lhe dizer que não sei a que a está se referindo.

Ela hesitou, pois havia percebido que nem tudo estava correndo conforme o planejado.

— Estou me referindo ao velho que morreu tão de repente... aquele velho... despenseiro.

A aparência de Caswall desanuviou-se e perdeu um pouco de sua espantosa concentração.

— Ora, ele era apenas um serviçal que já tinha anos demais nas costas. Ele devia ter estado na casa dos noventa!

— Mas, ainda assim, um servo antigo...

As palavras de Caswall já não soaram tão frias como havia sido sua intenção.

— Não mantenho relações com a criadagem. O velho era apenas tolerado porque já estava aqui fazia uma eternidade. Meu administrador era de opinião que ele se tornaria impopular se dispensasse o velho.

Como, por Deus, ela poderia fazer algum progresso na direção desejada, se isso é o máximo de sentimento que se poderia esperar da parte dele? Por esse motivo ela tentou ainda um outro caminho — dessa vez mais pessoal.

— Devo desculpar-me por estar a perturbá-lo. De modo geral, não tenho o hábito de ligar tão pouco para as convenções, ainda que normalmente eu não seja escrava delas. Porém existem limites... Agi mal porque eu não deveria ter forçado minha entrada. Deveria ter me feito anunciar antes. E o que tem a me recriminar pela minha entrada intempestiva, nem ousa imaginar!

Edgar Caswall, a quem a etiqueta e o hábito transformaram em um cavalheiro, conduziu-se de acordo com as circunstâncias.

— Lady Arabella, esteja certa de que é bem-vinda a qualquer tempo, sempre que desejar honrar minha casa com a sua presença.

Ela o recompensou com um sorriso carinhoso.

— Fico grata, do fundo do coração. Você consegue fazer com que qualquer pessoa perca o constrangimento. Meu passo pouco convencional me dá agora mais alegria do que ansiedade, pois pressinto que poderei lhe abrir meu coração para tudo.

Ela então lhe contou a respeito de Oolanga e de sua estranha suspeita contra ela. Caswall deu uma sonora gargalhada e lhe pediu que relatasse todas as particularidades. Sua observação final foi bastante expressiva:

— Deixe-me lhe dar um conselho: se esse homem diabólico lhe der mais uma vez motivo de aborrecimento, mate-o então. Um negro que não regula bem da cabeça é uma das piores pragas que se possa imaginar. O melhor é fazer logo uma limpeza e eliminá-lo no ato!

— Mas, sr. Caswall, como fico com relação à lei?

— Ora bolas, a lei não vai se preocupar nem um pouco com negros mortos. Alguns a mais ou a menos não fazem a menor diferença. Para mim isso representaria até um alívio.

— Isso até me dá medo — respondeu ela, com um doce sorriso provocante, tendo sido esta a sua única observação.

— Então está bem, deixemos este assunto de lado — disse ele. — De qualquer modo, pelo menos um tiraremos da face da terra!

— Para mim, os negros não me são mais agradáveis do que para você — retrucou ela. — E acho que não se deve ser demasiadamente intolerante nessa espécie de limpeza. — De súbito, mudou seu comportamento e seu diapasão, perguntando calorosamente. — E agora diga-me que me perdoa.

— Mas é evidente, caríssima, no caso de haver mesmo alguma coisa a perdoar.

Ela havia se levantado e ele a seguiu até a porta e, com naturalidade, acompanhou-a até embaixo. Caswall atravessou com ela o vestíbulo e andou ao longo da subida para a entrada. Quando finalmente deu meia-volta e se dirigiu para casa, ela sorria pensativa.

“De qualquer forma, tudo saiu da melhor maneira possível. A manhã não foi de todo perdida”, murmurou para si mesma e virou-se, tomando o caminho para Diana’s Grove.

Adam Salton foi andando pelo Brow e refrescava no momento suas recordações em relação às diversas localidades que via. Chegou de novo a Lesser Hill na hora em que Sir Nathaniel acabava de se sentar para o almoço. O sr. Salton tinha se posto bem cedo a caminho de Walsall e, portanto, Sir Nathaniel encontrava-se sozinho. Depois do almoço, ele seguiu Adam até o escritório e fechou a porta. Havia reparado na fisionomia do rapaz de que alguma coisa lhe pesava no coração.

Depois que ambos acenderam seus cachimbos, Sir Nathaniel começou a falar:

— Ocorreu-me um fato interessante a respeito de Diana’s Grave. Esta casa está envolta em um estranho mistério, do que há muito tempo tenho ciência. Poderá ser de interesse, como também poderá não ter propriamente muita importância para o caso que pretendemos descobrir.

— Por favor, conte-me tudo o que sabe ou do que suspeita. Começemos pelo tipo de segredo: físico, espiritual, moral, histórico, científico, oculto? O menor indício poderá ser de utilidade.

— Está certo. Tentarei esclarecer minha maneira de pensar a respeito. Contudo, ainda não consegui pôr em ordem com nitidez meus pensamentos no que se refere a esse tópico e estou certo de que você me perdoará sinceramente se meu relatório estiver um pouco embaralhado. Obviamente conhece a mansão de Diana's Grove, certo?

— Apenas pelo lado de fora. Porém tenho tudo na minha mente e poderei complementar muito bem o que for relatado.

— A casa é muito antiga; as partes mais velhas datam provavelmente até mesmo aos tempos romanos e foram sendo sempre renovadas. Quando existia o reinado de Mercia, já se encontrava aqui uma casa e não posso acreditar que as fundações tenham sido lançadas somente depois da conquista pelos normandos. Há alguns anos, investiguei tudo isso com muito cuidado na qualidade de presidente da Sociedade de Arqueologia. Isso se reporta à época em que o capitão March adquiriu a propriedade. Naquela ocasião, a casa passou por uma reforma para que a jovem senhora se sentisse bem ali. As fundações dos muros e as arcadas da adega são muito maciças, tão maciças, como se fossem destinadas a uma fortaleza. A uma determinada profundidade, existe toda uma série de acomodações, sendo que uma delas me pareceu um tanto estranha. É um aposento de enormes dimensões, com paredes de grande espessura. No centro, encontra-se um fosso de uma fonte que chega até o nível do chão e, pelo que parece, deve estar profundamente embutida na terra. Não há nem roldana, nem vestígio de que naqueles tempos tivesse existido alguma por ali; nenhuma corda, nada mesmo. Agora sabemos que os romanos possuíam poços muito profundos, dos quais a água era retirada por intermédio de uma roldana puxada por cordas. Mas no presente caso nós nos deparamos apenas com um poço muito profundo. A porta que levava para esse aposento era maciça e fechada por meio de um cadeado que media praticamente trinta centímetros quadrados. Era evidente que deveria estar seguro de uma forma toda peculiar. Naquela época ninguém conseguiu se lembrar de jamais ter ouvido dizer que alguém tivesse conseguido permissão para dar uma simples olhada que fosse no tal aposento. Tudo isso, para mim, pode ser uma pista de que o poço teria servido para o Verme Branco, seja o que for, como uma possibilidade de entrada e de saída. Naquela época pretendi inspecionar melhor o poço; cheguei mesmo a organizar uma escavação às minhas próprias custas, mas todos os meus projetos foram pronta e claramente rejeitados.

Resolvi então não tentar mais nada. Aí tudo caiu no esquecimento e até mesmo eu não pensei mais no assunto.

— O senhor se lembra da aparência que tinha esse aposento? — perguntou Adam. — Havia lá dentro algum mobiliário?

— Vem-me à lembrança unicamente uma espécie de luz verde, muito fraca, que emanava da escavação. Não era uma fonte de luz calma, mas brilhava de forma irregular como jamais vi luz alguma brilhar assim.

— O senhor sabe ainda, por acaso, como conseguiu entrar nesse aposento do poço? Havia alguma porta que levasse para fora, ou que fosse utilizada uma galeria, ou a entrada era feita através de um outro aposento adjacente?

— Creio que se entrava passando por um quarto contíguo. Lembro que tive que subir por uma escada íngreme. De tanto uso, ela acabara se tornando completamente escorregadia, porque eu quase não conseguia manter meus pés nos degraus. Uma vez cheguei a tropeçar e quase caí dentro do fosso.

— Havia dentro do aposento alguma coisa que merecesse atenção especial? Um cheiro esquisito, por exemplo?

— Cheiro, sim! Como se fosse de água estagnada ou de pântano fétido. Um fedor repulsivo! Assim que eu acabara de entrar, tive a sensação de que vomitaria. Tentarei ver se consigo me lembrar de mais alguns pormenores.

— Talvez o senhor possa acrescentar mais tarde algumas outras coisas.

— Terei muita satisfação em fazê-lo, Adam. Se seu tio não tiver voltado até lá, poderíamos voltar a falar sobre esse assunto altamente interessante depois do jantar.

Capítulo 17

O MISTÉRIO DE DIANA'S GROVE

Naquela tarde, Adam resolveu que faria um pouco de investigação por conta própria. Quando se dirigia para a parte do bosque diante do portão que dava acesso para Diana's Grove, pensou por um instante ter visto o rosto do negro. Embrenhou-se ainda mais profundamente na mata espessa e seguiu o caminho que levava para a casa. Com essa manobra, ficou satisfeito por não ter aparecido nenhum outro criado, porque não lhe interessava que o pessoal de Lady Arabella o visse rondando a propriedade. Aproveitando-se da densa mata, aproximou-se bastante da casa e a circundou. Seus esforços foram recompensados, porque na outra extremidade da casa, lá onde descia o penhasco, descobriu o corpo encolhido de Oolanga, escondido atrás de um grande carvalho. O negro estava tão profundamente entretido a observar alguém ou alguma coisa que se esqueceu completamente de tomar precauções contra possíveis observadores. Nada melhor podia ter acontecido a Adam, que, sem ser estorvado, escolheu um lugar para ficar à espreita.

De modo geral, as árvores eram baixas e cresciam tão perto umas das outras que lançavam sombras profundas sobre a brusca descida em cuja beirada crescia a árvore atrás da qual o negro encontrara um esconderijo. Adam se esgueirou até bem perto e, para seu enorme espanto, viu no chão um círculo de luz. Quando percebeu o que era, aumentou ainda mais a sua decisão de continuar com a sua

investigação. O negro segurava uma lanterna e fazia com que a luz deslizesse sobre a encosta. Degraus de pedra eram visíveis, sendo que acabavam diante de uma pesada porta de ferro, no muro lateral da casa. Tudo o que já ouvira de Sir Nathaniel e todas as grandes e pequenas peculiaridades que ele mesmo percebera formavam uma confusão em sua mente. Instintivamente, procurou uma proteção por trás de um grosso tronco de carvalho e se deixou escorregar para o chão, sem tirar os olhos de seu objetivo.

Depois de algum tempo, percebeu que o africano queria descobrir o que se encontrava por trás da pesada porta. Não havia possibilidade de se espiar para dentro, porque entre a porta e o muro de pedra não havia qualquer fresta. Uma pequena abertura entre a grande armação de pedra na parte superior da porta era a única possibilidade de poder iluminar o aposento. Mas essa abertura ficava localizada alto demais para que se pudesse espiar para o interior, estando-se ao nível do chão. Depois que Oolanga tentou em vão olhar, ficando na ponta dos pés e, mesmo com o auxílio de um pedaço de madeira colocado obliquamente, viu que sua tentativa não dera resultado, tornou a se esconder, aparentemente esperando que aparecesse alguém. De súbito, surgiu Lady Arabella, que se movimentava silenciosamente na escuridão e parou diante da porta. Nem bem ele percebeu sua chegada, Oolanga mostrou-se e falou com ela em voz baixa. No negrume da noite, seu sussurro era ouvido como se fosse um sibilar.

— Eu gostaria de vê-la, senhorita. Logo e sem ninguém por perto.

— O que você quer?

— A senhora bem sabe. Lá lhe falei o que quero.

Ela se virou para ele, fuzilando-o com seus olhos verde-esmeralda flamejantes.

— Não quero saber de nada. Se tiver alguma coisa importante para me dizer, então pode se encontrar comigo aqui, às sete.

Ele não lhe deu qualquer resposta, mas se curvou ainda mais, com mãos entrelaçadas, até que tocou o chão com a testa. Então se levantou e se afastou devagar.

Do seu esconderijo, Adam Salton vira tudo e não pôde deixar de ficar muito admirado. Depois de alguns minutos, abandonou também seu esconderijo, a fim de voltar para casa, decidido a retornar e se esconder em seu posto de observação às sete.

Um pouco antes da hora, Adam saiu de casa sem fazer barulho e pôs-se a caminho, em direção à parte dos fundos de Diana's Grove. Tudo parecia calmo e abandonado, de modo que ele pôde voltar ao seu antigo lugar sem que ninguém o visse. Imóvel, ficou esperando e, afinal, viu quando algo branco se esgueirava silenciosamente por entre os arbustos. Não chegou a ficar espantado porque reconheceu logo o vestido de Lady Arabella. Ela parou bem perto dele e esperou, com o olhar dirigido para a porta de ferro. Oolanga apareceu vindo de um determinado esconderijo. Divertido, Adam registrou o fato de que ele segurava sobre o ombro um recipiente com o mangusto. Era evidente que o negro nem desconfiava que estava sendo observado e, ainda por cima, pelo homem cuja propriedade ele trazia consigo.

Apesar de sua aproximação silenciosa, Lady Arabella o tinha ouvido e se virou. Era bastante difícil discernir Oolanga no meio da escuridão reinante porque, como sempre, ele se vestia de preto e apenas a gola e os punhos eram visíveis. Lady Arabella falou em primeiro lugar.

— O que quer? Roubar-me ou matar-me?

— Não, amá-la!

Essas palavras a assustaram um pouco. Ela prosseguiu com outro tom de voz:

— Isto que tem aí será um caixão? Se for, então está desperdiçando seu tempo. Eu não caberia aí dentro.

Quando um homem daquele se sente ridicularizado, toda a sua natureza selvagem vem à tona. E esse ser humano fazia parte da classe mais baixa.

— Isto não é nenhum caixão. É para a senhora. É alguma coisa que lhe é cara. É um presente!

Continuando a querer afastar o tópico amor, que já se tinha tornado uma ideia fixa, ela tentou desesperadamente desviá-lo do assunto.

— Queria me ver por esse motivo?

Ele fez um sinal afirmativo com a cabeça.

— Então venha comigo até a outra porta. Sem fazer barulho. Eu não gostaria de ser surpreendida na companhia de um negro!

Ela não procurou esconder seu menosprezo, querendo com isso opor à paixão do africano um outro tipo de emoção, na esperança de fazer com que finalmente ele se calasse.

A escuridão evitou que pudesse ver o rosto dele contorcido de ódio. Olhos revirados e ranger de dentes eram, porém, visíveis e audíveis. Ela deu a volta pelo lado direito da casa. Oolanga a seguia, mas ficou parado quando ela levantou a mão em sinal de advertência.

— Não esta porta — falou ela. — Esta não é para negros! Para você a outra é suficientemente boa!

Lady Arabella pegou uma pequena chave que se encontrava presa à corrente de seu relógio e com ela se dirigiu para uma pequena porta profundamente embutida no canto, descendo um pouco pelo barranco do Brow. A uma ordem sua, Oolanga correu obediente de volta para a porta de ferro. Adam lançou um olhar explorador para o caixote com o mangusto quando o africano passou correndo por ele e, satisfeito, verificou que o objeto estava intacto. Involuntariamente segurou na chave que se encontrava no bolso de seu colete. Assim que Oolanga sumiu das vistas, Adam correu para o lugar onde sumira Lady Arabella.

Capítulo 18

QUANDO OOLANGA DESAPARECE

A mulher se virou de maneira brusca, ao ser tocada nos ombros pela mão de Adam.

— Um instante, enquanto não estivermos sendo perturbados! Não deveria conceder sua confiança a esse homem! — sussurrou ele.

A resposta da mulher foi rude e incisiva.

— Não concedo!

— Prevenir é melhor do que remediar. Diga-me por que desconfia dele, conte-me para sua própria proteção!

— Meu amigo, tem por acaso alguma noção da sem-vergonhice dessa criatura? Pode imaginar que ele me queira para sua mulher?

— Não! — exclamou Adam, incrédulo. Involuntariamente sentiu algo parecido com divertimento.

— Sim, e ele queria me pressionar devido a uma arca preciosa, a qual ele acredita que eu tenha roubado do sr. Caswall. E por que desconfia dele, sr. Salton?

— A senhora viu por acaso o caixote que ele trazia às costas? Ele me pertence. Eu o deixei no depósito de armas antes de me sentar à mesa para jantar. Ele deve ter se esgueirado lá e tê-lo roubado. É óbvio que acredita haver alguma preciosidade lá dentro.

— Sim, é isso o que ele pensa!

— Como é que sabe?

— Há uns poucos minutos ele me ofereceu o caixote de presente, apenas para pressionar meu consentimento. Que horror! Eu me envergonho por ter que lhe confiar tais coisas. Este monstro!

Ainda enquanto conversavam ela abriu a porta, uma pequena porta de ferro, que funcionava perfeitamente, porque foi aberta com facilidade e fechada com firmeza, sem que rangesse ou que houvesse qualquer outro som audível. No interior tudo era escuro. Contudo, entrou livremente e sem hesitação, como se estivesse em plena luz do dia. De algum lugar aparecia uma fraca luz verde, suficiente para que Adam pudesse reconhecer os degraus de pedra que levavam para cima. Depois de ter fechado a porta em silêncio, Lady Arabella subiu os degraus com passos leves e ágeis.

Durante os primeiros momentos, tudo retornou à escuridão e então pôde-se notar novamente a fraca luz verde que permitia perceber o contorno dos objetos. Uma segunda porta de ferro, estreita como a primeira e não muito alta, levava para um grande aposento adjacente ao lugar em que estavam, cujas paredes eram de pedra maciça, que se encaixavam sem emendas, de modo a formarem uma única superfície lisa. As paredes davam a impressão de terem sido polidas até brilhar. Na outra extremidade, encontrava-se a parte de trás de outra porta de ferro, brilhante como um espelho, larga, mas não alta. Aqui havia um pouco mais de luz, porque a abertura que existia por cima da porta deixava passar a claridade.

Lady Arabella retirou uma outra pequena chave de seu cinto, que introduziu no centro de um cadeado localizado na fechadura. O grande ferrolho se moveu para trás instantaneamente, sem fazer barulho, e a porta foi aberta. Sobre os degraus de pedra lá fora estava Oolanga, de pé, tendo sobre os ombros o caixote com o mangusto. Lady Arabella afastou-se para o lado e o africano entrou, tomando aquele movimento como um convite. Mas, assim que entrou, lançou um rápido olhar à sua volta.

— Muita morte aqui. Grande morte. Muitos mortos. Bom, bom!

Seu fungar deixava transparecer que apreciava o cheiro. O conteúdo e o tipo de suas palavras eram tão repelentes que a mão de Adam instintivamente pegou no revólver. Colocou o dedo no gatilho, satisfeito por estar preparado para a emergência.

Efetivamente havia motivo para a satisfação que sentia o negro, porque a abertura do poço ficava quase diretamente sob seu nariz e deixava soltar um tal fedor que Adam quase foi dominado pela náusea enquanto Lady Arabella nem se perturbava. Era diferente de tudo aquilo que Adam vivera até então. Comparou com todas as experiências horríveis pelas quais já passara — esgotos de hospitais e de matadouros, os restos das salas de anatomia. Mas isso aqui era diferente, se bem que houvesse um pouco de cada coisa e, além disso, o cheiro acre de detritos químicos e o exalar fétido de um navio cheio de água e de ratos putrefatos. E então, de repente, o negro percebeu a presença de uma terceira pessoa — isto é, de Adam Salton. Pegou em sua pistola e deu um tiro na direção dele, que, por felicidade não atingiu o alvo. O próprio Adam era um hábil atirador, mas dessa vez ele estava com a mente ligada em outro lugar, de forma que sua presença de espírito falhou. Mas não era nenhum covarde e ainda rápido o bastante para realizar um ato proposital. Aconteceu então que ambos se atracaram. Ao lado deles abria-se o escuro buraco do poço, de cujas profundezas misteriosas emanava o cheiro nojento.

Tanto Adam quanto Oolanga portavam armas de fogo. Lady Arabella, que não possuía nenhuma, era entre todos provavelmente a melhor atiradora, mas como no momento não podia fazer uso dela, agiu de outra maneira. Deslizou agilmente e tentou pegar o africano, que escapuliu de suas mãos e, com esse movimento, quase despencou pela abertura. Oscilando, Oolanga tentava se agarrar a alguma coisa, apontou a arma na direção dela e atirou. Instintivamente Adam jogou-se contra o atacante. Durante a luta, os dois foram se movimentando justamente até a beirada do fosso.

A raiva de Arabella tinha chegado ao auge. Com as mãos estendidas, fez um movimento na direção de Oolanga e o agarrou no momento em que o fecho do caixote em que se achava o mangusto se abriu por dentro e o exterminador de najas pulou com uma rapidez indescritível. E quando o animal se lançou sobre o pescoço dela, Lady Arabella o segurou e, em seu ódio, que era maior do que o dele, rasgou-o em duas partes, como se fosse uma folha de papel. A força que exerceu deve ter sido enorme. E logo a seguir o atirou para dentro do fosso. No mesmo instante, segurou Oolanga e o puxou, enquanto seus alvos braços o prendiam, tentando fazer com que caísse juntamente com o animal pela abertura escancarada.

Adam enxergava agora luzes verdes e vermelhas em círculos que rodopiavam e, na descida, formaram-se dois olhos verdes brilhantes que iam se afundando cada vez mais profundamente, até que sumiram, lançando para cima a luz verde que a cada momento se tornava mais forte. Enquanto a luz verde mergulhava nas profundezas horrendas, soou um berro que fez gelar o sangue de Adam — um grito longo e contínuo, resultante de tortura e de pavor, que parecia não ter fim.

Adam Salton sentiu que jamais lhe sairia do pensamento esse pavoroso instante. O reflexo de luz abrangendo todo o fosso, que parecia alcançar as entranhas do mundo, impedia que se pudesse olhar para as profundezas do inferno. O africano teve um pavoroso destino, quando mergulhou aterrorizado no fosso, com um rosto cinza e olhos esbugalhados e injetados de sangue. A própria luz misteriosa era algo aterrorizante. E, através disso tudo, de uma extremidade à outra, saindo do fundo insondável, cuja abertura estava marcada por salpicos de sangue, aquele horrível grito. A morte do destemido pequeno matador de serpentes — cuja selvageria provinha não da terra, mas de uma força mais diabólica — fora apenas um incidente de menor importância. Adam encontrava-se em uma situação espiritual pela qual jamais havia passado em toda a vida e que não tinha paralelo. Sua vontade era fugir daquele lugar horroroso. A luz verde estava se tornando cada vez mais fraca, à medida que sua fonte desaparecia no fosso profundo. A escuridão tomou conta dele com uma irresistível impenetrabilidade — escuridão em um tal lugar e com tais recordações!

Apavorado, saiu correndo — escorregou nos degraus onde havia uma massa viscosa, cáustica e fedorenta. Caiu e, tateando, retomou o caminho para o aposento contíguo, onde não havia nenhum fosso aberto.

E então teve que esfregar os olhos, tão grande foi seu espanto. A figura vestida de branco de Lady Arabella, toda manchada de sangue no rosto, mãos e pescoço, a única coloração que se via nela, subia os degraus de pedra que davam para a estreita porta pela qual ela havia entrado. Mostrava-se calma e tranquila, como no momento em que entrara e o havia deixado passar pela estreita porta de ferro.

Capítulo 19

UM INIMIGO NA ESCURIDÃO

Antes de voltar para Lesser Hill, Adam Salton resolveu fazer um passeio. Não era somente com a finalidade de espairecer da cena horripilante e para acalmar seus nervos agitados, mas também para que pudesse pôr em ordem seus pensamentos, a fim de ter condição de conversar com Sir Nathaniel a respeito. Não se sentia muito à vontade para falar sobre o assunto com seu tio, porque a questão que se desenrolara tinha ultrapassado o ponto em que pararam na última conversa com ele e tinha suas dúvidas quanto à reação do velho quando ficasse sabendo das estranhas ocorrências que tinham acabado de acontecer. Era óbvio que o sr. Salton certamente não ficaria satisfeito por ser tratado como um estranho no assunto que dizia respeito aos moradores de sua casa. Com enorme alívio, Adam lembrou-se de que seu tio enviara um telegrama à sua governanta informando ter negócios a tratar em Walsall e que passaria lá a noite. Sua volta deveria ser esperada para o dia seguinte, na hora do almoço.

Quando Adam voltou para casa de seu passeio, verificou que Sir Nathaniel encontrava-se a ponto de se recolher. Portanto, não disse uma palavra do que havia acontecido, mas resolveu que teria com ele uma conversa na manhã do dia seguinte, porque tinha muita coisa a dizer que necessitava da maior atenção.

Ele achou muito esquisito que tivesse acordado com a cabeça fresca e sem sentir nenhum sinal de nervosismo. A empregada lhe trouxe o chá matinal

juntamente com uma carta que ela encontrara na caixa do correio. Era proveniente de Lady Arabella e servia aparentemente para o fim de preveni-lo para que agisse com prudência quando fosse falar dos acontecimentos do dia anterior. Ele leu várias vezes a missiva com muita atenção, para que nada lhe escapasse de seu conteúdo.

Caro sr. Salton:

Não poderia deitar-me sem que antes lhe escreva. Portanto, é preciso que me perdoe por importuná-lo e em uma hora tão pouco apropriada. Eu gostaria que me perdoasse ainda se eu, na tentativa de fazer o que é correto, fale demais ou de menos. A verdade é que tudo o que aconteceu nessa horrível tarde me deixou desnorteada e abalada. Até mesmo escrever é bastante penoso para mim. Minhas mãos estão muito trêmulas. Só de pensar que não serei capaz de dominar-me, e a lembrança dos horrores que presenciamos com nossos próprios olhos faz meu corpo tremer todo. Aflige-me sobretudo que eu, se bem que também tenha um pouco de culpa, tenha sido o motivo do horror que lhe aconteceu. Perdoe-me se puder e não me julgue duramente. Isto eu lhe peço cheia de confiança, pois nós enfrentamos juntos o perigo, vimos a morte nos olhos, e, assim, sinto que poderíamos ser mais do que amigos, que eu me apoiarei no senhor e que terei sua lealdade na certeza de que será sensível à minha simpatia e terá compaixão. Deixe-me agradecer por sua amizade, pelo auxílio, pela fidelidade, pela energia para agir no momento do perigo mortal e do medo da morte. Aquele ente humano pavoroso haverá de seguir-me por toda a vida em meus sonhos. Seu feio rosto apagará todas as recordações da luz do sol e da felicidade. Para sempre verei seus terríveis olhos, como me apareceram naquele momento em que, tentando inutilmente afastar as consequências de sua iniquidade, jogou-se dentro do fosso. Quanto mais reflito sobre o acontecido, mais me parece evidente que ele planejara tudo com antecedência — com exceção de sua morte horrível, isto fica subentendido.

Talvez tenha reparado na gola que uso de vez em quando. Pertence aos meus tesouros mais preciosos — uma gola de arminho, cravejada de esmeraldas. Muitas vezes percebi os olhos do negro brilharem cobiçosos quando suas vistas pousavam nela. É uma lástima que eu estivesse usando ontem essa gola! Talvez ela tenha sido a causa imediata que levou o pobre coitado ao seu destino. Na beirada do precipício ele me arrancou a gola do pescoço — e foi a última coisa que pude ver dele. Enquanto ele mergulhava no fundo do fosso, eu me joguei contra a porta de ferro que depois fechei. Então ouvi aquele grito que me deixou toda trêmula e que acompanhava o desaparecimento dele. Senti-me indizivelmente aliviada que a meus olhos fosse poupada a dor e o sofrimento do que meus ouvidos tiveram que suportar.

Quando me libertei das mãos do negro e ele mergulhou no fosso, tive então a certeza do que representa a liberdade. Liberdade! Liberdade! Não apenas a liberdade dessa horrível prisão que agora uma tal lembrança abriga, mas liberdade do abraço desse monstro pavoroso. Eu lhe serei grata pela minha liberdade por toda

a minha vida. Como mulher, preciso externar todo o meu agradecimento para que não me pese demasiado. É verdade que não sou uma pessoa sentimental, para quem seja um prazer mostrar-se grata a um homem. Sou uma mulher que conhece tudo, seja bom ou ruim, do que a vida pode proporcionar. Conheci o amor e a privação. Não devo me deixar permitir levar a infelicidade para a sua vida. Preciso continuar a viver sozinha como até agora a acrescentar à minha preocupação ainda a lembrança da mais recente ofensa e o conseqüente horror. Neste ínterim, devo partir de Diana's Grove o mais rapidamente possível. Amanhã viajarei para a cidade, onde deverei permanecer durante uma semana — não posso demorar-me mais do que isso, pois a importância dos meus negócios não permite que eu me ausente por muito tempo. Contudo, posso imaginar que uma semana na confusão de Londres, na companhia de inúmeras pessoas normais, contribuirá para amenizar as terríveis imagens dos últimos dias, ainda que não possa apagá-las por completo. Quando eu estiver em condições de poder dormir sossegada, o que tenho esperanças de que deverá acontecer dentro de um ou dois dias, serei então capaz de voltar e carregar o peso que me acompanhará para sempre.

Eu me sentirei imensamente feliz se puder vê-lo depois de minha volta ou até mesmo antes, se, por um feliz acaso, o senhor viajar para Londres. Terei acomodações no Mayfair Hotel. Naquele lugar movimentado, poderemos esquecer juntos os perigos e horrores por que passamos. Adeus, e, mais uma vez, meus agradecimentos pela bondade e por seus cuidados.

Arabella March

Adam ficou extremamente atônito com essa extensa e detalhada epístola. Pensou primeiro em não mostrar a carta a Sir Nathaniel e lhe dar para que a lesse apenas depois de ter refletido bastante sobre o assunto.

Quando se encontrou com Sir Nathaniel no café da manhã, ficou satisfeito por ter se dado ao trabalho de ponderar demoradamente sobre a questão. O resultado foi que ele não estava bem a par dos fatos com todas as particularidades, mas que as tinha coordenado de tal maneira que podia diferenciar o que era importante do que não tinha interesse. O desjejum foi tomado em silêncio, de modo que a sequência dos pensamentos não foi quebrada.

Logo que a porta do escritório se fechou sobre os dois, Sir Nathaniel começou a falar:

— Adam, vejo que algo aconteceu e que tem muito a me dizer.

— É verdade, senhor. Penso que é melhor eu lhe contar tudo o que sei, tudo o que se passou desde que lhe deixei ontem à noite.

De acordo com o que o velho diplomata falara, Adam relatou todas as particularidades das ocorrências da noite anterior. Limitou-se estritamente à

descrição das circunstâncias e evitou falsear o acontecimento através de seus próprios comentários ou de seus pontos de vista a respeito de coisas sobre as quais não tinha certeza.

De início, pareceu que Sir Nathaniel tinha algumas perguntas a fazer, mas desistiu delas quando percebeu que o relatório era conciso e compreensível. Limitou-se, portanto, a rápidos olhares, fáceis de explicar, ou a movimentar as mãos com calma, como se quisesse sublinhar corretamente o que fora dito.

Até o final, o velho senhor absteve-se de fazer qualquer observação. E também quando Adam tirou do bolso a carta de Lady Arabella, com a clara intenção de lhe dar para ler, não deu nenhuma demonstração externa. Quando finalmente Adam dobrou de novo a carta e a recolocou no bolso, como sinal por assim dizer de que terminara, o velho diplomata fez com cautela algumas anotações.

— Seu relatório, meu caro Adam, é simplesmente espantoso. Acredito que possamos partir do ponto de que ambos temos conhecimento dos fatos e que nosso encontro deverá ser antes uma troca de ideias. Portanto, faremos perguntas à medida que nos venham à mente. E não tenho dúvidas de que chegaremos a resultados esclarecedores.

— Gostaria de começar, senhor? Não questiono novamente que o senhor, com sua longa experiência, poderá dissipar as nuvens que envolvem tanto as coisas a serem consideradas.

— É o que espero, meu caro rapaz. Como início, deixe-me lhe dizer que Lady Arabella esclarece bem algumas de suas intenções, e também algo daquilo que ela não queria deixar transparecer. Todavia, antes que eu tire minhas conclusões, vou lhe fazer umas perguntas. Adam, é ainda senhor do seu coração no que toca a Lady Arabella?

Seu companheiro respondeu sem demora e, durante as perguntas e respostas, nenhum se esquivou de olhar o outro.

— Senhor, Lady Arabella é uma mulher charmosa. Teria sido para mim uma honra conhecê-la, conversar com ela, sim, até mesmo, já que estou fazendo confissões, de flertar um pouco com ela. Mas se quiser saber se tenho outro interesse nela, então devo apenas responder enfaticamente com um “não”. O que o senhor compreenderá quando eu lhe contar o motivo, deixando de lado as desagradáveis particularidades sobre as quais conversamos ontem.

— Seria muito incômodo para você se me contasse o motivo? Isso nos seria de grande ajuda para entender que tipo de dificuldades teremos que enfrentar.

— Certamente, senhor. O motivo pelo qual não me interesso por ela é o fato de que amo uma outra.

— Com isso o caso está resolvido. Devo lhe desejar toda a felicidade e talvez congratulá-lo?

— Seus bons augúrios me tornam orgulhoso, senhor. Mas ainda é cedo para as congratulações. A dama ainda não tem conhecimento das minhas esperanças. Sim, devo dizer que até o presente momento eu mesmo não tinha certeza absoluta de meus sentimentos em relação a ela.

— Adam, suponho que no tempo oportuno vai me dizer o nome da dama, certo?

Então Adam deu uma leve risada, uma risada agradável, como se tivesse partido de um coração feliz.

— Isso posso lhe dizer a qualquer hora, sim, sem nenhum minuto de demora. Dividirei com prazer meu segredo com o senhor. A dama pela qual eu daria com satisfação meu tesouro e em volta da qual revolvem meus sonhos para uma felicidade duradoura é Mimi Watford!

— Então, meu caro, não preciso esperar muito para lhe dar meus parabéns. Mimi é uma jovem extremamente digna de amor. Que eu saiba, jamais vi uma moça na qual se alie com perfeição tamanha força de caráter e tal índole agradável. Eu me congratulo contigo de todo o coração. Devo então subentender que minha resposta anterior foi respondida?

— Sim, é isso mesmo. E agora, senhor, posso saber o porquê da pergunta?

— Certamente! Eu a faço unicamente porque poderíamos chegar a um ponto em que a minha indagação iria magoá-lo.

— Não se trata apenas disso, do fato de que amo Mimi. Também tenho motivos para desconfiar de que Lady Arabella seja a adversária — prosseguiu Adam.

— Sua adversária?

— Sim. Como uma inimiga arguta e sem escrúpulos, que não tem outro objetivo a não ser o de prejudicar.

Sir Nathaniel foi até a porta, olhou para fora e retornou, depois de tê-la fechado de novo com toda a cautela.

Capítulo 20

UMA CONVERSA MUITO SÉRIA

— Será que dou a impressão de seriedade? — perguntou Sir Nathaniel com bastante incoerência, quando voltou ao aposento.

— Sim, é justamente isso, senhor.

— No nosso primeiro encontro, não tínhamos noção de que seríamos envolvidos em um redemoinho tão perigoso. Agora estamos tratando com roubo e provavelmente com assassinato. Mas mil vezes pior do que todos os crimes conhecidos é o mistério horrível que não tem começo nem fim, com o qual temos que nos defrontar, com energias que abalam os nervos e que têm sua origem em uma época em que o mundo era diferente daquele que hoje conhecemos. Com isso voltamos ao início das superstições daquele tempo em que os dragões se dilaceravam uns aos outros nos pântanos. Não devemos nos deter diante de nada, diante de nenhuma inferência, seja ela improvável ou impossível. Vida ou morte dependem de nosso poder de discernimento, não somente para nós, mas para os que amamos. Reflita, portanto, e eu me apoiarei em você. E é de se esperar que apoiará em mim.

— Confio plenamente no senhor.

— Vamos então utilizar nossas considerações com a cabeça fria e sem medo, indiferentes ao fato de como tudo possa parecer horrível. Presumo que eu possa

me fiar em seu relatório sobre os acontecimentos em Diana's Grove e que todas as particularidades estão corretas?

— Ao que eu saiba, sim. Naturalmente posso ter me enganado na retrospectiva e em um ou outro ponto; todavia, tenho absoluta certeza de que contei tudo o que é importante com toda a exatidão.

— Está também seguro de que Lady Arabella segurou o negro pelo pescoço e o puxou com ela para a abertura?

— Absolutamente certo, senhor. De outra forma, eu teria ido em seu auxílio.

— Então estamos diante da narrativa de uma testemunha ocular, isto é, você. E mais ainda, temos em nosso poder a carta detalhada escrita do próprio punho de Lady Arabella. Essas duas informações, contudo, não correspondem. Portanto, devo presumir que um dos dois está mentindo.

— É óbvio, senhor.

— E que Lady Arabella é a mentirosa!

— É evidente que não estou mentindo.

— Devemos por isso encontrar o motivo para a mentira dela. Ela não precisa temer nada pela morte de Oolanga. O único motivo para sua detenção é tentar persuadir alguém de sua inocência. E você não pode ser esse “alguém”, pois é a testemunha ocular. Mais ninguém estava presente. Portanto, deve se tratar de uma pessoa ausente.

— Isso me parece fora de dúvida.

— E existe apenas uma pessoa de cuja opinião Lady Arabella poderia se assegurar, e ela é Edgar Caswall. Ele é o único que serve. E ele é igualmente o motivo para outras coisas. Ela tem obviamente a intenção de acusar o negro de sua própria morte. Ela não deve supor que possa convencer você, a testemunha ocular. No caso de ela querer mais tarde ampliar sua versão, foi muito inteligente da parte dela assegurar-se da sua conivência.

— É verdade.

— E existem ainda outros pontos falsos. Por exemplo, a história com a gola de arminho. Um esclarecimento para o fato seria o empenho que ela tem em desviar a atenção das luzes verdes no aposento. Cada uma das pessoas que não estivesse a par das ocorrências teria visto as luzes verdes no aposento e no fosso, como olhos de uma jiboia, uma serpente como, de acordo com a lenda, se presume existir em poços. A seguir, Lady Arabella poderia querer dar a impressão

de que não existia em Diana's Grove nenhuma cobra dessa espécie. De minha parte, não acredito em mentiras pela metade; a arte da mentira não permite o emprego de rodeios. O mentiroso continuará sempre um mentiroso, qualquer que seja a ocasião. O egoísmo segue naturalmente a falsidade da língua. Mas não se pode mais acreditar na pessoa que mentiu uma vez, mesmo que esteja no momento dizendo a verdade. Isso nos leva à conclusão de que nós, ainda que ela diga ou insinue que não exista serpente alguma, deveríamos procurar por uma na expectativa de encontrá-la.

“E agora tomo a liberdade para fazer uma pequena digressão. Moro há muitos anos em Derbyshire, uma região tão famosa por suas cavernas como não existe outra na Inglaterra. Eu as conheço perfeitamente bem, da mesma forma que outras grandes cavernas existentes no estado do Kentucky, na Alemanha, na França e em muitos outros países. Lá se encontra uma boa quantidade de cavernas profundas e mal-assombradas, com aberturas bastante estreitas, muito protegidas pelos pesquisadores audaciosos que desceram em fossos abismais e algumas vezes não voltaram mais. Estou convencido de que muitas das cavernas do Peak foram utilizadas como refúgio desde os tempos mais remotos pelas imensas serpentes das lendas e da tradição. Essas cavernas geológicas que se originaram de maneira absolutamente normal, formando borbulhas ou cicatrizes na crosta terrestre, foram usadas mais tarde pelos monstros na época do novo mundo, simplesmente como esconderijo.

“Tal fato nos leva a um outro ponto de mais difícil entendimento e compreensão, isto é, se tal ser de grandes proporções, como esses monstros, algum dia tenha passado por uma transformação. Um dia talvez a ciência faça tanto progresso que as modificações estruturais, partindo de bases intelectuais ou morais, possam ser explicadas. De qualquer modo, podemos imaginar que uma grande força animal seja capaz de apresentar a base natural para transformações de toda espécie. Mas, se assim for, o que seria melhor acontecer nessas redondezas do que monstros milenares, cuja força seria tão imensa que possibilitaria uma sobrevivência de milhares de anos? Ainda não sabemos se o cérebro cresce separadamente das outras partes da estrutura do corpo, podendo se desenvolver.

“Finalmente, há o oposto na Idade Média para aqueles que acreditam na pedra dos sábios, pedra que podia transformar metal, sendo essa a teoria da transformação da substância que envolve as entranhas vivas. Em outras eras em

que o pesquisador, como agora, se voltava para a ciência natural como fundamento de todas as maravilhas, não devemos nos mostrar mais tão rígidos com a não aceitação dos fatos que temos à mão, ainda que nos pareçam impossíveis.

“Imaginemos diante de nós um desses monstros dos primórdios do mundo, um dragão dos tempos primitivos, que alcançou uma idade de milhares de anos e que possui um cérebro com mostras de um início de crescimento. Supondo que esse monstro de proporções e de força indescritíveis se estabeleça em um lugar e que seja privado da chance de um desenvolvimento ininterrupto, não estaria ele ser apto a desenvolver — com o correr de um longo tempo — uma inteligência mais elevada? Não é de todo impossível. Seria unicamente um processo evolutivo natural.

“No início, os instintos animais se tornariam limitados devido à absorção de alimentos, da autopreservação e da preservação da espécie. Com o tempo, as necessidades se tornariam mais complexas, partindo da simples necessidade da preservação da vida e trazendo consigo a sustentação do poder. Para nós, que estamos habituados a relacionar o crescimento com o tamanho em seus vários aspectos, isso seria normal. A natureza, porém, que não presta homenagem a noções doutrinadoras, aplica a ideia de maneira igual à concentração. Uma das coisas no processo do desenvolvimento pode modificar-se em qualquer espécie e sob qualquer forma. Agora é uma lei científica que traz consigo um avanço vantajoso e desvantajoso de diversos tipos. O que um objeto obtém sob um aspecto pode perder em outro. Não poderia se dar o caso de que a mãe natureza favoreça igualmente o progresso e o declínio — sim, que, baseada em princípios, traga consigo um progresso na concentração e um declínio no tamanho? Suponhamos, por exemplo, monstros que, pela tradição, eram reais e ligados a um determinado local como o verme de Lambton ou aquele de Spindlestone Heugh. Quando um tal ser, por intermédio de um processo de transformação, troca uma parte de seu tamanho por um crescimento intelectual, teremos então que tratar com uma nova espécie — talvez mais perigosa do que o mundo já tenha visto —, uma força que consegue pensar, mas não dispõe nem de alma, nem de moral e, assim, não tem nenhum senso de responsabilidade. Uma cobra seria um ótimo exemplo de tal coisa, porque, como animal de sangue frio, não conhece as tentações que levam os seres de sangue quente a se enfraquecerem ou se

limitarem. Se, por exemplo, o verme de Lambton — caso tenha realmente existido — fosse controlado por uma inteligência organizada e desenvolvida, então poderia haver um outro ser vivo que pudesse igualar-se a ele em sua capacidade maléfica? Um tal ser estaria em condições de devastar todo um país. Agora, essas coisas exigem muita consideração e nós queremos empregar nosso saber de maneira útil e devemos, portanto, ser muito precisos. Não será melhor se voltássemos a esse assunto mais tarde?”

— Concordo, senhor. Sinto-me agora como se me encontrasse em um turbilhão. E eu gostaria de refletir bastante sobre o que acabou de me dizer.

Quando ambos se encontraram novamente depois do almoço, sentiam-se descansados e refrescados e cada um tinha alguma coisa a acrescentar às informações gerais. Adam que, por natureza, avaliava de maneira mais combativa do que seu amigo mais velho, supôs complacente que a conferência tomaria logo uma direção prática. Sir Nathaniel reconheceu esse fato e logo pôs-se à disposição como um velho diplomata.

— Diga-me o que acha do resultado de nossa conversa.

— Quero dizer que a dificuldade já está tomando uma forma prática, mas com perigos adicionais que não percebi no início.

— Qual é a forma prática e quais são os perigos adicionais? Não questiono isso, mas tento apenas explicar minhas ideias por intermédio de seus...

Adam prosseguiu:

— Nos primórdios do mundo havia monstros de um tal tamanho que viveram durante milhares de anos. Alguns deles devem ter durado até os nossos tempos. Existe a possibilidade de que, com o correr dos anos, tivessem dado passos no desenvolvimento do cérebro. E ainda que possuísem o sedimento de um cérebro, deveríamos vê-los como um dos mais perigosos seres em que a Terra já pôs olhos. A tradição estabelece um desses monstros nos pântanos do leste. Ele pertencia agora a uma caverna em Diana's Grove, também chamada de Toca do Verme Branco. Tais entes podem ter se desenvolvido como seres superiores ou inferiores. Podem até terem se transformado em algo como seres humanos. Lady Arabella March é da natureza do réptil. Ao que saibamos, ela já cometeu crimes. Tem dentro dela alguma coisa da força poderosa dos seres primitivos, pode permanecer no escuro e tem os olhos de uma cobra. Ela apenas usou o negro e depois o jogou para dentro do buraco da serpente, empurrando-o para o fosso.

Sua intenção é dirigida para o mal e ela odeia alguém a quem amamos. O resultado...

— Sim, qual é o resultado?

— Em primeiro lugar, Mimi Watford teria que ser removida, portanto...

— Sim?

— O monstro tem que ser exterminado.

— Bravo! A isso chamo de conclusão verdadeira e intrépida! E ela tem que ser executada a qualquer preço.

— Logo?

— Pelo menos muito em breve. A simples existência desse ser já um perigo. Sua presença nas redondezas torna o perigo imediato.

O semblante de Sir Nathaniel endureceu e ele enrugou fortemente as sobrancelhas. Seu desembaraço em ajudar na descrição dos planos não podia deixar nenhuma dúvida. Todavia, a idade e a experiência traziam a sabedoria, a lei e a diplomacia. Ele achava ser de sua obrigação evitar todas as coisas irrefletidas, até que tudo fosse bem pensado e planejado. Valia a pena refletir sobre todos os aspectos legais não apenas por se tratar de uma agressão a uma vida, mas também por ser uma monstruosidade sob forma humana e ainda se tornar ativa em campo estranho. Lady Arabella, fosse mulher ou serpente, era a proprietária da terra, sobre a qual se movia e a lei pune zelosa e rapidamente uma ofensa que lhe seja feita. Todas essas dificuldades deveriam ser mesmo evitadas por causa do sr. Salton, de Adam e, acima de tudo, por causa de Mimi Watford. Ainda antes de começar a falar, Sir Nathaniel havia decidido que deveria adiar o avanço decisivo até determinada hora, quando todas as circunstâncias fossem propícias. Ao dar início às suas palavras, Adam acreditava que seu amigo modificara seu ponto de vista ou que quisesse até mesmo recuar diante da responsabilidade. Seu respeito para com Sir Nathaniel era tamanho que nada faria sem o consentimento do amigo e, em uma questão importante, jamais tomaria uma decisão sem consultá-lo. Entrou, dirigindo-se para perto dele, sussurrando-lhe ao ouvido:

— Temos que tomar providências para a execução de nossos planos ao combate e à destruição dessa horrível ameaça, mas somente depois de termos esclarecido alguns pontos importantes. Enquanto isso, temos que esperar que a noite chegue. Estou ouvindo os passos do meu tio no corredor.

Sir Nathaniel concordou com um aceno de cabeça.

Capítulo 21

A LUZ VERDE

À noite, depois que o velho sr. Salton se retirou para os seus aposentos, Adam e Sir Nathaniel voltaram para o escritório. Em Lesser Hill tudo corria com a maior regularidade, de modo que tinham a certeza de que sua conversa não seria interrompida.

Assim que acabaram de acender seus charutos, Sir Nathaniel continuou:

— Adam, acredito que não me julgue indolente ou inconstante. Minha opinião é a de que devemos prosseguir com a coisa até o amargo final, se for esse o caso. Posso assegurar de que minha primeira preocupação está na segurança de Mimi Watford. Meu caro rapaz, tem a minha palavra de honra. Mas todos nós estamos expostos ao mesmo perigo. Esse monstro meio humano das profundezas nos odeia e quer nos aniquilar: a você, e certamente a mim também e provavelmente a seu tio. Procurei ter esta conversa hoje com você por um determinado motivo. Acredito mesmo que está se aproximando a hora em que deveremos contar o que se passa a seu tio. Enquanto apenas perigos imaginários nos ameaçavam, nosso silêncio era justificado, mas agora que existe uma ameaça de morte para ele, é mais do que correto que esteja a par de tudo.

— Concorro plenamente. A situação se modificou desde que decidimos mantê-lo afastado da questão. Agora não podemos deixar de lhe contar. Temos que levar em consideração seus sentimentos, pois isso poderá lhe custar a vida. É

nossa obrigação, que nem por isso é fácil ou agradável. Não tenho nenhuma sombra de dúvida de que ele vai querer tomar parte em tudo. Lembre-se de que aqui somos seus hóspedes. Seu nome e sua honra têm que nos ser tão caros quanto sua segurança.

— Será como quiser, Adam. Contudo, o que faremos? Não podemos simplesmente matar Lady Arabella. Portanto, temos que arranjar tudo para que ela encontre a morte, sem que a culpa recaia sobre nós.

— Parece-me que estamos presos em uma situação muito embaraçosa. A primeira dificuldade consiste em que deveríamos saber por onde começar. Jamais pude imaginar que essa luta se mostraria tão árdua. Esse monstro da antiguidade é uma mulher, com todos os refinamentos que lhe são inerentes e que além de tudo possui a crueldade de uma cocote. Aliado a isso tudo, ele tem à sua disposição a força e a impenetrabilidade de um diplococo. Por esse motivo, partiremos do ponto de que a luta que teremos que enfrentar não será conduzida com lisura e honestidade e que nossa inescrupulosa oponente tudo fará para não ser apanhada.

— Concordo. Como mulher, ela talvez tente fazer o impossível. Adam, desconfio de que teremos que nos proteger a nós e a outros contra sua feminilidade e seremos mais fortes se jogarmos contra ela nossa masculinidade. Mas primeiro é melhor dormirmos um pouco pensando nisso. Ela é uma criatura da noite. E a noite talvez nos seja útil, trazendo-nos ideias.

Ambos foram se deitar.

De madrugada, Adam bateu na porta do quarto de Sir Nathaniel e entrou depois que ele respondeu afirmativamente. Trazia várias cartas na mão. Sir Nathaniel sentou-se na cama.

— E então?

— Eu gostaria de ler algumas cartas que naturalmente só enviarei depois que me der seu consentimento. Na realidade — enrubesceu e sorriu —, existem muitas outras coisas que eu gostaria de fazer. Contudo, tenho me refreado, até que eu obtenha seu consentimento.

— Diga! — falou o outro com cordialidade. — Diga-me tudo. Em qualquer caso, pode contar com minha simpatia e com meu consentimento, desde que eu ache que é a coisa acertada a ser feita.

Adam então prosseguiu:

— Depois que eu lhe apresentei as sequências de minhas conclusões, resolvi que, no interesse de Mimi Watford e de sua segurança, ela deveria ser afastada e que o monstro tem que ser eliminado.

— Sim, é a coisa mais acertada a fazer.

— A fim de poder pôr em prática essa ideia, é necessário um pré-requisito, para que não nos encontremos em uma nova dificuldade. Mimi precisa de um protetor, que o mundo inteiro possa reconhecer como tal. E a única forma conhecida entre todas as convenções de proteção é um casamento.

Sir Nathaniel sorriu paternamente.

— Para isso é preciso que haja um marido. E você será esse marido.

— Sim, sim.

— E o casamento poderá ser realizado imediatamente e com todo o sigilo. A jovem interessada estaria de acordo?

— Isso não posso afirmar, senhor!

— Então, como poderemos prosseguir?

— Penso que nós, que um de nós deva perguntar para ela.

— Adam, é uma ideia súbita, uma decisão repentina?

— Uma decisão repentina, sim, mas essa ideia já tenho há muito tempo. Se ela concordar, então tudo estará bem. O passo seguinte é óbvio.

— E deverá permanecer em segredo entre nós?

— Eu mesmo não dou valor algum à guarda do segredo porque meu desejo é gritar aos quatro ventos! Mas trata-se de Mimi. No caso de a nossa oponente tomar conhecimento cedo demais de nosso passo, pode ser muito prejudicial para nós.

— E como poderemos harmonizar a pressa do casamento com o segredo?

Adam enrubesceu e ficou desconfortável.

— Alguém tem que lhe perguntar, o mais depressa possível.

— E esse alguém seria...?

— Pensei que poderia ser o senhor. Seria muito bom!

— Deus Todo-Poderoso! Isso seria uma incumbência completamente nova para mim, e na minha idade. Adam, sabe, é evidente, que pode contar com minha ajuda.

— Eu já estava mesmo contando com ela quando ousei apresentar minha sugestão. Eu espero apenas que o senhor mantenha sua boa vontade e que olhe a

execução dessa desagradável tarefa como uma prestação voluntária de amizade!

— Tarefa desagradável!

— Sim — falou Adam, com audácia. — Desagradável para o senhor, ainda que bastante jubilosa para mim.

— Um estranho negócio para ser feito de manhã cedo! Ainda assim, nunca é cedo demais para aprender. Suponho que, quanto mais cedo eu me puser a caminho, tanto melhor. Sou de opinião, no entanto, que seria de bom alvitre se me desse uma mensagem por escrito. Sempre está se tratando de uma proposta fora do comum e a dama poderia me aprontar algum embaraço, até a mim próprio. Dessa maneira, é preciso que tenhamos uma espécie de garantia, algo que lhe prove que estamos levando em consideração seus sentimentos. Porque não devemos dar a impressão de estarmos pressupondo como sendo natural sua concordância, ainda que apenas tenhamos em mente o seu bem-estar.

— Sir Nathaniel, o senhor é um amigo de verdade! Mimi e eu seremos eternamente gratos, não importando o tempo de vida que venhamos a ter!

Ambos combinaram tudo muito bem e se detiveram em alguns pontos que o casamenteiro não deveria esquecer. Acabavam de soar as dez horas quando Sir Nathaniel saiu de casa. Adam o acompanhou discretamente até a porta.

O rapaz olhou pensativo para velho, que se distanciava — quase invejando-lhe o privilégio que sua boa ação lhe traria —, e sentiu com isso que o coração do amigo batia da mesma forma que o seu.

Todas as partes interessadas manteriam vivos na lembrança os acontecimentos dessa manhã. Sir Nathaniel conseguiu recordar-se apenas vagamente das particularidades e das sequências, ainda que os fatos mais importantes lhe tivessem ficado claramente marcados na memória. A lembrança de Adam Salton limitava-se à espera ansiosa e interminável, à esperança e à preocupação e ainda por cima tendo a impressão de o tempo estar passando com extrema vagareza.

Mimi, durante um longo período, não conseguiu pensar em nada ou se lembrar de qualquer coisa. Ela sabia unicamente que Adam a amava e queria protegê-la de um perigo misterioso. Mais tarde, quando pôde refletir um pouco, ela se perguntou desde quando teria sabido do amor de Adam e que ela mesma o amava de todo o coração. Tudo, cada recordação por menor que fosse, cada sentimento, parecia-lhe que se adaptava a esses fatos elementares, como se tivesse

havido uma fusão. O mais importante, a coroação de suas lembranças, fora a despedida de Sir Nathaniel, quando enviou por ele uma mensagem de amor para Adam, vinda do coração, e a reação dele quando ela — seguindo um impulso irreprimível — beijou-o nos lábios. Somente depois ficou preocupada com o fato de que teria que guardar segredo de Lilla quanto ao feliz acontecimento. Ficou subentendido que ela concordava em manter sigilo sobre o que ocorreria em breve, até que Adam lhe permitisse contar.

O conselho e a assistência de Sir Nathaniel foram de enorme valia para Adam com referência ao seu casamento secreto com Mimi. Viajou com ele para Londres e, graças à sua influência, o diplomata conseguiu do arcebispo de Canterbury a licença para o casamento do rapaz, sem que fosse necessário correrem os proclamas. Então Sir Nathaniel persuadiu o velho sr. Salton que permitisse a seu sobrinho uma estada de várias semanas em Doom Tower. Seria lá também que Mimi se tornaria a mulher de Adam. Esse foi apenas o primeiro passo. Antes de empreender alguma coisa mais, Adam levou sua esposa para a ilha de Man. Ele queria manter uma distância bem grande entre Mimi e o Verme Branco, enquanto a coisa estivesse amadurecendo. Quando voltaram, Sir Nathaniel foi apanhá-los e levou-os imediatamente para Doom Tower, tendo tido muito cuidado para que ninguém soubesse da viagem.

Cuidou igualmente para que portas e janelas estivessem fechadas e aferrolhadas — até mesmo a porta que usariam para entrar na casa. Os malões fechados, as persianas abaixadas. E ainda as pesadas cortinas foram bem puxadas. A uma observação de Adam a esse respeito, Sir Nathaniel falou em voz sussurrante:

— Espere até que possamos ficar sozinhos. Aí então eu explicarei a você o que está se passando. Até lá, nem uma palavra ou sinal. Você verá que tudo foi feito de maneira acertada depois que pudermos conversar.

Não se tocou mais no assunto até depois do jantar, quando eles se trancaram no escritório de Sir Nathaniel no andar de cima. Doom Tower era uma construção alta e ainda por cima no cume do pico. Da parte de cima, tinha-se uma vista ampla que alcançava as colinas acima do Ribble até a vizinhança situada do lado do Brow, que formava o limite norte de toda a Mercia. A casa se originava dos primitivos tempos normandos e era apenas alguns séculos mais recente do que Castra Regis. As janelas do escritório também se achavam fechadas e com as

cortinas cerradas, de modo que do lado de fora da torre não se podia ver nenhum sinal de luz.

A sós, Sir Nathaniel explicou que havia confiado ao velho amigo sr. Salton o que estava acontecendo e que, para o futuro, todos trabalhariam juntos.

— É de suma importância que você também mostre a maior cautela daqui para a frente. Ainda que seu casamento tenha sido mantido em segredo e também a sua ausência temporária, ambos os fatos foram descobertos.

— Mas como? E por quem?

— Como, não sei. Mas estou começando a compreender alguma coisa.

— Ela já sabe? — perguntou Adam, bastante consternado.

Um arrepio passou pelo corpo de Sir Nathaniel.

— Sim, o Verme Branco.

Adam notou que Sir Nathaniel há algum tempo chamava Lady Arabella por esse nome, com exceção daqueles casos em que não desejava despertar suspeitas aos leigos no assunto.

Sir Nathaniel apagou a luz. Pegou então na mão de Adam, levando-o através da escuridão até uma janela situada no lado sul. Depois que afastou um pouco a cortina, fez sinal para o amigo, a fim de que olhasse.

Adam fez o que lhe foi sugerido e recuou apressadamente. Seu companheiro acalmou-o dizendo:

— Tudo bem. Já pode falar, mas bem baixinho. Aqui não há perigo, pelo menos não no momento!

Adam inclinou-se, tendo o cuidado de não pressionar seu rosto de encontro à vidraça da janela. O que ele via agora não teria metido medo a ninguém em circunstâncias normais. Seu conhecimento, no entanto, teve o efeito de apavorá-lo — se bem que a noite fosse tão escura que na verdade muito pouca coisa podia ser divisada.

No lado oeste da torre, havia um enorme conglomerado de árvores, formando quase que um bosque. Essas árvores não se encontravam muito perto umas das outras, mas a intervalos que davam a impressão de formarem uma alameda. Sobre os topos das árvores, via-se uma luz verde semelhante a um sinal de advertência em um cruzamento de estrada de ferro. Parecia manter-se completamente imóvel. Todavia, depois que os olhos de Adam se acostumaram com a distância, ele pôde verificar que a luz tremia, como se estivesse se movendo.

Imediatamente lembrou-se da luz sobre a abertura do fosso, naquele aposento interno em Diana's Grove, e ainda do grito pavoroso de Oolanga e de seu horrível rosto que se perdera na escuridão da abertura misteriosa. Instintivamente procurou por um revólver e postou-se de maneira protetora em frente à sua mulher. Como nada aconteceu e a luz lá fora continuou imutável, abaixou com cautela o reposteiro. Sir Nathaniel acendeu novamente a luz e, em meio à intensidade consoladora que iluminava o recinto, começaram a falar sem reticências sobre o assunto.

Capítulo 22

VISTO DE PERTO

— Ela tem à disposição habilidades diabólicas — falou Sir Nathaniel. — Desde o seu desaparecimento ela é vista constantemente ao longo do Brow a procurá-lo em todos os lugares em que você foi visto com frequência. Ainda não sei como ela conseguiu saber de seus movimentos e também não pude descobrir mais nada que nos possa auxiliar. Agora ela parece ter sabido de seu casamento e sua ausência. Porém, não acredito que esteja a par do lugar onde vocês se encontram agora. Mal escurece, ela começa a fazer a ronda e antes do início da madrugada já percorreu toda a região em volta do Brow até o coração do Peak. O Verme Branco, em sua figura verdadeira, tem à disposição propriedades que o possibilitam de maneira fora do comum a fazer essas coisas. Ela pode olhar pela janela de maneira normal. É uma felicidade que essa casa esteja fora de seu alcance, de acordo com as aparências. Mas, assim mesmo, nesta altura, é melhor que não se veja luz alguma a fim de que não fique informada sobre nossas idas e vindas.

— Não seria de alguma vantagem se um de nós pudesse contemplar o monstro de perto? Da minha parte posso correr o risco, pois é exatamente o que isso é, um risco. Jamais eu soube que alguém a tenha visto de perto e tenha conseguido sobreviver.

Sir Nathaniel levantou a mão como que prevenindo.

— Bom Deus, que sugestão é essa? Pense na sua mulher e em tudo o que está em jogo.

— É justamente por pensar em Mimi que eu gostaria de correr o risco.

A jovem mulher de Adam sentia-se orgulhosa do marido, porém, só de pensar no Verme Branco, ela empalideceu. Adam percebeu o que se passava e tentou acalmá-la.

— Desde que a dama não saiba onde me encontro, poderei considerar-me de certa forma em segurança. Lembre-se, meu tesouro, de que todo o cuidado é pouco.

Sir Nathaniel viu bem claramente que Adam estava com a razão. O Verme Branco não tinha à sua disposição nenhuma força sobrenatural e não podia prejudicar, desde que não soubesse onde se encontrava. É por isso que concordaram que somente ambos os homens deveriam ir em busca de averiguações.

Eles se esgueiraram sorrateiramente pela porta de trás e foram andando com muita cautela pelo caminho que seguia para o oeste. Estava escuro como breu — tão escuro que eles algumas vezes eram obrigados a procurar apoio em cercas e troncos de árvores às apalpadelas. Contudo, sempre podia ver lá ao longe e bem no alto a pavorosa luz, que, a esta distância, se apresentava como uma fraca linha. Vista da altura do chão tinha a luz um efeito de parecer bem mais elevada do que da parte superior da torre. A visão fez com que Adam se sentisse desanimado. O perigo que esse empreendimento desesperado trazia consigo era bem evidente diante dos olhos. Todavia, esse sentimento foi aliviado por um outro que o trouxe de volta à realidade: um ódio furioso e o desejo de matar. Sentimentos que ele jamais sentira.

Eles se moviam seguindo por um caminho uniforme, do qual podiam ver constantemente a luz verde. Sir Nathaniel sussurrou para Adam:

— Não sabemos como se acham os sentidos da audição e do olfato dessa criatura, ainda que eu suponha que ambos não devem ser muito desenvolvidos. Quanto ao que se refere à vista, é bem provável que aconteça o contrário. Mas, seja como for o que vier a acontecer, devemos nos manter escondidos por trás dos troncos das árvores. A menor falha poderá ser fatal.

Adam concordou somente com um aceno de cabeça, para o caso de o monstro poder vê-los e ouvi-los.

Depois de um espaço de tempo que parecia interminável, saíram do bosque para o descampado. Comparado com a escuridão impenetrável que os envolvera, era como se tivessem saído para o sol. Via-se o suficiente para distinguir as coisas a uma determinada distância. O olhar de Adam procurou imediatamente pela luz verde no firmamento. Ela se encontrava sempre no mesmo lugar, mas era possível ver com nitidez a circunvizinhança.

A luz estava situada na ponta de uma comprida haste branca, de cuja parte superior pendiam duas protuberâncias também brancas, semelhantes a braços rudimentares ou a barbatanas. A luz verde espantosamente tinha seu brilho amortecido pelo das estrelas, mas tinha o efeito de clarear e iluminar. Durante a observação, que Adam fazia com a ajuda de binóculos, os narizes deles foram ofendidos por um cheiro horrível, que lembrava o fedor do buraco do fosso em Diana's Grove.

Depois que seus olhos se acostumaram ao contraste da iluminação, viram diante de si uma enorme massa que se levantava na frente, parecendo branca como neve. Era um corpo bastante alto e magro, cuja parte inferior era encoberta pelas árvores. Enquanto eles a fitavam, observaram um movimento — a vara dobrava-se e a luz verde desapareceu entre as árvores. A luz piscava enquanto o monstro atravessou por entre os ramos que obstavam o caminho.

Os homens se aproximaram um pouco mais e viram que a massa até agora encoberta a seus olhos consistia de anéis do corpo da serpente ao pé do fosso, formando a base da massa que se mantinha ereta. Agora também essa massa inferior passou a movimentar-se de modo que o luar se espelhava em anéis úmidos luminosos. Viram que o monstro deslizava na direção deles e em grande velocidade. Então fugiram correndo, prestando atenção para não fazerem barulho desnecessário. Apenas quando se viram diante da alta torre de Doom é que fizeram uma parada.

Capítulo 23

DENTRO DA CASA DO INIMIGO

Sir Nathaniel retirou-se na manhã seguinte para a biblioteca, depois do seu desjejum, na hora em que Adam estava à sua procura, a fim de lhe mostrar uma carta.

— Sua senhoria não perdeu tempo mesmo. Sem maiores delongas ela se pôs imediatamente ao trabalho.

Sir Nathaniel, que escrevia em sua escrivaninha em frente à janela, levantou os olhos.

— O que está havendo?

Adam mostrou um envelope, tendo no canto um brasão.

— Ora! — exclamou Sir Nathaniel. — Do Verme Branco! Eu já esperava por algo parecido.

— Mas como pôde ela ter sabido que estamos aqui? Ontem à noite ela não sabia ainda.

— Não precisamos nos preocupar com isso, Adam. Há tanta coisa que não compreendemos! Esse é apenas um mistério entre muitos outros. É suficiente que ela saiba exatamente, talvez até seja mesmo melhor e mais seguro para nós.

— Por quê? — perguntou Adam, atônito.

— O resultado de longas meditações e da experiência de muitos anos como diplomata, meu rapaz. Esse ser é um monstro sem coração e sem consideração

para com qualquer coisa ou quem quer que seja. De dia ele não é tão perigoso quanto quando se encontra protegido pela escuridão. Além disso, sabemos por experiência própria que ele evita andar por aí às escâncaras. Apesar de sua massa considerável e da força constritora, ele não ataca sempre, pois é apenas uma cobra e está sujeito ao ser da cobra, o que significa que se movimenta arrastando-se e se deixa levar pela astúcia maldosa. Havendo possibilidade de fuga então jamais atacará, preferindo fugir, mesmo que venha a ser fatal. O que diz na carta?

Sir Nathaniel fez a pergunta em um tom de voz calmo e controlado. Quando se tratava de uma luta em que era necessário empregar a inteligência, ele era mesmo um diplomata.

— Ela nos está convidando, a mim e a Mimi, para tomarmos chá com ela em Diana's Grove e espera que o senhor possa honrá-la igualmente com a sua presença.

Sir Nathaniel sorriu.

— A sra. Salton deve aceitar o convite em nome de todos nós.

— A dama não deve estar com boas intenções. Seria talvez melhor se não fôssemos lá.

— Adam, existe na diplomacia um antigo truque: deve-se sempre reservar a escolha do local onde a luta será travada. É verdade que nessa oportunidade foi ela quem fez a escolha. Mas, desde que aceitemos o convite, nós é que estaremos fazendo nossa escolha do local. E, além do mais, ela não poderá compreender por que assim procedemos e sua própria consciência pesada, quer ela seja boa ou má, acrescida de seus temores e dúvidas, estará fazendo o nosso jogo. Não, meu rapaz, temos que aceitar o convite em qualquer hipótese.

Adam nada falou. Estendeu a mão para o velho. Palavras eram desnecessárias.

Quando já se aproximava a hora do chá, Mimi, preocupada, perguntou a Sir Nathaniel de que maneira chegariam a Diana's Grove.

— Queremos que nossa visita seja notada por todos, pois isso significa segurança para nós. Também não deve se espantar, minha querida, se durante nossa estada em Diana's Grove aparecerem constantemente mensagens para você, ou para todos nós.

— Compreendo — falou a sra. Salton. — Vejo que o senhor não quer correr nenhum risco.

— Não, nenhum. Nas próximas duas horas terei necessidade de usar tudo o que aprendi nas cortes dos países estrangeiros, civilizadas ou não civilizadas.

A seriedade com que foram pronunciadas essas palavras convenceram Mimi da importância de sua situação.

Eles viajaram em uma carruagem puxada por uma parelha que fez a curta travessia de poucos quilômetros até seu destino em muito pouco tempo. Diante do portão, Sir Nathaniel virou-se para Mimi:

— Combinei com Adam determinados sinais que podem ser úteis quando houver necessidade. As situações, se porventura aparecerem, não precisam ter algo a ver com você. Mas lembre-se de que não deve hesitar um segundo sequer quando eu ou Adam lhe pedirmos que faça alguma coisa. Temos que nos esforçar para que esses momentos sejam levados de maneira informal. Com toda a probabilidade nada acontecerá que necessite de tais precauções. O Verme Branco não empregará seus poderes, se bem que tenha muitos à disposição. Sejam quais forem as más intenções que tiver hoje em mente, será, é certo, algo misterioso e traiçoeiro. De uma outra vez ela poderá empregar a força, mas hoje não; é assim que vejo as coisas. Os mensageiros que perguntarão por nós e farão suas solicitações não serão apenas testemunhas, mas também poderão servir para afastar o perigo.

Como tivesse reparado em seu semblante interrogador, prosseguiu:

— De que espécie poderá ser esse perigo, não tenho noção alguma. É provável que se trate de qualquer situação bastante simples, mas nem por isso menos perigosa. Agora chegamos ao nosso destino. Mantenha os olhos abertos. Se não se perder a cabeça, metade da batalha estará ganha.

À sua chegada, foram introduzidos no vestíbulo por um grande número de empregados de libré. As portas do salão foram abertas e Lady Arabella foi ao encontro deles para lhes dar cordialmente as boas-vindas. Então foram levados até um outro aposento, onde lhes foi servido o chá.

Adam mostrava-se especialmente vigilante e desconfiado. Percebeu uma porta na outra extremidade do salão, o que fez com que se lembrasse daquela porta externa do aposento onde se encontrava o fosso. Sua inquietação foi despertada de modo que ele se postou de maneira inconspícua perto dessa porta. Embora ele não se tivesse traído nem por um piscar de olhos, pôde perceber que Sir Nathaniel o observava constantemente e como lhe pareceu, com aprovação.

Todos tomaram lugar à mesa posta. Adam ficou nas proximidades da referida porta. Lady Arabella, que se queixava do calor, abanava-se constantemente para se refrescar e deu ordem aos lacaios para que abrissem todas as portas.

Tomavam seu chá quando, de súbito, Mimi levantou-se com um semblante apavorado. Ao mesmo tempo, os homens perceberam que uma fumaça espessa espalhava-se pelo salão exalando um cheiro que fez com que todos ficassem ofegantes e tossindo. Inquietos, os empregados dirigiram-se para a porta interna. A fumaça tornava-se cada vez mais densa e o cheiro mais acre. Mimi, para quem a fumaça vinha diretamente devido à corrente de ar, tossindo, levantou-se de um salto e correu para a porta interna, que abriu. Aí viu que, de fora, na armação da porta, fora presa uma cortina feita de fina seda. A corrente de ar soprava de encontro ao pano e, em seu medo, ela rasgou a cortina de alto a baixo e ficou envolta nela da cabeça aos pés. Assim enrolada, correu pela porta aberta, sem refletir que não podia enxergar nada. Adam, seguido por Sir Nathaniel, correu para ela. Ele a pegou pelo braço e a segurou. Foi bom ter feito isso, pois bem diante dela encontrava-se a negra abertura do fosso que ela, com sua cabeça coberta, não havia percebido. O chão estava completamente liso e escorregadio, como se alguém tivesse esparramado óleo nele. Então Mimi perdeu o equilíbrio e escorregou até a abertura.

Adam deixou-se cair para trás, continuando a segurá-la. Seu peso agiu como um freio, de maneira que ele a puxou para trás antes que ela alcançasse o precipício e ambos conseguiram sair ilesos da zona escorregadia. Assim que ele a colocou em pé, juntos correram para fora, onde brilhava o sol, com Sir Nathaniel atrás deles. Ambos estavam com o rosto lívido e apenas o velho diplomata conservava a calma. Sua tranquilidade fez com que Adam e a esposa sentissem que lhes voltavam as forças. Para espanto dos criados, eles seguiram o exemplo do velho senhor e voltaram alegres para dentro da casa, depois de terem escapado por pouco de um acidente fatal.

Lady Arabella, que, da mesma forma, empalidecera mortalmente, continuava na mesa do chá, como se nada de anormal tivesse acontecido. O suporte do bule de chá estava cheio de papéis meio queimados, sobre os quais alguém havia derramado chá.

Sir Nathaniel, que observava com atenção sua anfitriã, sussurrou para Adam assim que teve uma oportunidade:

— O ataque mesmo não vai demorar, ela está se mostrando calma demais. Quando eu pegar na mão de sua esposa para levá-la para fora, então venha junto e faça com que ela saia rapidamente. Não deve perder um segundo sequer, ainda que seja obrigado a fazer uma cena. Shhhh!

Voltaram para seus lugares e os empregados trouxeram uma nova remessa de chá a uma ordem de Lady Arabella.

Daí para a frente a hora do chá transcorreu como um pesadelo. Adam, cujos sentidos ficaram tensos ao máximo, teve essa impressão. A pobre Mimi, ao contrário, dominada pelo medo e pelo pavor, parecia como se estivesse atordoada. Mas, mesmo assim, mostrava-se controlada e preparada para enfrentar tudo o que ainda estaria por vir. Somente Sir Nathaniel mostrava a atitude de sempre, amável, digna, discreta, com um absoluto controle de si mesmo.

Adam percebeu que Mimi se sentia mal. Reparou como ela olhava em volta e mudava de cor, e ainda sua respiração acelerada, e tudo isso intercalado de períodos de calma bastante suspeita. Não se podia deixar de notar que ela estava perturbada até o âmago do seu ser. O comportamento de Lady Arabella para com a jovem era cheio de amabilidade e de atenção pessoal, como se ela fosse uma hóspede de honra.

Depois do chá, enquanto os criados tiravam as coisas da mesa, Lady Arabella foi andando vagarosamente para o aposento contíguo, juntamente com Mimi, em quem passara o braço em volta da cintura. Lá ela havia espalhado algumas fotos para mostrar à sua hóspede. Neste meio-tempo, os fâmulos começaram a fechar todas as portas, inclusive aquela que levava do recinto do fosso para fora. E, de súbito, as luzes no aposento, sem motivo aparente, começaram a ficar cada vez mais fracas. Sir Nathaniel, sentado ao lado de Mimi, levantou-se e exclamou “Rápido!”, e logo pegou na mão dela, arrastando-a para fora do salão. Adam pegou-a pela mão e, juntos, puxaram-na para fora, através da porta externa, que estava sendo fechada naquele momento. No princípio, sentiram alguma dificuldade para se orientar porque estava muito escuro. Mas, para seu grande alívio, Adam, que dera um assovio agudo, viu um coche que se aproximava rapidamente, pois estivera à espera deles em uma curva do caminho. Mimi foi puxada para o interior da carruagem, praticamente empurrada. O cocheiro deixou

que os cavalos sentissem o látigo e as esporas e o veículo passou cambaleando, sem parar, através do portão e foi seguindo a estrada.

Ouviram o tumulto que se desencadeou atrás deles: aqui e ali criados apressados, comandos em voz alta, batidas de portas e, em algum lugar da parte dos fundos da casa, um estranho barulho. Os cavalos corriam céleres ao longo da estrada enquanto os dois homens se seguravam, protegendo-se mutuamente. No meio da viagem, apareceu de repente uma subida íngreme; todavia, os cavalos, que resfolegavam, venceram a elevação a toda e nem diminuíram o passo quando veio novamente uma descida.

Seria ridículo dizer que Adam e Mimi não tivessem sentido nenhum medo na volta para Doom Tower. O de Mimi era ainda maior do que o do marido, pois ele tinha melhores nervos e estava mais acostumado ao risco. Mas ela era corajosa e, quando o perigo se apresentou, a força de vontade veio em seu auxílio. Assim que entrou lá em cima, no quarto da torre, já havia também esquecido os horrores por que acabara de passar lá fora no escuro. Nem sequer fez uma tentativa de espiar pela janela. Todavia, quem o fez foi Adam, e não viu nada. O luar clareava toda a região em volta, mas em nenhum lugar se podia ver a tremulante linha de luz verde.

A noite sossegada tranquilizou os corações com tanta eficácia que o perigo parecia distante. Por vezes era até difícil imaginar que os fatos tivessem realmente acontecido. Com uma renovada coragem, Adam levantou-se muito cedo e andou ao longo do Brow. Não conseguiu distinguir nenhuma mudança nos sinais de vida de Castra Regis. Para seu enorme espanto e não menor preocupação, encontrou Lady Arabella, quando já se achava no caminho de volta. Ela usava aquela sua roupa branca bem justa e trazia a gola de arminho, desta vez, porém, sem esmeraldas. Ela vinha de Diana's Grove e se dirigia para Castra Regis. Esse encontro não lhe saía do pensamento e ele se esforçava para descobrir algum significado, até que se reuniu a Mimi e a Sir Nathaniel para o café da manhã. Nada foi dito enquanto se encontravam à mesa. O que acontecera pertencia ao passado e, além disso, era sabido de todos. E também não se tratava de nenhum assunto realmente agradável. A conversa, contudo, teve um novo estímulo quando Adam anunciou que havia encontrado Lady Arabella quando ela se encaminhava para Castra Regis. Agora, cada um tinha algo a dizer sobre ela e sobre suas intenções com referência a Edgar Caswall. Mimi expressou-se com

amargura a respeito dela. Ainda não se esquecera, e também jamais se esqueceria, de que a mulher se havia colocado ao lado do negro, unicamente com a finalidade de prejudicar Lilla. Acrescentado a esse fato, achava repugnante que quisesse engrajar-se para o lado do rico proprietário rural “e jogar-se desavergonhadamente a seu pescoço”, como ela expressou. Mimi sentiu um grande interesse na informação de que a pipa ainda tremulava no alto da torre. Mas também não mencionou mais o assunto. Ela ainda fez uma única observação com a qual enunciou seu espanto quanto à “impudência” da dama, como aquela que passava por cima de seus próprios crimes e a arrogância com que exigia que os outros agissem da mesma forma.

Capítulo 24

UMA ESPANTOSA SUGESTÃO

Quanto mais Mimi refletia sobre os acontecimentos passados, mais ficava perplexa. O que significaria tudo isso, qual o sentido do que se passara? Em algum lugar parecia estar faltando uma lógica. Seria possível que eles se tivessem enganado e que não existisse nenhum Verme Branco? Ela estava rodeada por todos os lados por uma crença que não era possível absorver. Não acreditar nas aparências significava perturbar os fundamentos da crença... Todavia, em tempos remotos existiram monstros na terra e houve igualmente seres humanos que acreditavam nas misteriosas modificações da identidade. Mas, mesmo assim, era muito esquisito. Pode-se imaginar como uma pessoa estranha — suponhamos, um médico — a veria se ela lhe dissesse que havia estado tomando chá com um monstro das eras primitivas e que empregados da era atual haviam servido a mesa.

Adam apresentava-se mais descansado e calmo depois que voltara de seu passeio. Há muito tempo não se sentia assim. Do mesmo modo que Mimi, ele também passara por uma fase de dúvidas e não queria acreditar na realidade das coisas, se bem que não o tivessem atingido tão fortemente como à sua mulher. O pensamento de que Mimi sofria das consequências dos acontecimentos pavorosos lhe deu novas forças. Ficou por algum tempo junto dela e depois foi à procura de Sir Nathaniel a fim de conversar com ele a respeito do assunto. Adam tinha

certeza de que a compreensão humana saudável e a tranquilidade associadas à sua experiência lhes seriam de enorme ajuda.

Sir Nathaniel havia chegado à conclusão de que Lady Arabella, por algum motivo incompreensível, havia modificado suas intenções e que, de qualquer modo, para o momento, manteria uma atitude de boa paz. Sua mudança de comportamento denotava o fato de que sua influência exercida sobre Edgar Caswall tinha aumentado consideravelmente. Era, portanto, de se calcular que se concretizaria a esperança acalentada de que seu charme fosse dar resultado.

Era óbvio que ela fizera uma visita a Caswall em Castra Regis naquela manhã. E deve ter havido uma longa conversa entre os dois, em cujo decorrer se falou da possibilidade de um casamento. Caswall, que anteriormente se mostrara bastante reservado a respeito do tema, continuou a usar também naquela ocasião de galanteria e de polidez. No caminho de volta, Lady Arabella até chegara a se congratular quanto a essa nova mudança de sua vida. Um tal pensamento voltava sempre a tomar conta dela, o que podia ser provado pela carta que ela mais tarde, nesse mesmo dia, escreveria para Adam, mandando que fosse entregue em mãos. O teor da missiva era como segue:

Caro sr. Salton:

Eu gostaria que me aconselhasse em uma questão de negócios e, se possível, contar com a sua ajuda. Há algum tempo que estou pretendendo pôr Diana's Grove à venda, mas até agora tenho adiado a coisa. A casa é de minha propriedade, e posso dispor dela à vontade. Eu a herdei de meu falecido marido, capitão Adolphus Ranger March, que, além desta, possuía igualmente uma outra coisa, chamada The Crest, situada em Appleby. Ele havia herdado essa propriedade, juntamente com direitos, indústria de minérios e caça e seus arredores. Depois de sua morte, tudo passou a me pertencer. Para mim, será muito doloroso ter que me separar deste local que me é sagrado através de gratas recordações — lembranças de dias muito mais felizes do meu tempo de recém-casada e do pensamento do homem a quem muito amei e que retribuiu meu amor. Estou inclinada a vender toda a propriedade a um preço razoável, desde que o comprador me agrade e que eu o preze. Terei que lhe dizer que o senhor mesmo é o comprador ideal? Eu teria a maior satisfação em poder entregar Diana's Grove a um homem que vai se estabelecer na velha residência e procurar ser o proprietário de uma das mais ativas regiões históricas da Inglaterra, onde florescem românticas lendas e onde existe uma abundância de coisas antigas para serem vistas. Essa pequena propriedade encontra-se em excelente estado e apresenta possibilidades ilimitadas de ampliação. Existem ainda muitos direitos antigos que retrocedem àqueles tempos dos romanos ou celtas, os donos primitivos, e que nunca foram devidamente regularizados. Acresce ainda que a casa tem sido

conservada em ótimo estado. O documento de transferência de propriedade pode ser conseguido imediatamente. Meu advogado está em condições de pôr o senhor a par, desde que assim o determine, ao que se refere a todas as particularidades comerciais e históricas. Uma palavra de consentimento ou de recusa de sua parte é tudo do que necessito. Quanto ao resto, poderemos deixar para que seja resolvido por nossos representantes. Perdoe-me por tê-lo importunado nesta questão.

Atenciosamente, Arabella March.

Adam releu a carta muitas vezes antes de tomar uma decisão e foi até onde se encontrava Mimi a fim de lhe perguntar se tinha objeções. Estremecendo, respondeu que neste, como em todos os outros assuntos, ela se submetia aos seus desejos.

— Meu amado, deve decidir o que for o melhor para nós. Trate deste assunto como sendo uma obrigação sua e de acordo com seus sentimentos. Estamos nas mãos de Deus e Ele tem nos guiado até o presente momento e continuará a fazê-lo conforme a Sua vontade.

Então Adam Salton se dirigiu diretamente para o quarto da torre, onde, como bem o sabia, deveria encontrar Sir Nathaniel a esta hora. O velho senhor estava sozinho e fez-lhe sinal para que se sentasse perto dele.

— O senhor acha que seria conveniente que eu compre Diana's Grove?

— Deus do céu! — escapou dos lábios do velho senhor. — Mas por que, em mil anos, fazer isso?

— É verdade que prometi que exterminaria o Verme Branco. Se eu estiver em condições de dispor da caverna como me convier, seria um enorme alívio para mim e complicações poderiam ser evitadas.

Sir Nathaniel hesitou antes de responder, porque ficou refletindo muito.

— Sim, Adam, sua proposta me parece razoável, se bem que a princípio me tivesse dado um tremendo susto. Acho que fazem muito bem em comprar a propriedade e regularizar sem demora a questão. Caso tenha necessidade de mais dinheiro, que no momento não tenha o suficiente à sua disposição, então não deixe de falar comigo para que eu possa auxiliar.

— Eu lhe agradeço de todo o meu coração. Contudo, possuo mais dinheiro do que posso gastar. Sua aprovação me alegra muitíssimo.

— A propriedade tem valor histórico que ainda será maior com o decorrer do tempo. Além do mais, posso confiar a você uma suposição que, no caso de ser

provada correta, deverá aumentar sensivelmente o valor dela.

Adam ouvia atentamente as palavras do velho diplomata.

— Já se deu ao trabalho de pensar por que foi usado o nome de “Caverna do Verme Branco”? Por que exatamente branco?

— Realmente não sei, senhor. Também jamais cheguei a pensar no assunto e considerei o fato como natural.

— Eu também. Mas, com o tempo, comecei a pensar na questão.

— E que motivo encontrou?

— O nome é proveniente do fato de que a cor do Verme ou da serpente, de fato, era branca. Estamos aqui na vizinhança de Stafford, onde a indústria de porcelana teve a sua origem. Stafford deve sua riqueza em grande parte ao caolim. Esse depósito, com o tempo, foi sendo bastante exaurido, porquanto há muitos séculos houve grande procura dessa terra especial, como em outros lugares houve a busca ao óleo. Quem possuir terras nesta região onde for encontrado o caolim, terá uma espécie de mina de ouro.

— Sim, e que mais? — O rosto do rapaz demonstrava espanto.

— O primitivo assim chamado “Verme”, que deu o nome à propriedade, precisava cavar uma via direta para baixo até o pântano e os buracos dos brejos. É verdade que é fácil atravessar a lama e sua caverna original estava provavelmente situada em uma camada de caolim. Uma vez que o caminho fora aberto, seria então uma ligação rápida e conveniente para o Verme. Mas, enquanto ele se movimentava repetidas vezes através da lama, não é de admirar que essa coisa se tornasse aderente à sua pele escamosa. Para baixo certamente não deveria haver nenhuma dificuldade, mas a subida era bem mais demorada e, quando o monstro se mostrava então na superfície, a sua cor era branca e proveniente do contato com a terra branca. Daí vem o nome que não tem nenhum significado misterioso, mas traz apenas um fato evidente. Se minha suposição for correta, e não vejo motivo para que não o seja, então, aqui, em algum lugar, existiu um depósito de caolim, possivelmente a uma grande profundidade.

A manifestação de Adam alegrou o velho senhor.

— Minha sensibilidade me diz que o senhor está na pista da verdade, resultado de um trabalho de concatenação de ideias.

Sir Nathaniel prosseguiu, agora bem-humorado:

— Quando o valor econômico do depósito for conhecido, então sua propriedade estará mais do que assegurada. Se existe alguém que mereça tal vantagem, esse alguém é certamente você.

Com a assistência de seu amigo, Adam assegurou-se da compra da propriedade sem nenhuma perda de tempo. Somente então ele deu a notícia a seu tio, que ficou muito satisfeito por seu jovem parente ter se tornado o dono de uma propriedade tão magnífica e que com esse ato conseguiu um lugar de proeminência no condado. Indagou, preocupado, pela saúde de Mimi e quis saber o que andava fazendo no momento o Verme Branco, mas Adam pôde tranquilizá-lo quanto a esses dois pontos.

Quando Adam se dirigiu no dia seguinte para seu anfitrião, entrando no quarto dos fumantes, Sir Nathaniel perguntou-lhe o que pretendia fazer para manter sua promessa.

— Você está se propondo a fazer algo bastante difícil. O extermínio de tal monstro pode ser comparado aos trabalhos de Hércules, pois contra você não estão apenas o tamanho e o peso do monstro e a força que será usada de maneira desconhecida, mas também o lado oculto que apresenta uma dificuldade intransponível. O verme controla todos os elementos, com exceção do fogo, e eu não sabia como seria possível que o fogo fosse de utilidade no caso de um ataque. Ele precisa apenas se esconder na terra e aí nada mais poderia ser feito, mesmo se você tivesse toda uma mina de carvão à disposição. Mas, como eu o conheço bem, sei que já preparou um plano — finalizou ele, gentil.

— É verdade, já tenho um. Todavia, é bem possível que esse plano não resista à prática.

— Poderá me contar os pormenores?

— Bem, senhor, parti do seguinte princípio: ao tempo dos movimentos proletários, temia-se nos círculos das altas finanças por um ataque ao Banco da Inglaterra. Dirigiram-se então aos peritos a fim de que pudessem encontrar medidas preventivas adequadas e chegaram finalmente à conclusão de que a melhor proteção contra o fogo, pois temia-se em primeiro lugar um incêndio, seria não água, mas a areia. Por isso colocaram um grande suprimento da mais fina areia do mar, daquela espécie que pode ser pulverizada com facilidade e a usaram no enchimento das ampulhetas, distribuindo-as por todo o prédio, principalmente nos pontos mais sujeitos ao perigo.

“Tenho a intenção de fazer tal suprimento de areia em Diana’s Grove e pretendo jogá-la na primeira oportunidade para dentro do fosso, que, dessa maneira, ficará cheio. Lady Arabella, na figura do Verme Branco, ficará afastada de seu esconderijo. O fosso é bastante pequeno e ainda assim tem mais de trezentos metros de profundidade. O peso da areia sozinho não chegaria a ser um obstáculo, mas é verdade que a fricção daria para afundar um corpo na areia.”

— Um momento. Qual seria realmente a utilidade da areia na destruição da galeria subterrânea?

— Nenhuma utilidade direta. Todavia, seria um obstáculo para o corpo da serpente que levaria o tempo necessário para que eu pusesse em ação a segunda parte do plano.

— E qual é esse seu plano?

— Junto com a areia, seria possível igualmente jogar uma imensa quantidade de dinamite para dentro do fosso.

— Muito bem. Mas como se poderá trazer a dinamite para a explosão? Não será necessário ter um pavio para cada unidade de dinamite ou coisa parecida?

Adam soltou uma risada.

— Hoje em dia não é mais necessário. É a mais recente novidade em Nova York. Lá foram distribuídos, em uma explosão, quinhentos quilos de dinamite em recipientes fechados. Finalmente foi acesa uma carga de pólvora e, com a força da ignição, a dinamite explodiu. Uma façanha que teve êxito. Quem esperava que todas as vidraças de Nova York se partissem ficou decepcionado. Aconteceu que fora de determinada região, não houve outros prejuízos, se bem que tivessem explodido sessenta ares de pedra.

Sir Nathaniel assentiu, aprovando.

— Parece um bom plano. Ou melhor, um excelente plano. Mas, se a explosão for tão profunda, com ela, toda a região provavelmente ficará devastada.

— E nós livres em definitivo do monstro — acrescentou Adam, que já se movimentava com a intenção de sair para ir à procura da esposa.

Capítulo 25

A ÚLTIMA BATALHA

Lady Arabella deu ordens a seu conselheiro legal para que arranjasse o mais rápido possível a venda de Diana's Grove a fim de que Adam Salton pudesse ter, sem demora, seus direitos como proprietário. Depois de sua conversa com Sir Nathaniel, ele tomou as medidas necessárias para pôr seus planos em ação. Querendo acumular a quantidade de areia necessária, deu instruções a seu administrador para que preparasse tudo como se fosse fazer a fertilização de uma nova semeadura e, seguindo as instruções de Adam, foi amontoada atrás da casa uma grande montanha de areia proveniente da imensa costa do País de Gales. Ninguém suspeitava de que por trás daquilo tudo pudesse haver uma outra intenção do que a declarada.

Lady Arabella seria a única que talvez tivesse alguma condição de desconfiar, mas estava tão absorta em apanhar Edgar Caswall em sua rede fazendo com que casasse com ela que não tinha tempo nem inclinação para se perder em outros pensamentos. Ela ainda não se havia retirado da casa, se bem que a propriedade já pertencesse a Adam Salton sob todas as formas.

Adam construiu por trás da casa uma cabana de zinco corrugado, na qual acomodou o material explosivo. Como tudo já estava pronto para o evento que ocorreria na hora apropriada, ele pôde esperar com toda a tranquilidade e dedicar

seus interesses para se distrair com outras coisas, como por exemplo, a pipa de Caswall, que ainda continuava a flutuar sobre a torre elevada de Castra Regis.

O monte de areia cresceu em dimensão, o que encheu de espanto os administradores e fazendeiros das redondezas. A hora da pretendida grande explosão se aproximava a olhos vistos.

Em vão desejava Adam ter uma oportunidade que lhe permitisse fazer uma visita a Caswall na torre de Castra Regis sob um pretexto qualquer. Finalmente, em uma manhã, ele encontrou Lady Arabella no caminho para o castelo, de modo que tomou coragem e lhe perguntou se poderia acompanhá-la. Por determinados motivos, ela se sentiu feliz em poder satisfazer o desejo do rapaz. Caswall ficou realmente espantado ao ver Adam encaminhar-se até ele, mas não demonstrou emoção alguma, procurando parecer satisfeito. E representou tão bem seu papel de anfitrião que até o próprio Adam se deixou enganar. Juntos entraram no telhado da torre, onde ele explicou o mecanismo para a elevação e abaixamento da pipa e aproveitou igualmente a oportunidade para pôr à prova os movimentos do bando de pássaros e como reagiam diante da subida e descida da pipa.

No caminho de volta, Lady Arabella pediu um favor a Adam. Depois que ele concordou, ela falou que antes de abandonar definitivamente Diana's Grove gostaria de saber qual a profundidade do fosso. Adam pôs-se com prazer à disposição dela, porque assim haveria um motivo que não provocaria desconfianças para examinar a galeria.

Ele mandara vir de Londres um aparelho de Kelvin que fornecia a medição profunda com um longo arame que podia ser enrolado com facilidade na roldana e só depois que esta foi posta sobre o buraco é que Adam se deu por satisfeito para esperar a hora apropriada para sua última experiência.

* * *

Nesse ínterim, tudo correu de maneira tranquila em Mercy Farm. Era natural que Lilla se sentisse sozinha sem sua prima, contudo, a calma tônica da vida não se modificou, seja para ela, seja para os outros. Depois da primeira dor da separação, praticamente tudo voltou à rotina costumeira. Entretanto, com relação a um aspecto, houve uma diferença bem marcante. Desde que nada se modificasse

dentro de casa, Lilla ficaria bastante satisfeita em levar a vida que sempre havia levado e a renunciar a toda ambição. Mas o casamento de Mimi pôs suas ideias a funcionar e chegou, é óbvio, à conclusão de que também deveria haver um companheiro para ela. Realmente, a esse respeito, a escolha era pouca: não havia muitos pretendentes que visitassem a casa da fazenda. Ela não mostrava interesse em Edgar Caswall e a luta dele com Mimi inspirava-lhe medo, apesar de ele ser indubitavelmente um partido de projeção, melhor do que na realidade ela poderia esperar. Tal fato possuía um grande apelo para uma mulher, principalmente para uma mulher de sua posição. Por esse motivo ela se contentava em deixar o barco correr e a ser levada por enquanto pela correnteza.

Mas, com o tempo, ela acreditou reconhecer que as coisas não iam bem para sua felicidade. Todavia, não podia fechar os olhos diante de determinados fatos inquietadores, não diante da existência de Lady Arabella e de sua crescente intimidade com Edgar Caswall e, mais do que tudo, diante de sua natureza fria e inacessível que até mesmo não se harmonizava com o entusiasmo ardente, a base do sonho de felicidade de uma jovem. Como as coisas iriam forçosamente evoluir depois de um casamento, ela não ousava nem pensar. De modo geral, as perspectivas para ela não eram favoráveis, de maneira que se tornava aparente nela o desejo secreto por uma fundamental mudança de condição.

Quando Lilla recebeu uma mensagem de Edgar Caswall na qual perguntava se poderia comparecer ao chá na tarde do dia seguinte, ela se sentiu desanimada. Apenas para dar prazer ao pai não poderia recusar ou demonstrar má vontade, que talvez fosse tomada como falta de polidez. Mimi fazia mais falta do que ousaria expressar ou mesmo pensar. Até o presente momento sempre tinha podido apoiar-se na simpatia e compreensão da prima. Agora tudo ficara para trás e ela se via, em vez disso, defrontada com um terrível e doloroso vazio.

Durante toda a tarde e noite e na manhã seguinte, aumentou a sensação de solidão da pobre Lilla, chegando a ter um medo mortal. Pela primeira vez, sua perda se fez sentir de maneira tão clara, como se toda a dor pela qual passara anteriormente fosse apenas uma preparação para esse momento. Tudo sobre o que seu olhar recaía, tudo do que se lembrava, provocava uma dolorosa recordação. E, além disso, pairava no ar uma nova sensação de medo. A reação a esse sentimento de perda de segurança que tivera durante toda a vida e que agora pesava como uma premonição desconfortável era tão forte que quase não aguentava mais. Lilla,

de tão amedrontada que estava, tinha a impressão de se achar à beira da morte. Porém, apesar de não estar em boas condições físicas, não podia deixar transparecer seus sentimentos, pois a primeira regra em sua vida sempre fora a de cumprir com seu dever. Por isso, ela se armou de coragem para enfrentar da melhor maneira possível o que estava para vir.

A luta pesada e constante pelo autocontrole teria oportunamente suas consequências. Lilla demonstrava a maneira como se sentia, isto é, doente e fraca. Em volta de seus olhos viam-se círculos escuros, sua palidez espalhava-se até os lábios e não podia controlar seu tremor. A ausência de Mimi era uma grande infelicidade para ela, pois ela teria logo percebido a situação da jovem, em seu amor imenso. A própria Lilla era totalmente incapaz de se desvencilhar dessa prova que tinha pela frente. Mas sua prima, devido à sua experiência com as lutas anteriores com o sr. Caswall, teria tomado medidas preventivas a fim de evitar uma repetição do ocorrido.

Edgar apareceu pontualmente ao encontro na hora marcada por ela. Quando Lilla percebeu que ele se aproximava da casa, sua agitação nervosa aumentou sensivelmente. Mas a jovem conseguiu se controlar e foi ao encontro do hóspede sem qualquer mudança visível em sua aparência e em seu comportamento. Um grande alívio tocou seu coração quando verificou que Oolanga, cuja presença ela temia muito, não o havia acompanhado. Temia igualmente a vinda de Lady Arabella, da qual esperava grandes dificuldades.

Com uma inteligente previdência feminina, estranha em uma situação como essa, ela pusera a mesa de maneira a tornar aparente a diferença de classe entre os dois. A louça, bem como tudo o que oferecia, eram da espécie bem simples. Em vez do bule de chá de prata e das três xícaras de porcelana, ela pegou o bule de chá de barro como o usado em cozinhas de fazenda. As xícaras e os pires, assim como o bulezinho para o creme, eram feitos de louça de barro vitrificada. A manteiga era de fabricação caseira, bem como as frutas em conserva, e o mel era proveniente de seu próprio jardim. Ela ficou radiante de satisfação quando seu hóspede olhou com desdém para o que ela lhe oferecia. Em verdade, essa satisfação era para a pobre moça um enorme choque, porque, de modo geral, ela tinha grande prazer em receber visitas, mesmo que as recebesse com toda a simplicidade, sem luxo algum. Mas teria que renunciar a esse prazer devido às circunstâncias atuais.

O semblante de Caswall mostrava-se mais fechado e antipático. Desde o início, seus olhos penetrantes pareciam à jovem querer transpassá-la, adivinhando seus pensamentos. Seu coração contraiu-se quando começou a pensar no que iria acontecer. Qual seria o fim, se esse era apenas o começo? Do seu quarto, trouxera consigo, como proteção, nem que fosse de natureza sentimental, os retratos de Mimi, de seu avô e de Adam Salton, que passara a considerar um amparo, um irmão em quem poderia confiar. Esses retratos ela guardava junto ao seu coração e, de vez em quando, colocava lá sua mão de modo involuntário, sempre que a sensação de angústia, de medo e de abandono era tão forte que ameaçasse sua tranquilidade, o que, nessa situação, era a única coisa que poderia ajudá-la.

A princípio, Caswall comportou-se de forma cortês e amável e até mesmo atenciosa. Mas, depois de algum tempo, quando descobriu que a resistência dela contra seu impulso anormal de dominá-la havia aumentado, deixou cair por terra todas as formas de reserva e voltou à sua tentativa de conquistá-la, como o fizera da última vez. Mas Lilla já estava preparada, graças à vivência anterior e ao seu natural instinto de luta. Por esse motivo levantaram-se as energias de ambos, mantendo assim o equilíbrio que havia no início.

E aí começou a luta física dos dois indivíduos, sem qualquer aviso. Dessa vez, o homem tinha todos os trunfos na mão. A mulher encontrava-se sozinha, era de constituição mais fraca e, além disso, sem a proteção de estranhos. Ela, além da lembrança das duas lutas anteriores das quais saíra vitoriosa, nada tinha a proclamar a seu favor. O homem, ao contrário, ainda que sem a proteção de Oolanga e de Lady Arabella, estava completamente de posse de suas forças, descansado e na melhor das formas. Não era, pois, de se admirar, devido a esse fato, seu desejo inato de dominar pudesse exibir-se completamente e, ao perceber o efeito imediato sobre a jovem, cresceu nele a convicção de que a vitória definitiva seria sua com certeza. Depois de algum tempo, as forças de Lilla começaram a fraquejar. Ela sentia que a luta se apresentava desigual, que ela não estava em condições de demonstrar todas as suas forças. Como, por natureza, era uma pessoa tão altruísta, há muito que não conseguia defender-se a si mesma como teria feito se se tratasse de uma pessoa querida.

Edgar percebeu que os músculos da face dela se tornavam lassos e que suas pálpebras se mostravam pesadas. Com valentia, Lilla ainda fez uma tentativa para reunir suas forças que se esvaíam, mas em vão. Finalmente houve uma

interrupção, agindo como um estímulo. Pela janela, viu Lady Arabella, que vinha atravessando o portão da fazenda e se aproximava da porta de entrada. Como sempre, também dessa vez, usava o seu vestido branco justo, que fazia sobressair seu porte delgado e esbelto.

Essa visão teve sobre Lilla o efeito que nenhum esforço jamais conseguiria fazê-lo. Seus olhos brilhavam cheios de vida e tinha a sensação como se uma nova existência houvesse despertado nela. A entrada de Lady Arabella e sua frieza habitual, da espécie desdenhosa, aumentavam ainda mais esse efeito, de modo que a luta tomou o seu curso quando as duas se defrontaram. Também o sr. Caswall reuniu nova coragem com a entrada de Lady Arabella e sua superioridade e força retornaram. Seus olhares, agora mais intensos, agiram de modo geral com muito maior energia do que antes. Lilla parecia submeter-se à sua superioridade. Ficava alternadamente corada e pálida: vermelha como um camarão e pálida como a morte, e isso em sequências rápidas. Suas forças se esgotavam. Seus joelhos cederam e ela teve vontade de se jogar no chão quando, para seu espanto, Mimi irrompeu ofegante e apressada no aposento.

Lilla correu ao encontro da prima e uma segurou as mãos da outra. Com esse gesto, pareceu que Mimi se encheu de uma força que jamais Lilla tinha visto. Ela agitava a mão no ar diante de Edgar Caswall, obrigando-o a recuar a cada movimento, até que, finalmente, foi literalmente empurrado através da porta, que permanecera aberta depois da entrada de Mimi, e ele caiu lá fora, ao comprido, sobre o caminho de cascalho. Agora ouviu-se o definitivo e completo colapso de Lilla, que, sem fazer barulho, caíra ao chão.

Capítulo 26

CARA A CARA

Mimi ficou extremamente preocupada ao ver a prima caída no chão. Por várias vezes ela já vira Lilla à beira do desmaio, mas jamais completamente inconsciente, e tal estado de coisas a estava deixando com medo. Lançou-se de joelhos ao lado de Lilla e tentou reanimá-la, esfregando suas mãos e usando de todos os meios conhecidos para que voltasse a si. Todos os esforços, porém, foram em vão. Lilla jazia lívida e inconsciente. Seu peito que sob o efeito de tensão se levantara e abaixara agora permanecia imóvel e a palidez de seu rosto dava-lhe uma aparência marmórea.

O medo de Mimi cresceu tanto que ela quase não conseguia se controlar e tinha vontade de gritar.

Lady Arabella seguiu Caswall, depois que ele se recuperou o suficiente para poder levantar-se, ainda que cambaleante, conseguindo andar, e ambos foram na direção de Castra Regis. Assim que Mimi se viu sozinha com Lilla e que o motivo para empregar a sua energia contra Caswall já não existia, sentiu-se fraca e seu corpo tremia todo. Atribuiu esse estado à repentina reviravolta do tempo, pois tudo indicava que uma tempestade ia se aproximando.

Então suspendeu a cabeça de Lilla e a aconchegou ao seu peito jovem e quente, mas sem resultado. O rosto gelado e lívido da prima a encheu de pavor e, ao perceber claramente que Lilla falecera, ficou prostrada. O crepúsculo era cada

vez mais profundo e as sombras da noite mais longas, mas Mimi não parecia estar consciente do fato, nem tampouco se preocupando com isso. Continuava sempre sentada no chão, com o braço em volta da jovem que lhe era tão querida. O céu escurecia a olhos vistos e a tempestade que se avizinhava misturava-se à noite que chegava. E ainda assim ela continuava lá, sentada — sozinha —, sem lágrimas, impossibilitada até de pensar.

Mimi não sabia por quanto tempo ficou naquela posição. Era como se uma eternidade tivesse passado e, todavia, não devia ter sido mais do que uma meia hora. Súbito, voltou a si e se espantou ao perceber que seu avô ainda não chegara. Permaneceu sentada ainda durante algum tempo, refletindo sobre os acontecimentos passados. Ela continuava sempre a segurar na mão de Lilla, que permanecia quente, o que notou com espanto. Isso a ajudou de maneira misteriosa a restaurar novamente sua consciência e ela se levantou sem grande esforço. Mimi acendeu uma das lâmpadas e ficou a contemplar Lilla. Não restava dúvida de que ela estava morta. Contudo, quando a luz incidiu sobre seus olhos, Mimi teve a impressão de que a morta queria lhe transmitir alguma mensagem urgente. Nessas condições, uma negra solidão fez com que aumentasse ainda mais seu poder decisório até que, afinal, viu diante de si um firme objetivo. Resolveu que iria confrontar Caswall e culpá-lo pelo assassinato de Lilla, pois chamava de assassinato o que havia acontecido. Além disso, tomaria as providências necessárias — quais e como ainda não sabia ao certo — para se vingar da participação de Lady Arabella no crime.

Assim resolvida, tratou de acender todas as luzes no aposento. Apanhou água e depois um pedaço de linho limpo no seu quarto, a fim de preparar o corpo de Lilla como achava conveniente. Porém, após ter feito esses preparativos, pegou o chapéu e o casaco, apagou as luzes e, sem fazer barulho, pôs-se a caminho de Castra Regis.

Quando estava quase chegando ao seu destino, não conseguiu perceber luz alguma a não ser a do quarto da torre e as da área em volta. A parte iluminada lhe deu a certeza de que o sr. Caswall se achava em casa. Ela penetrou através da grande porta de entrada que, como era hábito, encontrava-se aberta, e, às apalpadelas, subiu os degraus na escuridão para a antecâmara do quarto da torre. A porta apenas encostada deixava passar através da abertura um filete de luz. Viu Edgar Caswall andando inquieto de um lado para o outro, com as mãos

entrelaçadas nas costas. Sem bater, Mimi empurrou a porta e, intrépida, penetrou no recinto. Então ele parou, surpreso, e olhou para ela, que, por sua vez o fitou apenas, sem pronunciar palavra.

Esse silêncio durou bastante tempo e os dois continuaram a se fitar com firmeza. Mimi foi a primeira a quebrá-lo.

— Assassino! Você é um assassino! Lilla está morta!

— Morta! Deus do céu! Quando ela morreu?

— Hoje à tarde, logo depois da sua saída.

— Tem certeza?

— Absoluta, e você também deve ter, ou pelo menos deveria. Você a matou!

— Eu a matei? Tome cuidado com o que diz!

— É a pura verdade, como Deus é testemunha! E você sabe perfeitamente. Você foi até Mercy Farm com a intenção de subjugar-la à sua vontade. E sua cúmplice, Lady Arabella, apareceu por lá exatamente com a mesma intenção.

— Meça suas palavras, mulher — retorquiu ele, colérico. — Cuidado com essas acusações ou vai se arrepender por isso.

— Estou pagando por isso, sofri e hei de sofrer ainda mais. Não porque eu esteja falando a verdade, mas porque vocês dois, com sua maldade diabólica, trouxeram a morte para a minha querida. Você e sua cúmplice é que devem temer o castigo e não eu.

— Cuidado com o que está dizendo!

— Não tenho medo nem de você nem da sua cúmplice — retrucou ela, sem se perturbar. — Mantenho cada palavra que pronunciei, bem como todos os meus atos. E acredito na Justiça Divina. Essa é vagarosa, mas não tarda. Se necessário, eu mesma porei em movimento as rodas da justiça terrena. Mas você não se preocupa com Deus e não acredita Nele. Seu Deus é a grande pipa diante da qual todos os pássaros da região se escondem. Mas esteja certo de que a mão do Altíssimo é sempre justa quando se levanta. Pode até se dar o caso de que neste momento seu nome esteja sendo pronunciado diante do Grande Tribunal. Faça penitência enquanto ainda há tempo. Considere-se feliz se puder entrar no imenso Vestíbulo, acompanhado pelo anjo de coração puro cuja voz deverá murmurar apenas uma única palavra de justiça para lançá-lo para todo o sempre nas profundezas do inferno.

A repentina morte de Lilla causou perplexidade entre os amigos e parentes de Mimi. A tragédia foi para todos uma enorme surpresa e veio como um choque, pois Adam e Sir Nathaniel haviam esperado que a vingança do Verme Branco iria se virar contra eles mesmos.

Com relação a Lilla e a seu avô, Adam deu carta branca a Mimi e continuou a se ocupar com o preenchimento do fosso com a fina areia que ele havia encomendado para, tendo o cuidado de, a determinados intervalos, colocar dinamite a fim de que, dessa maneira, tudo estivesse preparado para a explosão definitiva. Sob sua supervisão trabalhava um grupo de serventes. Sir Nathaniel também veio especialmente, com a finalidade de auxiliá-lo. Agora, todos moravam em Lesser Hill.

O sr. Salton demonstrava igualmente enorme interesse no aterra-mento e aparecia sempre por lá a fim de nada perder dos acontecimentos. Desde seu casamento com Adam e desde que fora morar em Doom Tower, Mimi ficara cheia de medo do horrível monstro em Diana's Grove. Agora, no entanto, ela não o temia mais. Convencera-se de que ele tomava à sua vontade a figura de Lady Arabella, a quem jurara vingança por causa de sua cumplicidade na morte de Lilla.

Quando, numa tarde, Mimi entrou em seu quarto, dirigiu-se até a janela e olhou para fora. Um único olhar foi o suficiente para lhe dizer que o Verme Branco em pessoa não estava à vista. Sentou-se no parapeito da janela e ficou apreciando o panorama com toda a serenidade, uma satisfação como há muito tempo não tivera. Sua criada lhe dissera que o sr. Salton ainda não voltara para casa e, por esse motivo, pôde se dar ao luxo de alguns minutos de descanso.

Enquanto olhava pela janela, viu que alguma coisa magra e branca se movimentava ao longo do caminho de entrada. Pensou ter reconhecido a figura de Lady Arabella e, instintivamente, procurou uma proteção por trás da cortina. Depois de ter observado mais acuradamente e ter compreendido que a dama não havia percebido sua presença, tentou observar um pouco melhor, e, com isso, seu antigo ódio recrudesceu. Lady Arabella movia-se furtiva e agilmente e olhava sempre para trás. Tal fato despertou em Mimi a impressão de que ela não tinha nada de bom em mente. Resolveu aproveitar a oportunidade para vigiar melhor Lady Arabella. Rapidamente colocou na cabeça um chapéu escuro e jogou um casaco sobre os ombros. Vestida dessa maneira, correu escada abaixo e saiu de casa. Nesse tempo, Lady Arabella havia prosseguido no seu caminho mas ainda era

possível vislumbrar seu vestido branco, visível entre os jovens carvalhos. Mimi, que se protegia ao se movimentar, prestava atenção para não chegar perto demais, a fim de não despertar suspeitas na outra. Pôde assim observar como sua presa tomou o caminho para Castra Regis.

Ela a seguiu furtivamente, protegida pela sombra das árvores, seguindo apenas o vestido branco. O bosque era denso e, de repente, quando a estrada se alargou e as árvores se tornaram mais espaçadas, ela perdeu Lady Arabella de vista. Nessas circunstâncias, nada mais podia fazer a não ser esperar um pouco, até que de novo chegasse o momento oportuno que lhe permitiria prosseguir lentamente na direção de Castra Regis.

Aos poucos foi andando para a frente, utilizando cada obstáculo e cada lugar escuro para se manter escondida. Finalmente alcançou as terras em volta do castelo e se postou em um local do qual a janela e a torre eram visíveis, mas sem muita nitidez. Não conseguiu descobrir nenhuma pista de Lady Arabella.

O que aconteceu em verdade é que o tempo todo em que Mimi Salton se escondia para seguir Lady Arabella, ela é que na realidade estava seguindo Mimi, porque havia observado quando a jovem saíra de casa e, desde aquele instante, não a perdera de vista. Assim, o caçador virou presa. Não foi muito fácil para Mimi ficar dando voltas e mais voltas para que ninguém percebesse o que estava fazendo, porém bem perto de Castra Regis não havia mais possibilidade de se esconder e a estranha dupla perseguição chegou a seu fim.

Quando ela viu que Mimi subia as escadas de Castra Regis, Lady Arabella foi atrás. E ainda quando Mimi foi andando às apalpadelas no escuro vestíbulo e tornou a subir uma escada na crença de que seguia Lady Arabella, a mulher é que estava no seu encalço. E ainda na antecâmara para o quarto da torre, Mimi continuava pensando que o objeto de sua perseguição se encontrava na sua frente.

Edgar Caswall estava sentado na escuridão do grande aposento, levantando-se assustado de vez em quando, sempre que por entre as nuvens aparecia um pouco de luz que incidia no quarto. Mas, na verdade, nada mais tinha interesse para ele. Desde que tivera notícia da morte de Lilla, seu lúgubre remorso, que, desde a acusação de Mimi, se tornara mais profundo, condenou sua natureza cruel, egoísta e nervosa à desesperança. Não se dava conta de nenhum barulho, uma vez que suas percepções sensoriais normais estavam entorpecidas.

Mimi bateu de leve na porta entreaberta. Sua batida foi tão de leve que não chegou aos ouvidos de Caswall. Então ela tomou coragem, empurrou a porta e entrou. E com isso seu sangue gelou, porque ela se viu diante de uma dificuldade na qual não havia pensado em sua confusão.

Capítulo 27

SOBRE O TELHADO DA TORRE

A tempestade iminente não anunciava apenas lá fora em toda a extensão da natureza, mas também nos corações e na essência dos seres humanos. Perturbações elétricas no céu e no ar são percebidas pelos animais de toda espécie e, principalmente, pelos do tipo mais desenvolvidos, por terem uma sensibilidade maior e uma carga elétrica mais elevada. Era esse o caso de Edgar Caswall, apesar de sua natureza egoísta e de seu sangue-frio. E com Mimi acontecia o mesmo, a despeito de sua devoção altruísta e constante para com quem ela amava. Lady Arabella também não era excluída, pois, sob o instinto de uma serpente dos tempos remotos, escondia os desejos e hábitos constantemente mutáveis de uma mulher, sempre velhos e sempre novos.

Depois que ele viu que se tratava de Mimi, Edgar Caswall voltou à sua postura apática e continuou no seu mutismo. Mimi, sem fazer barulho, sentou-se em uma poltrona afastada dele, de onde poderia observar a aproximação da tempestade lá fora. Ela estava com melhor disposição e mais bem-humorada do que há vários dias. Lady Arabella procurou agora esconder-se por trás da porta aberta. No firmamento, as nuvens se acumulavam cada vez mais densas e negras com a aproximação do centro da tempestade. Porém, ainda não acontecera o encontro das energias que provocariam os raios, e o silêncio da natureza prenunciava a calmaria antes da tempestade. Caswall sentia o efeito da tensão

proveniente da carga elétrica. Estava possuído por uma sensação de euforia como acontecia algumas vezes antes do início de uma mudança atmosférica nos trópicos. Ao se conscientizar disso, ele ergueu a cabeça e fitou Mimi. A sensação que se havia apoderado dele era maior do que ele próprio. Seu atual estado de espírito exigia dele uma ação desesperada. Havia descartado qualquer espécie de consideração para com Mimi, lembrando-se de que ela estava envolvida, e resolveu usá-la nessa aventura. Ele não tinha noção de que Lady Arabella estivesse por perto. Imaginava ter se afastado de todos os que conhecia e que partilhavam de seus interesses — a sós com os elementos selvagens que estimulariam a raiva furiosa, a sós com a mulher que havia começado a luta e que o obrigara a lutar e agora era seu desejo veemente descarregar nela todo o seu ódio.

Edgar Caswall, embora não estivesse completamente insano, encontrava-se bem perto da loucura. A insanidade em seu primeiro estágio — a monomania — é a perda de qualquer sentimento de magnitude. Desde que se mantivesse dentro das regras normais, seu estado passaria muitas vezes despercebido, porque o observador desinteressado não teria qualquer possibilidade de comparação. No caso de uma monomania, porém, essa qualidade é tão conspícua que não poderia deixar de ser notada. Ela empurra tudo o mais para o lado, escurecendo ou tomando seu lugar, como a cabeça de um alfinete colocada diante do centro da íris toma conta de toda a visão. A forma mais frequente da monomania começa com sintomas semelhantes àqueles dos quais sofria Edgar Caswall — sintomas de um sentimento excessivo de sua própria importância. Médicos psiquiatras que se ocupam exaustivamente com o assunto sabem provavelmente mais a respeito da vaidade humana e de seus efeitos do que o mortal comum. A perturbação mental de Caswall de qualquer maneira não era difícil de reconhecer. Cada hospício está repleto de casos semelhantes — tanto homens quanto mulheres de natureza interesseira e egoísta, que se tornam tão empolgados com a própria importância que nada mais na vida tem para eles qualquer significado. A própria doença estimula sempre essa superestima. Quando esse mal ataca uma pessoa orgulhosa, interesseira, egoísta e presunçosa, a quem por natureza ou por inclinação falta o autodomínio, desenvolve-se com maior rapidez e avança bem mais longe. Essas pessoas tomadas pela loucura e que pensam terem todos os atributos do Todo-Poderoso já se julgam o próprio Todo-Poderoso.

Mimi suspeitava — ou compreendia muito mais pela intuição a verdadeira situação factual ao ouvi-lo falar e percebeu ao mesmo tempo sua vermelhidão anormal e o revirar dos olhos.

Deixava perceber uma certa iniciativa, algo que ela seguramente jamais havia notado nele, e ele se expressava de uma forma apressada e gaguejante, em uma linguagem mais própria de um lunático do que de um intelectual sadio. Ela não se afligia apenas pelos pensamentos dele, mas também pelo estilo entrecortado com o qual ele se expressava.

Caswall dirigiu-se até a entrada que levava à escada para a torre, através da qual se podia alcançar o telhado, e falou com sua maneira dominadora, de modo que apenas o tom já despertou a resistência da jovem:

— Venha! Eu ordeno!

Ela recuou por instinto, não estando acostumada a tais palavras nem tampouco ao tom. Sua resposta indicava que haveria uma nova luta.

— Por que deveria eu ir? E para quê?

A resposta dele não veio de imediato, uma outra demonstração de seu egoísmo dominador. Ela tornou a repetir sua pergunta. Então ele falou sem pensar nas palavras que estavam em seu coração.

— Eu queria que subisse comigo até o telhado. Estou interessado em determinadas experiências com a pipa, o que, para você, embora não seja nenhum prazer, seria uma nova aquisição de conhecimentos. Verá algo que não se vê pela frente todos os dias.

— Irei — exclamou ela, simplesmente. Edgar subiu as escadas e ela o seguiu logo atrás.

Mimi não queria ser deixada sozinha a essa altura, em um tal lugar, na escuridão e ainda por cima na iminência de uma tempestade. Não sentia medo dele. Tudo o que acontecera parecia ter desaparecido com suas duas vitórias nos dois duelos de vontades. E ainda também desaparecera sua aversão diante da loucura de Caswall. Em suas palavras nestes últimos momentos, ele aparentava estar tão racional, tão consciente e destituído daquela agressividade que não viu motivo para dúvidas. Ela se sentia tão tranquila que segurou a mão que ele lhe estendia a fim de auxiliá-la a galgar a escada íngreme e estreita, sem desconfiar de nada.

Lady Arabella, que permanecera na antecâmara por trás da porta, onde ficara de vigia, ouviu cada palavra e formou uma opinião própria a respeito. A ela parecia claro que, entre ambos, que até recentemente se enfrentavam como inimigos, deveria ter acontecido uma aproximação e isso provocou seu rancor. Mimi tinha intenção de frustrar seus planos! Lady Arabella estava tão certa da conquista de Edgar Caswall que não admitia a menor e mais ridícula fraqueza por parte dele que pudesse dissuadi-lo do seu objetivo principal.

Mas ao perceber agora que ele pretendia levar Mimi para o telhado que ela concordara em visitar, espumou de raiva. Não pensou no perigo que uma visita a um local tão arriscado, a uma tal hora, poderia trazer; não queria pensar em mais nada. Sem fazer barulho, esgueirou-se através da portinhola, subiu os degraus e entrou no telhado lá fora. O frio era penetrante, já que as rajadas de vento vinham de todas as direções, assobiando em volta dos cantos da torre e vergando o mastro oscilante da bandeira. A corda da pipa e o arame que controlava os mensageiros provocavam um conjunto de barulhos sinistros, devido à força que atuava sobre eles em toda a sua extensão e os tornava harmoniosos, transformando-se no adequado acompanhamento musical para a tragédia a ser iniciada.

O coração de Mimi batia de maneira descompassada. Um pouco antes de sair do quarto da torre, ela teve um choque que não conseguiu superar com facilidade. Ela havia lançado um olhar para o semblante de Edgar, que demonstrava uma enorme concentração, como sempre que ele decidia empregar suas forças hipnóticas. As espessas sobrancelhas formavam uma linha grossa no rosto, sob a qual os olhos luziam maldosamente. Mimi reconheceu o perigo e colocou-se em sua posição defensiva que já a havia auxiliado por duas vezes. A isso se associava o medo de que as circunstâncias e o local tivessem uma influência negativa sobre ela, de maneira que achou melhor estar preparada.

O céu mostrava-se um pouco menos carregado. Ou emitia raios lá ao longe e o reflexo deles era transportado pelas nuvens ameaçadoras, ou a força acumulada onde ainda não se havia criado uma válvula de escape através dos raios tinha sua própria claridade. Ambos, tanto o homem quanto a mulher, pareciam tomados por essa tensão. Edgar dava a impressão de estar completamente sob a influência dessas forças. Seus sentidos estavam supersensíveis, sua consciência, sobrecarregada. Nunca havia se encontrado em tal estado! Sua loucura agora se declarava mais fortemente do que antes.

Esforçando-se para permanecer o mais distante dele possível, Mimi movimentava-se através do aposento, onde encontrou um nicho, no qual poderia esconder-se. Ele não se encontrava muito longe do esconderijo de Lady Arabella.

Edgar, que agora estava sozinho no meio do telhado da torre, controlava-se como jamais o fizera, uma condição que piorava muito sua insanidade. Sabia que Mimi se encontrava próxima a ele, embora, no momento, não a pudesse ver. Falou em voz alta, e o ressoar de sua própria voz o inebriava, ainda que o vento cortante lhe arrancasse as palavras dos lábios. Até o bramar dos elementos à sua volta parecia ter um efeito ainda mais forte sobre sua condição sobrecarregada. Imaginou que essas manifestações da natureza obedeceriam à sua vontade. Atingira o apogeu da loucura e achava realmente que era o Todo-Poderoso. O que poderia vir a acontecer agora aconteceria por sua própria vontade. Como não podia ver Mimi nem sabia onde encontrá-la, exclamou:

— Venha até aqui! Precisa ver o que desdenha e contra o que está lutando! O que se vê aqui é meu, tanto a escuridão quanto a luz. Eu lhe digo que sou maior do que qualquer um que existe, que foi ou que será. Quando Satanás levou Cristo para o alto da montanha e lhe mostrou todas as riquezas da terra, fez o que ninguém seria capaz de fazer, segundo acreditava. Enganava-se ele, porque esqueceu-se de mim. Eu lhe enviarei uma luz que alcançará até a cidadela do céu. Uma luz tão forte que dispersará as nuvens negras que se acumulam ao nosso redor. Veja! Veja! O contato de minha mão despertou a luz para a vida e deixa que suba alto, sempre mais alto!

Com essas palavras chegou ao canto da torre onde tremulava a pipa ascendente e de onde subiam os mensageiros. Perplexa, Mimi o observava. Ela tinha medo de emitir qualquer som a fim de não provocar novas dificuldades. Lady Arabella continuava agachada, rígida de pavor, em seu esconderijo.

Edgar pegou em uma caixinha de madeira que apresentava uma abertura, através da qual corria o arame do mensageiro e que colocava em funcionamento alguma aparelhagem, fazendo soar um barulho como um zumbido. Em um lado da pequena caixa pendia algo que parecia uma peça de fita rígida que estalava e esvoaçava no ar. Mimi pôde ver pelo espaço de um segundo como voava pela corda em direção à pipa.

Mal tinha se aproximado dele quando soou um estrondo muito alto e então saíram faíscas através de cada um dos orifícios do pequeno recipiente. Ao longo

da faixa bruxuleante de luz saiu uma língua de fogo que brilhava com intensidade — era uma luz tão clara que iluminava toda a redondeza diante das nuvens negras que corriam.

Relampejou durante segundos, para de súbito ser envolvida pela escuridão. Era simplesmente uma luz de magnésio acesa por um mecanismo proveniente da caixeta e levada para a pipa lá no alto. Edgar se levantou em um estado de confusa agitação. Gritava e berrava a plenos pulmões e tremia como se estivesse com a doença de São Guido.

Isso era mais do que a dupla personalidade de Lady Arabella poderia aguentar — o elemento diabólico sublevou-se triunfalmente nela e, abandonando seus planos de casamento, se regozijou perversamente diante do pensamento de vingança.

Ela tinha que atrair Caswall para a caverna do Verme Branco, mas como? Olhou rapidamente em volta e tomou logo uma resolução. Todos os pensamentos do homem estavam ligados na maravilhosa pipa com a qual ele queria usar sua imaginária rival Mimi, procurando impressioná-la.

Nesse instante, ela se esgueirou na escuridão até a roldana em volta da qual estava enrolada a corda da pipa. Com destreza, tirou-a de sua posição, puxou-a para si e deixou que a corda se desenrolasse de modo a não cortar a ligação com a pipa. Correu célere pelas escadas abaixo, deixando sempre que a corda fosse se desenrolando até que afinal passou pelo grande portão lá fora e ao longo da subida para a casa. Assim que alcançou o portão de sua própria casa, correu para dentro, abrindo o portão de ferro que levava para o fosso.

Estava muito satisfeita consigo mesma. Todos os seus planos haviam amadurecido ou estavam se realizando. O senhor de Castra Regis, sob a sua influência. Lilla Watford, a mulher cuja interferência havia temido, morta. Sim, realmente, tudo se desenrolava de um modo maravilhoso. Ela podia se permitir uma pequena pausa. Lady Arabella arrancou a roupa do corpo com dedos febris. Ela estirava e alongava sua figura esbelta com voluptuosidade animal, saboreando ao máximo sua liberdade natural. Aí se deitou no sofá, à espera de sua vítima! Por algum tempo o sangue de Edgar Caswall pacificaria sua sede de vingança.

Capítulo 28

IRROMPE A TEMPESTADE

Depois que Lady Arabella escapou de maneira silenciosa, como era seu hábito, os outros dois ainda ficaram no telhado da torre. Caswall porque não tinha nada a dizer e Mimi porque tinha muito a dizer e queria pôr suas ideias em ordem. Durante alguns momentos, que, no entanto, davam a impressão de serem uma eternidade, houve silêncio entre eles. Finalmente Mimi deu a saída; decidira-se por um determinado procedimento.

— Sr. Caswall — disse ela em voz alta para que fosse ouvida, apesar dos uivos do vento e do estalar contínuo da eletricidade.

A resposta de Caswall foi abafada pelo barulho do temporal. Ainda assim, Mimi conseguira com isso o seu intento. Agora ela tinha certeza de em que parte do telhado ele se achava. Aproximou-se dele, antes de lhe dirigir novamente a palavra. Dessa vez falou tão alto que mais parecia estar gritando.

— A portinhola está fechada. É preciso abri-la para mim.

Enquanto falava, apalpou discretamente um revólver que Adam lhe havia dado para o caso de uma necessidade, e que trazia escondido junto ao peito. Sentia-se como um rato na ratoeira, mas não queria ser colocada em uma situação ainda mais desamparada. Caswall sentia-se igualmente como se estivesse preso em uma armadilha e o animal feroz dentro dele despertou. Brutal e desenfreado como se fosse um bêbado que quer surrar a esposa, sibilou:

— Você entrou por livre e espontânea vontade em minha casa, sem permissão, sem sequer perguntar se podia. Agora, fique ou desapareça, tanto faz. Dê um jeito. Não quero ter nada a ver com isto.

A resposta dela veio com perigosa suavidade:

— Irei embora. A culpa será toda sua se minha maneira de partir não for do seu agrado. Adam, meu marido, ainda vai ter uma conversa contigo a esse respeito.

— Que venha! Maldito seja ele e todos vocês. Ainda lhe direi algumas verdades. Você não poderá dizer que não viu o que fez.

Aí acendeu novamente um pedaço da fita de magnésio e logo uma luz ofuscante iluminou tudo até os mínimos detalhes. Era do que Mimi precisava. Conseguiu gravar bem a posição da portinhola e do trinco antes da chama se apagar de novo. Puxou o revólver e deu um tiro na fechadura, que se espatifou. Depois, empurrou a porta para descer a escada estreita e, de lá, até a porta de entrada. Saiu correndo dali pela rampa até alcançar o portão de Lesser Hill. Assim que tocou a campainha, a porta foi logo aberta.

— O sr. Adam Salton está em casa? — perguntou.

— Chegou há poucos minutos. No momento encontra-se lá em cima, no escritório — respondeu o criado.

Subiu correndo até onde estava Adam, que pareceu ficar aliviado com sua chegada, olhando-a com olhos críticos. Naturalmente percebeu que algo fora do comum lhe havia acontecido. Preocupado, levou-a carinhosamente até o sofá perto da janela e se sentou ao seu lado.

— Então, querida, conte-me tudo — disse ele.

Ofegante, ela relatou todos os pormenores de sua aventura no telhado da torre. Adam a ouviu com atenção, sem lhe fazer perguntas, ajudando-a com essa atitude. Seu silêncio pensativo permitiu a Mimi que se concentrasse e pusesse suas ideias em ordem.

— Amanhã terei que procurar Caswall para saber o que tem a dizer a respeito de tudo isso.

— Querido, por amor a mim, não se deixe envolver com Caswall. Ultimamente, passei por tanta coisa e não quero ter que me afligir por sua causa.

— Isto não vai acontecer, meu bem, se eu puder evitar — explicou ele, com seriedade, beijando-a.

A fim de manter vivo o interesse dela e para que se esquecesse do medo pelo qual passara, bem como de suas lágrimas, começou a fazer perguntas referentes a sua aventura. Graças a suas observações, feitas de vez em quando e com muito tato, conseguiu que ela se acalmasse. De repente disse, sem nexo:

— Caswall meteu-se em uma enrascada. Está me parecendo que o rapaz, sem ter consciência do fato, está cavando sua própria desgraça.

— Como? Não estou te entendendo.

— Dizem que pipas que tremulam sobre um local como a torre de Castra Regis, em uma noite como esta, são no mínimo muito perigosas. As pessoas não apenas se expõem ao perigo de morrerem atingidas por um raio, como também atraem o raio. Toda nuvem que se forma pode se transformar em um raio que vai se descarregar no ponto mais elevado. A pipa encontra-se a uma altura muito grande e atrai os raios. A corda representa o caminho mais conveniente para a terra. Então o raio cai na torre com uma força cem vezes mais forte do que uma bateria de artilharia. Toda Castra Regis seria reduzida a escombros. Não se pode saber qual a direção que o raio seguirá. O mais provável é que vá atingir um pedaço de metal.

— Será perigoso estar ao ar livre no caso de isso vir a acontecer?

— De maneira nenhuma, minha pequena lady. É fora de casa que se está mais seguro, desde que a pessoa não se encontre no caminho da descarga elétrica.

— Então é bom sairmos. Não quero de modo algum colocar em perigo nossas vidas, a sua e a minha. Se fora de casa for mais seguro, então acho que deveríamos sair.

Em silêncio, ela se aprontou para sair, enquanto Adam colocava seu chapéu e se certificava de que o seu revólver estava funcionando bem. Juntos deixaram a casa.

— Creio ser melhor irmos à procura de todos os lugares que têm alguma coisa a ver com essa história infeliz.

— Tem toda a razão, querido, estou pronta. Se não tiver nada em contrário, poderíamos ir primeiro para Mercy. Estou muito preocupada com meu avô. Deveríamos nos certificar de que nada aconteceu por lá.

Foram seguindo pelo caminho do cume do Brow. Aqui o vento soprava com muita força e fazia um barulho estranho acima de suas cabeças, que ia sempre aumentando. Porém não se ouvia qualquer ruído vindo da floresta de árvores altas

e flexíveis que ficavam dos dois lados da estrada. Nenhum estalido nem árvores tombando. Mimi mal se aguentava em pé. Não sentia medo, mas a violência do temporal fazia com que se chegasse bem perto do marido.

Em Mercy, não havia mais ninguém de pé, pelo menos não se via nenhuma luz acesa. Mas para Mimi, que conhecia bem os hábitos noturnos da casa, havia sinais visíveis de que tudo estava como devia estar, com exceção do quarto no andar de cima, cujas venezianas estavam fechadas. Mimi não suportava olhar para lá e pensar, e Adam compreendia bem o sofrimento da esposa, pois ele também tinha gostado muito de Lilla. Pegou na mão de Mimi e a beijou. De mãos dadas continuavam andando e voltaram à estrada que levava para Castra Regis.

Tomaram um cuidado muito especial ao chegarem diante do portão de Castra Regis. Mesmo assim, Adam tropeçou no fio que Lady Arabella deixara atrás de si.

Contendo a respiração, ele sussurrou para sua mulher:

— Mimi, meu bem, não quero assustá-la, mas onde esse fio estiver é onde está o perigo.

— Perigo? Como?

— Esta será a direção que o raio tomará. A qualquer momento uma força terrível poderá descarregar-se sobre nós. Corra, querida. Sabe onde a rampa e o caminho se encontram. E, pelo amor de Deus, mantenha-se afastada desse fio, caso o veja em algum lugar. Eu a seguirei e nos encontraremos no portão.

— Quer por acaso seguir o fio sozinho?

— Sim, querida. Basta que um de nós o faça. Não quero perder um só minuto e logo estarei novamente contigo.

— Adam, quando saí de casa com você, queria que ficássemos juntos, para o caso de alguma coisa acontecer. Não pode me negar esse direito, não é mesmo?

— Não, nem esse nem qualquer outro direito. Que os céus sejam louvados por minha mulher pensar dessa maneira. Venha, vamos juntos. Estamos nas mãos de Deus. Se Ele assim o determinar, então também estaremos juntos no final, seja onde for.

Pegaram a pista do fio nos degraus e a seguiram pela rampa, tendo o cuidado de não encostar nele com os pés. Não foi muito difícil, porque o fio, que era colorido, se distinguia bem do chão. Acompanharam-no até o portão e de lá até a alameda de acesso para Diana's Grove.

Lá chegando, a fisionomia de Adam se obscureceu, apesar de Mimi não ver nenhum motivo para preocupação. No entanto, a explicação era a mais simples possível. Adam sabia que o poço havia sido enchido com areia e explosivos, mas Mimi não fazia ideia do que havia sido feito. Adam lhe pediu que voltasse para a estrada sob o pretexto de seguir por lá a pista do fio, caso houvesse alguma ramificação para algum outro lado.

Ela deveria examinar o chão e avisá-lo com o grito dos indígenas australianos “Coo-ee”, se descobrisse alguma coisa.

Enquanto ainda estavam juntos, um raio ofuscante iluminou por segundos o céu e a terra, mergulhando-os em luz. Isso foi apenas uma nota de um prelúdio celestial, pois agora os raios seguiam um atrás do outro, sem interrupção, acompanhados pelos estrondos dos trovões.

Assustado, Adam puxou a esposa de encontro ao seu corpo. De acordo com os intervalos que havia entre o relâmpago e o trovão, ele pôde calcular que o centro da tempestade ainda estava a uma certa distância, não havendo, portanto, perigo imediato para eles. Mas não lhe passou despercebido que a trovoada se aproximava a grande velocidade, vindo justamente na direção onde se encontravam. Os relâmpagos vinham agora a intervalos cada vez menores, e os trovões eram incessantes, sem que houvesse um momento sequer de silêncio — sim, um novo trovão começava antes mesmo que o último tivesse terminado. Adam olhava sem cessar na direção da pipa que puxava o fio que lhe punha obstáculos, mas, devido à pouca luz crepuscular, nada conseguia distinguir.

Finalmente, houve um raio tão forte que chegou a ofuscar e a natureza pareceu ficar parada. E durou tanto tempo que foi possível reconhecer sua forma. Parecia uma enorme árvore invertida, suspensa no céu. Toda a terra ficou tão iluminada que dava a impressão de estar em brasa. E, quando soou o trovão, uma larga fita de fogo desabou sobre *Castra Regis*. Adam viu a torre estremecer e finalmente desmoronar como uma casa feita de cartas de baralho. Depois do relâmpago, o céu voltou a ficar escuro, mas da torre desprendeuse uma chama azul que se movimentava com incalculável velocidade pelo chão, na direção de *Diana's Grove*, alcançando a casa escura e silenciosa, que, num instante, se incendiou em centenas de lugares diferentes.

Ao mesmo tempo ouviu-se, vindo da casa, o barulho de vigas e dormentes que se rachavam e estalavam, sendo quebrados ou atirados em volta, e a esse

barulho se misturou um grito curto e pavoroso, e o sangue de Adam, que não era medroso, pareceu ficar gelado nas veias. Instintivamente, o homem e a mulher se deram as mãos e, trêmulos, ficaram ouvindo com atenção. Bem perto deles estava acontecendo algo misterioso, horrível, mortal! Os gritos continuavam e, com o tempo, iam soando cada vez mais fracos. E aos gritos se misturou uma enorme explosão que deveria ter acontecido no fundo da terra.

As chamas de Castra Regis e Diana's Grove iluminavam a noite. Os relâmpagos cessaram de modo que sem a luz ofuscante era possível ter uma perspectiva dos detalhes. O calor da casa em chamas era tão forte que as portas de ferro se retorceram e caíram. Elas se abriram sozinhas de modo a permitir que se visse o interior da casa. Os Saltons puderam ver no aposento nos fundos da casa onde ficava o poço um buraco profundo, estreito e redondo. De lá partiam gritos lancinantes, que a cada momento se tornavam mais horríveis.

Porém não eram os gritos pavorosos que aterrorizavam Mimi. O que tinha agora diante dos olhos era suficiente para lhe causar pesadelos para o resto da vida...

O lugar todo parecia ser açoitado por um mar de sangue. Cada explosão vinda do interior do buraco expulsava uma massa de areia fina e fluidos, um lodo repulsivo de carne e gordura. Eles viram partes cobertas de escamas de um gigantesco lagarto ou de uma enorme serpente. E, num intervalo dos horrores, levantou-se o borbulhante conteúdo da cratera como se fosse uma fonte e Adam viu uma parte do corpo de Lady Arabella em meio a uma massa gosmenta e partes do monstro esfacelado. Várias vezes foram lançadas para o alto, pela abertura, massas imensas que se espalhavam. Via-se que eram partes do Verme Branco, que Adam e Sir Nathaniel tinham visto quando ele olhava com os seus enormes olhos verdes que cintilavam na tempestade, por cima das árvores.

Finalmente a explosão alcançara o depósito principal do explosivo que haviam jogado no buraco da serpente. O resultado foi horrível. O chão tremeu em volta em uma área enorme, onde foram abertas fendas longas e profundas, cujas bordas estremeciam e desmoronavam, espalhando areia que caía na água com um chiado. A casa construída com tanta solidez estremeceu em suas bases. Pedras grandes eram lançadas para o alto, como se fossem jogadas por um vulcão e algumas se partiam em pleno ar, parecendo terem sido partidas por forças infernais. As árvores perto da casa — que portanto ficavam próximas da gruta da

serpente que expelia nuvens de pó, vapor e areia, tudo cheirando horrivelmente a decomposição — haviam sido desenraizadas e atiradas para o alto. Com o passar do tempo saíam labaredas da ruína, de modo que Adam pegou a esposa e fugiu com ela das proximidades das chamas.

A catástrofe terminou quase tão rapidamente como começou, embora durante algum tempo ainda se ouvisse um ribombar vindo de dentro da terra. Então caiu um silêncio sobre tudo, um silêncio tão completo que parecia um ser racional — silêncio como uma escuridão corporificada, que dava essa impressão a todos que caíam sob sua magia. Aos jovens que haviam sofrido os longos e demorados horrores da noite, trouxe alívio — alívio da presença do terror e do medo, alívio que alcançou o auge quando os raios vermelhos da aurora apareceram sobre o mar, no leste longínquo, e com eles a promessa de que no dia seguinte tudo entraria novamente nos eixos.

* * *

As poucas horas da noite que ainda restaram Adam passou na cama. De mãos dadas com Mimi, saiu de madrugada para Castra Regis, atravessando o Brow e de lá rumaram mais adiante para Lesser Hill.

Fizeram isso na tentativa de afastar para o mais longe possível os pensamentos sobre a pavorosa aventura da noite anterior. A manhã estava linda, fresca e resplandecente, como acontece muitas vezes depois de uma tempestade devastadora. Contudo, as nuvens que ainda se viam no céu não permitiam que se tivesse pensamentos sombrios.

Toda a natureza se mostrava clara e alegre e contrastava com as imagens desoladoras provocadas pelo fogo.

Da anterior construção tão imponente de Castra Regis sobrara apenas um amontoado de entulho que se tornou visível quando uma forte brisa afastou as nuvens de fumaça acre e ardente que se levantava no local da propriedade. Em frente a Diana's Grove procuraram inutilmente por algum sinal de vida. Dos carvalhos existentes no bosque ainda havia alguns que se destacavam de uma nuvem de fumaça. Os troncos continuavam eretos como sempre, mas os galhos

maiores estavam quebrados, vergados e com a casca lascada, enquanto os ramos menores tinham sofrido mais ainda.

Nada mais se via da casa em si, nem mesmo olhando de perto. Decidido, Adam deu as costas ao lugar da devastação e rapidamente prosseguiu no seu caminho. Mimi não somente estava fora de si e agitada, como também muito cansada e mal se mantinha de pé. Adam a levou para seu quarto e a deitou na cama, tendo o cuidado para que o aposento fosse iluminado pela luz do sol e também pela luz das lâmpadas. Permitiu apenas que uma cortina de seda, na janela, atenuasse um pouco a luz forte.

Manteve-se ao lado da mulher, segurando uma de suas mãos e sabendo que sua presença representava o melhor remédio para ela. Assim permaneceu perto dela, até que o sono tomasse conta de seu corpo exausto. Somente então se afastou devagarinho.

Encontrou o seu tio e Sir Nathaniel no escritório, tomando uma xícara de chá matinal, que chegou a ser um verdadeiro desjejum. Adam contou-lhes que sua mulher não sabia da sua intenção de mais uma vez visitar o lugar dos horrores. Não lhe dissera nem uma palavra, a fim de não amedrontá-la. Agora ela precisava de sossego e paz para poder esquecer os terríveis acontecimentos.

Sir Nathaniel concordou com ele.

— Sabemos, meu caro, que a infeliz Lady Arabella está morta e que o cadáver do Verme foi esfacelado. Rezemos para que a sua alma pecadora não escape jamais das profundezas do inferno.

A primeira coisa que fizeram foi irem a Diana's Grove, não apenas por achar-se mais próxima, mas também por ser o local do qual mais havia para ser relatado. A completa destruição da casa e de tudo o que lá existia parecia inacreditável, vista à luz do dia. Para Sir Nathaniel era uma verdadeira história de terror. Para Adam, nem tanto. Os seus amigos estariam vendo unicamente a parte externa da casa, ou melhor, os restos, o que sobrara dela. Mas ele sabia que o verdadeiro horror se ocultava na parte interna. Dava, porém, a preferência à opinião dos mais velhos.

Desde as primeiras horas da madrugada manifestara-se uma estranha e elementar mudança no local onde se desenrolaram os horrores. Era como se a natureza quisesse se livrar logo das marcas do mal. É verdade que agora a completa destruição da casa se tornava bem mais visível. Mas a ruína mais pavorosa era a que se achava por baixo, não podia ser vista. Os escombros dos muros

arreventados, agora espalhados, davam uma impressão pior do que antes, as fundações destruídas, as paredes desmoronadas, as fendas no chão — nada poderia ser pior. A cova do Verme era ainda visível, mas como uma abertura circular que levava às entranhas da terra. As massas horrendas e os repugnantes vestígios de morte violenta tinham desaparecido. Ou uma explosão posterior teria lançado tanta água lá do fundo que, apesar de apodrecida e contaminada, tinha poder de depuração, ou então aquelas massas nojentas vindas do fundo tinham levado consigo os rastros do terror, extinguindo-os. Um pó cinzento, proveniente em parte da areia fina e em parte dos escombros, cobria tudo, escondendo o pior, apesar de ser ele próprio nojento.

Após alguns minutos de observação, tornou-se claro aos três que ainda continuava a agitação lá no fundo, aquela mistura infernal borbulhava através da abertura. Subia, descia e transbordava, demonstrando toda a sua horripilante nojeira. O pior eram os nauseantes restos de carne vermelha do Verme. Se elas já tinham um aspecto horrível quando da primeira explosão, agora eram muito mais. A decomposição se iniciava de uma forma rápida e assustadora, pois fora provocada por um raio. Toda a massa parecia podre, coberta de insetos, vermes e de toda a espécie de pequenos bichos. Como se não fosse suficiente, fazia sentir-se um cheiro quase insuportável. O buraco do Verme parecia exalar a morte da maneira a mais repugnante. Os amigos subiram rapidamente o Brow, por onde passava uma brisa fresca vinda do mar.

Quando olharam para baixo do cume do Brow, viram uma massa branca e brilhante em meio à devastação e que se destacava de uma forma bastante estranha. Era tão esquisita que Adam sugeriu que procurassem uma descida, a fim de darem uma olhada mais de perto.

— Isto não será necessário. Eu sei o que é — disse Sir Nathaniel. — A explosão da noite precedente arrancou os escolhos do lado externo e o que temos diante de nós é uma grande jazida de caolim, através da qual o Verme passava para a sua caverna. Eu até posso ver a água nas poças de lama lá no fundo. É verdade, a dama não merecia uma sepultura desta espécie nem de um monumento assim.

Os sustos das últimas horas haviam abalado de tal maneira os nervos de Mimi que se fazia necessária uma mudança de ambiente, se se quisesse evitar um colapso com consequências permanentes.

— Está mais do que na hora de vocês, jovens, iniciarem sua lua de mel — comentou o velho sr. Salton com um piscar de olhos.

O olhar suave e envergonhado que Mimi lançou ao seu marido corajoso foi resposta suficiente.

Sobre o autor

Abraham “Bram” Stoker nasceu em 1847, na Irlanda. Era amigo de Henry Irving, com quem trabalhou na administração do Lyceum Theatre de Londres. Escreveu diversos livros além da obra-prima *Drácula* (1897) e se dedicou também a adaptações para o teatro. Bram Stoker faleceu em Londres, em 20 de abril de 1912.

DIREÇÃO EDITORIAL

Daniele Cajueiro

EDITORA RESPONSÁVEL

Ana Carla Sousa

PRODUÇÃO EDITORIAL

Adriana Torres

Pedro Staite

REVISÃO

Carolina Rodrigues

Marcela Isensee

REVISÃO DE TRADUÇÃO

Frederico Hartje

Rachel Rimas

PROJETO GRÁFICO DE MIOLO

Larissa Fernandez Carvalho

DIAGRAMAÇÃO

Filigrana

CAPA

Rafael Nobre

PRODUÇÃO DO EBOOK

Ranna Studio

DRÁCULA



**BRAM
STOKER**



Drácula

STOKER, BRAM

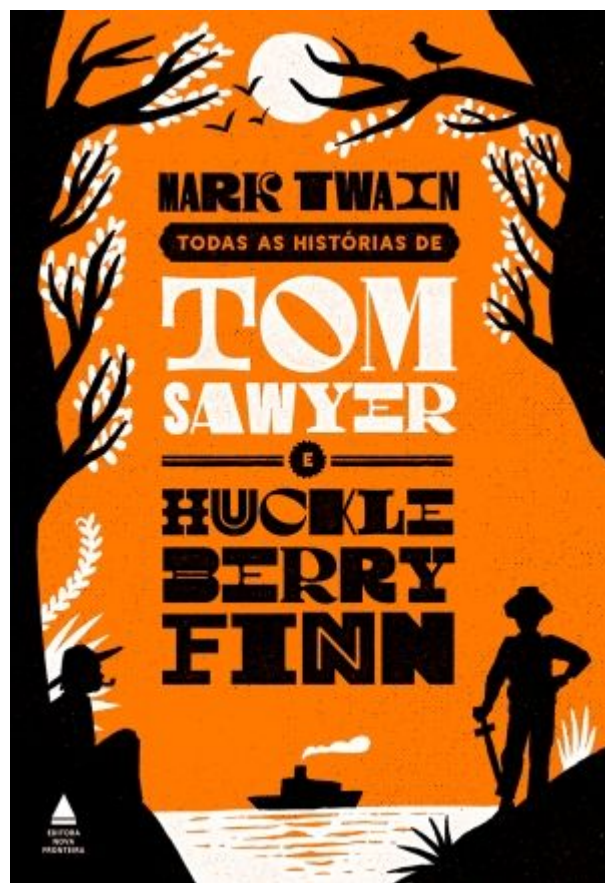
9788520945636

472 páginas

[Compre agora e leia](#)

Publicado em 1897, Drácula definiu todo um gênero e popularizou a figura do vampiro na cultura mundial. Neste romance epistolar – construído a partir de cartas, diários e telegramas –, o advogado Jonathan Harker viaja até a Transilvânia para tratar de negócios com um conde sinistro e elegante. Em pouco tempo, Harker e seus companheiros percebem que estão em uma cilada empreendida por Drácula, essa terrível criatura que encarcera e seduz suas vítimas para depois lhes sugar o sangue. A história do vampiro mais célebre e aterrorizante do mundo ainda hoje ganha novas adaptações para cinema, quadrinhos, teatro e dança. Aqui em versão integral, o romance original do escritor irlandês inspira-se tanto na história de Vlad Tepes, sanguinário príncipe da Romênia que viveu no século XV, quanto em lendas sobre esse personagem e sobre vampiros.

[Compre agora e leia](#)



Box Todas as histórias de Tom Sawyer e Huckleberry Finn

Twain, Mark

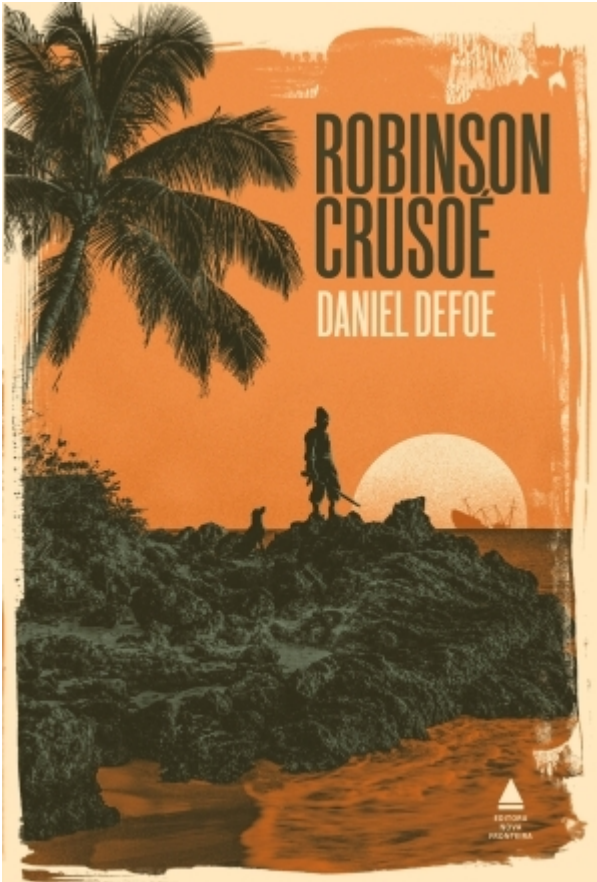
9788520944868

784 páginas

[Compre agora e leia](#)

Tom Sawyer e Huckleberry Finn formam a dupla mais famosa da literatura norte-americana. Neste box, estão reunidas todas as histórias desses parceiros inseparáveis, que são consideradas as maiores criações do genial Mark Twain. Tom é um garoto esperto que vive com a tia, o irmão e a prima em um povoado às margens do mítico rio Mississippi, durante o período escravocrata. No seu tempo livre, ele se junta a Huck e realiza as mais mirabolantes façanhas em busca de tesouros. Em As aventuras de Tom Sawyer, os dois amigos presenciam um assassinato, cujo desenrolar mudará para sempre as suas vidas. Já no aclamado As aventuras de Huckleberry Finn, segundo volume do box, Huck embarca em uma viagem pelo rio Mississippi na companhia de Jim, um escravo fugitivo que encontra no garoto a única chance de sobreviver. O terceiro tomo traz as duas histórias finais da dupla. Em As viagens de Tom Sawyer, a fome de aventuras de Tom e Huck extravasa os limites do Sul dos Estados Unidos e ganha o mundo. Em Tom Sawyer, detetive, os meninos precisam usar todas as suas técnicas de detetives-mirins para livrar um inocente da forca.

[Compre agora e leia](#)



Robinson Crusoé

Defoe, Daniel

9788520945551

496 páginas

[Compre agora e leia](#)

"Robinson Crusoé" foi lançado originalmente em 1719 e se converteu em um dos livros mais importantes da literatura de língua inglesa. Nesta obra-prima de Daniel Defoe, o jovem protagonista abandona sua pacata rotina na Inglaterra para se tornar marinheiro. A partir daí, ele leva uma vida de aventuras e riscos mortais que culmina no mais completo isolamento: após sair de sua terra natal, é atacado por piratas e escravizado, consegue escapar, vira senhor de engenho no Brasil e naufraga a caminho da África, em uma empreitada para comprar escravos. O personagem termina em uma ilha remota, onde vai permanecer por quase 28 anos, refletindo sobre o sentido da vida, aproximando-se de Deus e criando um mundo próprio do qual ele é o senhor absoluto e solitário. Este romance também apresenta um dos coadjuvantes mais conhecidos da literatura, Sexta-Feira, o selvagem que deve sua vida a Crusoé e se torna seu companheiro inseparável.

[Compre agora e leia](#)

PREFÁCIO DE GUSTAVO CERBASI

A ARTE DA GUERRA

OS TREZE CAPÍTULOS COMPLETOS



A arte da guerra

Tzu, Sun

9788520926307

112 páginas

[Compre agora e leia](#)

Milenar tratado militar de Sun Tzu, *A Arte da Guerra* é tão compreensível e atual que se tornou um texto clássico. Acredita-se, inclusive, que o livro tenha sido usado ao longo dos tempos por estrategistas militares como Napoleão, Adolf Hitler e Mao Tse Tung. Hoje, o livro migrou das estantes dos estrategistas para a dos economistas, administradores, políticos, vendedores, empresários e todos aqueles cuja meta é a vitória – em todos os níveis. Nesta edição, além dos 13 capítulos completos, o leitor vai se aprofundar no tema com a riquíssima introdução dos professores Antonio J. B. de Menezes Júnior e Chen Tsung Jye, ambos do curso de chinês do Departamento de Letras Orientais da USP. Outro diferencial é o prefácio de Gustavo Cerbasi, autor de best-sellers na área de negócios como *Casais Inteligentes Enriquecem Juntos* e *Investimentos Inteligentes*.

[Compre agora e leia](#)



A ilha do tesouro

STEVENSON, ROBERT LOUIS

9788520945544

240 páginas

[Compre agora e leia](#)

Um dos maiores clássicos da literatura de aventura, A ilha do tesouro conta a história do garoto Jim Hawkins, que conhece no albergue dos pais o marujo Billy Bones, um velho lobo do mar. Do encontro inusitado resulta uma expedição cheia de riscos e desafios rumo a uma ilha que, segundo o marinheiro, esconde um tesouro de valor incalculável. Durante a empreitada, Jim divide sua embarcação com aliados e com homens de índole duvidosa que podem não só colocar em risco a expedição do garoto, como acabar com a sua vida. Publicado em 1883, o romance de Robert Louis Stevenson encanta leitores até hoje.

[Compre agora e leia](#)